

Obras de MICHEL ZEVACO

1. Os Pardaillans (2 vols.)
2. Epopéia de Amor (2 vols.)
3. Fausta (2 vols.)
4. Fausta Vencida (2 vols.)
5. Pardaillan e Fausta
6. Amores de Nanico
7. Filho de Pardaillan (2 vols.)
8. O Fim de Fausta (2 vols.)
9. O Fim de Pardaillan
10. A Heroína (3 vols.)
11. A Ponte dos Suspiros (2 vols.)
12. Os Amantes de Veneza
13. Borgia (2 vols.)
14. Triboulet (2 vols.)
15. O Pátio dos Milagres (2 vols.)
16. Buridan (5 vols.)
17. Nostradamus (3 vols.)
18. Capitan

ROCAMBOLE, de Ponson Du Terrail

1. A Herança Misteriosa
2. O Clube dos Valetes de Copas
3. As Proezas de Rocambole
4. A Desforra de Bacarat
Os Cavaleiros do Luar
O Testamento do Grão de Sal
5. A Ressurreição de Rocambole
6. A Última Proeza de Rocambole
7. As Misérias de Londres
As Demolições de Paris
8. A Corda do Enforcada
As Maravilhas do Homem Pardo

RESERVE SEU EXEMPLAR TOMANDO UMA ASSINATURA DE QUALQUER DESTAS DUAS COLEÇÕES

Se não encontrar em sua livraria ou bazar as obras desejadas, peça-as pelo REEMBOLSO POSTAL à

EDITORA MINERVA LTDA.

Rua da Quitanda, 25, 2º andar

Caixa Postal, 2798 — RIO DE JANEIRO

Peça catálogo completo da coleção MICHEL ZEVACO e condições de assinaturas.

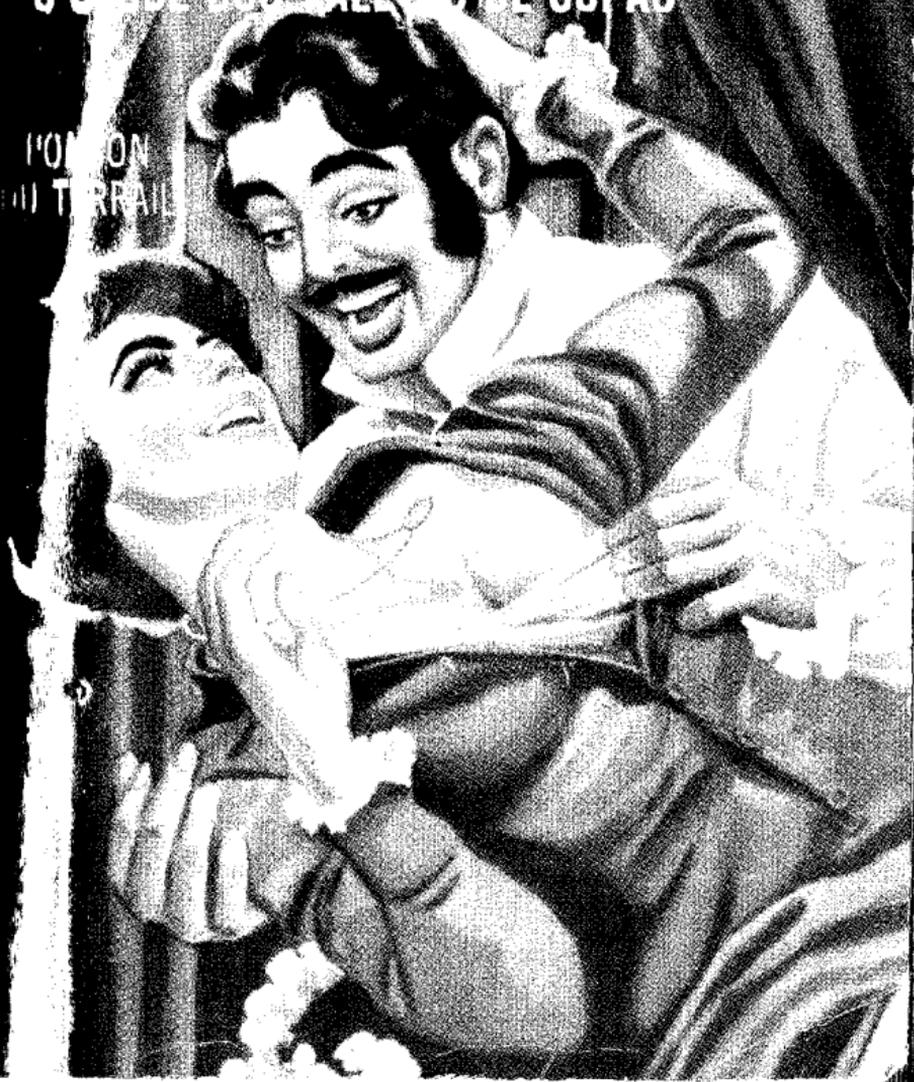
PREÇO
deste Livro
CR\$ 70,00

OS MELHORES ROMANCES HISTÓRICOS QUE JÁ FORAM ESCRITOS!

Rocamboles

O CRIBE DOS VALENTES DE COPAS

LONDON
O TERRAIL





R O C A M B O L E

O Clube dos Valetes de Copas



PONSON DU TERRAIL

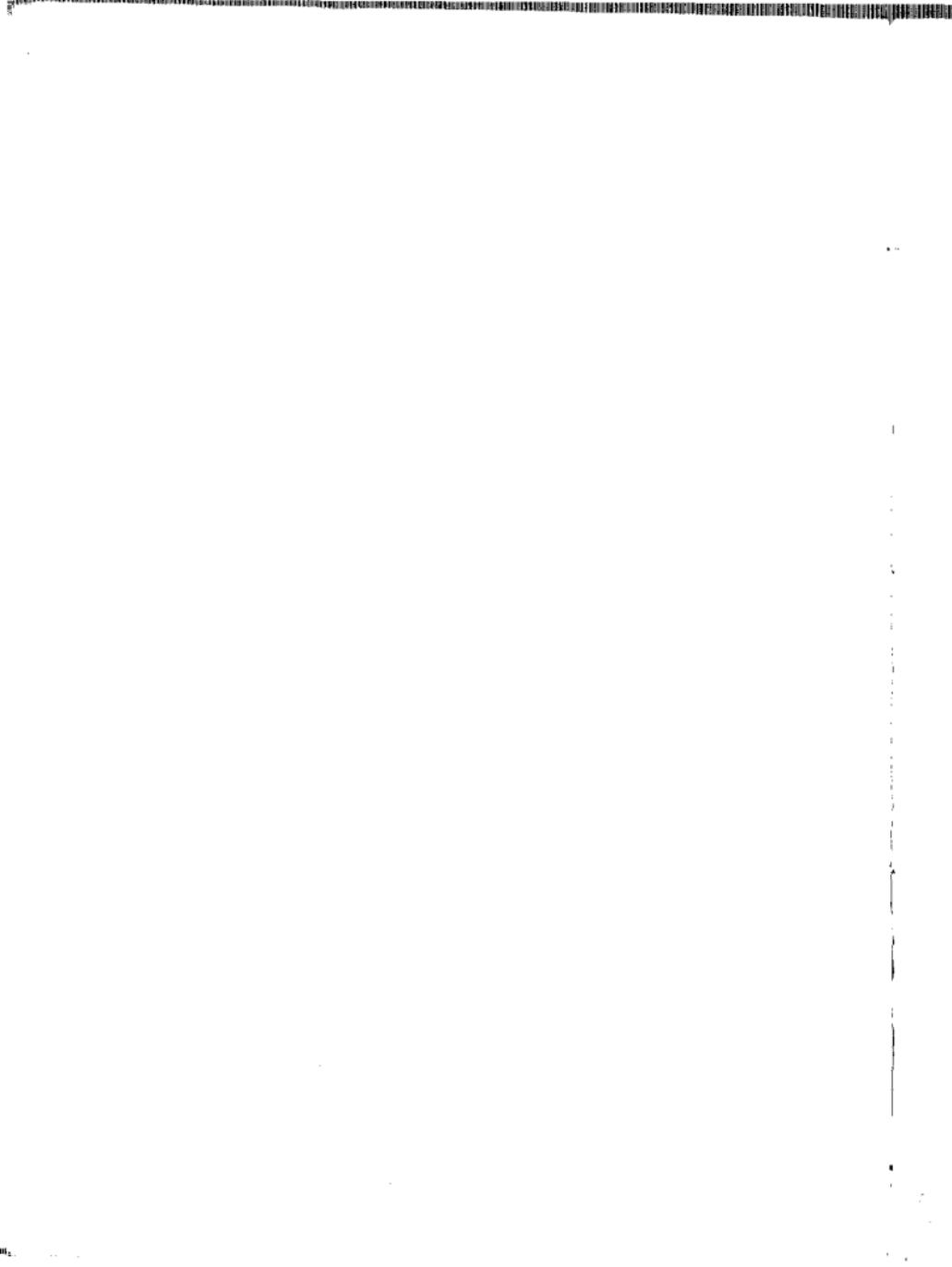
CLUBE DOS VALETES DE COPAS

PRIMEIRO VOLUME

EDITORA
QUITANDA, 25 - 3º



MINERVA
RIO DE JANEIRO



SIR ARTUR COLLINS

I

O ENCONTRO

Uma tarde, seriam quatro horas, uma carruagem corria a trote largo pela estrada do Nivernais.

Era no outono de 184... pelos fins de outubro. Nesta estação nada há tão esplendidamente admirável como o centro da França, e principalmente a parte do Nivernais que confina com o departamento de Conne, e faz parte da circunscrição de Clamecy.

Aas pastagens passam então do verde carregado do estio, para o verde mais claro, e quase amarelo, que anuncia as próximas geadas. O arvoredado principia a desfolhar-se, e os melancólicos e enormes choupos que orlam o canal e a ribeira do Ione inclinam-se, já, aos sopros do vento.

Contudo, o ar está ainda quente, e o céu livre de nuvens; apenas de madrugada o nevoeiro, muito diáfano, sôbre os prados e os pântanos, para depois se dissipar ao nascer do sol; e, ao fim da tarde, torna a descer pausadamente do alto das colinas, e estende-se pelos vales, dourados pelos últimos raios do poente.

A carruagem de que falamos atravessava, pois, no fim da tarde, um dos sítios mais pitorescos e selváticos daquele formoso país: um vale, em cujo fundo se perdia em meandros infinitos, e a par da ribeira, que é obra de Deus, o canal, que é obra dos homens.

O vale era orlado por duas cordilheiras de colinas, cobertas pelas imensas matas que confinam com o Morvan; de um e outro lado, no meio da rocha musgosa e de verdejantes árvores, de que a água regava as raízes, via-se surgir um campanário rústico, uma igreja com ardósia, uma aldeia em que o colmo suplantava as telhas. De quando em quando, via-se também uma ou outra das belas ruínas feudais, respeitadas por acaso em 1793, e de que muitos ignoravam ainda a existência. A estrada real estendia-se pela beira do canal, costeava as casinhas dos homens encarregados das comportas, e passava pela base das aldeias, quase tôdas estendidas a meia encosta, por entre vinhas e carvalhos, e cingidas tôdas por verdejante linha de prados.

Na carruagem iam um homem e uma mulher, e entre êles uma criancinha de quatro anos, de cabelos louros e olhos azuis, que papagueava sem descanso, fazendo intermináveis perguntas aos pais, e extasiando-se com o ruído dos guisos que ressoavam no pescoço dos quatro vigorosos cavalos, do aristocrático veículo. O pai do menino era moço ainda: não teria mais de trinta e sete ou trinta e oito anos, alto, moreno, de cabelos pretos e olhos azuis.

A sua fisionomia, um tanto severa, mostrava ainda grande beleza, que se tornava quase juvenil, quando a linda criancinha fitava nêle o olhar profundo, encantador, repleto de curiosidade ingênua e da respeitosa admiração, que pertence à infância.

A mãe teria apenas vinte e cinco anos; era loura, pálida, e tinha um sorriso em que a ventura revela melancolia. Assemelhava-se à criancinha como a rosa desabrochada se assemelha ao botão nascente.

O menino ia sentado entre os dois; de modo que cada um lhe pegava em uma das mãos, passando-lhe a outra por detrás das costas.

E estas duas mãos apertavam-se uma à outra com o mais terno afeto.

Aquêle penhor do seu amor mostrava ter prolongado a lua de mel, ordinariamente tão curta, e que para êles parecia não ter fim.

Ora, aquele homem e aquela senhora, cujo elegante traje de viagem, os dois lacaios sentados na traseira, e o modo

aristocrático de viajar, denunciavam elevada posição social, eram o Conde e a Condessa de Kergaz, que voltavam da Itália, e se dirigiam para a sua linda propriedade de Magny-sur-Ione, onde tencionavam passar o outono, para não regressar a Paris senão em meado de dezembro.

O Conde Armando de Kergaz saíra de Paris oito dias após o seu casamento com a menina de Balder.

Os encantos daquele primeiro amor tinham-se desenvolvido para êles à beira do mar siciliano, sob o umbroso arvoredado de uma "vila" alugada pelo Conde em Palermo.

Haviam residido ali seis meses: um inverno inteiro, estação de frio insuportável e de granizo na França, mas de calor e de brisas de primavera na Sicília.

Depois tinham regressado a Paris, onde estabeleceram residência no vasto e glacial palácio da rua Culture-Sainte-Catherine.

Ali, porém, a mudança de ar, e talvez algumas recordações amargas, tinham influido muito na saúde da Sra. de Kergaz.

A jovem senhora adoecera tão gravemente que assustara os médicos, os quais lhe haviam ordenado que voltasse para a Sicília.

Armando de Kergaz partira, pois, com sua espôsa, então grávida de sete meses, para aquela terra da Sicília, em que o sol é tão benéfico para os doentes.

A influência do salutar clima não tardara em manifestar-se.

Joana restabelecera-se rapidamente, e ficara mais formosa. A criança nascera em Palermo; o seu bêrço fôra embalado pela verde ramaria de um sicômoro, a primeira moção, o murmúrio do azul vago, iluminado pelos esplendores do sol.

E, como o ar tépido e perfumado daquele formoso país era proveitoso à querida criancinha, tinham-se esquecido em Palermo por mais três meses mesmo apesar de a condessa se achar, havia muito, inteiramente restabelecida.

Contudo, um dia batera-lhe à porta a doença da nostalgia do país natal.

No meio dos pinheiros da Itália, dos loureiros-rosas, dos sicômoros, no terraço da vila que dominava até muito longe o mar, azul como safira, ouvindo o queixume eterno, e tão

agradável, da onda rolando sem descanso, os dois jovens espôsos, a quem a ventura quase fizera esquecer de si mesmos, lembraram-se da França. Em princípio, não foi de Paris, a grande e moderna Babilônia, onde tinham amado e padecido; mas sim do formoso e poético país, onde o Sr. de Kergaz comprara, após o primeiro regresso, uma propriedade senhorial, na qual repousara quinze dias antes de ir pedir a saúde de sua mulher aos tédidos bafos do meio-dia.

Recordaram o lindo castelo, oculto em grande mata de carvalhos, rodeado pelo parque imenso, eu cuja frente se estendia verdejante campina; lembraram-se daquele arvoredo bastíssimo, repleto de vagos murmúrios, e ao longo do qual ressoavam no outono as trompas dos caçadores; e, como em tôda parte em que estivessem estaria a ventura, assim elle sorria em tôda parte sob o aspecto do seu querubim alvo e rosado, partiram.

Embarcaram para Nápoles, atravessaram a Itália, visitaram rapidamente Roma, Veneza e Florença, seguiram o caminho da Coniche, e entraram na França pelo departamento do Var, que é uma Itália em miniatura.

Dalí a quinze dias rodavam pela estrada do Nivernais, onde os encontramos; e, sendo quatro horas da tarde, não estavam a mais de cinco ou seis léguas do castelo de Magny.

— Minha querida Joana, murmurou Armando contemplando amorosamente a jovem espôsa, ao passo que metia os dedos pelos encaracolados cabelos do pequenino Gontran, terás saudades da nossa vila de Palermo, da nossa terra prometida, no solitário e silencioso castelo para onde vamos?

— Não, de certo, respondeu Joana; tôda parte onde estiveres, e em que sintas a minha mão na tua, é para mim a terra prometida.

— Anjo! disse o Conde em voz baixa; tens-me tornado tão ditoso, que talvez Deus me prive da parte do paraíso que me poderia pertencer. Viver contigo, na França ou na Itália, é coisa muito preferível à terra prometida, é viver no céu!

E o Conde apertou na sua a mão alva e pequenina de Joana; ao passo, que, dominados ambos por igual impulso, se inclinaram ao mesmo tempo sôbre a criancinha, beijando-a com apaixonado carinho.

— Se quiseses, alma querida, prosseguiu o Sr. de Kergaz,, passamos todo o outono em Magny e não voltamos a Paris senão em janeiro.

— Quero, quero... aquela terra é tão negra, e tão triste! Recorda-nos tantos desgostos...

Armando estremeceu.

— Minha Joana, vi, agora mesmo, enrugar-te a testa, e transparecer-te nos olhos certa inquietação vaga... o que me fez adivinhar...

— Não, não... repileou ela; enganas-te... Ah! meu querido Armando, será a ventura continuamente inquieta?

E mostrou-lhe nos lábios o mais belo sorriso, um sorriso quase de devaneio, que parecia dizer: a tranqüilidade do coração tem sempre um pouco de malancolia...

— E' que me lembro de que em Palermo, continuou Armando, de quando em quando te assomava aos lábios um nome fatal.

— Andréia! murmurou Joana súbitamente comovida.

— Sim, Andréia. Temes a índole infernal daquele homem, que se deve sentir perseguido pela nossa ventura como por um remorso. Santo Deus! Se êle nos aparecesse aqui!

— Dizia, com efeito, isso, meu Armando, acentuou a Condessa; mas é que eu então estava louca, é que me esquecia da nobreza do teu coração e da robustez do teu ânimo, e de que a teu lado podia viver sem temor.

— Tens razão, replicou comovido o Sr. de Kergaz. Sou forte para te defender, forte porque te amo, e forte porque Deus está comigo; sei perfeitamente que meu irmão Andréia é um homem dos, felizmente raríssimos, que fizeram da nossa sociedade um campo de batalha, por sôbre o qual fazem ondular continuamente o estandarte do mal; sei que é dotado de uma índole difícil de desanimar, e que o ódio que me votou (e era, já, tão violento), deve ter aumentado de modo incrível após a derrota na luta, em que se atreveu a disputar-te a mim. Tranqüiliza-te, porém, filha; o demônio, mais tarde ou mais cedo, cansa-se de combater debalde, e retira-se para não tornar a aparecer; e êsse momento sem dúvida soou há muito para Andréia, visto que nos deixou em paz, renunciando para sempre a prosseguir em uma vingança inútil.

E Armando aditou, após um momento de silêncio:

— No dia imediato ao do nosso casamento, anjo querido, remeti por Léon Rolland, àquele irmão desnaturado, vinte mil francos, e uma carta em que lhe pedia que saísse da França, e fôsse para a América, onde acharia a obscuridade, o esquecimento, e talvez também o arrependimento. Tocaria Deus aquela alma rebelde e culpada? Não sei. O que sei é que há quatro anos a polícia infantigável que organizei em Paris, para ali fazer o bem que posso, e da qual, na minha ausência, dei a direção ao nosso bom e excelente amigo Fernando Rocher; essa polícia, como ia dizendo, pôde verificar que meu irmão Andréia saíra da França, e não tornara a aparecer... Talvez tenha morrido.

— Armando... murmurou Joana, com visível pesar, não digamos isso, que parece a expressão de um desejo ímpio.

O Conde beijou a mão da espôsa, e prosseguiu:

— Mas para que nos havíamos de entristecer com recordações já longínquas, e das quais nos separaram os últimos quatro anos? Vivemos felizes, minha querida Joana, com os olhos fitos em nosso filho, continuando a praticar o bem, e aliviando os que padecem.

E Armando acrescentou para consigo mesmo:

— E a punir os que se tornarem merecedores de justo castigo!

Mesmo distante de Paris quinhentas léguas, continuara o Conde sua grande obra de reparação social, dispendendo com ela dois terços da imensa fortuna, e associando no intento o seu amigo Fernando Rocher.

Em breve veremos qual o auxiliar que o Conde e a Condessa de Kergaz tinham achado para os secundar, da Madalena que se chamara Baccarat, e não passava, agora, de humilde irmã de caridade.

A carruagem continuava a rodar, enquanto o Sr. de Kergaz e a espôsa conversavam; de repente soltou o cocheiro um — “arreda”! — de tal modo acentuado, que atraíu a atenção dos dois esposos, e os fêz olhar o caminho.

No meio da estrada, muito estreita, estava atravessado um homem, em atitude de completa imobilidade.

— “Saia do caminho!” — repetiu o postilhão.

O homem, porém, não se moveu, conquanto a parelha estivesse a ponto de o alcançar.

Então o postilhão fêz parar repentinamente a carruagem.

— Aquele homem está de certo embriagado... disse o Sr. de Kergaz.

E voltando-se para um dos lacaios da traseira:

— Germano, leva aquêlê infeliz para um lado da estrada a fim de que não o atropelemos.

O homem, que estava descanço, coberto de farrapos, e tinha a barba inteiramente inculta, parecia privado dos sentidos.

— Pobre homem! murmurou a Condessa, profundamente comovida; desmaiou, talvez, por efeito da fome...

E deu imediatamente ao marido um vidrinho de sais, que trazia ao pescoço, dizendo ao laçai:

— Depressa, Francisco... depressa... Procure no cofre, aí atrás, que há de achar uma garrafa de Málaga, e alguma coisa de comer.

Armando saltou rapidamente, e correu para o mendigo exânime.

Era quase um rapaz; no rosto emagrecido pelo sofrimento notavam-se-lhe ainda vestígios de singular beleza. A barba os cabelos eram louros; e tanto os pés, ensanguentados pelos espinhos, como as mãos crestadas, eram delicados.

O Conde encarou o mendigo, e exclamou espantado:

— Santo Deus! murmurou êle; que extraordinária semelhança! Apostaria ser meu irmão Andréia!

A Sra. de Kergaz imitara seu marido; aproximara-se do mendigo, e também se admirou.

— Que semelhança com Andréia! repetiu.

Era pouco verossímel que o baronete sir Williams tivesse chegado, de queda em queda, a mendigar pelas estradas, descalço e quase nu, caindo afinal moribundo por efeito de inanição.

Fôsse como fôsse, se era êle, tinha sido cruelmente perseguido por tôda espécie de privações, a julgar pela palidez e emagrecimento do rosto, em que os sofrimentos tinham impresso o seu estigma fatídico. Não obstante, eram com efeito aquelas as suas feições, os seus cabelos e a sua estatura.

Enquanto os lacaios o erguiam, fêz-lhe Armando respirar os sais.

O mendigo demorou-se a abrir os olhos, mas afinal soltou um suspiro, e balbuciou algumas palavras quase inintelligíveis.

— Era extremo o calor... eu tinha muita fome... não sei o que se passou... mas cáí, e...

E falando dêsse modo, o mendigo, a quem o Sr. de Kergaz e sua spôsa continuavam a fitar com extrema curiosidade, relanceava em tórno de si olhos verdadeiramente desvairados.

De repente fitou-os em Armando, manifestou imediatamente uma espécie de terror, intentou soltar-se das mãos dos lacaios, que continuavam a ampará-los, e quis fugir.

Tinha porém os pés inchados pela fadiga de extrema caminhada, e por isso não deu mais de dois passos.

— Andréia! espantou-se Armando, em cujo coração surgiu imediatamente um sentimento de profundíssima compaixão; és tu, Andréia!

— Andréia? repetiu o mendigo, com voz desvairada; a que propósito me falou de Andréia?... Andréia morreu... Não o conheço... Eu sou um mendigo, e chamo-me Jerônimo.

E pareceu atacado de um tremor convulsivo, batendo os dentes com força; ainda assim intentou um esforço supremo para fugir.

Mas as forças atraçoaram-no, desmaiou de novo, e tornou a cair quase moribundo.

— E' meu irmão! falou o Conde que, na presença daquele homem, reduzido a tão lamentável estado, se esquecerá já de todos os seus crimes, para lembrar, unicamente, que tinham sido ambos gerados no mesmo ventre.

— E' teu irmão, Armando! repetiu a Sra. de Kergaz, animada pelo mesmo pensamento, e pela mesma compaixão.

O mendigo, novamente desmaiado, foi transportado para a carruagem; e em seguida disse o Conde ao postilhão:

— Nós não estamos distante de Magny, senão três léguas; por conseguinte, rebenta os cavalos, mas trata de chegar ali em três quartos de hora.

A carruagem tornou a partir como um raio; e dentro em pouco entrou em uma alamêda de tílias, que conduzia ao vestibulo do palácio.

Dalí a meia dúzia de minutos tornava o mendigo a abrir os olhos; e, graças aos mais solícitos cuidados, achava-se, não já estendido na estrada, mas deitado em uma cama, em um quarto elegantíssimo.

À cabeceira estavam ansiosamente inclinados para êle um homem e uma mulher, ouvindo a opinião de um médico, que fôra chamado o mais depressa possível.

— Êste desmaio, dizia o doutor, teve por causa primária a ausência demasiado prolongada de alimentos, juntamente com os efeitos de enorme caminhada. Tem os pés de tal modo inchados, que não deve ter andado, de ontem para cá, menos de vinte léguas.

— Andréia, murmurou o Sr. de Kergaz ao ouvido do mendigo, estás em minha casa... em casa de teu irmão... em tua casa...

Andréia, porque o era com efeito, continuava a olhar para êle com os olhos desvairados e visivelmente assustado. Parecia que tivera um sonho terrível e tentava repelir alguma visão horrenda.

— És realmente tu meu irmão? repetiu, o Sr. de Kergaz, com voz trêmula e acariciadora.

— Não... balbuciou êle não sou Andréia; sou um mendigo, um vagabundo sem eira nem beira... um homem a quem a justiça divina persegue, e a quem o remorso atormenta... Sou um dêsses grandes criminosos que se condemnam voluntariamente a percorrer o mundo, sem descanso, levando aos ombros o fardo da sua iniquidade.

O Sr. de Kergaz soltou um grito de algria.

— Ah! meu irmão! E' verdade que chegaste a arrependerte?

Armando ficou então a sós com o Visconde Andréia, ao qual disse, pegando-lhe afetosamente a mão:

— Tivemos a mesma boa mãe; e se o arrependimento te entrou no coração...

— Nossa mãe! disse Andréia, interrompendo o Conde, com voz suave: fui eu o seu algoz!...

E acrescentando em tom de profunda humildade:

— Quando eu estiver um pouco melhor, meu irmão, permitindo-me os pés que continue o meu caminho, hás de deixar-me partir, não é assim?... O mendigo Jerônimo não precisa senão de um pedaço de pão e um copo d'água.

— Santo Deus! murmurou o Sr. de Kergaz, cujo nobre coração batia desordenadamente, comovido. A que horrenda miséria chegaste, meu pobre irmão!

— Miséria voluntária... falou o mendigo, curvando humildemente a cabeça. Um dia chegou o arrependimento, e então quis expiar todos os meus crimes. Não dissipei os duzentos mil francos que recebi de ti: estão depositados no banco de New York. O rendimento deles tem sido posto no cofre dos hospitais... Eu de nada necessito... Condenei-me a caminhar por esse mundo, pedindo esmola, pernoitando em qualquer palheiro, e muitas vezes à beira da estrada... Talvez que Deus, a quem rogo dia e noite, chegue afinal a perdoar-me!

— Já te perdoou! respondeu o Conde. Em nome de Deus, meu irmão, perdô-te, e afirmo-te que é já suficiente a expiação que tens suportado...

E o Sr. de Kergaz abraçou Andréia:

— Dize-me, querido irmão, queres viver em minha casa, não como um vagabundo, nem como um culpado, mas como meu amigo, meu igual, como um filho pródigo, reconduzido pelo arrependimento, e a quem todos recebem de braços abertos? Fica conosco, meu irmão; hás de ser feliz, entre minha mulher e meu filho, porque estás perdoado...

II

O PIEDOSO ANDRÉIA

Cêrca de dois meses após a cena que narramos, teríamos achado novamente, em Paris, na rua Culture-Sainte-Catherine, o Conde Armando de Kergaz, e sua jovem espôsa, conversando com outro personagem em um gabinete de trabalho.

Era na manhã de um dos primeiros dias de janeiro; seriam dez horas.

A neve que cobria as árvores do jardim brilhava com os frouxos raios do sol de inverno; fazia frio, mas no fogão crepitava um bom fogo.

O Conde estava sentado em ampla poltrona, as pernas cruzadas, e tendo na mão a tenaz que, de quando em quando avivava o fogo, conversando ao mesmo tempo. A Sra. de Kergaz, em traje matutino, conservava-se ao lado do marido, fitando-o com olhar tranqüilo e melancólico, e escutando-o atentamente.

— Minha querida filha, dizia o Conde; eu era já felicíssimo com o teu amor; mas a minha ventura chegou ao cúmulo desde que meu irmão nos foi restituído pelo arrependimento.

— Deus é grande e bom, respondeu; e tocou por tal modo a sua graça aquela alma ímpia e rebelde, que a tornou igual à de um santo.

— Pobre Andréia! murmurou o Conde; que vida exemplar!... que arrependimento! Minha querida Joana, é necessário que te faça horrível confidência, para que saibas a que ponto chegou a mudança de meu irmão.

— Valha-me Deus! que será?

— Como sabes, Andréia não quis participar senão das aparências da vida que vivemos. Ao passo que se assenta ao nosso lado na sala, habita em uma água-furtada, fria, sem fogaão, quase no sótão do palácio, sob pretexto de poder seguir certo regime, imperiosamente prescrito pela medicina. Não se alimenta senão com as comidas mais grosseiras e nunca chega aos lábios um copo de vinho.

— E jejua todos os dias até o meio-dia...

— Mas que significa isto? Não sabes nada, minha querida amiga?

— Sei, continuou a Sra. de Kergaz, que foram necessárias as nossas instâncias para obstar a que êle fôsse encerrar-se no mosteiro de Meilleraye. Sei também que sai de casa tôdas as manhãs, vestido miseravelmente e, sob o nome de Andréia Tissot, se dirige à rua do Vieux Colombier, a uma casa de comércio, onde está fazendo a escrituração, desde as oito horas da manhã até às seis da tarde, pelo modestíssimo ordenado de mil e duzentos francos. Podendo dispor da nossa bôlsa, quis dever ao trabalho a sua existência miserável.

— E foi por isso que me obrigou a aceitar oitenta francos por mês a título de indenização.

— Um arrependimento, assim, tal expiação, vida tão exemplar, murmurou Joana com admiração, devem ser de grande valor aos olhos de Deus, e sem dúvida foi já há muito perdoado.

— E ainda não disse tudo, minha querida... prosseguiu o Conde. Se soubesses!

— Que é mais? tornou Joana comovida; dize, Armando, quero saber tudo...

— Andréia usa de cilício... Tem o corpo todo em uma chaga horrível...

A Sra. de Kergaz soltou um grito.

— E' medonho! exclamou ela; é realmente medonho! Mas como...

— Como foi que eu soube?

— Sim... fez a Condessa um movimento de cabeça.

— Esta noite estive trabalhando até muito tarde com Fernando Rocher, e com Léon Rolland. Eram duas horas da madrugada quando se foram. Ao jantar, tinha achado Andréia muito pálido, e êle próprio me confessara que se sentia doente. Como fiquei inquieto tôda a noite, lembrei-me de subir ao quarto dêle, para ver como se achava. Como sabes, Andréia não quis que nenhum dos nossos criados lhe entrasse no quarto; porque, segundo diz, quer fazer a cama, e varrer a casa com as próprias mãos; mas a realidade é que a cama não tem nunca necessidade de que a faça. O desgraçado dorme no pavimento gelado, coberto unicamente com a camisa!

— Santo Deus! e estamos em janeiro!

— E dá assim cabo de si... disse o Conde suspirando... Eu tinha subido nos bicos dos pés. Chegando à porta, vi que havia luz no quarto; bati muito devagarinho, mas não me responderam. Então, como a porta estava fechada apenas com a tranqueta, entrei. Que horrendo espetáculo! Andréia estava nu, deitado no chão; ao lado dêle, a lamparina, e logo ao pé um volume de Santo Agostinho, aberto. O desgraçado adormecera vencido pela fadiga. Foi então que lhe vi os rins e as nádegas ensanguentados, e cingidos pelo horrendo instrumento de disciplina, denominado cilício. Eu já o devia ter suspeitado, porque tinha visto muitas vêzes, quando por acaso fazia algum movimento brusco, cobrir-lhe o rosto súbita palidez, indício de uma dor aguda.

— Armando, rogou a Sra. de Kergaz, com as lágrimas nos olhos, é necessário fazer que teu irmão renuncie a tão exageradas macerações. Devias fazer falar disto ao prior de S. Lourenço, que foi quem êle escolheu para confessor.

O Conde abanou a cabeça.

— Andréia é inflexível para consigo mesmo, e o meu receio é que afinal sucumba a tão exemplar penitência. A

sua magreza e palidez são já extremas; basta não ceder ao sono senão quando a fadiga o prostra. Aquêlê trabalho prejudicial em que consome doze horas por dia, torna-se-lhe cada vez mais nocivo. Andréia precisava de ar livre, e de vida ativa... O meu desejo era induzi-lo a uma viagem... Infelizmente, recusa-se a isso, talvez que até nos deixasse.

— Isso não... não há de ser assim! exclamou Joana com veemência: há de viver conosco!... Olha, Armando, que- res que eu tome à minha conta convencê-lo de que a justiça divina está satisfeita, e de que a expiação já excede à falta? Verás, meu querido Armando, como eu sou eloqüente e per- suasiva...

— Tive agora uma idéia, uma idéia excelente, para o ar- rancar do viver de algóz que há de afinal matá-lo.

— Deveras? perguntou a Condessa com visível alegria.

— Verás, querida...

E o Sr. de Kergaz ficou refletindo.

— Como sabes, na minha ausência, Fernando Rocher e Léon Rolland, ajudados pela irmã Luiza, têm-me substituído o melhor possível, aliviando muitas misérias. Fernando e sua mulher, que é a protetora da nossa Igreja de S. Vicente de Paula, encarregaram-se de suavizar hábilmente o que deno- minam a miséria dourada, quer dizer, a miséria de muitos humildes empregados, cujos módicos ordenados são insufi- cientes para sustentar família numerosa. Ao Léon Rolland e à sua formosa e virtuosa espôsa, coube o arrabalde de Santo Antônio, o bairro mais populoso e mais pobre de Paris. Léon está à testa de uma grande oficina de marcenaria, onde há trabalho todo o ano para duzentos operários. Cerise abriu vasta casa de costura, onde dá que fazer a tôdas as raparigas órfãs, que o vício talvez reclamaria, se se vissem entregues a si mesmas. Afinal, a Charmete escolheu para seu piedoso campo de batalha o bairro da loucura e perdição, onde outro- ra brilhou sob o nome de Baccarat.

— Sei isso tudo, sei...

— De modo que os pobres e desvalidos, prosseguiu o Sr. de Kergaz, não têm perdido nada com a minha ausência. Mas ainda assim não se achava preenchida senão parte da missão que a mim próprio prescrevera. A obra de caridade seguiu o seu norte, mas a da justiça achava-se paralisada...

— Não compreendo...

— “Ouve...

Certa noite, há uns dez anos, encontraram-se dois homens em um edifício no cume das colinas que dominam Paris. Fizeram a grande cidade a seus pés, profundamente agitada pela embriaguez convulsiva de uma noite de carnaval.

Um deles exclamou:

“— Eis um vasto campo de batalha para quem possua bastante ouro, e o queira despendê-lo em serviço do mal. Vês a cidade imensa? Para o homem que tiver muito ouro, há nela mulheres para seduzir, homens para comprar, larápios para arregimentar. Que grandiosa e bela missão!

“E esse homem, falando assim, ria-se com um riso deveras odioso.

“Dir-se-ia ser o próprio Satanás, ou D. Juan, preconizando a sua vida passada, e mostrando-se resolvido a recomeçá-la.

“Ora, concluiu o Conde, o homem que falava então com tal impiedade era Andréia; o outro era eu.

“Sabes muito bem qual foi esta luta entre o bem e o mal, e como o mal foi afinal suplantado. Andréia, porém, não era o único representante do princípio mau; e Paris é a Babilônia moderna, em que o vício acotovela continuamente a virtude, onde a infâmia e o crime germinam como em solo fecundo... Quantos culpados a punir, quantas vítimas a arrancar aos seus alçozes!

A Sra. Kergaz ouvira seu marido com profunda atenção.

— Já adivinheiro, disse ela, ou parece-me que adivinhei o teu projeto: é encarregar Andréia, arrependido e virtuoso, das expiações e castigos misteriosos.

— Adivinhaste, minha querida Joana. Talvez que a inteligência excepcional, que a potente força de vontade, que a audácia sem igual, que êle desenvolvia tão maravilhosamente para o mal, ressurgam de novo entrando êle no caminho do bem.

— Também creio... respondeu a Sra. de Kergaz.

Nisto foram interrompidos pelo som da sineta que, da sala do porteiro, correspondia com o interior do palácio e anunciava visitas.

— Aí vêm os apontamentos cotidianos da minha polícia, disse Armando. Os homens que emprego neste mister são zelosos e inteligentes, mas precisam de um chefe.

No mesmo instante abriu-se a porta, e apareceu um laçoio, trazendo em uma salva uma carta volumosa, que o Conde abriu imediatamente.

O sobrescrito encerrava sete ou oito fôlhas de papel, escritas com letra muito miuda, e sem assinatura.

O Sr. de Kergaz leu em voz baixa:

“Os agentes secretos do Sr. Conde acham-se neste momento na pista de misteriosa e singular associação, que há dois meses tem tomado a peito a exploração de Paris...”

— Ora, esta! admirou-se Armando, continuando a leitura com escrupulosa atenção.

“Esta associação, prosseguia o correspondente anônimo, parece ter ramificações em tôdas as classes de Paris. Onde é a sua sede, quais sejam os chefes, e meio de execução, são outras tantas coisas que ainda se conservam para nós em estado de mistério. Por enquanto não conhecemos senão os resultados e, ainda assim, parcialmente. O fim desta aglomeração de bandidos é apropriarem-se, por todos os meios possíveis, de papéis que possam perturbar a paz das famílias, para depois venderem por bons preços. As cartas imprudentemente escritas por uma mulher servem para ameaça de as entregarem ao marido; não lhes escapando as falsificações em escrituras, que põem em risco jovens pródigos, e que mão oculta pode depor na secretária de um juiz criminal.

“Esta associação, que tomou o título de “Clube dos valetes de copas”, introduz-se em tôda parte, e assume tôdas as formas e atitudes.

“Os agentes do Sr. Conde, concluia o correspondente, trabalham ativamente; mas até agora não puderam senão comprovar deploráveis resultados, sem conseguir descobrir nada.”

Armando, visivelmente preocupado, mostrou a carta à espôsa.

— Olha, isto é para se acreditar na intervenção divina. Estavamos há pouco procurando um meio de empregar as raras faculdades de Andréia, eis a que se nos depara inopinadamente.

Enquanto a Sra. de Kergaz percorria com a vista a nota da polícia secreta de seu marido, tocou êste a campainha.

— Mande-me o Germano, disse ao criado que apareceu.

Germano era o criado de confiança de Armando, o único que sabia da existência misteriosa de Andréia.

— Vai à rua Vieux Colombier, e traze meu irmão o mais depressa possível.

Germano saiu; dali a uma hora viram o Conde e sua mulher chegar Andréia.

Quem tinha conhecido o brilhante Visconde Andréia, o D. João zombeteiro e ímpio, ou então o baronete sir Williams, fleugmático e distinto, teria agora inteiramente desconhecido o irmão do Sr. de Kergaz, o filho do Conde Felipe.

Estava muito pálido e magro. No vestuário notava-se o aspecto despretencioso do usado pelos eclesiásticos. Andava sempre com os olhos fitos no chão, cabeça curvada e denunciando no caminhar vivíssimo padecer.

Na presença da Condessa, mal se atrevia a olhar, como se, decorridos quatro anos, ainda se erguesse à frente, qual fantasma vingador, a recordação do seu procedimento para com ela.

Foi com igual hesitação, repleta de humildade, que apertou a mão que lhe estendeu o Sr. de Kergaz.

— Querido irmão! declarou êste.

— Mandaste-me chamar, Armando? perguntou Andréia, com voz quase trêmula. Apenas recebi o recado, sai imediatamente do escritório.

— Mandeí chamar-te, meu caro Andréia, por me seres necessário...

Os olhos de Andréia iluminaram-se de alegria.

— E' preciso que morra por ti?

Armando sorriu e respondeu:

— Não... o mais preciso é viver.

— E viver razoavelmente, meu irmão, acrescentou a Sra. de Kergaz, pegando nas duas mãos de Andréia, e apertando-as afetuosamente.

Andréia corou e quis retirar as mãos.

— Não, não... murmurou êle; não sou digno do interesse que manifesta por mim, senhora.

— Meu irmão...

— Deixe, minha senhora, rogou êle humildemente, deixe que o pobre pecador continue a apaziguar, com a sua expiação, a cólera divina.

Joana ergueu os olhos ao céu, e pensou:

— E' um santo!

— Sabes, prosseguiu o Sr. de Kergaz, que prescrevi a mim próprio certa missão?

— Missão nobre e santa, meu irmão! disse Andréia.

— E necessito do teu auxilio para continuar a minha obra.

Andréia estremeceu.

— Há muito, eu teria pedido para me associar às tuas fadigas, Armando, se fôsse digno de praticar o bem. Em que se tornaria, porém, a caridade, passando pelas minhas mãos impuras?

— Não se trata de praticar o bem de um modo vulgar, o que é necessário é punir ou evitar o mal.

Em seguida, deu-lhe Armando a ler o aviso que recebera da sua policia.

Andréia leu-o com atenção, e manifestou profundo asombro.

— Como vê's, prosseguiu Armando, a hora das expiações vulgares, e do arrependimento oculto lá vai; é indispensável que te tornes um homem forte, inteligente, hábil, e tão audaz para servir uma nobre causa, como o foste para praticar o mal, em uma palavra, um adversário digno desta associação de bandidos, que pretendo exterminar.

Andréia escutava atento e calado. De repente, porém, ergueu a cabeça, e mostrou nos olhos, havia muito baços e mortifos, o clarão de um relâmpago.

— Pois bem, serei o homem que dizes!

O Sr. de Kergaz soltou um grito de alegria.

— Serei a mão vingadora, prosseguiu o Visconde, que perseguirá, sem descanso, os misteriosos inimigos da sociedade... Serei eu quem desmascare essa associação, cujo lugar de reunião, estatutos, chefes e aliados, os teus agentes não puderam descobrir...

E à proporção que Andréia assim falava, parecia operar-se nêle singular transformação.

O homem humilde e curvado sob o arrependimento, o penitente acobardado pelas macerações endireitou-se, pouco e pouco, e os olhos bagos reassumiram brilho; de modo que a Sra. de Kergaz não pôde furtar-se ao susto, vendo reaparecer, de repente, o baronete sir Williams, o audaz de outrora, o temível Andréia, que também por tanto tempo fôra bandido.

O susto, porém, não durou em Joana mais que um relâmpago. O baronete já não existia, o bandido Andréia morrera; não restava de ambos senão um homem dedicado a seu irmão, à sociedade e a Deus; um soldado da grande causa da humanidade.

De repente abriu-se a porta, e entrou uma senhora.

Vestia-se de preto, e trazia o capuz pardo, usado pelas irmãs de caridade livres, isto é, que não proferiam votos.

Assim como o Visconde, já aquela mulher não era senão a sombra de si mesma.

A beleza fôra a só coisa a sobreviver ao naufrágio em que Baccarat submergira para renascer sôror Luiza, a mulher nobre experimentada pelo amor, pecadora tornada Madalena arrependida.

Baccarat — desculpe-se-nos o conservarmos êste nome — formosa, a despeito dos seus desgostos e do seu arrependimento; formosa, apesar do cuidado que parecia empregar em dissimular sob a roupa grosseira a maravilhosa beleza e o aspecto de rainha, que tinha outrora feito endoidecer tantos homens e causado tantas desesperações.

Os cabelos é que ela, por um resto de vaidade, afinal muito perdoável, não cortara. Não tivera coragem para se privar dos bastíssimos cabelos louros, que, soltos, quase a cobriam, como um manto.

Contudo ocultava o melhor possível as enormes tranças na coifa branca e no capuz; e tinha, ao mesmo tempo, aspecto tão humilde e modesto, que ninguém se atreveria a experimentar-lhe aquêles últimos apêgo às coisas dêste mundo.

Joana, apenas a viu, correu a apertar-lhe a mão.

— Como está, minha querida irmã?

E Baccarat, o anjo do arrependimento, fêz como Andréia, retirou a mão e balbuciou:

— Ah! minha querida senhora, não sou digna nem de lhe beijar a fimbria do vestido...

Foi então que o Sr. de Kergaz pegou ao mesmo tempo na mão de Baccarat, e na de Andréia, e lhes disse:

— Foram dois anjos decaídos; mas o arrependimento reabilitou-os. Unam-se na causa comum; são ambos dignos de combater sob a mesma bandeira, nobres trãnsfugas do mal!...

Baccarat ergueu então os olhos para sir Williams, e sentiu esfriar o coração. Pareceu-lhe ouvir uma voz oculta a dizer-lhe:

— Poderão os monstros desta natureza ser alguma vez tocados pelo arrependimento? Não... é impossível!

III

O CLUBE DOS VALETES DE COPAS

Enquanto ocorria o que narramos no palácio de Kergaz, representava-se cena de outro gênero, algumas horas mais tarde, no extremo oposto de Paris, quer dizer, no arrabalde Saint-Honoré, na esquina da travessa de Barri.

A noite era escura, o nevoeiro envolvia Paris, e a sua densidade era tal que tinha feito suspender não só o serviço de ônibus e dos carros de aluguel, mas até o das carruagens particulares. Os bicos de gás quase não conseguiam mostrar-se no meio da escuridão; de modo que era preciso a qualquer pessoa saber muito bem o seu caminho, para se não perder no bairro, pouco mais ou menos deserto, que então se denominava ainda *bulevar do Roule*.

Contudo, quando soavam onze horas na igreja de São Felipe, entravam vários homens na rua de Barri, vindos de diferentes lados, paravam à entrada de uma casa de aparência mais que modesta, para não dizer suspeita, e em cujas janelas se não via luz, e desapareciam depois todos no corredor para que dava entrada a porta da rua.

Bastante extenso, terminava, êsse corredor, no patamar de uma escada que não subia, como se poderia julgar, aos andares superiores do prédio: mergulhava no seio da terra; e o primeiro dos entes misteriosos que pôs nela os pés desceu

perto de cinqüenta degraus, no meio da mais completa escuridão, amparando-se ao corrimão e não se movendo senão as apalpadelas.

— Aonde vais?... Vens roubar-me o vinho?

— O amor é uma coisa útil... — respondeu o interrogado.

— Bem... — replicou a tal voz.

E de súbito abriu-se uma porta, dela saiu um jato de luz que iluminou a escada, e o recém-chegado achou-se no limiar de uma sala subterrânea, cujo aspecto extravagante merece descrição: era um dos compartimentos de uma adega, a julgar pela abóboda e por uma dúzia de vasilhas enfileiradas junto às paredes.

Em cima da meia dúzia de barris tinham pôsto uma prancha, a fim de improvisar uma bancada; depois, haviam colocado mesa ao fundo, com um lampião na frente dela, uma poltrona.

Era naturalmente a cadeira do presidente daquela misteriosa reunião. Junto ao lampião, achava-se um maço enorme de papéis; mas quem os tivesse examinado com atenção não poderia dizer em língua e caracteres estavam escritos.

Eram hieróglifos indecifráveis, uma acumulação de caracteres árabes e romanos e de sinais tipográficos, cujo sentido enigmático se não poderia adivinhar sem lhes possuir a chave.

O homem que velava à entrada da sala subterrânea introduziu assim, sucessivamente, e fazendo a mesma pergunta, seis personagens, embuçados todos em amplas capas, o que lhes dava aspecto uniforme. Afinal, fechou cuidadosamente a porta, e foi sentar-se à mesa da presidência.

Este personagem era um rapaz novo. Tinha dezoito ou vinte anos? E' o que ninguém teria podido dizer ao certo; mas o que não admitia a mínima dúvida é que não tinha mais de vinte.

Contudo, a sua fisionomia, apesar dos poucos anos parecia revelar extraordinária energia, astúcia maravilhosa, audácia a tôda prova, e uma das inteligências de eleição, que em certas ocasiões se revelam em rasgos de gênio.

O seu vestuário era o de um "leão" do bulevar, denominação então em moda, e que resumia o homem elegante, rico e ocioso daquele tempo. Tinha lábios zombeteiros, andar fir-

me, aspecto atrevido, e parecia dominar com o olhar os seis indivíduos a quem dera entrada.

Estes merecem também algumas linhas de contôrno.

Apenas se desembaraçaram das capas, pôde o presidente da assembléia comprovar quão diferentes eram no aspecto, nas roupas e na idade.

O primeiro que entrara (sentara próximo da banca) era um homem de cinqüenta anos, aproximadamente, alto, delgado, peito coberto de condecorações, enorme bigode cuidadosamente pintado e uma cabeleira preta a cobrir-lhe a fronte que a idade desguarnecera.

Trajava-se como homem de boa sociedade, que conserva na vida civil a desenvoltura arrogante do militar.

— Olá, major... é realmente exato.

O segundo dos seis era um homem de trinta anos, os cabelos um tanto compridos, a barba um pouco maltratada, e apresentando no seu todo certo cunho artístico.

— Boa noite, "Fídias"... — saudou-o o presidente indicando-lhe um lugar à sua esquerda.

O terceiro era um rapazote dos que usam lunetas de um só vidro, sempre fixa no olho, bigode retorcido, grandes punhos, que assiste às primeiras representações de tôdas as peças novas e aparece em todos os concertos e em tôdas as salas da sociedade.

Tinha o olhar vivo, e nariz quase reto, sinal de fôrça de vontade.

— Boa noite, Barão... — sorriu o presidente.

O quarto era muito diferente dos três que já descrevemos, tanto no aspecto como no modo de vestir.

Não era um elegante, da boa sociedade, amante de atri- zes, frequentador do Tortoni e do Café Inglês, mas sim um lacaio de libré.

Não, o lacaio vulgar, com a estupidez no rosto, mas o de boa casa, o criado descarado que recebe as confidências do patrão, e por vêzes o aconselha; o homem, enfim, de meia-idade, velhaco, e podendo, a rigor, lograr qualquer tio provinciano ou qualquer tabelião de aldeia.

O cumprimento que o moço presidente lhe dirigiu, denunciou o que quer que era de maçônico e misterioso, que provou ocupar êle lugar muito elevado na sua estima.

O quinto tinha uma fisionomia extraordinária: era quase um velho, mas robusto, vigoroso, cujos cabelos grisalhos cobriam a testa pequena e deprimida, de olhos pardos, em que parecia brilhar clarão sinistro, amplos ombros, corpo pequeno mas ossudo, e mãos enormes, que denunciavam um homem habituado aos mais grosseiros trabalhos.

Todo sulcado por extravagantes costuras era o rosto. Seria efeito de hexas? Ter-se-ia queimado com vitriolo, ou pólvora, ou tê-lo-ia desfigurado alguma horrenda doença?

Mistério!

O fato é que era de aspecto repugnante, e mesmo cruel, apesar do vestuário (na opinião d'ele primoroso), que não passava de exagerado mau gosto.

Estava vestido como se tivera de ir a um baile: casaca preta, colete branco (sôbre o qual ostentava enorme cadeia de relógio), botas de polimento encerrando pés enormes, e que pareciam ter saudades do tamanco, e com os punhos da camisa impròpriamente voltados por sôbre as mangas da casaca.

As mãos, arroxeadas, calosas, de unhas disformes, pareciam ignorar o uso das luvas.

Finalmente, o último dos seis personagens era, pelo contrário, o que a arte e a fantasia reunidas, teriam podido sonhar de mais ideal.

Seria o produto misterioso dos amores de um rajá da Índia com uma inglesa de ombros alabastrinos? Seria algum arrogante fidalgo, em cujas veias corresse o sangue dos mouros de Granada?

Ninguém o poderia dizer.

Era alto, extraordinariamente moreno, e tinha, nos cabelos crespos e na barba curta e muito bem tratada certo reflexo azulado, como o que se observa na asa do corvo.

Iluminava-lhe as feições, perfeitamente regulares, e que resumiam um tipo de maravilhosa beleza, o olhar ardente, e desusadamente fascinador.

No mundo em que vivia êste personagem, do qual em breve tornaremos a falar, dizendo então qual a sua origem transatlântica, apelidavam-no "Querubim encantador".

Depois de sentados, tomou lugar o presidente na poltrona que lhe estava reservada:

— Senhores, a nossa associação, fundada sob o título de “Clube dos Valetes de Copas”, compõe-se de vinte e quatro membros, na maior parte desconhecidos uns dos outros, o que constitui garantia de discrição.

Os seis sócios, que nunca se tinham visto, fitaram-se, com mútua curiosidade.

Todos — prosseguiu o presidente — tomaram conhecimento dos estatutos do clube, antes de entrar para o nosso grêmio. Sabem, portanto, que a primeira das condições é obediência passiva ao chefe misterioso e desconhecido de todos, exceto de mim, e do qual não sou senão humilde intermediário.

Os seis membros do clube inclinaram-se.

— Foi, pois, por ordem do chefe, que aqui se reuniram esta noite, a fim de que se pudessem conhecer, porque hão de ser obrigados a trabalhar quase em comum. Achemo-nos a caminha de uma operação que pode dar resultados fabulosos.

Estas palavras ocasionaram vivíssimo movimento de interesse.

— Quais sejam os planos do “chefe” é o que eu não sei senão mui imperfeitamente, e o que ainda assim proibiu lhes dissesse. Meus poderes resumem-se em dar-lhes instruções.

Então, voltou-se para o sócio a quem chamara major:

— Ainda frequenta a sociedade, major?

— Muito...

O presidente consultou apontamentos escritos em caracteres hieroglíficos, e perguntou:

— Costuma ir à casa da Marquesa Van-Hop?

— Costumo.

— Será convidado para o seu baile de quarta-feira próxima?

— A Marquesa não é mulher de, pouco mais ou menos, trinta anos, da América espanhola, e casada com um holandês?

O major fêz um gesto afirmativo.

— E é riquíssima, segundo dizem?

— Tem de rendimento seiscentas ou setecentas libras.

— Parece que é muito amante das artes e dos artistas. Falam até que teve a fantasia, há um ou dois anos, de tomar lições de escultura?

— Sou eu o seu professor — revelou aquêlê dos seis sócios a quem o presidente chamara Fídias.

— Muito bem... Já o suspeitava.

— O marquês Van-Hop é um homem de quarenta anos, fleugmático e taciturno... Parece êle ciumento?

— Muito — disse o Major. — E, contudo, não tem razão para o ser: a Marquesa é irrepreensível.

— Na quarta-feira, major, declarou o presidente há de apresentar em casa da Marquesa o nosso sócio Querubim, que se acha presente.

E designou o sexto personagem, o que era dotado de beleza maravilhosa.

Proseguiu:

— A Marquesa não se acha muito estreitamente ligada com uma mulher de trinta e cinco anos aproximadamente, viúva há dois anos, apelidada Malassis?

— Creio que sim — acentuou o major. — Até a tenho encontrado em casa da Marquesa, nas recepções mais íntimas.

— A tal senhora Malassis (e olhou os apontamentos), dizem ter sido leviana, ainda em vida do marido?...

— Ora!... Um tanto!... — confessou o major.

— Contudo, pelos meus apontamentos, a Marquesa ignora completamente essa circunstância, e tem a Sra. Malassis pela mais honesta das mulheres; e muito mais por ver a viúva assiduamente requestada pelo idoso Duque de Chateau-Mailly, que pretende desposá-la. E não hesitará em instituí-la sua herdeira universal em detrimento do Conde de Chateau-Mailly, o sobrinho, que principia já a estar pobre...

— Que já está completamente pobre... — asseverou o major.

— Pois seja assim... — replicou o presidente.

Depois, para o quinto sócio, aquêlê a quem o aspecto pretenso, a fisionomia extraordinária e brutal, e a estatura atlética tornavam uma espécie de hércules em traje domingueiro:

— A Sra. Malassis anda em busca de um homem de confiança que possa preencher as amplas funções de escudeiro e mordomo, espécie de factotum a quem há de pagar o menos possível, e que terá em sua casa trabalho diabólico. A Sra. Malassis não é rica, mas quer apresentar-se como tal. O se-

nhor se dirigirá à sua casa, na rua Pepinière, 41, e dir-lhe-á que soube ter precisão de um mordomo.

O homem dos ombros largos inclinou-se respeitosamente.

— Quanto ao senhor — prosseguiu o presidente, dirigindo-se ao lacaio de libré — foi ontem despedido da casa do idoso Duque de Chateau-Mailly?

— Quer dizer, respondeu o lacaio, fiz com que me despedissem, para me conformar com as instruções recbidas.

— E' o que eu queria dizer; mas esqueceu-se de restituir ao Duque uma chave que êle lhe confiara.

— A chave do jardim da casa n. 41, da rua da Pepinière?

— Exatamente. Além disso, e não obstante ter estado só três meses ao serviço do Sr. de Chateau-Mailly, deve ter perfeito conhecimento dos seus hábitos, de modo por que emprega o tempo, das suas predileções e manias?

— Quando sirvo em qualquer casa, observo tudo.

— Logo, observou o Duque?

— Conheço-o por dentro e por fora.

— Perfeitamente; hão de pedir-lhe informações dêle em tempo oportuno. Amanhã irá à casa de um serralheiro estabelecido na rua da Lappe, esquina da rua do Arrabalde Santo Antônio. Há de entrar na loja, e dizer-lhe simplesmente: "Lembras-te do Nicolo?" ao que êle responderá: "Vi-o guilhotinar".

— Mais nada? perguntou o lacaio.

— E lhe apresentar a chave que trouxe da casa do Duque.

— Compreendo.

— Em seguida, encomenda-lhe outra igual. No dia seguinte voltará à mesma hora; recebe então duas chaves, a velha e a nova, e vai restituir esta última ao Sr. de Chateau-Mailly.

— E da outra que hei de fazer?

— Às oito horas, vá passear pelo bulevar dos Italianos, e espere defronte dos banhos Chineses, onde encontrará aquê le senhor...

E indicou aquêle que tão bem resumia, com a luneta no olho direito, e as suíças à inglêsa, o tipo do leão de bulevar.

Este fêz um gesto de surpresa.

— Meu querido sócio — disse o presidente — a Sra. Mallassis é ainda uma excelente mulher; e o senhor faria muito mal recusando a chave que lhe não de entregar.

O “leão” inclinou-se sem proferir uma palavra.

— Senhores — concluiu o presidente — como tínhamos de trabalhar juntos e ao mesmo tempo, era indispensável serem apresentados. Agora, que já se conhecem, podem separar-se. Cada um dos senhores receberá em casa informações minuciosas.

Levantou a sessão, e despediu-se dos seis valetes de copas que se retiraram, um a um, e se dispersaram no meio do denso nevoeiro que cobria Paris.

Quando a porta da sala se fechou, após a saída do último, o que presidira à sessão bateu em um tabique que separava o outro compartimento da adega em que êle estava, dizendo:

— Pode entrar, mestre.

No mesmo instante girou sôbre si o tabique (funciona va como uma porta) e apareceu um homem embugado em grande capa, semelhante às que usavam os seis valetes de copas, e disse, zombeteiro:

— Palavra de honra: presides que nem um juiz, Rocambole!

— Gostou de ver, capitão?

E Rocambole (porque era êle quem nós achamos agora assim metamorfoseado) cumprimentou respeitosamente o capitão sir Williams, quer dizer, o Visconde Andréia, irmão do demasiadamente crêdulo Armando de Kergaz.

— Presides, com efeito, — continuou o capitão — como perfeito magistrado; estive sempre observando pelo tabique; não te perdi de vista nem um instante... Ninguém acreditaria que fôste o repugnante vadio que fêz cair a cabeça do pobre Nicolo.

— Bem sabe, capitão... — murmurou Rocambole com visível humildade.

— Sei que és filho adotivo da viúva Fipart, — prosseguiu o baronete sir Williams — que vendeu o capitão, à última hora, por meia dúzia de notas de mil francos...

— Contudo — replicou Rocambole fleumáticamente — você é um espírito superior, para que não me entenda e des-

culpe o procedimento de então. Naquele tempo, como sabe, não era eu mais do que um dos agentes subalternos, não me tinha dado ainda a educação que depois me deu; enfim, não era seu filho...

— E' verdade!

— Além disso, você não sabia o que eu chegaria a ser, e eu ignorava ser você... um homem "forte"!

— Ora! Ora!... — fêz muxoxos Andréia, em tom de modestia.

— Você tinha perdido a partida, e estava pobre; e, como me convinha, vendi-o. No meu lugar você faria outro tanto.

E o baronete, com desdém: — Quem é que há de "ceifar" homens como nós?

Acrescentou, com um sorriso — que outrora fazia estremecer o próprio Armando de Kergaz:

— Mas, por hoje, basta de demonstrações de reconhecimento, Sr. Visconde Cambolh... Confessa que te aproveitei o nome admiravelmente!

— Você é um homem de gênio! — exclamou Rocambole, em tom de admiração.

— Visconde de Cambolh... Esse "h", no fim do nome, dá-lhe certo tom de nobreza histórica. És de origem sueca, sabes?

— Meu pai — tornou gravemente o vadio transformado em fidalgo — o General Marquês de Cambolh retirou-se da Suécia, quando Bernadotte subiu ao trono. Era demasiado ativo para servir um estrangeiro.

— Muito bem! — apoiou sir Williams — êste tom é simples, convicto, e o gesto digno; muito bem! Entretanto, meu tratante, dá-me de cear, por que o chefe dos "Valctes de Copas" está quase literalmente morto de fome!

— Vamos à minha casa. — falou Rocambole. — Vai achar a mesa posta e o necessário para neutralizar as austeridades do dia... E' um santo homem êste meu pai adotivo! — acrescentou êle rindo-se. — Sustenta-se unicamente de legumes e de flagelações!

— E' o incêndio da minha vingança que está minando! — respondeu sir Williams, cujos olhos brilharam quais carvões ardentes. — Armando de Kergaz não está ainda quite para comigo!

IV

MESTRE E DISCÍPULO

Rocambole dirigiu-se à porta e abriu-a.

— Vamos... repetiu êle, levando sir Williams pela mão.

Fê-lo subir sem luz a escada que conduzia ao corredor escuro; depois, em vez de o fazer seguir pelo corredor, pôs o pé no primeiro degrau de outra escada.

Esta conduzia ao primeiro andar do prédio, que parecia desabitado.

Ao sair da adega apagara Rocambole o lampião, de modo que ia caminhando com Andréia no meio da mais perfeita escuridão.

Chegando ao patamar do primeiro andar, procurou o presidente do Valete de Copas, às apalpadelas, uma fechadura, introduziu nela uma chave e logo, às trevas da escada, succedeu uma luz, que o capitão avistou no extremo de uma espécie de gabinete de vestir, atulhado de roupas, de malas, e de trezentos objetos vulgares no quarto de um rapaz solteiro.

Entraram; e logo que a misteriosa porta se tornou a fechar, viu que estava perfeitamente oculta por um cabide, e de tal modo que seria impossível a quem entrasse no gabinete por outro lado, desconfiar sequer da sua existência.

— Bem vê, meu tio — disse Rocambole — que agora o Sr. Visconde de Cambolh não tem nada de comum com o maganão que preside aos Valetes de Copas, e se encafua em uma porta por uma escada secreta.

Dizendo isto, pôs-se Rocambole a rir, e encerrou segunda porta.

O baronete sir Williams achava-se então no limiar do quarto de dormir, quarto elegante, que ostentava luxo sóbrio e delicado.

Magnífico tapete, carmezim e branco; cortinas e reposteiros das mesmas côres. A cama era um primor de obra de talha, imitando carvalho velho. Entre as duas janelas, uma espécie de Boule, sustentando um espelho de Veneza.

— Capitão — falou Rocambole, oferecendo ao chefe imensa poltrona — vou ordenar que o sirvam junto do fogão. Estaremos mais à vontade do que na sala de jantar. Descon-

fio muito do meu criado de quarto. E' uma prenda de que hei de desfazer-me na primeira occasião.

— Como quiseres, meu filho — respondeu o baronete, com indulgência verdadeiramente paternal.

Rocamble passou para a sala, excelente, de teto um tanto baixo, e dirigiu-se a uma salinha de jantar, onde um criado dormitava em um banco; a mesa estava perfeitamente servida.

— Diogo — ordenou êle acordando o lacaio — leva esta banca para o meu quarto... Quero-a junto à lareira, com meu tio.

Era assim que Rocamble designava o baronete.

O criado obedeceu, e transportou para o quarto a ceia, que constava de uma ave fria, um pastel, algumas dúzias de ostras, duas garrafas de excelente vinho velho. O baronete, que de certo não se achava pela primeira vez em casa do discípulo, reassumira a attitude humilde e de bondade receosa, que ostentava sempre em casa do Conde Armando de Kergaz.

Para o criado de Rocamble, não era o baronete sir Williams, senão o tio Guilherme, provinciano beato e rico, a quem era necessário lisonjear por causa da herança.

— Podes ir deitar-te, Diogo... — autorizou Rocamble. Retirou-se o criado.

Rocamble fechou a porta, correu o reposteiro, e foi sentar-se junto ao fogão, do outro lado da mesa.

O baronete assaltara já, valorosamente, a ave fria, e abria uma das garrafas.

— Estamos a sós, meu tio, podemos conversar.

— E precisamos conversar, meu filho, porque tenho muitas instruções para te dar. Em primeiro lugar, em que estado te achas a respeito de finanças?

— As minhas ou as do clube?

— As tuas.

— Ora — comentou Rocamble, ingênuamente — estão muito em baixo, meu tio. Perdi ontem cem luízes... bem sabe que me tinha aconselhado.

— Muito bem... E' preciso saber perder. Deve-se semear pouco para colher muito.

— Tenho três cavalos — prosseguiu Rocamble — um criado e um mandaletc. A Titine custa-me os olhos da cara...

— Pois deixa-a... A Titine é uma mulher vulgar, que vai engordando tanto no moral como no físico; e eu renunciei já aos projetos que tinha a respeito dela. Hei de achar coisa melhor.

— Tudo isto, continuou Rocambole, absorve muito bem um rendimento de quarenta mil libras.

— Pois que, tratante! — exclamou o baronete, sem demasiado azedume — ainda excedes essa soma?

— Por enquanto, não; mas, se quisesse, podia fazer alguma coisa mais em meu favor.

— Assim será se trabalhares de modo que o mereças.

— Creio que até agora não tenho ido mal...

— Isso é conforme o modo de ver...

E sir Williams teve um sorriso de velho bondoso, cravando ao mesmo tempo o garfo no pastel.

— Quando me dará mais uma nota de mil francos?

— Por ano ou por mês?

— Por mês.

— Deus bem sabe que não sou nenhum avarento...

— Sei isso perfeitamente... Rocambole o lisonjea.

— Contudo, entendo muito bem aquilo a que chamamos "comércio", e tenho a êsse respeito um princípio invariável: "a cada um segundo o seu merecimento".

— Isso é máxima evangélica, meu tio.

— Pois é a que tenho sempre presente no espírito, frisou o baronete, tornando-se, pela atitude em que estava, o grande culpado arrependido, o "santo", de quem os Condes de Kergaz tanto exaltavam as virtudes. Logo (prosseguiu êle), se mereceres a nota de mil francos mensais que me pedes, não há inconveniente em aceder.

— Bem sabe, meu tio, que não sou de meias medidas quando chega a ocasião apropriada.

— Mas é que agora — disse sir Williams — já não se trata de uma tarefa vulgar de subtrair algumas cartas amorosas para vender a outro... Agora o caso é mais sério...

— Assim deve ser, visto ter-me dito que é ótima empresa...

— E' colossal... gigante... — respondeu friamente o baronete.

— Não se pode saber?

— De certo, uma vez que tenho em ti a máxima confiança...

— Pois creia que emprega bem a sua confiança, meu tio — advertiu Rocambole muito tranqüilo — não sou estúpido a ponto de o atraiçoar. Ninguém se indis põe com o gênio...

— A verdade, — continuou o baronete com a serenidade que lhe era habitual — é que, entre homens como nós, dedicação, reconhecimento e afeição são outras tantas palavras ôcas. Entre tu e eu não há senão interêsses... A verdadeira amizade não tem outra lei.

— Isso é que é falar, meu tio!

— Por conseguinte, se achares homem melhor do que eu, mais forte, mais inteligente, que te ofereça mais vantagens, serás muito tolo se continuares a ser-me fiel.

— Tolo, creio que nunca o fui... — garantiu Rocambole, enchendo o copo do baronete.

— Como não acharás o tal homem, não vejo o mínimo prejuízo em te confiar parte dos meus planos.

— Bem...

— Em primeiro lugar procedamos com método e retrocedamos um tanto. Que tal achaste a minha comédia para entrar, novamente, no domínio fraternal?

— Perfeitíssima! — qualificou Rocambole, com o tom da mais sincera admiração. — O desmaio na estrada foi tão maravilhosamente desempenhado, que, se o postilhão não fôsse eu, o teria de certo esmagado... A cena do reconhecimento, os remorsos, a vida penitente, é tudo assombroso, meu tio...

— Confessas?...

— O que não compreendo — prosseguiu Rocambole — é que você tenha a fantasia de continuar assim por muito tempo. Deve ser muito aborrecido o viver eternamente no seio da virtude!

— Não há nada a que não nos acostumemos! Além disso, é indispensável que organize a minha vingancazinha; e êles figuram na lista.

E o baronete, contando pelos dedos:

— Temos, em primeiro lugar, Armando... As honras a quem pertencem...

— Você bem sabe — lembrou Rocambole — que tenho sempre excelente facada à sua disposição...

— Por enquanto não é precisa... Que demônio! Queres ir a galope!... O resultado seria o pequeno herdar. Além disso, Joana ainda não me ama; e é necessário que me ame!...

E o sorriso infernal, que então pairou nos lábios do baronete, teria gelado de susto o Conde Armando, se o tivesse visto.

— Depois dêle, temos a Baccarat. Essa, no dia em que eu a segurar, há de chorar lágrimas de sangue, e lastimar o ter-se evadido da casa da Branca...

— Excelente rapariga — observou Rocambole — mas acabou bem mal, apesar disso. Se houvesse tido mais juízo, esperalá-ia de certo um futuro brilhante... Uma mulher como aquela nas suas mãos, meu tio, nem sei aonde poderia ter chegado!

— Tenho agora uma do mesmo gênero, que é capaz de morrer por mim.

— E não a verei eu?

— Se tiveres juízo — replicou o baronete, no tom de bondade com que um pai promete um brinquedo ao filho.

— O que lhe afirmo, meu tio (urrou Rocambole, deveras comovido) é se a sensibilidade não fôsse uma tolice indigna dos homens como nós, beijava-lhe as mãos. Você é o melhor dos tios!

— À moda da Bretanha... — respondeu sir Williams, rindo-se. — Continuemos, porém, a contar... Como deves supor, depois de Baccarat, não podia esquecer-me do nosso amigo Fernando Rocher. Este não quis ir para as galés, estando inocente; pois há de ir para lá sendo culpado. E' muito rico, para que possa tornar-se ladrão; mas há de ser assassino... Bem sabes que o amor é às vêzes coisa muito útil.

— E a menina Hermínia?

— Meu querido amigo — frisou o baronete com terrível tranqüilidade — quando me digno pensar em uma mulher, a quem não amo bastante para que a torne minha amante, pode ela ficar certa de que lhe cavo, a pouco e pouco, debaixo dos pés, um abismo em que se precipitará com a sua honra, reputação, repouso e futuro...

— Safa! — murmurou Rocambole.

— Depois, sempre havemos de fazer alguma coisa a favor daquele honesto Léon Rolland; daquele estúpido que me fez matar o meu pobre Colar!

— E a Cerise?

— Aqui para nós, eu não quero mal a Cerise. O pior é que Beaupréau, por quem tive sempre certa queda, está apaixonado por ela como no primeiro dia, e eu fiz-lhe promessa...

— Mais ninguém? — perguntou ainda Rocambole.

— Sim... parece-me que mais ninguém.

— E... a Joana?

— Essa não odeio; amo!

Esta palavra, na boca do terrível chefe dos Valetes de Copas, significava, em futuro mais o menos próximo, a sentença de morte do Conde de Kergaz.

— Agora, uma coisa, meu tio, que tenciona fazer de toda essa gente?

— Isso não te digo; e até foi uma tolice fazeres tal pergunta. Não sabes que o homem, que intenta vingar-se, até de si próprio deve ocultar o segredo da sua vingança? Pode-se dar a um sócio a explicação de um negócio; a chave do enigma de uma vingança, nunca!

— Logo, continua a usar de noite o inofensivo cilício.

— Sem dúvida.

— Andar com aquele célebre casacão, dormir, no inverno, em um quarto sem aquecimento?

— De certo.

— E a trabalhar doze horas por dia, na escrituração de um lojista?

— Isso não, porque o meu querido mano Armando quer encarregar-me de outro trabalho.

— Quererá fazê-lo seu mordomo? — perguntou Rocambole em tom de escárnio.

— E' coisa melhor... Nomeou-me chefe da sua polícia.

Rocambole, que ia levando o copo à boca, pô-lo de repente na mesa, e desatou uma gargalhada homérica:

— Será possível?!

— E' como te digo — prosseguiu o baronete, em cujos olhos brilhava infernal alegria. — Vê a que ponto chega o poder daquele homem... tem até uma polícia; e tu bem sabes que a polícia é: um agrupamento de surdos e cegos. A tal

polícia apoderou-se do único documento que julguei deixar correr mundo, quer dizer, pequeno apontamento relativo aos Valetes de Copas...

— Raios! — exclamou Rocambole, dando um salto na cadeira — o que fêz, meu tio?

— Uma coisa acertadíssima... Estabeleci um pára-raios. Por mais estúpida que seja a polícia de um filantrôpo, pode ter seus acasos favoráveis, e deixar cair um ou outro aviso útil no ouvido de um delegado de polícia; em suma, pode tornar-se incomodativo quando menos se espere...

— E', com efeito, assim... — Concluiu Rocambole, impressionado pela justeza do raciocínio.

— Ora, o melhor meio de paralisar esta polícia consistia em dirigi-la. Foi portanto o meio que escolhi, e para isso deixei cair no chão em certo lugar um documento apropriado. Era um papel falando dos Valetes de Copas, da sua associação, e do fim para que trabalham. Não passavam daquí os pormenores. O resultado foi que Armando, que se tem por espartíssimo, não descanso enquanto me não confiou a grande missão de descobrir o chefe da quadrilha, os seus meios de ação, e os estatutos por que se regem.

— E agora, — perguntou o presidente dos "Valetes de Copas" — que tenciona fazer?

— Desmascarar os tais bandidos.

— Que diz!

— Que há de filiar quatro ou cinco tratantes, aos quais diremos o menos possível, e a quem encarregaremos de um trabalho insignificante. Depois os apanharei em flagrante; serão julgados pela polícia, ou pelo misterioso tribunal do meu querido irmão. Feito isto, deixará de existir a associação dos Valetes de Copas, que não terá sido mais do que a reunião de quatro ou cinco míseros de baixa condição; e então a sociedade ficará salva, graças às minhas providências. Que dizes a isto?

— Você, meu tio — murmurou Rocambole, no auge do assombro — é um homem de gênio!

— E' necessário neste mundo termos préstimos para alguma coisa... — respondeu modestamente sir Williams.

— Isso é magnífico — prosseguiu Rocambole — mas se guarda o segredo da sua vingança, é justo que eu saiba da

famosa operação que lhe tenho ouvido classificar de “gigante”, e para a qual me fez reunir os seis Valetes de Copas, que aqui viu esta noite.

— Vou dizer-te a êsse respeito o que é indispensável que saibas.

— E nada mais, meu filho. Um homem prudente deve guardar o seu último pensamento, como quem guarda a última pêra para matar a sede.

Nisto afastou o baronete a mesa, porque já terminara a refeição, acende uum charuto, recostou-se na poltrona, aspirou uma fumaça:

— Já sabes que o Marquês Van-Hop é um holandês riquíssimo, que passa os invernos em Paris. Afirma não ter de rendimento menos de cinco ou seis mil libras; mas esta riqueza é miséria comparada com a que êle poderia ter se não fôsse casado...

— E' extraordinário!

— E eu te digo como... O Marquês Van-Hop tinha um tio, o qual saiu da Haia pobre como Jó, levando apenas uma trouxa debaixo do braço. Foi para a Índia, entrou para o serviço da Companhia e adquiriu riqueza fabulosa. Quando morreu, legou vinte milhões à sua filha única (filha que êle tivera de uma indiana), mulher que reúne, a todos os instintos de selvagem, a educação da filha de um nababo residente em Londres, e deveras apaixonado por sua majestade britânica.

— Parece o princípio de um romance!...

— Pois o romance é a história da vida! — replicou gravemente o baronete. — Há dez anos foi o Marquês à Índia visitar o tio; por essa ocasião, inspirou violenta paixão à prima, a qual declarou resolutamente ao pai que não casaria, nunca, com outro homem. Infelizmente, o Marquês empreendera uma viagem à roda do mundo, como deve fazer todo o holandês, votado pelos seus antepassados ao culto pelas viagens. O Marquês principiara a sua viagem pelas Antilhas; demorara-se em Havana, onde vira e logo amara uma jovem crioula, chamada Pepa Álvarez. Ora, o Marquês era moço, e não estava ainda dominado pela sede do ouro; e, como era rico, em vez de casar com a prima, voltou a Havana, onde tornou Marquesa Van-Hop a senhorita Pepa Álvarez.

— Estúpido! — murmurou Rocambole. — Dar assim com o pé em vinte milhões!

— Seis tinha eu...

— Isso não é regra — meu tio.

— Pois não será; mas, continuando: o Marquês estava longe de imaginar o vulcão de paixão que acendera no coração da jovem, nascida sob o céu indiano. Amava-o, mas amava-o furiosamente, como os bonzos do seu ardente país amam o deus Siva; e teria sido capaz de arrancar e torcer o coração à Havana, quando ao cabo de três anos sobe a razão porque seu interessante primo, que ela continuava a esperar, não voltava. Ora, há oito anos que o Marquês é casado, e há cinco que a indiana anda meditando uma vingança esplêndida, como eu sei avaliar.

— Logo, odeia o Marquês?

— Qual! Adora-o cada vez mais.

— Penso — disse ingenuamente Rocambole — que não há nada mais fácil, para uma mulher que nasceu na Índia, e possui vinte milhões, do que desembaraçar-se de uma rival.

Sir Williams encolheu os ombros...

— O que se vê é que és muito moço... — falou, em tom de desdém.

Rocambole fitou-o.

— Ora essa! creio que há, pelo menos, cinqüenta meios de tornar um homem viúvo. Se a indiana me desse cem mil francos...

— A mim, prometeu-me cinco milhões... — retorquiu friamente o baronete.

Rocambole não pôde reprimir uma exclamação de espanto.

— E a Marquesa ainda vive?

O baronete fez um gesto afirmativo.

— Então é que a indiana prometeu há uma hora!

— Não... há um ano!

— E você... tem esperado?

— O que te digo (prosseguiu o baronete), é que esta nossa conversação não serve senão para me confirmar a opinião que eu tinha a teu respeito...

— Que opinião é, meu tio?

— E' de que tens falta de perspicácia. Tens boas disposições, excutas perfeitamente um plano, mas...

— Mas o que? — perguntou Rocambole, mordendo os lábios.

— Não sabes concebê-lo. Em suma, és por enquanto muito moço: o resto há de vir com o tempo.

E em seguida acrescentou o baronete, em tom mais suave:

— Pois imaginas, meu estouvado, que, quando uma mulher está loucamente apaixonada por um homem, que não a ama, pelo contrário, ama outra, tenta mandar apunhalar ou envenenar esta última, para conseguir acesso junto dêle?

— Tem razão, meu tio.

— Lembra-te, pateta, de que o Marquês ama sua mulher; e que, se esta morresse, seria êle capaz de se matar: o que faria com que a indiana perdesse inteiramente o tempo e o trabalho.

— Compreendo, perfeitamente...

— Por consequência, é necessário que ao morrer a Marquesa, já o Marquês tenha deixado de amá-la. Ao mesmo tempo, que êle não ame outra mulher que não seja a indiana.

— Diabo! Vou achando o plano complicado!

— Posto isto, a indiana, que soube avaliar perfeitamente a retidão de todos êstes raciocínios, e não quer renunciar ao seu amor, não teve outro recurso senão confiar inteiramente em mim, oferecendo-me cinco milhões.

— E onde foi que a encontrou? perguntou Rocambole, visivelmente embaraçado.

— Em New York, o ano passado. Isso é uma história muito interessante, que vou contar-te.

— Vamos lá...

V

INTRIGA

O baronete acendeu segundo charuto, e prosseguiu:

— Foi poucos dias antes de partirmos de New York. Nossa viagem não tinha sido pobre de peripécias e aventuras: tinhamos tido o que se denomina "altos" e "baixos". A

polícia americana é de boas pessoas; mas não conheço pior país que os Estados Unidos, para se viver honestamente. Não se pode ali fazer nenhum negócio em grande escala. Em uma palavra, eu não trazia, para a Europa, senão uns cem mil francos, miséria, se nos lembrarmos que estivemos três anos na América.

Uma noite, ia entrar no hotel, quando vi passar uma carruagem, puxada a quatro, à "Daumont".

Recostada no fundo da carruagem, uma mulher de vinte e cinco a trinta anos; e notei que tinha uma fisionomia extraordinária, das que nunca se esquecem.

Para um europeu, quero dizer, para um homem que não está iniciado nos mistérios do cruzamento das raças, aquela mulher era branca; e poderia ser julgada uma parisiense morena. Para mim, porém, era mulher de côr; não a que tem nas veias sangue prêto, mas sim sangue indiano, da raça que adora o deus Siva.

No rosto daquela criatura, vestida à européia — como que para ir a Longchamp, levada por um landô, produto elegante da indústria parisiense — transpareciam todos os apetites selváticos, tôdas as paixões vulcânicas, peculiares àquela raça, desabrochada sob o ardor de um céu tórrido.

— Eu, meu tio, não tenho o intento de o lisonjear, mas que é uma narrador de primeira ordem.

O baronete sorriu e continuou.

— A mulher olhou para mim ao mesmo tempo que eu olhava para ela. E, uma vez que fazes apreciações literárias, continuarei a tua metáfora, e direi que a troca de um olhar resume, muitas vêzes, um poema inteiro! Apenas fitei a indiana, logo adivinhei que havia um drama naquela existência; e ela também pressentiu, pelo modo por que a encarei, que era eu talvez o homem que procurava. O fato é que, obedecendo a uma espécie de inspiração súbita, mandou parar a carruagem.

Senti-me atraído, por extravagante fascinação, para aquela carruagem, fitando a mulher com o olhar frio e investigador que tu me conheces, e que penetra até o íntimo da alma.

— Que procura a senhora? — perguntei.

— Procuo um homem de espírito forte... — respondeu, em um tom em que transpareciam tempestades de ódio, por tempo concentrado.

— A senhora está louca de amor, e tem na alma a ardente cólera de uma pantera a quem tivessem arrebatado o tigre querido.

— Assim é... retorquiu ela; nutro um ódio de morte!

— Pois a vingança custa caro.

— Posso vinte milhões... explicou, friamente.

Eu não quis ouvir mais nada; meti-me na carruagem, e sentei-me a seu lado.

Fêz um sinal, a carruagem tornou a partir a trote, e não parou senão no portão de pequenina "vila", rodeada de arvoredo, e situada fora da cidade. Saltei, e ofereci-lhe a mão para que descesse. Conduziu-me a um gabinete situado no ponto extremo da "vila", fechou a porta por dentro, fêz-me sentar junto dela em um sofá, e contou-me a história que já sabes.

— Eu nunca o vi (disse-me); não sei quem é, nem a que país pertence; mas, li-lhe nos olhos que era aquêle que eu esperava para me vingar.

— Tem razão (repliquei), porque sou o vingador por excelência. Qual é o seu desejo?

— Amo meu primo, e quero desposá-lo.

— Para isso, é necessário que a Marquesa morra.

— Bem o sei; e não haveria nada mais fácil. Tenho escravos, que a um simples sinal meu iriam apunhalar a minha rival. Ele, porém, continuaria amando, ainda depois de morta, e eu não quero que a ame.

— Que daria a senhora a quem lhe aplainasse todos êsses obstáculos, a quem fizesse desaparecer a Marquesa e fizesse com que seu primo a amasse?

— Dava quanto me pedisse!

— Muito bem; pois no dia em que a senhora se tornar Marquesa Van-Hop, e se vir amada por seu primo, dá-me cinco milhões?

— E ela será morta?

— De morte violenta.

— E estará morta e esquecida?

— Morta e detestada por aquêle que a terá adorado.

E a crioula fitou-me com um olhar ardente, com que parecia ler no âmago do meu pensamento.

— Diz-me, então, que há de morrer de morte violenta?

— Sim, minha senhora.

— As mãos de quem?

— As mãos do próprio espôso...

A indiana soltou um grito de alegria.

— Será possível! — exclamou ela.

— Em Paris tudo é possível, eu lá estando...

— Mas, enfim...

— Ah! quer saber como? E' inútil. Baste-lhe saber que dentro de uma ano será a Marquesa morta e amaldiçoada pelo marido; e que, ao cabo de seis meses, casará a senhora com seu primo, que passará o resto da vida a seus pés.

A crioula levantou-se, abriu uma secretária, tirou dela pena e papel, e escreveu rapidamente.

— Aqui tem (disse ela, oferecendo-me o papel em que escrevera); aqui tem um pouco de dinheiro para entrar em campanha.

Li o seguinte:

“O Sr. Morton, meu banqueiro em Londres, pagará à vista, quinhentas mil libras de França. — *Dai Natha Van-Hop.*”

— Como vês, a indiana sabia fazer as coisas. Podia-se servi-la sem receio.

Depois, tornou a pegar na pena, e escreveu em uma letra de câmbio:

“Pagarei à vista, ao portador, a soma de cinco milhões. — *Dai-Natha Van-Hop.*”

— No dia do meu casamento, datará o senhor esta letra, que só então terá valor.

— Amanhã (disse), parto para Paris, onde o Marquês Van-Hop passa os invernos. Não pense, portanto, em mim; revista-se de paciência, e tenha fé nas minhas promessas. Se um dia receber uma carta sem assinatura, com a marca de Bougival (próximo de Paris), na qual lhe digam que parta para ali, não se demore...

Após isto, despedi-me da indiana; e dali a dois dias estávamos já no mar largo.

— E... — perguntou Rocambolé — tornou a ver Dai-Natha?

— Vi-a ontem... — respondeu o baronete.

— Está em Paris?

— Há dois dias; e espera...

E, como nos lábios de sir Williams pairou um sorriso, logo Rocambolé percebeu que a Marquesa Van-Hop estava condenada à morte, pela soma de cinco milhões e quinhentos mil francos. Entretanto, o baronete bebia café aos gólinhos, e acendia terceiro charuto.

— Diga ainda uma coisa, meu tio...

— Por enquanto, já te disse quanto podia dizer.

— Percebo que assim seja, quanto à Marquesa, porque, enfim, entrevejo vagamente o terrível drama que preparou, collocando-se do lugar do acaso... Mas a respeito da tal Sra. Malassis?

— Isto é um episódio da nossa ação, do "terrível drama", como dizes. Aparentemente não tem a Sra. Malassis nada de comum com a Marquesa Van-Hop; mas, na realidade são duas mulheres que andam de mãos dadas.

— Como se entende isso?

— O Marquês Van-Hop está ligado com o Duque de Chateau-Mailly.

— Não é banqueiro dêle?

— E', mas além disso sente-se lisonjeado, em sua qualidade de estrangeiro, de ter conseguido acesso para a mulher no arrabalde Saint-Germain, de cuja abóboda é o Duque uma das chaves.

— Mas a Sra. Malassis?

— A Sra. Malassis é amante do Duque.

— Isso sabia eu.

— O Duque casará com ela, se o deixarem, e deserdará assim o sobrinho.

— E você interessa-se pelo sobrinho?

— Não; mas sei que há de largar quinhentos mil francos da herança do tio, se acaso morrer de uma apoplexia fulminante.

— Quinhentos mil francos não são cinco milhões. A indiana é mais generosa.

— Isto não se pode negar; mas é que há ainda muitas razões para que se cuide escrupulosamente de ambos os negócios.

— Ah... tornou Rocambole, deveras embaraçado.

— Em primeiro lugar, — prosseguiu o baronete — o Marquês Van-Hop e sua mulher ignoram completamente da que natureza são as relações da Sra. Malassis com o velho Duque; mas sabem que o Duque está apaixonado por ela, e tem a intenção de a desposar. A Marquesa quer tanto à Sra. Malassis como se ela fôra sua irmã; e, como a supõe honestíssima, deseja, de todo o coração, vê-la casada com o idoso Duque.

O Marquês, porém, tem ainda mais uma razão; uma razão de ódio incurto.

O Marquês ama a mulher, e tem ciúmes até da própria sombra. O sobrinho, herdeiro presuntivo do Sr. de Chateau-Mailly, e que apresentado em casa dela, há de haver dois anos, fêz a côrte à mulher, e, apesar de ter sido mal sucedido, ficou com terrível inimigo no Marquês. O resultado é que o Marquês Van-Hop é o amigo do Duque, que se tem mostrado mais encarniçado em aconselhar-lhe o casamento com a Sra. Malassis.

— Mais nada? — perguntou irônicamente Rocambole — por que enfim, até agora, não sei ainda nenhuma razão, nenhum motivo sério, que ligue os dois negócios.

— A falar verdade, tens razão. Pois, então, confesso que a verdadeira causa dos meus projetos é uma razão aparentemente séria; razão que se resume nestas palavras: “Duas mulheres caem mais facilmente do que uma só”.

No dia em que a Sra. Malassis sentir o coração invadido por um amor (e ela está na idade em que as mulheres os costumam sentir terríveis), há de por força fazer confidência; o dia em que a Marquesa tiver recebido esta confidência, sentir-se-á perturbada, se o Querubim lhe andar já borboleteando em tôrno, e confiará também o seu segredo à Sra. Malassis.

— Acho tudo isso justíssimo, meu tio, mas...

— Mas, o quê? — perguntou o baronete, encrespando os sobrolhos.

— Não digo que não; mas essa tal coisa é a explicação definitiva do negócio; e essa não há de saber...

E sir Williams levantou-se, com a tranqüilidade gelada do homem resolvido a calar o seu segrêdo.

— Afinal, meu tio, frisou Rocambole, resignado a saber apenas o que lhe tinham dito, como você é a sabedoria personificada, peço-lhe perdão de ter sido indiscreto.

— Perdôo-te, sim, sossega...

— E me limitarei a uma pergunta... simples questão de algarismos...

— Trata-se então de dinheiro?

— Exatamente, meu tio.

— Então, que queres saber?

— Fêz-me seu imediato, e por isso sou quem dirige, segundo os seus misteriosos conselhos, todos os Valetes de Copas.

Por isso, tinha-se combinado que em cada operação se dividissem os lucros em três partes: metade para você, um quarto para mim e outro quarto para os valetes.

— O que se disse está dito...

— E será observada a mesma regra na operação Van-Hop-Malassis?

— Pouco mais ou menos... Isto é, terás um milhão, e terão outro os bonecos... Olha!... (exclamou o baronete, interrompendo-se) bonecos, hem?!... Isto é que foi uma denominação bem achada! Se quizeres, nós nos serviremos dela para designar os Valetes de Copas...

— Pois seja assim... Mas, pelo que você disse, divide apenas dois milhões?...

— E' que fico com três para mim.

E o baronete acrescentou estas palavras com uma intonação clara e terminante, que não admitia réplica.

Rocambole sentiu-se dominado, e curvou a cabeça, sera proferir uma única palavra.

— Meu interessante amigo, — concluiu o baronete — tenciono casar com a viúva do Conde Armando de Kergaz, daqui a um ou dois anos, e desejo oferecer-lhe uma corbeilha de noivado, como deve ser.

E falando dêste modo abotou o casaco até ao pescoço.

Chama alguém para me mandares reconduzir.

E, dirigindo-se a uma janela, abriu-a e examinou o tempo.

— O nevoeiro dissipou-se. Manda aparelhar o carro, para me levar ao Palais-Royal.

— Onde e quando o torno a ver? perguntou o presidente dos Valetes de Copas.

— Daqui a três dias...

Rocamble inclinou-se; em seguida tocou a campainha para chamar o *groom*, que estava dormitando na ante-câmara.

O *groom* correu imediatamente a cumprir a ordem.

Sir Williams embuçou-se na capa, ocultando cuidadosamente o rosto, e estendeu a mão ao seu imediato, dizendo:

— Adeus, tratante!

— Até à vista, meu tio.

— Não te esqueças de romper com a Titine...

— Amanhã... E a outra?

— Qual outra?

— A tal que... enfim, você bem sabe...

— Aprende a esperar... Para quem não é impaciente tudo chega quando deve chegar...

Na saleta, abriu Rocamble a porta ao seu chefe e acompanhou-o até à porta da rua, junto da qual o esperava o carro.

Como se vê, sir Williams não saiu pela mesma porta por onde entrara.

Havia três meses que Rocamble residia naquela sôbreloja, para onde se entrava pelo porteiro, e pela vasta escada de um grande palácio, que fôra dividido em quartos para diversos inquilinos, e cuja fachada principal dava para o arrabalde.

Os fundos do palácio confinavam, assim, com a casinha da rua Berriá e a comunicação secreta, que ligava a sôbreloja do palácio à escada de caracol da tal casinha era obra misteriosa de Rocamble.

O meliante abriu a portinhola, abaixou o estribo, e ofereceu respeitosamente a mão ao baronete para o ajudar a subir.

Sir Williams ordenou então ao *groom*, transformado em cocheiro, que rodasse para o Palais-Royal.

Ao cabo de dez minutos apeava-se sir Williams à porta do Chateau-d'Eau.

Sir Williams deu seis francos ao rapaz, e mandou-o embora, encaminhando-se a pé para a rua de Valois, na qual entrou andando apressadamente.

— Rocambole, ia êle pensando, tem ótimas disposições, e creio que hei de fazer dêle coisa que se veja; mas o brejeiro é diabòlicamente curioso... Queria saber a explicação do enigma. Nessa explicação é que está a minha vingança, por que só eu é que sei quais as ramificações que unem aquêles que odio com os que tenho interêsse em ferir. A Sra. Rocher e a Marquesa, o Duque de Chateau-Mailly e Armando, Sra. Malassis e Baccarat... acham-se todos presos uns aos outros... Pertencem-me antecipadamente, e estão envolvidos pela trama que há cinco anos tenho urdido, dia a dia, e hora a hora.

E sir Williams parou de repente, parecendo aplicar o ouvido aos ruidos confusos, aos rumores indecisos, aos murmúrios indecifráveis, que se erguem de noite na cidade gigante, e sobem para o céu como hino incoerente, como a canção impia da Babel moderna.

— Paris! Paris! És o verdadeiro campo de batalha das inteligências, o verdadeiro templo em que a maldade tem o seu culto e os seus pontífices; há de passar eternamente sôbre ti o sôpro do arcanjo das trevas, como as brisas sôbre o infinito dos mares! Tempestade imóvel, oceano de pedra, quero ser, nomeio das tuas ondas enfurecidas, a águia negra, que insulta o ráio, e dorme serrindo por sôbre a tempestade, com a enorme asa estendida; quero ser o anjo do mal, o abutre dos mares, do mais pérfido e tempestuoso dos mares, em que se agitam e desencadciam as paixões humanas... O' Armando de Kergaz, a quem odeio, como as trevas odeiam a luz, estavas louco no dia em que desafiaste!

E o baronete continuou a caminhar, contornou o Palais-Royal, tomou pela rua Vivienne, percorreu-a até o bulevar, que atravessou a altura do arrabalde Montmartre; depois chegou ao extremo do bairro de Breda, e parou à entrada da cidade dos Mártires.

Ali, antes de bater à porta, olhou atentamente para os últimos andares de um prédio situado na Cité, e cuja porta tem atualmente o n.º 7; de uma das janelas do quinto andar saía frouxa claridade.

— Belo! a “gata” está à minha espera.

Sir Williams bateu em seguida à porta n.º 7. A porta abriu-se, o baronete entrou, e, como lhe não perguntaram nada, subiu até o quinto andar, a despeito da escuridão. Chegando ao patamar do quinto andar, bateu à porta da frente.

— Quem é? perguntou de dentro uma voz de mulher.

— Sou a pessoa a quem espera... respondeu sir Williams.

E o baronete acrescentou mentalmente:

— Safa! que o poleiro da futura rival de Baccarat é um tanto alto; mas está em vésperas de cair do seu paraíso d’água-furtada nos cochins de uma caleça! Assim é o mundo!

A porta abriu-se, e sir Williams achou-se face a face com a mais maravilhosa criatura que qualquer pintor amante do ideal poderia imaginar para modelo da Madalena, antes do arrependimento.

VI

JENI

A sala em que entrara o baronete era em extrema pequena, e a mobília duvidosa.

Era, na mais ampla acepção do termo, a sala da pecadora, quer dizer, luxo miserável, móveis comprados peça por peça, cortinas velhas e provenientes do Templo, consolos carregados de insignificâncias pretenciosas, tais como objetos de falso Saxe e vidro da Boêmia.

O chão, de ladrilho, estava coberto com um tapête muito usado; e entre dois candelabros de zinco envernizado, ostentava-se, debaixo de uma redoma, um grupo mitológico, do mesmo metal; em suma, era a opulência da miséria com a sua máxima ingenuidade, com o seu mais completo descaramento.

Contudo, a impressão desagradável, que se experimentava ao entrar naquele reduto, desaparecia inteiramente na presença da divindade que ocupava aquêlo Olimpo de cem escudos.

Era uma rapariga de dezenove para vinte anos, pequena, débil, delicada, com cabelos louros, grandes olhos azuis escuros, que pareciam refletir o azul de um céu do Oriente, com

encantadoras covinhas nas faces, figura esbelta, corpo flexível e ondulante como uma serpente.

Tinha mãos e pés de criança e sorriso de anjo, mas sorriso que de repente se tornava diabólico; testa espaçosa, muito branca, um quase nada preeminente, indicando elevada inteligência. Jeni, que assim se chamava, era ainda a borboleta, larva na véspera, que principia a experimentar as nóveis asas; mas no olhar, na atitude encantadora, e cheia de seduções infernais, adivinhava-se já a envergadura que havia de atingir e o poder de vôo, que chegaria a ter.

Aos vinte anos já sabia Jeni quanto deve saber a mulher que entra na arena mortífera em que o homem é o inimigo, a cidade sitiada, a vítima votada aos deuses infernais, o Prometeu, cujo coração será roído pelos abutres de garras ousadas, de lábios de carmim, de dentes deslumbrantemente alvos, e por entre os quais desliza alternadamente o riso ímpio do ceticismo e da insensibilidade.

Não tivera tempo de aprender, mas adivinhara tudo, caminhando assim do ignorado para o conhecido.

Aos dezesseis anos, saíra Jeni de uma casa de educação, e achava-se órfão, na presença de idoso tutor, infiel e depravado, que lhe roubava os haveres, e lhe oferecia em troca a sua mão e o seu reumatismo.

Jeni, que não tinha pão e nada sabia da vida, aceitou o oferecimento. Aos dezessete anos, notou Jeni que o marido estava quase inteiramente empobrecido, por efeito de péssimas especulações; e como na casa em que a tinham educado lhe haviam ensinado a tocar piano, antes do catecismo, como lhe haviam inoculado a predileção ao luxo, antes de lhe inculcarem princípios sérios, como, enfim, há certas naturezas que nascem com o instinto do mal, que a educação não consegue corrigir, a jovem, uma destas naturezas, gostava do mal pelo mal, como amor e como arte.

Odiava o marido; e como este lhe roubara os haveres, como a condenara a passar a mocidade presa à sua velhice, enfadonha e aborrecida, andou por muito tempo a meditar, com o engenho com que um forçado medita na evasão, na definitiva terminação da sua sentença conjugal.

Uma noite adormeceu ao lado do gotoso marido, sonhando a vida dourada, com o turbilhão de festas e prazeres, em

que é fácil para uma mulher, jovem, inteligente e formosa, deixar-se cair, mesmo das escarpadas eminências da virtude.

De manhã, quando o marido acordou, achou-se só; o passarinho fugira do ninho.

De então em diante tornou-se Jeni francamente pecadora. Não tinha coração, não experimentou remorsos nem escrúpulos. Fugindo do lar conjugal, declarara guerra à ordem social, e partira armada com a sua viçosa juventude e instintos profundamente perversos.

Jeni deveria ter achado uma carruagem, mesmo à porta da casa que abandonava, um palácio e lacaio para a servir.

Mas, se a inteligência pertence à mulher, ao homem pertence inquestionavelmente a estupidez; e enquanto durar o mundo, homens terão vaidade em poder deixar correr ondas de ouro aos pés de mulheres perdidas; muitos homens passarão com um sorriso de indiferença junto do que é realmente belo, para irem ajoelhar diante de meia dúzia de trapos, e de rendas, e de um botão de arrebique, tudo a cobrir uma beleza anosa, e que foge continuamente a luz franca e direta.

Jeni era formosa e tinha dezoito anos; não achou a carruagem, nem o palácio; mas foi, a pé, estabelecer-se em uma sobre-loja da rua Flechier.

Depois principiou a aguçar as rosadas garras, e a afiar o sorriso em empregados de mil escudos. Ao cabo de um ano, tinha laçado um rapaz que a mudou da sobre-loja para uma casa de dois mil e quinhentos francos, na rua Laffite, e lhe deu um carro e criado.

Infelizmente, não teve Jeni tempo de se apresentar. Apenas saboreou por meia dúzia de horas o viver elegante. Três dias depois da suamorganática união com ela, teve o tal moço uma pendência, bateu-se a pistola e recebeu uma bala na testa.

Casa, mobília, e carruagem não estavam ainda pagas. O defunto tinha um irmão, homem positivo, e pouco para galanteios que, na sua qualidade de herdeiro pôs imediatamente a jovem no meio da rua.

De então em diante, até o dia em que encontrou sir William, teve Jeni uma existência recamada de mil vicissitudes.

Foi uma dessas mulheres, de que se ouve dizer com frequência: "Não lhe falta nada para o bom êxito... mas é infeliz!"

Acotovelando continuamente a miséria, tornara-se prêsa do hediondo demônio, gerado pela galantaria moderna sem recursos, denominado "contrabandista". Empoleirada em um sexto andar conseguira tornar a descer para a sobre-loja, mas em breve era posta na rua por um senhorio exigente.

Afinal encontrou sir Williams.

O baronete, qual novo Diógenes, andava em busca de uma mulher para a execução dos seus planos tenebrosos. Uma hora de conversação, e rápido exame, foram-lhe bastante para calcular o que poderia esperar dela.

Na manhã do dia em que os Valetes de Copas se tinham reunido sob a presidência de Rocamble, recebeu Jeni o seguinte bilhete:

"Espere esta noite, das duas para as três horas da manhã; naturalmente a fortuna há de aparecer-lhe sob a forma de um homem, a quem ontem encontrou.

O baronete."

E, com efeito, o baronete fôra pontual.

— Peço-te que me desculpes, disse, sentando-se junto ao fogareiro no qual ardiam tições, o fazer-te esperar até tão tarde.

Jeni não fazia mais do que olhá-lo, atentamente.

— Há tanto tempo que espero alguém, ou alguma coisa, que aprendi a ser paciente.

O baronete parecera ficar encantado com a resposta.

— Tens razão, replicou êle; quem sabe esperar é sempre forte.

Nisto iluminou um relâmpago os olhos azuis da formosa rapariga.

— Ah! exclamou ela, se afinal chega a minha hora!...

— Há de chegar, tem certeza.

Jeni franziu os lábios, e mostrou os dentes, deslumbrantemente alvos, dizendo em seguida:

— Olhe... pode dar-me para roer barras de ouro, que tenho dentes para isso.

Entretanto, mirava sir Williams, como verdadeiro entendedor, aquêles ombros esculturais, a cintura fina e maravi-

lhosamente flexível, os pés de criança, as mãos pequeníssimas guarnecidas de lindíssimas unhas.

Admirava-lhe principalmente a testa inteligente e o olhar profundo, em que se revclava a mais despótica fôrça de vontade.

— Pois se queres, filha falou-lhe após um momento de silêncio, vamos conversar.

— Estou pronta para ouvir.

— Há oito dias ainda eu não te conhecia. Vi-te uma vez, e bastou-me isso para te julgar. Tu és uma mulher fortíssima.

— Talvez seja... retrucou Jeni modestamente.

— Não costumo fazer cumprimentos, continuou o baronete, e, se te digo meu pensamento, é porque desejo fazer negócio contigo.

E sir Williams acentuou muito estas últimas palavras.

— Estou pronta para tudo.

— Dize-me: gostarias de ter um palacete na rua Moncey?

— Um palacete! exclamou Jeni, deslumbrada.

— Entre pátio e jardim, na rua Moncey. Foi o falecido Barão d'O... quem o mandou construir há seis ou sete anos, para a sua amante, lindíssima rapariga, na verdade, conhecida pelo nome de Baccarat...

— Já tenho ouvido falar dela... murmurou Jeni, com discreta admiração. E, então, caiu em decadência?

Não, caiu na verdade, que vem a ser quase a mesma coisa...

Jeni ergueu os olhos ao céu, com expressão trágica:

— Mais uma mulher ao mar!

— Logo, prosseguiu o baronete, podes ter o palacete da rua Moncey.

— Está acaso à venda?

— Não; é meu.

— E' seu!

E Jeni fez uma reverência àquele sujeito, vestido meio à eclesiástica, e cujo aspecto parecia pedir a esmola de um jantar.

— Mandei-o comprar, há três meses, pelo meu procurador, e custou-me baratíssimo: cento e sessenta mil francos, e completamente mobiliado; foi de graça!

— E... quer dar-mo? perguntou Jeni, com voz trêmula.

— Não foi isso exatamente o que eu disse... Repito, filha, que o meu intento é fazer negócio.

Jeni bateu o pé com impaciência, dizendo ao mesmo tempo:

— Senhor! explique-se... Que é que quer de mim? Estará acaso apaixonado?

E estas últimas palavras, proferiu-as em tom irônico.

Sir Williams respondeu com um sorriso; mas êste sorriso iluminou-lhe por tal modo o rosto, que logo mostrou nêle a beleza satânica que lhe era natural.

— Não olhaste bem para mim, meu amor; se assim não fôra terias visto que podias ser muito pior sucedida...

— Desculpe-me, mas o senhor está com roupas de quem tem cinqüenta anos, quando talvez não tenha mais de trinta...

— Vinte e nove... disse o baronete, tranqüilamente. Não se trata, porém, de mim, pequena; porque se eu quisesse, haviam de amar-me por mim mesmo...

— Sem o tal palácio?

— Sem o palácio.

Sir Williams proferiu isto em tom tão convicto, e ao mesmo tempo tão escarneckedor, que fêz estremecer Jeni.

— Afinal, talvez o senhor seja um homem excepcional... Quem sabe?

— Ora, falei-te em um palacete na rua Moncey. Já amanhã, podes ir residir nêle, onde terás carro e três cavalos.

Os olhos de Jeni reluziram, então, como os de um animal feroz, a quem acenassem com uma prêsa.

— Tua criadagem será: uma criada de quarto, um cocheiro, uma cozinheira e um *groom*... E, se tiveres juízo, um camarote nos Italianos.

A Jeni custava acreditá-lo:

— Esquecia-me de uma coisa... serão pagas tôdas as despesas e terás, além disso, mil escudos por mês.

— Ora esta! exclamou Jeni; o senhor quer de certo en-doidecer-me!

— Olha, menina, disse gravemente sir Williams, o que é provável é que espero muito de ti, uma vez que te faço tais antecipações.

— Antecipações! Logo, quer especular comigo?

— Não; quero jogar sôbre um belo capital.

— Que capital é?

— Um homem que possui doze milhões.

— Doze milhões, santo Deus! — explodiu Jeni, quase sufocada. Ah! que se me caísse nas mãos dum homem assim...

— Pois a minha intenção é dar-to.

A cortesã sentiu como que uma vertigem.

— O homem, prosseguiu sir Williams, é casado, e ama apaixonadamente a mulher.

— Far-se-á com que êle perca essa afeição... — concluiu Jeni muito friamente.

— “Hei de confiar-to”, continuou o baronete, dando a estas palavras terrível significação.

— Bem... Fique certo de que há de vê-lo como deseja.

— Dou-te para isso três meses... Trata de o empobrecer e de o tornar idiota, que é o que eu preciso...

— E os doze milhões?

— Isso é outra coisa, em que mais para diante havemos de falar... Por agora sou todo desinterêsse...

— Onde é que tenciona apresentar-me o “pato”?

— Não sei ainda... veremos.

— Não se pode saber como se chama?

— Ora!... Chama-se... Fernando Rocher, esclareceu o baronete, levantando-se. Adeus... até amanhã!

— Boa noite... falou Jeni, trêmula.

Sir Williams deu um passo, e voltou-se para junto dela.

— A propósito, disse-lhe êle, tu te chamas unicamente Jeni. E’ um nome inglês, e não significa coisa alguma...

— Então invente-me outro.

— Há muitas raparigas da tua qualidade, que adotam nomes aristocráticos; é estúpido! Ninguém acredita em tais nome, que afinal não atraem a atenção. O que é necessário é um nome extravagante, original, um nome por exemplo... Esmeralda, Ametista... o azul dos teus olhos é um escuro admirável!... Hás de chamar-te “Turquesa”!

— Que lindo! exclamou Jeni.

— Adeus, Turquesa! Amanhã mudas-te para a rua Moncey.

E sir Williams saiu da rua Neuve-des-Martyres, e dirigiu-se para o palácio de Kergaz, aonde chegou um pouco antes do amanhecer.

Quando atravessava o pátio nos bicos dos pés, viu luz em uma das janelas do segundo andar; e para consigo:

— Olhem como aquêlê pobre Armando trabalha! E' mesmo o maior dos filantropos!

E então, em vez de seguir a ocultas para o seu quarto, reassumiu o aspecto humilde e tímido que ostentava sempre na presença do irmão, e foi-lhe bater à porta do gabinete.

— Entre! disse Armando, em tom de admiração.

O Conde passara a noite a trabalhar.

— Oh! exclamou êle vendo entrar Andréia: então ainda não se deitou a estas horas!

— Cheguei agora mesmo, meu irmão.

— Com efeito!

— E' verdade... Passei a noite fora. Uma vez que me nomeou chefe da sua policia, meu querido irmão, não tenho remédio senão cumprir o meu dever.

— Pois já?

— Ando em uma pista; hão de ver-se tontos comigo os tais Valetes de Copas!

— O que! já achou indícios?

— Calcule! respondeu Andréia. São muito fracos por enquanto, e por isso ainda não lhe digo nada. Boa noite, meu irmão!

E saiu como entrara, de olhos baixos, curvado, e andando como andam os grandes criminosos.

— Pobre irmão! pensou o Sr. de Kergaz; que arrependimento!

O baronete subiu para o seu cubículo, situado no sótão, e fechou-se nêlê. Depois foi sentar-se a uma banca, abriu uma gaveta que estava fechada à chave, e tirou dela um volumoso manuscrito, que pôs diante de si.

Na primeira página do manuscrito, lia-se o seguinte: "Diário da minha segunda vida"!

O Andréia arrependido, o Andréia santo, o ungio por um cilício, escrevia todos os dias algumas linhas naquele manuscrito.

— Eis, — murmurou êle, com um sorriso infernal — um belo monumento de paciência... Trinta linhas cada dia. trinta linhas para expressar o meu arrependimento, e o secreto amor, que me consome... Palavra de honra, é uma lin-

díssima invenção! E tive o cuidado de escrever na primeira página: “E” êste o livro da minha vida, que ninguém lerá; escrevo-o para mim mesmo...” Ora, um dia esqucço-me de fechar esta gaveta, que ficará entreaberta, e permitirá que vejam o livro. Então Armando o lerá, infalivelmente, e ficará surpreso ao chegar, por exemplo, a êste ponto:

O baronete abriu o caderno e leu:

“3 de dezembro. — Como sofri esta noite! Como Joana estava formosa! Joana! aquela que eu amo na sombra, como a ave noturna se atreve a amar a luz, e o forçado a liberdade! Santo Deus! Não me perdoareis um dia!... E não vêdes que as suas carícias, os beijos de esposos, que trocam na minha presença... Ah! Senhor! No dia em que eu raptava Joana, criava por minhas mãos o instrumento do meu suplício... Amei-a exatamente no dia em que minha infâmia cavou um abismo entre mim e ela...”

— Et coetera! murmurou o baronete rindo-se, com o seu riso diabólico. No dia em que Armando ler isto, é capaz de se matar por amor fraternal, a fim de me legar a missão de lhe desposar a viúva...

E sir Williams pegou na pena para escrever as trinta linhas cotidianas, pensando ao mesmo tempo em Fernando Rocher, que era o primeiro a quem devia ferir.

VII

O GABINETE MISTERIOSO

Na época em que principia a nossa narração, havia na rua de Buci-Saint-Germain, quase à entrada da rua do Sena, um prédio muito velho, de aspecto meio senhorial, que devia ter pertencido, um século antes, a um presidente do Parlamento, ou a algum rico procurador do Châtelet.

Não era habitação de burguês, nem tão pouco palácio construído pela nobreza; mas sim um não sei que de intermédio que revelava a magistratura, ramo mais novo da aristocracia francesa.

Precedia o edificio de habitação um pátio pequeno em que era situado o portão de entrada. Por detrás do prédio estendia-se grande jardim melancólico, e cujos arbustos e arvoredo ex-

traordinariamente maltratados indicavam com a maior clareza a incúria do proprietário.

Pertencera por muito tempo a uma família da província; fôra vendida, havia cêrca de seis meses, a uma senhora, moça ainda, e tôda vestida de luto, que a pagara à vista e dela tomara posse no mesmo dia da compra, acompanhada por dois criados.

Pelos trajés e pela tristeza resignada que se lhe notava no rosto, todos a julgaram viúva; deu-se a conhecer na rua de Buci pelo nome de Sra. Charmet.

Conquanto em Paris cada um se ocupe geralmente muito pouco dos vizinhos, o aparecimento da Sra. Charmet na rua Buci causou tal ou qual sensação; em primeiro lugar porque, segundo dizia um velho muito antigo no sítio, ninguém vira nunca habitada a casa que ela comprara; em segundo lugar, pelo cunho de originalidade que parecia distinguir a nova proprietária.

A Sra. Charmet poderia ter vinte e seis anos. Era ainda maravilhosamente formosa, apesar de um tanto emagrecida, e da austera simplicidade do seu vestir. Nos primeiros dias, pareceu misteriosa a sua existência.

Saía tôdas as manhãs às sete horas, em carro de praça, e não voltava senão às dez. De então até à noite sucediam em sua casa, sem interrupção, visitas de personagens sérios, tais como padres e seculares idosos.

Depois, soube-se que a Sra. Charmet era dama de caridade, protetora de muitas obras de beneficência, e estava encarregada de distribuir pelos pobres o rendimento de avultada riqueza.

Em seguida soube-se mais, porém, de modo muito vago, que aquella senhora estava expiando grandes faltas com um viver austero, e que se refugiara nos braços de Deus, depois de ter padecido muito da terrível doença denominada amor mundano.

Ora, a tal senhora não era afinal senão a heroína do primeiro episódio da nossa história; era aquella Madalena que se chamara Baccarat. Como sabemos, no mesmo dia em que Fernando Rocher, o homem a quem tanto amara, casara com a menina de Beaupréau, vestira Baccarat o hábito das irmãs

de caridade novigas, e proferira os votos temporários, que a todo tempo se podem quebrar.

Contudo, quando assim se tornara religiosa, tinha sôror Luísa a convicção de que morreria envolta naquele hábito.

Abandonara o palacete da rua Moncey, e enviara ao Barão d'O... , que a protegia, o seu título de propriedade, e juntamente todos os títulos de dívida pública, e jóias de preço, que êle lhe dera. Debalde o Barão, que a amava loucamente, intentara fazê-la renunciar a tal resolução: chegara a oferecer-lhe a sua mão, proporcionando-lhe assim os meios de viver dali em diante como mulher honesta; e ela mostrara-se inflexível. Afinal não tivera o Barão outro remédio, senão resignar-se a perder a amante, e a ver, a que fôra, na véspera, soberba leoa, sob o humilde hábito das Sorores Pardas.

Baccarat permanecera cêrca de dezoito meses no convento, e estava a ponto de proferir votos mais solenes, quando um caso imprevisto a deteve.

Certa manhã recebeu um bilhete:

“Tive esta manhã um duelo, na mata de Meudon, recebi uma bala no peito, e o doutor A... a quem a senhora conhece perfeitamente, afirma que poucas horas me restam de vida. Não quererá apertar-me a mão pela última vez?”

Esta carta era do barão d'O...

Baccarat correu imediatamente à rua Neuve-des-Matturins, e achou o Barão moribundo, mas no completo gôzo das faculdades intellectuais.

— Minha filha, disse a Baccarat, que ajoelhou chorando à cabeceira daquele homem, que a amara, permite reparar as minhas faltas para contigo, e que te peça perdão... Eras uma rapariga bonita e pura; o meu amor conduziu-te ao vício, e o meu amor há de permitir que repares os meus erros, e faças algum bem.

Tirou de debaixo do travesseiro uma espécie de grande carta lacrada, e deu-a a Baccarat:

— Aqui tens o meu testamento. Sou o último da minha raça; não tenho senão parentes afastados, que não usam do meu nome, e são mais ricos do que eu; lego-te, portanto, quanto possuo para que faças dos bens uma alavanca útil para o bem, e distribuas pelos pobres o rendimento dêles.

Apoiou os lábios nas formosas mãos de Baccarat, e morreu.

A pecadora arrependida não podia rejeitar tal riqueza, destinada à prática do bem; e a sôror Luísa logo calculou que só ela a poderia administrar convenientemente.

Tocada então pela graça divina, lembrou-se da sua primeira existência, da vida dourada que dissimula tantas misérias; pôs-se a pensar nas pobres raparigas entre as quais vivera, que tinham sido, primeiro vítimas e depois algozes, criaturas primitivamente honestas, que a preguiça e a vertigem do luxo vão procurar ao seio do trabalho, e mesmo à cabana onde vivem nas condições mais humildes, e cuja vida é de então em diante condenada a vicissitudes sem número, a alternativas de opulência, e de falta de meios, de alegrias e dores.

E aquela que se chamara Baccarat compreendeu que só ela poderia talvez levar consolações àquele mundo de peccadoras, e arrancar algumas, as mais moças, as menos endurecidas, ou aquelas a quem o amor verdadeiro tivesse tocado com as castas asas, ao turbilhão da vida em que tôdas afinal desaparecem e submergem. Sôror Luísa saiu do convento, e tornou-se a Sra. Charmet.

Foi então que estabeleceu residência na rua Buci, na casa de aspecto frio e severo, em que vamos entrar.

Tudo ali recordava os séculos decorridos; não havia nada que fizesse pensar no presente.

Atravessando-se o pátio entrava-se em um vestibulo um tanto sombrio, e lajeado de mármore prêto e branco.

Do vestibulo passava-se para uma vasta sala, teto e paredes carregados de obra de talha, mobiliado à moda do Império, com cortinados de sêda verde escuro, e cujo aspecto triste e glacial gelava o coração.

Ao lado desta sala havia outra, pequena, de que a Sra. Charmet fizera gabinete de trabalho, oratório, e onde escrevia a sua volumosa correspondência.

A quem tivesse visto o elegante e voluptuoso toucador da Baccarat, dava aquela sala a medida do arrependimento da nonária.

Parecia a cela de uma freira, tão nua, fria e triste era.

Das paredes não pendia um único quadro; as cadeiras eram tôdas de palhinha, o fogão, apagado; e estava-se no rigor do inverno!

Quando chegava alguma visita para a Sra. Charmet, ia para a sala, onde havia excellentes fogos; mas, se estava só, não se movia do tal gabinete.

Entretanto, ao fundo desta última peça, havia uma porta, quase imperceptível, que ocultava um mistério.

Semelhante à pastora que se tornara rainha, e conservara no fundo de um armário de ferro o vestuário da sua primitiva condição, quisera a Sra. Charmet conservar uma recordação da que fôra Baccarat.

Muitas vêzes, à noite, à hora em que já não esperava ninguém, em que se achava terminado o dia da protetora dos pobres, em que os seus criados — mais criados dos pobres do que seus — estavam já deitados; quando naquela vasta habitação reinava profundo silêncio, pegava a jovem senhora em um castiçal, comprimia certa mola oculta na parede, e abria assim a porta misteriosa. Depois, como que em um sonho, achava-se a que fôra Baccarat transportada do austero gabinete de trabalho a outra sala, que se assemelhava à primeira como o paraíso se poderia assemelhar ao inferno.

Era o gabinete de toucador, ou antes o quarto de Baccarat, tal como o descrevemos na primeira parte desta história, tal como existia no palacete da rua Moncey: paredes forradas de sêda côr de pérola, cortinados de veludo roxo, quadrinhos de Moissonnier, o retrato em pé da pecadora, vestida de amazonas, pintados por Lehmann; relógio antigo, magníficos tapetes, cadeiras luxuosas e cômodas, baús de pau rosa, com tôda a linda mobília, enfim, no meio da qual estivera uma noite inteira contemplando o seu querido Fernando, privado dos sentidos. Em cima da lareira estava um medalhão e um punhal.

O medalhão, tirara-o do pescoço de Fernando, durante a noite, no fim da qual o tinham ido prender como um ladrão da última espécie; objeto que, como sabemos, obstara a que ela se julgasse louca.

O punhal era aquêlê que apoiara na garganta de Fani, sua infiel criada de quarto, na noite em que se evadira da casa de saúde.

Baccarat entrava naquele misterioso reduto, fechava-se cuidadosamente, acendia as velas e abria as cortinas do leito: deixavam ver uma grande tela oblonga, representando Fernando Rocher, deitado, e envolto no grande xale inglês que elle lançara aos ombros na rua de S. Luis, de onde o tinham transportado desfalecido para a rua Moncey.

Como possuia ella aquêlê retrato?

Uma noite fôra, pela simples indicação de que havia grande e nobre miséria a aliviar, uma dor heróica a consolar, bater à porta de um pintor, dotado de verdadeiro gênio, que estava a ponto de morrer de fome, esperando a hora da infalível celebridade. O pobre artista morava em um sexto andar, em um quarto sem aquecimento, e estava junto de uma cama, na qual projetavam a sua sinistra claridade duas velas de cêra.

Ai estava o cadáver de uma mulher, muito moça, e formosa ainda a despeito do sôpro da morte. Ao lado, êle collocara o seu cavalete, e fixava, em grande tela, aquêlê rosto querido, que o cozeiro faria em breve desaparecer para sempre; e como o talento mostra sempre, nos momentos solenes, as asas brancas que Deus lhe deu para pairar por sôbre a humanidade, tornara-se o inconsolável amante, repentinamente, grande pintor: fixou na tela a imagem querida, com assombrosa e sublime verdade.

A Sra. Charmet entrou:

— Não me pergunte quem sou: permita-me que chore na sua companhia, e ajoelhe a orar enquanto o senhor trabalha.

E, com effeito, ajoelhou e orou; quando a claridade indecisa da madrugada principiou a iluminar as vidraças do ateliê, cujo último móvel fôra vendido para pagar o derradeiro remédio para a morta, tinha o pintor concluído a obra; mas, então, extinguiu-se o raio do gênio; a dor empolgou novamente o homem, e o homem soluçou.

— O que é necessário, disse-lhe então Baccarat, pegando-lhe nas duas mãos, é que possamos orar por muito tempo sôbre a sepultura daqueles a quem amamos; é necessário que aquella a quem o senhor, dentro de dez anos, teria oferecido o monumento da sua novel nomeada, não seja entregue aos horrores da vala comum... Eu amei e sofri: por isso são

meus irmãos os que têm amado e padecido... Aceite, portanto, isto, meu irmão.

E entregou-lhe um recibo da administração dos cemitérios, recibo da soma de mil francos pela concessão perpétua de um terreno; e a jovem morta não foi para a sua derradeira morada na vala comum e o féretro foi aspergido por um sacerdote, antes de lançarem sôbre êle a primeira pá de terra.

No dia seguinte foi o futuro homem de gênio ajoelhar aos pés da Sra. Charmet, para lhe perguntar qual seria o ato de dedicação com que poderia pagar-lhe a sua dívida de reconhecimento.

— Olhe... faça para mim o mesmo que fêz para si. Há neste mundo um homem que está tão morto para mim, como para o senhor aquela a quem pranteia; e contudo, vive, e vive feliz. Este homem, que deixou de existir para mim, passou uma noite em minha casa, deitado na minha cama, envolto em um xale, que conservo como se fôra uma relíquia... Diga-me, agora, ser-lhe-á bastante vê-lo por um momento, para o poder retratar na atitude que lhe descrevi?

— E'... — respondeu o artista, com a convicção profunda do talento.

Dali a dois dias, no fim da tarde, quando Fernando Rocher saiu de casa, achava-se parada na sua passagem um carruagem, na qual estavam ocultos o moço pintor, e a sua misteriosa protetora.

— E' aquê! —

O pintor fitou Fernando com o olhar límpido, profundo e inteligente, peculiar aos grandes artistas:

— Nunca mais se me apagarão da memória as suas feições!

Decorridos dois meses foi a Baccarat à casa do artista, e mal entrou soltou um grito de espanto.

E' que viu diante de si Fernando — o seu Fernando querido, e perdido para sempre, deitado e coberto com o grande xale escocês; e a ilusão era tão completa, que parecera erguer-se da tela, e desenhar-se vivo sôbre o fundo sombrio das roupas.

— Poderei agora vê-lo até morrer! murmurou ela.

No dia seguinte já o pintor não viu o seu quadro, mas achou em cima da mesa um rolinho de papéis.

Eram vinte notas de mil francos, e um bilhete, sem assinatura:

“Os que amam são irmãos... Adeus.”

Era, pois, para contemplar o retrato, para viver uma hora no passado, com as suas queridas e pungentes recordações, que a austera Sra. Charmet se ocultava tôdas as noites no misterioso retiro.

Corria as cortinas que lhe ocultavam o seu Fernando adormecido, acendia as velas, e permanecia por muito tempo em contemplação ante o seu único amor.

Encontrava-se várias vêzes com Fernando, ora no palácio de Kergaz, ora em casa de sua irmã Cerise. Tanto, porém, ali como em qualquer outra parte, não era Fernando para ela senão o espôso feliz de Hermínia, o homem para quem nunca erguia os olhos.

Na tela, sim: era o homem a quem ela amara, a quem amava ainda, e cujos lábios tinham tocado os seus.

Muitas vêzes, tornava-se a Madalena arrependida joguete da ilusão; esquecia-se para se recordar; imaginava que o passado era um sonho, e que a tela sem vida era, com efeito o seu Fernando, que estava dormindo, e a quem receava acordar!

Que sublime era o consórcio de amor, que assim detinha aquela pobre mulher no meio das suas queridas recordações, fazendo esquecer as horas que passavam rápidas, e as fadigas da sua austera vida!

Não poucas vêzes, surpreendia-a a aurora imersa na sua contemplação.

Então, estancavam de repente as lágrimas da pecadora, que fugia daquele lugar mundano, aonde ia encontrar-se com o seu coração; e a Baccarat desaparecia, deixando em seu lugar a santa mulher votada a Deus; recolhia-se ao quarto ou, em que dormia em uma pobre cama de ferro.

Dois dias depois da conferência de sir James com Jeni, quer dizer, em uma quarta-feira (por conseguinte, no mesmo dia em que devia efetuar-se o baile da Marquesa Van-Hop), soube de repente a sineta que anunciava as visitas, fazendo

estremecer a Sra. Charmet, que se achava então fechando algumas cartas.

Eram pouco mais ou menos cinco horas.

Dirigiu-se para a sala contígua ao gabinete; e apenas ali entrou appareceu um criado annunciando a Marquesa Van-Hop.

Estremeceu ouvindo aquêlê nome: tinha a certeza de não o ouvir pela primeira vez.

Sabia que a Marquesa era uma senhora formosíssima, e muito rica, dotada de virtude inatacável; por isso sentiu uma espécie de humilhação e remorso, lembrando-se de que ella, a cortês de outrora, a Baccarat, ia ver em sua casa uma senhora cuja pureza de costumes era tão justamente respeitada.

Que iria fazer na casa da pobre arrependida a brilhante e virtuosa Marquesa Van-Hop?

Em poucas palavras:

A Marquesa era muito bondosa e esmoler, e consumia somas consideráveis em obras de caridade. Ouvira, poucos dias antes, um sacerdote, que gozava de grande reputação de virtuoso e compassivo, elogiar a Sra. Charmet.

Ora, naquella manhã, recebera a Marquesa uma carta que fizera lembrar immediatamente a Sra. Charmet:

Havia uma jovem, que se dizia à beira do abismo e, não tendo outro recurso além do vício, nem salvação senão na morte, se dirigia naquella carta à Sra. Van-Hop, pedindo-lhe auxílio e protecção.

A tal jovem, a quem a Marquesa não conhecia, morava na rua Beaujou, a dois passos da casa dela.

Ouvira falar da Marquesa, sabia que era caritativa, e por conseguinte apelara para o seu coração.

A Sra. Van-Hop pensara immediatamente na Sra. Charmet.

Ia, portanto, à casa dela para lhe pedir que lhe servisse de intermediária, mas apresentando-se com uma carta do tal sacerdote de quem já falamos.

A fidalga ia rogar à comborça que se tornasse distribuidora das somas que ella queria empregar em aliviar os infortúnios que se lhe dirigiam directamente.

Seja-nos agora permitido lançar um véu sôbre a primeira entrevista das duas mulheres a quem infortúnios comuns deviam mais para diante reunir; limitemo-nos a dizer que era

quarta-feira, dia de grande sarau em que Querubim devia ser apresentado à Marquesa.

Ao cabo de uma hora, voltava a Marquesa para o seu palácio, onde vamos encontrá-la.

VIII

O BAILE

Ao fim de poucas horas depois da visita da Marquesa Van-Hop à Sra. Charmet, parou, na rua da Chaussée d'Antin, um rapaz, em trajos de baile, entrou na porta n.º 45, perguntou se o major Carden estava em casa e, ouvindo a resposta afirmativa do porteiro, subiu a escada, e tocou a campainha da sôbre-loja.

— Quem é o senhor? perguntou o criado que lhe abria a porta.

— Diga que sou o Querubim... respondeu.

Era, com efeito, o valete de copas, cuja belza fizera com que o denominassem Querubim, e que assim se apresentava em casa do personagem a quem Rocamble, no dia da sessão, designara com o título de major.

Querubim (porque lhe conservamos esta alcunha) atravessou uma sala, um quarto de rapaz solteiro, e entrou afinal em uma sala convertida em gabinete de fumar.

Ali estava o major Carden, meio deitado em uma poltrona, com os pés junto à lareira, e um charuto na bôca, esperando sem dúvida a visita, que afinal lhe anunciaram, por que estava vestido e pronto para sair.

Era um homem de cinqüenta anos, muito bem conservado, que ostentava no máximo grau o aspecto militar, a despeito de vestir-se à paisana; no peito brilhavam muitas condecorações estrangeiras.

O Major, cujo nome indicava, afinal origem estrangeira, servira alternativamente na Prússia, na Rússia, na Espanha e em Portugal.

Há três anos residia em Paris, despendendo anualmente uns trinta mil francos, e freqüentando a melhor sociedade.

Pouco importaria fôsse rico ou pobre. O fato é que vestia o mais elegantemente, pagava pontualmente as suas despesas,

e possuía uma casa muito completa, e três cavalos finíssimos. Não se podia em consequência exigir-lhe mais.

O criado anunciou Querubim; o major voltou-se e estendeu a mão ao recém-chegado.

— O senhor é pontual; e a pontualidade representa por si só meio sucesso. Sente-se, que temos tempo de fumar um charuto. O maior número dos convidados da Marquesa não afluirá senão pela meia-noite. Chegaremos às dez e meia, e acha-lá-emos quase só. E' o momento favorável para a sua apresentação.

Querubim sentou-se na poltrona que o major lhe aproximou.

— A propósito, diga-me como se chama; porque, enfim, Querubim é evidentemente um nome lisonjeiro, tendo-se em conta os feitos que o fizeram merecer, mas na verdade não é um nome.

— Chamo-me Oscar de Verny.

— Já serviu?

— Não, major.

— Muito bem. Fiz-lhe esta pergunta para obstar a algum equívoco.

E o major, dando a Querubim a charuteira, prosseguiu:

— O senhor possui uma das fisionomias mais apropriadas para transtornar a cabeça de qualquer mulher. Mas, em amor, não é a fisionomia o único penhor do bom êxito. Um homem demasiadamente belo tem até de lutar com certos preconceitos, na presença de uma mulher inteligente... e a Marquesa...

— Compreendo perfeitamente... — advertiu Querubim, mas não se inquiete, que sei o meu officio.

Esta resposta, dada em tom um tanto sêco, fechou a bôca ao major, que se contentou em dizer:

— Bem; faça o que entender.

— Que idéia faz da nossa associação?

— Ora! a melhor possível.

— Isso não é responder.

— Que é então que quer saber?

— Simplesmente o que é que arriscamos neste negócio.

Porque, enfim, não sei se o senhor está melhor informado do que eu; quanto a mim, confesso-lhe que ando nisto tudo urtando às cegas.

O que peço ao meu amigo Querubim é que se explique, ou pelo menos que me interrogue mais claramente.

Pois seja assim — respondeu Querubim. — Como foi que o senhor entrou para a associação?

Pelo mesmo modo que o senhor, por intermédio do Visconde de Chambolh.

E não conhece o chefe?

Não... — tornou o major, no tom da mais profunda verdade.

E não lhe parece que procedemos muito pouco sensatamente?

Em que?

Em obedecermos por tal modo a um poder desconhecido.

— Que importa isso, se êle cumprir as suas promessas como as tem cumprido até aqui?

— O nosso jôgo, porém, é fortíssimo...

— Não me parece...

— Suponho pouco perigoso o que nós fazemos por ser das coisas que a policia quase difficilmente comprova. "Nós somos amáveis e amamo-nos."

O major sorriu e fitou Querubim.

— Que mal há nisso? perguntou.

— Nenhum, na verdade.

— Suponhamos agora que dos nossos amores resultam conseqüências funestas; que somos indiscretos, ou estouvados... O que é que acontece se succede uma catástrofe? Será isso um crime em que os tribunais tenham alçada?

— Tem razão — retorquiu Querubim.

— Eu — concluiu o major — não sei qual é o papel que têm de desempenhar os nossos associados; o que sei que o seu não tem o mínimo perigo. Ninguém neste mundo poderia provar que eu ainda entem o não conhecia. Ora, encontramo-nos nos banhos de mar, em uma sala, em qualquer parte, enfim, e achei o meu amigo um homem distinto. E como tal julguei poder apresentá-lo em casa da Marquesa. Succede depois que a Marquesa é formosa, e o senhor se apaixonou por ela, e que o senhor é belo, e lhe inspira igual paixão... Que tenho eu com isso? Em consciência, nem o próprio Marquês poderia querer-me mal...

— Ao senhor, não; mas a mim?

— Ao senhor, tanto como a mim! o senhor não é amigo do Marquês; logo não podem acusá-lo de o ter atraído. O Marquês tem o direito de o matar; mas com isso nada tem que ver a justiça; porque evidentemente o Marquês não é homem que recorra à policia correccional. O mais que o senhor se arrisca é a um duelo.

— Nesse caso, disse tranqüilamente Querubim, podemos avançar.

O major tocou a campainha.

— João, ordenou ao criado, prepara o tîlburi, que eu mesmo guio.

Dali a dez minutos estava executada a ordem do major.

— Calçou as luvas, vestiu o sobretudo branco — objeto de vestuário muito usado então — e ao Querubim:

— Vamos... Estou às suas ordens.

Eram dez horas e meia.

O palácio do Marquês Van-Hop era situado no extremo dos Campos-Elíseos, à entrada da aldeia das viúvas.

Quando o tîlburi chegou ao portão, já estavam enfileiradas no pátio várias carruagens particulares.

Contudo, poucos convidados tinham já chegado; e a festa, que prometia ser brilhante, a julgar pelos preparativos, estava apenas em princípio.

Em tórno da Marquesa achavam-se quando muito trinta pessoas, isto no toucador, que era contíguo à sala do primeiro andar, e onde o Marquês recebia as senhoras, à proporção que iam chegando. Já entrevimos a Marquesa; algumas linhas sobre o Marquês.

Van-Hop era homem de cêrca de quarenta anos, mas parecia ter apenas trinta e cinco.

Alto, já um tanto gordo, e indicando no todo grandes tendências apopléticas.

Louro, ligeiramente corado, era o Marquês, na realidade, um homem do norte.

Sorriso e olhar muito suave; mas fâcilmente se adivinhava que aquêlê homem de aparênciã hercúlea, devia ser sujeito a terríveis acessos de cólera.

Van-Hop era bondoso, em extremo leal, e até afetuoso, mas ciumento da espôsa.

Era horrivelmente cioso da mulher, não como o homem que se julga traído, mas como aquêlê que teme de o vir a ser.

Bastava pois o ciúme para envenenar o viver tranqüilo, feliz e opulento de rico banqueiro holandês; e muito mais por ele empregar todos os esforços para dissimular o seu padecimento, estudando continuamente o modo de parecer o homem menos ciumento dêste mundo. Por conseguinte, dava bailes, levava a mulher a muitas reuniões da melhor sociedade, à ópera, aos Italianos, a tôda parte, enfim.

No verão, mostravam-se, o Marquês e a Marquesa Van-Hop, sucessivamente nos banhos de Bade, nos Pirineus, em Vichy, e nas praias.

De inverno abriam as suas salas tôdas as quartas-feiras à aristocracia parisiense das duas margens do Sena, salas que eram uma espécie de terreno neutro, onde se reuniam cordialmente a burguesia dinheirosa e a aristocrática.

Naquela noite estava o Marquês conversando quando chegaram o major e o seu protegido, com um velho de elevada estatura, e de cêrca de setenta anos; mas indubitavelmente não queria mostrar ter mais de cinqüenta.

Era o Duque de Chateau-Mailly.

O Duque, que fôra general de cavalaria, era, como disse-mos, muito alto, e devia ter sido interessante na sua idade madura.

Os sucessos que lhe tinham preenchido o passado davam-lhe volta à cabeça, quando já na velhice; de modo que o Duque se julgava ainda amado desinteressadamente, com a maior boa-fé possível.

Por esta razão, tingia os cabelos e o bigode, e usava continuamente um espartilho.

O vestuário, excessivamente aprimorado, era ainda realçado por um feixe de fitas de diferentes condecorações que lhe ornava a casaca.

O Duque e o seu hospedeiro andavam passeando na sala, quase deserta, dando sempre a volta junto da porta do toucador, onde se achava a Marquesa, rodeada pelos poucos convidados que já tinham chegado.

Junto da Marquesa, e assentada no mesmo sofá, ter-se-ia notado uma senhora cuja beleza parecia maravilhosa, e que suportava admiravelmente o brilho das luzes.

Teria ela apenas vinte e cinco anos, ou estava prestes a tocar os tristes limites dos quarenta?

Era o que ninguém, de noite, à luz dos lustres e candelabros, teria podido dizer.

Aquela mulher, que manejava o leque com a graça imponente de uma espanhola, que dava à cabeça movimentos deliciosos e mostrava sorrisos de encantar, era a Sra. Malassis, a amiga íntima da Marquesa Van-Hop.

O Marquês e o idoso Duque chegavam periodicamente até à porta do toucador, que estava inteiramente aberta, giravam sobre os tacões, e recomeçavam o passeio. O velho Duque, porém, sempre tinha tempo, de cada uma das vezes, de trocar com a Sra. de Malassis impenetrável olhar, e um meio sorriso.

O major, assim que entrou, foi direito ao Marquês.

Este estendeu-lhe a mão com cortesia e familiaridade que atestavam a intimidade de que o major gozava naquela casa.

— Permite-me, caro Marquês, que lhe apresente um dos meus amigos, ou, para melhor dizer, um dos meus parentes, o Sr. Oscar de Verny?

E apresentou Querubim.

Querubim inclinou-se e o Marquês Van-Hop, que se preparava para fazer o cumprimento fútil, que dirigia naquela noite a centenas de pessoas indiferentes, ou desconhecidas, entrou de súbito a tremer.

Querubim justificava, com efeito, para um marido ciumento, como era Van-Hop, a alcunha que lhe tinham posto.

Possuía incontestavelmente a beleza maravilhosa e fatídica, que seduz sempre as mulheres de imaginação exaltada, e caráter romântico.

Querubim, tornado Oscar de Verny, resumia escrupulosamente o tipo do moço libertino, já um tanto embotado, de olhar meio velado, o rosto empalidecido pelas vigílias, mas que parece ter em si o cunho da fatalidade indelével, que revela missão a cumprir.

Podia-se dizer ao vê-lo:

“Aqui está um rapaz que prescreveu a si próprio o papel de sedutor, e o desempenha conscienciosamente, sem que o detenha a mínima consideração.”

O major e Querubim se afastaram depois de o cumprimentar, para lhe não interromperem a conversação com o Sr. de Chateau-Mailly.

O major entrou afinal no toucador, acompanhado do seu protegido.

Estava a Sra. Van-Hop ouvindo uma anedota, contada pela Sra. Malassis, com tal graça, que os sorrisos aprovadores arqueavam os lábios de todos os ouvintes, ao passo que a Marquesa manifestava a sua alegria com uma risada das mais francas.

Junto da Marquesa estava um rapaz muito alto e louro, de vinte e sete a vinte e oito anos, cuja atitude severa parecia contrastar com o aspecto jovial das pessoas que o rodeavam. Era, na verdade, muito interessante, atendendo-se às mais rigorosas leis da beleza plástica; tinha extraordinário cunho de finura e distinção.

Era o sobrinho do Duque de Chateau-Mailly.

O Conde ouvia sem sorrir, nem manifestar o mínimo sinal de aprovação, a narrativa da Sra. Malassis.

Até mesmo lhe entreabria os lábios certa expressão de desdenhosa altivez, ouvindo falar a viúva.

Por detrás dêle estava um homem, cuja fisionomia original e vestuário excêntrico não tinha ainda atarido as atenções, que se devia atribuir ao interêsse promovido pela narração da formosa viúva.

Imagine-se um homem com o rosto côr de tijolo, de cabelos extraordinariamente ruivos, que lhe chegavam aos ombros, com argolas de ouro nas orelhas, magníficos diamantes nos dedos e no peitilho da camisa, casaca azul claro, calças muito largas e um imenso colarinho britânico, dos que fazem desaparecer o queixo, a bôca e parte das orelhas. Com toda a certeza, se tal personagem tão extravagante pelo vestuário como pela fisionomia não houvesse tido a precaução de se conservar um tanto afastado, ter-se-ia tornado alvo de todos os olhares.

Seria inútil assinar-lhe outra pátria que não a nebulosa Albion; e pela sua parte justificava plenamente o seu nome de Sir Artur Collins.

Sir Artur chegara na manhã daquele dia à casa do Marquês Van-Hop, munido de uma carta de recomendação, e ao

mesmo tempo de crédito, da casa Fly Barris & C., de Londres, uma das mais poderosas casas bancárias da Inglaterra. O Marquês contara a sir Artur as dez mil libras mencionadas na carta de crédito, e convidara-o para o seu baile. Sir Artur apresentara-se, pontualmente às dez horas, conversara detidamente com a Marquesa, que então ainda estava só, e, depois, pusera-se modestamente de parte, logo que tinham principiado a chegar os convidados.

Ora, no momento em que a Sra. Malassis terminava a sua história, tocou sir Artur com um dedo, muito de leve, no ombro do Conde.

Este voltou-se, e manifestou extraordinário assombro, ante o aspecto do excêntrico personagem.

— Peço desculpas de o distrair, Sr. Conde, disse sir Artur em voz baixa, e em ótimo francês, apesar do pronúncia-díssimo acento britânico; mas desejava conversar um momento com V. Exa.

O Conde recuou meia dúzia de passos, deveras embaraçado, e acompanhou o inglês para um dos cantos da sala.

— Sr. Conde, prosseguiu sir Artur, sem se afastar por um único instante da melopéia e da pronúncia britânica; V. Exa. vê-me hoje pela primeira vez, e por isso acha-me talvez indiscreto...

— De modo nenhum, milorde... — respondeu o Conde muito cortêsmente.

— Oh! retrucou o inglês, eu não sou lorde, mas isso pouco importa... O meu desejo, Sr. Conde, é falar-lhe de uma pessoa que se acha aqui, e que, de certo, lhe não é indiferente.

O Conde mostrou-se admirado.

— Que idéia faz — continuou o inglês — daquela senhora, que há pouco divertiu tôdas as pessoas que a ouviram?

O Conde estremeceu.

— Eu... absolutamente nenhuma.

— V. Exa., acha-a muito engraçada?

— Tanto como qualquer perfumaria reformada.

Pelos lábios de sir Artur Collins passou então um sorriso enigmático.

— E' muito formosa...

— Tem quarenta anos...

Trinta e seis, Sr. Conde.

Peis seja assim... e então?

— E' o Sr. Duque de Chateau-Mailly, tio de V. Exa. ...

Desta vez não pôde o Conde sustener um gesto de surpresa, e fitou o seu extraordinário interlocutor, a quem nunca tinha visto, e que assim o chamara de parte para lhe falar do seu tio, e da sua misteriosa paixão.

— Seu tio, concluiu friamente o inglês, é de opinião diametralmente oposta à sua, Sr. Conde; e a prova é...

— Ah! disse o Conde, então o Senhor tem uma prova?

— Tenho.

— Que prova é?

— E' que, antes de um mês, a Sra. Malassis, viúva de um perfumista, senhora de costumes mais que duvidosos, apesar da sua afetada virtude, será Duquesa de Chateau-Mailly.

O Conde tornou-se lívido, e mordeu os lábios.

— Sei perfeitamente, prosseguiu sir Artur, que lhe não dou uma novidade, e que V. Exa. espera há muito tal acontecimento, pelo modo por que o condenado, que não pode escapar ao executor, espera a tremer o golpe do cutelo.

— Senhor... balbuciou o Conde.

— Peço desculpa... falou sir Artur, com a mais perfeita tranqüilidade, e inclinando-se novamente; mas espero que me ouça sem demasiada impaciência, porque tenho, estou certo, motivo muito poderoso para lhe tocar neste deplorável assunto; queira ouvir-me.

E o inglês sentou-se em um sofá, e convidou com um gesto o Conde a que o imitasse.

Depois:

— O Sr. Duque de Chateau-Mailly possui imensa riqueza, de que V. Exa. deveria ser o herdeiro. Entretanto, ira parar integralmente às mãos da Sra. Malassis, à qual fará uma doação universal, por meio de uma escritura de casamento... Isto é inevitável.

— Qual porém a razão — disse o Conde com voz abafada — que o impele a tornar-se profeta de desventuras, e anunciar-me o que eu há tanto tempo, infelizmente, pressinto?

— E' que eu, Sr. Conde, prometi a mim mesmo fazê-lo tocar com o dedo na desgraça que o ameaça; é que talvez...

E neste ponto deteve-se sir Artur.

— Talvez?... — repetiu o Conde.

— E' que, talvez, — concluiu êle pausadamente — não haja neste mundo senão um homem que possa obstar ao casamento do Duque de Chateau-Mailly, e conservar a V. Exa. a sua herança.

O Conde reprimiu com dificuldade uma exclamação, e perguntou:

— E... êsse homem?

— Sou eu... — respondeu sir Artur.

Ao mesmo tempo annunciou um criado, da porta da sala, o Sr. Fernando Rocher e sua espôsa.

IX

SIR ARTUR COLLINS

Sir Artur nem pestanejou, e continuou a conversar afastado dos demais convidados, como o moço Conde de Chateau-Mailly.

— O senhor!... murmurou êste último; o senhor!

— Eu mesmo... repetiu sir Artur.

— Como porém... poderia...

— Atravessei o Estreito e vim expressamente a Paris para êsse fim... Contudo...

— Há sem dúvida obstáculo? perguntou o Conde.

— Pode havê-los da parte de V. Exa.

— Da minha parte?!

— De certo... Pode não querer aceder a umas condiçõeszinhas...

— Já sei... disse o Conde; naturalmente, propõe-me um negócio...

— Talvez... Devo, porém, principiar por declarar que não se trata de dinheiro.

Esta resposta desnortou um tanto o moço Conde. Julgara ter adivinhado, e não adivinhara nada.

— Peço-lhe que se explique: confesso que o não entendo

Sir Artur cruzou as pernas, com extrema negligência, inclinou-se uma quase nada; e ao ouvido do seu interlocutor:

Se lhe pedissem um milhão da herança do Duque, no caso de o senhor ser herdeiro, dá-lo-ia?

- De muito boa vontade.

Pois sossegue, que não peço. Entre nós, como lhe disse, não se trata de dinheiro. O que eu queria unicamente era avaliar a extensão dos sacrifícios que seria capaz de fazer para obter o resultado que lhe prometo.

O Conde estava visivelmente ansioso.

Examinando atentamente aquêlê singular personagem, experimentou êle uma sensação de susto. O olhar do inglês era frio e acerado como a lâmina de uma espada, e o seu gesto, sombrio, tinha um cunho de fatalidade inaudita; de modo que o Conde julgou que o homem devia ser terrível, apesar do seu ridículo envoltório.

— Meu querido Conde (disse sir Artur, em tom mais íntimo), o Duque seu tio é um ancião apaixonado, e além disso é dotado de um temperamento manifestamente apoplético.

— Quer o senhor dizer?... murmurou o Conde empalidecendo.

— Que seu tio se visse falhar o casamento que anda meditando, podia muito bem succumbir a uma apoplexia.

E acompanhou estas palavras com um sorriso que fêz estremecer o Conde.

— Ouça... prosseguiu; o Duque está apaixonado, e, como todos os apaixonados de setenta anos, é surdo e cego. A Sra. Malassis foi leviana, mas leviana como costumam ser as mulheres prudentes: por isso não deixou o mínimo vestígio sério do seu passado. Logo tudo que se pudesse dizer ou fazer, para desconceituar a Sra. Malassis no espírito do Conde, seria inteiramente inútil.

— Seria necessária uma de certas provas irrecusáveis, palpáveis, estrondosas, perante as quais se dissipa infalivelmente a dúvida, para fazer recuar o Sr. Chateau-Mailly. Esta prova, tenho eu a certeza de que não existe... ou, para melhor dizer, não existe ainda.

Ouvindo estas últimas palavras fêz o Conde um movimento arrebatado, murmurando:

— Na verdade... forcejo debalde por perceber.

— Não se impaciente. Eu disse que a tal prova não existe ainda; mas posso fazer com que exista.

— O senhor! exclamou estupefato o Conde.

— Eu. E, perante a prova a que me refiro, ficará fulminado o Sr. de Chateau-Mailly; e não verá depois, na mulher a quem intenta tornar sua espôsa, senão a mais vil das criaturas.

O Conde ficou pensativo, e manifestamente hesitante.

— Note, prosseguiu o inglês, que seu tio é septuagenário, e pertence à geração de velhos desregrados, que maltrataram o corpo a tal ponto que basta um sôpro para os matar. Quem lhe afiança que após oito dias de himeneu não ache a Sra. Malassis o espôso morto a seu lado?

— Isso pode muito bem suceder...

— Dado êste caso, o Sr. Conde se convencerá de que, por excesso de delicadeza, abreviou a vida do seu tio, deixando-o consumir desassombadamente uma aliança vergonhosa e que, demais a mais, o deserdava.

O Conde entretanto refletia, e não respondia.

— Ora, ouvido isto, decida-se... insistiu sir Artur. Eu não creio que o Sr. Conde tenha empenho na ventura da Sra. Malassis.

O Conde ergueu de repente a cabeça, e fitou sir Artur.

Admitindo que lhe dou carta branca... uma vez que o senhor... não quer... dinheiro e não pode deixar de querer prescrever condições, que espera de mim?

Sir Artur fitou atentamente o moço Conde:

— Saiba, Sr. Conde, que há neste mundo uma mulher que me pisou aos pés.

O Conde olhou de soslaio para sir Artur e conveio consigo mesmo que os cabelos de estopa do insular podiam até certo ponto qualificar os rigores de que se queixava.

— Essa mulher, prosseguiu sir Artur, é moça, formosa, rica e requestada. Tem tôdas as qualidades que podem e devem transtornar o juízo dum homem como o Sr. Conde.

— E então? perguntou o Conde.

— Então, se o Sr. Conde quer dar-me a palavra de honra de que fará uma espécie de côrte a mulher de quem lhe falo e de pôr em prática quanto lhe fôr possível para a obrigar a amá-lo...

— Oh! exclamou o Conde em tom de veras leviano, o senhor tem singular modo de vingar-se!

— Sou inglês...

Esta resposta era lógica, e fechou a bôca do Conde.

O senhor — replicou gravemente o Conde — ofereceu-me um meio de reconquistar a minha herança, que nunca poderia ser rejeitado por um homem moço e fogoso. Ainda assim é necessário prever tudo... A mulher de quem fala... é...

A virtude personificada — respondeu sir Artur. Creia que lhe não proponho fácil tarefa, mas, enfim, quando se quer...

— Tem razão. Às vèzes, porém, é necessário ter muita paciência, de modo que posso ter de esperar seis meses... um ano...

— Isso pouco importa... Também sou paciente.

— E se meu tio se casa?

— V. Exa. é um homem de bem?

— Creio que sim.

— Se me fizer um juramento, não deixará de o cumprir?

— Cumpri-lo-ei.

— Jure-me então: se eu obstar êsse casamento, será tão fiel nos seus compromissos para comigo, como eu o teria sido para com V. Exa.?

— Assim o juro! acentuou o Conde. Mas...

— Pelo que vejo, temos uma restrição?

— Sem dúvida.

— Qual é?

— Há casos em que eu não poderia ser nunca bem sucedido, apesar de todos os meus esforços.

— Se V. Exa. empregar todos os esforços, e êsses esforços, combinados com os meus...

— Ah! então me ajudará?

— Está claro. E eu, acrescentou sorrindo, quando quero, posso. Assim, pois, se a despeito do meu auxílio V. Exa. fôr mal sucedido, depois de ter empregado tôda a sua energia e força de vontade, é porque a minha vingança é impossível; portanto, resignar-me-ei.

— Sendo assim, aceito as condições e renovo o juramento.

E o Conde jurou novamente.

Agora, tornou o inglês, só me resta dizer-lhe o seguinte: não deve nunca esquecer que estamos ligados por um pacto que deve ser ignorado por todo mundo.

— Serei mudo, creia.

— E deve ser, porque a mínima indiscrição da sua parte deitaria tudo a perder, obrigando-me a sair de Paris, e a renunciar a acompanhá-lo.

O Conde inclinou-se.

— Agora, posso perguntar-lhe quem é essa mulher?

— Silêncio! — impôs sir Artur. — E' provável que esta noite, em uma destas salas em que estamos, haja uma provocação em voz baixa, entre dois homens, e é também provável que o Sr. Conde seja testemunha dela.

— E então? perguntou o Sr. de Chateau-Mailly.

— Então, um dos tais dois homens há de ser o marido da mulher de quem lhe falei.

O Conde fez um gesto de surpresa.

— Desde então tratará V. Exa. de cortejar a mulher, porque o marido talvez saia do baile sem ela...

Quando proferia estas palavras, soaram onze horas no relógio do toucador, e ouviram-se no mesmo tempo os prelúdios de uma valsa.

— Adeus... falou o inglês; em breve nos veremos.

E saiu do toucador para a sala do jogo, onde se estavam preparando as mesas para o *whist*, ao passo que o moço Conde tratou de ir valsar.

Levantou-se a Marquesa e deu o braço a um dos que se achavam junto dela. A êsse tempo aproximou-se-lhe o major Carden, e apresentou-lhe Querubim, ou para melhor dizer, Oscar de Verny.

Há ocasiões em que nos sentimos assaltados pelos mais extravagantes pressentimentos.

Na presença do rapaz, que soubera assumir atitude tímida e reservada, baixando modestamente os olhos, experimentou a crioula extraordinária sensação.

Dir-se-ia que aquêl desconhecido, que assim lhe parecia tão naturalmente no meio de uma festa, era um agente misterioso da fatalidade que lhe entrava na vida.

A Marquesa foi depois dar a mão a um homem de idade madura, a quem disse em voz baixa:

— Quer fazer-me valsar?

Dizia o major, ao ouvido de Querubim:

— O nosso misterioso chefe não se enganou contando com o efeito que havia de causar a fisionomia do meu amigo.

A Marquesa já está perturbada, e o marido não pode ocultar o crime.

Está certo disso? perguntou Querubim, estremecendo.

O caso é extraordinário e inaudito, mas nem por isso deixa de ser verdadeiro. A Marquesa passa a vida no meio dos homens mais sedutores dêste mundo, e olha para todos com a mais perfeita indiferença; de repente, aparece-lhe o meu amigo, e ela empalidece e perturba-se... Sabe por quê? concluiu o major.

Não sei... retorquiu Querubim; não obstante, já tenho notado muitas vêzes a fascinação que exerço nas mulheres quando me vêem pela primeira vez.

Enquanto o major e Querubim trocavam estas palavras, relanceava o Conde de Chateau-Mailly a vista por um grupo de senhoras, a fim de escolher entre elas um para a valsa.

De repente, fitou Fernando Rocher.

Era a primeira vez que Fernando e sua mulher iam aos grandes bailes da Marquesa, com quem se tinham encontrado em Vichy, no verão precedente.

O Sr. de Chateau-Mailly nunca vira Hermínia; mas, achou-a formosa; e, guiado pelo faro do homem desocupado, que passa a vida em busca de aventuras, foi convidá-la para a valsa.

Hermínia, como sabemos, era alta, esbelta e valsava maravilhosamente.

O Conde era moço; e o seu caráter meio melancólico fazia-o adorar a valsa alemã, que é a rainha das valsas.

Pelo espaço de vinte minutos arrebatou a jovem senhora, ofegante nos braços, esquecendo-se um tanto do extravagante personagem com quem pouco antes estivera conversando, e do extraordinário juramento que lhe fizera.

Quando expirou o último suspiro da valsa, o Conde, um tanto tonto pelo vertiginoso rodopiar, reconduziu Hermínia ao seu lugar, e encarou-a.

É realmente encantadora! pensou êle; e, se, por acaso fosse esta a que me está reservada como vítima, ganharia a herança do meu tio sem a mínima repugnância.

Pensando assim, relanceou o Conde em tôrno olhos investigadores, procurando o excêntrico sir Artur.

Sir Artur, porém, não estava naquella sala.

Achava-se a um canto da sala de jôgo, junto de mesa que ia ficando êrma de jogadores.

Sua atitude melancólica parecia indicar o desejo de achar um parceiro.

Nisto passou um moço de fisionomia atrevida e de cabeça erguida.

Ia pela primeira vez à casa da Marquesa Van-Hop: fôra apresentado por um estrangeiro de distinção. Chamava-se o Visconde de Cambolh.

Segundo diziam, vivia luxuosamente, possuía excelentes cavalos, e residia em deliciosa casa do arrabalde Saint-Honoré. O Visconde de Cambolh parou com um ar indiferente diante da mesa, pegou em um baralho de cartas e pôs-se a lançá-las a uma e uma, ora para a direita, ora para a esquerda, como se estivesse cartecendo.

Sir Artur se lhe aproximou com a rigidez própria dos filhos de Albion e disse-lhe:

— Quer jogar uma partida com um cavalheiro desejoso de jogar, e sem parceiro?

O Visconde de Cambolh inclinou-se, sentou-se e lançou com indiferença cinco luíses em cima da mesa. O inglês fêz uma cortesia, sentou-se também e abriu a carteira de onde tirou uma nota de cinco libras.

Em seguida principiou muito silenciosamente a partida.

A mesa estava a um canto da sala, onde se achava ainda, muito pouca gente, e onde um *whist* a cinco luíses o tento estava absorvendo a curiosidade geral.

Os dois jogadores estavam, pois, perfeitamente isolados; de modo que podiam conversar a meia voz, sem o mínimo receio de que os ouvissem.

Sir Artur Collins perdeu então, como por encanto, a acentuação britânica.

— Palavra de honra, amigo Rocamble! estás um verdadeiro gentilhomen, na mais ampla acepção.

— Ora! disse modestamente o Visconde de Cambolh; faz-se o que se pode. . . Mas você capitão, prosseguiu êle com profunda admiração, é o mais perfeito inglês que já vi. E os cabelos ruivos, essa côr de tijolo, a pança, tornam-no tão desconhecido, que eu próprio me haveria enganado se o não tivesse visto vestir-se e caracterizar-se.

O baronete sir Williams pôs-se a rir.

É certo que o filantropo meu irmão não me conheceu, no dia do meu duelo com o Bastien; também hoje não me conhecerá.

Vamos a saber: quando devemos principiar?

Está tudo pronto; necessário é esperar a ocasião. A Turquesa está prevenida, e mora desde ontem de manhã, na rua Moncey, sabendo já de cor o seu papel. E tu?

Estou seguríssimo do golpe secreto, e não tenho tanta dúvida sobre a identidade de sir Artur Collins e também de sir Williams.

Não te esquegas principalmente, observou o baronete, do ponto a que deves atirar a estocada. Nada de tolices... olha que o jôgo é de milhões.

Sossegue, meu tio...

Não tenho a mínima dúvida de que se vai jogar, porque mo disse há pouco o Marquês. Ora, o nosso amigo há de chegar-se, porque é jogador... Então é que é necessário ter inteligência...

— Nada mais fácil! murmurou Rocambole com a mais adorável enfatuação.

Com efeito, quase ao mesmo tempo, e quando o suposto sir Artur Collins voltava gravemente o rei, e metia no bôlso os cinco luíses do Visconde de Cambolh, prepararam mesas para o lasquené, dirigindo-se depois a êle o Marquês Van-Hop.

— É dos nossos, "my dear"?

— "Yes"! respondeu sir Artur, levantando-se.

A êste tempo já rodara a mesa uma dúzia de pessoas, e entre elas Fernando Rocher, e o moço Conde de Chateau-Mailly. Afinal distribuíram as cartas para marcar os lugares, e depois a "mão". Diante de Rocambole caíu um rei.

O Visconde cumprimentou os pontos, e pegou no baralho, dando dois luíses na mesa.

Meus senhores, avisou êle sorrindo, eu nunca passo duas vêzes... Verão...

O Visconde porém enganou-se, porque principiou por comprar um ás.

Bravo! disseram varias vozes.

Belo!... proferiu êle com indiferença. Quem quer os meus quatro luíses? E' dinheiro seguro...

Os quatro luíses foram topados, e o Visconde ganhou. E passando mais três vêzes ainda, chegou a sessenta e quatro luíses.

— Bravo! exclamou uma voz que era do inglês sir Artur.

— Valete e valete! replicou quase ao mesmo tempo o banqueiro.

E o Visconde sorrindo:

— Palavra de honra: nunca me sucedeu tal! E, para atestar a raridade do fato, não quero passar a mão. Apostarei quanto quiserem. Meus senhores, temos aqui vinte luíses, pelo menos, ou ainda mais, se o preferem.

E, falando assim, puxou o Visconde bonita bôlsa, através de cujas malhas se lobrigavam alguns farrapos bancários, e se viam brilhar peças de ouro, colocando-a diante de si.

— Topo! disse uma voz no extremo da sala.

O Visconde ergueu a cabeça, e olhou para aquêle lado.

Era Fernando Rocher: com a carteira na mão, declarara topar a parada.

Então Rocambole, que estava com as cartas na mão, pôs-as friamente na mesa:

— Passo a mão.

— Isto em tom tão atrevido, e desdenhoso, que Fernando Rocher eorou:

— Que significa?... exclamou.

— Nada... (respondeu Rocambole entregando as cartas ao seu vizinho da direita, que era justamente o barone e sir Williams, sob as feições côr de tijolo de sir Artur Collins) uso unicamente do meu direito; passo a mão...

— Contudo, observou Fernando Rocher, contendo-se com dificuldade, não há ainda dez segundos o senhor declarou não passar a mão.

— Refleti depois... retorquiu tranqüilamente o Visconde de Cambolh.

E afastou-se da mesa, onde êste incidente causara certa comoção.

Os jogadores, porém, não se inquietaram por tão pouco. Afinal, Rocambole não fizera mais do que usar do seu direito, e êsse direito achava-se justificado porque a banca perdeu logo a primeira cartada, nas mãos de sir Artur.

Teve furo! observaram alguns jogadores. E digam que não há pressentimentos!

— *Bã, pela minha parte, falou outro jogador, toparei quanto quiserem a certas pessoas, e nada a outras: não está nada na minha mão!*

A este tempo fitou o baronete sir Williams com ar significativo o Conde de Chateau-Mailly, que se sentara junto d'êlé. O Conde estremeceu, e logo percebeu que era aquella a provocação de que êle lhe falara.

Assim, inclinou-se para êle, e perguntou-lhe ao ouvido:

Quem é aquêlé sujeito que passou a mão?

— É o Visconde de Cambolh.

— E o outro?

O outro, esclareceu sir Artur, em voz baixa, é Fernando Rocher, o marido da senhora com quem V. Ex. valsou há pouco.

— Muito bem... murmurou o Conde, cujo coração entrou a bater com súbita emoção.

X

O D O I D O

Entretanto, também Fernando Rocher se afastara da mesa de jôgo, para seguir o Visconde de Cambolh, que foi sentar-se em uma sala quase deserta.

Fernando aproximou-se, cumprimentou-o com a maior seriedade, e o Visconde respondeu-lhe com um simples gesto.

— Não me fará a honra de uma explicação? — perguntou Fernando.

— Pois não!... De muito bom grado.

E o Visconde assentou a luneta no olho esquerdo.

— Poderia acaso dizer-me, prosseguiu Fernando irritado por aquêlé novo atrevimento, em que lugar costuma jogar o lasquênê?

No seio da sociedade... respondeu Rocambole com extrema sequidão.

— Mas que sociedade? perguntou Fernando, assumindo também aspecto desdenhoso.

O Visconde passou a luneta do olho esquerdo para o direito, e respondeu:

— Provavelmente na sociedade em que tive a honra de o encontrar.

— Pois se assim é, murmurou Fernando, deveras exasperado, sinto-me admirado de me achar nela; porque a sociedade onde me encontro com o senhor não deve ser a melhor.

— Foi exatamente, replicou Rocambole, no mesmo tom frio e escarecedor, que eu há pouco disse comigo, quando o vi topar a minha parada. Sou conhecedor de fisionomias; e como o jôgo é para mim uma espécie de batalha, tal qual duelo, costume, antes de me bater, examinar os adversários

— Ah! e Fernando empalideceu, e...

— Olhei para o senhor...

— E então?

— Então... retorquiu Rocambole, pausadamente, parece que me não satisfez o exame, visto que me recusei ao combate...

E desatou a rir.

Então Fernando, verdadeiramente desorientado, deitou a mão ao braço do Visconde, dizendo:

— O seu cartão?... Amanhã, às sete horas, no bosque de Bolonha.

— Tenho a observar-lhe, retorquiu Rocambole, tranqüilamente, que antes de pedirmos um cartão é uso darmos o nosso...

— Tem razão... apoiou Fernando.

E atirou-lhe ao rosto um cartão de visita.

Rocambole pegou no cartão, e leu:

Fernando Rocher

Rua d'Isly, 5

Os lábios do discípulo de sir Williams franziram-se então com um sorriso de ironia.

— Eu sou sueco, e chamo-me Visconde de Cambolh. Ora, no meu país, nunca os fidalgos se batem com burgueses. Contudo, como estamos na França...

— Basta... disse Fernando Rocher. Amanhã às sete horas...

— Tenho a observar, frisou friamente o Visconde de Cambolh, que ao sair daqui há de estar à minha espera uma carruagem de posta, em que devo seguir para a Itália... Se o senhor tem muita vontade de se bater, vamos a isso quanto antes. A duzentos passos daqui temos espadas e magnífico terreno.

— Pois seja assim... replicou Fernando Rocher.

— O que lhe digo, continuou Rocambole, é que, se tem aqui alguma senhora, não faria mal em preveni-la de que se ausenta por algumas horas.

— Por quê?

— Porque não volta... visto a certeza que tenho de o matar.

Fernando encolheu os ombros.

— Vamos... disse êle; nada de demoras...

— São duas horas da manhã, lembrou Rocambole ao sair da sala em que se achavam, e, não indo nós primeiro ao seu clube ou ao meu, procederemos prudentemente procurando aqui testemunhas.

— Como quiser... respondeu Fernando.

Ora, Fernando, que se achava pela primeira vez na casa do Marquês Van-Hop, não viu ali nenhum dos seus amigos íntimos, ou quase íntimos, a quem pudesse pedir o favor que naquele momento precisava. Estava, portanto, muito embaraçado, quando inopinadamente se encontrou com o major Carden.

A fisionomia franca e o aspecto militar do major seduziram Fernando. Aproximou-se dêle.

— O senhor foi militar?

— Tôda a minha vida.

— Logo, não se recusará de certo a fazer-me um favor?

— Diga-me em que o posso servir, retorquiu cortêsmente o major.

— Fui há pouco insultado grosseiramente. O meu adversário parte ao amanhecer para fora do país, e não acede a dar-me satisfação não sendo imediatamente...

Deseja, portanto, que eu lhe sirva de testemunha? perguntou o major com um ar de sinceridade que excluía inteiramente a suspeita de que êle se achava ali muito a propósito para desempenhar aquêle papel.

— Exatamente, apesar de não ter a honra de ser seu conhecido.

— Sou amigo do dono da casa, e, por isso, certo do que valem as pessoas que aqui se encontram. Quer isto dizer que estou às suas ordens.

E o major inclinou-se.

Ao passo que Fernando procurava um padrinho, procurava o Visconde o seu na sala de jôgo.

O Visconde, como se adivinha, não possuía senão um, sir Artur Collins; dirigiu-se para a mesa do lasquené.

O inglês já ali não estava, e Rocambole não o achou senão na sala de baile, conversando, no vão de uma janela, com um velhinho muito barrigudo, no qual vamos decerto achar antigo conhecido.

O tal velhinho, que usava uma bonita cabelcira, tinha os olhos abrigados por óculos azuis, colete de cetim, calças pretas, casaca azul, abotoada à Berryer e imensa gravata, dentro da qual se lhe sumia quase inteiramente o rosto muito pequeno e colorido.

Sempre muito asseado, e de ordinário atencioso, aparecia invariavelmente onde havia baile, ou festa de qualquer espécie. Sentava-se a um canto, estava uma noite inteira a ver dançar, sem proferir uma palavra, e retirava-se, a um sinal da pessoa que o acompanhara, com a submissão de uma criança.

Na sociedade que freqüentava tinha o velho a reputação de doido.

A sua loucura, porém, era tão mansa, tão inofensiva, que em tôda a parte o recebiam com prazer. A loucura, segundo diziam, proviera de uma paixão amorosa; e eis a versão que a tal respeito corria nas salas de Paris, onde o encontravam. Chefe de família e ocupando elevada posição entre os funcionalismo, vira o velhinho, havia alguns anos, uma jovem, cuja natural beleza o impressionara loucamente.

Um amor, tão insensato, visto que a jovem, honesta e virtuosa, desposara bondoso operário, fizera-o perder a razão, e convencera-o de que inspirara à jovem tão violenta paixão que a matara.

Resultara-lhe disto profunda melancolia, que se manifestava de quando em quando por um suspiro, nunca por um queixume.

Ora, o velhinho de casaca azul, já todos nós o conhecemos, era o Sr. Beaupréau.

Era o Sr. de Breaupréau, a quem a espôsa e a filha adotiva tinham encontrado, havia cêrca de um ano, em um hospital de doidos, na província de Saint-Remy, não longe da sua terra natal.

Permita-se-nos agora a êste respeito uma digressão de meia dúzia de linhas e uma vista de olhos retrospectiva para a primeira parte desta história.

O Sr. de Beaupréau, como sabemos, fôra surpreendido por Léon Rolland, na casinha do parque de Bougival, aonde o operário chegara exatamente no momento apropriado para salvar a sua noiva e subtraí-la às violências do chefe de reparição.

Que ocorrera então entre êle e o Sr. de Beaupréau, enquanto o Sr. de Kergaz, pelas indicações de Cerise, quase sem sentidos, corria em socorro de Joana, que estava a debater-se nas mãos de sir Williams?

Cerise, vencida pelo narcótico, não tardara a cair por terra, de modo que Léon, assustado, a julgou morta, e perdeu a cabeça a ponto de se esquecer do Sr. de Beaupréau. Êste recuperou depois um pouco de presença de espírito, e fugiu.

Desde então, ninguém mais o tornara a ver; mas era provável que tivesse ido juntar-se com Williams, que também desaparecera naquela mesma noite.

Afinal, a indignação da Sra. de Beaupréau e de sua filha era tal, tão grande desprezo lhes inspirava aquêle miserável que não deram um único passo para indagar o que fôra feito dêle.

Contudo, passados três anos, Herminia, já então Sra. Rocher, recebeu da província uma carta, que a assombrou profundamente.

Esta carta, datada de Saint-Remy, na Provença, era assinada pelo diretor do hospital de alienados daquela cidade, o qual participava à Sra. Rocher, que seu pai, de quem tinham conseguido, não sem dificuldade, comprovar a identidade, se

achava naquele hospital, e que a sua loucura, mansa e pacífica, não era de modo nenhum perigosa.

Sabendo a Sra. de Beaupréau e sua filha do infortúnio de tão grande desgraçado, perdoaram-lhe e foram buscá-lo.

O Sr. de Beaupréau estava inteiramente louco, e por isso impossibilitado de dizer o que lhe sucedera, e o que fizera naqueles três anos.

A mãe e a filha, vendo em tal castigo a mão de Deus, tornaram a abrir os braços ao ancião, e reconduziram-no para Paris. Depois disto, tornou o Sr. de Beaupréau a ocupar o seu lugar no lar doméstico, e achou-se, por assim dizer, metamorfoseado.

O homem birrento, bilioso e ávaro, que atormentou a esposa por espaço de quarenta anos, deixara, como por encanto, o lugar a um velho dócil, afetuoso, e sempre com um sorriso melancólico a pairar-lhe nos lábios.

Ninguém teria reconhecido nêle o Beaupréau de outros tempos, se por vezes lhe não assomasse aos lábios o nome de Cerise.

Êste nome era o único elo que parecia ligá-lo ao passado.

Hermínia afeiçoara-se-lhe; e tanto ela como o marido o levavam às reuniões que freqüentavam.

Muitas vezes mesmo, se algum negócio importante obstava a que o marido acompanhasse a mulher, confiava-a êle, sem a mínima repugnância, à companhia do Sr. de Beaupréau, o qual não manifestava loucura senão quando falava em Cerise, mostrando-se razoável em tudo mais.

Tinha só a mania pronunciada de vestir-se, às vezes como os enfermeiros do hospital em que estivera.

Era, pois, com o Sr. de Beaupréau que estava conversando o inglês sir Artur Collins, ou, se o preferem, o baronete sir Williams.

— Confesse, Beaupréau, que não me haveria nunca reconhecido com êste traje, e com êste resto de "pele vermelha".

— Concorde; mas convenha também meu digno genro, "in partibus", que tenho procedido o melhor possível, desde que voltei ao seio da minha família.

— Convenho, sim... é um louco modêlo; desempenha o seu papel maravilhosamente.

— Confessa portanto que é verdade! exclamou Beau-préau, com um impulso de legítimo orgulho.

— A história de Saint-Remy é perfeitissima... Ah! meu caro Sr. de Beau-préau, murmurou sir Williams, rindo, bem se vê que não renunciou a Cerise.

— Isso de certo, meu genro.

— Tem razão. Renunciar a qualquer coisa é próprio dos imbecis.

— Perdemos uma ocasião como se não torna a apanhar outra!

— Saiba ter paciência, pediu sir Williams. Creia que havemos de ter a nossa desforra.

— Então, murmurou Beau-préau, está convencido...

— Estou convencido de que se o meu amigo fôr dócil, e fizer quanto eu lhe pedir, hei de conseguir proporcionar-lhe alguns momentos de conversação com Cerise, em qualquer casa cujas portas o marido não possa de modo algum arrombar.

Beau-préau soltou uma exclamação, em que transpareceu profunda e cruel alegria.

— "My dear", continuou o baronete, quem quer o fim quer os meios. Graças à minha imaginativa, voltou o senhor aos seus penates, foi recebido de braços abertos, e é tratado entre paninhos quentes; e, como todos o julgam louco, ninguém tem a mínima desconfiança das suas ações.

— E então?

— Ora, então! E' uma situação de que é necessário tirar partido!

— Por conseguinte, de hoje em diante, é meu lugar-tenente para uma operaçãozinha que trago em mente.

— Que é?

— Diga-me: é muito afeiçoado a seu genro?

— Fernando?... Monstro!... murmurou o ex-chefe de repartição; se pudesse esganava-o!

— Não desgostaria, portanto, que êle tivesse... uns dis-sabores?

— Isso me encantaria!

— Muito bem! Nesse caso, olhe...

E *sir Williams* mostrou ao Sr. de Beaupréau o moço Conde de Chateau-Mailly, que estava sentado ao lado de *Hermínia*.

— Interessante moço! comentou o louco.

— Não tarda que venha conversar com o senhor. E' o Conde de Chateau-Milly, que pretenderá conhecê-lo perfeitamente. Como o senhor é louco, não haverá nisto nada de extraordinário para êle. O senhor então finge reconhecê-lo, e apresenta-o oficialmente à sua filha... Amanhã, dar-lhe-ei mais amplas instruções.

E, como o suposto *sir Artur* viu *Rocamble* encaminhar-se para êle, deixou o Sr. Beaupréau no vão da janela, e afastou-se.

— Pronto... disse-lhe *Rocamble*. Tenho o nosso homem no encalço.

— Muito bem! responde o baronete.

E seguiu também o Visconde de Cambolh, que ia sair da sala.

No caminho encontrou *sir Williams* o Conde de Chateau-Mailly.

— Vê aquele sujeito, de pequena estatura, falou em voz baixa, de casaca azul, e colete de nanquim?

— E' o pai...

— Naturalmente vai apresentar-me a êle?

— Não... apresente-se V. Exa. a si mesmo; o pobre velho é louco. Uma das suas manias consiste em conhecer toda a gente. Dirija-se a êle, e trate-o pelo seu nome. Chama-se Beaupréau, e foi chefe de repartição na secretaria dos negócios estrangeiros. Diga-lhe que o conheceu muito na sociedade, há três ou quatro anos. Êle fica acanhado, chama-lhe logo seu querido amigo, e apresenta-o à filha.

— Bem... disse o Conde, vou já ter com êle.

Entretanto, aproximara-se *Fernando* da espôsa.

— Não me queiras mal, minha querida, mas não posso deixar de me retirar do baile, onde estás a divertir-te; deixo-te com a tutela do Sr. de Beaupréau.

— Como! disse *Hermínia*, em tom de amuo; retiras-te?

— Daqui a uma hora, o mais tardar, estarei em casa... Pelo menos assim o espero.

Assim o esperas?!... censurou **Hermínia** visivelmente inquieto. Valha-me Deus! Que foi que te succedeu?

Bossega... replicou **Fernando**, sorrindo, tenho de praticar uma boa ação... Bem sabes que nem sempre posso dispor de mim...

Esta mentira custou a **Fernando Rocher**, mas dispensava-o de qualquer explicação, e permitia-lhe deixar o baile sem aguardar a esposa.

Em seguida, aproximou-se do Sr. de **Beaupréau**:

Acompanha **Hermínia** para casa, não é verdade?

O velho fez um sinal afirmativo.

Nisto já o **Visconde de Cambolh** e o seu padrinho principiavam a descer a escada; de modo que **Fernando** se apressou a ir ter com êle, acompanhado do major **Carden**.

Foi depois de **Fernando** se ter retirado, que o moço **Conde de Chateau-Mailly** se aproximou do ex-chefe de repartição.

— Como está, Sr. de **Beaupréau**? perguntou sorrindo, e muito desembaraçadamente.

O Sr. de **Beaupréau** fitou-o, mostrou-se por um momento muito admirado, mas afinal bateu na testa:

— Queira desculpar-me, querido amigo, mas tenho memória deplorável... Esqueço, muitas vêzes, os nomes dos meus íntimos...

E eu, em outro tempo, disse o **Conde** familiarmente, apertando-lhe a mão, fui dêsse número. Pois não se lembra do seu amigo de há dois ou três anos?

— Lembro... lembro... mas o nome?

— Sou o **Conde de Chateau-Mailly**.

— E' isso mesmo! exclamou o Sr. de **Beaupréau**, que com efeito se tornara ótimo comediante na escola de **sir Williams**; se eu o conheceria... meu querido **Conde**...

E apertou-lhe a mão.

Esforçou-se o Sr. de **Chateau-Mailly** para convencer o laico de que se tinham encontrado cem vêzes na sociedade, e o Sr. de **Beaupréau** continuou a mostrar-se solícito e afetuoso.

Aquela comédia, obra do gênio de **sir Williams**, foi representada com a maior mestria possível.

— Se me não engano, disse de repente o Sr. de Beau-préau, o meu amigo dançou ainda agora com minha filha?

— Dancei, na verdade, com uma senhora formosíssima... E' sua filha?

— E'... E' casada com Fernando Rocher.

— Então, dar-me-ia muito prazer apresentando-me a ela.

— Com muito gosto... Vamos...

E o velhinho dos óculos azuis deu o braço ao Conde.

No caminho encontraram-se com a Sra. Malassis.

A viúva, depois de trocar muitas olhadelas com o idoso Duque de Chateau-Mailly, preparava-se para se retirar.

O Duque (sem dúvida esperava com impaciência aquêlê momento, e se achava no extremo oposto da sala) quase correu, querendo atravessar a multidão para ir oferecer a mão à formosa viúva, mas então já o moço Conde de Chateau-Mailly e a Sra. Malassis se achavam face a face.

A viúva era demasiado hábil para que não mostrasse um sorriso àquele que em breve despojaria da sua herança; o Conde era homem da sociedade, para deixar de corresponder àquele sorriso.

Contudo, no seu cumprimento e no seu sorriso, transpareceu uma espécie de desdém irônico, um tanto mesclado de atrevimento.

— Na verdade, meu querido Conde, silvou-lhe a viúva ao ouvido: parece que muito lhe agrada a companhia dêsse velhinho...

— Talvez que assim seja, minha senhora...

— E' dotado de espírito?

— Quase tanto como V. Exa.

— Com efeito? resmungou a viúva.

— Palavra de honra! E' um narrador de primeira ordem.

— Quem tal diria!

— Ainda há pouco, prosseguiu o Conde em tom escarnekedor, me contou uma história das mais interessantes.

— E o Conde não quer dar-me o prazer de a repetir?

— E' muito extensa.

— Ainda assim...

— E' a história de um ancião, mais do que sexagenário, que tem a loucura de tornar a casar-se... de desposar uma intrigante, deserdando a sua família em proveito dela.

O Conde fêz uma cortesia à Sra. Malassis, com raro atrevimento, e foi andando.

Por um momento permaneceu a Sra. Malassis pálida, e quase sufocada, por efeito de tamanha audácia.

Ao mesmo tempo, porém, chegava junto dela o idoso Duque, polido e mais enamorado do que nunca.

De repente assumou um sorriso aos lábios da viúva, que disse para consigo:

Agora nós, meu caro Duque!

XI

O DESCONHECIDO

O Duque ofereceu a mão à viúva e conduziu-a à sua carruagem.

— Não vem? interrogou ela, com o seu tom de voz mais encantador.

O apaixonado ancião não esperou que repetisse: subiu com ligeireza verdadeiramente juvenil e sentou-se ao lado da viúva.

— Rua da Pepinière n.º 40... ordenou ao criado, que levantou o estribo e fechou a portinhola.

A Sra. Malassis esperava, desde o momento em que o sobrinho do Duque lhe falara com tamanho atrevimento, aquela ocasião de estar a sós com o seu idoso adorador.

— Meu querido Duque, disse-lhe, quando a carruagem saía do pátio; há realmente grande distância da rua das Veuves à rua da Pepinière.

— Parece-lhe isso, querida?

— Hoje pelo menos.

O Duque pegou na mão da viúva e beijou com extremo galanteio.

E' encantadora! suspirou.

A Sra. Malassis, porém, pretendia ir direita ao seu fim. Deixemo-nos de cumprimentos...

E acrescentou:

Ordene ao seu cocheiro que volte pela Avenida dos Campos Elísios, que saia a barreira da Étoile e vá até Neuilly. A noite está muito agradável, e estou com horrível enxaqueca, que o ar livre há de dissipar.

Os seus desejos são ordens...

— Agora, prosseguiu a Sra. Malassis, permita-me, caro Duque, que aproveite esta hora de conversação que vamos ter, para lhe dar uma notícia, que talvez lhe cause admiração...

— Oh! exclamou o Duque; que notícia será!

— E' a notícia da minha partida.

A Sra. Malassis articulara estas poucas palavras em tom natural e tranqüilo; não obstante, produziu no Sr. de Chateau-Mailly um efeito fulminante; de modo que sufocado, e na impossibilidade de fazer um gesto, ou de proferir uma palavra que desse idéia da sua dolorosa satisfação.

— E' verdade, meu querido Duque; parto amanhã de manhã.

— Parte... a senhora!... murmurou afinal o Duque, no tom de um homem privado da razão. Mas por quê? Aonde vai?

— Parto por efeito de razões que eu só conheço; e não posso dizer qual o ponto para onde vou.

E a Sra. Malassis acrescentou, sorrindo:

— Bem vê, meu querido, que não é feliz nas suas perguntas... As que me dirige são exatamente aquelas a que não posso responder.

— Minha senhora, balbuciou o velho, acometido súbitamente de um tremor nervoso, e com a voz alterada de um modo assustador; quer matar-me?...

E pronunciou estas palavras com uma entonação tão sentida, que fêz estremecer a Sra. Malassis, e lhe deu a conhecer até que ponto era amada.

— Matá-lo, eu!... está louco?

— Talvez esteja... mas, em nome do céu, Laura, não continue a gracejar tão cruelmente comigo...

— Eu não gracejo, meu querido Duque; mas vejo-o tão estupefato com a noticia da minha partida, que não posso ter ânimo de lhe ocultar o motivo.

— E... para onde vai?

— Mais para diante o saberá...

— Mas, enfim... é talvez uma ausência de oito dias...

— Não, é viagem para um ou dois anos; afinal, vou à Itália.

O Sr. de Chateau-Mailly julgava-se prêso de horrendo sonho, e sentia-se desanimar.

— E' para fazer com que se esqueçam um pouco de mim, em Paris.

Fazer com que se esqueçam...

Devendo ser V. Exa. a primeira pessoa a se esquecer, retorquiu ela, friamente.

— E' como o ancião ficasse como que prêso de uma paralisia, sem proferir uma única palavra, continuou a Sra. Marquês.

Quando uma mulher se acha desacreditada como eu, quando cometeu uma falta, e essa falta se divulga, e se torna irreparável, não tem tal mulher senão uma coisa a fazer, que é deixar o mundo e fugir... E' o que eu faço, meu caro Duque.

— Pelo amor de Deus, Laura! balbuciou o velho, mais tremulo e tímido do que uma criança; explique-se!

Pois que! exclamou ela com súbita veemência: pois não comprehende? Não se lembra que houve para mim um dia fatal e maldito em que me achci viúva, isolada, sem apoio, olhando para o mundo através da minha dor, e vendo-o semelhante a vasta solidão? Não se lembra de que foi então que encontrei V. Exa., e que tive a fraqueza imperdoável de aceitar a amizade que me oferecia com tão nobre desinteresse...

Deteve-se a viúva, como que dominada pela comoção que experimentava.

Então o Sr. de Chateau-Mailly apoderou-se-lhe das mãos e levou-as aos lábios com indizível paixão.

— Fui fraca, santo Deus... fui culpada... V. Exa. fêz-me promessas nas quais tive a imprudência de acreditar, levada pela minha ingenuidade... e infelizmente pago hoje em demasia as conseqüências de uma hora de êrro...

— Mas... minha senhora... murmurou o Duque com voz entrecortada; as promessas que lhe fiz... hão de ser cumpridas...

— E' já muito tarde... retorquiu ela em tom sêco.

Muito tarde!...

— Decerto, porque hoje não há ninguém em Paris... Bem o conheci esta noite... em casa da Marquês... Seu sobrinho deu-me a entender muito claramente...

— Meu sobrinho! exclamou o Duque com súbito acesso de cólera.

— E' verdade, Sr. Duque... Seu sobrinho deu-me a entender, com o maior atrevimento que eu era... Por mais que faça... acrescentou ela interrompendo-se, nunca poderei proferir semelhante denominação.

— Minha senhora, exclamou o idoso Duque, desorientado ante aquela dor tão naturalmente desempenhada, que não haveria ninguém que se não iludisse; meu sobrinho é um tolo, que hei de ensinar a respeitar sua tia, a Sra. Duquesa de Chateau-Mailly.

A Sra. Malassis soltou um grito e caiu desfalecida nos braços do seu idoso amante...

— Para casa! bradou o Sr. de Chateau-Mailly ao cocheiro.

O cocheiro tornou a percorrer a avenida dos Campos Elíseos, e tomou a direcção da praça Beauveau, onde se achava situado o palácio do Duque.

A Sra. Malassis estava ainda desmaiada, e o idoso Duque lhe prodigalizava inútilmente os seus cuidados, quando a carruagem transpôs o portão do palácio.

A exceção do guarda-portão, do criado de quarto, e de um palafraneiro, todos os criados estavam deitados.

Não houve, por conseguinte, senão aqueles três homens que viram o Sr. de Chateau-Mailly regressar à casa levando consigo uma senhora com trajo de baile, desmaiada, e a quem parecia querer muito, a julgar pelo transtornado das feições, e pelas tristes exclamações de dor que soltava.

— Depressa, depressa... ordenou êle; levem esta senhora para o quarto da Sra. Duquesa... Chamem sem demora um médico... ou antes, tragam-me saís... um pouco de vinagre!

O Duque estava tão sufocado, que quase não podia falar.

Sem demora levaram a Sra. Malassis para o primeiro andar, para o quarto, que por muito tempo ocupara a finada Duquesa de Chateau-Mailly. Ali, o Duque, apaixonado e fora de si, prodigalizou cuidados tais à viúva, chamou-a por nome, tão ternos, e voz tão trêmula, que ela afinal não teve remédio senão abrir os olhos, relanceando em tórno um olhar desvairado.

Até que enfim! murmurou o velho, com uma expressão de alegria. Ei-la restituída à vida!

A viúva fitou-o, e soltou um grito.

Santo Deus! Onde estou eu? Aonde foi que me conduziu? Fale, Sr. Duque... fale... explique-se...

— Está em minha casa... confessou o nobre Duque.

— Em sua casa!

E a Sra. Malassis ergueu-se muito assombrada e repetiu, em tom de loucura:

— Em casa dêle! Eu, em casa dêle! Estou perdida!

— Está em sua casa e não na minha; porque dentro de tres semanas há de ser Duquesa de Chateau-Mailly.

A Sra. Malassis deu novo grito; mas não julgou a propósito acompanhá-lo de nova síncope.

— Isso já não é possível... retorquiu ela. V. Exa. desonrou-me.

E como o Duque mostrasse não a entender, disse-lhe, em tom amargo, a futura Duquesa.

— V. Exa. é louco e cruel... Não lhe supponho, decerto, a pretensão de me reconduzir a esta casa, de dia claro, como sua espôsa, depois de me haver introduzido aqui de noite, furtivamente, e na presença dos seus criados... Então sim... prosseguiu ella com uma ironia repleta de desesperação, que acabou de desnortear o idoso Duque, então é que seu sobrinho teria direito de me dizer claramente, o que hoje me deu apenas a entender: "Meu tio rouba-me a herança que me pertence, casando com a sua amante".

E a Sra. Malassis, que calculara o efeito súbito destas palavras, e as suas conseqüências, ainda as mais remotas, levantou-se com a dignidade de uma rainha ofendida, envolveu-se na capa com que saíra do baile, e que estava em cima de uma cadeira, e dirigiu ao Duque um gesto de despedida, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Adeus, Sr. Duque... V. Exa. deitou-me a perder... mas, perdôo-lhe...

E, dando dois passos, acrescentou:

— Porque o amava!... Adeus!...

E saiu, deixando o Duque fulminado e incapaz de a deter.

A astuta viúva desceu rapidamente a escada do palácio, passou como uma sombra pelo quarto do porteiro, achou-se

na praça Beauveau, e em seguida no arrabalde Saint-Honore, em menos de cinco minutos.

Outra, que não fôsse a Sra. Malassis, ter-se-ia contentado, como se costuma dizer, em pegar na palavra do Duque; ela, porém, que conhecia com os olhos fechados a sociedade em que vivia, não era mulher que deixasse metade do papel sem representação. Havia cêrca de dois anos que o Duque suspirava a seus pés; havia um que êle falara de a desposar, mas ainda em tom de hesitação, e de quem lutava com fortíssimos preconceitos, e arraigados escrúpulos. Depois tornara a falar do assunto, mas de modo menos evasivo e à proporção que se multiplicavam e apertavam os laços com que a viúva o ia envolvendo a pouco e pouco.

Não havia já senão uma única consideração que detinha ainda o Sr. de Chateau-Mailly: a enorme desigualdade de tal aliança...

A Sra. Malassis quisera, portanto, descarregar um golpe decisivo.

Da praça Beauveau à rua da Pepinière, era pequena a distância para que uma viúva hesitasse em a percorrer a pé: às três horas da madrugada não se encontra, no arrabalde de Saint-Honoré, o que ainda assim é raro, senão algum carro de praça.

— Dentro de três semanas, dizia ela para consigo, afastando-se a passos rápidos; dentro de três semanas serei Duquesa de Chateau-Mailly! Se não tivesse desmaiado, era êle capaz de o adiar para daqui a três meses; mas se agora tivesse ficado naquela casa estava perdida!

A Sra. Malassis acrescentou, com um sorriso daqueles em que a alma de uma mulher se revela inteiramente:

— O Duque tem uma chave do jardim... Daquí a uma hora está em minha casa.

A casa n.º 40 da rua da Pepinière, em que morava a senhora Malassis, compunha-se de uma grande corpo de edificio, que dava para a rua, edificio ocupado por vários inquilinos, e de um pavilhão situado no fundo do jardim.

Fôra êste pavilhão que a viúva escolhera para sua residência, e nêle vivia com três criados: uma cozinheira, uma criada de quarto e um mordomo.

Êste e a criada de quarto esperavam a viúva.

Apesar de ter ido a pé, como era excelente noite de inverno, muito sêca e fria, facilmente poderiam julgar que tinham ido de carruagem.

As três horas da manhã, recolhia-se ela em vestido de noite, como tinha saído. No caminho fizera desaparecer todos os vestígios da comoção passageira, para não dizermos simulação, com que fôra logrado o velho Duque. Por conseguinte, não podiam os criados suspeitar de modo nenhum que ella regressasse de qualquer outra parte que não fôsse a casa de Van-Hop.

O pavilhão occupado pela Sra. Malassis era grande, espaçoso e comodamente mobiliado. Não tinha mais de um térreo e um primeiro andar.

Mas havia duas portas: uma por onde se entrava habitualmente, que dava para o vestíbulo, e ficava fronteira ao edificio de que falamos; a outra, situada no fim da escada, dava para o jardim e era meio oculta por um caramanchão que se prolongava até ao muro e terminava em outra portinhola, que dava para a rua Laborde, muito deserta, noite e dia.

Esta porta era a entrada particular da Sra. Malassis, que apesar disso nunca se servira dela, pelo menos aparentemente.

Uma, tinha a viúva; a outra pertencia ao Sr. Duque de Chateau-Mailly.

Esta chave abria não só a porta do jardim, mas também a do pavilhão.

Ora, muitas vêzes, pela meia-noite, quando a sossegada rua da Pepinière e as suas imediações se tornavam um deserto, entravam dois homens na rua Laborde, sem fazerem o mínimo ruído.

Um dêles metia uma chave na fechadura, e abria a portinhola do jardim; o outro ficava na rua como sentinela.

O primeiro dirigia-se para o pavilhão, entrava, e subia com passo juvenil a escada que conduzia ao primeiro andar, quer dizer aos aposentos da Sra. Malassis.

Quase sempre saía de lá ao cabo de uma hora, e voltava pelo mesmo caminho até encontrar-se com o companheiro que ficara na rua.

Este companheiro era o criado de quarto do Sr. Duque de Chateau-Mailly, o que fizera com que o despedissem naquela manhã, levando consigo, por esquecimento, a chave do jardim.

Voltando, pois, para casa, achara a Sra. Malassis o seu novo criado conversando pacificamente com a criada de quarto.

O tal mordomo era, nem mais nem menos, o homem de fisionomia cruel, estatura atlética, e ombros quadrados, cujo olhar parecia revelar paixões brutais, e que vimos na reunião dos Valetes de Copas, presidida pelo perspicaz Rocambole.

Como aquêlê homem, de fisionomia tão repugnante, conseguiu agradecer à Sra. Malassis? Graças a uma simples carta de recomendação, que Rocambole obtivera, assinada por um dos nomes mais retumbantes do arrabalde de Saint-Germain.

A Marquesa de... recomendava calorosamente o Sr. Ventura, que estivera dez anos em sua casa como cocheiro, de onde não saira senão por ser atacado de um princípio de oftalmia, que já não permitia guiar com segurança uma carruagem.

A suposta Marquesa atribuía o mau aspecto da fisionomia do seu protegido a uma doença horrenda de que fôra vítima na mocidade, e que deixaria o melhor homem dêste mundo com um rosto de bandido.

Além desta carta calorosíssima, ficara a Sra. Malassis impressionada pela modéstia das pretensões do Ventura, que pedira apenas casa e seiscentos francos de ordenado.

Assim, pois, tomara Ventura, que entrara em exercício naquela manhã mesmo.

Além disso, e a despeito da sua fealdade, o homenzarrão tinha melhor aspecto com a libré azul agalcada de escarlate do que dois dias antes, com a casaca preta, colete branco e berloques.

A viúva mandou-o retirar-se, dizendo-lhe que se fôsse deitar, e dirigiu-se para o quarto.

— Depressa... disse à criada de quarto, atirando-se numa ampla poltrona, e desembaraçando-se da capa; procure-me mala, algumas caixas de papelão, põe tudo no meio do quarto, e amontoa aí em uma cadeira alguma roupa, vestidos e outros objetos idênticos...

Vai fazer alguma viagem? perguntou a criada, as-
sombreada por tal ordem.

Não, mas finjo que estou para partir.

A criada que era experimentada, fitou sua ama com ar de
torna, e perguntou-lhe:

A senhora espera o Sr. Duque?

Espero... respondeu a viúva. Agora é êle que quer
partir comigo.

E a minha senhora já não quer?

Não.

Então, retorquiu tranqüilamente a criada, vou fazer
a minha trouxa, porque me parece que terei de ir dormir uma
destas noites no palácio de Chatcau-Mailly.

E' provável... murmurou a Sra. Malassis, que, como
se vê, tornara sua confidente a criada de quarto, justificando
assim o provérbio que diz "que a virtude é de tôdas as clas-
ses, como o vício; que a mulher da melhor sociedade pode
cair em falta, porém, aquela que se confia a uma criada é
sempre uma mulher vulgar".

A criada executou as ordens de sua ama, e amontoou sem
demora em mala tudo que pode constituir a bagagem de uma
senhora, colocando-lhe ao pé duas caixas de chapéus.

E a viúva, que não tinha segredos para a criada, contou-
lhe minuciosamente o que ocorrera entre ela e o Duque, de-
pois de ter saído de casa de Van-Hop.

A criada, para corresponder à honra de tal confidência,
executou gravemente até o fim, e quando ela terminou emitiu
esta opinião:

— Eu nunca teria o atrevimento de dar um conselho à
minha senhora; mas, se me desse licença para uma pequeni-
na observação, dir-lhe-ia ser necessário que a minha senhora
tenha perfeito aspecto de quem está, com efeito, para partir.

— E' essa a minha intenção, filha...

— Eu, no lugar da minha senhora, escrevia ao Sr. Du-
que uma carta de despedida...

— E' verdade! concordou a Sra. Malassis; ótima idéia.

— E fingiria estar a concluí-la, e querer ocultá-la, quan-
do o Sr. Duque chegasse.

— És uma rapariga realmente muito esperta... Ora,
vamos, agora, retira-te...

— Que bondade a sua... minha senhora!... retorquiu a criada, retirando-se.

Ficando só, pôs-se a Sra. Malassis em ação de seguir o conselho da criada e, setando-se a uma bonita secretária-zinha de pau-rosa, pegou na pena, e principiou a escrever.

De repente, porém, estremeceu e applicou o ouvido.

A noite estava silenciosa; de modo que se ouvia perfeitamente o monótono ruído que soava no espaço.

Ora, a viúva ouviu primeiro meter uma chave em uma fechadura, depois o ranger dos gonzos de uma porta.

— Ei-lo! pensou ela.

Com efeito, ouviu passos na arcia do jardim; após, ouviu a Sra. Malassis abrir segunda porta, e em seguida soaram os passos na escada.

A Sra. Malassis continuou a escrever.

Dalí a nada bateram à porta do quarto.

— Queira entrar! convidou a viúva.

E não voltou a cabeça, não afastou os olhos do papel, que a pena ia enegrecendo a pouco e pouco.

A porta abriu-se e deu entrada a um homem, que parou próximo dela.

Então, convencida que ia ver o rosto pálido e transtornado do velho Duque, escondeu a viúva a carta dentro de uma pasta e ergueu levemente a cabeça.

De súbito, porém, solta um grito, levanta precipitadamente e recua.

O homem que entrara em sua casa munido de uma chave e lhe transpusera a porta do quarto, às quatro horas da manhã, não era o Duque de Chateau-Mailly.

Era um desconhecido.

XII

O D U E L O

Fernando Rocher e o major Carden, seu padrinho, tinham saído do baile.

O suposto Visconde e o baronete sir Williams esperavam-no no patamar da escada. Então cumprimentou Rocamboie novamente o seu adversário.

Permita-me uma simples observação. Eu resido aqui perto e tenho em minha casa espadas de combate ordinárias. Era acaso repugnância em se servir delas? Se tem, faremos levantar da cama Devisme ou Lepage.

E' inútil, respondeu Fernando; servir-nos-emos das suas espadas.

Bem... além disso, acho o bosque um tanto longe.

Vamos nesse caso para onde quiser.

- Pouco distante daqui há um lugar inteiramente deserto, entre as ruas de Courcelles e de Laborde, um terreno baldio, onde estaremos magnificamente.

- Pois seja assim... disse ainda Fernando.

- Tenho aqui o meu carro; e, como julgo inteiramente inútil dar a saber aos criados o que vamos fazer, mando embora o meu *groom* e, se quiser, servir-lhe-ei de cocheiro até o lugar do combate.

Fernando inclinou-se.

Rocambole ordenou ao seu *groom* que se aproximasse, e chegasse o ligeiro carro bem junto ao vestibulo.

Depois, ao passo que o *groom*, apeando-se da almofada, pegava no freio do cavallo, o "leão" convidou o major e Fernando a subir para o assento traseiro, enquanto sir Williams ia ao lado d'êle, à frente.

Dali a cinco minutos chegava ao arrabalde Saint-Honoré, parava à sua porta, e entregava as guias a sir Artur Collins.

— Meus senhores, falou êle apeando-se, peço-lhes dez segundos.

E Rocambole subiu a sua casa, pegou em dois pares de espadas de combate e tornou a descer.

- Estou às suas ordens.

Tornaram a partir, só parando ao chegar a um dos terrenos baldios, conhecidos pelo nome de planícies de Monceau.

Soava então, ao longe, em S. Filipe do Roule, meia hora depois das três.

A noite estava clara, e a lua radiante; o frio, porém, intensíssimo.

Vamos bater-nos tão comodamente como se fôsse dia claro, disse Rocambole a Fernando. O necessário é não nos demorarmos, porque faz um frio diabólico.

O major Cardens e o suposto inglês tinham-se apoderado das espadas, e estavam a medi-las muito gravemente.

As condições secretas do Visconde Andréia e de Rocambole eram que o primeiro, alma, cabeça e pensamento da associação, permaneceria sempre desconhecido.

Ora, se Rocambole prevenira o major Carden de que Fernando, provocado por êle, reclamaria o seu auxílio, e para incitar ao pedido se lhe colocaria no caminho, ignorava contudo a causa e o fim do duelo, porque Rocambole julgara inútil dar-lhe a mínima explicação; e também não sabia quem fôsse sir Artur Collins.

O chefe dos Valetes de Copas era, pois, aos olhos do major Carden, um vulgar filiado da grande associação a que êle próprio pertencia.

Sir Artur empregou mesmo tal consciência em medir as espadas e discutir as condições do combate, e indignou-se tão perfeitamente contra o uso do duelo, recordando ser coisa que não existia na Inglaterra, que o major perguntou a si mesmo se, em vez de saber o segrêdo da comédia sanguinolenta, que alí ia representar-se, não seria sir Artur um inglês de boa-fé, um simplório conviva do Marquês Van-Hop, a quem Rocambole pedira que lhe servisse de testemunha.

Entretanto, o suposto insular teve tempo de se aproximar de Rocambole, que acabava de despir a casaca, e de lhe dizer ao ouvido:

— Lembra-te bem do golpe que te ensinei...

— Sei de cor...

— E nada de tolices... Toma cuidado, não o mates...

— Sossegue...

— Sou da sua opinião (asseverou Fernando aproximando-se e tomando da mão de sir Artur a sua espada); despachemo-nos, que se não pode aturar o frio.

Os dois adversários colocaram-se em frente um do outro, sir Artur aproximou as pontas das espadas e urrou, em seguida, no tom mais gutural que lhe foi possível...

— Vamos a isto, meus senhores!

Fernando estava irritado pelo atrevimento continuo do seu adversário, mais ainda talvez do que pelo insulto que dera motivo ao combate.

Assim, não tinha senão o sangue frio exatamente necessário para se não esquecer das leis da esgrima.

Rocambole, pelo contrário, estava tão tranqüilo como um cirurgião quando se prepara para uma operação; e ao passo que cruzava o ferro assobiava um trecho da "Norma".

Fernando recebera a educação do rapaz cuja entrada na vida se efetuou sob os auspícios da pobreza: deixara a sala de armas pelas aulas, o picadeiro pela escola de direito. Assim, a grande riqueza, que o casamento lhe dera, achara-o cavaleiro noviço e atirador medíocre.

Pelo modo por que se pôs em guarda, poder-se-ia dizer que empunhava a espada mais com o coração do que com a mão.

Rocambole juntara, ao mais paciente estudo, destreza nativa e agilidade sem igual.

O filho adotivo da viúva Fipart, passado de vadio a "leão", não perdera nenhuma das qualidades da sua mocidade.

Nunca deixara de possuir o maviioso sangue frio que patenteara no dia em que Léon Rolland o segurou sob o joelho, apoiando-lhe no peito a ponta de uma navalha para o obrigar a falar.

Era, como dantes, flexível e ágil, possuindo os mesmos nervos de aço; e, aprendendo a esgrima, não se esquecera da "savante" que é a verdadeira esgrima do grande garôto de Paris.

Rocambole achava-se no terreno do combate com a sua agilidade de tigre junta às sábias lições do Visconde Andréia, secundadas pela sua maravilhosa presença de espírito. Apenas cruzou o ferro logo soube o que devia julgar do seu adversário; de modo que estava na sua mão matar Fernando, logo à segunda resposta.

Não era, porém, isso o que sir Williams queria, nem o que êle próprio resolvera.

Rocambole dissera qual era a sua intenção: queria praticar uma operação cirúrgica; e bem sabia que uma polegada de ferro em um ombro não mata, mas ocasiona apenas um desmaio súbito, e fere gravemente para obrigar um homem a estar de cama por muitos dias.

Fernando, que acabara de perder a última parcela de sangue-frio ao empunhar a espada, precipitara-se impetuosamen-

te contra o adversário, menos atento em defender a própria vida de que em matar Rocambole.

Este, pelo contrário, parecia estar em uma sala de armas, divertindo-se com extremo prazer naquele jogo cruel em que não havia para êle o mínimo perigo.

As duas testemunhas, colocadas à distância, permaneciam impassíveis, o major, como homem habituado a tais espetáculos, o baronete sir Williams como amador apaixonado, como verdadeiro "excêntrico", entusiasta por tôda espécie de lutas, desde o combate de galos até o boxe inglês.

Por alguns segundos, a impetuosidade repleta de furor, com que Fernando Rocher tentou debalde chegar ao peito do fidalgo sueco, não permitiu a êste servir-se do golpe misterioso, que aprendera com o mestre. Rocambole contentou-se com o defender-se, cansando assim a pouco e pouco o adversário, até chegar o momento propício.

Fernando, pelo contrário, à proporção que reconhecia a superioridade do jogo de Rocambole, acabava de esquecer o pouco de esgrima que sabia, enfraquecendo no ataque, demorando-se na defesa, e não avançando já com o mesmo vigor.

Era o momento que Rocambole esperava; de modo que, de repente, tomou a ofensiva com extrema vivacidade, e ergueu verticalmente a arma.

Então a arma de Fernando, não encontrando o ferro do adversário, não tendo que se denomina sentimento da espada, moveu-se por um segundo no vácuo, e baixou-se; atacado de súbita irresolução, descobriu-se.

No mesmo instante, rápida como o relâmpago, sibilou a espada de Rocambole como se fôra um réptil, alongou-se em uma estocada recta, e sumiu a ponta no ombro de Fernando, que caiu por terra quase imediatamente.

— Até que enfim! murmurou sir Williams. Contanto que o não tenha morto... O que pretendo dêle é mais que a vida.

XIII

O FERIMENTO

O major Carden vira cair Fernando Rocher.

Como não sabia o sêgrêdo de sir Artur Collins, ou antes do baronete sir Williams; como Rocambole lhe não fizera a

mínima confiança, supôs o seu afilhado morto ou gravemente ferido.

Foi, portanto, aproximar-se e curvar-se sôbre Fernando; Rocambole, porém, deu um passo para êle:

— Faça-me um favor, meu querido major...

O major fitou-o.

— Embuce-se na sua capa, prosseguiu Rocambole, e volte para o baile... ou então vá para casa, porque nos são inteiramente inúteis os seus serviços.

O major inclinou-se.

Sabia, ou adivinhava, que Fernando estava condenado pela Associação dos Valetes de Copas; por isso já contava com aquêles desfecho.

Embuçou-se, portanto, na capa, acendeu tranqüilamente um charuto em uma das lanternas do carro e retirou-se.

Rocambole e sir Artur Collins ficaram inclinados sôbre Fernando, que perdera os sentidos.

O sangue corria-lhe abundante da ferida, que era pouco profunda mas muito larga.

— Estás certo de que o não mataste? perguntou sir Artur.

— Certíssimo.

O baronete foi buscar uma lanterna, e serviu-se dela para examinar atentamente o local.

— Trouxeste a caixinha que te mandei esta manhã?

— Trouxe; está na caixa do carro.

Rocambole correu e voltou logo com uma caixinha, que encerrava ligaduras, fios e um estôjo cirúrgico.

Então sir Artur Collins, com uma fleuma realmente maravilhosa, e a habilidade de um prático consumado, curou a ferida, e applicou-lhe o primeiro penso.

— Agora é necessário transportar o homem com precaução, para obstar a algum derramamento interno... Poderia morrer no caminho.

Sir Artur e o seu companheiro pegaram no ferido, ergueram-no vagarosamente, e levaram-no para a carruagem, onde o estenderam no assento traseiro, depois de lhe collocarem debaixo da cabeça duas almofadas, a fim de lhe conservarem o peito um tanto direito.

Da planície de Monceau, onde se efetuara o combate, ao sítio para onde Rocambole e o seu chefe iam transportar o ferido, não era grande a distância.

Contudo, era necessário evitar os solavancos da carruagem, para que não ocorresse contratempo.

Sir Artur meteu-se na carruagem para amparar a cabeça de Fernando e sugeriu a Rocambole.

— Transforma-te em trintanário, e conduze o cavalo à mão e a passo.

E acrescentou sorrindo:

— Como é de noite e as ruas estão desertas, ninguém te verá. O Visconde de Cambolh não terá de corar.

Dali a um quarto de hora parava o combêio noturno na rua Moncey, junto da porta de uma casa muito nossa conhecida.

Esta casa, construída pelo Barão d'O..., vendida por Baccarat e comprada, sob um nome suposto, por sir Williams, estava desde a manhã daquele dia ocupada por Jeni, por al-cunha a Turquesa.

Rocambole tocou a campainha, o portão abriu-se sem ruído; ouviram-se passos no jardim.

Apareceu Jeni, de roupão, com um lenço de sêda atado na cabeça, e um castiçal.

Atrás dela vinha um homem de óculos azuis, calvo e de ventre muito proeminente. Este homem, de casaca preta e gravata branca, tinha a douta aparência de um advogado ou de um médico.

Baccarat é que teria podido reconhecer nêlo o suposto doutor que ela achara à cabeceira, quatro anos antes, após a prisão de Fernando Rocher, e que a conduziu a um hospital de doidos.

— Minha menina, disse sir Artur, que achou novamente de repente a acentuação britânica, trazemos-te aqui o pombinho.

Turquesa sorriu e mostrou nos olhos a mais cruel alegria.

— Tens tudo pronto em tua casa?

— Tudo.

Sir Artur fêz um sinal ao suposto cocheiro, que logo trepou no estribo do carro e ajudou a apelar o ferido.

Ali tornou-se sir Artur cirurgião.

Ajudado por Rocambole e Turquesa, despiu o ferido e, depois de ter lavado e examinado a ferida:

— Tem com que se entreter por êstes oito dias.

Elle, voltando-se para Rocambole, acrescentou:

— Se houvesses cravado o ferro uma polegada mais, estaria morto!

— Que infelicidade! murmurou ingênuamente a Turquesa. Ficava eu sem lhe cravar as garras.

— Deixa estar que te não escapa! bradou sir Artur, acciando o queixo da linda pervertida.

Ela mostrou os dentinhos brancos e iguaes como os de um gato, e sorriu.

— Sabes o teu papel? perguntou sir Artur.

— Na ponta da língua!

— E tu? proseguiu sir Artur, voltando-s para o suposto doutor.

— Eu respondeu êle, há um mês que estudo conscienciosamente, de modo que sou quase cirurgião. Hei de tratar do ferido tão bem como o próprio Esculápio o poderia fazer.

Entretanto, continuava Fernando privado dos sentidos.

Turquesa e o falso doutor postaram-se à sua cabeceira.

— Vamo-nos embora, comunicou sir Artur a Rocambole; já não temos que fazer aqui.

E acrescentou ao ouvido da Turquesa:

— Dar-me-ás notícias todos os dias, não é verdade?

— Certamente.

Deu sir Artur o braço a Rocambole, levou-o para fora do quarto, e encaminharam-se para o jardim onde tinham deixado o carro, com o cavallo prêso a uma árvore. Turquesa, que que naquela manhã fôra para ali, não estava com a casa completa; não tinha senão uma criada de quarto, a qual se fôra deitar por ordem de sir Artur.

— Meu querido amigo, falou então o baronete — tirando as rédeas da mão de Rocambole, e oferecendo-se para guiar o carro), voltemos agora ao baile!

— De muito boa vontade.

O baronete puxou pelo relógio.

São quatro horas!

Ora! naturalmente dança-se até às oito.

— E ceia-se ao amanhecer.

Sir Williams, oculto sob as feições de sir Artur, voltou à casa de Van-Hop, onde o baile estava ainda no máximo esplendor, e onde ninguém notara a sua ausência.

O major não voltara ali. Fôra cear na “Maison d’Or”, e recolhera-se pacificamente à sua casa.

Sir Artur foi atravessando os grupos, até chegar ao vão de uma janela, onde se postou com Rocambole.

Dalí puderam os dois cúmplices ver tudo sem atrair a atenção. O que em primeiro lugar notaram foi o moço de Chateau-Mailly dançando com Herminia; e em seguida o idoso Duque, tio daquele, segredando com a Sra. Malassis.

Afinal, avistaram também o famoso Querubim: conseguira obter uma valsa da Sra. Van-Hop, e a fazia voltear, oferante e agitada.

— Olha... sussurrou sir Artur ao ouvido de Rocambole, indicando a bela crioula.

— Vejo... Principia o encantamento. Faz-me lembrar os filhos do Rei Carlos I, que sorriam para o cutelo, sob cujo gume devia cair, daí a um hora, a cabeça do pai.

— Ah!

— E’ tal qual. A marquesa, valsando com Querubina, está brincando com o cutelo.

— Bonita comparação!

— A diferença é que desta vez o cutelo é um punhal...

— Ótimamente!

— E o punhal é para ela.

O baronete encolheu os ombros.

— Estás enganado, retorquiu sir Artur, o que êle há de fazer é meter o punhal na mão do Marquês, que é um homem de bem que ama deveras a espôsa.

E nos lábios de sir Artur pairou um sorriso, capaz de fazer tremer o próprio Satanás.

XIV

A E N F E R M E I R A

Fernando Rocher perdera os sentidos quando a espada de Rocambole o ferira.

Quando voltou a si, não estava já no local do combate, e as testemunhas, o seu adversário, e as espadas tinham desaparecido. Fernando achava-se de cama, num quarto em que reinava a claridade misteriosa de uma lamparina colocada sobre o fogão.

Esta lamparina iluminava confusamente os objetos circunstantes, pelos quais o ferido relanceava os olhos desviados.

Pareceu-lhe que se achava em um quarto bastante espaçoso, luxuosamente ornado e mobiliado, e cujo aspecto lhe era inteiramente desconhecido.

A lamparina projetava luz nos cortinados e nos móveis; e, com a ajuda de tal luz, fêz Fernando uma espécie de inventário do que vira em tórno.

Notou primeiro alguns móveis dos que a arte e a fantasia reunidas tornam tão elegantes: aparadores de madeira douradas, jardineiras de charão, baús de Boule, poltronas estofadas de sêda côr de pérola, e tapetes magníficos, cujas côres sombrias harmonizavam com o fôrro das paredes, e com as bambinelas e resposteiros.

Era um quarto como o de uma Duquesa de vinte anos, no dia imediato ao do casamento, porque tudo alí era simultaneamente elegante e sóbrio, não se vendo coisa nenhuma que indicasse a mulher de situação equívoca. O mais que talvez se poderia supor era ser a fada daquela estância, depois de anoitecer, rainha ou simples criada, do outro lado do pano da comédia francesa, tal o bom gôsto, o luxo delicado e artístico daquele recinto.

Por mais que concentrasse as mais longínquas recordações, não pôde lembrar-se de ter nunca transposto o limiar daquela habitação. Não obstante, achava-se alí, deitado, sú, e no meio do mais profundo silêncio.

Involuntariamente, fêz um movimento que lhe arrancou um grito de dor.

Esta dor foi para êle um raio de luz.

Recordou-se do combate, do seu adversário, das testemunhas, e da extraordinária sensação de frio que lhe fizera experimentar a ponta da espada inimiga ao penetrar-lhe no ombro; adivinhou então que o tinham transportado apressadamente para qualquer parte.

Ao mesmo tempo, o grito que êle soltara deu o alarme à gente da casa, porque correu um reposteiro próximo da cama, e apareceu um homem vestido de preto, de gravata branca, calvo, um tanto obeso; usava óculos, fisionomia doutamente séric, e se aproximou nos bicos dos pés.

Sem proferir palavra, apoderou-se o grave personagem da mão que o ferido tinha fora da roupa, e consultou o pulso.

— O senhor tem uma febre muito intensa... é bom sinal... sofre muito?

— Muito, não... mas como fiz um movimento brusco...

O doutor descobriu o ombro do ferido, e aconchegou o curativo que se tinha desarranjado um tanto.

— Deve conservar-se tranqüilo, disse êle; o repouso é absolutamente necessário.

— Estou então perigosamente ferido?

— Perigosamente, não; mas sim gravemente, porque me parece que terá de se conservar de cama êstes oito dias. Felizmente estamos no inverno que, para êstes ferimentos, é sempre preferível ao verão.

— Permite-me uma pergunta? prosseguiu Fernando.

O doutor fêz um sinal afirmativo.

— Poderá dizer-me se é uma casa de saúde esta em que me acho?

— Não é casa de saúde.

— Então é a casa do meu padrinho... ou a do meu adversário?

— Nada posso dizer-lhe a êsse respeito. Fui chamado para o tratar há de haver duas horas... Quando cheguei estava o senhor deitado e com a ferida sangrando copiosamente... Ao lado do leito achava-se uma senhora, que terá cêrca de vinte anos...

— Minha mulher! exclamou Fernando.

— Não sei. E' baixa, loura e muito formosa.

— Então não é Hermínia, murmurou o ferido deveras surpreso. Logo, em casa de quem estou?

— O que vi foi a tal senhora a enxugar-lhe o sangue, à proporção que lhe corria. Juntamente com ela estava a sua criada de quarto.

— Mas, insistiu Fernando, no auge da surpresa, não há nesta casa homem nenhum?

— Nenhum.

— E o doutor não sabe o nome da senhora em casa de quem...

— O que lhe posso afirmar é que não a vi tratar pelo nome, uma única vez.

— Que extraordinário mistério! pensou o ferido.

Quando êle fazia esta reflexão, o reposteiro que o doutor deixara cair, ao entrar, levantou-se de novo, ouviu Fernando uns passos muito leves no tapête, e encaminhar-se para a cama uma mulher, que andava nos bicos dos pés. Esta mulher causou no ferido vivíssima impressão.

Em primeiro lugar, o mistério que parecia envolver a sua extraordinária aventura, e afinal a maravilhosa beleza da desconhecida, contribuíram poderosamente para aquella impressão.

Era encantadora e pequenina criatura, loura como as Madonas de Rafael, de olhos azuis, corpo ondulante e flexível, pés e mãos pequeníssimos que mais pareciam pertencer a uma criança do que a uma mulher.

Trajava um roupão de veludo prêto, que lhe fazia sobressair a alvura dos braços nus e do pescoço. Nos lábios parava-lhe um sorriso vago e triste, como não se vê senão nas mulheres que já entreabriram o livro da vida, no capítulo das suas amarguras.

Aproximou-se da cama, com o olhar inquieto, e fitou Fernando:

— Está melhor? perguntou.

A sua voz melodiosamente timbrada acabou por seduzir o ferido.

E quando ia agradecer, e talvez perguntar à formosa desconhecida, qual o extraordinário concurso de circunstâncias que o tinham levado à sua casa, pousou ela um dedo nos lábios:

— Diz o doutor que deve falar o menos possível.

Encaminhou-se para uma banquinha próxima, na qual estava uma chávena que continha remédio.

A jovem pegou na chávena, e, como então o médico não podia vê-la, levou novamente o dedo aos lábios, de modo que o ferido percebeu não querer ser interrogada diante de terceiro.

Voltou para junto da cama e apresentou o remédio a Fernando, que não se fartava de admirar a resplandecente beleza.

— Minha senhora, disse então o médico, os meus cuidados por agora são inúteis. O febrido está melhor, a febre não é já assustadora; por conseguinte basta que volte daqui a algumas horas para mudar o curativo.

Num gesto de rainha, pegou um castiçal e saiu com êr. Fernando chegara ao auge do espanto.

Por que razão não tinha dado parte do ocorrido à sua mulher?

Sem mais demora tocou a campainha, e logo lhe tornou a aparecer a mulher desconhecida.

— Minha senhora, indagou Fernando, conquanto me haja prescrito silêncio, conquanto diga que a minha presença aqui deva ser para mim próprio um mistério, não me há de recusar um favor?

— Qual é? perguntou ela.

— Eu tenho uma espôsa, uma espôsa a quem amo, e que deve estar deveras assustada pela minha ausência...

— Sua espôsa já foi avisada do que sucedeu.

E a loura desconhecida lançou-lhe um dos olhares e um dos sorrisos que fazem perturbar o coração mais puro.

Acrescentou:

— Suponha que está no palácio de uma fada que lhe salvou a vida, e não pede como paga da sua ação senão uma coisa...

— Diga o que é, minha senhora...

— E' uma coisa simplicíssima...

— Mas o que é? perguntou Fernando.

Fitou-o continuando a sorrir e levou um dedo aos lábios, dizendo:

— Silêncio!

E desapareceu.

Fernando tornou a ficar só, prêso de um assombro a que se juntava admiração pela beleza daquela mulher.

Por cinco ou seis minutos teve a esperança de a ver reaparecer, chegando a experimentar inexplicável impaciência, e uma espécie de inquietação, que difficilmente poderia explicar. Decorreram, porém, os minutos, uma hora... e a mulher loura não tornou a aparecer.

Fernando estava então entrando na fase febril, que se segue sempre o desmaio proveniente de um ferimento.

Em breve se lhe apoderaram do espírito extravagantes alucinações, que insensivelmente lhe fizeram perder a consciência da situação real.

Conservou-se muitas horas neste estado; e a lamparina, que projetava no quarto uma claridade mais que duvidosa, acabou afinal por se apagar.

No meio da escuridão tornou-se a alucinação mais intensa e mais extravagante, e nesta alucinação representava a mulher louca o principal papel.

Havia, porém, uma circunstância extraordinária! Fernando pensava ao mesmo tempo na esposa e na desconhecida, confundindo-as às vezes; depois chegou a imaginar que estava morto, que fôra assassinado, e o lugar em que se achava era já a antecâmara do outro mundo e da outra vida.

De alucinação em alucinação, terminou por adormecer.

Quando despertou, filtrava-se por entre as cortinas um pouco de claridade.

O sono tinha acalmado um tanto a febre; recobrou a presença de espírito.

Ao mesmo tempo iam-se-lhe reunindo, uma a uma, as recordações; de modo que em breve pôde analisar minuciosamente os acontecimentos da véspera, quer dizer: a provocação de que fôra vítima no baile do Marquês Van-Hop, suas consequências imediatas, e tudo mais que ocorreu até o momento em que caíra ferido pela espada do seu adversário.

Que era feito dêste último, e das testemunhas?

Para onde o tinham transportado?

Por que não estava sua mulher junto dêle?

E quem era a encantadora criatura que se encarregara de ser sua enfermeira?

Eram estas outras tantas perguntas a que lhe era impossível responder.

A despeito de tudo, pensava Fernando na esposa, a quem deixara no baile, que sem dúvida voltara para casa, julgando encontrá-lo ali, e que de certo passara a noite presa da maior inquietação.

Não se atreveu a chamar, resignando-se a esperar que aparecesse alguém. Com efeito, ao cabo de poucos minutos,

tornou a abrir-se a porta por onde vira desaparecer a vaporosa loura desconhecida.

E Fernando sentiu extraordinária comoção apoderar-se d'êlé, fazendo-lhe palpitar desordenadamente o coração; e a imagem da formosa e casta Hermínia, a quem êle não cessara de amar um único segundo nos quatro anos que tinha de duração a sua felicidade, teve de sustentar uma luta com outra imagem de mulher, que parecia envolta em profundo mistério.

Fernando via no limiar da porta que se abrira a formosa desconhecida, que pouco depois se dirigiu para êle, meio triste, meio risonha:

— O doutor não tarda... Como se sente? Dormiu?

Fêz-lhe tôdas estas perguntas com um tom de uma voz suave qual melodia, parecendo cada uma das suas palavras ditada por uma afeição misteriosa e potente.

— Estou muito melhor... mas...

— Mas?... repetiu ela.

— Cale-se... cale-se! Sua espôsa foi avisada... e está tranqüila. Baste-lhe saber isto.

Fernando sentia-se prêso de comoção violenta e inexplicável.

E contudo ignorava até o nome daquela mulher, e era Hermínia quem êle amava.

A jovem quis pegar-lhe na mão, para se certificar de que não tinha febre; mas Fernando apoderou-se da mão dela e beijou-a respeitosamente: foi um beijo de reconhecimento.

Ela retirou a mão e corou.

— Que está fazendo? perguntou ela.

— Minha senhora... balbuciou êle, quero manifestar o meu reconhecimento e gratidão...

— Não me deve o mínimo reconhecimento... respondeu, com extrema simplicidade.

— Mas então?...

— Adivinho o seu pensamento; desejaria saber onde está, e quem sou?

— Com efeito...

— Pois é impossível revelar.

— Impossível!

— De certo!... E' impossível não só declarar-lhe quem sou, mas também onde está... Contudo...

— Ah!... gemeu o ferido, com visível ansiedade.

— Posso dizer-lhe, prosseguiu ela, que se acha em Paris, e que o trouxeram para minha casa após o momento em que foi ferido.

E, mostrando um sorriso nos rosados lábios:

— O seu ferimento não tem gravidade; não obstante, está formalmente proibido de se levantar e de fazer o mínimo movimento brusco; segundo me disse o doutor, parece que teremos de o sujeitar a uma dieta rigorosa...

— Parece contudo, que antes de oito dias poderá ser conduzido para sua casa... para junto de sua esposa...

E retirou-se mal acabou de proferir estas palavras, como se receasse falar demais.

À noite foi Fernando atacado novamente pela febre e pelo delírio; passou-a êle péssimamente, imerso em sonhos e alucinações, no meio das quais lhe parecia ver de mãos dadas a esposa e a sua desconhecida.

Quando amanheceu estava fraco, exausto, com os membros em contínuo tremor nervoso, e os olhos injetados de sangue.

Era-lhe impossível fitar qualquer objeto; e não poderia ler ou escrever.

De repente entrou no quarto a formosa enfermeira, aproximou-se da cama, e assegurou-se com olhar rápido e seguro da situação do ferido.

— Bom dia; vejo que está melhor e que já passou a crise.

— Temia então uma crise?

— Temia, e fui por isso obrigada a dizer-lhe mentira...

— Qual?

— Foi o dizer-lhe que sua esposa já fôra prevenida...

Fernando soltou um grito.

— Então... não sabe nada?

— Não... Apenas se lhe escreveu dizendo-lhe que o senhor se via obrigado a afastar-se de Paris por alguns dias, em consequência de certo negócio muito urgente... Eu temia a crise de que há pouco falei; mas, passou já, podemos... já pode o senhor escrever... a fim de tranquilizar a Sra. Rocher...

Fernando estava aterrado.

— A senhora sabe o meu nome?

— Sem dúvida. Estava o senhor aqui, se assim não fôsse?

— E' verdade... murmurou êle, impressionado pela justiça da resposta. Qual a razão por que não escreveu à minha mulher, participando-lhe o ocorrido?

— Únicamente para não a assustar. Agora, permita-me que lhe repita: conquanto lhe custe de certo ainda servir-se do braço, parece-me que poderá escrever umas linhas, ou pelo menos assinar as que eu escrever.

E correndo a uma pequenina escrivanhinha de pau-rosa, que estava em cima de uma banca próxima, pegou nela e foi pô-la na cama, ao alcance de Fernando.

Em seguida tirou da escrivanhinha o necessário para escrever, e aconselhou:

— Experimente.

Fernando pegou na pena e diligenciou traçar algumas linhas; mas com o movimento deslocou um pouco o penso que estava sôbre a ferida, o que o fêz soltar um grito de dor.

— Tenho a vista turva... disse êle.

— Valha-me Deus! exclamou a jovem; creio que presumi demasiadamente das suas forças... servir-lhe-ei de secretário...

E, sentando-se junto da cama, pegou na pena e escreveu:

"Minha querida Hermínia. — Fui obrigado por um acidente imprevisto a recorrer a mão alheia para te escrever. Contudo, sempre poderei assinar a minha carta..."

Aqui deteve-se a formosa desconhecida, e fitou Fernando sorrindo:

— Apesar da dor, disse ela, não terá outro remédio...

E, tornando a pegar na pena, prosseguiu em voz alta:

"Corri um grande perigo; felizmente estou salvo, e amote... Antes de oito dias estarei a teu lado.

Não te assuste... Lembra-te de que sempre, e a tôda hora, sou teu, e trago a tua imagem gravada no âmago do coração".

A realidade, porém, é que a loura enfermeira, contando com o estado de fraqueza de Fernando, e convencida de que êle não poderia ler, em vez das últimas palavras que acusara em voz alta escrevera o seguinte:

“Bati-me por uma insignificância, e fui ligeiramente ferido. Por felicidade a verdadeira causa do duelo possui uma lula e alva mãozinha, que tem a condescendência de me servir de secretário.

Até a vista. Beijo-te as mãos.”

Era uma verdadeira carta à Lauzun, um bilhete do Duque de Richelieu à sua espôsa.

— Não posso ler, falou Fernando; mas hei de poder assinar.

E assinou, realmente, com mão trêmula, mas com letra bastante legível para que Hermínia não pudesse duvidar da autenticidade da assinatura.

A desconhecida tornou a pegar rapidamente na carta, dobrou-a, meteu-a em um sobrescrito, e timbrou-a com a chapa de um anel que tinha no dedo; e ao passo que Fernando lhe admirava ingênuamente os movimentos graciosos, as atitudes que dava à lindíssima cabeça, e as ondulações do corpo esbelto e flexível, ela murmurou em voz baixa.

— E' uma letra e um sinete, que a Sra. Rocher há de gravar na memória. . .

Depois, levantou-se ligeira, risonha, e foi encarregar um criado de levar a missiva à rua d'Isly.

Às dez horas veio o doutor, curou o ferido, permitiu-lhe tomar algum alimento, e retirou-se sem que Fernando soubesse dêle coisa nenhuma.

De então em diante postou-se a jovem à cabeceira de Fernando, não deixando penetrar ali senão a sua criada de quarto. Durante o dia distraiu o ferido com mil ditos engraçados, inúmeras anedotas das salas, dos teatros e dos centros artisticos, manifestando em tudo talento e instrução, e desenvolvendo enfim tôdas as graças, tôdas as inocentes garridices de mulher da melhor sociedade.

Cada vez que Fernando, que a ouvia encantado, queria interrogá-la, ou, em uma palavra, arrancar-lhe o segrêdo de seu nome e da sua situação encrespava ela um tanto as formosas sobrancelhas:

— Na verdade. . . é muito ingrato!

E como êle baixava os olhos inteiramente confuso e balbuciava uma desculpa, acrescentava ela com voz grave, mes-

mo um tanto triste, e cuja melancolia velada penetrava até o mais íntimo da alma:

— Creia que se há aqui algum mistério, se me é tão impossível dizer-lhe quem sou; como designar-lhe o lugar em que está, é porque existe uma vontade superior que me constrange a proceder assim...

E, dada esta resposta, mostrava novamente nos lábios o sorriso e mudava de assunto.

À noite, pelas dez horas, deu-lhe boa noite e desapareceu.

Fernando sonhou com ela até amanhecer; e quando a viu voltar, quase esqueceu sua mulher.

Ela porém, mal entrou, disse-lhe, com um sorriso de escárnio:

— Tive notícias da Sra. Rocher; está boa... Passou muito inquieta a noite passada, mas a minha cartinha tranquilizou-a... Espera vê-lo dentro de oito dias.

Estas palavras produziram em Fernando um efeito extraordinário; sentiu-se perturbado e baixou os olhos.

Foi a primeira vez na sua vida que Fernando perguntou, a si próprio, se era possível a um homem não amar eternamente a espôsa.

E ao passo que formulava esta pergunta, olhava para a desconhecida, cuja mãozinha brincava distraidamente com a borla do cordão de uma campainha, que pendia do lado do fogão.

— Meu estimável ferido, a sua enfermeira vai pedir-lhe uma licença de algumas horas; tenho de sair, mas deixá-lo-ei acompanhado pelo doutor. Apesar do seu aspecto magistral e pedante, é um homem de inteligência.

E, no momento em que ela terminava esta definição do homem, entrou o doutor.

A jovem sorriu mais uma vez para Fernando, e retirou-se.

— Depressa, exigiu ela passando para outra sala, onde a esperava a criada de quarto, vem vestir-me. Quero ver como me fica um vestido de lã e uma touca barata...

Então a elegante jovem, entrando no gabinete de vestir, mudou rapidamente de roupa e apresentou-se vestida como qualquer costureira: vestido preto, xale de algodão, touca lisa ocultando os lindíssimos cabelos, botinas um tanto usadas, luvas de algodão e um casaquinho no braço.

Um está seguro! vibrou sorrindo; agora vamos ao outro!

E em seguida à criada de quarto:

Vai buscar-me um fiacre.

Quem reparasse bem na senhora, assim vestida, acentuou a criada, admirada por tão súbita metamorfose, era capaz de lhe querer dar esmola!

Dalí a cinco minutos atravessava a jovem o jardim despojado pelo inverno, achava à porta uma carruagem e metia-se nela, dizendo ao cocheiro:

Leva-me à Praça da Bastilha, e pára na esquina do arrabalde de Santo Antônio.

O fiacre partiu imediatamente. Aonde iria ela?

XV

A FILHA DO OPERÁRIO

É tempo agora de ligar o nosso conhecimento com dois personagens do primeiro episódio desta história.

Referimo-nos a Cerise e a Léon Rolland.

Como sabemos, a formosa florista casara com o ditoso Léon, no mesmo dia em que o Conde Armando de Kergaz desposára a menina de Balder.

No momento em que o marceneiro saía da Igreja dando o braço a sua mulher, aproximou-se dêle o Sr. de Kergaz.

— Parto imediatamente, e dentro de poucas horas estarei muito longe de Paris.

— Pois vá, Sr. Conde; compreendo perfeitamente que queira viver um pouco só com a sua felicidade.

— Mas partindo, retorquiu o Conde, não esqueço que a felicidade a que se refere é ao senhor e à sua virtuosa espôsa que a devo, e por isso tenho o maior empenho em conservar a sua amizade para o meu regresso.

— Ah! Sr. Conde, exclamou Cerise; isso é demasiada ventura para nós!

— Não é, de certo... retorquiu Armando; e não é, porque os corações nobres são todos irmãos.

Entregando uma carta a Léon, acrescentou:

— Para lhe provar que o considero como um amigo, vou encarregá-lo de missão... missão importante, e que creio

digna do senhor.

— Dê-me as suas ordens... murmurou Léon, deveras comovido.

— As minhas instruções acham-se contidas nesta carta. Adeus... ou antes, até breve.

O Conde ofereceu a mão à jovem espôsa e ajudou-a a subir na carruagem que os esperava à porta da Igreja e logo partiu a trote, levando nos seus coxins de sêda a verdadeira felicidade, como dissera Léon.

Sem mais demora abriu Léon Rolland a volumosa carta que o Conde lhe entregara, e achou outra dentro da primeira.

Uma, assinada por Joana, era para Cerise; a outra, escrita pelo Conde, era para êle, Léon Rolland.

Leu logo a sua, que rezava o seguinte:

“Meu amigo:

Se me subtraio por alguns meses à tarefa que a mim próprio prescrevi, é porque tenho profunda convicção de que deixo em Paris corações tão dedicados como o meu à obra do bem em que ando empenhado e de que o seu é um dos que hão de secundar-me mais enêrgicamente. Permita-me, portanto, que o encarregue de certa missão.

Há em Paris intermináveis meses de inverno, durante os quais o pão é caro, a lenha mais cara ainda e numerosas famílias vivem do insuficiente salário do seu chefe, salário que a maior parte das vêzes é insignificante. O senhor foi operário; por conseguinte conhece perfeitamente as misérias, as aflições e também as virtudes dos seus irmãos. Foi, pois, o senhor quem eu escolhi para aliviar essas misérias, consolar essas aflições e animar essas virtudes ignoradas.

O senhor era operário e eu torno-o mestre. Estabeleça-se no centro do arrabalde de Santo Antônio, abra uma vasta oficina de marceneiro, em que possa dar trabalho a duzentos ou trezentos operários. Dê preferência, trabalho, aos que forem chefes de família; para a escolha consulte sempre seu coração.

Junto à minha carta deixo um cheque ao meu banqueiro, no valor de cem mil francos, para com êle se estabelecer, e abro-lhe ao mesmo tempo em casa dêle um crédito, que só a experiência de meu amigo limitará.

Armando.”

A carta de Joana de Balder a Cerise assim era concebida :

“Minha querida Cerise:

Armando escreveu agora a Léon, na minha presença, e tem-me a carta.

Eu também tive uma excelente e caritativa idéia; e, uma vez que Léon é o executor da de Armando, quero eu encarregar-te de executar a minha.

Visto que Léon vai abrir uma vasta oficina para homens, por que não hás de tu, minha querida Cerise, dirigir uma destinada a mulheres, a jovens órfãs, a quem a falta de trabalho, as tentações do luxo, e as fascinações do vício poderiam afastar do caminho direito, e que não teriam coragem de trabalhar doze ou quinze horas, como tu fizeste por muito tempo, para ganhar mesquinho salário? Armando põe à minha disposição cinqüenta mil francos, e um crédito em casa do meu banqueiro. Assim, deixo-te os meus plenos poderes e peço-te que me conserves a amizade de que me tens dado já tantas provas.

Joana.”

Léon e Cerise, depois de terem lido as cartas, fitaram-se e, no olhar que trocaram, juraram reciprocamente a execução da vontade dos seus bemfeitores.

Ao cabo de seis meses achavam-se em plena atividade as duas grandes oficinas estabelecidas no centro do arrabalde de Santo Antônio.

Dalí a três anos era Léon Rolland um dos fabricantes mais em voga no arrabalde, e que empregava maior número de operários; e Cerise achava-se à testa de vasta oficina de costura, em que as órfãs, e as mães carregadas de família achavam sempre trabalho, por preço mais elevado que em qualquer outra parte.

Ora, exatamente no dia em que a formosa desconhecida se afastava por um momento da cabeceira de Fernando, para correr, disfarçada em costureira, à praça da Bastilha, estava o mestre marceneiro na sua oficina seriam pouco mais ou menos onze horas conferenciando com o seu contramestre e com o caixa, em uma pequenina casa de que fizera escritório.

De repente bateu discretamente à porta um aprendiz, que costumava fazer alguns serviços domésticos ao patrão, e entrou em seguida no escritório.

— Que queres João? perguntou o mestre.

— Está lá fora uma rapariga, que lhe quer falar.

Léon julgou que sua mulher, que ocupava os andares superiores do prédio, mandara alguma das suas operárias procurá-lo; por isso deu ordem ao aprendiz para que a mandasse entrar.

Apareceu no limiar da porta a deslumbrante e pequenina criatura que já conhecemos, e que era tão sedutora sob o humilde traje de costureira, como o era, algumas horas antes, aos olhos de Fernando, sob o roupão da mulher elegante e rica.

Turquesa era, como Querubim, dotada de poder de fascinação que se exerce por meio do olhar.

Léon experimentou, mal a viu, sensação quase semelhante à que Fernando Rocher experimentara, e abaixou involuntariamente os olhos sob o olhar profundo que ela lhe dirigiu.

O brilho extraordinário daqueles olhos tinha muito mais do que o necessário poder para perturbar o ânimo, tanto de um homem ocioso, que vivia como Fernando Rocher, em uma sociedade opulenta e distinta, como o de um pobre operário simples de coração e de espírito, como Léon Rolland.

Léon estremeceu, pois, vendo a jovem, e indicou-lhe maquinalmente um assento.

— O Sr. Rolland? perguntou ela, com a sua voz mais suave, melodiosamente timbrada.

— Sou eu. . .

A jovem lançou olhos de desconfiança para os dois personagens que se achavam no escritório; e Léon, julgando que ela não queria falar diante dêles, fêz-lhe um sinal para que se retirassem.

— Diga o que pretende, menina. . .

A jovem conservava-se de olhos baixos, e parecia muito trêmula.

— O senhor. . . disse ela enfim, deu trabalho, há de haver dois anos, a um operário chamado Francisco Garin. . .

— Parece que sim, menina. . . Era um homem de cinquenta anos, pouco mais ou menos?

— Exatamente.

— Foi êle quem aqui me mandou.

— Ah! já sei... falou o excelente operário. Naturalmente, supõe-me zangado com êle por se ter retirado um tanto bruscamente? Pois diga-lhe, acrescentou sorrindo, que para ele tenho sempre trabalho, e dinheiro adiantado, se acaso se acha em embarço.

— Ai! meu senhor! murmurou a jovem, meu pai já não trabalha!

E, parecendo comprimir um suspiro, acrescentou:

— Está cego.

— Cego! exclamou Léon.

— Há seis meses... respondeu ela, tornando a erguer o magnífico olhar.

— Pois agradeço-lhe o ter-se lembrado de mim...

A desconhecida corou, e pareceu muito perturbada.

— Engana-se talvez, meu senhor, murmurou ela; nós somos caprichosos. Eu não venho pedir senão trabalho.

E, como Léon fizesse um gesto, apressou-se em acrescentar:

— Meu pai disse-me que a Sra. Rolland era uma excelente senhora, que de certo não se recusaria a dar-me trabalho.

— E disse-lhe a verdade...

— Infelizmente, prosseguiu ela, baixando modestamente os olhos, não posso deixar meu pai para vir para a oficina... Meu pai não só está cego, mas também muito doente.

— Isso não há de servir de obstáculo... frisou Léon. Cerise dar-lhe-á trabalho para fazer em casa.

E o excelente moço levantou-se, dizendo:

— Minha mulher saiu há pouco, foi a casa da Sra. Condessa de Kergaz, mas não deve tardar. Quer esperá-la?

— Se me dá licença, espero... respondeu ela muito humildemente.

Mesmo enquanto falava, mirava Léon disfarçadamente o vestuário probríssimo da jovem, notando o asseio, que lhe parecia querer em vão dissimular a miséria, e experimentava por ela um sentimento que julgava não ser mais do que compaixão, conquanto na realidade fôsse impossível de definir.

— Queira acompanhar-me. Vou conduzi-la à oficina; minha mulher não pode tardar.

A jovem acompanhou-o, como espre, modesta, humilde, com tristeza a transparecer-lhe no rosto.

— E' singular, prosseguiu Léon para consigo mesmo, enquanto subia a escada do primeiro andar; êste Francisco Garin era dos mais insignificantes da oficina; agora, sinto-me deveras compadecido dêle!

E, voltando-se para a jovem, perguntou-lhe:

— Onde mora seu pai?

— Muito perto daqui... retrucou ela. Nós moramos na rua Charonne n.º 23.

— Bem; irei logo visitá-lo. Quando a menina chegava para sair, a fim de ir exatamente a essa rua, onde tenho um depósito de madeira.

E Léon abriu a porta que dava entrada para a parte do prédio em que residia.

A residência particular era, como se vê, no primeiro andar, e tinha uma porta para a oficina de costura.

Compunha-se de quatro peças: sala de jantar, saleta e dois quartos: um, ocupado pelo jovem casal e o outro pela mãe de Léon.

Tudo era aseado e modesto; tudo respirava a comodidade proveniente do trabalho.

— Cerise já voltou, minha mãe? indagou Léon.

— Ainda não, respondeu a velha, que não largara nunca as roupas de campônia, nem os socos.

— Olhe, disse Léon, está aqui esta menina que espera por ela e lhe recomendo com o maior interêsse. E' filha de um dos meus operários.

Depois, dirigindo-se à desconhecida:

— Quer almoçar conosco? Cerise está aqui antes de uma hora.

— Obrigada... respondeu ela com tristeza; desculpe não poder aceitar... mas... meu pai...

Léon, deveras comovido, lembrou-se de que talvez não houvesse pão em casa do pobre cego, e isso obstara a que a jovem aceitasse o seu convite.

faça o que quiser... mas espere por Cerise, e espere também por mim. Tenho de dar umas voltas, mas não me demoro.

É Léon, deixando a sua jovem protegida junto de sua mãe, desceu rapidamente ao escritório, vestiu o paletó e saiu.

O mestre de oficina encaminhou-se apressadamente para a rua de Charonne, parou à porta do n.º 23, e perguntou ao porteiro por Francisco Garin.

Sexto andar, terceira porta do corredor, à esquerda, respondeu o autócrata da porta.

Léon subiu uma escada suja e tortuosa, chegou ao sexto andar, e bateu à porta indicada, cuja chave estava na fechadura.

— Entre! sussurrou de dentro uma voz trêmula.

Léon empurrou a porta, e logo sentiu apertar-se-lhe o coração, na presença da pocilga em que ia entrar.

Via uma água-furtada pequeníssima, cuja mobília se compunha unicamente de um leito muito velho, um estrado, mala e de duas cadeiras.

No leito estava deitado um velho, embrulhado em um cobertor demasiadamente fino para a estação que então corria.

O estrado era, sem dúvida, da filha; e no fogão não havia fogo.

Em cima da banca estavam alguns pratos rachados e vazios, um pedaço de pão e uma bilha cheia de água.

A um canto via-se uma velha caixa, que continha de certo os últimos farrapos daquela pobre família.

Naquelle velho, que tinha os olhos vermelhos e sem brilho, prova evidente de que a cegueira lhe proviera da intemperança, reconheceu Léon imediatamente o seu ex-operário Francisco Garin.

— Quem está aí? perguntou o velho em tom de quem se lembra.

— Sou eu... Léon Rolland.

— Será possível, meu querido Sr. Rolland! exclamou o velho. Tanta honra para um miserável como eu...

— Sua filha foi procurar-me, tio Garin...

— Ai! murmurou o operário, parecendo sufocar com dificuldade os soluços; aquilo é mesmo um anjo! Se não fôsse ela, não sei o que teria sido de mim, Sr. Rolland!

E o velho sentou-se como pôde na cama, e contou, por entre soluços, que era a filha quem o sustentava havia quase seis meses, trabalhando dezoito horas por dia para ganhar quinze a vinte cruzeiros.

— Infelizmente... concluiu êle, está à porta o tempo em que as rendas não têm procura, e minha filha fica sem trabalho. Foi por isso que me lembrei do Sr. Rolland, para ver se a sua senhora, que é mesmo a bondade em pessoa...

— Lembrou-se muito bem, retorquiu Léon. Sua filha ficou e minha casa, e minha mulher há de dar-lhe o que fazer; entretanto... não se escandalize, tio Garin... permita-me que lhe empreste um pouco de dinheiro...

O cego ocultou o rosto com as mãos, e murmurou:

— Já não tenho fôrça para ser pai, quando me lembro da minha pobre filha...

E estendeu humildemente a mão, na qual Léon deixou cair duas moedas de ouro, dizendo: — Amanhã voltarei a visitá-lo... Adeus, tio Garin, agora vou mandar-lhe sua filha.

Léon desceu e bateu no postigo do porteiro.

Apareceu-lhe uma velha, com um lenço de algodão atado na cabeça, a modo de turbante, e perguntou-lhe o que queria.

— Vá lá acima à casa do tio Garin, ordenou Rolland dando-lhe dez francos, mas leve lenha para lhe acender o fogão, e um pouco de caldo de carne. Tenha cuidado nêle, que eu voltarei.

A porteira, que não estava habituada a tais munificências, fêz profundíssima cortesia a Léon e apressou-se a executar as suas ordens, ao passo que êle voltava para casa. Exatamente quando atravessava a praça da Bastilha voltava Cerise de casa do Conde de Kergaz, e, avistando de longe o marido, apressou o passo para o alcançar.

— Não esperava encontrar-te, disse Léon, oferecendo imediatamente o braço.

— Muito estimei, respondeu Cerise, com visível alegria.

Cerise era ainda aquela virtuosa e bonita rapariga que nós conhecemos outrora na rua do Templo, tão risonha e alegre, que trabalhava tão afincamente, lembrando-se dos seus queridos amôres.

O casamento tornara-a mais formosa ainda. Já não era a rapariguinha de dezesseis anos; era a mulher de vinte e um,

cujo corpo adquirira a máxima elegância, e cujas feições encantadoras tinham perdido os ligeiros indícios de fadiga, consequência da idade núbil e muitas vêzes de trabalho forçado.

Cerise tornara-se um mulher encantadora e felicíssima, porque tinha um marido a quem amava e um filhinho a quem adorava; e a ventura dá beleza.

Vamos mais depressa, filha, pediu Léon.

Por quê? Já são horas de almoço?

Não é isso... Há quem esteja à sua espera lá em casa...

Quem é?

Uma pobre rapariga, que não tem em que ganhar a vida.

E Léon descreveu o diálogo que tivera com a filha do tio Garin e a sua visita ao pobre cego.

Esta narração parece que deu asas à bondosa Cerise; e mal chegou a casa subiu a escada quase a correr, tal era a impaciência que sentia de aliviar a miséria. Léon subiu atrás dela.

Eugênia Garin, ou pelo menos a que usava êste nome, estava sentada na sala de jantar, conservando a sua atitude modesta e melancólica.

Viu entrar Cerise e Léon Rolland ao mesmo tempo, e logo adivinhou ser a primeira aquela a quem esperava.

E então ergueu novamente os olhos para Léon Rolland, relanceando-os em seguida para Cerise...

Êste duplo olhar deu dois resultados igualmente extraordinários.

A jovem estava pobremente vestida, tinha a aparência da honradez e da miséria reunidas; contudo, Cerise estremeceu quando ela a fitou, como se tivesse visto surgir-lhe na frente um réptil.

Dir-se-ia que teve o pressentimento de que lhe entrara a infelicidade em casa.

Ao mesmo tempo sentiu Léon igualmente uma sensação desconhecida, desagradável.

Nenhuma destas impressões escapou à suposta filha do tio Garin.

Em menos de oito dias, pensou, há de êste homem estar louco de amor por mim, e esta mulher devorada pelo crime.

XVI

M I S T É R I O

Ao cabo pouco mais ou menos de uma hora subia a suposta filha do tio Garin, muito desembaraçadamente, a escada tortuosa e suja do prédio número 23 da rua de Charonne, entrando em seguida na pocilga do cego.

A porteira obedecera pontualmente a Léon Rolland. Acendera-lhe o fogão, e o velho, que estava sentado ao lado dêle terminara pouco antes, e muito tranqüilamente, a sua refeição.

— Então, Sr. cego, disse-lhe a jovem entrando, e mudando de tom e de maneiras, desempenhou o seu papel como devia.

O tio Garin, cuja cegucira não era completa, e que via ainda o necessário para poder prescindir de guia, tentou distinguir as feições da jovem, iluminadas naquele momento pelo reflexo avermelhado do fogão.

— Se a senhora estivesse presente dava-me palmas. Fui a nata dos pais... Chorei, solucei, até cheguei a dizer que a senhora era um anjo... E a prova de que fiz tudo muito bem feito foi o imbecil ficar todo atrapalhado.

E o velho desatou a rir ruidosamente.

— No fim deu-me quarenta francos, e ordenou à viúva Fipart que viesse acender-me o fogão.

— Eu até vejo, falou a jovem sorrindo — e depondo a um canto uma trouxa bastante volumosa, contendo o trabalho que Cerise lhe dera — que lhe não faltava appetite.

— Ora! disse o velho; appetite não falta, mas a sêde é mais firme ainda... e para a sua bondade não ter igual, havia a senhora de mandar dar uma pinga de vinho...

— Está livre disso! retorquiu a jovem, rindo-se. Quem bebe dá à língua, e eu não quero que você faça tolices.

— Não tenho então remédio senão beber água? perguntou o bêbado, em um tom de lamentação.

Decerto, enquanto eu lhe não permitir que beba vinho. Nesse dia poderá até pernoitar na taverna, se quiser.

— E será em breve?

— Não sei, respondeu ela em tom sêco.

Depois sentou-se junto do fogão e prosseguiu:

Não posso demorar-me mais nesta pocilga infecta, por consequente, entendamo-nos. Prometi-lhe dez luíses por mês se você desempenhasse convenientemente o seu papel de pai cego e desgraçado.

É verdade, minha senhora; mas também posso gabar-me de que sou consciencioso...

Se continuar assim até o fim tem mil escudos, quando terminar a comédia.

O cego soltou uma exclamação de alegria.

Bem... Boa noite. Volto amanhã de manhã. O Sr. Rolland não pode vir de manhã nem à noite, sei isso com certeza; mas se êle por acaso aparecer aqui uma noite, porque enfim deve-se prever tudo, é claro ter eu saído pouco antes de chegar.

Em seguida desceu a escada e entrou no cubículo do porteiro.

A porteira, era a própria viúva Fipart, nosso antigo conhecido de Bougival; a viúva ilegítima do falecido Nicolo, em uma palavra, a mãe adotiva do vadio Rocamble, que se transformara no elegante Visconde de Cambolh.

A viúva Fipart, como fàcilmente se adivinha, não era porteira senão por fantasia, com o único fim de se distrair.

Graças a Deus, aquela excelente criatura tinha alguma coisa de seu.

Em primeiro lugar, recebera soma bastante avultada pela traição do seu querido Nicolo, que fôra executado certa manhã na barreira de São Jacques, haveria quatro anos.

Depois desenterrara um pecúlio que tinha escondido, a ocultas de Rocamble, no subterrâneo da taverna de Bougival.

Além disso o filho adotivo, voltando da América, disse-lhe:

— Uma mulher como minha mãe, como a mãe de um fidalgo, não pode viver em más circunstâncias. Vou dar-lhe mesada de mil e duzentos francos, com a qual poderá retirar-se para Montmartre ou Batignoles, e viver ali como uma burguesa que não faz mal a ninguém e que "tem de seu".

— Pois eu preferia ser porteira de algum prédio asseado, respondeu a viúva, mesmo apesar dos mil e duzentos francos.

— E o capitão, retorquiu Rocambole, tem exatamente um prédio na rua de Charonne. O lugar está vago; pode ocupá-lo.

A viúva Fipart fôra naquele mesmo dia ocupar o lugar vago.

— Tenho tanta necessidade de me distrair! dissera ao filho; porque, por mais que faça, não posso deixar de chorar o meu pobre Nicoló... Morrer tão moço e inocente!

—Tal fôra a oração fúnebre que Rocambole rezava por Nicoló.

Como se deve supor, a viúva Fipart sabia já o segredo da fingida filha do tio Garin e tinha ordens a tal respeito, por que esta última entrou sem cerimônia em casa dela:

— Deixei lá em cima uma grande trouxa. Há de levá-la ao quarto que alugou para mim, na esquina da rua da Lapa, e procurar uma costureira que faça aquêlê trabalho.

— Sim, senhora.

— Boa noite... até amanhã.

E a desconhecida saíu, chamou um fiacre que ia passando, meteu-se nêlê:

Dali a vinte minutos apeava-se Turquesa ao portão do palacete.

A criada de quarto a esperava, no gabinete de vestir.

— Livra-me dêstes farrapos! Safa! Se no fim disto não houvesse um milhão!

E, despindo-se rápidamentee, ordenou que lhe preparassem um banho.

Depois de tomar o banho, vestiu-se como qualquer senhora que vai passear de carruagem.

Perguntou:

— Como está êle?

— O doutor já veio, respondeu a criada. Depois de o doutor se retirar, comeu uma asa de galinha, e bebeu um dedo de vinho Bordeau... Fui duas vêzes ao quarto saber se êle precisava de alguma coisa; de ambas as vêzes me disse que não, perguntando-me se a senhora se demoraria ainda muito tempo.

— Pobre pombinho! gracejou Turquesa, desatando a rir.

— O que me parece, comentou a criada, é que êle já está pronto... Acheio-o tão pálido!

É... não te fêz pergunta nenhuma?

Não, minha senhora.

É nem ao menos te meteu dois luíses na mão?

Infelizmente, não, minha senhora.

Bem... retorquiu a jovem sorrindo; o que vejo é que o leal... Respeita o mistério que me envolve, e por isso mesmo será mais fácil de depenar... Isto é um homem que daqui a três meses é capaz de passar pelo buraco de uma fechadura com um pequeno sinal do meu dedo mínimo!

É Turquesa, com vestido afogado côr de castanha, os braços nus, os formosos cabelos formando uns rolos lindíssimos, passou do seu gabinete de vestir para o quarto em que Fernando Rocher continuava a estar de cama, e a esperá-la com incrível impaciência.

Apenas entrou no quarto o rosto do enfêrmo, pálido poucos minutos antes, ruborizou-se repentinamente, por efeito de súbita e violenta comoção.

— Ei-la, enfim!...

— Santo Deus! fingiu ela sorrindo e lançando-lhe uns olhos que o perturbaram até o mais íntimo da alma; pois era tal a impaciência por me ver?!

Fernando corou, sentindo-se perturbado.

— Perdoe-me... balbuciou. Confesso que sou em extremo inconveniente...

A jovem sorriu para êle e recostou-se com a maior languidez em uma poltrona que estava aos pés da cama, curvando um pouco o braço nu ornado com um bracelete e assumindo a atitude mais natural que se poderia imaginar.

— Avalio um tanto a sua impaciência; e creia que está desculpado, porque também eu a experimentei.

— A senhora! murmurou, iludindo-se com o sentido daquelas palavras.

— Certamente...

— Oh! minha senhora...

— Cale-se... pediu ela pondo um dedo na bôca; e deixe terminar a exposição da minha teoria. Assim como os prisioneiros esperam com tal ou qual ansiedade o aparecimento cotidiano do seu carcereiro, os enfermos chegam a aperfeiçoar-se ao seu enfermeiro, única pessoa com quem co-vivem.

— Minha senhora... minha senhora... murmurou Fernando, levado arrebatadamente por um impulso súbito; é de certo um sentimento muito diverso...

— Bem sei o que quer dizer... observou a Turquesa, sem por t ermo ao sorriso que lhe embelezava os lábios, desejava naturalmente ter notícias de sua espôsa?

Estas palavras impressionaram Fernando, pelo modo por que o som do tambor impressiona o soldado adormecido.

Estremeceu, perdeu de todo a côr, balbuciou, e lembrou-se de Hermínia.

Mas então, a despeito da suave imagem de Hermínia, já os olhos perversos e tentadores da Turquesa tinham lançado a perturba o no cora o de Fernando.

Era ainda Hermínia quem  le amava?

O caso é que, daquele momento em diante, viveu Fernando como que em um sonho, entregue a rápidas alternativas de febre e de frio, ora chamando em altas vozes a espôsa, ora esquecendo-se dela para não ver nem ouvir senão a formosa desconhecida.

Entretanto, continuava ela a envolver-se no mais impenetrável mistério, encrespando as lindas sobranceiras se Fernando soltava alguma pergunta indiscreta, e respondendo-lhe depois com um sorriso repleto de tristeza.

— Para que h  de o senhor ser ingrato? Não lhe disse já que não sou absolutamente senhora do meu segrêdo?

E então Fernando calava-se, e contentava-se com admirar a deslumbrante criatura.

Durou isto oito dias, e no decurso dêles caminhou r pidamente a convalescença do ferido.

No cora o, porém, teve de suportar cruéis assaltos. Contudo, nunca houve mulher que se mostrasse mais ingenuamente bondosa, mais castamente franca, nem com mais juízo do que a Turquesa.

Nas suas maneiras havia simult neamente o que quer que era da Duquesa e da irmã de caridade.

Cuidava de Fernando como se cuida de um homem querido, e mesmo idolatrado, sorrindo sempre para  le como se deve sorrir para uma criança enferma; mas Fernando nem uma só vez se atrevera a pegar-lhe na mão.

Pouco se lhe afastava da cabeceira. Saía todos os dias as duas horas e regressava às oito.

Então sentava-se ao lado da cama; e Fernando esquecia-se do mundo inteiro, ouvindo o som daquela voz que o encantava.

Certa manhã, em que o sol lhe inundava o quarto, entrando pela janela entreaberta e deixando ver o arvoredado desfolhado de um grande jardim, permitiu o doutor ao seu doente que se levantasse e respirasse um pouco de ar mais puro. Esta concessão causou profunda alegria em Fernando, por que deu ocasião a que a formosa desconhecida lhe dissesse:

— Está hoje um dia de inverno lindíssimo; o sol está quente, e o ar tépido. Se o senhor promettesse não abusar, permitia-lhe que desse duas voltas pelo jardim... apoiando-se no meu braço...

Fernando foi, pois, com ela ao jardim, dando-lhe mais o braço do que apoiando-se no dela.

Como sabemos, havia quatro anos que Fernando Rocher passara uma noite naquele mesmo palacete da rua Mancey: era natural que lhe reconhecesse pelo menos o jardim.

Mas Fernando não pensava. Semelhante a um passarinho, fascinado pelo réptil, não via, nem ouvia senão a adorável criatura que estava ao seu lado.

Durante três dias ainda pôde o doente levantar-se e passear uma ou duas horas no jardim, pelo meio do dia; depois, como a ferida se ia fechando e principiando já a cicatrizar, disse-lhe a formosa desconhecida, na noite do terceiro dia:

— Dentro em pouco está restabelecido, e portanto poderá regressar para junto de sua espôsa.

Fernando estremeceu, e como que viu de repente surgir-lhe na frente o passado, o que lhe ocasionou uma espécie de vertigem.

— Santo Deus! exclamou êle; mas tenho espôsa e um filho... uma espôsa a quem amo, e que devia achar-se aqui!

Turquesa tinha-se ausentado por um momento; mas, apenas voltou, pegou-lhe na mão e, com o sorriso mais sedutor:

— Não sabe? Venho pedir-lhe um grande favor.

Fernando soltou uma exclamação de alegria:

— Terei, porventura, algum meio de lhe provar...

— Silêncio! murmurou ela. Não estrague frases que de nada servem e ouça-me com atenção...

E recostou-se na poltrona, que outrora estava junto da cama e fôra mudada para o lado do fogão, desde que Fernando se levantava.

— Como sabe, não lhe posso revelar o meu nome, nem o da rua onde estamos...

— Sei... sei... retorquiu êle muito tristemente.

— Assim, há de dar-me a sua palavra de honra de me obedecer cegamente.

— Tem a minha palavra.

— “Cegamente” é o verdadeiro têrmo, prosseguiu ela sorrindo-se porque lhe vou vendiar o solhos.

Fernando fêz um gesto de surpresa.

— Tendo os olhos vendados, fa-lo-ão meter-se em uma carruagem; mas primeiro recebe uma carta que conterà as minhas instruções, e lhe dirá o que espero do senhor...

— Santo Deus! Isto é um conto das “Mil e uma noites”!

— Quase...

— E aonde me leva essa carruagem?

A jovem soltou uma risada:

— Que pergunta! Se quisesse dizer seria realmente inútil vendiar-lhe os olhos...

— Tem razão...

— Assim, o senhor mete-se na carruagem, a qual rodará por uma ou duas horas; pára, o senhor desce, tira a venda e lê a minha carta.

— E quando devo partir? perguntou Fernando.

— Imediatamente.

Então Turquesa sentou-se diante de uma escrivaninha, escreveu a carta e fechou-a; fêz com que Fernando vestisse o sobretudo, pôs-lhe ainda nos ombros a capa, e tirando um lenço de sêda que tinha no pescoço:

— Olhe, leve êste lenço no rosto que é para se lembrar de mim.

E, vendando-lhe imediatamente os olhos, pegou-lhe na mão:

— Venha comigo.

— Fê-lo sair de casa, atravessar o jardim e transpor a grade, ao portão da qual estava parada uma carruagem.

Depois, ajudada pelo cocheiro, fê-lo entrar na carruagem e fechou a portinhola.

— Seja fiel à sua palavra! disse-lhe.

E a carruagem partiu, ao passo que Turquesa voltava para casa, rindo e pensando:

— Não tarda que volte aqui, e se ajoelhe a meus pés, com a carteira na mão!

Entretanto, rodava rapidamente a carruagem; dando muitas voltas e reviravoltas, não parou senão ao cabo de duas horas.

O cocheiro desceu e abriu a portinhola.

Fernando apeou-se, e enquanto se demorou a tirar a venda dos olhos, afastou-se a carruagem a trote.

— E' aqui...

Fernando olhou em tórno: viu que era noite, e as ruas estavam desertas; mas logo conheceu o lugar em que se achava.

Estava no princípio da rua de Amesterdão, em frente da estrada de ferro do oeste.

Correr para debaixo do lampeão, e abrir a carta, foi a primeira coisa de que cuidou.

Era curta e dizia o seguinte:

“O senhor está quase restabelecido, e em estado de regressar à sua casa, onde sua mulher, que o ama, o espera impaciente.

Adeus, pois, e não torne a bater-se.

Se alguma vez se lembrar de mim, lembre-se de que a vida se compõe de mistérios impenetráveis e não tente tornar a ver-me.

Em primeiro lugar não sou livre, não posso dispor de mim, e o senhor expor-se-ia aos maiores perigos...

Além disso, lembre-se de que tem uma bondosa, bela e encantadora esposa, a quem ama, e por quem é deveras amado...

Em uma palavra, mostre-se generoso... porque estou certa de que haveria perigo para mim em continuar a ser sua enfermeira.

Adeus, não me queira mal, e suponha isto tudo apenas um sonho.

O sonho é a melhor coisa desta vida”.

Fernando mal pôde sufocar um grito quando acabou de ler esta carta e encostou-se à parede, quase desfalecido.

— E' indispensável que a torne ver... murmurou; e, ainda que tenha de revolver Paris, hei de descobri-la!

XVII

PLANO DE CAMPANHA

No dia seguinte àquele em que Fernando Rocher fôra tão extravagantemente posto fora do palacete da rua Moncey pela sua misteriosa desconhecida, achava sir Williams, scria meia-noite, abancado em frente de Rocambole, no quarto que êste ocupava na rua do arrabalde Saint-Honoré, na esquina da rua de Berri.

O Visconde estava agasalhadamente envolto em amplo roupão, e a fumar, ao passo que sir Williams se indenizava do pouco que comia em casa do Conde de Kergaz, dando cabo de um pastelão.

— Há três dias que o não vejo, meu tio... e temos novidade.

— E' muito provável.

— Enquanto ceia, vou dar conta dos nossos apontamentos.

E o filho adotivo da viúva Fipart levantou-se, foi buscar uma pasta muito volumosa, que estava em cima de uma banca próxima, e abriu-a em cima dos joelhos.

Continha uma infinidade de papéis, cobertos de sinais misteriosos, semelhantes aos que entrevimos em cima da mesa do presidente, na noite da reunião dos Valetes de Copas.

Era registro de quanto comunicavam os diferentes membros da vasta associação.

Cada Valete de Copas escrevia em caracteres vulgares a Rocambole, o qual copiava o apontamento em caracteres de convenção, e queimava prudentemente o original.

— Vamos lá ouvir! disse sir Williams, continuando a comer com excelente apetite.

— Principio pelo relatório mais antigo, que é o do Querubim.

— E' o mais importante.

“Querubim valsou duas vêzes com a Marquesa Van-Hop no seu baile. A Marquesa sentiu certa perturbação, mas con-

servou-se indiferente e fria. Querubim arriscou-se a dirigir-lhe um cumprimento fútil, a que a Marquesa não deu ouvidos e retirou-se do baile, seriam três horas da manhã. No dia seguinte, às duas horas, quando a Marquesa atravessava os Campos Eliseos encontrou-se com um cavaleiro, que a cumprimentou, e que era Querubim.

Querubim monta perfeitamente a cavalo, e possui todos os dotes exigidos pela melhor escola de equitação.

Quando cumprimentou a Marquesa, notou que o formoso rosto se lhe coloriu ligeiramente.

No dia imediato, o major Carden apresentou Querubim em casa da Condessa G... inglesa de distinção, a cuja casa vai a Marquesa com freqüência e muitas vezes só.

Exatamente naquela noite não tinha o banqueiro holandês acompanhado sua espôsa, e quando ela entrou quis o acaso que Querubim estivesse melancolicamente encostado ao fôlego de uma sala de passagem, que continuamente estava deserta.

Uma nuvem de tristeza (de ótimo efeito) lhe sombreava o rosto e soube empalidecer a propósito, quando cruzou o olhar com o da Marquesa.

Mostrou-se em extremo polido, e, longe de manifestar solicitude extemporânea, manifestou desejo de se conservar à distância. Não dançou com a Marquesa, mas por duas vezes, voltando-se esta, surpreendeu os olhos de Querubim fitos nela."

— Ótimamente... opinou o baronete. O meio mais seguro de alcançar bom êxito com as mulheres, e de tudo esperar delas, consiste em apresentar-se o homem como quem deseja subtrair-se ao seu destino fatal. Continue, meu sobrinho.

"Querubim notou certa perturbação na Marquesa. Retirou-se muito cedo; seria quando muito meia-noite.

No dia imediato, passeou Querubim no bosque, nos Campos Eliseos e na avenida de Marly, das duas às quatro horas.

O tempo estava magnífico, mas parece que a Marquesa não deu o seu passeio habitual. No outro dia não foi Querubim mais feliz.

Sábado passou a Marquesa o dia em casa.

O major Carden fêz-lhe uma visita e achou-a só.

Parecia estar adoentada, e tinha os olhos pisados.

Não obstante, fingiu muita jovialidade e conversou um pouco em diferentes assuntos.

Depois, sem afetação, e do modo mais natural dêste mundo, perguntou ao major quem era o rapaz que êle lhe apresentara, e depois tornara a encontrar em casa da Condessa G...

Respondeu-lhe que era Oscar de Verny, cavalheiro perfeitíssimo, mas triste, melancólico e prêsa, segundo êle supunha, de algum pesar amoroso.

O major viu então a Marquesa estremecer ligeiramente, desviar a conversação e pedir-lhe notícias da última representação da Ópera."

— Aqui, concluiu Rocambole, terminam os apontamentos do major e de Querubim.

— E' pouco, mas, enfim, já é um princípio.

— Os cinco milhões da indiana, acentuou Rocambole, não hão de ser fáceis de ganhar?

— Mas sempre se hão de ganhar.

— A Marquesa é um baluarte de virtude...

— E' verdade, retorquiu sir Williams; mas tanto Querubim como Turquesa têm o olhar sedutor a que nem sempre se resiste. Passemos a outro.

Rocambole compulsou novamente os papéis:

"Apontamentos acêrca de Malassis.

A Sra. Malassis voltou do baile na noite de quarta para quinta-feira.

Dalí a pouco ouviu passos, e julgou que era o idoso Duque de Chatcau-Mailly, que ia à sua casa apesar do adiantado da hora; mas viu entrar Artur Champi, outro Valete de Copas.

Espantadíssima, viu a porta fechar-se, dominando no quarto o mais profundo silêncio.

Que ocorreu entre ela e o jovem? E' o que ninguém sabe. O certo é que, antes de amanhecer, saiu Champi e não tornou depois a aparecer.

Não há, porém, dia nenhum que a Sra. Malassis não saía às duas horas e não volte às quatro.

Na quinta-feira, de manhã, às sete horas, pouco depois de amanhecer, veio o Duque. Estava horrivelmente pálido e

transformado; e conhecia-se pelo desalinho do vestuário que de não tinha deitado em tôda a noite.

O Duque entrou pela rua Pepinière. Malassis achava-se já de pé, e a criada de quarto estava acabando de fechar as portas. A senhora parecia agitadíssima; empalideceu e não pôde occultar a comogção que a dominava, quando viu entrar o Duque.

Temia já não tornar a vê-lo; contudo, desempenhou ôtimamente o seu papel; mostrou-se digna, fria, severa e soube chorar a propósito.

O Duque ajoelhou a seus pés, suplicando e chorando.

A Sra. Malassis mostrou-se por muito tempo inflexível, mas afinal cedeu; consentiu em desposar o Duque, com a condição de que o casamento se faria sem pompa, à noite, e que partiriam imediatamente para a Itália.

Além disso exigiu que o Duque não lhe pusesse mais os pés em casa antes da publicação do primeiro banho.

Espero ordens."

— Isto, sim, sir Williams, caminha muito mais rapidamente que o negócio da Marquesa. Chega até a caminhar com pressa demasiada: é necessário achar meio de lhe travar as rodas. A tarefa do Conde de Chateau-Mailly está pouco adiantada. Tiveste notícias da Fipart?

— Sim. Veio aqui esta noite, eram nove horas e apresentei-me em transcrever o seu pequeno relatório.

— Ouamos... disse sir Williams.

"A senhora loura, leu Rocambole, vem regularmente todos os dias, pelas duas horas, a trabalhar.

Léon Rolland vem também todos os dias, sob pretexto de saber como passa o velho, mas conversa por muito tempo com a senhora loura.

Ontem falou êle de mandar transportar o velho para uma casa de saúde.

Apenas êle se retira, vai a senhora loura mudar de roupa em um quarto que eu lhe reservei, e manda-me buscar uma carruagem.

Há dois dias parece o Sr. Léon muito pensativo; e a voz treme-lhe sempre, quando pergunta se a menina Eugênia está com o pai.

Ontem veio êle à mesma hora, mas a senhora loura ainda não tinha chegado. Disse-lhe ter ela saído; e o Sr. Léon empalideceu, mas foi subindo.”

E tirou do bôlso um papel escrito com letra muito miúda, e que denunciava mão feminina.

Era uma carta da Turquesa:

“Meu querido protetor:

Segundo me parece, não tarda que a Sra. Cerise Rolland tenha grandes desgotos.

O scu imbecil espôso está definitivamente fascinado. Não há um só instante em que êle não se ache pronto a lançar-se-me aos pés, mas serve-lhe de obstáculo a presença do meu suposto pai.

E' acaso necessário suprimi-lo, mandando-o para a casa de Dubois?

Espero-o amanhã no ponto convencionado, para saber o que devo fazer”.

Sir Williams releu a carta e em seguida aproximou-a da luz, e queimou-a.

— E' verdade... meu tio, permita-me uma pergunta.

Sir Williams fêz um sinal afirmativo.

— Turquesa há de ser amada simultâneamente pelo Rolland e por Fernando? Qual a razão dessa dupla operação? Não seria preferível ter duas mulheres diferentes? Parece-me que seria muito mais cômodo...

Sir Williams encolheu os ombros.

— Definitivamente, murmurou êle, vales muito mais do que eu supunha!

Rocamble fêz um gesto de quem se sentia ofendido pelo tom desdenhoso de sir Williams.

— Não podes prever que há de chegar um momento em que êsses dois homens terão atingido o paroxismo da paixão?

— E então?

— Então?!... escarneceu sir Williams, cujo sorriso infernal que lhe reapareceu no rosto, com todo o seu fatídico esplendor; então arranjamos uma cenazinha, que dará em resultado degolar-se um ao outro, que nem dois magarefes embriagados.

— Famoso! exclamou Rocamble: famoso!

E fitou sir Williams com a mais simplória admiração.

— Sabe o que lhe digo, meu tio, murmurou êle, é que afinal o “pasteleiro” (nome que certos ladrões dão ao diabo), tem de abdicar em seu favor!... Você é inquestionavelmente mais fino do que êle!

— Obrigado... retrucou o baronete, em tom de modestia.

Afastou a mesa, carregada com os despojos da ceia, tirou um charuto de cima do fogão e tornou a recostar-se na vasta poltrona, envolvendo-se ao mesmo tempo majestosamente em magnífica nuvem de azulado fumo.

A meditação do baronete, que Rocamble não se atrevera a perturbar, durou cêrca de dez minutos.

De repente ergueu a cabeça:

— Dize-me uma coisa, sabes qual é o melhor modo de experimentar o coração de uma mulher?

— Suponho que há muitos modos de o conseguir...

— Pois há um que é infalível.

— Ah!

— A Marquesa principiou talvez já a amar Querubim, em segredo...

— E' provável... murmurou Rocamble.

— Mas a Marquesa é virtuosa...

— Ora, adeus!

— E quando uma mulher virtuosa não denuncia a si própria, por meio de uma comoção qualquer, o segredo do seu coração, é um reduto inexpugnável. Logo, é necessário que a Marquesa confesse um dia a si mesma que ama Querubim.

— Será isso possível?

— Não há nada que não seja possível neste mundo.

— Queira então dizer, meu tio...

— Depois de amanhã há espetáculo na Ópera.

— Há... Cantam-se “Os Huguenotes”.

— A Marquesa vai à Ópera regularmente?

— Quase tôdas as noites.

— Muito bem; repara atentamente no que te vou dizer. Procura Querubim, e dizes: “Há uma certa cutilada em um braço, que não passa de uma arranhadura, e causa sempre defeito nas mulheres. E' necessário que o senhor receba da

minha mão a tal cutiladinha; porque talvez a Marquesa mande no dia seguinte ao do combate saber notícias suas”.

— Idéia excelente...

— Ouve mais... Dize a Querubim que vá à Ópera e alugue o camarote imediato ao da Marquesa...

— Perfeitamente!

— Depois, em um dos entreatos, procuras o modo de ter com êle uma altercação polida, cortês, mas que se não possa acomodar, e falarão ambos bastante alto, de modo que a Marquesa não perca uma única palavra, acêrca da hora do combate, da escolha das armas, do número da casa em que Querubim reside, etc.

— Muito bem...

— Entretanto, prosseguiu sir Williams, e já amanhã de manhã, irá Querubim alugar um quarto que está atualmente devoluto na rua da Pepinière n.º 40.

— No prédio da Sra. Malassis?

— Exatamente.

— As janelas do tal quarto dão para o jardim e vêem-se delas as da Sra. Malassis.

— Belo... belo!... murmurou Rocambole maravilhado.

— A Marquesa vai às vêzes visitar a sua amiga; aposto que no mesmo dia do combate está a Marquesa em casa da Sra. Malassis antes do meio-dia... O Ventura nos informará. Que tal achas a minha idéia?

— Esplêndida!... E juro-lhe que há de ser maravilhosamente executada; mas...

— Ah! anotou sir Williams, encrespando as sobrancelhas; temos um mas...

— Como sempre e em tôda parte...

— Qual é o teu, vamos a ver?

— Se o Querubim não quisesse...

— Não quisesse o quê?

— Receber a cutilada.

— Ora esta!... V. Exa. endoideceu, Sr. Visconde?

— Qual endoideci! E' que uma cutilada não tem nada de agradável.

— Meu querido amigo, destacou friamente o baronete, quando algum homem nos pertence, pertence-nos deveras. Se houvesse necessidade de que o amigo Querubim sacrificasse

no Clube dos Valetes de Copas o nariz e ambas as orelhas, o que, convenho, lhe estragaria um tanto o bonito rosto, crê que me encarregaria eu muito tranqüilamente da operação.

O baronete abotoou o tal comprido casaco prêto, que lhe dava aspecto eclesiástico, pegou no chapéu de abas largas e estendeu a mão a Rocambole.

- Até amanhã.

- Quer a minha carruagem? — perguntou-lhe o Visconde sueco.

- Quero, até ao fim da rua Blanche.

E sir Williams meteu-se, com efeito, no carro de Rocambole, que parou, por sua ordem, na esquina das ruas Blanche e de S. Lázaro, de frente de uma farmácia.

Depois subiu a pé a primeira destas duas ruas, em direcção à rua Moncey.

Sir Williams era homem prudente; estabelecera a Turquesa no palacete da Baccarat, mas conservara-se misterioso proprietário d'êle, e, como queria reservar para si o direito de penetrar a tôda hora em casa da cortesã, ficara com uma chave da grade do jardim, e com outra que lhe dava entrada em casa.

Entrou, portanto, sem bater, sem fazer ruído, sem despertar ninguém, atravessou o vestíbulo, subiu ligeiramente ao primeiro andar e bateu com extrema discrição na porta do quarto, em cujas janelas vira luz quando atravessara o jardim.

— Entre... disse a voz da loura Jeni.

Turquesa achava-se já com o seu traje noturno, porque estava a ponto de se meter na cama.

— Ah! é o senhor?... Tinha o pressentimento de que vinha esta noite.

— Podias dizer esta manhã, porque são três horas.

— Pois sim... mas permite-me que me deite?

— De certo... Não sirvo de obstáculo.

Enfiou-se imediatamente entre os lençóis, pousou a formosa cabeça e os bastíssimos cabelos no travesseiro, arredondou os braços em tórno do rosto e fitou sir Williams.

— Meu querido sultão, às suas ordens.

— Então, falou sir Williams, em tom paternal, ouve-me com atenção, pequena...

Sentou-se aos pés da cama e pôs-se a acariciar a mão branca e pequeníssima da sua linda hóspede.

— Amanhã, de manhã, vais à rua de Charonne, metes teu suposto pai em uma carruagem, e vais levá-lo à casa de saúde Dubois, o arrabalde de Saint-Denis.

— Até que enfim!... falou a Turquesa, em cujos olhos transpareceu a mais extrema perversidade.

— O resto é contigo... concluiu fleumáticamente sir Williams.

— E... Fernando? perguntou ela.

— Ainda não... ainda não... Que demônio? Quando se trata de depenar doze milhões, é necessário ter paciência...

— Hei de tê-la, murmurou a horizontal; o que lhe juro é que, se Fernando voltar aqui, há de deixar o seu último luís.

— E a honra da espôsa... acrescentou o baronete, com extrema tranqüilidade.

— Amem! concluiu Turquesa.

XVIII

A P R O V O C A Ç Ã O

Era no dia seguinte àquele em que sir Williams tivera com Rocamble a conversação que narramos.

A Marquesa Van-Hop estava no seu gabinete de vestir; eram quase sete horas e meia.

O Marquês achava-se mergulhado em vasta poltrona, no toucador da espôsa, que estava entregue às mãos da criada.

Apaixonado como no primeiro dia da lua de mel, admirava Van-Hop a suave beleza de sua mulher, beleza que teria passado ótımamente sem a catarata de diamantes que do pescoço lhe inundava os ombros e dos magníficos ramos de coral que lhe ornavam os cabelos maravilhosamente pretos. A Marquesa, porém, estava pálida e com aspecto doentio.

Havia uns tantos dias que a crioula parecia prêsa de vagas inquietações e de insólitos ataques de tristeza, de que não podia explicar a causa.

Ora, o Marquês tinha na verdade quarenta anos, mas conservara a beleza varonil e um tanto taciturna, que é apaná-

gio das raças do norte; sua cútis, ordinariamente corada, se tornava em extremo pálida, após comoção violenta; era de elevada estatura.

Segundo se dizia, era muito sujeito ao que os povos setentrionais denominam "cólera branca". Habitualmente pacífico, dócil e benévolo, dissimulava perfeitamente o ciúme, mas muitas vêzes adivinhava-se na lividez do rosto o furor concentrado que o dominava; de modo que sir Williams apreciara perfeitamente quando o julgara capaz de matar a espôsa, no dia em que a reconhecesse culpada, ou como tal a olhasse.

Van-Hop ora, contudo, um homem de boa sociedade, que sabia refrear as paixões, dominar os instintos, e deixar à sua mulher plena liberdade de ação. Assim, naquele dia, não vira o Marquês o mínimo inconveniente em deixar ir a espôsa à Ópera sem que êle a acompanhasse.

O Marquês era apaixonado jogador de xadrez; e como havia naquela noite excelente partida no seu clube não queria faltar a ela.

— Às onze horas, no fim do último ato, vou buscar-te na Ópera, dissera à espôsa.

Ê assistia, conversando, ao pentear da espôsa, quando foram anunciar o major Carden.

— Mandê entrar para a sala, sugeriu a Marquesa.

— Não, não... contrapôs com muita vivacidade o Marquês; já estás vestida, por conseguinte podes receber a visita do major aqui mesmo, é um amigo velho, que pode entrar em tôda parte.

Os cinqüenta anos do major explicavam perfeitamente esta confiança de Han-Hop.

Entrou o major.

— Não sabe, major? proferiu o Marquês, repentinamente assaltado por uma idéia; foi excelente a sua lembrança de nos vir agora visitar.

O major beijou a mão da Marquesa, e fitou o marido com ar de interrogação.

— Diga-me uma coisa, meu querido major; gosta da Ópera?

— Muito, Marquês.

— Pois a Marquesa oferece-lhe um lugar no seu camarote.

E Van-Hop olhou para a Marquesa, em cujos lábios pairou ligeiro sorriso.

— Olhe, major, meu marido é um traidor, ou para melhor dizer, um marido como há muitos, que prefere um tabuleiro de xadrez à companhia de sua esposa e que, para conciliar os seus deveres com as paixões, pede ao amigo que lhe proteja a esposa.

A Sra. Van-Hop fitou o marido, e corrigiu com um olhar encantador o amargo daquela exprobaçãozinha.

— Vá jogar, vá... acrescentou ela, mas não se esqueça de vir ouvir o quarto ato; bem sabe que “gostamos” muito dêle.

Era uma sexta-feira, dia da moda: estava cheia a sala.

A Marquesa, que estava de encantar naquela noite, causou sensação quando apareceu no camarote.

As instruções que sir Williams dera a Rocambole tinham sido rigorosamente cumpridas.

Pouco depois de a Marquesa se sentar no lugar de honra, abriu-se o camarote contíguo e entraram dois homens.

Um dêles era Oscar de Verny, denominado Querubim.

Apenas entrou no camarote apoiou-se no parapeito, e debruçou-se exatamente o necessário para que a Marquesa, dirigindo o binóculo para um e outro ponto da sala, o notasse.

Se a Sra. Van-Hop visse surgir de repente diante de si um perigo certo, iminente, impossível de conjurar, talvez não tivesse experimentado comoção mais violenta do que a que lhe apertou o coração no momento em que avistou Querubim.

Porém, era mulher, e não há mulher que não saiba dissimular as aflições da alma sob a máscara da indiferença.

Não lhe oscilou um único músculo do rosto, e voltou-se para a cena sem a mínima afetação.

Mas vira-o...

Quanto ao major, como do lugar em que estava não podia ver Querubim, conservava-se tranqüilo, assestando o binóculo para a sala como velho frequentador da Ópera, acostumado a achar ali todas as sextas-feiras a sociedade com quem convive.

No momento em que subia o pano, abriu-se o camarote fronteiro ao da Marquesa, e que pertencia a um estrangeiro de distinção, e entrou nêle o Visconde de Cambolh.

— Olhe, Marquesa... disse o major, inclinando-se um tanto; ali chegou agora o Sr. de Cambolh.

— E' verdade...

— Pare-me que já o encontrei em casa de V. Exa.

— Não se engana... Foi-me apreesntado por um escultor que me visita com muita freqüência, e anda empenhado em me dar algumas lições de estatuária.

A Marquesa, cujo coração continuava a bater por efeito de uma comoção desconhecida, estava satisfeitíssima por trocar algumas palavras com o seu cavalheiro, com o único fim de iludir a própria inquietação.

— O Sr. de Cambolh, explicou o major, é um homem de excelentes maneiras, um fidalgo da melhor sociedade.

— E' sueco, segundo me disseram.

— De origem; mas nasceu na França. Eu servi por muito tempo com o pai. A sua família ocupou posição muito eminente na côrte da Suécia.

— E' rico?

— Não; tem de rendimento umas trinta ou quarenta mil libras; mas é provável que mais tarde ou mais cedo realize um casamento vantajoso. E' moço, tem ótimas qualidades, e é muito inteligente... Mas, anotou o major, como que interrompendo-se, como não há medalhas sem reverso, a par das suas excelentes qualidades é dotado de caráter irascível e irrequieto.

— Na verdade! frisou a Marquesa, que parecia escutar atentamente o major, quando seu pensamento estava realmente em outra parte.

— Que eu saiba, prosseguiu o major, já teve vinte e cinco ou trinta duelos. E' exímio atirador, e possui o mais inalterável sangue frio; de modo que mata quase sempre o adversário.

— Que horror! murmurou a Marquesa.

E, voltando-se novamente para a cena, pareceu ouvir o primeiro ato com extrema atenção.

O que ela, porém, realmente fazia, era procurar a explicação das precipitadas palpitações que lhe assaltavam o coração, desde que entrevira Querubim.

Entretanto, pareceu-lhe notar que o binóculo do Visconde de Cambolh se dirigia tenazmente para o camarote contíguo ao seu, quer dizer, para o camarote de Oscar de Verny.

E então fizeram-na estremecer as palavras que ouvira do major Carden.

Ou o Visconde olhava para Querubim de modo hostil, e a Marquesa, pensando em tal sentira o coração palpitar mais precipitadamente ainda, ou no camarote do Sr. de Verny estava alguma senhora, que atraia a atenção do Sr. de Cambolh.

E a Marquesa, admitindo esta hipótese, sentiu extraordinária indisposição.

Findo o primeiro ato, saiu o Visconde do camarote.

A Sra. Van-Hop respirou então desafogadamente. Dir-se-ia que acabava de escapar a um grande perigo.

Dalí a poucos minutos, porém, ouviu bater à porta do camarote vizinho. A porta abriu-se e, em seguida, ouvira a Marquesa as seguintes palavras ditas a meia voz.

— O Sr. Oscar de Verny?

— Um seu criado.

— Quer ter a bondade de me conceder um minuto de conversação?

— De muito boa vontade.

— Já tive a honra de me encontrar com V. Exa. há oito dias, em casa da Sra. Marquesa Van-Hop.

A Marquesa estremeceu, e começou a escutar com dobrada atenção.

— Eu, prosseguiu o Sr. de Cambolh, com a mais perfeita cortesia, tenho consumido muito tempo para saber o nome e a moradia de S. Exa. . . . mas ainda há pouco me disseram o seu nome. . .

— Quanto à segunda parte, posso satisfazê-lo. . . Moro na rua da Pepinière n.º 40.

Estas palavras fizeram novamente estremecer a Sra. Van-Hop, que continuava a escutar, ao passo que o major, que se achava no lado oposto do camarote, não ouvira, ou fingia não ouvir nada do que diziam os vizinhos.

— Mas, na verdade, disse o Sr. de Verny, sinto-me admirado da sua curiosidade.

— E' que, naturalmente, eu tinha um motivo para deo-
jar encontrá-lo. No baile da Marquesa, ignorava eu o seu
nome e tinha empenho em sabê-lo.

— Dar-se-á o caso, replicou o Sr. de Verney, com tal ou
qual pontinha de ironia, que esteja encarregado de missão...
"secreta"?

— De modo nenhum... Ocupo-me unicamente dos meus
próprios interesses; e se V. Exa. mo permitir explicar-me-ei
claramente.

— Estou à sua disposição.

A Marquesa percebeu, então, por um arrastar de cadei-
ras, que o Sr. de Cambolh se sentara, e, dominada por inven-
tível curiosidade, continuou a aplicar o ouvido ao que ocorria
no camarote contíguo.

— Como sabe, prosseguiu o Visconde em voz baixa, jo-
gou-se o lasquené, em casa do Marquês Van-Hop. O jôgo es-
teve muito animado, e houve cavalheiros que se mostraram
felizes.

— Felicíssimos! falou Oscar, com mal disfarçada ironia.

— Como eu, por exemplo, prosseguiu o Visconde, que ga-
nhei uma excelente soma, passando em seguida a mão...

— Lembro-me muito bem.

— E o fato de passar a mão foi a causa de um incidente
para mim desagradável... Em uma palavra, tive de sair do
baile, para ir bater-me.

— Ah! fingiu o Sr. de Verney em um tom que a Mar-
quesa, atenta como não deixara de estar, tomou por expres-
são de surpresa.

— Antes, porém, do combate, adotei as precauções que
me pareciam convenientes, e apresentei as minhas condições.
O meu adversário aceitou as minhas espadas, que havíamos
de ir buscar em minha casa, e, graças à ligeireza do meu ca-
valo, calculava que teríamos tempo de nos irmos bater na
planície de Monceau, visto que o vencedor podia voltar e tor-
nar a aparecer no baile, antes de ter decorrido uma hora.

— Então o senhor tinha empenho em dançar ainda?

— Não: mas em me achar novamente com certas pes-
soas, a quem tinham escapado sorrisos malévolos, e algumas
palavras pouco pensadas, no momento em que me levantava
da mesa de jôgo.

A Marquesa, que continuava a escutar, achava-se em verdadeiro suplicio.

O Sr. de Cambolh ia evidentemente provocar Oscar de Verny.

— Assim, prosseguiu o Visconde, pareceu-me ouvir, quando me retirava, estas palavras: “Nunca vi jogar dêste modo senão a gente que faz do jôgo uma profissão”.

— Ah! ouviu isso?

— Perfeitamente.

— E sabe quem proferiu essas palavras?

— Sei... Foi o senhor...

— Talvez!

E a Sra. Van-Hop adivinhou ter sido esta resposta acompanhada de um sorriso todo altivez e desdém.

— Quando regresssei ao baile, depois do duelo, prosseguiu o Visconde, procurei-o inútilmente: já se havia retirado.

— Retiro-me sempre muito cedo.

— Felizmente, porém, torno hoje a vê-lo, e lisonjeia-me a idéia de que se não recusará a explicar-me... as palavras inconsideradas que lhe escaparam.

— Sr. Visconde, retorquiu o Sr. de Verny, tenho um princípio invariável...

— Que vem a ser?

— Não é já arreponder nunca das minhas ações ou palavras, negando o passado.

— Logo, não se retrata do que disse?

— Nem uma sílaba.

— Dêsse modo, só me resta perguntar-lhe onde deseja receber as minhas testemunhas!

— Repito que moro na rua da Pepinière n.º 40.

— Mas é já bastante tarde, observou o Visconde, e eu desejava ver esta pendência terminada logo amanhã.

— E' fácil...

— Eu tenho aqui um amigo, êste senhor que está em minha companhia; e há pouco encontrei nos corredores o major Carden.

— Êsse, declarou o Visconde, está aqui ao lado, no camarote da Sra. Van-Hop.

— Ah!

E nessa exclamação adivinhou a Marquesa súbita comoção e inexprimível ansiedade.

Continuou a escutar, mas deveras trêmula e ouviu Quercubim prosseguir:

— Posso convidar o major para se achar à meia-noite no café Cardinal, na esquina da rua Richelieu, onde achará o Sr. Visconde e as suas testemunhas; depois, amanhã, às sete horas, poder-nos-emos encontrar no bosque...

— Devo preveni-lo de uma coisa — advertiu o Visconde de Cambolh.

— Queira dizer...

— E' que o duelo nunca foi para mim um gracejo ridículo; bato-me sempre sèriamente, e no caso presente espero que não voltemos ambos do bosque.

— Assim o espero também.

A Marquesa, que sentia o sangue esfriar-lhe no coração, ouviu novamente arrastar cadeiras, compreendeu que o Visconde se retirava.

O major aproveitara o intervalo para mirar a sala, e parecia não ouvir nada.

O que a pobre senhora sentiu naquele curto lapso de tempo é impossível de descrever.

E pelo que sofria, adivinhava que um daqueles dois homens, que no dia seguinte iriam disputar a vida encarniçadamente, lhe inspirava vivíssima simpatia. Esta simpatia, porém, tinha uma origem misteriosa, de que ela não podia dar ainda explicação a si mesma.

Porque a Marquesa era uma das mulheres realmente virtuosas, a cujos olhos a cadeia do dever se afigura formada de anéis indissolúveis.

Por um momento não tentou esclarecer as impressões dolorosas que experimentava; não viu, nem compreendeu senão uma coisa: que aquêlê moço tão interessante e triste ia bater-se e, sem dúvida, succumbiria naquela luta mortífera.

Então, como a mulher tem sempre um impulso de energia e de opposição antes de refletir, lembrou-se a Marquesa de obstar aquêlê encontro.

Mas como? Qual o meio?

Além disso, poderia intrometer-se em uma contenda entre dois homens que mal conhecia e lhe deviam ser mais do que indiferentes?

E a Marqueza, cuja palidez era extrema, refletiu que dizer uma palavra, ou fazer o mínimo gesto, era pôr-se em risco a seus próprios olhos, e confessar a si própria que amava Querubim.

Participar ao major Carden que escutara a conversação do Sr. de Verny com o Visconde não seria o mesmo que dizer-lhe que Querubim lhe não era indiferente? E o major, experiente como era, e farto de estudar o coração humano e as mulheres, não adivinharia o que lhe ia no íntimo?

Durante os dez minutos que se seguiram à saída do Visconde de Cambolh, que tornou a aparecer no seu camarote, esteve a Sra. Van-Hop em verdadeiro martírio.

Foi porém muito diferente o que sentiu quando ouviu vibrar de novo a voz encantadora de Querubim, dizendo ao jovem que se achava com êle no camarote:

— Meu amigo, tenho de fazer uma confissão e de lhe pedir um favor. Eu amo uma mulher, uma mulher que ignora o meu amor, e não terá notícia d'êla senão depois da minha morte. A vida torna-se-me um fardo, de modo que a morte é para mim um benefício!

— Que loucura! murmurou uma voz que a Marquesa não ouvira ainda, e que ela adivinhou ser a do confidente do Sr. de Verny.

— Assim, encaro com uma espécie de alegria êste combate.

— Está doido, Oscar...

— Não estou doido, o que estou é farto da vida, porque amo sem esperança... e aquela a quem amo há de ignorar o meu amor, pelo menos enquanto eu viver.

— E se morrer?

— E' para então que eu devo contar com a sua dedicação.

— Amanhã, antes do combate, hei de entregar-te uma carta...

Querubim calou-se, e a Marquesa sentiu-se desfalecer.

— Bem, e a carta?

— Será encerrada em dois sobrescritos: o exterior em branco e o interior terá o nome do destinatário. Ora, o meu amigo há de jurar-me que se eu fôr morto, levará a carta ao correio, rasgará o primeiro sobrescrito, fechando os olhos, e lançá-la na caixa, sem ver o que diz o segundo.

— Assim o juro...

— Como de certo supõe, murmurou Querubim, a carta é para ela... Pelo menos, depois da minha morte, saberá quanto a amei...

Ouvindo estas palavras perdeu a Marquesa quase inteiramente os sentidos, mas teve uma esperança; esperança inmensata, e como só as mulheres sabem conceber.

Querubim lembrara-se do major para segunda testemunha, e o major era amigo dêlé, e ao mesmo tempo amigo do Visconde de Cambolh e não poderia abster-se de confiar à Marquesa o que ela infelizmente já sabia. Em tal conjuntura mostrar-se-ia ela forte, tranqüila, indiferente e chegaria até a sorrir; e depois de lhe ter assim provado que se não interessava mais por um do que por outro dos dois adversários, procuraria convencê-lo de que seria do seu dever, e mesmo de sua honra, soldado velho como era, e árbitro em assuntos de bravura, acomodar uma pendência que não tinha a mínima gravidade, e tivera origem em sua casa.

Quando, porém, a Marquesa já prometia a si mesma falar alto em seu próprio nome, bateram discretamente à porta do camarote.

E a mulher, já forte por efeito do seu raciocínio, teve ainda um momento de fraqueza, julgando que era Querubim.

XIX

A A N S I E D A D E

A Marquesa viu iludida a sua expectativa; não foi Querubim quem viu aparecer.

Querubim não saíra do seu camarote, contentara-se com escrever ao major, em uma fôlha da carteira, mandando-lhe a mensagem por uma das mulheres que serviam os camarotes.

O que adivinhou imediatamente foi ter sido êle quem ali a mandara.

— O Sr. major Carden? perguntou a mulher.

— Sou eu... respondeu o suco, recebendo o bilhete.

E, voltando-se para a Marquesa:

— Dá licença, minha senhora?

— Pois não... balbuciou, esforçando-se por sorrir.

O major abriu o bilhete, leu-o com a maior tranqüilidade, amarrotou-o e meteu-o no bôlso.

— Diga a êsse senhor que lhe entregou o bilhete (participou êle à mulher), que não faltarei.

Ato contínuo, retirou-se a mulher.

Entretanto, assumira a Sra. Van-Hop uma atitude indiferente, dissimulando a terrível comoção que experimentava, sob o mais sereno sorriso.

— Ah! major... — sussurrou ela em tom ligeiro e um tanto escarnecedor, apanhei-o!

E ameaçou-o ao mesmo tempo com o rosado dedinho.

— Em quê, Sra. Marquesa?

— Pois então tem a ousadia de receber bilhetinhos misteriosos na Ópera, no meu camarote, e na minha presença?

— Não é o que julga, minha senhora.

— Ora! disse a Marquesa, esperando que o major lhe contaria o que ela já sabia tão bem; conhego-o perfeitamente... Meu marido tem-me contado bonitas coisas...

— Não é nada disso, minha senhora... Bem vê que tenho a cabeça quase branca...

E acrescentou em tom confidencial:

— Fui convidado para uma ceia de rapazes hoje...

— Ah!... exclamou a Marquesa em um tom impossível de descrever, porque percebeu imediatamente que o major era discreto e nada lhe diria do duelo que devia efetuar-se no outro dia.

— Esperam-me à meia-noite na Maison d'Or... acrescentou o major.

A Sra. Van-Hop julgou que morria. Não saberia nada, ou antes, não deveria saber, e por consequência não poderia dar um conselho, pleitear pela causa da humanidade, pedir em seu próprio nome, e em nome do respeito à sua casa, que resolvessem por bem aquêlê terrível conflito.

Era um suplício infernal.

Durante uma hora ainda, teve a Marquesa a esperança de que o major sempre sairia do seu mutismo; e por isso teve a crudelíssima coragem de gracejar com êle, de sorrir e de encetar mil assuntos de conversação, que se ligavam mais ou menos remotamente ao duelo.

O major mostrou não entender; e ela por fim chegou a dizer-lhe:

— Lá voltou o Sr. de Cambolh para o seu camarote...
Aonde iria êle?

— Ao "foyer" naturalmente...

— Mas então aquêlê rapaz tão interessante é com efeito esputachim?

— Infelizmente!

E a Marquesa esperou que o major lhe disse que não havia ainda meia hora que o Visconde tivera uma pendência séria, e que êle major havia de ser testemunha do duelo.

O major, porém permaneceu impassível.

A Marquesa conheceu então que estava a ponto de perder a razão, e foi assaltada pelo pensamento de confessar tudo ao major, e de lhe dizer que ouvira a conversação do Visconde com o Sr. de Verny.

Mas, quando ela hesitava ainda, sustentando terrível luta com a sua dignidade de mulher, entrou um homem no camarote.

A Marquesa já não teve tempo de adotar uma resolução: o homem que entrara era o Marquês.

Van-Hop estava radiante.

Ganhara a partida de xadrez.

E como se, no momento em que um perigo iminente ameaçava um marido, lhe descesse um véu sôbre os olhos, o Marquês, ordinariamente ciumento e desconfiado, não notou a extrema palidez e a agitação nervosa da espôsa, que lhe respondia com monossílabos e com tal ou qual impaciência.

O Marquês ouviu o quarto ato com o recolhimento profundo próprio dos verdadeirs diletantes, e a Marquesa não ouviu nem viu senão uma coisa, ou antes, horrenda visão! julgou ver e ouvir o tinir de duas espadas que se cruzavam.

— Major, acentuou a Marquesa, com voz trêmula, quando estava terminando o quarto ato, não se esqueça do convite que recebeu...

— Ah! disse o Sr. Van-Hop, olhando para o major, a horrir, então o senhor teve hoje um convite...

— Ora! uma ceia de rapazes...

— Sem mulheres? perguntou em voz baixa o Marquês.

— Sem mulheres, palavra de honra!

— Então não se demore... assinalou a Marquesa.

— Tenho muito tempo... Não vamos para a mesa senão à meia-noite.

— Pela minha parte, falou ela, com um sorriso contrafeito, desobrigo-o dos seus deveres de meu cavalheiro. Não é assim, Marquês?

E fitou o homem a quem amava havia quinze anos, a quem a unia uma cadeia indissolúvel, e cujo amor lhe devia servir de égide.

Dir-se-ia que aquêlê pobre coração, perturbado, tentava mentir a si próprio.

O major levantou-se e despediu-se.

— E' verdade... indagou a Marquesa, quando o major ia já para sair; uma palavra... uma só...

— Concorrem muitos moços à ceia a que o senhor vai?

— Alguns, minha senhora...

— E' dêsse número o Visconde... o Visconde de... Como é que o senhor lhe chama?... Nunca me lembra o nome dêle...

E aquela mulher sublime tinha a coragem de mentir, perguntando um nome que lhe flamejava já na memória, como o "mane, thecel, fares" na parede da sala em que Baltazar dava o seu festim.

— Visconde de Cambolh... pronunciou o major.

— Sim, que é muito amigo de brigar?

— Exatamente.

— Então, faça-me uma promessa.

— De muito boa vontade, minha senhora.

— Se o Visconde quiser provocar alguém... Não há coisa mais repugnante do que um duelo!

E silabou estas palavras com indizível comoção; apesar disso, o Marquês não adivinhou nada.

— Se êle quiser provocar alguém, prosseguiu a Marquesa, interponha a sua autoridade, sim?

E disse isto em um tom de voz tão suplicante que seria o bastante para denunciar o segrêdo do seu coração.

— Tranqüilize-se, minha senhora: as ceias de rapazes, em que tomo parte, vão sempre ao cabo sem o mínimo desgastado.

Ato contínuo saiu, deixando a Marquesa sob o pêso de horríveis alternativas de terror e de esperança.

Van-Hop acompanhou a espôsa, e só quando chegou em casa é que lhe notou a palidez e a agitação.

— Que tens, querida da minha alma? perguntou êle.

— Nada... Isto não passa de enxaqueca.

— Então, retiro-me...

E, beijando-lhe a mão, recolheu-se ao seu quarto.

A Marquesa mandou retirar as criadas, dizendo-lhe que se despiria a si mesma.

A pobre senhora necessitava de solidão e de silêncio.

Era a primeira vez, naqueles oito dias, que lançava um olhar claro e investigador para o íntimo da alma; apenas o lunçou, teve de voltar o rosto deveras assustada.

A sua vida tranqüila, casta e pura achava-se sob o influxo nefasto de um elemento novo, extraordinário, que lhe surgia inopinadamente no caminho.

Por muito tempo vergada sob êste pensamento aflitivo, tentando refugiar-se na suas piedosas recordações de mocidade e de amor, agarrando-se à imagem, ainda na véspera adorada, do marido, e que até então lhe preenchia e absorvia inteiramente o coração, permaneceu a Marquesa por muitas horas com a cabeça apoiada nas mãos, trêmula, desorientada, julgando sempre ouvir o tinir de espadas.

Do seu quarto passava-se para um terraço que comunicava com o jardim pela escada de ampla varanda.

A Marquesa desceu para o jardim.

Precisava de ar, sentia-se sufocada. Passeou por muito tempo com passo desigual, com a morte no coração e o cérebro prêsa dos primeiros sintomas de loucura.

Não era unicamente o perigo terrível em que ia achar-se o homem para qual se sentia arrastada por força misteriosa, o que assim a transtornava; oprimia-a também a aflição da mulher até ali pura como o lírio, habituada a andar de cabeça erguida, e via de repente escancarar-se-lhe aos pés temível abismo.

Pressentira-o, adivinhara-o, compreendera-o pelo louco amor que se lhe apoderara da alma: amava o Sr. de Verny, o homem a quem o sítio de Breda apelidara Querubim, e em

cujo coração ela julgava — pobre crédula! — ter ateado uma paixão...

E aquêlê homem caminhava de certo para o combate, resignado a morrer; e far-se-ia matar, por não poder viver para ela?

Pensando em tão medonha alternativa, esquecia-se a Marquesa de tudo, para se lembrar unicamente dêle.

Que poderia fazer?

Sairia às ocultas de casa para correr à do major Carden, e contar-lhe tudo?

Não.

Iria em pessoa, a desoras, como qualquer mulher perdida, das que divagam de noite pelas ruas, à casa do homem a quem mal conhecia, mas a quem apesar disso amava, para lhe proibir que se batesse?

Era impossível! A Marquesa nem sequer pensou em tal.

O que fêz foi voltar para o seu quarto, ajoelhar diante de um crucifixo de marfim, que estava pendurado à cabeceira da cama, orando por aquêlê que a sorte colocara no honesto caminho da sua vida.

Orou por muito tempo; orou até amanhecer.

Amanheceu um dia sombrio, uma das manhãs de inverno que, parece, não oprimiam Paris senão à hora solene e lúgubre em que os guardas-barreiras vêm sair da grande cidade duas carruagens, atrás uma da outra, que conduzem ao bosque dois homens que vão jogar a vida no mudo xadrez do destino.

De então em diante e depois de soarem oito horas no relógio do toucador, tornou-se a mulher resignada e tranqüila por meio da oração, prêsa de mortal angústia.

Apoderou-se dela horrível ilusão.

Com a cabeça apoiada nas mãos, e os olhos fechados, pareceu-lhe que assistia ao combate, que via os dois adversários em mangas de camisa, peito descoberto, empunhar as espadas e cruzar ao mesmo tempo os ferros e o olhar.

Extraordinária coisa! Maravilhoso poder da imaginação! A Marquesa via-os realmente, assistia a todos os pormenores do combate, ouvia o tinir dos ferros e via um dos campeões cambalear de repente, soltar um grito e cair por terra mortalmente ferido. E era êle o que caíra.

Aquela miragem do pensamento fôra tão completa que a Marquesa, no seu quarto, sonhando perfeitamente acordada, ouvira ressoar-lhe, no íntimo do coração o grito do ferido.

O resultado foi vergarem-se-lhe as penas, e cair por terra desfalecida, sem ter fôrça sequer para clamar por socorro.

A Sra. Van-Hop deitava-se ordinariamente muito tarde; levantava-se, por conseguinte, às onze horas ou meio-dia, e as criadas, segundo o costume, não lhe entravam no quarto sem que ela tocasse a campainha.

Foi pelas onze horas que a pobre senhora voltou a si, e que se achou estendida no sobrado, imersa no isolamento mais absoluto.

A sineta do palácio anunciara a chegada de um estranho, e êste som é que a tirara da letargia em que se achava.

Assim, erguer-se, passar a mão pela testa, e recordar-se do ocorrido, foi tudo obra de um segundo.

Correu à janela do toucador, que dava para o pátio, e olhou para fora.

Não seria a carta fatal que ela esperava, e que o desconhecido amigo de Oscar devia lançar no correio?

Não seria a carta fatal que ela esperava, e que o desconhecido amigo de Oscar devia lançar no correio?

Assomando à janela ávida e trêmula, lobbrou o chapéu de oleado e o casaco de gola encarnada do carteiro.

Semelhante à mulher de Loth, transformada súbitamente em estátua de sal, permaneceu a Marquesa imóvel, petrificada e sem voz.

Decorreram depois alguns minutos, que tiveram para ela a duração de muitos séculos.

Afinal, abriu-se a porta, entrou um criado, e entregou a carta trazida pelo carteiro.

A Marquesa abriu a carta, recorrendo para isso ao resto de força e coragem que lhe restavam.

O' ventura!

A carta não era dêle: era a letra da Sra. Malassis.

A Marquesa respirou, sentiu renascer-lhe a vida e com os olhos embaciados pelas lágrimas, percorreu avidamente a carta, como se a viúva — tais são os pensamentos que povoam um cérebro achacado de amor — como se a viúva, diziamos nós, que morava, como "êle", na rua da Pepiniêru

número 40, lhe tivesse escrito com o fim de lhe participar qual fôra o resultado do combate que devia ter-se efetuado ao amanhecer.

A Sra. Malassis comunicava o seguinte:

“Querida Marquesa:

Há oito intermináveis dias que não a vejo, e chamo por V. Ex. como a uma alma irmã da minha. Tenho tido enfiados, verdadeiros desgostos, e necessito por isso de lhe confiar um tanto o meu coração.

Peço-lhe que venha até cá, porque jurei a mim própria não sair hoje de casa.

Sua
Malassis.”

Esta carta não seria para a Marquesa uma espécie de pretexto que a Providência lhe proporcionava para poder saber o termo feliz ou funesto do combate que tanto a afligia?

A Marquesa soltou um grito de alegria e, meio louca de desespêro e esperança, esqueceu-se de que estava com o traje que levava ao teatro, envolveu-se em um grande xale, mandou aparelhar o carro, e desceu a escada precipitadamente.

O Marquês tinha saído de madrugada, a cavalo, para dar um passeio pelo bosque de Bolonha.

— Rua da Pepinière n.º 40, indicou ela ao trintanário, ao meter-se na carruagem.

Dalí a pouco apeou-se a Marquesa à porta do prédio, no qual havia ao fundo do jardim o pavilhão em que residia a Sra. Malassis.

Nunca, indo visitar a Sra. Malassis, o que sucedia afinal muito raras vêzes, nunca a Marquesa examinara a entrada do prédio, nem o porteiro.

Entrava sempre rapidamente, atravessava o jardim e dirigia-se ao pavilhão sem olhar para parte nenhuma.

Daquela vez, porém, lançou a tudo um olhar penetrante e inquiridor, que parecia querer interrogar as paredes e os rostos, perguntando-lhe o seu segredo.

Teria êle voltado são e salvo?

Te-lo-iam conduzido morto ou ferido?

Infelizmente o porteiro estava impassível, o corredor quase deserto, a casa silenciosa e a escada muda.

A Marquesa chegou à casa da Sra. Malassis, e foi introduzida por Ventura, o criado mordomo, o criado de fisionomia repugnante, que havia alguns dias parecia ter adquirido misterioso ascendente no espírito de sua ama.

Ventura, com grande libré, conduziu a Marquesa do primeiro andar ao pavilhão.

A viúva de trinta e seis anos, a formosa Sra. Malassis, protegida por meia claridade, devido à densidade das cortinas habilmente dispostas, achava-se sentada junto ao fogão, em ampla poltrona, na atitude tôda languidez de uma mulher que padece de enxaqueca.

— Que bondade a sua, minha querida! confessou ela vendo entrar a Marquesa.

E, levantando-se com certo aspecto de inferioridade respeitosa, correu para ela.

— Santo Deus! exclamou a Sra. Malassis fitando a Marquesa... Tem os olhos tão pisados!... Que tem... diga!... Está doente?...

— Não tenho nada... Dormi mal esta noite...

— Ai, minha querida! tornou ela com um suspiro, a mim succedeu-me outro tanto... Se a minha amiga soubesse...

A Marquesa estremeceu: mas teve ainda a coragem de não fazer perguntas.

— Imagine, prosseguiu a Sra. Malassis, fazendo sentar a Marquesa a seu lado, imagine que são tantos os meus desgotos há uns dias para cá, que não consigo conciliar o sono. A noite passada ouvi dar... Afinal, entrei a dormir, mas pouco depois despertei sobressaltada, ouvindo gritos, ruído e passos no jardim...

Nisto sentiu-se a Marquesa atacada de invencível tremor nervoso, e fitou a sua interlocutora com olhos inteiramente desvairados.

— Que medonho caso! prosseguiu a viúva. E' assombroso!

— Valha-me Deus! balbuciou a Marquesa com voz tão trêmula que devia ter assombrado extraordinariamente a viúva. Que foi que succedeu?

— Uma desgraça horrenda! respondeu a Sra. Malassis. Um pobre moço que morava aqui no prédio!

— Que lhe aconteceu?... explique-se... suplicou a Marquesa em voz agonizante.

— Teve esta madrugada um duelo no bosque de Bolonha... e o resultado foi trazerem-no para casa quase morto.

A Marquesa soltou um grito e caiu ao chão sem sentidos.

Revelara assim o segredo do seu coração; de então em diante estava com uma confidente.

A Sra. Malassis correu para uma campainha e agitou-a violentamente; no mesmo instante abriu-se uma porta e appareceu Ventura.

— Hum! resmungou êle trocando com a viúva um olhar de conveniência, parece que estamos senhores da tal Marquesinha!

Acaso a Sra. Malassis seria cúmplice e instrumento passivo da terrível associação dos Valetes de Copas, e teria o infernal gênio de sir Williams triunfado mais uma vez?...

O CONDE DE CHATEAU MAILLY

I

A M A E C R I A D O

O vício tem mistérios impenetráveis.

Aquêles que uma vez puseram os pés em tão irresistível rampa, não deixam de descer, por mais que se esforcem para tornar a subir.

A mulher que uma vez se afastou do austero caminho do dever, da árdua senda em que é preciso caminhar com pé firme, consegue uma ou outra vez voltar a êle, mas a menor pedra solta, o mínimo obstáculo, precipitam de novo ao abismo.

Eram-nos indispensáveis estas reflexões para explicar o extraordinário procedimento da Sra. Malassis; e além disso hão de permitir-nos que esboçemos em meia dúzia de linhas a biografia desta mulher.

Aos quinze ano sera a Sra. Malassis primeira costureira de uma casa de modas da rua da Paz.

Aos dezesseis abandonou inopinadamente esta posição para se juntar com um idoso devasso, viúvo, rico e sem filhos, que lhe substituiu o xale de algodão por outro de case-

mira e as flores com que adornava os cabelos por magníficos ramos de coral.

Dos dezoito aos vinte e três anos decorreu a vida da jovem por entre todos os acasos do viver das pecadoras.

Uma noite achou-a um adorador "esplendido", arcando com as últimas necessidades e, prevendo sem dúvida que a louca criatura não pensaria nunca no futuro, se alguém não pensasse por ela, comprou-lhe um estabelecimento de perfumarias no bulevar dos italianos.

Ali a Sra. Malassis, que por acaso era dotada de espírito de ordem, tomou a sério a sua posição, e adquiriu em breve o amor do lucro, e os hábitos de economia severa e bem entendida que conduzem os negociantes à riqueza.

Apareceu então um ex-caixeiro-viajante, próximo dos cinqüenta, o qual se não assustou com o passado um tanto ligeiro da perfumista, ofereceu-lhe a sua mão e foi atendido. O Sr. Malassis, como César Birotteau, imortal herói de Balzac, era predestinado para as grandezas humanas.

Bastaram-lhe sete ou oito anos para ajuntar duzentos mil francos. Tornou-se adjunto do prefeito do seu círculo, membro de instituições filantrópicas, e introduziu primeiro na sociedade oficial, depois na do dinheiro, e quase no arrabalde de Saint-Honoré, a costureirinha outrora leviana e meio reabilitada pelo casamento. Quando o Sr. Malassis morreu (e morreu de uma indigestão proveniente de uma ceia no Rochedo de Cancalle), estava sua mulher aceita pela sociedade, que ignorava grande parte de seus precedentes.

O vício, porém, como assinalámos, é que não perdoa. A Sra. Malassis dissimulara hábilmente os seus intentos perversos; contudo o Sr. Malassis, digamo-lo aqui à puridade, fôra numerosas vezes atraído.

Falecido o Sr. de Malassis, encontrou-se a viúva com o Velho Duque de Chateau-Mailly.

Contava ela então trinta e cinco anos — a idade da ambição; e, prevendo um futuro soberbo, imaginava imediatamente cobrir e eclipsar para sempre o lódo do seu passado, com as vistosas pérolas de uma coroa ducal. Durante dois anos tomou a pornéia muito a sério o seu papel de mulher austera; fêz-se consoladora de aflitos, entrou a freqüentar a melhor sociedade, ligou-se intimamente com a Marquesa Van-

Hop, e soube inspirar ao idoso Duque uma paixão irresistível.

Todos jurariam ter voltado aos árduos píncaros de virtude.

Ilusão!

No dia em que se encontrou com o jovem de luneta de tartaruga, de cabelos encaracolados, de aspecto vulgar e sedutor, e com o aprumo dos filhos de famílias que passam a vida no bulevar dos Italianos, os tentando a frescura das luvas côm de palha, nesse dia sentiu a Sra. Malassis ressurgir o passado, prendendo-a nas garras aduncas e poderosas e abrir-se o abismo novamente a seu pé.

Nascera cortesã: devia ser até o dia em que o cego Duque de Chateau-Mailly a conduzisse ao altar.

A viúva tinha trinta e seis anos, idade das paixões vulcânicas na mulher; e principiava a mostrar a idade, como já não faltava quem segredasse na sociedade que ela frequentava. O velho Duque era a única pessoa que não dava por tal.

Mas se o Duque era septuagenário!

E, depois, talvez que a voz misteriosa do coração tivesse despertado, enfim, naquela mulher, cuja vida nunca passara de aturado cálculo.

Uma noite encontrara no seu caminho um rapaz de vinte anos, arremessando qual bomba pela invisível mão de sir Williams; falara-lhe a linguagem vulgar e calorosa da paixão; e a mulher, que cedera tantas vêzes, foi mais uma vez vencida.

Aquêlê espírito forte e calculador, aquêlê algarismo feito mulher, esquecera tudo por umas tantas horas. Tinham-lhe falado de amor, a ela, que havia já tanto tempo não ouvia sair tal linguagem de uns lábios novos e frescos; por isso não pudera deixar de escutar.

A loucura, porém, tem suas horas; nada mais.

A Sra. Malassis queria com efeito amar ainda; queria também casar com o Duque.

Assim, daquele dia em diante tratou mas foi de dividir bem o tempo.

Recolhendo-se a casa muito antes da noite, sempre pronta para receber a visita do Duque de Chateau-Mailly, se al-

gum capricho do ciúme ali o levasse, saía todos os dias próximo das duas horas. Aonde ia?

Mulher prudente, julgara a Sra. Malassis não dever comunicar à sua criada de quarto nem a nenhum outro servidor o segredo do seu novo amor.

Saía de casa de carruagem, quase sempre em um fiacre, pegui pela rua da Pepinière, tomava pela de S. Lázaro, que percorria até o extremo, entrava na Igreja de Nossa Senhora de Loreto, demorava-se ali cinco minutos e saía pela porta da rua Flechier.

Ali perdia-se o rasto da Sra. Malassis. Iria aliviar algum infortúnio? Dirigir-se-ia a algum misterioso ponto de reunião?

Entrava em uma casa da rua Flechier, passava como uma sombra por diante do cubículo do porteiro, e subia desembaraçadamente a escada, com o véu caído para o rosto. Depois abria-se uma porta, ela entrava, a porta tornava a fechar-se, e... mais nada.

Às vezes decorria uma hora, e até duas, antes que ela saísse; tornava a atravessar a Igreja, metia-se no fiacre e regressava a ocultas para a rua Pepinière.

Havia oito dias que isto durava, quando, uma tarde, seriam três horas, no momento em que, saindo da casa mencionada, ia atravessar a rua, parou a Sra. Malassis, como se tivesse visto surgir de repente diante de si um réptil armado de tríplice ferrão.

No passeio fronteiro andava o Ventura passeando de um para outro lado, com as mãos nos bolsos, o sorriso nos lábios e assobiando por entre os dentes a música de certa canção popular.

Esperando não ser reconhecida, intentou a viúva seguir seu caminho; mas cortou-lhe Ventura o passo:

— Boa tarde, minha senhora.

Trêmula ainda, mas pronta para readquirir o sangue frio, assumiu a viúva aspecto severo e fitou o criado, perguntando-lhe:

— Que faz aqui, Ventura?

— Ando a passear, minha senhora.

— Não foi para isso que o tomei para o meu serviço.

O laçao abaixou a cabeça, balbuciou meia dúzia de palavras de desculpas, e calou-se.

— Vá procurar uma carruagem, e pague ao cocheiro... Despejei agora mesmo a bolsa em casa de uma pobre gente que estava morrendo de fome.

Ventura não esperou que lhe repetissem a ordem; apressou-se em obedecer, e a Sra. Malassis regressou a casa pensando:

— Preciso despedir quanto antes êste homem.

À noite, com efeito, depois do jantar, tocou a campainha e apareceu o Ventura.

A viúva estava sôzinha no seu quarto, sentada junto ao fogão.

Ventura entrou, e conservou-se em pé, com o boné agalado na mão.

— Que andava fazendo esta tarde na rua Flechier? perguntou-lhe ela, em tom sêco.

— Estava esperando V. Exa.

— Estava a esperar-me!... falou, estremecendo.

— Eu tinha seguido V. Exa. desde que saíra de casa...

Nos olhos da Sra. Malassis fuzilou então um raio de cólera.

— Com que direito? perguntou, irritada.

— E' que eu andava espionando V. Exa.... retorquiu o criado com a mais cínica tranqüilidade.

Os lábios da viúva tornaram-se lívidos. Uma insolência tal ultrapassava todos os limites.

— O que vejo, Ventura, é que me parece ver-me obrigada a fazer com que o admitam em Chareton; porque, Deus me perdoe! você endoideceu...

Ventura não lhe respondeu.

O que fez foi pôr impudentemente o boné e sentar sem cerimônia em uma poltrona que estava do outro lado do fogão, defronte da viúva.

— Se V. Exa. quiser conversar um minuto comigo, verá que não só não estou doido, mas que até, pelo contrário, é V. Exa. quem talvez precise de mim.

O olhar tranqüilo, o tom seguro e arrogante daquele homem, que ainda de manhã era o mais respeitoso dos criados,

transornaram de todo a viúva, que se julgou prêsa de terrível pesadelo.

Contudo, havia no gesto, na atitude, no olhar daquele homem, uma espécie de fascinação dominando de tal modo a Sra. Malassis que lhe não deixou sequer a força para lhe dirigir um gesto imperioso, ou para correr ao cordão da campainha, a fim de chamar a criada de quarto.

— Nunca nos devemos agastar, minha senhora, antes de ouvirmos as pessoas... E' sempre uma coisa penosa quebrar vidros sem proveito; e até muitas vêzes há nisso perigo...

A viúva escutava-o estupefata.

— Queira esquecer-se por um momento de que trajo libré, de que estou ao seu serviço, e ouça-me como se ouve uma pessoa amiga.

A viúva fêz um gesto de repulsão, quase de repugnância.

Ventura mostrou nos lábios um sorriso hediondo, e continuou:

— Cartas na mesa, minha senhora. V. Exa. deve casar daqui a três semanas com o Sr. Duque de Chateau-Mailly, homem riquíssimo e possuidor de um dos mais antigos nomes da nobreza do reino; mas lembre-se de que basta um nada para desmanchar um casamento. Succede, muitas vêzes, que três semanas duram tanto como um século. Assim, por exemplo, suponhamos que o Sr. Duque se achava esta tarde, como eu, na rua Flechier...

A Sra. Malassis estremeceu e fitou o criado com olhos desvairados.

— Ora, se o Duque soubesse que V. Exa. vai todos os dias à rua Flechier n.º 4, sobe ao primeir oandar e bate à porta da direita... — dispensa-me, de certo, que lhe diga o resto? — se o Sr. Duque scubesse isto tudo, não lhe parece que pediria para refletir, antes de efetuar o casamento?

E Ventura fitou a viúva com a máxima insolência.

A Sra. Malassis olhou para êle com os olhos a transbordar de ódio.

— Você é um miserável... disse ela; e creio que adivinho o que pretende...

E levantando-se abriu a gaveta de um movelzinho de Boule, da qual tirou a carteira.

Em seguida, tirou da carteira um masso de notas e perguntou desdenhosamente ao criado:

— Quanto quer?

Ventura encolheu os ombros!

— V. Exa. caminha com muita pressa... Antes de se comprar, deve-se saber o que se compra. Antes de me perguntar por quanto vendo o meu silêncio, saiba ao menos a medida em que posso prejudicá-la, se assim me aprover... V. Exa., minha senhora, é o que se chama uma senhora prudente; quer dizer: não escreve nunca e, por conseguinte, poderia negar diante do Duque aquilo de que eu pudesse acusá-la, afirmando-lhe ser eu um mentiroso, que não conhece o Sr. Artur e finalmente mostrar-se alheia a quanto eu quisesse dizer.

— E sou-o, com efeito, disse a Sra. Malassis, recobrando uma espécie de aprumo e impudência no mais árduo daquela desesperada situação.

— Pois seja assim... retorquiu o criado, em tom de escárneo. O que de certo me não fará é a injúria de acreditar que sou capaz de engarrafar o meu vinho antes de fermentado, quer dizer, capaz de me meter em qualquer empresa, sem ter adotado as devidas precauções.

— Que mais? perguntou ela, friamente.

— O Duque está apaixonado, por conseqüência, cego. A rigor poderia julgá-la inocente e vítima de um odioso laço, se eu não tivesse senão indícios para provar o meu dito... V. Exa. escreveu... e muito, a diferentes pessoas..

E como a viúva olhasse aterrada para aquêlê homem, que lhe parecia um demônio vomitado pelo inferno, pôs-se êle a descrever-lhe friamente, ano por ano, e quase dia por dia, a existência dela, desde o momento em que saíra de casa da modista da rua da Paz, até aquêlê em que o estava ouvindo com o coração aflito e a testa escorrendo suor.

Um representante do ministério público, formulando um libelo contra um criminoso, escavando-lhe, no viver passado, até os mais recônditos recessos, mostrar-se-ia menos bem informado do que o Ventura, contando à Sra. Malassis a sua vida.

Não se esqueceu do mínimo pormenor, da mínima intriga, corroborando cada fato com um nome, uma data, um número de porta e relatando cada carta que lhe caíra nas mãos.

Era para espantar o mais atrevido forçado das galés. Por alguns minutos conservou-se a Sra. Malassis escutando-o silenciosa e aterrada.

— Bem vê, minha senhora, ameaçou o Ventura, que posso muito e que unicamente de mim depende o seu casamento com o Sr. Duque de Chateau-Mailly.

A viúva curvou a cabeça; correram-lhe pelas faces duas lágrimas.

— Quanto quer? murmurou.

— V. Exa. não é rica...

— Mas hei de ser.

— Nada... Não é dinheiro o que eu quero.

Ele aquêlo homem, a quem a viúva pouco antes queria expulsar, e a dominava inteiramente, fitou-a com olhar tranqüilo e seguro, prossequindo:

— V. Exa. está em grande êrro, se se julga unicamente em meu poder. Eu sou tudo e, ao mesmo tempo, não sou nada. V. Exa. está em poder de uma associação imensa, poderosa, e da qual não sou mais que humilde mandatário...

E como a viúva continuava a fitá-lo com terror:

— Não é por meia dúzia de notas de mil francos que a associação misteriosa, que represento, lhe venderá a coroa ducal de Chateau-Mailly... O preço há de ser V. Exa. própria, a sua dedicação, a sua liberdade... Bem vê, minha senhora, que deve refletir...

Ele Ventura levantou-se; reassumindo a atitude humilde, respeitosa e servil de um criado, pronto para executar as ordens de sua ama.

— Refletindo, terá a bondade de tocar a campainha. Devo observar-lhe que lhe resta unicamente escolher: ou ver, esta mesma noite, o relatório de que tive a honra de lhe falar, nas mãos do Sr. Duque de Chateau-Mailly, e resignar-se à rutura do seu casamento... ou entrar franca e resolutamente, de olhos fechados, em uma associação que, afinal, não deseja senão a felicidade de V. Exa. em troca de alguns ligeiríssimos favores.

Por espaço de uma hora permaneceu a Sra. Malassis curvada ao pêso das suas inquietações, perguntando se como pudera um gênio infernal reconstituir-lhe por tal modo o passado para o tornar uma arma terrível; depois procurou adivinhar o que esperavam, ou poderiam esperar dela.

Em seguida — já o dissemos — como a viúva roçava pela idade da ambição, pela idade madura em que certas mulheres se tornam inexoráveis, e se resolvem a calcar o mundo aos pés, se isso pode ser útil ao seu egoísmo, tocou a campanha, e confessou ao Ventura, que tornou logo a aparecer:

— Fale... Estou pronta a ouvi-lo... e a obedecer-lhe.

E a mulher arrogante curvou a cabeça e humilhou-se ante o laçao.

O que então se passou entre êles, ninguém o sabe.

O caso é, que no dia seguinte, voltara o sorriso aos lábios da formosa viúva e mostrava o olhar tranqüilo. Já tinha então certeza de desposar o Duque de Chateau-Mailly; e ventura tornara-se novamente o mais respeitoso dos criados.

A Sra. Malassis continuou a sair como costumava todos os dias e a ir à rua Flechier.

Muitas vêzes até era o próprio Ventura que levava ao Sr. Artur um bilhete perfumado, e escrito pela mão de sua ama.

Achavam-se as coisas neste estado quando a Marquesa Van-Hop, por efeito de traiçoeira indicação da Sra. Malassis, correria à casa dela, onde soube vagamente que o Sr. de Verny fôra gravemente ferido naquela madrugada, e onde perdeu os sentidos mal soube tão fulminante notícia.

Apenas a Marquesa desmaiou, tocou a Sra. Malassis a campanha; no mesmo instante apareceu Ventura, que ajudou sua ama a conduzir a Sra. Van-Hop para um sofá.

A Sra. Malassis fêz-lhe então respirar saís, prodigalizou-lhe mil cuidados e, no momento em que ela tornava a abrir os olhos, mandou retirar o Ventura que logo obedeceu, sem fazer ruído.

— Valha-me Deus!... murmurou a Marquesa, relanceando em tôrno os olhos desvairados; que foi que succedeu?

— Nada, minha amiga... absolutamente nada... respondeu a Sra. Malassis. Teve uma pequena indisposição, uma síncope; mais nada.

E como a Marquesa, horrivelmente pálida, principiava a recordar-se do ocorrido, sentindo-se ao mesmo tempo opressa por indizível aflição, apressou-se a Sra. Malassis a acrescentar:

— Tranqüilize-se, minha querida amiga... tranqüilize-se, que a ferida não é mortal...

E a Sra. Van-Hop soltou um grito, grito de imprudentíssima alegria.

Viu repentinamente que revelara o seu segredo; adivinhou que já outra alma adivinhara os tormentos inauditos da sua; e a pura e casta senhora, a inocente vítima das traições do acaso e da infernal malícia dos homens corou, balbuciando palavras incoerentes.

Curvou a cabeça qual criminoso a confessar seu crime, e, levada por sua dor, murmurou:

— Estou perdida!... estou perdida!...

Mas então a Sra. Malassis, que sem dúvida previra aquela desesperação, aquela vergonha antecipada da mulher virtuosa, que se julga culpada; a Sra. Malassis, que estudara conscientemente o seu papel, ajoelhou diante dela, apertou-lhe entre as suas as duas mãos, e fitou-a com incrível expressão de indulgência e de dedicação, dizendo:

— Eu era apenas sua amiga; quer que seja daqui em diante sua irmã?

A Marquesa não respondeu, mas apertou convulsivamente as mãos da viúva, dando a conhecer que a crioula altiva, a mulher sem mácula, e que podia andar de cabeça erguida, se achava agora com o coração perturbado.

Estava entreaberto o abismo.

II

A CARTA DE FERNANDO

A história que estamos contando é múltipla.

Encerra grande número de personagens, e compõe-se de acontecimentos tão diversos, que somos obrigados a deixar de parte, alternadamente, um ou outro dos nossos heróis.

Deixemos, portanto, momentaneamente, a Marquesa Van-Hop, a Sra. Malassis e as combinações maquiavélicas de sir

Williams, para tornarmos a tratar de uma das heroínas do nosso primeiro episódio: Hermínia de Beaupréau, que se tornara Sra. Rocher.

Como sabemos, Fernando deixara a espôsa no baile, entregue ao Sr. de Beaupréau, seu sogro, e saíra para ir bater-se com o Visconde de Cambolh.

O que lhe succedeu nos oito dias que em seguida decorreram também sabemos.

Quanto à Sra. Rocher, regressara à sua casa na rua d'Isly, entre as quatro e cinco horas da manhã, persuadida de que já ali acharia o marido.

Hermínia enganava-se.

Apenas chegou os criados lhe disseram que Fernando não apparecera ainda.

Mas, ao despedir-se de sua mulher, não lhe assegurara que saía por causa de uma obra de caridade?

Esta consideração tranqüilizou plenamente a pobre senhora que, achando-se um tanto fatigada do baile, se meteu na cama, e não tardou a adormecer.

Quando ao meio-dia lhe entrou no quarto a criada, achou-se Hermínia só, e o que primeiro lhe lembrou foi que o marido não quisera acordá-la, e fôra dormir no seu quarto particular.

Interrogada a criada de quarto, respondeu que o senhor não voltara ainda a casa.

Hermínia ergueu-se apressadamente e correu ao quarto de seu pai, inquieta por tal desaparecimento.

— Fernando disse-lhe aonde ia esta noite, meu pai?

— Disse... respondeu o Sr. de Beaupréau, com sorriso de bondade, que indicava princípio de idiotismo.

— Aonde foi?

— Foi fazer uma obra de caridade.

— Em Paris?

— Nada... fora da cidade.

Havia quatro anos que Fernando estava casado, e era a primeira noite que pernoitava fora do domicílio conjugal. Era extraordinário!

O dia decorreu para a Sra. Rocher repleto de inexplicável aflição.

Afinal anoiteceu e Fernando não appareceu.

Então principiou Hermínia a entregar-se aos mais negros pressentimentos. De repente, porém, lembrou-se de uma circunstância: o marido saira do baile da Marquesa acompanhado de dois ou três homens e, de súbito, souu-lhe nos ouvidos a palavra duelo.

— Santo Deus! — falou à sua mãe. — Fernando batteu-se... quem sabe se o mataram... Jesus! Jesus!...

A Sra. Beaupréau, santa mulher, dotada de alma varonil, não obstante participar as inquietações da filha, repeliu o pensamento de que Fernando saira do baile para ir bater-se.

Em primeiro lugar, Fernando era homem dócil, inofensivo, e sempre pronto para se ocultar.

Além disso era pouco provável que em casa da Marquesa Van-Hop, quer dizer no seio da melhor sociedade, pudesse um homem razoável, como era Fernando, ter uma pendência.

Depois, ainda admitindo esta última hipótese, seria possível haver um duelo às duas horas da manhã?

E, por fim, supondo que o duelo se houvesse realizado, não teria Fernando voltado para casa, mesmo ferido; não o teriam para ali conduzido se tivesse morrido?

O homem morto em duelo é sempre conduzido para o seu domicílio.

Isto era tudo rigorosamente lógico, de modo que Hermínia se viu constrangida a renunciar a tão medonha idéia.

Mas, então, onde estava Fernando?

E' tão difícil aos parisienses, como à gente das províncias, admitir que possam seqüestrar um homem no meio de Paris, ou assassiná-lo ao sair de um baile, ou arrojá-lo ao rio quando atravessasse as pontes, principalmente no tempo do carnaval, quando as ruas estão atulhadas de gente a tôda hora da noite, que nem a Sra. de Beaupréau nem Hermínia pensara em tal.

Fernando estava ausente, mas, salvo o caso de ter sido morto em duelo, não se podia supor por um minuto que estivesse detido fora de casa contra sua vontade.

Fernando voltaria durante o serão.

Mas o serão passou, e Fernando não apareceu em casa.

Em uma palavra, decorreu a noite e amanheceu o dia seguinte, achando-se as duas senhoras entregues às mais dolorosas conjecturas.

A Sra. Rocher não pôde continuar a conter-se.

Fernando era uma espécie de lugar-tenente de Armando de Kergaz, no que tocava à filantropia. Durante a estada do Conde na Sicília, fôra encarregado por êle das missões mais delicadas; tinham ambos bôlsa comum ao serviço dos pobres.

Hermínia pensou que o Sr. de Kergaz devia saber qual o motivo da ausência de Fernando, e por isso fêz-se conduzir à rua da Culture-Saint-Catherine.

— Quando chegou estava o Sr. de Kergaz, no seu gabinete, com o Visconde Andréia.

O irmão arrependido havia alguns dias que tomara a peito as suas novas funções. Dirigia com habilidade sem igual a polícia do Conde, que tinha a missão de desmascarar e destruir a temível associação dos Valetes de Copas.

O Conde ficou um tanto surpreso, vendo entrar em sua casa, a tal hora da manhã, a Sra. Rocher, cuja palidez e pisado dos olhos atestavam pungente aflicção.

Correu para ela.

— Venho pedir-lhe notícias de meu marido... — afirmou Hermínia sem mais delongas.

O Conde fêz um gesto de admiração.

— Pois quê?! exclamou Hermínia; não o viu... ontem... hoje?...

O Conde abanou a cabeça.

Então a Sra. Rocher, tremendo como varas verdes, contou o que habia do desaparecimento de Fernando e o Sr. de Kergaz ouvira-a estupefato, olhando atentamente, ora para ela, ora para Andréia.

— E' extraordinário! exclamou o Visconde, o qual baixara modestamente os olhos mal entrara aquela que fôra outrora objeto da sua culpável cubiça.

E de repente exclamou:

— Mas, enfim, minha senhora, em Paris não desaparece um homem por semelhante jeito... Há de aparecer, não pode ser de outro modo...

E esta esperança, na bôca do que fôra sir Williams, era quase uma promessa.

— Valha-me Deus! murmurou Hermínia. Decorreram já trinta e seis horas... Quem sabe, terão assassinado meu marido!

Armando olhava para o irmão com ar interrogativo e como pedindo conselho.

Tinha o Visconde o aspecto de um homem aniquilado por uma notícia má, e que busca um meio de conjurar a adversidade.

Hermínia fitava-o com os olhos suplicantes, como se todos aquêles que o baronete perseguira outrora com o seu ódio devessem ter confiança ilimitada, absoluta, cega, no Visconde Andréia arrependido.

— Minha senhora (declarou em tom de compunção), juro-lhe que ainda que eu devesse revolver o mundo, e descer às entranhas da terra, hei de achar seu marido.

E, baixando os olhos, acrescentou:

— São tantos os crimes que preciso que me perdoem!

— Há muito que todos esqueceram dos seus crimes... murmurou Hermínia comovida. O senhor é um santo... Deus já lhe perdoou!

No momento em que ela acabava de proferir estas palavras, entrou o criado de quarto do Conde.

— Minha senhora, adiantou êle a Hermínia, está lá em baixo o seu trintanário, que diz precisar falar-lhe sem demora.

— Que entre! disse o Conde.

A Sra. Rocher saíra de casa no seu carro e unicamente com o cocheiro; o trintanário saíra, pois, de casa depois dela.

Hermínia teve uma esperança e pensou:

— Foi o Fernando quem o mandou!

Entrou o criado, trazendo uma carta.

— Cinco minutos depois de a senhora sair, foi um moço de recados entregar esta carta, recomendando-me que viesse trazer sem demora à senhora, porque era do senhor.

O Conde e seu irmão respiraram; Hermínia soltou um grito de alegria, e apoderou-se da carta.

Fernando não estava morto!

Apenas Hermínia lançou os olhos para o sobrescrito, empalideceu.

Não era a letra de seu marido.

Rasgou o sobrescrito, e tirou dêle um quadradinho de papel, que exalava um perfume discreto e de bom gosto, e coberta de escrita miuda alongada: denunciava mão feminina.

Hermínia foi logo ver o fim da carta e reconheceu o nome e a assinatura de seu marido.

Só então é que respirou desafogadamente, e sem perguntar a si mesma por que razão não tinha escrito êle próprio, uma vez que assinara, leu a carta que Turquesa escrevera de manhã, enquanto Fernando, fascinado, a fitava com admiração.

Inquestionavelmente, para uma mulher adorada ainda na véspera, tal carta, vinda de um homem que passava a vida a seus pés, era coisa deveras extraordinária. Aquêles tom leviano, quase atrevido, aquela frieza de expressão, a ausência de constrangimento que se notava da primeira à última linha, era tudo apropriadíssimo para fazer enlouquecer a mulher menos ciosa e a menos habituada a gozar de legítimo respeito.

E para lhe escrever recorrera Fernando à mão de uma mulher e não dizia à sua espôsa onde estava, e não lhe anunciava o seu regresso senão muito vagamente, como coisa incerta e subordinada à vontade alheia.

Hermínia não teve fôrças para proferir uma única palavra. O que fêz foi dar silenciosamente a carta a Armando, que a leu, manifestando a mais profunda surpresa.

E, tão impressionado como Hermínia por aquêles inexplicáveis mistérios, não achou que dizer, e passou a carta às mãos do Visconde Andréia.

O Visconde leu-a e releu-a como um sábio a decifrar uma inscrição hebráica ou egípcia, e a procurar sentido oculto de cada palavra.

Durante os dois minutos que durou êste exame, nem o Conde nem Hermínia afastaram os olhos do rosto de Andréia, tentando adivinhar-lhe as rápidas e fugitivas impressões.

O Visconde, porém, permaneceu impassível; dir-se-ia que hesitava em se pronunciar.

Afinal, ergueu a cabeça, e fitou Hermínia.

— Tranqüilize-se, minha senhora; seu marido não corre o mínimo perigo, e há de regressar a seus braços, conforme diz esta carta. Estou até convencido de que o há de ver antes de oito dias...

— Mas... essa carta?... essa letra?... perguntou a pobre senhora com voz surda, porque já lhe penetrara no coração o aguilhão do ciúme.

— Esta carta foi escrita por uma mulher... respondeu o Visconde, acentuando muito as palavras.

Hermínia empalideceu e cambaleou.

O Conde amparou-a:

— Então, minha senhora... tenha ânimo... Há nisto um mistério que havemos de esclarecer.

Hermínia não ouvia a voz do Conde. A de Andréia é que parecia ressoar-lhe ainda nos ouvidos, afirmando-lhe que fôra com efeito uma mulher, mas mulher invejosa da sua felicidade, quem traçara aquelas linhas, das quais cada letra era para ela como que um punhal.

Contudo, teve ainda forças para se conter, para se refugiar nas recordações do seu amor, na sua dignidade de mulher, na fé que sempre tivera em seu marido.

— Não pode ser!... retorquiu com energia; o senhor engana-se: meu marido ama-me!

— Minha senhora, replicou o Visconde Andréia, eu não posso afirmar-lhe senão uma coisa, e é que a carta foi escrita por uma mulher e assinada por seu marido. Agora, o resto é um mistério, que eu não posso sondar em dois minutos; tranqüilize-se, que em breve esclarecerei tudo.

E, como se obedecesse a uma inspiração repentina, acrescentou o Visconde:

— Tem muitos conhecimentos em casa da Marquesa de Van-Hope?

— Não conheço ali quase ninguém. O meu conhecimento e o de Fernando com a Marquesa datam do verão passado, em que nos encontramos nos banhos de mar. Foi então que ela nos convidou para sua casa. Meu pai é que lá encontrou um moço seu conhecido, o Conde de Château-Mailly.

— Conheço êsse nome... falou o Conde de Kergaz.

— Foi-me apresentado, e cheguei até a dançar com êle.

— Pois bem, minha senhora, disse o Visconde, talvez que o Sr. de Château-Mailly saiba como e com quem seu marido safu do baile... Precisamos absolutamente de alguns indícios.

— Vou já falar com meu pai, para que vá sem demora procurar o Sr. de Château-Mailly.

E a pobre senhora, inteiramente transtornada, retirou-se e voltou a sua casa, dando ordem ao cocheiro para que o car-

ro fôsse a galope, tal era a pressa que tinha de se encontrar com o pai e falar com o Sr. de Chateau-Mailly.

Depois de sair, olhou Andréia para o irmão:

— Eu conheço esta letra.

— Realmente?! explodiu o Conde no tom da máxima estupefação.

— Ou me engano muito, continuou, ou anda nisto o Clube dos Valetes de Copas.

Armando estremeceu.

— Em certos momentos, prosseguiu Andréia, é o homem dotado de singular faculdade de adivinhar. Basta muitas vezes um nada, um simples indício, uma linha escrita, para descobrir uma pista procurada até então debalde. Fernando desapareceu... e escreve da casa de uma mulher, que lhe serviu de secretário. Fique certo, meu irmão, que é nas mãos da terrível associação que nós perseguimos sem que a possamos alcançar...

E o baronete sir Williams ergueu a cabeça, esplêndida de audácia e imprudência, acrescentando:

— Conceda-me oito dias: em oito dias hei de contar-lhe muitas coisas. Daqui até lá não me pergunte nada.

— Pois seja assim, respondeu Armando.

III

VISITA A PROPÓSITO

Entretanto, entrava Hermínia em sua casa e corria apressada ao quarto do Sr. de Beaupréau.

Como já dissemos, o Sr. Beaupréau tornara-se um velhinho muito interessante e aseado, com as maneiras da melhor sociedade, razoável em tudo, salvo quando lhe falavam, ou se lembravam de falar em Cerise, a jovem costureira, morta de amor por êle.

Em tal caso, tornava-se o Sr. de Beaupréau muito triste e melancólico, chorava como uma criança e perdia inteiramente a razão.

Levantava-se tôdas as manhãs às nove horas, ia a pé da Madalena ao Marais, pelos bulevares, dirigindo-se em seguida à Praça Real.

Este passeio entretinha-o até à hora do almôço.

O Sr. de Beaupréau tinha saído, segundo o seu costume, quando Hermínia voltou à casa.

Esperou-o impaciente, depois de ter mostrado a carta de Fernando à Sra. de Beaupréau.

A pobre mãe, como o Visconde Andréia, como o Sr. de Kergaz, julgou adivinhar parte da verdade; a diferença é que não percebeu a razão por que o Visconde se empenhava em que sua filha interrogasse o Sr. de Chateau-Mailly.

Afinal chegou o Sr. de Beaupréau.

— Fernando não apareceu, meu pai...

— Ah!... murmurou o velho com ar indiferente, êle voltará.

Esta resposta na bôca de um homem que ainda na véspera participava da aflição da família, provou às duas senhoras que naquela manhã não se achava êle bom da cabeça.

Depois, rindo-se com um riso meio estúpido, sinal evidente de loucura:

— Eu bem sei onde êle está.

— Sabe onde está? perguntou Hermínia com vivacidade.

— Sei... repetiu êle piscando um olho.

— Mas diga onde é... fale...

— Está em casa da amante... respondeu pausadamente o louco.

E, como as duas senhoras olhavam para êle estupefatas, acrescentou:

— Mas o pobre rapaz se engana, porque a amante não há de morrer de amor por êle... Essas coisas só a mim sucedem...

E continuou a rir, sem notar a palidez, a comoção e a dor no rosto das duas senhoras.

O Sr. de Beaupréau — elas pelo menos acreditavam — achava-se prêsa de um dos raros acessos de loucura que só de tempos em tempos o atacavam, mas que às vêzes duravam horas; depois de rir às gargalhadas, desatou a soluçar, balbuciando o nome de Cerise e acusando-se da sua morte.

Hermínia logo percebeu que não podia contar com êle naquele dia, a fim de ir procurar o Sr. de Chateau-Mailly.

E predispunha-se a escrever um bilhetinho à Marquesa Van-Hop, para obter alguma informação, quando um criado

entreabriu a porta, anunciando o Sr. Conde de Chateau-Mailly.

Era o acaso, ou antes a Providência quem o enviava.

Como sabemos, o Conde, no baile da Marquesa Van-Hop, seguindo os conselhos do cavalheiro de cabelos ruivos (que tão bem ocultavam o terrível chefe do Clube dos Valetes de Copas), fizera com que o Sr. de Beaupréau o apresentasse a Hermínia.

Depois de uma cortesia respeitosa, pedira e obtivera licença para se apresentar na rua d'Isly, e a jovem senhora, inteiramente absorta pelo amor do seu marido, entendera não dever recusar tal permissão.

Hermínia era demasiada pura para que desconfiasse de si própria; e afinal é este o êrro de grande número de mulheres.

Assim, a visita do Conde de Chateau-Mailly era a mais natural possível.

Eram duas horas da tarde, e sexta-feira, dia em que a Sra. Rocher passava a tarde em casa. O Sr. de Chateau-Mailly ignorava, sem dúvida, ou devia ignorar os acontecimentos que descrevemos; por conseguinte, usava muito naturalmente da licença concedida de visitar aquela casa.

Era muito interessante e elegante cavalheiro; nas suas maneiras discretas, no seu modo de andar; e no seu sorriso, um tanto altivo, denunciava-se o fidalgo.

Hermínia só pensava no marido, e não via no Sr. de Chateau-Mailly senão um homem que podia auxiliá-la, sondando juntamente com ela o horrível mistério que parecia envolver o desaparecimento de Fernando.

IV

O CONDE DE CHATEAU-MAILLY

O Sr. Conde de Chateau-Mailly era um homem dos que, educados com o século, lhe aceitaram quase inteiramente as idéias. Verdadeiro parisiense do bulevar dos Italianos, fôra o Conde (e era ainda o que se chama, na mais ampla acepção do termo) um "viveur".

Professava, pois, moral indulgente e fácil, tanto para si, como para os demais; tinha princípios de lealdade bem determinados sobre certas coisas, e muitos mais que vagos sobre muitas outras.

Assim, aceitou, sem o mínimo escrúpulo, as propostas do cavalheiro de cabelos ruivos, dizendo para consigo que só um néscio se recusaria a reconquistar uma herança perdida, quando bastava para isso seduzir uma mulher nova e formosíssima.

Sir Williams abster-se, na verdade, de confiar ao Conde seus projetos tenebrosos, por ter a certeza de não ser homem que quisesse pertencer a uma associação de bandidos; mas apresentara-se como amante desprezado, escarnecido, que põe ao serviço da sua vingança a inteligência e o dinheiro de que dispunha.

Posto isto, não se pode estranhar que o Sr. de Chateau-Mailly achasse natural o papel de que o tinham encarregado.

Não conhecia Fernando Rocher... e Hermínia era formosa.

Estas duas razões foram suficientes para a sua consciência elástica ficar tranqüila.

Apesar da rapidez com que as mulheres dissimulam as suas impressões, e sabem dar ao rosto mentirosa tranqüillidade, não escapou ao Sr. de Chateau-Mailly a comoção de Hermínia.

Apenas a encarou, logo adivinhou que se passava em sua casa, e em torno dela, o que quer que era insólito.

— O Sr. Conde, disse Hermínia após os cumprimentos de estilo, frequenta muito a casa da Marquesa Van-Hop?

— Muito, minha senhora.

— Conhece muitas pessoas da sua sociedade habitual?

— Quase todas.

Hermínia suspirou; havia reassumido a fôrça moral que dá ao seu sexo poder de interrogar, e de penetrar o segrêdo alheio sem revelar o seu.

Hermínia confessara, franca e espontâneamente, impellido pela sinceridade da sua dor, ao Conde de Kergaz e ao Visconde Andréia, a aflição indizível que experimentava.

Mostrara-lhes a carta escrita por mão feminina e que parecia indicar haver outra que possuía aquêlê a quem chamava com tôdas as fôrças da alma, e a quem já pranteara como se tivera morrido.

Na presença, porém, do Sr. de Chateau-Mailly, quer dizer, na presença de um estranho, recobrou Hermínia tôda a prudência feminina. Experimentar saber sem ela própria dizer nada; e só depois de o Conde ter confessado sinceramente que não dera pela presença do Sr. Fernando Rocher no baile é que ela se arriscou a tal ou qual semi-confiança.

— Meu marido, falou ela, retirou-se seriam duas horas da manhã, dizendo que não voltaria, e que iria depois ter a casa... Esperei-o ontem todo o dia, tôda a noite passada, esta manhã, e não tornei a vê-lo.

— Seu marido, minha senhora, indagou o Conde, que recebera, logo de manhã, um bilhete do seu misterioso cúmplice, dando-lhe minuciosas instruções, não é um cavalheiro alto, moreno, de bigode preto?

— Exatamente...

— Que deve ter vinte oito ou trinta anos?

— Tal qual, Sr. Conde...

— Pois vi-o sair da casa da Marquesa com o major Carden, um oficial sueco...

— E... perguntou Hermínia, está certo de que saíram juntos?

— Certíssimo...

— Valha-me Deus! prosseguiu ela, abstando-se de falar da carta, tenho medo de algum duelo... Jesus! Se êle fôsse ferido!...

— E agora me lembro de ouvir falar vagamente em uma discussão de jôgo... mas ignoro se seu marido se achava envolvido nela.

Estas palavras pareceram lançar certa luz na situação; mas a carta de Fernando continuava a deixar na sombra um canto do quadro.

Hermínia teve a coragem de não falar dela, e deixar o Conde persuadido de que ignorava absolutamente o que fôra feito de seu marido, e se estava morto ou vivo.

— Minha senhora, explicou o Sr. de Chateau-Mailly, levantando-se, conheço o major Carden; portanto, corro à casa dêle, e em breve saberei notícias do Sr. Rocher.

Beijou-lhe a mão e retirou-se, deixando escapar algumas palavras, que, para uma mulher mais adiantada nas coisas da vida, teriam significado quão feliz se achava por poder ser útil.

Hermínia esperava o regresso do Conde, tentando combater as suspeitas e primeiros sintomas do ciúme, que ainda na véspera não conhecia, com o pensamento de que talvez Fernando se tivesse batido, de que houvesse sido ferido, e de que, transportado para alguma casa próxima do lugar do combate, a fim de não assustar a família recorresse em seguida a mão alheia para lhe escrever, e que, finalmente, admitindo ter sido uma mulher quem escrevera, era essa uma circunstância que não provava nada.

Mas o tom atrevido, inaudito, daquela carta, que ela leu e releu por muitas vezes, não atestaria o azedume, o ódio surdo de uma rival?

Ha momentos em que a mulher mais inexperiente, a mais ignorante da vida, adquire maravilhosa lucidez, extraordinário dom de adivinhar, por meio do qual prevê o futuro, com sagacidade sem igual.

Apesar das circunstâncias misteriosas que pareciam ter envolvido o desaparecimento de seu marido, permanecia Hermínia convencida de um fato, que parecia dominar todos os outros: Fernando estava em casa de uma mulher.

Esta mulher, era-o já, ou estava para ser sua rival. Como? Hermínia ignorava-o, mas pressentia êste resultado.

Entretanto, voltou o Conde de Chateau-Mailly.

— Demorara-se apenas uma hora, mas esta hora foi para a pobre senhora interminável século.

Hermínia estava só na sala, meio deitada em um sofá, na atitude lânguida da mulher prostrada pelos tormentos das dores morais.

Pela primeira vez na sua vida, desde que era feliz e vivia esquecida do mundo inteiro, para só ver e amar o seu marido, pela primeira vez, lembrou-se Hermínia de se mostrar fauceira.

Se necessitava do Conde, êste mostrava-se solícito e dedicado, sendo-lhe ainda na véspera desconhecido; e as mulheres têm um tato finíssimo para adivinharem até que pon-

to pode chegar o zêlo, a abnegação do homem, se êle acaso chegar a entrever a mínima esperança.

No dia anterior teria recebido a visita do Sr. de Chau-teau-Mailly com a frieza distinta, com a cortesia repleta de indiferença, que parece dizer categoricamente:

— O senhor aqui é uma visita, uma homem de boa sociedade em casa de uma senhora igualmente de boa sociedade, e nada mais.

Porém, parecia-lhe adivinhar que aquêlo homem, que tão espontâneamente se prestava a servi-la a amava, e em caso de necessidade lhe provaria a sua dedicação; portanto, estendeu-lhe a mão como a pessoa amiga, com o sorriso triste e sério que pinta a confiança de uma alma atribulada indicou-lhe uma poltrona próxima do sofá.

— Então?

— O major Carden partiu esta manhã para Londres; mas obtive algumas informações do seu criado de quarto. Sossegue, minha senhora... Graças a Deus, seu marido pertence ainda a êste mundo e nem saiu de Paris.

Hermínia soltou um suspiro de alívio.

— Parece que, com efeito, o Sr. Rocher, prosseguiu o Conde, teve uma altercação em voz baixa, e em têrmos ambíguos com o Visconde de Cambolh, um sueco, compatrição do major. O Visconde tinha de se retirar de Paris esta madrugada e não podia perder um minuto. Se o major foi testemunha do Visconde, ou do marido de V. Exa., é o que o criado não me soube dizer... O caso, porém, é que o encontro se verificou imediatamente, eram três horas da manhã, sendo a espada a arma escolhida. O criado não sabe em que local se bateram, mas desconfia, por algumas palavras que ouviu a seu amo, que o adversário do Sr. de Cambolh (que êle conhece perfeitamente), fôra ferido em um braço, e transportado para uma casa próxima.

— E essa casa?... perguntou Hermínia a tremer.

— Também o criado não soube dizer-me onde é; supõe contudo que é a casa de uma senhora, de uma Baronesa, muito das relações do Visconde e de seu amo.

Hermínia respirou.

Principiava a ter esperança, afigurava-se que tudo aqui lo ocorrerá sem o consentimento de Fernando, que de certo se

achava privado dos sentidos; e, se não fôsem os termos da carta que recebera ficaria sem a menor dúvida e inteiramente tranqüilizada.

— Minha senhora, tornou o Conde, não vejo nisto tudo senão uma coisa naturalíssima. Seu marido bateu-se e foi ferido; as suas testemunhas, e sem dúvida também o seu adversário, não sabendo ainda qual seria a gravidade do ferimento, mandaram-no transportar para uma casa que não fôse deê. E' uma coisa que succede com muita freqüência em casos idênticos. Agora, acrescentarei que o Visconde de Cambolh, segundo tenho ouvido dizer, é muito relacionado com a sociedade galante. Quem nos diz que êle não tenha mandado transportar o ferido para casa da sua amante? Apesar dos seus vícios, são criaturas muitas vêzes dotadas de bom coração... Ordinariamente, são até excelentes enfermeiras.

Cada palavra do Conde era uma punhalada que a Sra. Rocher recebia no coração.

O mistério principiava a esclarecer-se; a carta com letra de mulher explicava-se.

Havia uma coisa que permanecia incompreensível: como era que Fernando, que a amava, que a adorava de joelhos, poderia assinar uma carta concebida em termos tais?

Então a mulher casta e pura, a quem o casamento deixara com tôdas as ilusões, tôda a pudica sinceridade da donzela, intentou seduzir, fascinar, chamar ao seu partido o Sr. de Chateau-Mailly.

O baronete sir Williams estremeceria de alegria se presenciasse aquella cena, vendo a que ponto chegava o bom êxito dos seus tenebrosos planos.

Não teria podido imaginar melhor conjuntura para a primeira entrevista entre a jovem senhora e o seu futuro sedutor.

O Sr. de Chateau-Mailly tinha uma fisionomia aborta, simpática, franca.

Além disso, mostrou-se eloqüente e apaixonado: falou de uma dedicação inalterável, que lhe nascera espontânea no coração, apenas a vira; jurou à Sra. Rocher que lhe reconduziria o marido ou, pelo menos, empregaria para o conseguir todos os esforços, o máximo zêlo; e o amor é terrível, quando emprega a linguagem da amizade.

Ao cabo de uma hora conquistara o Sr. de Chateau-Mailly por tal modo a confiança da jovem senhora, que esta permitiu voltasse ali logo que tivesse obtido a mínima informação acêrca do encontro de Fernando e do Sr. de Cambolh, e mostrou-lhe afinal a célebre carta.

Apenas, porém, o Conde viu a letra, pareceu perturbar-se, e fêz um imperceptível gesto de surpresa:

— Eu conheço esta letra!

— Conhece-a?... indagou a Sra. Rocher, cujo sangue refluiu todo ao coração.

— Sim, minha senhora... disse o Conde; contudo, seria extraordinário, seria mesmo inexplicável!

E fitando Hermínia, com olhos de súbita compaixão, murmurou:

— Pobre senhora!

— Se sabe que mulher é esta, Sr. Conde... em nome do céu!

O Conde desabotoou a sobrecasaca, tirou do bôlso furta-do uma carteirinha, na qual procurou uma carta, que estava junta com outras; depois abriu a carta, e confrontou-a com a que estava junta com outras; depois abriu a carta, e confrontou-a com a que a Sra. Rocher tinha na mão.

Era com efeito o mesmo papel, o mesmo perfume discreto, a mesma letra miúda e alongada.

A diferença era que a segunda carta dizia o seguinte:

“Meu querido Conde:

Queres vir tomar chá e fumar umas cigarrilhas deliciosas, amanhã, quarta-feira, em minha casa? Acharás aqui um lasquené muito conveniente, e juntamente, meu grande monstro, a tua nova paixão, aquela que te curou do amor que me tinhas, quero dizer, a Carlota Lupin, chamada vulgarmente Carambola.

Adeus; beijo-te e perdôo-te.”

Esta carta, cujo estilo cheirava ao mais descabelado bairro de Breda, estava assinada com um nome impossível, como se não cuve pronunciar senão no mundo inexplicável das peçadoras. A autora daquele convite sem cerimônia assinava-se — Turquesa.

O Conde apresentou as duas cartas a Hermínia, que as confrontou empalidecendo.

— E', com efeito, a mesma letra... murmurou, com uma espécie de espanto.

— O caso — falou o Conde — é ter um ano de diferença; e o que me faz parecer isto tudo mais extraordinário é que há próximamente quinze dias estava esta criatura na Itália. Como se acha ela em Paris, como foi que o marido de V. Exa. lhe escreveu pela mão dela? E' isto o que hei de esclarecer, custo o que custar.

Então o Sr. de Chateau-Mailly, que estava ou fingia estar comovidíssimo, pegou na mão de Hermínia, levou-a respeitosa e em um tom de simpatia e dedicação, que vibrava até o íntimo da alma:

— Ah! minha senhora, suponho-a já tão desditosa, que lhe suplico me olhe como pessoa amiga; porque só eu posso salvá-la...

Elle atreveu-se a ajoelhar aos seus pés.

— Permita-me que dobre o joelho na sua presença, como dobramos na presença da virtude perseguida pelo vício.

Hermínia ouviu-o com espanto e não pensou em retirar a mão; via-o como um homem, que sabia tôda a extensão da sua infelicidade, e que o céu lhe enviava naquele momento supremo um protetor.

— Minha senhora, prosseguiu o Conde com veemência, antes de lhe dizer qual o perigo em que se acha, e o que posso fazer para o conjurar, a fim de a salvar, permite-me uma pergunta?

— Queira dizer, Sr. Conde...

— V. Exa. é mãe?... Não me enganei, quando há pouco me pareceu ouvir além a voz de uma criança?

E o Conde indicou uma porta que lhe ficava frente.

— Tenho um filho de treze meses... — retrucou ella, manifestando de súbito todos os sustos maternos, esquecendo-se de que era mulher para se lembrar unicamente do filho.

— Pois bem, prosseguiu o Conde no tom caloroso da dedicação; peço-lhe em nome dêsse filho que tenha fé em mim, como em uma pessoa provavelmente amiga, como em um pai.

O homem que assim lhe falava era moço, tinha a fisionomia leal, e o olhar límpido; dizia tão nobremente a lhu-

guagem da amizade, que a sincera senhora acreditou, e sentiu-se atraída por êle.

Então o Conde afastou respeitosa-mente a sua poltrona, como se a confiança que ella concedia tivesse erguido entre ambos invisível barreira, e continuou:

— V. Ex. há de perdoar-me o falar na sua presença em vergonhosos pormenores do viver de rapaz, pormenores que uma senhora como V. Ex. não deveria nunca conhecer.

— A Turquesa é uma criatura perversa, das que o Inferno parece vomitar, felizmente com largos intervalos, occultas com o envoltório sedutor dos anjos. É uma mulher sem coração, sem pudor, sem o mínimo escrúpulo humano, extraordinariamente formosa, dotada do olhar que fascina e deslumbra, da voz que encanta, e da índole maquiavélica da sedução, como nunca possuíram as nobres damas da nossa sociedade. Durante três anos, minha senhora, vivi inteiramente empolgado pelas garras daquele monstro, que sabe parecer um anjo; estive a ponto de deixar nelas a vida, o coração, a inteligência, e inteiramente quanto possuía, porque metade chegou ella a absorver-me. E, contudo, eu era já o que se denomina um homem experiente, um espirito forte. Pois, minha senhora, para me arrancar às rosadas garras daquela hárpia, foi necessário reunirem-se os meus amigos mais queridos, formarem um conselho de família, um tribunal supremo, que devia substituir pela sua a minha vontade. Uma noite foram buscar-me em casa, meteram-me em uma carruagem e dois dos meus amigos levaram-me à Alemanha, para além do Reno. Interpondo assim duzentas ou trezentas léguas entre mim e aquêlê minotauro fêmea, que devorava tudo quanto apanhava.

Aquí deteve-se o Conde por um momento; Herminia parecia uma estátua. A vida mostrava ter-se-lhe refugiado inteiramente nos olhos; a pobre senhora ouvia o Conde avidamente, como o condenado ouve os termos sinistros da sua sentença.

— Foi preciso um ano de viagem, de ar livre, de dedicação dos meus amigos, e de montões de provas de infâmias daquela criatura, para me curar. Assim, minha senhora, se acaso me não engano com a letra desta carta, tais são as

mãos em que por um encadeamento de circunstâncias, que não posso por agora destrinçar, seu marido caiu...

E quando Hermínia vergava ao pêso de tais revelações, quando via distintamente o abismo aberto a seus pés, tornou o Conde a pegar-lhe na mão, apertando-lha com respeitosa afeição.

— Bem vê agora, minha senhora, a razão por que lhe exigi um juramento... Só eu lhe posso salvar o seu marido, salvá-lo a V. Exa. e aos haveres de seu filho, que se fundiriam nas mãos daquele monstro como a barra de metal em um cadinho; mas, para isso, é necessário que V. Exa. se deixe guiar por mim, é indispensável que me conceda a mais cega confiança, e que por suas ações sejam tôdas ditadas por mim. É o único preço por que poderei restabelecer a ventura na casa de V. Exa.

Pelas faces da jovem senhora correram então duas lágrimas ardentes e silenciosas.

— Obedecer-lhe-ei, obedecer-lhe-ei como a um irmão...

— Bem... assim hei de salvá-la.

E acrescentou: — De hoje em diante não posso, nem devo voltar aqui. Seu marido deve ignorar que estive em sua casa... Eu devo ser para V. Exa. inteiramente desconhecido.

— Jesus, exclamou súbitamente assustada; não tornarei então a vê-lo?

— Decerto, respondeu o Conde. Amanhã de tarde, ao escurecer, saia de casa a pé, depois tome um carro e dirija-se aos Campos Elísios, onde me achará na esquina da Avenida de Lorde Byron.

E, como Hermínia manifestasse hesitação, perguntou o Conde erguendo para ela olhos leais e serenos:

— Não lhe pareço sincero?

— Irei... respondeu, corando extraordinariamente por ter hesitado.

O Conde levantou-se, beijou-lhe a mão, e acrescentou:

— Tenha fé em mim, que hei de salvá-la... Adeus...

Deu dois passos para a porta, mas retrocedeu ainda:

— Nem uma palavra disto, nem mesmo à sua mãe; não podemos de outro modo alcançar êxito.

— Nada direi...

E o sedutor retirou-se, deixando Hermínia entregue à mais negra aflição, mas já repleta de fé e esperança naquele homem, que o maldito sir Williams arrojara no meio do seu caminho!

V

PROMESSA CUMPRIDA

O Sr. de Chateau-Mailly fôra à casa da Sra. Rocher em um carro, guiado por êle próprio, e acompanhado por um *groom* microscópico, que ia sentado a seu lado.

Subiu para o carro, empunhou as guias e tomou o caminho da sua residência.

O moço Conde achava-se um tanto comovido pela cena que representara, com talento verdadeiramente dramático. Oito dias antes, fá-lo-ia corar semelhante procedimento. A sorte, porém, estava lançada; e em amor, pensava, todos os meios são aceitáveis quando conduzem ao bom êxito.

O Conde dirigia a si próprio esta consolaçãozinha, exatamente no momento em que voltava a esquina da rua Lafitte, onde residia.

O Conde morava em um bonito primeiro andar, ao qual pertencia uma cocheira para duas carruagens e uma cavalaria para cinco cavalos.

Era homem de bom gôsto; em sua casa não havia um só objeto que o não atestasse. Soubera reunir, o que é muito raro, a opulência do capitalista à sóbria gentileza do fidalgo. Os quadros de caça e de pesca que lhe ornava a sala de jantar; um *scberbo* Murilo, que estava na sala; dois Hobemes, pendurados na parede do gabinete de fumar; um bronze chinês de maravilhoso lavor, anunciavam suas predileções artísticas.

A criadagem do Conde compunha-se de um *groom*, de origem britânica, de uma idosa cozinheira e de um prêto, que desempenhava as funções de criado de quarto, e que por antifrasede se chamava Boule-de-Neige.

Boule-de-Neige, que se achava na sala de jantar, estendido em um banco, foi abrir a porta a seu amo, e dar-lhe parte de que estava um sujeito a esperá-lo na sala.

Junto do fogão estava um homem sentado, direito e hirtto que nem um autômato; trazia uma bengala com castão de ouro, no qual se apoiava; trajava calças de pano xadrez preto e branco, colete de cetim, e sôbre casa de gola direita; na cabeça ruiva, tinha uma chapéu de forma direita e abas imperceptíveis... Em uma palavra, era sir Artur Collins, com traje de passeio, o mesmo que vimos em roupa de baile em casa da Marquesa Van-Hop, e que servira de testemunha ao Visconde de Cambolh no seu duelo com Fernando Rocher.

— Ei-lo, enfim, “my dear”! falou êle voltando a cabeça com rigidez metódica. Como está, mylorde?

— Eu não passo de baronete...

O Conde sentou-se.

— E então? perguntou sir Artur, sem perder por um segundo o aspecto britânico.

— Segui escrupulosamente as suas instruções, respondeu o Sr. de Chateau-Mailly.

— Mostrou a carta que lhe mandei?

— Mostrei e pinteí o quadro menos lisonjeiro possível da minha paixão imaginária pela mulher não menos imaginária, a que o senhor chama Turquesa.

E o Conde narrou a cena que descrevemos.

Sir Artur ouvia-o com extrema seriedade, dando de quando em quando imperceptíveis sinais de aprovação; depois, à proporção que o Conde descrevia a aflição, a ingênua confiança e a imprudência de Hermínia, transparecia-lhe no coradíssimo rosto a mais vida satisfação.

— A isto é que se chama ser desembaraçado...

— Então agrada-lhe o modo por que me saí?

— Certamente. Há muita verdade em tudo que lhe disse.

— Então, a Turquesa existe, com efeito?

— Uma vez que escreveu é porque existe.

— E chama-se realmente Turquesa?

— Não, mas isso pouco importa.

— Convenho... Contudo, aprás-me acreditar ser menos perigosa do que se deve supor, segundo o retrato que o senhor faz.

— Pois engana-se. Creia que o retrato está ainda muito distante da verdade.

O Conde estremeceu.

— Logo, tornou êle, é uma ação abominável o que estamos fazendo!

O inglês sorriu e ergueu para o Sr. de Chateau-Mailly o olhar baço e imóvel, que não pertence senão aos filhos de além Mancha.

— Está gracejando!... frisou êle friamente.

— Gracejo tão pouco, retorquiu o Conde, que principio a arrepender-me do contrato que fiz com o senhor.

— Quer quebrá-lo?

— Com a fortuna! murmurou o Conde, desejo deveras empregar todos os esforços para merecer o agrado de uma mulher moça e formosa, da qual não conheço o marido; mas tornar-me cúmplice do empobrecimento dêle...

O inglês encolheu os ombros.

— O Sr. não está em si!

— Pois supõe isso?

— Tenho tôda a certeza. Note que não foi o senhor quem fêz cair Fernando Rocher nas mãos da mulher de quem fallamos, que não teve a mínima parte na sua contenda, nem no rapto do ferido.

— Isso é, com efeito, justíssimo.

— Por conseguinte, proseguiu sir Artur, se Fernando Rocher se empobrecer, não tem o senhor nada com isso... A sua única missão, agrabilíssima, consiste em agradar à Sra. Rocher, e nada mais. Além disso, pode estar descansado, que o Sr. Rocher não se há de empobrecer.

— Afirma-me ser isso verdade?

— Êle tem doze milhões.

— Com a fortuna! Não o supunha tão rico... murmurou o Conde, assombrado por tão avultado algarismo.

— E depois... Enfim, veremos...

— Mylorde, acentuou friamente o Conde, não será por acaso o diabo em pessoa?

— Isso desejava eu... respondeu sir Artur, com a mais perfeita fleuma. Infelizmente sou apenas seu discípulo, e acrescentou:

— Creio que principia a compreender?

— Mais ou menos...

— Para a Sra. Rocher já o meu amigo é um protetor, um homem em quem se tem confiança. A esperança de que

lhe restituirá o marido, que o senhor arrancará às garras daquela horrível mulher, a levará a fazer-lhe tôdas as concessões, e a dispensá-lo de tôdas as conveniências. Principliará tratando-o como se fôra seu irmão...

— Mas o que eu não faço é restituir-lhe o marido...

— Há de restituir.

O Conde encolheu os ombros.

— Que diz?

— O senhor combinou encontrar-se com ela, amanhã à noite, não é assim?

— Nos Campos Elíseos, sem falta, ao anoitecer.

— Pois bem... Amanhã, dar-lhe-á uma esperança vaga, e combinará tornar a encontrar-se com ela no dia imediato. Não é mau guilhoar sempre um tanto a paciência das mulheres. E' necessário que ela se habitue a vê-lo.

— Perfeitamente... Mas então que lhe hei de dizer?

— Principliará por lhe anunciar o regresso do marido dentro de três dias, sem entrar no mínimo pormenor, exigindo dela que o não interrogue, e não faça a mínima alusão à carta que recebeu, nem à Turquesa.

— E o marido aparecerá, com efeito?

— Está claro!

O Conde fitou sir Artur com profundo assombro.

— Dêsse modo, posso dizer adeus a tôdas as minhas esperanças...

— Pelo contrário: no dia em que Fernando Rocher regressar a casa, terá o senhor dado um passo de gigante no coração de sua espôsa.

— E' verdade... Esquecia-me dizer-lhe que Fernando entrará em sua casa inopinadamente, escorraçado por Turquesa, e mais que nunca apaixonado por ela. Apresentar-se-á à espôsa taciturno, de frente enrugada, em uma palavra, com todos os indícios que caracterizam o marido que tem amores fora do recinto conjugal.

— Bem... Mas que sucederá então?

— O Sr. está hoje muito curioso, meu querido Conde. Contento com seguir à risca as minhas instruções, e creia o que lhe digo: se está devidamente penetrado do espírito do papel que representa, antes de um mês há de a Sra. Rocher adorá-lo, e, o que é mais sério ainda, seu tio, o idoso Duque

de Chateau-Mailly, terá renunciado para sempre a idéia de casar com a Sra. Malassis, e de deserdá-lo.

Apenas preferiu estas palavras, levantou-se Artur Collins, pôs o chapéu, estendeu a mão ao moço Conde, assobiando uma toada de caça, e caminhando com o passo hirto e cadente, que constituía uma das suas vantagens físicas mais características.

O inglês tinha ido em carro de aluguel, como qualquer simples mortal. Assim, mal tornou a meter-se no fiacre, mandou rodar para a rua do arrabalde de Saint-Honoré, para casa do Visconde de Cambolh, onde ia mudar de trajo e de cabeleira.

As confidências do Conde de Chateau-Mailly tinham deixado a pobre Hermínia entregue a horrível desesperação. Debalde o Conde lhe dissera que confiasse nêle e no futuro, debalde lhe prometera restituir-lhe Fernando; a desventurada senhora não via nem percebia em tudo aquilo senão uma coisa: a infidelidade de seu marido, do marido a quem amava, e que tanto amara; e que à mesma hora em que ela se achava no auge da desesperação; com o rosto inundado de lágrimas, não vendo em tórno de si senão isolamento e solidão, comprimia êle talvez na sua mão as mãos da odiosa rival, que o fitava sorrindo.

O que sofreu naquela noite, e em todo o dia seguinte, ninguém o poderia dizer. Contudo permaneceu fiel à promessa que fizera ao Conde: não disse nada à sua mãe, devocrou em silêncio as lágrimas e a dor, repelindo tôdas as consolações maternas, e conservando-se no mais pertinaz mutismo.

Em vão o Sr. de Beaupréau, que parecia ter recobrado a razão, havia uma ou duas horas, e mais a pobre Teresa se mostravam solícitos juntos dela: o seu silêncio permanecia bravio. Hermínia não vivia senão para o pensamento de que Fernando já não a amava.

A noite daquele dia, e a seguinte decorreram sem que o mínimo acontecimento desse trégua à sua dor. Hermínia não tinha senão um fito, não a preocupava senão a idéia de ver o Sr. de Chateau-Mailly, aquêle que ainda na véspera lhe era desconhecido, mas sentiu por ela os valorosos impulsos da amizade, da dedicação ilimitada e que ela já considerava como o seu mais firme apoio, o seu mais seguro amigo.

Apenas principiou a anoitecer, saíu Hermínia de casa a occultas, e dirigiu-se a pé à praça do Havre, embuçada em ampla capa, o rosto occulto por denso véu. Ali, tomou modesto fiacre e deu ordem ao cocheiro para que a conduzisse à esquina da avenida de Lorde Byron.

Era noite de inverno, fria e nublada como um dia de novembro. Os Campos Elíseos estavam desertos, e reinava mortal tristeza, ocasionada pelo aspecto do arvoredado desfolhado, e do terreno coberto de lama negra e viscosa. Aquele fiacre solitário parecia a carruagem dos condenados ou o carro do infortúnio; e ninguém poderia supor que a mulher que êle conduzia, era doze vêzes milionária e talvez oito dias antes passara por ali, á hora do sol, em caleche magnífica, com um espôso moço e belo, por entre a multidão elegante, que lhe dizia com suspiros de inveja: "Ali vão a felicidade, o amor e a opulência!"

Nunca houvera de certo entrevista menos censurável, mais desculpável, que aquella para que corria a pobre senhora. Ia ali por causa de seu marido e de seu filho, com a esperança de arrancar um á horrível mulher que o prendia nas garras, e de conservar ao outro a riqueza ameaçada pela avidez furiosa de uma cortesã; contudo Hermínia tremia durante o trajeto, qual fôlha amarelecida que o vento do outono sacode no cimo das árvores. Parecia-lhe ouvir uma voz secreta dizendo-lhe que corria para um perigo maior talvez do que aquêle que ia conjurar.

O fiacre parou no ponto designado.

Hermínia, cujo coração batia violentamente, lançou olhos inquietos pela avenida de Lorde Biron, inteiramente deserta.

O Conde fazia-se esperar, o que era de boa diplomacia. A pobre senhora esperou por um quarto de hora, entregue a mortal aflicção, e êle sem aparecer.

Afinal surgiu um homem no extremo oposto da rua. Viu-a a cavallo e a trote.

— E' êle! murmurou Hermínia, com tamanho sobressalto como se o homem a quem esperava impaciente fôsse na verdade um homem amado.

Era, com efeito, o Sr. de Chateau-Mailly.

O Conde apeou-se e dirigiu-se, respeitadamente, para o fiacre, de chapéu na mão.

Hermínia estava em extremo pálida e trêmula.

— Então? perguntou meio sufocada.

— De ontem para cá, minha senhora, dei um grande passo: sei onde está a abominável criatura que o detém. Permita-me que torne a vê-la depois de amanhã, porque hoje não posso ainda dizer-lhe nada; e tenha esperança, porque hei de restituir-lhe seu espôso.

Hermínia quis interrogá-lo.

— Isso não... Lembre-se de que prometeu obedecer-me...

Beijou-lhe a mão e acrescentou:

— Depois de amanhã, domingo, espero que se ache aqui, às cinco horas.

E o Conde, resolvido a guardar inexorável silêncio, montou novamente a cavalo e desapareceu.

Hermínia voltou para casa, mais aflita, mais triste do que quando saíra. Tivera tão grande esperança na sua entrevista com o Conde de Chateau-Mailly!

Contudo as almas nobres e resignadas habituam-se insensivelmente à dor, por pouco que vejam brilhar no horizonte o contínuo azul a que se chama esperança. Hermínia chorava, sentia-se atormentada pelo ferro candente do ciúme; mas tinha tanta fé nas promessas do Conde, que esperava ver o marido arrependido da sua infidelidade.

Passou os dois dias que deviam decorrer antes de tornar a ver o Conde, inteiramente entregue a seu filho, refugiando-se no amor maternal como o navio batido pela tempestade se refugia no pôrto, segurando-se àquele berço, como o náufrago à tábua de salvação.

No domingo foi exata à entrevista, e então o Conde não se fez esperar.

— Alegre-se, minha senhora, disse o Conde, seu marido volta em breve...

E, como Hermínia estremecesse simultaneamente de alegria e comoção, prosseguiu o Conde:

— Quarta-feira, à noite, vê-lo-á entrar em sua casa... Mas em nome do céu, minha senhora, em nome do seu repouso, do seu futuro, em nome de seu filho, e da dedicação que lhe consagro, peço-lhe que continue a obedecer-me...

— Obedecer-lhe-ei... murmurou ela.

— Aceite a explicação que seu marido lhe der da sua ausência... Acredite-o, ou finja acreditá-lo. Não pronuncie sequer o nome da tal mulher nem o meu... Jure que assim fará...

— Juro... juro!

— Obrigado... e adeus!

Hermínia voltou para casa palpitando de esperança, tendo já perdoado, e resolvida a contar as horas e os minutos que a separavam ainda do momento em que, segundo a promessa do Conde, devia tornar a ver o marido.

A história de tal expectativa é um longo poema, só de Hermínia: não o descrevemos, por isso, transporemos os três dias em três linhas.

Desde as oito horas da noite de quarta-feira, conheceu Hermínia que tinha a vida inteiramente suspensa a um único ruído: o som da sineta do portão... Quando chegaria êle? A que horas? Como? Hermínia não o sabia, mas acreditava no que lhe dissera o Conde; de modo que tôdas as vêzes, que se abria o portão, experimentava inexplicavelmente ansiedade. Só, notouador, com os olhos fitos no mostrador do relógio, viu Hermínia as horas suceder-se às horas. Afinal souu meia-noite... e êle sem voltar.

Então, prêsa novamente do desespêro, sentiu apertar-lhe outra vez o coração, os olhos encheram-se de lágrimas e as pernas recusaram-se a sustentá-la, como se a dominasse invencível prostração. Parecera-lhe estar vendo a mulher que lhe roubara a felicidade e o repouso, dizer-lhe em tom de escárnio: "Não irá... porque eu não quero, porque é a mim que êle ama".

De repente, e no momento em que deram duas horas, souu a sineta do portão. Hermínia ouviu o ressoar mais no íntimo do coração do que nos ouvidos.

— E' êle!... é êle...

Quis levantar-se, correr ao seu encontro, para se lhe lançar nos braços e dizer-lhe: "Torno enfim a ver-te!" A comoção, porém, deteve-a imóvel, sem voz e quase sem alento, caindo desfalecida no sofá em que estava.

POBRE CERISE

Falemos agora de Léon Rolland.

Havia mais ou menos oito dias que Turquesa, sob o nome de Eugênia Carin, se apresentara na oficina da rua de Saint-Antoine, onde Cerise, mediante recomendação de seu marido, lhe dera trabalho.

Aqueles oito dias tinham sido mais que suficientes para encastelar a tempestade por sobre a feliz e pacífica família, que o amor e o trabalho tinham até ali protegido. Bastara para isto o olhar fascinador da suposta costureira.

E' já sabida a revolução que operara em poucas horas no coração e no espírito do mestre marceneiro, qual a perturbação inexplicável que se apoderara instantaneamente dêle, sob os eflúvius magnéticos daquele olhar extraordinário. Durante aquêle dia não pôde Léon Rolland achar explicação da perturbação que experimentava; a noite, não pôde conciliar o sono.

O sorriso feliz e encantador de Cerise e de seu filho, a quem por muitas vêzes tomou nos braços, como se quisesa fazer dêle uma égide contra um perigo invisível, foi o suficiente para o distrair.

A formosa Cerise não lhe notou a preocupação.

Léon foi de manhã para a oficina, como costumava, cuidar do trabalho, por aí se demorou vigiando os operários, e conseguiu chegar à hora do almoço sem demasiada impaciência. Houve até um momento em que se lembrou de mandar Cerise saber notícias do tio Carin, a fim de não ir pessoalmente como lhe prometera na véspera.

Léon, com isto, parecia obedecer a uma inspiração superior.

Aquêle ótimo pensamento, porém, em breve se dissipou. Não disse nada a Cerise, e voltou depois do almoço para a oficina, onde procurou passar o tempo até às duas horas.

Cerise não via o marido, nos dias da semana, senão à hora das refeições; o domingo é que passavam juntas. As-

sim, vendo sair o marido, oferecera-lhe o rosto para o beijo costumeado, despedindo-se d'ele até à tarde, e fôra cuidar tranquilamente do que tinha a seu cargo.

Muitas vêzes, durante o dia, saíam marido e mulher, cada um para seu lado, por assim lho exigirem as suas occupações. Léon ia à casa dos operários que trabalhavam por sua conta; Cerise tomava, quase todos os dias, modesto fiacre e andava em giro análogo, das duas às cinco horas. Ia muitas vêzes à casa da Condessa de Kergaz, consultava-a em tudo, e servia de intermediária das obras de caridade, e dos benefícios que Joana espalhava.

Os dois espôsos, unidos por mútua confiança, gozavam individualmente da mais completa liberdade.

Era muito raro que Cerise interrogasse o marido acêrca do modo por que empregara a tarde; muito mais raro ainda perguntar Léon a Cerise aonde fôra de manhã, obedecendo assim, sem que o suspeitasse, à instintiva aversão que tem toda gente de vida laboriosa de falar dos seus negócios no seio da família.

Êstes pormenores eram indispensáveis para que se compreenda o que succedeu após a introdução da Turquesa, como costureira, na oficina dirigida por Cerise.

Quando soaram duas horas, Léon Rolland, a quem impelia uma fôrça desconhecida, a quem dominava uma atração misteriosa, deu várias ordens ao seu contra-mestre, saiu e foi direito à rua Charonne, como a avezinha fascinada se dirige, batendo as asas, para a goela escancarada do réptil. No terceiro andar encontrou a porteira, que estava varrendo.

A viúva Fipart, a interessante espôsa do guilhotinado Nicolo, cumprimentou o "seu" Rolland, como se cumprimentam em nossos dias os milionários.

— Ai meu querido senhor, disse ela, é a Providência quem o envia a esta pobre gente... a esta excelente menina, que tem tanto juízo, que é mesmo uma santa... mas é tão infeliz... Olhe, eu sou uma pobre de Cristo, mas corta-me o coração ver coisas destas!...

E em tom de comoção, com volubilidade inimitável, achou a horrenda velha meio de contar a Léon uma história inve-

rossímil, cuja moralidade era que Eugênia Garin passava dia e noite a trabalhar para sustentar o pai.

Léon pagou a história à porteira com cinco francos, e subiu velozmente ao sexto andar. No momento em que bateu à porta pulsava-lhe violentamente o coração.

— Entre... balbuciou uma voz que o fêz estremecer dos pés à cabeça.

Léon empurrou a porta, e deteve-se por um momento no limiar dela.

A miserável água-furtada apresentava-se já menos lúgubre, necessário para dar aspecto de penúria extrema. O velho estava ainda na cama, coberto com excelente cobertor novo, e entre lençóis muito brancos. Na chaminé, um fogãozinho de ferro, que espalhava em tórno suave calor. Junto ao fogão achava-se Eugênia sentada, a costurar.

Léon não vira mais nada, e o encanto recomeçou, mais terrível, mais poderoso que nunca, quando a costureira, levantando-se, ergueu para êle o olhar magnético; corou ligeiramente correspondendo-lhe ao cumprimento.

— Meu pai... sussurrou ela, é o Sr. Rolland.

— Sou eu... tio Garin, disse Léon dominado por extrema comoção.

— Ai meu querido senhor... Deus o abençoe... murmurou o cego, em lamentoso tom de reconhecimento. O senhor tem o coração de um príncipe, patrão!

Léon sentou-se à cabeceira do doente, perguntando-lhe como estava e falou por muito tempo sem saber o que dizia; mas estremecia e sentia-se deveras transtornado, sempre que a formosa Eugênia erguia para êle os formosos olhos azuis; e assim decorreram para êle duas horas, que tiveram a duração de um sonho.

Final, retirou-se, cambaleando como um homem embriagado, depois de ter apertado silenciosamente a mão de Eugênia, e de lhe ter prometido voltar no dia seguinte a mesma hora.

Naquela noite mostrou-se o operário triste e preocupado; e quando Cerise, assustada por tão inopinada mudança, o in-

terrogou, respondeu que estava fatigado, e tinha fortíssima enxaqueca. Era a primeira vez que Léon mentia à sua mulher.

No dia seguinte voltou à rua da Charonne, e, como na véspera, estava Eugênia trabalhando à cabeceira de seu pai. No outro dia tornou a ir ali, e no outro, e no outro.

Entretanto, a costureira conservava, os olhos baixos; apresentava o aspecto inocente de menina de juízo, falava pouco, corava se Léon a fitava; e, ao cabo de oito dias, o pobre marceneiro, sem que o tivesse confessado a si próprio, estava inteiramente louco de amor.

Não obstante, e obedecendo à astúcia instintiva do mal, ostentava em casa uma jovialidade de mau agouro; beijava ainda a espôsa como costumava, mas o coração não lhe palpitava já com a comoção de outrora. De noite, o sono agitado; via em sonhos a cabeça de uma mulher, e não era o fresco e rosado rosto de Cerise, com os seus grandes olhos tão meigos, os seus formosos cabelos pretos, e os seus lábios tão corados como a fruta de que tinha o nome. O rosto que lhe via era um tanto pálido, emoldurado em cabelos louros, iluminado por uns olhos azuis escuros, dos quais irradiava um brilho fascinador; era o rosto pensativo e sério do anjo decaído, que sente saudades do céu, e parece comprazer-se com a sua beleza fatal.

Depois de cear, quase sempre pretextava Léon necessidade absoluta de tomar ar, ou de descer ao escritório, para adiantar a escrituração que se achava atrasada. Do que lhe necessitava era de solidão.

Às vêzes fechava-se na oficina, e ali, sem testemunhas, punha-se a chorar.

Um dia chegou mais cedo do que costumava à casa do tio Garin. Eugênia tinha saído, segundo lhe comunicou o cego.

Léon experimentou como que um estremecimento de coisa inquietação. Aonde teria ido? Quis retirar-se, não teve força para isso, e esperou duas horas.

Por fim, chegou Eugênia, com o cabázinho no braço. Segundo ela disse, tinha ido ao mercado comprar os seus modestos alimentos.

Léon, vendo-a entrar, corara e empalidecera alternadamente; e esqueceu-se de si, a ponto de lhe exprobar o ter deixado o pai só por tanto tempo.

Eugênia baixou os olhos; o pobre operário viu-lhe rolar uma lágrima pela face, pediu-lhe perdão e retirou-se profundamente triste, por lhe ter causado pesar, e confessando a si mesmo que o não fizera pelo interêsse que o cego lhe merecia, mas sim por ciúme.

Léon principiava a ler distintamente no íntimo da sua alma e recuava assombrado; porque afinal era um excelente e leal coração, espírito simples e reto, que respeitava a fé jurada, um marido que tomava a sério os seus deveres de espôso e de pai. Léon amara Cerise, que o amava ainda — tornara-se seu espôso, seu protetor; as mãos tinham-se-lhe entrelaçado para sempre por sôbre o berço de seu filho; de modo que, homem honesto como era, bem sabia que não tinha direito a erguer os olhos para outra mulher que não fôsse a sua.

Uma noite, estando só, no gabinete contíguo à sua oficina, e a que êle chamava escritório, repetiu para consigo mesmo tudo o que acima dissemos, e jurou dominar o coração, os instintos, calcar aos pés aquela paixão insensata, ir ver Eugênia pela última vez, deixar um punhado de luíses debaixo do travesseiro do pai, e instigar a jovem a voltar com êle para sua terra, onde os ares pátrios, e um clima talvez mais suave, poderiam abreviar-lhe a cura.

Léon queria afastar, de Paris, Eugênia Garin; sentia-se fraco, e sabia que, se ela ali permanecesse, não teria força necessária de não a tornar a ver.

Léon tinha economias de que não dava conta a ninguém, que sua mulher deixava empregar à sua vontade, e que se iam quase tôdas em aliviar misérias ocultas. Para robustecer a sua resolução, pegou Léon um rôlo de mil francos e meteu-os no bôlso, na intenção de o fazer aceitar pelo tio Garin, com a condição de voltar para a sua terra.

Quando da oficina subia para os seus aposentos particulares, havia já muito que reinavam em tôda a casa o silên-

cio, e o sono, que assim coroavam um dia de trabalho honrado e assíduo.

No quarto estava uma lamparina em cima do fogão, a qual espalhava em tórno claridade discreta. Ao lado do leito estava o berço da criancinha, oculto pelo mesmo cortinado do leito materno.

Léon deteve-se por momentos no limiar da porta, como se sentisse remorsos e vergonha por ir, com o coração perturbado por pensamentos culpáveis, tomar o seu lugar costumado entre os dois entes que deveriam preencher-lhe a vida: sua mulher, a santa e formosa Cerise, e seu filho, rosado e louro como um anjinho, e cuja alma voltava de certo ao céu tôdas as noites enquanto o débil corpinho repousava junto de sua mãe. Depois, passando a mão pela testa, como se quisesse expulsar dali um pensamento penoso, uma imagem perseguidora, avançou nos bicos dos pés, comprimindo a respiração e afastou brandamente as cortinas do leito.

Era um quadro encantador o que então se lhe ofereceu à vista. O pequenino não estava no berço; a mãe tirara-o dali para a sua cama, e dormia profundamente abraçado com êle. A criancinha, em tórno da qual se arredondava o lindíssimo braço da mãe, tinha os lábios entreabertos, e parecia sorrir mesmo a dormir, sem dúvida para alguma visão celeste, recordação do paraíso, das que se não apagam da memória da infância senão quando a primeira paixão humana principia a empanar a inocência. A mãe, mais grave, mais séria, dormia com os lábios colados aos louros cabelos do seu querubim.

O operário esteve por um momento a contemplar a sua felicidade, aquela dupla aparência, não se atrevendo a fazer um movimento, nem sequer a respirar. E a imagem fatal, a recordação fascinadora do demônio de olhos azuis apagou-se, e o ditoso pai sentiu palpitar o coração, e julgou-se ainda esposo feliz. Inclinou-se então sôbre o grupo adormecido, e quis pegar na criancinha para tornar a deitá-la no berço; mas, apesar das infinitas precauções com que intentou soltá-la do braço da mãe, viu êste braço, pouco antes flexível, inteiriçar-se de repente, surgindo ao mesmo tempo uma ruga na alva testa de Cerise, e esta, dormindo ainda, cingiu ao peito o filho, como se algum perigo o ameaçara.

Em seguida abriu os olhos, e fitou o espôso. No mesmo instante desfêz-se a ruga da testa, a seriedade dos lábios foi substituída por um sorriso.

A imagem de Eugênia Garin desaparecera inteiramente.

.....

No dia seguinte desceu Léon para a oficina, mais alegre e risonho que de ordinário.

Durante a manhã estêve sempre muito ocupado, com visitas de fregueses, com encomendas, em uma palavra, todos os assuntos inerentes à sua grande labuta. Além disso era sábadô, dia de pagamento; e em tais dias costumava Léon, logo de manhã, examinar a caixa, e tratar de "fazer dinheiro".

Quando saiu de casa, às duas horas, para ir à rua de Charonne, ia munido de um rôlo de mil francos, e levava a firme resolução de dá-lo ao tio Garin, e de lhe fazer prometer que se retiraria de Paris. Quando parou à porta da casa, sentiu ainda o extraordinário palpitar de coração, que costumava sentir tôda sas vêzes que ali ia; mas, como a sua resolução era definitiva, subiu a escada sem a mínima hesitação.

A viúva Fipart não estava no seu cubículo, e Léon, não encontrando ninguém na escada, chegou à porta da água-furtada sem ver viva alma.

— Entre!... respondeu a voz da jovem, logo que êle bateu.

Léon entrou e soltou uma exclamação de surpresa.

O leito do velho estava vazio: a jovem achava-se só. O operário teve uma espécie de vertigem. Via-se pela primeira vez a sós com aquela mulher, que tão grande devastação lhe fazia na alma; e isto exatamente no momento em que ia vê-la pela última vez.

A jovem levantou-se corando extraordinariamente, e como se temesse achar-se em tal situação.

— Onde está seu pai? perguntou Léon, a voz trêmula.

A jovem baixou os olhos e suspirou.

— Foi-se esta manhã, respondeu ela.

— Foi-se! exclamou o operário, deveras estupefato.

— Ah! Sr. Rolland... exclamou Eugênia, fingindo-se perturbada, de certo nos não perdoa nunca!...

— Perdoar-lhes! exclamou êle, visivelmente comovido: de que é que são culpados?

E já o pobre Rolland se esquecera da sua resolução. Já não fazia senão contemplar Eugênia, e perguntar a si próprio que poderia êle ter que perdoar-lhe.

— Sr. Rolland, prosseguiu ela, em voz mal segura, o senhor tem sido o nosso benfeitor, libertou-nos da miséria; e por isso não sei o que me diz que fizemos muito mal em lhe ocultar...

— O que?... perguntou êle cada vez mais admirado.

Continuou a jovem, fitando Léon, e expressando-se em voz que transtornava a cabeça de Léon, tôdas as vêzes que a ouvia vibrar: O senhor nos perdoará, se lhe tivermos dado motivo de pesar?

E a serpente tentadora pegou na mão daquele pobre homem, tão extraordinariamente perturbado, e como que obedecendo a um hipócrita impulso de reconhecimento.

— Assim lho prometo... respondeu Léon, que já nem via onde estava.

Depois, vencido de certo pelo hábito, sentou-se ao lado dela, e mostrou-se disposto a ouvi-la.

— Nós, Sr. Rolland, somos tão pobres e desvalidos, que talvez nos fique mal ser altivos... e, contudo, meu pai tem ôsse defeito... De cada vez que o senhor saía daqui, punha-se a chorar e ao passo que o carregava de bênçãos maldizia as suas enfermidades, corando extraordinariamente por lho ser devedor de tudo... como eu própria coro... concluiu, entrecortadamente.

— Eugênia... balbuciou Rolland.

— Porque eu, Sr. Rolland, prosseguiu ela, não me engano, nem meu pai tão pouco se engana. A Sra. Rolland, 1111

digna espôsa, paga-me por cinco francos o que vale um, e o senhor mesmo nunca vem aqui...

— Cale-se, menina... murmurou Léon, comovido quase a ponto de chorar; não foi seu pai meu operário?

— Ontem, de manhã, o médico que tratava de meu pai, disse-lhe que tinha de seguir um tratamento dos mais demorados e dispendiosos, se por ventura queria recobrar a vista; e, como facilmente via que não poderíamos com as despesas de tal tratamento, ofereceu-se para fazer com que o admitissem no hospital...

— E seu pai aceitou o oferecimento?! exclamou Léon.

— Foi para o hospital esta manhã... Ele bem sabia que se o senhor soubesse a sua resolução por força se lhe opunha, e lhe oferecia ainda mais dinheiro... Ontem não quis falar-lhe nada, e foi-se embora deixando-me aqui para lhe pedir que nos perdoasse...

E a costureira desatou a chorar e quis beijar a mão de Léon.

O pobre marceneiro não sabia onde estava não se lembrando já do velho cego, nem da espôsa, nem do filho; esquecera-se de tudo na presença daquela mulher debulhada em pranto, e para a qual o arrastava invencível. atração.

— Irei visitá-lo esta tarde, Sr. Rolland, ao senhor e à sua espôsa, a fim de lhe agradecer os seus benefícios como agradeço ao senhor do íntimo de um coração reconhecido, e que nunca se esquecerá...

— Mais para diante me agradecerá... tornou Léon; nada fiz ainda em seu favor... espere um pouco mais...

Eugênia abanou a cabeça, e mostrou um sorriso através das lágrimas.

— Amanhã deixo esta casa.

Se aos pés de Léon tivesse caído um raio, tê-lo-ia assombrado menos do que aquelas simples palavras.

E, contudo, fôra ali muito resolvido a fazer partir aquela mulher, cuja presença em Paris ameaçava a sua felicidade,

decidido a vê-la pela última vez; e no momento em que ella ao encontro dos seus desejos, quando ella lhe annunciava a separação que elle pouco antes desejava, sentia-se presa de súbito espanto, como se aquella mulher lhe levasse consigo o coração, e a própria vida.

— Deixa esta casa?... balbuciou elle, como quem ouvia mal o que lhe disseram.

— E' verdade, Sr. Rolland... supplicou, com a maior simplicidade. Ofereceram-me ser criada de uma senhora ingleza, que anda viajando... Ganharei em dinheiro o que vou perder em orgulho!... Mas que quer? concluiu, em voz mal segura, é um modo de poder ajudar o meu pobre pai.

Por alguns minutos conservou-se Léon imerso em um silencio bravo. E' que se lhe travava no coração uma luta terrível, suprema, inexorável. De um lado assaltara-o a recordação da esposa e do filho, que lhe dizia:

“A partida dessa mulher é a tua ventura, o teu repouso, a tranquillidade da tua vida inteira...” Por outro lado, a presença daquella mulher, cujos olhos cheios de lágrimas não tinham perdido nada do seu mágico e tenebroso poder, trans-tornava-o inteiramente. Por fim o mal suplantou o bem, o vício triunfou.

Eugênio fitou-o com uma espécie de terror, perguntando-lhe ao mesmo tempo:

— Por quê? por quê?

— Por quê? respondeu elle com voz sufocada, e dando largas e súbita explosão de dor; porque a amo!...

E o infeliz ajoelhou aos pés do demônio; e, sem dúvida, naquele momento supremo e doloroso o anjo da guarda de Léon, o anjo que vigiava pela ventura da mãe, e pelo repouso do lar, velou o rosto com as cândidas asas, e subiu ao céu inundado em lágrimas.

Pobre Cerise!!!

POBRE HERMÍNIA

Era na véspera do dia em que a carruagem de Turquesa largara Fernando Rocher no fim da rua Amesterdão, em face da estação da estrada de ferro.

Como sabemos, Fernando arrancou a venda, aproximou-se de um lampião e leu à luz do gás a carta de sua formosa enfermeira. E' impossível descrever o pasmo, o desespero que se apoderaram daquele coração louco, fascinado e impellido para o inferno pela mulher que via, quase ao mesmo tempo, dois homens sentindo por ela a mais violenta e funesta das paixões.

— Hei de achá-la! exclamou.

E pôs-se a caminhar com passo desigual, ao acaso, à ventura, como se quisesse achar o seu próprio rastro e segui-lo, a fim de ficar conhecendo o caminho que percorrera com os olhos vendados. O acaso, porém, levou-o justamente à rua d'Isly, situada, como se sabe, próximo da praça do Havre, e que desemboca de um lado na rua dêste nome.

Quando Fernando se viu no principio da rua d'Isly foi andando màquinalmente por ela, até à porta da sua residência, puxando sem mais demora o cordão da campainha. Achara-se à sua porta, em sua casa, a poucos passos da espôsa e do filho, a quem não vira pelo espaço de vinte dias, de quem se esquecera, à semelhança de Renaud, do herói do Tasso, que perdera a memória nos jardins encantados de Armida, e não se lembrava já do acampamento dos cruzados, nem de nenhum dos seus companheiros.

Mal soou a campainha abriu-se a porta, e Fernando entrou.

O pátio estava silencioso e deserto.

Fernando ergueu os olhos e não viu brilhar senão uma luz em todo o edificio. Era a luz do quarto de sua mulher, e que cintilava discretamente por entre as bambinelas de sêda do toucador.

Foi então que aquêlê homem, que entrava em sua casa n'ocultas, a pé, a uma hora imprópria, como um ladrão, a introduzir-se na propriedade alheia: foi então que aquêlê homem, passou a mão pela testa, e tentou reunir as recordações e coordenar as idéias. Acaso acordara de extraordinário e penoso sonho, ao cabo de quatro anos de alegria e de amor, quatro anos de ventura extrema, e de que bastara para o despertar aquela luz discreta? Não teria sido prêsa de algum hediondo pesadelo e enquanto dormia junto do berço de seu filho, sob as cortinas de sêda de Hermínia, sua cândida companheira, não teria ouvido o tinir das espadas? Não teria sendo ainda em sonho que se vira deitado em um quarto desconhecido, guardado por um demônio de formas encantadoras, que quisera arrebatá-lhe a alma? Ou então, aquêles quatro anos de felicidade, Hermínia sua espôsa adorada, o filhinho alvo e rosado, a casa suntuosa que os abrigava a ambos, e era propriedade sua, o lar da sua família, não passava tudo de prolongado sonho, ao despertar do qual se achava desgracado, desprezado, quase expulso por uma mulher, por quem estava louco de amor?

Ao passo que dirigia a si próprio estas perguntas, vencido pela fôrça do hábito, continuou Fernando o seu caminho; tirou a chave do bôlso, abriu a porta e dirigiu-se para o quarto de sua mulher.

Hermínia, como dissemos, permanecera imóvel, sem fôrça, sem voz, e prostrada em um sofá do gabinete de vestir. Quando, porém, ouviu ressoar na antecâmara, um tanto abafados pela densidade do tapete, aquêles passos queridos e conhecidos, quando a mão de Fernando abriu a porta do gabinete, recobrou a senhora a coragem, a energia, o uso da fala, e correu para o marido, soltando um grito de alegria indefinível, e cingindo-lhe o pescoço com os abraços.

— Eis-te!... Eis-te, enfim!

Aquêlê caloroso abraço, aquela voz que parecia resumir para êle, em um só grito, quatro anos de ventura sem nuvens, acabaram de despertar Fernando, e de o arrancar àquele torpor moral. Cingiu a mulher ao coração, recobrou um pouco de presença de espírito, e pensou então em confessar-lhe fran-

camente quanto se passara; como, a despeito da sua vontade, sem que êle suspeitasse, e durante o seu desmaio fôra transportado para uma casa desconhecida, donde afinal o tinham inopinadamente repellido.

Mas, efeito de pudor instintivo e receio de perturbar o coração daquele anjo que o recebia estendendo-lhe os braços, ou qualquer pensamento reservado e fatal qu de repente o dominou, aquêlê homem, pouco antes comovido e transtornado, reassumiu o sangue frio, a lucidez de espírito, e perfeita tranqüillidade do marido que se prepara para contar a sua mulher, não a verdade nua, mas a verdade decentemente vestida, e adornada para as necessidades de momento.

— Valha-me Deus, minha querida Hermínia!... murmurou êle; o que tenho padecido, e o que deves ter igualmente sofrido!

E conduziu-a para o sofá, sentou-a em um joelho, e deu-lhe um beijo. E a ditosa espôsa, palpitando sob aquêlê beijo como no primeiro dia da sua união, acreditou que o marido se lhe restituira em corpo e alma.

Ainda mais; pareceu-lhe impossível que êle tivesse podido, mesmo moralmente, ser-lhe infiel um minuto, e por isso estêve a ponto de exclamar: Não! o Sr. de Chateau-Mailly me enganou!

Fernando, porém, tapou-lhe a bôca:

— Perdoas-me, não é assim?

Fernando pedia perdão. Seria êle culpado?

Hermínia calou-se e fitou-o.

— O teu Fernando, meu anjo, prosseguiu êle, o teu Fernando que te ama, e em que tu confias, procedeu como um estouvado, como uma criança. Esqueceu-se de que o tempo das loucuras de rapaz já passara, de que tinha uma espôsa e um filho, de que te havia deixado no baile, querida espôsa da minha alma, para ir jogar a vida que não lhe pertencia, por causa de um dito equívoco...

E nisto era êle sincero, chegando a esquecer-se da desconhecida, para ver e amar senão sua mulher. Por uma estú-

pela pendência de jôgo (concluiu êle), miséria, fui bater-me
nas duas horas da manhã...

— Santo Deus! tinha-o adivinhado... Mas, prosseguiu,
tremendo, e envolvendo-o num olhar de amor, fôste ferido il-
legitimamente, não é verdade?

E olhava para êle parecendo procurar qual o lugar do
corpo em que lhe penetrara o ferro assassino.

— Não foi nada... uma arranhadura apenas...

E, ao passo que o sorriso lhe reaparecia nos lábios e lhe
inundava o rosto, um momento transformado pela inquietu-
ção, prosseguiu Fernando:

— Contudo foi uma arranhadura que me obrigou a estar
de cama oito dias intermináveis, que me causou a perda dos
sentidos e em seguida o delírio... Ouvi falar, não sei onde...
e escreveram-te não sei o que... Foi tudo um sonho! acrem-
centou, passando a mão pela testa.

Mal proferiu estas palavras levantou-se, correu à porta
próxima, que dava para o quarto da sua mulher, e aproxi-
mou-se do berço do filho.

Dir-se-ia que queria fugir a qualquer outra explicação,
e refugiar-se inteiramente na ternura paterna. Pegou, pois,
no filho, cobriu-o de beijos, e a criancinha acordou cho-
rando.

A mãe, ouvindo chorar o filho, não pensou em mais nada,
e esqueceu-se das dores próprias dos seus tormentos e ciúms.

Fernando tornou a deitar a criancinha no berço.

Em seguida inclinaram-se ambos sôbre ela e cobriram-
na de beijos.

Se o próprio sir Williams tivesse podido assistir àquela
cena, teria duvidado do seu poder, vendo o regresso da ven-
tura àquele lar, de onde o seu gênio infernal quisera expul-
sá-la. De repente, porém, afastou-se Fernando do berço. Re-
surgira-lhe no íntimo uma recordação; passara-lhe por dian-
te dos olhos imagem maldita e fatal. Pareceu-lhe que aquêles
olhos azuis, de olhar tão profundo como os vastos mares, e
que tinham; como êles, o poder fascinador dos pegos, o opri-

miam com todo o seu poder. Fernando empalideceu, tremendo ao mesmo tempo; sentiu a vista obscurecida por uma nuvem, e o rosto sombreou-se-lhe repentinamente.

— Hermínia — falou êle pegando na mão da espôsa — hás de fazer-me uma promessa...

Hermínia fitou-o com doloroso assombro, tão impressionada ficcu pela inesperada mudança, que viu operar-se no marido.

— Que promessa?... perguntou tremendo de susto.

— Hás de prometer-me não fazer nunca a mínima pergunta acêrca do que ocorreu nestes últimos oito dias.

— Prometo... disse ela em tom de submissão.

— Não hás de perguntar-me onde estive, nem quem cuidou de mim, não é verdade?

— Juro!... afirmou a pobre senhora, convencendo-se, então, de que o Sr. de Chateau-Mailly não a enganara.

— E' por êsse preço que podemos ainda ser felizes! murmurou Fernando, soltando um suspiro com a esperança de que se desvaneceria a recordação que o perseguia.

.....

No dia immediato, ao despertar, lançou Fernando em tórno de si o mesmo olhar de assombro que relanceara pela suntuosa mobília da formosa desconhecida no dia em que, voltando a si do seu desmaio, se achara em casa dela. E, como então, tentou conhecer o lugar onde se achava, vendo que estava em sua casa sentiu uma espécie de surprêsa e quase de saudade. Vivera tanto pela cabeça e pelo coração naqueles últimos oito dias, habituara-se de tal modo a vê-la, a "ela", à mulher desconhecida, sentada à sua cabeceira...

Como na primeira vez suspirara, lembrando-se do seu quarto, onde dormia com a cabeça no mesmo travesseiro que a sua jovem espôsa, ao lado do berço do filho; assim, tornando a achar-se naquele quarto povoado da srecordações de quatro anos de ventura, não pôde abster-se de pensar no seu

despertar dos dias precedentes, e a primeira coisa que fêz foi procurar com a vista a linda enfermeira que se dirigia para lá caminhando nos bicos dos pèzinhos.

A presença da espôsa adormecida e do berço da criança demonstraram-lhe, porém imediatamente, que não podia ver a desconhecida.

E como o homem que intenta repelir a tentação e expulsar um pensamento que o persegue, Fernando refugiou-se no presente, olhando alternadamente para o alvo rosto de Hermínia, e para o filhinho, único penhor do seu amor. Não obstante, as recordações da véspera continuaram.

A imagem repelida com energia reaparecia sem cessar, e, pela primeira vez em quatro anos, levantou-se Fernando da cama sem dar um beijo na espôsa.

Hermínia dormia ainda... Passara tantas noites sem fechar os olhos, entregue às aflições da expectativa, dos tormentos do desespero, que afinal cedera ao cansaço, e adormecera ao lado daquele que ela julgava reconquistado.

Fernando ergueu-se sem fazer ruído, quase a ocultas, e saiu do quarto nos bicos dos pés. Necessitava de ar, de solidão; esperava que o primeiro raio de sol e o primeiro sôpro da brisa matinal lhe restabeleceriam no espírito um pouco de tranqüilidade e dissipariam a recordação confusa das visões da noite.

Hermínia não comunicara a ninguém da família, no decurso dos célebres oito dias, a causa dos seus sustos; todos sabiam que o senhor estava ausente e era quanto bastava.

Logo de manhã tinham todos sabido que o senhor voltara durante a noite.

Fernando desceu à cavalariça, e mandou selar o seu cavalo predileto, excelente cavalo do deserto, presente quase real do Governador-geral de Argel. Fernando montou, disse que não voltaria senão à hora do almoço e partiu a trote largo pela rua do Havre.

Foi assim até à rua Royale, seguiu a galope pela avenida dos Campos Eliseos, desceu até a ponte de Neully, e deu volta pelo bosque, voltando por Passy e avenida de Saint Cloud.

A velocidade com que êle caminhava, rápida como de um cavalheiro de balada alemã, estava em harmonia com a perturbação que sentia no coração. Quando regressou eram onze horas.

Hermínia levantara-se e esperava-o. Despertando e não o vendo a seu lado, soltara a pobre senhora um grito de susto; receara que êle lhe tivesse tornado a fugir, que a sua odiosa rival lho tivesse ido roubar mesmo em sua casa; tranqüilizou-se, porém, em breve, sabendo pela criada de quarto que o senhor saíra a cavalo. Não tinha Fernando por costume ir tôdas as manhãs ao bosque, montado na Sara, sua preciosa égua árabe?

Hermínia fizera-se vestir com muito gôsto e extraordinário esmero; estava com um traço matutino, capaz de fascinar o Conde de Chateau-Mailly, de seduzir um homem já embotado. O seu sofrimento da véspera e o dos dois dias precedentes haviam-na empalidecido um tanto, mas tinham-lhe dado, em troca, suprema distinção.

Vendo-a, esqueceu-se Fernando mais uma vez de tudo mais; e passou o dia na companhia da espôsa e do filho, como se temesse um único instante de isolamento.

O tempo estava frio, mas límpido e sêco; ao meio-dia mostrava-se o sol deveras radiante.

Fernando mandou aparelhar a americana. Em seguida, propôs à sua mulher um passeio, e, guiando êle próprio a americana, foram pelos bulevares até à praça da Bastilha. Chegando ali, voltou Fernando para o arrabalde de Santo Antônio, e tomou a direção da rua Culture-Sainte-Catharine, onde residia Armando de Kergaz.

O Conde saíra, mas a Condessa estava em casa. Fernando e Hermínia passaram uma hora em sua companhia.

Durante o trajeto, mostrara-se Fernando alegre e risonho.

Hermínia agradecia já, no íntimo da alma, ao Conde do Château-Mailly, seu invisível protetor.

À noite, porém, apoderou-se de Fernando mortal tristeza, que o tornou sombrio e taciturno.

E Hermínia, apesar da sua dor, permaneceu fiel à promessa que lhe fizera; não o interrogou; contentou-se com prodigalizar-lhe cuidados, carícias, as mil atenções encantadoras da mulher delicada, amante, que quer ser amada.

Decorreram três dias. Durante êles teve o pobre enfermo do espírito alternativas de alegria e de tristeza. Ora se mostrava afetuoso e solícito para com a espôsa e fazia pular o filho sôbre os joelhos, falando-lhe a linguagem infantil que tanto diverte os pais; ora, pelo contrário, tornava a cair em sombrio mutismo, proferindo apenas monossílabos, e repelindo as carícias de sua mulher quase com impaciência.

E a pobre Hermínia ia devorar as lágrimas na solidão e no silêncio, rogando a Deus, de joelhos, que curasse o seu Fernando da doença que parecia afligi-lo.

Na manhã do quarto dia, saiu Fernando muito cedo; como costumava, mandou selar Sara, e foi dar uma volta pelo bosque. Soou porém a hora do almoço, e não apareceu; mas, como depois de sair caíra um pequeno aguaceiro, julgou Hermínia que se teria detido no Madri ou no Ermenonville, resolvendo a almoçar.

Depois, passou a tarde e veio a noite.

Então sentiu-se Hermínia acometida de cruel susto: Fernando não voltara.

Esperou-o até a meia-noite, esperou-o até amanhecer, até lhe penetrar no quarto um raio de sol; e Fernando não voltou. Hermínia sentiu-se prestes a morrer. De repente ouviram-se no pátio passos de cavalo.

— E' Sara... disse Hermínia para consigo, correndo logo para a janela e abrindo-a.

Era com efeito Sara, a égua árabe, mas sem o seu cavaleiro, e conduzida à mão por um moço de recados.

Pressentindo então alguma catástrofe, Hermínia desceu inteiramente desorientada, e interrogou o moço. Este respondeu-lhe que haveria uma hora estava êle na meia laranja dos Campos Eliseos, quando vira passar uma caleche em que ia uma senhora de cabelos louros e vestido azul.

Ao lado da caleche ia um sujeito a cavalo em Sara.

O tal sujeito, vendo-o, chamou-o, dando-lhe ordem de reconduzir a égua, e subira para a caleche, onde se sentara ao lado da tal senhora. E o moço não sabia mais nada.

.....

Ouvindo a narração, estêve Hermínia a ponto de perder os sentidos; não duvidou nem mais um instante de que a tal senhora loura lhe não tivesse arrebatado o coração do marido; logo viu que Fernando tornara a cair nas mãos do monstro, que o minotáuro reempolgara a prêsa, e, louca de dor, com a cabeça perdida, sem pensar sequer na imprudência do passo que ia dar, mandou aparelhar a carruagem, meteu-se nela sem mudar de roupa, e gritou para o cocheiro: rua Lafitte, 41!

A formosa e virtuosa Sra. Rocher, com aquela nova desgraça, lembrou-se do Sr. de Chateau-Mailly, e sem refletir que o Duque era solteiro, que ir à casa dêle ostensivamente às 9 horas da manhã era arriscar-se para sempre, foi confiar os seus pesares àquele homem único, segundo ela acreditava, que podia ainda afastar o perigo e conjurar a tempestade.

Ora, no momento em que a carruagem parava à porta do Duque, e que Hermínia se apeava, saía do pátio um fiacre, no

qual ia um homem em que os convidados da Marquesa Van-Hop teriam reconhecido sir Artur Collins. Este viu o rosto reconheceu Herminia; e no mesmo instante iluminou-lhe um sorriso o rosto cõr de tijolo.

— Até que enfim!... O Conde é, inquestionavelmente, feliz!

E o fiacre seguiu o seu caminho.

FIM 1º VOLUME

* Este livro foi composto e impresso
na GRÁFICA RÉCORD LTDA.
Rio de Janeiro — Distrito Federal

Obras de MICHEL ZEVACO

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| 1. Os Pardaillans (2 vols.) | 10. A Heroína (3 vols.) |
| 2. Epopéia de Amor (2 vols.) | 11. A Ponte dos Suspiros (2 vols.) |
| 3. Fausta (2 vols.) | 12. Os Amantes de Veneza |
| 4. Fausta Vencida (2 vols.) | 13. Borgia (2 vols.) |
| 5. Pardaillan e Fausta | 14. Triboulet (2 vols.) |
| 6. Amores de Nanico | 15. O Pátio dos Milagres (2 vols.) |
| 7. Filho de Pardaillan (2 vols.) | 16. Buridan (5 vols.) |
| 8. O Fim de Fausta (2 vols.) | 17. Nostradamus (3 vols.) |
| 9. O Fim de Pardaillan | 18. Capitán |

ROCAMBOLE, de Ponson Du Terrail

- | | |
|--|--|
| 1. A Herança Misteriosa | 5. A Ressurreição de Rocambole |
| 2. O Clube dos Valetes de Copas | 6. A Última Proeza de Rocambole |
| 3. As Proezas de Rocambole | 7. As Misérias de Londres As Demolições de Paris |
| 4. A Desforra de Bacarat Os Cavaleiros do Luar O Testamento do Grão de Sal | 8. A Corda do Entorcado As Maravilhas do Homem Parado |

RESERVE SEU EXEMPLAR TOMANDO UMA ASSINATURA DE QUALQUER DESTAS DUAS COLEÇÕES

Se não encontrar em sua livraria ou bazar as obras desejadas, peça-as pelo REEMBOLSO POSTAL à

EDITORA MINERVA LTDA.

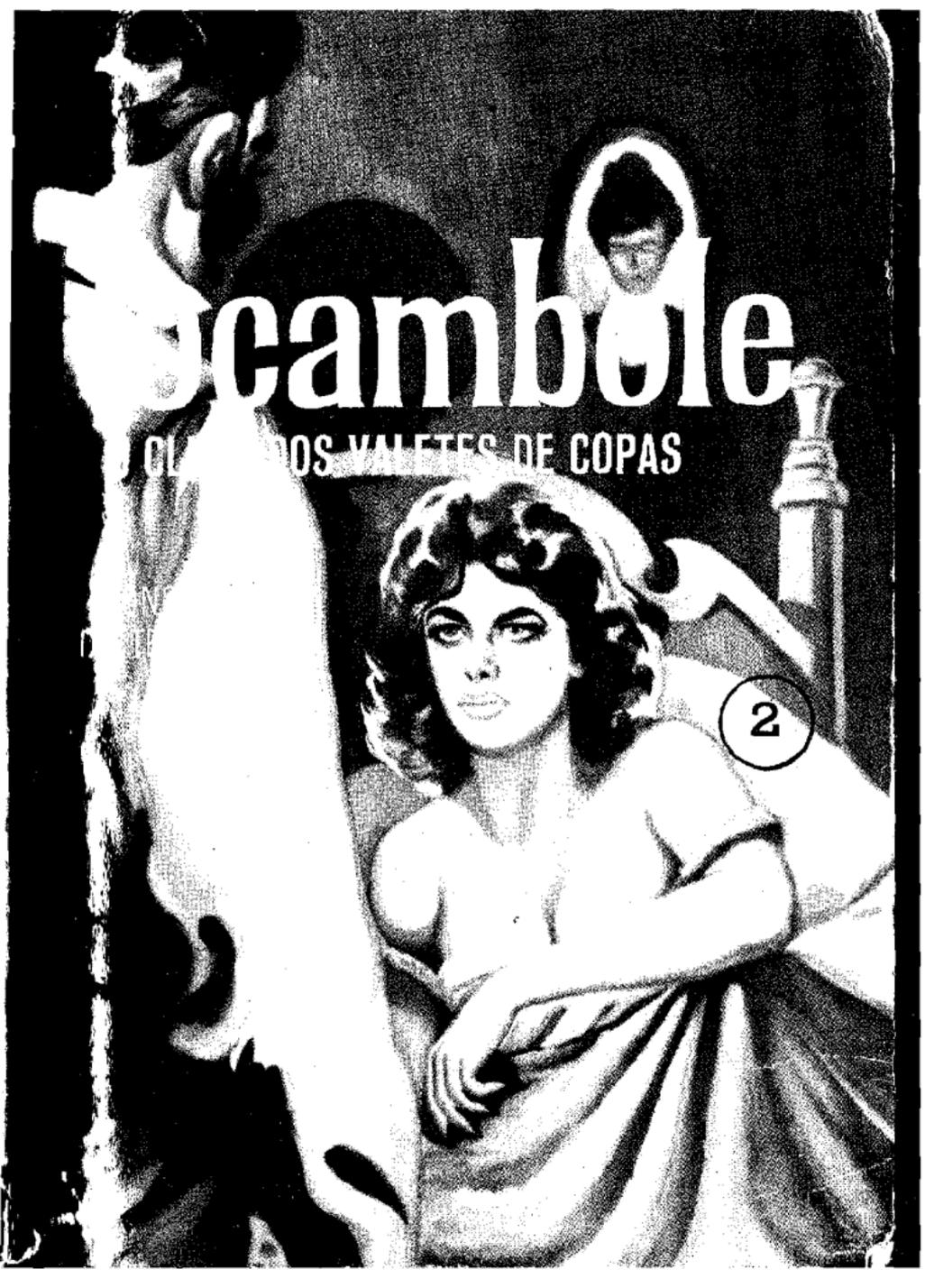
Rua da Quitanda, 25, 2º andar

Caixa Postal, 2798 — RIO DE JANEIRO

Peça catálogo completo da coleção MICHEL ZEVACO e condições de assinaturas.

PREÇO Cr\$ 70,00
Deste Livro

OS MELHORES ROMANCES HISTÓRICOS QUE JÁ FORAM ESCRITOS!



Scambole

CLASICOS VALETES DE COPAS

2

R O C A M B O L E

O Clube dos Valetes de Copas



PONSON DU TERRAIL

O CLUBE DOS VALETES DE COPAS

SEGUNDO VOLUME

EDITORA
QUITANDA, 25 - 3º



MINERVA
RIO DE JANEIRO

VIII

SEDUÇÃO

Que tinha ocorrido?

Fernando Rocher saiu a cavalo, como costumava, às oito horas da manhã. Na véspera, indo a passo pela rua do Havre e depois pela rua Trouchet, caminhava melancolicamente, com a cabeça curvada para o peito e diligenciando, mas debalde, fugir à recordação da desconhecida. Quando atravessava a praça da Madalena, a égua, que era um tanto assustadiça, deu de repente um salto para o lado, e empinou-se, por ter ouvido inesperadamente ruído de guizos, estalos de chicote, e o rodar de uma carruagem que fazia estremecer a calçada. Era uma carruagem de posta que vinha a trotar, e passou como um relâmpago junto de Fernando; êle não teve tempo senão para segurar a égua.

Contudo, obedecendo a um impulso de curiosidade fútil, relanceara a vista para dentro da carruagem de posta, para ver quem era o viajante que assim se retirava de Paris tão ruidosamente, e lobrigara, meio deitada no fundo da carruagem, envolta em peles, e só, uma jovem, cuja presença lhe arrancou um grito simultaneamente de surpresa e espanto; era a sua encantadora enfermeira. . .

A comoção que então se apoderou d'êle foi tão violenta, que o fêz permanecer por dez minutos talvez no sítio em que estava, deixando a égua entregue a todos os seus caprichos. De repente, porém, e como dominado pela atração que aquella mulher extraordinária espalhara em tórno de si, cravou as esporas em Sara e partiu como uma flecha após a carruagem de posta, que naquele momento desaparecia do lado oposto da ponte da Concórdia. Fernando queria tornar a vê-la.

A formosa viajante saia de certo de Paris por muito tempo, porque levava a carruagem carregada de malas; na traseira, um criado e uma criada, muito confortavelmente vestidos.

Ia-se de Paris. Era o bastante para que Fernando não pensasse mais em se curar, ou em se esquecer; para que não tivesse senão uma preocupação, um desejo, um empenho, qual era o de alcançá-la!

E a sua casa da rua d'Illy, sua espôsa, seu filho, o viver pacífico e tranqüilo, tudo enfim que tornara a achar, desapareceu-lhe repentinamente da memória, como ao despertar se apagam as últimas e fugitivas impressões de um sonho.

Sara era veloz como o vento do deserto, onde fôra criada, mas a carruagem de posta levava grande dianteira. Na ponte da Concórdia, teve ainda Fernando de se demorar por causa de uma acumulação de carruagens, de modo que a perdeu de vista aquela que desejava alcançar. Viu-se, por conseguinte, obrigado a pedir informações do caminho que ela seguira ao sair da ponte, de modo que não chegou à barreira do Inferno senão vinte minutos depois de a formosa viajante a ter transposto.

A desconhecida seguira a estrada de Orleans.

Sem refetir mais, lançou Fernando a égua a galope, convencido de que alcançaria em breve a carruagem de posta; mas esta ia com uma velocidade infernal, com a velocidade de um negociante falido, cujo empenho é transpor a fronteira belga. Só próximo de Montmery, a meia légua da formosa tôrre cantado por Boileau, é que o cavaleiro avistou a carruagem subindo uma encosta a trote.

Desde a ponte da Concórdia até ali, era a primeira vez que a avistava.

No estado de exaltação em que Fernando se achava, teria ido até ao fim do mundo. E ensanguentou o ventre da pobre Sara, fê-la pular por efeito da dor, e dali a vinte minutos alcançava finalmente a carruagem de posta, no momento em que ela entrava em Étampes e parava para receber a muda no hotel da "Corne d'Or".

Fernando aproximou-se sem demora, e mostrou-se à Turquesa, porque era com efeito ela quem corria assim pela posta.

A Turquesa soltou um pequenino grito de surpresa ao vê-lo, depois envolveu-o com o seu olhar profundo, arqueou os lábios com um sorriso de encantar:

— Que é isto?... O senhor aqui!

— E' verdade, minha senhora... balbuciou êle, que não sabia realmente o que lhe dissesse.

— Mas, por que acaso?... prosseguiu ella, fingindo, com extraordinária perfeição, o máximo assombro. Aonde vai?

— Não sei... respondeu ingênuamente o pobre louco.

A Turquesa soltou uma risadinha de escárnio.

— Pois, na verdade, não sabe para onde vai?

— Não sei...

— Mas sabe, pelo menos, de onde vem?

— Venho de Paris.

— Deixe-me então dizer-lhe onde está.

— Também não sei... confessou êle, contemplando-a estático.

— Está em Étampes, a meio caminho de Orleans, na estrada do meio-dia.

E continuou a sorrir.

— Diga-me... pediu ella, como se acha? Bem sabe que o não vejo há muitos dias; e conquanto haja tido algumas notícias suas...

— Tem tido notícias minhas?! exclamou êle surpreso e admirado.

— Sem dúvida.

E olhando para Fernando, como sabia olhar, acrescentou:

— Pois não sabe que tomava um tanto a peito saber o que era feito do meu doente? Como saio de Paris por muito tempo, quis partir com a convicção de que o senhor se achava restabelecido.

— Sai de Paris... por muito tempo? gaguejou êle com tal ou qual tremor na voz.

E em seguida murmurou:

— Mas é impossível!

— Impossível!... Então não me vê já a caminho? Vou passar o resto do inverno em Florença.

E estendeu-lhe a mão, com um gesto soberanamente gracioso:

— Adeus... lembre-se da minha carta...

Estas últimas palavras eram uma despedida.

A êsse tempo tinham já feito a muda, de modo que ao cabo de mais alguns segundos seguiria a carruagem o seu caminho.

Fernando, porém, adotara rápida resolução.

— A senhora, falou êle com extrema vivacidade, não pode partir já... a esta hora.

— Quem me obstará a isso? perguntou ela encrespando um tanto os sobrolhos.

— Eu... tornou êle friamente.

— O senhor? perguntou ela em tom extraordinário...

— Eu, retorquiu êle, que a sigo desde Paris, a tôda a brida, e preciso absolutamente que me ouça.

— Mas...

— Se me repele, frisou Fernando com assustadora tranquillidade, deito-me sob as rodas da sua carruagem!

— Está louco! exclamou ela. Eu não quero ser a causa da sua morte... Que deseje dizer-me, vejamos...

E, assomando a cabeça à portinhola, chamou o criado, e ordenou-lhe que mandasse desaparecer a carruagem, e pediu um quarto no "Corne d'Or".

— Vamos, Sr. paladino, apcie-se e ofereça-me a mão, para eu me apear.

Fernando apeou-se com a maior agilidade, atirou as rédeas a um moço, abriu a portinhola da carruagem, e ajudou a jovem a apear-se.

— Há de permitir-me, comentou ela, uma vez que, sem que eu o soubesse, veio de Paris até aqui por minha causa, há de permitir-me que lhe ofereça de almoçar? Continuarei a minha jornada esta noite.

E, entrando no hotel, conduziu Fernando para o aposento que lhe tinham preparado apressadamente. Chegando ali sentou-se em uma poltrona, e acomodou-se nela, com a graça felina peculiar das mulheres da sua espécie.

— Aqui estou para o ouvir... Que tem para me dizer?

Fernando não sabia absolutamente o que lhe dissesse. Seguiu-a, atraído por uma força desconhecida, e não queria que ela partisse. Era isso o que êle precisava. Ficou, portanto, silencioso, e hesitava contemplando-a com muda adoração.

— Meu pobre Sr. Rocher, percorreu a Turquesa, saboreando o enleio do infeliz moço com a alegria cruel de uma fera, suponho-o mais doente do que parece, e tenho grande receio de que a estocada, que se supunha ter sido apenas uma arranhadura...

— Chegou-me até aqui... ao coração...

E, em seguida, o homem que balbuciava e baixava os olhos sob o olhar daquela mulher armada de oculto poder, atreveu-se a encará-la e tornou-se eloquente. Ajoelhou, e ouviu pegar-lhe na mão...

— Provera a Deus, murmurou êle com voz pausada, grave, repassada de comoção, prouvera a Deus que o meu adversário me houvesse ferido mortalmente... Teria, pelo menos, morrido sem padecer.

— Ora, vamos! morre-se acaso, quando se é moço, rico, interessante, amado e feliz como o senhor?

— E' que a senhora não sabe o que tenho padecido desde o dia fatal em que me expulsou de sua casa... Não avalia os tormentos sem nome que me tem oprimido, o grau de desesperação a que tenho chegado!

— Talvez avalie... retorquiu ela, com voz súbitamente comovida.

E aquela mulher de vinte anos mostrou então uma expressão, um olhar, uma atitude, um aspecto, enfim, maternal, tão certo é a mulher por mais moça que seja, ter sempre mais idade que o homem; pegou com as pequeninas mãos na mão de Fernando:

— O Sr. Rocher é uma criança...

E como Fernando estremecesse sob o olhar dela, como se se tornasse verdadeiramente criança sob o encanto daquela voz suave e triste, sob a pressão daquelas mãozinhas, impregnadas de um calor magnético, prosseguiu a jovem:

— Já sei o que vai dizer-me... Sei já qual é o hino de amor, sempre novo e sempre o mesmo, que vai entoar, pobre criança e não quero ser coquete, não quero fingir que caio de surpresa em surpresa. Acho inútil soltar uma exclamação de assombro... Não... O senhor ama-me... é uma coisa que eu sei e vejo... Portanto, não me indignarei, não corarei, não ocultarei o rosto com as mãos, para dissimular a minha confusão... Deixo essa comédia para as mulheres de quarenta

anos, e não a julgo digna de mim. O que quero é que me ouça, é que me deixe falar a linguagem da razão...

— Amo-a... balbuciou Fernando.

— Em vez de me amar, atenda-me, porque fará muito melhor.

E a jovem deixou pegar em uma das mãos e levá-la aos lábios.

— Há oito dias, assegurou ela em tom meio severo, meio afetucso, não pensava eu em sair de Paris.

— Bem vê...

— Há quinze dias ainda não o conhecia... Levaram-no para minha casa uma noite, ferido e privado dos sentidos. Seria efeito do acaso. Teriam batido à minha porta por ser a mais próxima do lugar do combate? Ou já então conhecia eu um dos sujeitos que estavam com o senhor? Permita que lhe não responda a nenhum destes pontos.

— Como quiser...

— Em princípio, tratei-o com a solicitude um tanto fútil e vulgar em qualquer mulher que se vê encarregada de missão semelhante à minha; depois...

E, aqui, deteve-se.

— Depois?... indagou êle com visível ansiedade.

— Depois, murmurou ela, corando um tanto, interessei-me pelo senhor...

Fernando estremeceu.

— Depois ainda... (prosseguiu ela, com uma voz que perdeu de súbito tôda a firmeza), receei amá-lo.

Fernando soltou um grito de alegria, e cobriu-lhe as mãos de beijos.

E ela então retirou as mãos, dizendo ao mesmo tempo, com tal ou qual arrebatamento:

— Em seguida, lembrei-me de que o senhor era casado, e de que tinha filhos...

Aqui foi Fernando quem abaixou os olhos, e curvou a cabeça.

— O resultado, continuou ela, foi convencer-me de que se chegasse a amá-lo, seria o meu amor verdadeiro suplício... e aqui está a razão por que o repeli como sabe...

— Mas também eu a amo! exclamou Fernando esquecendo-se naquele momento de sua mulher, e não vendo já senão a Turquesa.

— Ah! declarou ela, em o senhor sabendo... há de deixar de me amar...

— Quando eu souber o que?

— O que eu sou.

— A senhora é uma nobre e formosa criatura! vibrou êle calorosamente.

A Turquesa suspirou.

— Olhe... deixe-me continuar o meu caminho... deixe...

— Não... retorquiu êle em tom apaixonado; não há de partir, porque a amo!

A Turquesa mostrou nos lábios um sorriso de tristeza.

— O senhor já alguma vez ouviu falar de certas mulheres levianas, cuja situação na sociedade é a mais equívoca possível... e que (concluiu ela corando), não têm marido?

Fernando estremeceu e fitou-a.

— Pois eu sou, ou era, para melhor dizer... continuou ela com a mais nobre confusão, uma dessas mulheres, no dia em que o senhor entrou em minha casa...

— E... agora?

— Agora... coitada de mim!... sou uma pobre criatura tocada pelo amor, e que não pede já à sociedade senão perdão e esquecimento...

Fernando então ajoelhou:

— Eu não quero saber quem a senhora foi... Não vejo, não sei senão uma coisa, não sei senão que é formosa, que tem bom coração... que lhe devo a vida, que a amo com paixão, com delírio, freneticamente!...

A Turquesa ocultou o rosto com as mãos, e murmurou, desatando a chorar:

— Valha-me Deus!... Valha-me Deus!

A Turquesa chorava; logo, estava vencida, logo não partiria.

.....

Fernando e a Turquesa passaram o resto do dia em Étampes, esquecendo-se do mundo inteiro, para se lembrarem unicamente de si.

A loura cúmplice de sir Williams era realmente uma mulher forte, em tôda a acepção do têrmo. Sabia fingir a paixão, nos seus mais arrojados desvarios, nos seus pormenores mais hábeis, e mais minuciosos.

Ao cabo de poucas horas ficou Fernando Rocher convencido de que aquella mulher devia ter-se reabilitado tão completamente pelo amor como Desdêmona ou Manon Lescaut; e, qual novo Desgrieux, sentiu-se para sempre ligado e agrihoadado a ela.

Afinal, a Turquesa calculara e poupára de tal modo os efeitos do seu jôgo, que levou o dia inteiro a render-se, desenvolvendo maravilhas de eloquência para provar a Fernando que, mesmo porque se amavam, deviam separar-se para sempre. De modo que, quando anoiteceu, quando a carruagem de posta estava já aparelhada no pátio do hotel, ainda Fernando não sabia se a Turquesa accederia a voltar para Paris. Foi no último momento, e já pronta a meter-se na carruagem, que ela disse, ao estender-lhe Fernando a mão, e fitando-a com olhar desvairado:

— Jura que me ama?

— Juro!

— Amar-me-á por muito tempo?

— Sempre!

E Fernando proferiu estas palavras com todo o impulso da sua paixão.

— Sendo assim... retorquiu ela, suspirando, voltemos para Paris...

A Turquesa disse isto no tom em que um vencido contaria a sua derrota. Em seguida apoiou-se no braço de Fernando, e acrescentou quando desciam muito pausadamente para o pátio do hotel.

— Não deve pensar em reconduzir hoje o seu cavalo para Paris... Deixarei aqui o meu criado para tomar conta dêle.

Fernando conhecia perfeitamente o valor de Sara; sabia muito bem que teria podido ir, sem esforço, a Étampes e voltar de lá sem desenfrear; mas poderia êle rejeitar a ventura de ir na carruagem junto da jovem?

— Como quisser... respondeu êle.

A Turquesa fêz um sinal ao criado; e Fernando esqueceu-se de lhe recomendar que conduzisse Sara à rua d'Isly.

E a carruagem partiu a trote, e tomou novamente pela estrada de Paris (aonde chegou em poucas horas), que atravessou de noite.

Fernando nem sequer se lembrou da inquietação que devia reinar em sua casa, desde o meio do dia, nem da desesperação da espôsa, que debalde o esperava; e também não perguntou à sua formosa condutora qual o sítio para onde o conduzia.

A carruagem percorreu a rua de S. Jaques, atravessou o Sea pela Ponte Nova, próximo da Moeda, contornou a Igreja de Santo Eustáquio, tomou para o arrabalde Montmartre, e entrou afinal no jardim do palacete da rua Moncey, que nós conhecemos.

.....

No dia seguinte, quando o primeiro raio de sol principiava a dourar os telhados vizinhos chegou de Étampes, de onde partira à meia-noite, montado na linda égua árabe, o criado da Turquesa. Esta, que já estava erguida, ordenou ao criado que fôsse procurar um moço de recados, mas dos de número.

— Vou divertir-me um pouco pensou ela, e dar a meu modo notícias do marido à formosa Sra. Rocher...

E mostrou nos lábios um péssimo sorriso.

Ao cabo de dez minutos voltou o criado, acompanhado do moço de recados.

— Quer ganhar vinte francos? perguntou a Turquesa ao moço.

— Se quero!... exclamou o saboiano maravilhado pela pechincha.

— Há de levar êste cavalo à rua d'Isly, casa da Sra. Rocher.

— Isso é fácil.

— Não de perguntar-lhe de onde vem, e quem foi que lhe entregou o animal, e você responderá isto:

“Eu sou moço de recados nos Campos Eliseos, e estava no meu pôsto, quando passou por ali uma caleche, em que ia uma senhora.

Ao lado da caleche ia um sujeito montado nesta é gua; e, apenas me viu, chamou-me, entregou-me a égua, ordenando-me que a conduzisse aqui, e meteu-se na caleche com a tal senhora. ”

— Percebe isto?

— Muito bem, minha senhora... respondeu o moço, o qual recebeu os vinte francos que a Turquesa lhe deu, enfiando em seguida no braço a rédea de Sara, e levando-a.

Como sabemos, o moço foi escrupuloso em cumprir as ordens da Turquesa, de modo que dali a uma hora dizia ela a Fernando:

— O meu criado já chegou de Étampes, e já conduziu Sara à rua d'Isly: já não tem por conseguinte que pensar nisso.

IX

A S D U A S I R M ã S

Uma tarde voltou a Sra. Charmet para casa, seriam cinco horas, e apeou-se do seu modesto fiacre, qual menina de quatorze ou quinze anos.

A leviana arrependida, a mulher que se chamara Baccarat, andara muito em todo o dia: infatigável no cumprimento da sua missão, não passava um dia em que a Irmã de caridade não arrancasse do vício uma pobre criança, a fim de a reconduzir ao caminho do bem.

Naquele dia salvara ela uma família inteira, ou antes três órfãs, três irmãs a quem a ociosidade e o vício iam empolgar no momento em que ela interveio, qual piedoso agente da Providência. A mais velha, que tinha vinte anos, fôra acomodada como criada de quarto em casa de uma família inglesa; a segunda, que tinha dezessete, entrara como caixeira para uma loja de sêdas; e a terceira, que estava a completar quinze anos, e idoso devasso merceceiro da rua de Richelieu intentava seduzir, tomou-a Baccarat provisoriamente a seu cargo.

Baccarat conduziu a jovem à grande e triste sala, tóda cheia de ornatos de talha enegrecida, e que era a sala de visitas da casa da rua Bouci; sentou-se com ela junto do fogão, e disse-lhe, dando um beijo:

— Não te enfadarás demasiadamente por estares na minha companhia, não é assim, minha filha?

— O! minha senhora! respondeu a judiazinha; porquanto ela e suas irmãs eram umas pobres israelitas que a Baccarat achara a tiritar com frio, quase mortas de fome, e prontas para seguir quem as quisesse levar, em miserável trapeira da rua Verrerie.

E a pequenina acrescentou, com a mais ingênua admiração:

— A senhora é tão bonita... tem tão bom coração... e isto aqui é tão agasalhado!...

A pobre criança nunca vira luxo semelhante àquele que a rodeava; de modo que a sala triste e sombria em que se achava se lhe afigurava um palácio régio.

A jovem tinha quinze anos, mas era tão pequena, e tão franzina, que ninguém lhe atribuiria mais de doze. Olhos prêtos, dos que brilham como uma luz profunda, e como que inspirada, a cútis do moreno dourado, que parece recordar os ardentes raios do sol do Oriente, os lábios côr de carmim, os dentes brancos e os cabelos mais prêtos que asa de corvo, sinais característicos da sua raça, da qual parecia resumir o tipo mais puro. Chamava- Lia, como a segunda mulher de Jacó.

Baccarat sentiu-se arrastada para aquêlê encantador entezinho; e a austera mulher, a penitente que renunciava às alegrias dêste mundo para pensar unicamente em Deus, tivera, ao ver a pequenina judia, criança, de a tomar para si, de a tornar sua companheira.

Além disso, tinha também a segunda tenção de a instruir no dogma católico, e de a fazer abjurar a sua religião. Dera a escolher à criança: ou entrar para uma oficina, ou ficar na sua companhia, e a pequenina não hesitara — seguir a sua benfeitora — com quem entrava pela primeira vez na casa da rua de Bouci.

Baccarat fêz-lhe aquecer os pés, tomou-lhe nas suas as regeladas mãos, e levou-a depois a uma casa contígua:

— Vou mostrar-te o teu quarto, minha filha... quero que durmas perto de mim.

Empurrou uma porta, e entrou com Lia em um quarto muito pequeno, no qual havia leito de ferro, mesa e cadeira, tendo o leito e a janela cortinas brancas.

A pequena sentia-se encantada.

— Hei de ensinar-te a ler e a escrever... continuou a dama de caridade, e depois a coser e a bordar.

— O que quiser, minha senhora, respondeu a judia. Farei o que a senhora quiser... A senhora tem tão bom modo.

A Baccarat ia para beijar a pequena, a fim de lhe agradecer a resposta, quando ouviu duas badaladas da sineta do pátio.

Ordinariamente, as poucas pessoas que visitavam a Sra. Charmet, tais como padres, idosas senhoras protetoras dos pobres, e alguns administradores dos hospícios, não a procuravam nunca depois das cinco horas. Não podia, portanto, deixar de ser uma visita desacostumada, insólita e que devia, ir ali por um motivo dos mais sérios; pelo menos a Baccarat assim o pensou.

Fôsse quem fôsse, o que a Sra. Charmet fêz foi tocar a campainha e entregar a pequena à sua velha criada.

— Vai aquecer-te na cozinha, minha filha, não farás nada senão amanhã. A Genoveva há de ir contigo comprar-te roupa...

No momento em que a jovem saía da sala com Genoveva, por uma porta oculta que conduzia ao interior da casa, appareceu à porta principal uma senhora, guiada pelo único criado de Baccarat.

Esta senhora era Cerise.

A Sra. Rolland ia raras vêzes visitar sua irmã, apesar da afeição que as unia. Baccarat passara o dia todo fora de casa, e o serão passava-o Cerise em companhia do marido, ao qual fazia esquecer, com os cuidados e gentilezas, as fadigas do rude trabalho do dia.

Quando as duas irmãs se encontravam era quase sempre em casa da mais nova. Baccarat tinha com freqüência raparigas para recomendar a sua irmã, pobres costureiras sem trabalho, e não poucas vêzes um ou outro chefe de família a quem Léon tomava para a sua oficina. Grande, pois, foi a surpresa da mana mais velha, vendo entrar Cerise em sua

casa àquela hora crepuscular; mas a surpreza transformou-se em inquietação, mal a encarou.

Cerise não parecia a mesma que era. Não era já a fresca e formosa senhora, em cujo rosto resplandecia a tranqüillidade da ventura, cujo sorriso denunciava as múltiplas alegrias da esposa amada, e da magra, tinha os olhos pisados, os lábios lívidos, o olhar amortecido, em uma palavra, revelava em todos os movimentos profundo padecer. Apenas entrou, lançou-se aos braços da irmã, dizendo-lhe com voz entrecortada:

— Venho procurar-te, porque há oito dias que padeço acerbos tormentos, e não quero confiar senão em ti...

— Padesces! exclamou a Baccarat, com um impulso de ternura, a que pareceu dar certo tom maternal; padesces há oito dias, minha querida irmãzinha, e eu sem saber!

Em seguida cobriu-a de beijos, e pegou-lhe nas mãos, como o teria feito a mãe; depois, levou-a para junto do fogão, e sentou-a nos seus joelhos...

— Ora, vamos... Que tens tu?... Que padecimento é o teu... por que padesces? por que sofres?

Cerise apoiou a mão no coração, e desatou a chorar.

— Valha-me Deus! murmurou a Baccarat; teu filho...

— Esse está bom... respondeu Cerise, quase sufocada pelos soluços.

Cerise não contou mais nada; mas as lágrimas correram-lhe mais copiosas.

— Teu marido está doente?...

— Ai, não... não!...

E Cerise continuou a soluçar.

Baccarat adivinhou vagamente alguma dissensão íntima, alguma pendência doméstica; e a piedosa mulher, a pecadora arrependida, que já não tinha paixões, nem cólera, conheceu de repente que ainda lhe restavam nas veias algumas gotas de sangue da comborça, e por isso soltou um grito, semelhante ao rugido de uma leoa ferida.

— Se o Léon causou o mínimo pesar à minha querida Cerise, palavra de Baccarat que ninguém o há de castigar senão eu!

E lançou dos olhos um dos relâmpagos que fêz lembrar a mulher enérgica e arrojada que uma noite no hospital de

alienados apoiou a ponta de um punhal na garganta de Fani, depois de prostrada e segura pelo seu joelho vigoroso.

— Léon é mais infeliz que culpado (disse Cerise) . . . perdoa-lhe . . . está louco.

Comprimindo em seguida os soluços e enxugando as lágrimas, relatou a pobre Cerise à irmã a medonha mudança que, em meia dúzia de dias se operara na sua vida.

Léon já lhe não tinha amor; Léon era-lhe infiel, e estava prêso de uma loucura extraordinária.

Nos momentos solenes, não há mulher, por mais singela, por mais desprovida de imaginação, que não ache no íntimo do coração uma poesia grandiosa e sublime, uma eloquência pungente, uma arte de dizer que dá à dor elegância de forma e linguagem desusada. Cerise descreveu com expressão calorosa, poesia simples e tocante, e sublime elevação de pensamentos, a história dos poucos dias que tinham bastado para lhe transformar a ventura em tormentos, e a alegria em luto. contou à irmã como seu marido, repentinamente assaltado de mortal tristeza, tornando-se sombrio e taciturno, êle sempre risonho e todo franqueza, chegara, afinal, a mostrar-se arrebatado, impaciente, brutal até, a fugir continuamente do lar conjugal a descurar o trabalho e a oficina, e a viver fora de casa uma vida misteriosa e culpável. Havia oito dias que Léon não ia à oficina, que não aparecia aos operários, nem tratava dos seus negócios, e raro comparecia às horas de refeição. A espôsa parecia inspirar-lhe aversão, mostrava mau modo à mãe, saía tôdas as noites de casa, com se fugisse por criminoso, e não regressava senão a desoras. O viver dêle parecia um inferno; muitas vêzes de noite, ouvia-o Cerise proferir em sonhos o nome de uma mulher, um nome que não era o seu.

Cerise contou isto tudo à irmã, entremeando de lágrimas a narração e acabando por dizer que a sua vontade era morrer.

— Morrer! exclamou Baccarat; morrer, tu, minha filha, tão virtuosa como os anjos! Ainda que eu tivesse de tornar a ser a mulher de outro tempo, ainda que eu tivesse de seguir os passos de teu marido, dia e noite, e hora a hora, havia de to restituir!

E Baccarat cingiu novamente Cerise ao coração, enxugou-lhe as lágrimas com beijos, fêz-lhe mil promessas, jurou

restituir-lhe a afeição do espôso e afirmou-lhe que obrigando-o a corar pelo seu procedimento, o faria ajoelhar-se aos pés, verdadeiramente arrependido e mais amante que nunca.

— Olha... falou ela inopinadamente, queres ficar comigo, queres até então participar do meu viver? Hei de querer-te tanto, minha querida irmã, que não hás de chorar mais e hás de julgar-te quase feliz.

E Baccarat sorria para ela, como qualquer mãe para um filho, diligenciando inculcar-lhe ânimo.

— E meu filho? exclamou Cerise, na qual despertou potente e vivo o instinto maternal.

— Pois, vai buscar o teu filho...

— Isso não... porque êle ainda lhe quer muito, ainda o beija todos os dias... creio até que não vai a casa senão para o ver...

E acrescentou, em tom de profundo terror:

— Se lhe tirasse de casa o filho, matava-me!

— Então, vai-te embora, disse a Baccarat, volta para tua casa... Irei visitar-te ainda hoje, em sendo nove horas.

Baccarat padecia por ver a sua pobre Cerise prostrada e abatida; mas, mesmo no meio do seu novo e devoto viver, não se esquecera das agitações da sua primeira existência e conservava o conhecimento do coração humano e das suas paixões, que as mulheres levianas adquirem tão depressa e tão caro. Vira muitos amores, muitos pesares, muitas mulheres abandonadas e traídas, mas sabia por experiência não haver no homem senão um amor que sobrevive a todos os outros, que tem o mágico poder de renascer, como a fênix, da sua própria cinza, sôbre o qual basta um sôpro para o reanimar e torná-lo mais ardente e vivaz.

Sabia que se o homem ama várias vêzes, e muda com frequência de ídolo, não conserva no íntimo da alma senão um único amor real e sério, e que não ama senão uma vez. E Baccarat lembrava-se de quanto Léon amara sua irmã e por isso julgava-se antecipadamente segura do bom êxito do seu cometimento: não duvidava nem um momento de que o havia de restituir ao amor da espôsa. A seus olhos era simples questão de tempo; mas, naquela noite, parecia que o acaso queria dar formal desmentido às convicções da Baccarat.

Quando Cerise se levantara para sair, ouviu-se novamente a sineta do portão, e as duas amigas estremeceram.

Logo em seguida appareceu o criado annunciando o Sr. Andréia.

Baccarat ouvindo êste nome teve um mau pressentimento e Cerise tornou-se em extremo pálida.

Nunca Cerise, a despeito do arrependimento do irmão de Armando de Kergaz, e da crença em que ella estava de que Andréia se tornara um santo homem, nunca se encontrava com elle sem que se sentisse um tanto ou quanto assustada. Viu-o, pois, entrar, e involuntariamente recuou um passo. E contudo o Visconde não conservava nenhuma das feições do celeberrimo baronete sir Williams. Estava velho e corcovado, e apresentava na fisionomia os vestígios indeléveis do sofrimento, e talvez do remorso. O baronete sir Williams já não incutia terror, mas compaixão.

— Minha querida senhora (silvou elle cumprimentando Cerise humildemente, como cumprimentam os que têm necessidade de que lhes perdoem graves erros, e dirigindo-se à Baccarat), perdoe-me o ter vindo tão tarde a sua casa; mas Armando tinha empenho em que eu a procurasse hoje mesmo. Tenho coisas importantíssimas para lhe comunicar.

— Queira sentar-se, Sr. Visconde, disse Baccarat; vou acompanhar minha irmã e volto já...

Andréia aproximou-se do fogão e permaneceu em pé, com o chapéu na mão, e expondo à chama os pés grosseiramente calçados.

Cerise saiu da sala acompanhada da Baccarat.

Minutos antes, ter-se-ia ella retirado um tanto mais tranqüilla, com a vaga esperanza que as consolações e promessas da Baccarat lhe tinham suscitado; mas bastara o nome, a presença, a voz do Visconde Andréia, para lhe fazer ressurgir, no coração, súbita e inexplicável perturbação. Cerise entrara novamente a tremer; e, no momento em que transpôs a porta da sala, pareceu-lhe sentir frio no coração. De repente, e enquanto atravessavam o vasto e sombrio vestibulo da casa, apertou Cerise com extrema vivacidade o braço da irmã, dizendo-lhe:

— Que horrenda e extraordinária idéia!

— Que tens tu? exclamou inquieta a Baccarat.

- Não... não... é impossível!
— Mas que tens?... Que idéia é essa?
— Nada... isto é loucura!

E a Baccarat sentiu estremecer na sua a mão da irmã.

— Pelo amor de Deus!... fala... a que idéia te referiste?

— Olha... murmurou Cerise, quase em segrêdo, ainda agora, quando entrou na sala o homem que nos fez tanto mal...

— Sim... e então?

— Pareceu-me que era ainda o mesmo... pareceu-me que era êle quem me arrebatava o meu Léon... Não imaginas a pancada que então senti no coração...

A Baccarat estremeceu.

— Tens razão, é uma idéia inadmissível... Tu enlouqueceste...

Em seguida, deu-lhe mais um beijo, e Cerise saíu.

Ora, a suposição de Cerise, por mais extravagante que parecesse aquêlê pensamento de que o Visconde Andréia podia muito bem ser o braço misterioso que a feria, fizera estremecer Baccarat dos pés à cabeça. Era a segunda vez que se apresentava uma suposição terrível acêrca do suposto arrependimento do irmão de Armando de Kergaz; e pela segunda vez perguntou Baccarat, a si própria, se aquêlê homem, calcado aos pés, humilhado, desiludido em tôdas as suas esperanças, em todos os seus sonhos; se aquêlê homem, que se retirara da luta com o sorriso de soberba que o anjo decaído devia mostrar ao despenhar-se no abismo, e que reaparecia de repente ao cabo de quatro anos, curvado ao pêso dos remorsos, vivendo ascético, aceitando o mais humilde papel; se aquêlê homem não seria um dos comediantes heróicos e terríveis, um dos Proteus que não aceitam metamorfose senão com mira em uma vingança implacavel e tenebrosa. E por meio dúzia de segundos permaneceu a Sra. Charmet imóvel, com os braços cruzados, e o aspecto pensativo, as atitudes solenes de meditação.

— Ah! disse ela, enfim, sentindo despertar em si a esperança de descobrir surdas intrigas, sentindo despertar o gênio das lutas intellectuais, em que a astúcia das mulheres adquire proporções gigantes, e que presidira à primeira meta-

de da sua vida; hei de escavar por tal modo naquele coração e naquele cérebro, hei de fazer penetrar ali o meu olhar, e o meu pensamento, de sorte que, mais cedo ou mais tarde, hei de ler nêles como em um livro!

E tornou a entrar na sala.

O Visconde Andréia conservava-se ainda em pé junto do fogão, com as costas voltadas para a porta.

— Sr. Visconde, solicitou a Baccarat, desculpe-me o fazê-lo esperar...

Andréia tornou a inclinar-se baixando os olhos.

— Estou sempre à sua disposição... retorquiu êle.

Baccarat indicou-lhe uma cadeira.

— Então, Sr. Visconde... queira sentar-se.

Andréia não se atreveu a rejeitar o oferecimento, e sentou-se na poltrona que a Baccarat lhe indicara.

Ora, indicando-lhe aquela poltrona, obedecera a inteligente mulher a súbita inspiração. Em cima do fogão, ao lado do relógio de mármore preto, estava um candeeiro, cuja luz dava em cheio no rosto do Visconde. A sombra do relógio projetava-se, pelo contrário, no ângulo oposto do fogão, deixando assim Baccarat em tal ou qual escuridão. Por isso quase podia ver Andréia sem ser vista, examiná-lo atentamente, notar-lhe os mínimos estremecimentos, as mais rápidas e fugitivas impressões que se manifestassem na fisionomia, sem que Andréia tivesse a mesma vantagem para com ela.

E aquelas duas inteligências de eleição, a que de bom grado chamaríamos os dois principais elementos do grande drama que estamos historiando, acharam-se então face a face, fitando-se e observando-se como se fitavam e observavam os gladiadores antigos, antes da luta.

Surgiria acaso a guerra daquele exame recíproco?

X

ANDRÉIA E BACCARAT

Entre a Sra. Charmet e o Visconde Andréia houve como que um compasso de espera.

— Então, Sr. Visconde, interrogou, enfim, a Baccarat, descobriu alguma coisa?

— Com relação aos Valetes de Copas?

— Exatamente.

— Julgo ter apanhado uma das pontas da meada... respondeu êle, com serenidade, com voz clara e bem accentuada, que parecia traduzir a mais profunda convicção.

— Ah! sim?...

— Em primeiro lugar, prosseguiu o Visconde, devo dizer-lhe que a minha opinião acêrca de tal associação é que ella se compõe tanto de damas como de valetes.

O primeiro apontamento da policia de Armando definia mal tão misteriosa instituição. A associação dos Valetes de Copas nasceu no bairro de Breda, entre várias mulheres bem "encarceiradas", e alguns "Artures" inteligentes, o que é muito raro entre os Artures. Em principio, o único fim da camaradagem dos dois sexos foi o comércio das cartas de amor — comércio tão antigo como o mundo — o que prova que em todos os tempos tiveram as mulheres o furor de escrever, e os homens a estultice de lhes responder.

— E' verdade!... murmurou a Baccarat, olhando a seu pesar para o passado, e lembrando-se da carta (que lhe diktara o mesmo homem que então via virtuoso e arrependido), que Beaupréau deixara cair no tapête da sua sala.

— Depois, a êste comércio, prosseguiu Andréia, acrescentou a associação diversos ramos de indústria. Assim, por exemplo, certo Artur faz-se apresentar na boa sociedade por um marido perdido em Bredastreet, faz valer os seus dotes físicos, e consegue agradar a alguma de quarenta anos, que o toma a sério; e como, exatamente à mesma, está o marido dessa dama suspirando aos pés da rameira do tal Artur, segue-se o achar-se uma família inteira à mercê de um biltre e da sua amante.

— Mas, enfim, disse a Sra. Charmet, essa associação tem um chefe?

— Tem, e é uma mulher.

— Quem é?

— Olhe... fingiu o Visconde em tom confidencial, antes de entrar em mais explicações, deixe-me participar-lhe uma grande infelicidade, que foi o que aqui me trouxe.

A Baccarat estremeceu, mas como tinha o rosto na sombra, foi impossível ao Visconde notar-lhe a mínima alteração.

— Refiro-me, continuou êle com uma espécie de comoção, a um homem a quem devemos querer muito, tanto a senhora como eu, porque fomos ambos culpados para com êle.

Foi uma falta de tato do Visconde o proceder com êste exórdio a revelação que queria fazer, porque deu tempo à Baccarat para se pôr em guarda; tanto que, sentindo ela súbito aperto de coração, por adivinhar que ia ouvir falar de Fernando, teve fôrça para se conter, e fortalecer-se contra qualquer acontecimento.

— Tratar-se-á acaso do Sr. Rocher? perguntou ela com voz serena.

— Infelizmente!... sibilou com hipocrisia Andréia, suspirando.

— Valha-me Deus! Que será?... Está doente... Morreu?

— Está nas mãos da associação de que há pouco falávamos.

— E' impossível... retorquiu a Baccarat. Rocher ama sua mulher...

— Ou pelo menos, amava-a.

Apesar do seu muito vigor, teve a Baccarat uma espécie de deslumbramento e sentiu-se oprimida por terrível aflição.

— Ouça, minha senhora... — falou o Visconde em tom muito natural, e muito tristemente convencido, que êle devia ter estudado com grande antecipação — o Sr. Rocher tem uma amante...

Estas palavras foram um raio que caiu aos pés da Baccarat, fazendo desencadear-se-lhe no íntimo uma espécie de vendaval, uma tempestade das que se desenvolvem inopinadamente, e que ergue em terríveis cachões as águas do mar, pouco antes tranqüilas e lisas.

O coração humano encerra incontestavelmente impene-tráveis mistérios: Baccarat, tornada senhora Charmet, Baccarat, que renunciara para sempre a Fernando, despertou-se repentinamente tal qual era antes de sua conversão, cheia de fogo e paixão, ciosa e pronta para guerrear uma rival feliz. Curvara-se ante a mulher legítima, ante o amor casto e puro, afastara-se, pusera-se na sombra, qual pecador indigno que se não atreve a transpor os umbrais do templo; a ventura de Fernando e o amor de Hermínia pareceram proibir-lhe que se aproximasse. Mas eis que de repente lhe diziam:

“Fernando tem uma amante!” isto é: “O homem a quem a senhora tanto amou, por quem se tornou criminosa; o homem por quem a senhora teria morrido com o sorriso nos lábios, não a desprezou senão para se entregar a uma mulher indigna dêle, a uma das suas colegas de outrora...” E o leão domado enfurecia-se novamente; e aquêlê coração resignado ao esquecimento tornava a palpitar; Baccarat sentia-se outra vez ciosa, não já por si, mas por Hermínia.

— E’ como lhe disse... repetiu Andréia; Fernando Rocher tem uma amante, uma rapariga a quem chamam Turquesa — e o que é mais singular ainda — que reside na casa que a senhora possuiu outrora na rua Moncey.

O Visconde tinha os olhos baixos, e conservava-se na attitude de um homem que padecia. Contudo, o algoz sentiu no íntimo o estremecimento de uma alegria suprema e cruel. Pelo silêncio em que a pobre mulher ficou, logo o atormentador compreendeu quão completa fôra, logo em princípio, a sua vingança, começava, pois, o suplício de Baccarat.

O Visconde entrou então nos mais minuciosos pormenores, contando, a seu modo, como Fernando, depois de receber uma estocada, na noite do baile do Marquês Van-Hop, fôra transportado sem sentidos para casa da amante do seu adversário, a louca paixão que daqui resultara, o seu regresso ao domicílio conjugal, e em seguida o seu novo e inopinado desaparecimento.

Baccarat ouvira até ao fim, sem proferir palavra, sem fazer um gesto. Scubera haurir na sua dor extraordinária fôrça moral; e, quando o Visconde terminou a sua narração, ergueu-se como se quisesse arrostar com a luz do candeeiro, e mostrar a sir Williams o rosto que se tornara sereno, impassível, mudo.

Qualquer outro, vendo tal tranqüilidade, teria dito para consigo: “Já o não ama... pouco lhe importa!” mas Andréia, o homem cujo olhar escavava nos pensamentos mais íntimos, contentou-se com confessar a si próprio que a Baccarat era mais forte do que êle nunca supusera, ficando-lhe assim aberta a desconfiança.

— Bem, falou a Baccarat, com voz não menos tranqüila que o rosto; que relação pode isso ter com os Valctes de Copas?

— Agora verá, minha senhora. Imagine que um dos nossos agentes achou um bilhete, que aqui trago, sem assinatura e aberto. Este bilhete estava no bôlso de um chambre pendurado no cabide.

E Andréia ofereceu à Sra. Charmet o bilhete, que rezava o seguinte:

“Minha querida, o Artur negociou as tuas duas letras. Sua mulher não pode dar senão seis mil francos, e para isso mesmo “pendurou” em casa de “minha tia”, boa dose de berloques. O que ela promete é consentir que teu marido volte a tua casa. Será então ocasião de tirares a desforra. Tenho mil francos à tua disposição. O resto pertence à caixa.”

Ora, este bilhete, observou o Visconde, não tem assinatura; mas este V maiusculo, e ao lado este coração, feito à pena...

— Bem vejo...

— Agora, continuou êle, veja este outro bilhete, que é escrito exatamente com a mesma letra.

E entregou a Baccarat a carta escrita pela Turquesa a Hermínia, no fim da qual escrevera Fernando o seu nome.

— Como se vê, afirmou êle, não pode haver a mínima dúvida: Fernando caiu nas mãos da temível associação. Fernando é demasiado rico, para que ela possa empobrecê-lo; mas o que pode é matar-lhe a pobre espôsa, que há dias se acha no maior grau de desesperação.

Baccarat ouvia tudo isto pensativa, e como se ao mesmo tempo estivesse prestando o ouvido à voz do Visconde, e à voz do interior que lhe falava no íntimo da alma. A êste tempo já ela tornara a sentar-se junto do fogão, na sombra projetada pelo relógio, continuando a estudar com o olhar ardente o rosto humilde e triste de Andréia.

— Sr. Visconde, confessou ela de repente, acho medonho o que me tem contado, e muito mais porque minha irmã saíu daqui lavada em lágrimas.

O Visconde deixou escapar um gesto de assombro, tão bem estudado, tão natural, que a nascente convicção de Baccarat ficou um tanto abalada.

— E' verdade... prosseguiu ela, parece que minha pobre irmã tem há dias a mesma sorte da Sra. Rocher. Seu marido até aqui honesto, laborioso, econômico, e todo adora-

ção pela espôsa, anda há uma ou duas semanas inteiramente transtornado; parece ter também uma amante...

E Baccarat, falando dêste modo, e conservando-se na sombra, fitava Andréia com olhos profundamente investigadores.

— E', com efeito, uma coincidência extraordinária! concordou Andréia.

— O Sr. Visconde, atalhou inopinadamente a Baccarat, há de perdoar-me, mas tive ainda agora uma suspeita horrível.

Andréia olhou para ela como quem não a percebera.

— Entre nós, continuou ela, pode-se dizer tudo...

— Infelizmente, assim é! murmurou êle suspirando.

— Estimo que concorde comigo, porque me pesará assim menos a minha confissão... continuou ela em tom sobremodo triste. Vendo chorar minha irmã, ouvindo a narração da infelicidade que oprime a Sra. Rocher, imaginei por um momento... pareceu-me ver em tal coincidência uma aproximação... um não sei que semelhante a mão invisível armada para a vingança...

— Queira continuar, minha senhora... pediu tranqüilamente Andréia, vendo que Baccarat hesitava.

— Pois bem (ela, sem desprezar os olhos do rosto impassível do Visconde), julguei por um momento que o senhor tocado pelo arrependimento, tocado pela graça divina... o senhor, cuja vida é prolongada expiação... que o senhor era o braço armado na sombra, a mão odienta e vingadora...

Aqui deteve-se a Baccarat.

O Visconde Andréia continuava a guardar silêncio, e a permanecer cabisbaixo; contudo seu rosto exprimia uma espécie de alegria dolorosa.

— Deixe-me beijar a mão que me castiga... fingiu êle, pegando na mão da Baccarat e levando-a aos lábios... Duvidando do meu arrependimento, convenceu-me de que Deus não me perdoou ainda.

E não protestou, nem se mostrou indignado pelas suposições de Baccarat; contentou-se com soltar humilde suspiro; procedimento e aspecto que impressionaram ainda mais a Baccarat, de que formais negativas.

— Desculpe-me, estava louca... Lembrei-me mais do que devia do baronete sir Williams.

Não obstante, quando a suspeita entrou uma vez no coração de uma mulher, é tão difícil de extirpação, que a Baccarat, se contentou com duvidar. Houve, porém, uma circunstância imprevista, independente da vontade de Andréia, um de certos acontecimentos aparentemente mínimos, e que tem às vezes o poder de um relâmpago, o qual lhe transformou imediatamente as suspeitas em certeza.

— Minha senhora, avisou o Visconde, meu irmão Armando espera-a esta noite em sua casa; vai?

— Vou, de certo... A que horas me espera?

— Às dez horas... respondeu Andréia.

E levantou-se, pegou no chapéu, e cumprimentou a Baccarat com a sua humildade habitual, com a humildade que parecia ser nêle a libré eterna do arrependimento.

Baccarat estendeu-lhe a mão, dizendo ao mesmo tempo:

— Perdoa-me, não é assim?

— Praza a Deus, murmurou êle com um sorriso de tristeza, que eu tenha sido perdoado como lhe perdô... As súplicas mais valiosas aos olhos de Deus são as do arrependimento...

No momento, porém, em que transpunha a porta da sala, ao passo que a Sra. Charmet o acompanhava com o candeieiro na mão, apareceu muito alegre a pequena judia:

— Ai, minha querida senhora, sou muito sua amiga!... Que coisas tão lindas me compraram!

Os olhos do Visconde fitaram a criança, viram aquela cabeça encantadora, com o olhar velado e um tanto sombrio, aquêles lábios que pareciam pedir beijos, aquelas faces coloridas por sangue oriental, aquela fronte ampla, lisa, dourada pelos ardentes sopros do deserto...

E como êle não esperava tal encontro, como há sempre uma ocasião em que o homem, mesmo o mais seguro, e senhor de si, se esquece por um segundo do que mais o interessa, o Visconde esqueceu-se. Esqueceu-se de que os olhos de Baccarat não o largavam, esqueceu-se do seu papel de santo, de pecador arrependido que não aspira já senão ao céu e deixou cair sôbre a judia um olhar de cobiça e admiração. Este olhar, rápido como um relâmpago, e imediatamente extinto, foi sur-

preendido na passagem. No modo porque êle olhara para a criança, transparecera ao mesmo tempo o alquilador quando avalia um cavallo, o devasso quando sonha com alguma voluptuosidade inaudita; e o olhar ardente, apaixonado, do anjo do mal, vendo um anjo do céu e lembrando-se logo de o romper e seduzir.

Isso foi uma revelação para a Baccarat. . .

Andréia retirou-se, sem suspeitar que se denunciara; ainda a porta da rua se não tinha fechado, e já Baccarat não podia conservar por mais tempo a impassibilidade do rosto.

— Este homem é um traidor, exclamou ela. Sir Williams não fêz mais do que arranjar pele nova! A alma ainda é a mesma.

— Quem é aquêlê senhor? murmurou ao mesmo tempo a pequenita. Olhou para mim como olhava o velho que me queria estar sempre beijando.

— Como a verdade sai da bôca das crianças! pensou Baccarat.

Por dez minutos ficou a pobre mulher, a quem o infernal Andréia esmagara pouco antes o coração, pensativa, absorta, e como que vergando ao peso da dor; mas a Baccarat era dessas criaturas enérgicas, nascidas para a luta, e agora estava convencida de que a guerra existia, surda, invisível, mas terrível, inexorável, sem piedade para os vencidos. Adivinhou já o trabalho colossal e subterrâneo de sir Williams, o edifício arrojado, elevado, por êle sôbre o seu suposto arrependimento, sôbre a confiança absoluta, universal, que soubera inspirar! El compreendeu que só ela poderia talvez lutar com aquêlê homem; uma vez vencido, é verdade, mas entrava na segunda guerra com as custosas lições de experiências, que o seu gênio infernal recebera.

— Valha-me Deus! pensou ela. Contanto que o Sr. de Kergaz consinta que lhe desvendem os olhos!

E, entrando no seu gabinete, escreveu ao Conde o seguinte:

“Sr. Conde, confio na sua honradez, na sua lealdade, e principalmente na sua discrição. Apenas tiver lido êste meu bilhete, queime-o; sendo principalmente necessário que nem a Sra. de Kergaz, nem o Sr. Visconde Andréia sonhem que

lhe escrevi. V. Exa. espera-me hoje às dez horas; peço-lhe que me receba a vista às oito. Entrarei pela portinhola da rua dos Lions-Saint-Paul, dirigir-me-ci à sala do jardim. Tenho que lhe comunicar coisas que só o Sr. Conde neste mundo deve saber.

Confio em V. Exa.

Luisa Charmet."

Em seguida fechou a carta, disfarçou a letra para escrever o sobrescrito, tocou a campainha, e mandou chamar o moço da esquina:

— Vá à rua da Culture-Sainte-Catherine, à casa do Sr. Conde de Kergaz; peça para falar em particular ao Sr. Conde e quando estiver a sós com êle entregue-lhe esta carta. Se o Sr. Conde não estiver em casa, não deixe a carta e volte para restituir.

O moço partiu, e voltou dali a uma hora, com um bilheteinho do Conde, que dizia o seguinte:

"Espero-a. Eu estava só quando me entregaram a sua carta, que queimei imediatamente".

A Sra. Charmet tomou apressadamente um pouco de alimento, recomendou a pequenina à criada e saiu, levando o rosto coberto com denso véu, o elegante corpo envolto em uma pelica prêta. Ia de tal modo, que nem o próprio sir Williams a teria reconhecido.

Dali a vinte minutos batia à porta do jardim do palácio de Kergaz. Era por ali que muitas vêzes entravam os pobres envergonhados, os grandes infertúnios velados, que se dirigiam a Armando como à própria Providência, e não queriam corar ante a libré dos seus criados. O Sr. de Kergaz tinha um criado idoso, a quem encarregava de velar tôdas as noites por aquela porta, e de dar entrada silenciosamente às visitas que se apresentassem, fazendo-as depois esperar em um pavilhão, situado no fim do jardim. Em seguida, ia dar parte a seu amo, que descia imediatamente.

Baccarat pôde, pois, entrar no palácio sem que a vissem, ficando certa de que o Visconde Andréia ignoraria sempre aquêle seu passo, se Armando lhe guardasse segredo.

A salinha de espera, destinada aos “enviados” do infortúnio, testemunhava pela sua disposição a requintada arte do nobre coração chamado Armando de Kergaz.

O pavilhão estava como que escondido no meio de grande grupo de árvores, que o ligavam à porta da rua Lions-Saint-Paul por meio de um fechado caramanchão.

Entrava-se por um corredor escuro, que de noite estava inteiramente em trevas. O tal criado velho pegava na mão da visita, guiava-a, e mostrava-lhe lá mais adiante uma luz, dizendo-lhe em seguida: “Vá andando por aqui a fora, direito, até encontrar uma salinha onde esperará o Sr. Conde.”

A sala em que a visita entrava mal estava alumado por um candeeiro de globo fôsko, e coberto apesar disso por um lucivéu.

Se a visita era uma senhora, e levava um véu tão denso como o da Baccarat, nem o próprio Conde lhe via o rosto. Foi, pois, ali que entrou a Baccarat, a quem o idoso criado tomou sem dúvida por mendiga da sociedade decente.

Baccarat sentou-se em uma cadeira, e esperou sem levantar o véu. Esperou mais de vinte minutos; e esta demora de Armando (sabendo que ela o esperava), fê-la principiar a suspeitar que teria ocorrido algum imprevisto. Por um momento, chegou a temer alguma nociva intervenção de sir Williams. Contudo, Baccarat adotara uma resolução inabalável; estava decidida a abrir-se inteiramente com o Sr. de Kergaz, a falar-lhe com a eloquência que provém da convicção, e arrancar-lhe a venda, ainda que para isso tivesse de lhe fazer sangrar o coração. Prescrevendo silêncio à sua própria comoção, diligenciando banir por um momento da alma e do espírito a recordação de Fernando, que as crucis confidências de sir Williams tinham despertado, pesou antecipadamente cada uma das suas palavras, e cada um dos seus gestos. O seu intento era convencer o Conde, a quem infelizmente não poderia apresentar nenhuma prova material da hipocrisia de seu irmão.

Afinal ouviu passos breves e rápidos, primeiro no jardim, e depois no corredor, aparecendo logo o Conde.

Assim que o Conde fechou a porta, ergueu ela o véu.

— Minha filha, disse-lhe o Conde, dirigindo-se para ela, como está?

— Eu, bem, Sr. Conde... acentuou a Baccarat, notando imediatamente, apesar da pouca luz que havia na sala, a extrema palidez e comoção do Sr. de Kergaz.

— Santo Deus! exclamou ela, deveras assustada; quem tem, Sr. Conde? Que foi que lhe sucedeu?

— E' que estou ainda impressionado por uma revelação medonha... respondeu o Sr. de Kergaz, com voz trêmula. Meu irmão Andréia...

E deteve-se por se sentir sufocado.

A Baccarat sentiu então um estremecimento de esperança; julgou ter ocorrido algum acontecimento imprevisto, que tivesse esclarecido o Conde, o qual não veria já em sir William senão um miserável.

XI

O M A N U S C R I T O

Antes de nos adiantarmos, digamos já o que ocorrera no palácio de Kergaz.

Temos talvez deixado um tanto na sombra um dos nossos principais personagens, muito em relêvo na primeira parte desta história. Referimo-nos à loura e suave Juana de Balder, que se tornara Condessa de Kergaz. Poderíamos talvez alegar a melhor das razões que se poderia apresentar para esta involuntária omissão: Joana era feliz, inteiramente feliz e a felicidade é silenciosa, não faz ruído, não diz uma palavra, permanece de bom grado na sombra! Colocada entre o amor de seu marido e as alegrias infindas da maternidade, circundada-se Joana de uma solidão encantadora, na qual vivia separada do mundo.

Duas amigas, que os infertúnios do passado tinham ligado estreitamente à sua fortuna, Cerise e a Sra. Rocher, iam às vezes visitá-la, e levavam-lhe, uma os ruídos da sociedade, a outra os tocantes queixumes da classe pobre, queixumes que ela se apressava a fazer calar, espalhando pelos queixosos os seus benefícios.

A Sra. de Kergaz saía pouco, raro se separava da companhia do marido. Às vezes sentia certa saudade do formoso céu italiano, testemunha dos seus primeiros anos de ven-

tura; mas isto só lhe sucedia quando algum assunto importante obrigava Armando a ausentar-se. Em êle regressando, já a espôsa não tinha saudades do que quer que fôsse. Uma carícia do seu filho, e um sorriso do espôso não seriam o melhor raio do mais radiante sol, mesmo sob a negra atmosfera que envolve Paris nos dias de inverno?

Contudo, depois do seu regresso, o nobre coração de Joana, já tão cheio, sentiu estremecer uma fibra até ali muda, e que principiara a agitar-se por uma nova afeição. Obedecendo à tendência natural das almas nobres, que as impele a afeioar-se ao que padece, chegara Joana a apiedar-se do grande criminoso, curvado ao pêso dos remorsos, do homem cuja índole perversa desaparecera sob o sôpro divino, e que arrastava uma vida tão miserável, acabrunhado pelo pêso das suas iniquidades. Chegara por fim a sentir uma espécie de solicitude maternal por aquele velho prematuro, que se tornara mais inofensivo que uma criança, e tão rude penitência fazia das suas faltas passadas. Não passava um dia que Joana não ajoelhasse, rogando a Deus que restituisse o repouso ao querido irmão de seu espôso, e lhe apaziguasse os remorsos. Muitas vêzes, tratara-o com afeição e bondade sem iguais, chamando-lhe "seu querido" e prodigalizando-lhe mil atenções encantadoras e delicadas. Que engenhosos esforços, que angélicas astúcias empregou para dissuadir de seguir por mais tempo o regime austero que lhe deteriorava a saúde, e conduzia pausadamente à sepultura! Às vêzes, depois de ter rogado, suplicado, empregado os mais eloqüentes argumentos, expostos com a sua voz mais acariciadora, Andréia, a chorar, beijava-lhe a fímbria do vestido, e murmurava: "A senhora é uma das pessoas que fazem lembrar os anjos, um dos anjos que fazem acreditar na misericórdia divina!" E recusava-se obstinadamente à mínima forma de modificação na sua rude penitência.

O inverno era rigorosíssimo. Tôdas as manhãs, ao despertar, via Joana cintilar a neve nos ramos desfolhados das árvores do jardim; contemplava com tristeza a terra muitas vêzes coberta de gêlo, e lembrava-se de que Andréia dormia no sobrado frio e nu de uma água-furtada, quase no sótão, sem consentir que lhe pusessem o mais insignificante fogão.

Um dia teve ela uma idéia maravilhosa.

Andréia não ia a casa durante o dia, ou se ia, não subia ao seu quarto. Ninguém o ouvia subir a escada senão à meia-noite, e logo às seis horas da manhã o ouviam os criados andar de uma para outro lado.

Joana chamou um dia para confidente a sua idosa Gertrudes.

— Olha... procurarás um serralheiro, e mandar-lhe-ás abrir o quarto do Sr. Andréia arrancando-lhe a fechadura; e dar-lhe-ás vinte francos para que êle te faça uma chave em duas horas.

— Vou já procurá-lo... obedeceu a velha criada, sem que adivinhasse o pensamento de sua ama.

No decurso de duas horas em que o quarto se conservou sem fechadura, e em que se fazia a segunda chave, estêve Joana sôbre brasas.

Temia que Andréia fôsse a casa, e desse pela manobra. Andréia, porém, não appareceu.

Apenas se achou munida de segunda chave, tratou Joana de pôr em obra o seu projeto.

Com a ajuda da chave, passou a idosa Gertrudes a ir tôdas as manhãs, assim que Andréia saía, colocar-lhe no quarto um "braseiro", alimentado com carvão vegetal, a fim de não deixar cheiro. O braseiro ficava no quarto todo o dia, e parte da noite, e não desaparecia dali senão pelas dez horas, depois de ter aquecido a atmosfera.

Andréia, que levava sempre consigo a chave do quarto, não podia, no pensar de Joana, dar pela alteração; e com effeito decorreram muitos dias, sem que o pobre penitente fizesse a mínima pergunta ou observação. Apenas um dia, à mesa, a propósito dos rigores da estação, disse êle:

— O tempo está frigidíssimo; mas, tem-se-me afigurado que a temperatura se suaviza um tanto de noite.

Ouvindo estas palavras, fitaram-se o Conde e Joana com os olhos rasos de lágrimas.

Dois dias depois, succedeu que a Gertrudes, que era muito sujeita a nevralgias, não pôde levantar-se da cama. Então, foi Joana, que não queria deixar o encargo de levar o braseiro para o quarto de Andréia, e de ir à noite buscá-lo.

Um dia caiu-lhe por acaso no chão um gancho do penteado. Êste gancho, ou antes alfinete com ponta de aço, ti-

nha cabeça de coral. Quando Andréia se recolheu, viu-o no chão, e apanhou-o, sorrindo ao mesmo tempo.

— Ah! falou êle para consigo, já sei quem vem todos os dias aquecer-me o quarto...

E acrescentou, soltando dos olhos um relâmpago:

— Parece-me que chegou a ocasião de deixar ver o manuscrito em que conto a minha vida, dia a dia... e a meu modo...

E, no dia seguinte, fechou o Visconde Andréia cuidadosamente a porta, como costumava, e deixou cair na escada o alfinete revelador; mas por imperdoável esquecimento deixou aberta a gaveta da mesa, gaveta em que se achava o famoso "Diário da minha miserável vida". Era o título que sir Williams dera ao curioso documento, do qual já citámos alguns trechos.

Passadas muitas horas, subiu Joana à água-furtada.

Naquele dia levantara-se cedo. O pequenino estava adoentado, depois, chegara a hora do almôço, e, além disso tudo, Andréia demorara-se parte da manhã no gabinete de seu irmão. Estas diversas circunstâncias tinham sido causa de que a Sra. de Kergaz não tivesse levado o braseiro para o quarto do cunhado antes das quatro horas da tarde.

Quando ali entrou atraiu-lhe a atenção o tinteiro que Andréia deixara em cima da mesa; em seguida viu a gaveta aberta.

Não há mulher, por mais virtuosa que seja, isenta do defeito que foi causa de a raça humana ser expulsa dos jardins embalsamados do paraíso terreal. Joana era muito curiosa; por conseguinte abriu a gaveta, apesar de ligeiro palpitar do coração, que parecia adverti-la de que estava procedendo mal. Aberta a gaveta, notou Joana o manuscrito; e, como a curiosidade arrasta para um declive irresistível, voltou a primeira fôlha e leu. O título fê-la estremecer; mas ao mesmo tempo ficou com os olhos como que presos àquela escrita miúda, quase ilegível, e que parecia atestar quem o escrevera o fizera só para seu uso.

Aquêlê diário parecia ser a história mais completa da vida de sir Williams, desde o dia em que o Sr. de Kergaz o surprendera aos pés de Joana.

Nunca houve criminoso que, indo ao tribunal da penitência confessar as suas faltas a um sacerdote, se acusasse com mais ingenuidade e franqueza; nunca houvera homem que se testemunhasse com a pena na mão mais profundo desgosto e maior horror de si mesmo.

Após um exórdio no qual os remorsos pareciam falar eloquentemente pela pena daquele grande culpado, leu Joana, tremendo, e não cabendo em si de espanto, as seguintes frases:

“Senhor, prostro-me humilde sob a vossa vara de bronze, e aceito o derradeiro suplício que me infligistes como castigo das minhas maldades... Assim, pois, senhor, é verdade que, para elevardes a expiação à altura do crime, acendestes no meu coração, onde parecia ter a maldade destruído e secado tudo, um amor violento e sem esperança, dos que matam o homem, do qual só o corpo permanece vivo e com movimento. A alma está morta...”

Este amor, Santo Deus! não será para mim o inferno na terra? Não será uma eternidade de tormentos em poucos anos?

Joana! Joana! Anjo do céu, a quem Deus deu a ventura, não lerás nunca estas linhas: não saberás nunca que, mesmo quando escapava ao ódio de Andréia, sentia êle nascer-lhe na alma um amor que devia arrancá-lo ao seu viver criminoso, e entregá-lo aos inclassificáveis tormentos do remorso.

“Amo-te, Joana, amo-te ardente e santamente, se acaso esta palavra não é uma blasfêmia na minha bôca... e hás de ignorá-lo sempre... e o meu amor será o meu castigo...”

“Será o meu castigo, porque estou condenado a viver perto de ti, a ver-te a tôda hora, e a ouvir teu espôso dar-te os nomes mais ternos.

“Talvez que Deus afinal me perdoe, vendo quanto padeço, e qual o pêso do castigo a que eu próprio me condenei.”

.....

Joana leu estas linhas com a testa coberta de suor frio, com o coração oprimido, esquecendo-se de tudo, mesmo do lugar em que se achava, das horas que iam correndo, e de que de um momento para outro, podia chegar Andréia. Leu o

manuscrito inteiro, escrito dia a dia, e impregnado do mais assombroso cunho de loucura.

Era — desculpem-nos a frase — a exaltação da penitência: Não havia ali uma linha, uma palavra, que não parecesse ter sido escrita com o sangue do desventurado Andréia. Nunca a paixão verdadeira, pungente, entregue a todos os tormentos da desesperança, falara linguagem mais eloqüente, mais terrivelmente exaltada.

Enquanto a contristada Joana lia, corria o tempo e a noite aproximava-se; e, arrastada por um poder invisível, por uma atração de impossível definição, acendera no braseiro a vela de sebo de que usava Andréia, e continuara a leitura.

Queria ler até o fim.

Ora, o Sr. de Kergaz, que ela deixara junto ao berço do pequenino Armando, depois de ter recebido o bilhete da Baccarat em que ela lhe pedia uma conferência, principiou a admirar-se da demora de sua espôsa, até que por fim resolveu-se a subir ao quarto de Andréia. Subiu, pois, e como a porta do quarto estava entreaberta, viu Joana sentada diante da pequena mesa de Andréia, com a cabeça apoiada nas mãos, e inteiramente absorta.

Chamou-a, e ela não o ouviu; aproximou-se-lhe e ela não voltou a cabeça.

Então fitou-a, e recuou assombrado.

Joana, branca como uma estátua de mármore, e imóvel como ela; Joana, cuja vida parecia ter-se-lhe concentrado unicamente na vista, tinha os olhos fitos no manuscrito de Andréia, e as faces orvalhadas de pranto.

Armando cingiu-a com os braços, ela estremeceu, e ergueu-se repentinamente, soltando um grito.

— Jesus! exclamou ela, não sei como não endoideço!

E em um tom de voz extraordinário, com gesto brusco, sacudido, impossível de traduzir, fez sentar Armando no lugar em que estava, mostrou-lhe o manuscrito e disse-lhe:

— Olha... olha... lê.

Armando, dominado pela voz, pelo aspecto, e pelas lágrimas da espôsa, obedeceu. Pegou no manuscrito, leu-lhe o título e as primeiras páginas, e como Joana, sentiu-se sufocado por terrível e cruel comoção, parecendo-lhe sentir gelar-se-lhe o sangue à proporção que ia lendo.

Quando chegou ao fim, saiu-lhe dos lábios uma exclamação meio sufocada e inclassificável.

— Que desgraçado! murmurou êle, que desgraçado! Agora é que eu percebo qual foi a principal causa do seu arrependimento.

O Conde meteu o manuscrito na gaveta, fechou-a, e em seguida tomou a espôsa nos braços, e saiu com ela daquelle quarto em que o gênio do mal triunfava ainda.

.....

Fôra êste acontecimento, esta revelação fulminante e inesperada o que transtornara o Conde e o fizera aparecer a Baccarat tão extraordinariamente pálido.

— Jesus! dissera a irmã de Cerise, vendo-o em tal estado; que tem, Sr. Conde, que lhe succdeu?

E quando o Conde falava de um horrendo mistério que acabava de descobrir, quando a Baccarat esperava que êle tivesse aberto os olhos a respeito de Andréia, e que Deus se lhe tivesse antecipado, a ela que ia ali desmascarar o hipócrita e traidor, acrescentou Armando:

— Meu irmão Andréia é um mártir!

— Um mártir! exclamou Baccarat, levantando-se com precipitação, e recuando verdadeiramente pálida pelas palavras do Conde.

— Um mártir como os dos primeiros tempos da era cristã... tornou Armando, com os olhos arrasados de lágrimas.

Baccarat, porém, tinha ali chegado com uma convicção profunda, inabalável, uma convicção tanto mais forte, quanto eram persistentes os pressentimentos que lhe tinham dado origem; e além disso, como se sabe, as verdades mais sólidas, as que encontram os mais fervorosos adeptos, são quase sempre as que se não podem provar matematicamente. Baccarat tinha ali ido resolvida a lutar, apoiada em robustíssima incredulidade, e por isso retorquiu com altivez:

— Eu, Sr. Conde, não sei se seu irmão é um mártir, o que sei, o que conheço, o que para mim é profunda convicção, é ser o seu arrependimento uma comédia; é que sob o humilde hábito do penitente, no peito do homem armado com um cilício, continua a bater o coração covarde e feroz de sir Williams; que só o seu ódio podia constrangê-lo a desempe-

nhar tão conscienciosamente o seu papel, e que o Sr. Conde tem todos os dias, a tôda hora, em sua casa, à sua mesa, ao lado da espôsa e do filho, o seu mais cruel inimigo...

O Conde olhou para Baccarat e sorriu-se.

— A senhora endoideceu! disse êle friamente.

— Eu bem sabia que me não daria crédito, retorquiu ela com visível exaltação; mas eu lhe darei provas... Hei de segui-lo passo a passo; e de tal modo que tenho certeza de conseguir desmascará-lo!

— Pois sim... disse Armando, mas ouça-me; e depois de me ouvir... depois de saber...

— Fale, Sr. Conde, diga o que quiser... mas eu ouço uma voz do íntimo do coração, e eu creio nela.

Armando sentou-se e contou a Baccarat o que êle e Joana tinham sabido; recitou-lhe, para assim dizer, o documento escrito por Andréia, eloqüente defesa do seu arrependimento, prova a seus olhos irrecusável, autêntica, dos remorsos que o atormentavam.

Baccarat ouviu-o até o fim, sem o interromper; mas o que viu foi que o Sr. de Kergaz acreditava tanto no irmão como em Deus, e que, portanto, não devia contar com o seu apoio para desmascarar Andréia.

— Sr. Conde, disse ela, as suas palavras não me convenceram senão de uma coisa, e é que há de conservar-se cego até o dia em que a desgraça lhe invadir o lar. O que peço a Deus é que me dê forças para os salvar!

E como o Sr. de Kergaz continuasse a sorrir, proseguiu ela:

— V. Exa. é fidalgo e homem de bem, por isso a sua palavra de honra é para mim uma lei imutável... Portanto...

E pareceu hesitar.

— Fale, fale, minha filha... disse o Conde com extrema bondade.

— Pois bem, disse ela, quer fazer-me um juramento?

— Faço, decerto.

— Então, jure-me que guardará segredo absoluto acerca do que aqui falamos...

— Assim o juro.

— E prometa-me também confiar na palavra que lhe dou. Eu dou-lhe a minha palavra que não tocarei em um ca-

belo de seu irmão, senão no dia em que possuir a prova, a prova irrecusável do que há pouco disse... do que V. Exa. não quer acreditar.

— Creio sinceramente na sua palavra.

Baccarat levantou-se em seguida, baixou novamente o véu e estendeu a mão a Armando.

— Adeus, Sr. Conde, disse ela. No dia em que a desgraça se manifestar em sua casa; no dia em que reconhecer que falo verdade, há de ver-me a seu lado para o defender.

.....

— O' meu Deus! murmurou Baccarat, ao sair da casa do Conde, dai-me força, porque estou só e inteiramente isolada... Fazei, Senhor, com que possa salvá-los!

E como se a súplica fôra imediatamente atendida, sentiu-se de repente cheia de energia e audácia, e acrescentou, com um movimento de altivez suprema:

— Quando eu me chamava Baccarat, quando era uma mulher perdida, triunfei daquele demônio! Hoje, que vivo com olhos em Deus, que sigo os seus santos preceitos, não me há de faltar o auxílio divino!... Agora, nós, sir Williams! agora nós, gênio do mal!

XXXI

DIPLOMACIA INFAME

Quando a Baccarat saía de casa do Sr. de Kergaz, que estava resolvido a crer mais do que nunca no arrependimento ilimitado do seu irmão Andréia; quando ela pedia a Deus que lhe concedesse a força necessária para triunfar do maldito, salvar todos aquêles pobres cegos, e arrancá-los à sorte fatal que os ameaçava, achava-se o baronete sir Williams em casa do seu amigo Visconde de Cambolh.

Daquela vez não estava o baronete à mesa.

Bem embuçado no seu comprido casacão, e o chapéu de abas largas na cabeça, estava o protetor do moço Visconde sentado em uma ampla poltrona, com os pés chegados ao

fogão, um excelente charuto na bôca e parecendo gozar da mais completa beatitude.

— Você, meu tio, dizia Rocambole depois de ter solto dos lábios uma fumaça, que subiu em espiral para os amarrinhos papudos, que ornavam o relógio “rococó”, e de ter cuspidos para o fogão, você, meu tio, é um homem assombroso.

— Estás certo disso, meu sobrinho?

— O “Pasteleiro” não lhe chega aos calcanhares, isto é que não tem dúvida... Só você é capaz de ter tais idéias!

— A que idéias te refres?

— Ora! A que o levou a contar metade do nosso plano de batalha ao seu filantrópico irmão, e à menina Baccarat.

Sir Williams mostrou nos lábios um sorriso, que lhe teria sido invejado pelo anjo das trevas.

— E’ certo, murmurou êle, que foi de uma audácia de primeira qualidade.

— De tal qualidade, disse Rocambole em tom de admiração, que o epíteto de “infernai” é insuficiente e frouxo para a explicar. Contudo...

— Ah! disse sir Williams, temos uma restrição?

— Que espanto!

— Bom... diz lá, eu gosto de ouvir objeções. Em primeiro lugar pode ser útil o que tens para dizer, e depois dar-me-ás a medida exata da tua capacidade.

— Então, uma vez que se digna prestar-me atenção, eu me explico.

— Pois explica-te...

— Em primeiro lugar, disse você ao Sr. de Kergaz, que julgava o Fernando Rocher nas mãos dos Valetes de Copas?

— E’ verdade...

— Depois ainda se adiantou mais: mostrou-lhe um bilhete que a Turquesa escreveu esta manhã, ditado por você, e que foi achado no bolso de um velho chambre, que estava na loja de uma adela.

— Atravi-me, com efeito, a fazer isso.

— E ainda não ficou aqui: foi distrair-se na casa da Baccarat, contando-lhe que o seu querido Fernando, “o Artur dos seus sonhos”, o homem que ela generosamente cedera à sua rival, desamparara esta última, para ir meter-se em casa da menina Turquesa?

— E afirmo-te, disse sir Williams, que me divertiu muito, porque a pobre pequena estêve em um lindíssimo martírio, capaz de alegrar um mandarim chinês, personagem, que como sabes, é o ideal do “atormentador” moderno.

— Em seguida, continuou Rocambole, impingiu a Bacarat o mesmo “speech”, que tinha já pespegado ao virtuoso Conde de Kergaz?

— Exatamente.

— Muito bem, meu tio... Acho tudo excelente, mas perigoso.

— Deveras?

— Deveras!

— Vamos lá a ver por quê? disse sir Williams no tom de condescendência de um professor de matemática, convidando o discípulo a resolver uma dificuldade.

— Acho que foi um tanto leviano.

— Estou à espera que o proves.

— Primeiro, porque disse a verdade... Indicou ao Conde um rasto que êle procurava.

— E depois? perguntou sir Williams em um tom de desdém.

— Depois comunicou, como não podia deixar de ser, a Turquesa, o segrêdo da nossa manobra.

— Não digas mais, meu sobrinho... Convence-te de que não passas de um tolo.

E sir Williams ergueu a cabeça, tirou o chapéu, cruzou as pernas, acendeu um charuto, e assumiu a atitude cheia de ironia de um mestre que se compraz com deixar “estender” o discípulo nos meandros de um problema, que êle vai esclarecer com uma só palavra.

— Eu disse, prosseguiu êle, que não passavas de um tolo, e sou capaz de o provar... Ora, ouve meu sobrinho...

— Diga lá.

— Responderei primeiro à tua segunda objecção. A Associação dos Valetes de Copas compõe-se de um só homem, que sou eu.

Rocambole fêz uma careta.

— De um agente, que és tu.

— Supunha não ter direito nem mesmo a êsse título.

— A falar verdade, devia ter suspeitado da tua estupi-

dez, retorquiu friamente o baronete, a modo de parêntesis, e confiado a outro êsse encargo.

— Muito obrigado, meu tio...

Sir Williams fêz um gesto de impaciência, e prosseguiu:

— A associação compõe-se de um único homem e de um agente: tu, e eu, de instrumentos subalternos, que são os outros, e de meios... como quem diria, da Turquesa, do simplório Conde de Chateau-Mailly, ou da Sra. Malassis, aquela ruína interessante que aspira a ser tia por aliança.

— Muito bem, meu tio; e que mais?

— Tôda a associação, principiando pela maçonaria e acabando por nós, possui um segrêdo. Êste segrêdo é a propriedade do grão-mestre entre os maçons, e "do homem" entre nós. O homem disse metade dêle ao agente, e um quarto aos instrumentos, mas não confiou nada aos meios.

— Realmente? exclamou Rocambole, um tanto mais tranqüilo.

— Que pergunta!... Imbecil!

— Logo, a Turquesa... a Sra. Malassis... e o Conde de Chateau-Mailly?...

— Não sabem absolutamente nada, estupendo animal! o Conde não vê no seu papel o meio de vingar um homem dos desdêns de uma mulher, tornando-se, como recompensa, herdeiro do seu tio. Depois, como é homem brioso, como é um fidalgo muito cioso da sua palavra, mais fâcilmente se deixaria fazer em pedaços do que pronunciar o nome de sir Artur Collins; porque a mim, Visconde Andréia, o irmão querido do Conde Armando de Kergaz nunca êle viu.

— E a Sra. Malassis? perguntou Rocambole, tenaz nas suas objeções.

— A Sra. Malassis é uma bisbilhoteira muito ordinária, que anda por êsse mundo coberta de impostura, como qualquer duquesa coberta de arminhos. Não conhece de nós todos senão o Ventura, um hércules que a esganaria com uma só mão, se ela se lembrasse de resistir; mas fica certo que não fará tal.

— Mas, enfim, se a Baccarat vai a casa da Turquesa...

— Há de ir amanhã...

— E se lhe falar dos Valetes de Copas?

— Não saberá a Turquesa uma única palavra do que ela possa querer dizer-lhe.

— Ainda mesmo que ela lhe apresente o bilhete que você lhe fêz escrever tão de improviso esta manhã?

— Ora! A respeito do bilhete contar-lhe-á a Turquesa uma historietta lindíssima, e que eu não tenho agora tempo de te repetir.

— Muito bem, meu tio, disse Rocambole com extrema gravidade; acho tudo perfeitíssimo; mas, por enquanto ainda me não provou senão que tem o mais seguro possível o Sr. de Chateau-Mailly, e sua tia em perspectiva; porém a Turquesa, como é que a segura?

— Seguro-a pelo seu próprio interêsse, meu sobrinho. Fernando Rocher possui doze milhões; ora, a amante de um homem doze vêzes milionário não tem coração, nem entra-nhas, nem delicadeza, nem escrúpulos, é um algarismo.

— Admirável! murmurou Rocambole. Já não tenho que perguntar.

— Espera... disse sir Williams. Principiei respondendo à tua segunda objeção, e vou acabar pela primeira.

— Cá estou para o ouvir, meu tio.

— Há um princípio, proseguiu o baronete, depois de ter aspirado sucessivas fumaças, um princípio eterno neste mundo, e é que os homens deixam de crer nas verdades que lhes afirmam; êste princípio tem aplicação immediata na política, em negócios e em amor...

— E' fortíssimo êsse raciocínio, meu tio... disse Rocambole interrompendo-o.

— Afirmei que a minha convicção, relativamente a Fernando Rocher, era que os Valetes de Copas não eram alheios às suas relações com a Turquesa. Aquêlê pobre Armando suspeita-o e a Baccarat terá amanhã a convicção disso quando sair de casa da Turquesa, na qual já não verá senão uma mulher vulgaríssima, encarnçada em empobrecer um homem fabulosamente rico.

— Mas não teme a influência de Baccarat em Fernando?

— Pelo contrário... A Baccarat há de servir-nos sem se sentir.

— Isso é que eu acho deveras incompreensível...

— Não tem que ver... És decididamente estúpido!

Rocambole inclinou-se ante cumprimento tão brutal.

— A primeira coisa que fará a Baccarat em apanhando Fernando, o que te juro não lhe ser muito fácil, será falar-

lhe da espôsa e do filho, cujos haveres, lhe dirá ela, hão de desaparecer e fundir-se nas mãos doidas da Turquesa...

— O argumento não deve ser de todo insignificante...

— Pois sim, mas como a Turquesa, até o presente se mostra desinteressada e altiva; como não quer aceitar a mínima jóia, nem um par de luvas, nem uma ceia, Fernando encolherá os ombros e ficará convencido de que a Baccarat lhe calunia a amante. Percebes agora?

— Perfeitamente, meu tio.

— Logo, não tens mais nenhuma objecção que apresentar?

— Não, meu tio.

— Achas-te suficientemente informado?

— O melhor possível.

— Por conseguinte, disse o baronete, acendendo outro charuto, como o tempo tem certo valor, e como o estragamos a discorrer por êste modo, vou dar-te as minhas ordens, e em seguida far-me-ás um favor...

— Qual é, meu tio?

— O de te conformares com elas em vez de as discutir. E' muito mais simples, e caminharemos mais depressa.

Rocamble curvou a cabeça, e tornou-se atento.

— Amanhã, continuou sir Williams, hás de ir visitar o Major Carden, e entregar-lhe esta carta. São as novas instruções do chefe.

— Irei, meu tio.

— Depois, montas a cavalo, e em sendo onze horas achar-te-ás no Bosque, no pavilhão de Ermenonville. Recomendo-te que saias com um traje próprio da hora e o mais apurado possível.

— Hei de apresentar-me que nem um figurino... sossegue.

— Tenho a observar-lhe, meu querido Visconde, disse o baronete, que usa de expressões muito vulgares, de que deve libertar-se.

— Em boa sociedade, retorquiu Rocamble, em certo tom de atrevimento, não costumo usar delas.

— E' um tolo, meu sobrinho... disse friamente o baronete; se eu, diante de quem estás falando, não fôsse de boa sociedade, nunca tu terias entrado nela.

— Desculpe-me capitão... Não passou de um gracejo o que eu disse...

— Estimo que assim tenha sido, tornou o baronete, porque apesar da afeição que te consagro, abrir-te-ia a cabeça se se tornasses sèriamente insolente para comigo.

Sir Williams acompanhou estas palavras com um olhar reluzente, dos que faziam estremecer o próprio Rocambole.

— Mas ouve-me com atenção, prosseguiu êle. O acaso há de fazer com que, exatamente às duas horas te aches face a face com uma caleche azul. Nesta caleche hás de tu ver um homem e uma mulher sorrindo-se e olhando um para o outro, como um casal de rôlas arrulhando em plena lua de mel.

— Quem são o homem e a mulher?

— A Turquesa e Fernando.

— Muito bem... disse o Visconde.

— Aproximar-te-ás então de um dos lados da caleche, cumprimentarás cortêsmente o Sr. Fernando Rocher, e olharás desdenhosamente para a mulher.

— Já percebo a situação.

— Dir-lhe-ás em seguida: "Teria acaso a honra de que V. Exa. se lembre de mim?"

— Com a fortuna! Tão barato pagou êle o conhecimento.

— Por isso mesmo há de responder-te afirmativamente. Então, continuarás tu: "Na noite em que eu tive a honra de me bater com V. Exa. tive também, segundo me parece, uma inspiração não menos lastimosa do que cheia de generosidade". E se êle manifestar surprêsa, acrescentarás: "V. Exa. estava ferido, desmaiado, e perdendo muito sangue; era portanto urgente transportá-lo para alguma parte, sem perder um minuto. Levá-lo para sua casa, onde sua espôsa ao recolher do baile o acharia ensangüentado, era coisa que não poderia ocorrer a três homens sensatos e de boa companhia, como as nossas testemunhas e eu. Esta criatura — e designarás com um gesto a Turquesa — esta criatura era minha amante, eu supunha-a boa, e tinha a fraqueza de amá-la... Ora, ela possuía uma casa comprada com o meu dinheiro, — e acentuarás estas palavras — uma casa situada a pouca distância do lugar do combate e eu sabia estar ela à minha espera, porque lhe prometera ir dizer-lhe adeus antes de partir, e que, por conseguinte, estavam a pé tanto ela como os seus

criados. Transportamo-lo, portanto, para casa dela. Permitta-me agora, concluirás tu, que a felicite pelos bons cuidados que lhe prodigalizou, se acaso não o engana o ótimo aspecto de V. Exa., e que dê ao mesmo tempo parabéns a V. Exa. pelo bom êxito que alcançou junto dela... Regressando a Paris esta manhã, soube que V. Exa. era meu sucessor, e agora era só V. Exa. quem tinha o direito de se sentar com ela nessa caleche... que eu lhe dei..."

— Desta vez, meu tio... disse Rocambole, parece-me que não há de ficar fazendo má idéia da minha perspicácia.

— Realmente? murmurou sir Williams em tom de zombaria.

— Com a fortuna! após tal cena, julgar-se-á Fernando Rocher obrigado a comprar a casa, a pagar a caleche e os cavalos, e forçar a Turquesa a reenviar-me as jóias e os títulos de renda que eu lhe dei.

— Ainda não adivinhaste tudo.

— A Turquesa desalojar-se-á da casa em que mora e irá para uma sobreloja de quatrocentos francos, com uma criada de um Luís por mês, o que fará com que Fernando, subjugado por tão inaudita delicadeza, compre, sem dizer nada, um palacete qualquer, que lhe custe duzentos ou trezentos mil francos; depois gastará cinqüenta mil escudos em mobiliá-lo, trezentos ou quatrocentos luises em carruagem e cavalos, e ao cabo de seis semanas, levará para a sua nova casa a virtuosa Turquesa, que não ambicionava senão uma cabana e o coração de Fernando.

— Total, disse Rocambole, meio milhão no primeiro mês.

— Do qual se repartirão quarenta ou cinqüenta com a pequena, que deveras os merece.

— Incontestavelmente.

— Falemos, porém, de Fernando. Do que podes estar certo é de que êle te pedirá satisfação. Tu o que fazes então é pedir-lhe que te conceda quinze dias, que êle passará frequentando uma sala de armas; o resultado será a Turquesa lamentar-se continuamente e por fim acomodar a pendência entre ambos. Nunca te esqueças de uma coisa, meu sobrinho; quando um homem se torna covardê po ramor, pertence em corpo e alma ao diabo, quer dizer, a êste teu criado.

Rocambole fêz um gesto de admiração.

— O diabo, comparado com você, disse êle, não passa de um insignificante!

— Sou um tanto da tua opinião, disse modestamente o baronete, que se apressou em acrescentar: — Ainda não acabei. Amanhã de tarde hás de apresentar-te na Avenida Gabriella, nos Campos Elísios, à porta de um palacete que ali se está construindo de novo. Aparecer-te-á um criado de rosto bronzado, ao qual entregarás uma carta, pedindo-lhe ao mesmo tempo que te conduza à presença de misse Dai Natha Van-Hop.

— E' a indiana?

— Sim, a futura Marquesa.

— E que lhe hei de dizer?

— Entregar-lhe-ás esta carta, prosseguiu sir Williams, dando-lhe outra cart asem sobrescrito, e esperarás as suas ordens. A indiana não fala senão inglês.

— Eu "arranho" um pouco o inglês.

— E' quanto basta.

— Mais nada?

— Espera... Eu acabo sempre pelo princípio; acho isto mais simples. Amanhã, antes de ires às sete horas da manhã, a casa do Major, hás de mandar aparelhar o teu tîlburi, e irás à rua Rochechouart, 41. Ali acharás um idoso porteiro com bigode grisalho, que fala uma mistura de francês e italiano, e que dá lições de esgrima. Aquêlê homem é o único em Paris que tem conhecimento de um golpe maravilhoso, vindo da Itália, onde se usou muito no século XVI, e cujo segrêdo está quase perdido. Êste golpe, que eu não tenho tempo de te ensinar, ensinar-te-á êle em dez ou quinze lições.

— Mas então êsse tal golpe é um jôgo inteiro?

— Não, é apenas um golpe, da categoria dos golpes retos, um golpe único. O que tem é ser tão difficil de dar, que aquêlê que o der mal é um homem morto.

— E se o der bem?

— Fere mortalmente o adversário, conquanto a morte não seja immediata. O pobre diabo tem tempo de se confessar e de fazer testamento.

— E êsse golpe deve ter um nome.

— Tem: chama-se o golpe das cem pistolas.

— Por quê?

— Porque terás de dar por êle cinqüenta antes da primeira lição, completando a soma depois de receberes a última.

— Pelo que vejo, tenho de matar um homem?

— Tens.

— Quando?

— Talvez dentro de quinze dias, talvez antes, e talvez depois.

— Pode saber-se a causa?

— E' inútil.

— Mas então...

— E' um homem com cuja viúva eu quero casar.

Rocambole estremeceu.

— O que vejo, disse êle, é que você é um homem completo; sabe distribuir a cada um o seu papel. E acrescentou, em tom de oração fúnebre: Pobre Sr. de Kergaz!

Sir Williams levantou-se da poltrona, tornou a pôr o chapéu, calçou as luvas de algodão, reassumiu a sua atitude tôda humildade, e baixou modestamente os olhos, pouco antes cheios de brilho.

— Adeus, disse êle; hei de falar-te daqui a dois dias. Retiro-me, porque tenho de estar às dez horas com Armando e Baccarat.

— Adeus, grande homem! murmurou Rocambole.

Sir Williams saiu, percorreu a pé o arrabalde Saint-Honoré, depois pelo terrado da borda d'água, e só parou à entrada da Ponte Nova, a cujo parapeito se encostou.

A noite estava úmida soprando ao mesmo tempo um vento frigidíssimo. Do lugar em que se detivera, dominava o baronete Paris a montante e a jusante do Sena; Paris noturna, mal iluminada em um e outro ponto pelas extensas fitas de lampiões, cuja luz diligencia atravessar o nevoeiro, e que a certas horas fazem assemelhar a grande cidade a um vasto oceano, semeado de faróis. Então, como nas primeiras páginas desta história, aquêle homem, em quem parecia ter-se encarnado o gênio do mal, mediu a Babilônia moderna com um olhar de relâmpago.

— Decididamente, disse êle, creio que és o império do mal, ó Paris, porque me sinto rei no teu recinto! Armando de Kergaz, Joana, Fernando, Hermínia, todos, enfim que me

suplantaram uma vez, todos que me lançam olhos de piedade, e que apertam a mão com compaixão, estão inteiramente em meu poder! Tenho-os comprimidos nas garras, como a prêsna nas garras da águia! Tu, Fernando, que me roubaste a mulher que eu queria desposar, achar-te-ás despojado dos teus bens, desonrado, traído pela espôsa... Tu, Hermínia, que desprezaste o baronete sir Williams, ver-te-ão com as faces cobertas de vergonha e com a morte no coração... Tu, Armando de Kergaz, hás de morrer, e tu, Joana, amar-me-ás!

.....

À mesma hora, quase no mesmo instante, e pelo mesmo sítio, passava um fiacre, levando uma mulher.

Esta mulher era uma pecadora; mas Deus perdoara-lhe, e tornara-a forte como a mulher da Escritura. No momento em que o fiacre atravessou a Ponte Nova, também ela mediu Paris com olhar inspirado, e exclamou:

— O' grande cidade! Encerras em ti um gênio mau, um demônio, que deixa após si a morte e o luto... Este demônio foi adivinhado por uma mulher, que lhe há de seguir os passos na sombra; e praza a Deus que possa esmagar-lhe a cabeça na véspera do seu triunfo, como a Virgem esmagou a cabeça da serpente!

.....

A luta ia, pois, concentrar-se entre aquêlê homem perverso e aquela mulher, a quem o dedo de Deus marcara na fronte, dando-lhe, como meio de resgatar os seus erros passados, a missão de perseguir, sem descanso, o Visconde Andréia, sir Williams, sir Artur Collins, temível e fatal trindade em um só homem!

XXXII

ENCANTAMENTOS

Até o presente não temos feito, para assim dizer, senão ordenar os fios condutores da vasta trama urdida pelo gênio de sir Williams. Entremos agora na ação, deixando, por vê-

zes, na sombra as duas inteligências superiores: sir Williams e Baccarat, que são como que os dois principais inimigos, os dois adversários, que sustentam um contra o outro a mais encarniçada luta. Não nos preocuparemos com os meios, limitar-nos-emos a narrar os acontecimentos.

.....

Deixamos Fernando Rocher metendo-se na caleche da Turquesa, a qual gritou ao cocheiro:

— Estrada de Paris!

Dali a dois minutos, achava-se o espôso infiel na casa da rua Moncey, em suave colóquio com a loura rapariga de olhos azuis. Eram onze horas da manhã.

A Turquesa estava deitada à oriental, no tapête, com uma almofada debaixo da cabeça, junto de um divã em que Fernando se achava gravemente estendido. A Turquesa sorria-se para êle, sem proferir uma única palavra, e parecendo contemplá-lo, em mudo êxtase, e com uma complacência tôda entusiasmo. De repente, ergueu-se um pouco, apoiou-se no cotovêlo, e assim colocada, fitou Fernando de modo que o perturbava profundamente.

— Há quarenta e oito horas, meu querido Fernando, que vivemos como duas crianças, que se não dão à fadiga de discutir a vida, nem de a aprofundar.

— A vida... respondeu Fernando, a vida é a felicidade, e eu sinto-me feliz... De que serve, por conseguinte, discutir ou aprofundar? Não há nada que resista à análise.

— E' que a felicidade, no meio de Paris, disse a Turquesa em tom triste, tem de ser rgularizada, para que dure.

Fernando fitou-a, parecendo não ter percebido o sentido da frase.

— Olha, prosseguiu ela, a gente mais invejada é incontestavelmente a gente feliz. De modo que os felizes devem esperar, ver discutir a sua felicidade, pelos ociosos e pelos maus.

— E' pura verdade o que dizes! murmurou Fernando, impressionado pela justeza do raciocínio.

— Logo, meu querido Fernando, o mais prudente em tal caso, é esperar tudo, prever tudo e preparar uma defesa, quer

dizer, adotar as precauções necessárias para a conservação da felicidade tão invejada.

— Pelo que me respeita, é inútil, porque te amo...

— Ora! disse ela sorrindo-se, hoje não é amanhã... Hoje estás imerso no orgulho do triunfo, tens a teus pés uma pobre mulher que te ama, que tu obrigaste a sacrificar tudo, a renunciar tudo, que não era, há poucos dias, mais que uma mulher quase sem coração, e que se deu a amar-te, louca e apaixonadamente, não vendo mais ninguém neste mundo...

Fernando pegou na mãozinha da Turquesa e levou-a aos lábios.

— Hoje, prosseguiu ela, és todo chama, bater-te-ias com o próprio D. Quixote, e obriga-lo-ia a proclamar a minha superioridade física e moral sobre a sua Dulcinéia del Toboso...

E a Turquesa mostrou nos lábios finíssimos sorriso de zombaria e de amor indulgente.

— Mas amanhã, continuou ela, amanhã...

— Amanhã, como hoje... disse Fernando.

— Caluda! disse ela, batendo no chão com a ponta do pézinho. Amanhã encontrar-se-á o senhor por acaso... porque o acaso intromete-se com tudo, principalmente com o que diz respeito aos amantes felizes... amanhã encontrar-se-á com os seus amigos, com muitas pessoas que não hão de compreender nem querer que o senhor viva feliz...

— A minha intenção é não me encontrar com pessoa alguma...

— Uns dirão: "Ora, êle tem uma espôsa legítima, encantadora, adorada... e que o adora..."

Fernando estremeceu ouvindo estas palavras da Turquesa; e esta, que jogava naquele momento uma partida decisiva, fitou-o, ao falar assim, com olhos de matar.

— E' como digo... prosseguiu ela, apertando nas suas as mãos de Fernando; o senhor tem uma espôsa... Isto custa a dizer, custa... mas não há nada neste mundo que não tenha termo, meu querido Fernando, principalmente em amor. Salvo, acrescentou ela, cingindo-lhe o pescoço com um braço, quando uma mulher como eu se dá a amar seriamente... como eu te amo!

E os olhos da Turquesa penetraram até o íntimo da alma de Fernando, a quem tinham o dom de enlouquecer.

— Mas como é, prosseguiu a Turquesa, que o amor legítimo, como lhe chamam o amor sancionado pela lei, pode durar sempre? O que é claro é que tua mulher te ama, mas o que também é evidente é que tu já não a amas, por isso que me procuraste, que eorreste atrás de mim, que me obrigaste a voltar para Paris, e que afinal te achas aqui comigo.

Fernando ouvia-a silencioso; ouvia aquela linguagem audaz e não se atrevia a protestar.

A Turquesa compreendia que o único meio de domar, de dominar, de maniar aquêlê homem habituado a viver com sua espôsa, criatura distinta, encantadora, tôda amor nobre e casto pudor, era tornar-se ela a antítese viva de tal mulher.

E tinha razão a Turquesa. O segredo das fraquezas do coração humano reside inteiramente nos contrastes.

A cortesã continuou:

— Por conseguinte, podes estar certo de uma coisa, é que amanhã hás de ser censurado pela sociedade inteira. Ninguém, percebes?... ninguém quererá admitir que tu desprezes uma mulher encantadora a todos os respeitos, por causa de uma mulher como eu.

E a Turquesa acariciou o amante com o olhar e com o sorriso.

— Assim, pois, prosseguiu ela, tracei já o procedimento que convém a cada um de nós. Tu voltas para tua casa esta tarde...

Fernando estremeceu e fitou a Turquesa, com uma espécie de espanto.

— Esta tarde, inventarás um pretexto para justificares ante tua mulher esta ausência de dois dias. Ela acredita-te, ou não; isso pouco importa. O caso é ficares em harmonia com a sociedade. Depois voltarás aqui todos os dias... a tôda hora... Não és tu já, não continuarás a ser o dono desta casa?

E a Turquesa passou a mão pelos cabelos de Fernando.

— Entretanto, querido da minha alma, aproveitemos o nosso último dia de isolamento e ventura. O tempo está lindíssimo; eu mando buscar uma carruagem, e depois do almoço vamos dar uma volta pelo Bosque.

Em seguida, ergueu-se um tanto a cortesã, estendeu a mão para o cordão de uma campainha, e ordenou que lhe servissem o almoço.

Por mais uma hora ainda, acabou a hábil sereia de fascinar Fernando, que estava meio louco; e soube fazer-lhe aceitar antecipadamente um papel vergonhoso. A influência daquela mulher extraordinária era tal, tinha no olhar, no sorriso, na inflexão da voz, um poder magnético tão poderoso, que Fernando curvou a cabeça e estêve por tudo.

Hermínia estava perdida, sem remédio, visto que seu marido acendia voluntariamente a mentir-lhe.

À uma hora, meteram-se Turquesa e Fernando em uma caleche e foram ao Bosque. O trem da cortesã seguiu pela rua d'Amsterdam, atravessou a praça do Havre, e passou pela rua d'Isly. Então não pôde Fernando forrar-te a tal ou qual comoção.

— O melhor, meu Fernando, disse-lhe a Turquesa em tom de zombaria, seria eu deixar-te já à tua porta, porque daqui a dez minutos já não te lembrarias de mim, e eu diligenciaria atordoar-me, pensando que continuavas a viver feliz...

Estas últimas palavras foram pronunciadas com uma voz meio sufocada, que desceu até ao íntimo do coração de Fernando, já profundamente perturbado.

— Não... murmurou êle, em tom de impaciência; não, porque te amo...

E a caleche passou a trote largo, percorreu a Avenida dos Campos Elísios, e chegou ao Bosque de Bolonha, levando o vampiro fêmea e a sua prêsa.

Ora, era exatamente o dia fixado por sir Williams para o encontro que devia efetuar-se entre o Visconde de Cambolh, a cavalo, e Fernando, na caleche da Turquesa, às duas horas, no pavilhão d'Ermenonville.

Logo de manhã recebera a Turquesa um bilhete de sir Williams, prevenindo-a de que havia de reconhecer Rocambole, a quem nunca vira, em primeiro lugar, pelo seu cavalo alasão, e depois por uma certa flor que havia de trazer em uma casa do casaco.

Como sabemos, a Turquesa não quisera nunca explicar-se claramente com Fernando, acêrca do seu passado. O mais que êle poderia saber, fôra ter sido uma pecadora antes de o amar. Ou fôsse pela indolência de homem rico, que não se incomoda com descer a pormenores, ou por extremada deli-

cadeza de amante, que não quer humilhar o objeto amado, Fernando Rocher não fizera a mínima pergunta.

As duas horas chegava a caleche ao pavilhão d'Erme-nonville. Ao mesmo tempo, Rocambole, que estava no seu pôsto, mostrou-se na avenida e aproximou-se da caleche, obrigando o cavalo a fazer as mais graciosas curvetas.

Fernando, que não fazia senão olhar para a Turquesa, a quem achava mais formosa que nunca, não o viu.

De súbito, porém, viu-a empalidecer e estremecer.

— Que tens? perguntou êle.

— Nada... nada... balbuciou a Turquesa, com a voz um tanto alterada.

Ato contínuo ergueu Fernando os olhos, e atentou em Rocambole. O suposto fidalgo sueco estava a dois passos da caleche, e cumprimentou Fernando, deixando cair ao mesmo tempo sôbre a Turquesa um olhar de desprezo.

Aquela inopinada aparição desnor-teou Fernando e fêz-lhe experimentar vago receio.

Rocambole aproximou-se mais, e em seguida efetuou-se a cena de provocação, composta por sir Williams.

A Turquesa, fingindo profunda confusão, ocultara o rosto com as mãos.

Fernando, pálido e prêsa de violentas contrações nervosas, ouviu o Visconde até o fim, sem proferir uma única palavra.

— Sr. Visconde, disse êle afinal, se eu fôsse um desconhecido talvez descesse a explicações, que me parecem ociosas...

O Visconde inclinou-se.

— Creia, Sr. Visconde, que amanhã, a esta mesma hora, há de achar-se inteiramente indenizado.

— Permite-me, então, disse Rocambole, com visível negligência, que me torne agradável a esta senhora?

— Está enganado... retorquiu Fernando, esta senhora não aceita nada sem minha permissão.

— Não, decerto... disse a Turquesa, lançando olhos de desprezo e ódio a Rocambole, o que foi de ótimo efeito para Fernando, reabilitando-a inteiramente no seu espírito.

— Agora, continuou o Visconde, como é de supor, não deixamos de nos tornar a encontrar... Um conhecimento tão bem principiado...

— Deve ter muita continuação, sou da sua opinião... respondeu Fernando, cuja voz tremia de cólera. Por conseguinte, estou inteiramente às suas ordens; mas ainda assim, depois desta senhora me permitir que a desobrigue para com o senhor Visconde. Isto far-se-á amanhã, e depois de amanhã, espero poder pôr-me à sua disposição.

— Devo preveni-lo de que se encontrou com um homem, que chegou esta manhã, e que contava tornar a partir amanhã à noite. A posição em que o senhor me colocou, creio que me confere algumas vantagens.

— Oh!... fêz Fernando.

— Como, por exemplo, a de me bater quando me convenha.

— Quando lhe convier, convém-me igualmente a mim.

— Assim, daqui a oito dias, a esta hora, por que terei chegado de manhã, e poderei enviar-lhe as minhas testemunhas?

— Pois seja assim... disse Fernando, de hoje a oito dias.

E o Visconde cumprimentou cortêsmente a mulher a quem humilhara, picou de esporas e afastou-se.

— Para casa! gritou a Turquesa ao cocheiro.

A caleche voltou em sentido oposto, e seguiu a trote largo, levando Fernando consternado e ébrio de raiva, e a Turquesa, que continuava a ocultar o rosto com as mãos, parecendo achar-se em horrendo martírio. No trajeto do Bosque à rua Moncey não trocaram uma só palavra os dois amantes, que antes se olhavam sorrindo.

Apenas o trem transpôs o portão, apeou-se a Turquesa, e entrou precipitadamente para casa, onde foi refugiar-se em um canto do seu gabinete de toucador. Fernando seguiu-lhe os passos.

A jovem deixou-se cair no sofá em que Fernando estivera sentado naquela mesma manhã, e desatou a chorar.

Por cinco ou seis minutos conservou-se Fernando mudo e imóvel, ouvindo-a chorar, sem lhe dizer uma única palavra de consolação; mas afinal fendeu-se-lhe o coração ouvindo tal soluçar, e inclinando-se para a Turquesa, pegou-lhe na mão, murmurando:

— Jeni!

A Turquesa pareceu estremecer, endireitou-se como mo o som daquela voz fôsse para ela a trombeta do juízo final, fitou-o com extraordinária expressão, e exclamou:

— Vá-se embora... vá-se embora... não quero tornar a vê-lo...

— Ir-me embora!... repetiu êle em tom de terror.

— E' indispensável... disse ela. Foi a primeira vez na minha vida em que fiquei convencida de que sou abominável e indigna criatura... Quero que se vá... porque o amo, e porque sou indigna do seu amor... Vá-se... suplico-lhe que se vá!

E ajoelhou diante de Fernando, na atitude de um condenado a implorar o perdão.

— Vá-se, prosseguiu ela, mas não me amaldiçoe, não me despreze, meu querido Fernando... O senhor é o único homem a quem eu tenho amado... o único que em poucos dias me fêz acreditar na reabilitação da mulher perdida!

E naquele momento era de matar a formosura da Turquesa; o seu olhar meio velado pelas lágrimas não perdera nada do seu poder fascinador; e ela bem sabia que bastava pedir àquele homem que se fôsse, e a esqecesse, para que êle não o fizesse e lhe ajoelhasse aos pés.

Fernando permaneceu silencioso, por muito tempo, imóvel, com os olhos fitos nela, e com a testa coberta de suor frio.

Afinal, pegou-lhe na mão, dizendo-lhe:

— Tiveste razão, prosseguiu êle, porque eu não quero saber do passado, mas unicamente do presente. Esquece-te, Jeni... esquece-te, como eu próprio me esqueço... Eu nada mais sei senão que te amo.

E cingindo-a nos braços apertou-a ao coração.

Depois, de repente, desembaraçou-se Jeni do apaixonado abraço; e então já não chorava, estava fria, resoluta e cheia de dignidade.

— Obrigada, por tanta generosidade, disse ela estendendo a mão a Fernando. E' um nobre coração, e a pobre decaída não o esquecerá nunca. Amo-te, Fernando, amo-te como poderia amar-te uma mulher tão pura quanto eu sou desprezível; e é porque te amo, que adotei a resolução inabalável do não tornar a ver-te. Vai, meu Fernando, volta para tua casa,

recolhe-te ao seio da tua família, junto de tua mulher e de teu filho... Bem basta o ter-te fatalmente afastado da primeira destas afeições! Adeus... esquece-te de mim... mas não me desprezes... Se tu soubesses...

— Nada quero saber, respondeu Fernando, não menos resoluto, não quero saber senão que me amas.

— Ah! sim... disse ela, em um tom que parecia sair-lhe do íntimo da alma.

— Sei que me amas, continuou êle, e que não quero abandonar-te.

E como ela curvasse a cabeça, e deixasse cair uma lágrima ardente na mão de Fernando, prosseguiu êle:

— Amanhã hás de restituir a êsse homem quanto êle te deu... tudo, entendes? Carruagens, cavalos, jóias, títulos de dívida pública... e inclusive a escritura de compra desta casa, de cujo custo há de ser reembolsado sem demora. E daqui a oito dias, concluiu êle, matá-lo-ei.

A Turquesa ergueu súbitamente a cabeça.

As lágrimas estancaram-se-lhe, no rosto transpareceu-lhe a mais triste melancolia, e fitando Fernando, disse-lhe:

— No que me propões há uma coisa que tu não vês...

— O que é? perguntou êle.

— E' que não farei mais do que mudar de condição.

Fernando estremeceu.

— Não continuarei a ser, prosseguiu ela, uma escrava, um cão, um cavalo de estado, uma coisa, enfim?

— Valha-me Deus! murmurou Fernando, fulminado por estas palavras. Mas, em suma, continuou êle, eu amo-te, sei o que és, e o que vales; a meus olhos não serás nunca...

— Sê-lo-ei aos olhos da sociedade, retorquiu ela pausadamente; sê-lo-ei a meus próprios olhos, e é quanto basta!

Depois, como Fernando, deveras aterrado, não tivesse uma só palavra para lhe responder, acrescentou:

— Não tenho nada, e nada posso aceitar de ti, porque és casado, e não podes desposar-me... Adeus... adeus para sempre!...

A TÁBUA DE SALVAÇÃO

A Turquesa falava com veemência, e cada uma das suas palavras, hábilmente calculadas, penetrava no coração de Fernando Rocher, como a ponta de um punhal. Aquela mulher, que fôra tão profundamente humilhada, tinha certo direito de ostentar semelhante linguagem; pelo menos assim o pensou Fernando muito ingênuamente, ficando por isso como que fulminado. O certo é que quando um homem chega a amar tão violentamente uma criatura decaída, como a Turquesa, deixam de existir para êle o raciocínio e a lógica.

Fernando ajoelhou, e desatou a soluçar como uma criança. Então murmurou-lhe a Turquesa ao ouvi-lo:

— Não queres deixar-me e renunciar ao meu amor?

— Não, porque morreria!

— Sendo assim...

Estas palavras, as únicas que proferiu, foram para Fernando como que o cantinho do céu azul que aparece ao naufrago durante a tempestade.

— Sendo assim?... repetiu êle no auge da ansiedade.

— Sendo assim? prosseguiu ela, se aceitar tôdas as minhas condições... talvez que aceda.

— Dize... dize... aceito tudo.

— Olha, Fernando, prosseguiu a Turquesa com voz grave e ao mesmo tempo meiga, antes de me lançar às cegas no abismo em que me vês, fui uma mulher honesta; pertenci à sociedade que hoje me repele. Aos dezesseis anos fizeram-me casar com um homem idoso, com um velho devasso que me perverteu a mocidade, que me dissipou uma a uma tôdas as ilusões. Êsse homem devorou-me quase inteiramente o dote. Contudo, no dia em que fugi de casa dêle, consegui levar comigo um modesto capital, que eram os tristes despojos do meu naufrágio, dez mil francos.

A Turquesa disse êste algarismo no tom orgulhoso de um milicnário calculando os seus haveres.

— Êstes dez mil francos ainda hoje os possuo, prosseguiu ela, e redem-me quinhentos francos. Esta soma é minha, muito minha, e não tem origem vergonhosa. Há quatro anos

tenho-lhe deixado acumular o rendimento, de modo que o possuo, além do capital, mais dois mil francos...

— E então? perguntou Fernando.

— Então?!... Quer isto dizer que sou rica!

Em seguida pegou nas mãos de Fernando e o sorriso asomou-lhe aos lábios, dando-lhe a fisionomia travessa de uma menina manifestando as suas primeiras esperanças de amor.

— Pois não percebes? Olha... Há em Paris muitas mulheres, pobres costureiras, que vivem do seu trabalho, e que se dariam por muito felizes se possuíssem metade do que eu possuo. Ora, eu fui educada em Saint-Denis, aprendi a bordar em todos os gêneros, por conseguinte posso ganhar três francos por dia, quer dizer, mil francos por ano; os quais, juntos ao que já tenho, completarão um rendimento de mil e quinhentos francos.

— Oh! exclamou Fernando. Havias de viver com mil e quinhentos francos? Isso nunca.

— E que feliz me julgaria por possuir ainda em cima o amor do meu querido Fernando! Pois não percebes, concluiu ela, com um impulso de entusiasmo, que poderei então amar-te, amar-te livremente?

Fernando curvou a cabeça e não respondeu.

— Olha, que a tua Jeni, querido da minha alma, é extremamente teimosa. Isto faz ou não faz conta... ou então separamo-nos para sempre, e recolherei-me hoje mesmo a um convento.

Fernando estremeceu.

— O senhor há de obedecer-me, e fazer tudo que a sua Jeni quiser.

— Obedecerei... murmurou êle, vencido.

— Logo, principia a obedecer-me imediatamente, não é assim?

— Quero, primeiro que tudo, que vás para a casa...

O mancebo estremeceu, e lembrou-se de Hermínia, que decerto o chorava já como morto.

— Depois, voltarás aqui amanhã.

— Mas... quis Fernando objetar.

— Não há mas, nem meio mas... é a minha vontade... disse ela batendo no chão com o lindo pêzinho, e encrespando as sobrancelhas.

E como Fernando insistisse ainda, mostrou ela a persuasiva eloquência da mulher em todo o seu poder sedutor, e Fernando acedeu a retirar-se.

— Até que enfim!... murmurou a Turquesa, apenas êle desapareceu: Não há que duvidar, está em meu poder... Amanhã é capaz de dar cabo de quanto tem por minha causa. São asnos os homens.

XXXIV

REGRESSO AO LAR DOMÉSTICO

Hermínia, como sabemos, vendo regressar Sara, a égua predileta de Fernando, coberta de suor, sem o seu cavaleiro, e conduzida por um desconhecido que a trazia d'Étampes; Hermínia, dizemos nós, esquecera-se de tôdas as conveniências para correr à casa do Conde de Chateau-Mailly, pessoa em quem depositava confiança.

O Conde esperava a visita; e no momento em que a pobre senhora mandava parar a carruagem à porta dêle, afastava-se dali outra carruagem levando sir Artur Collins. Sir Artur anunciara ao Conde a próxima visita da Sra. Rocher, porque já sabia ter a égua árabe chegado à rua d'Isly.

O Conde, como sedutor que sabe do seu officio, assestou as baterias em um abrir e fechar de olhos. Soube dar à fisionomia um cunho de tristeza e de dignidade suprema, vestiu um traço caseiro, mas em extremo apurado, e conservou-se na sala de fumar, que era a mais deliciosa da sua residência.

Era pois ali que êle esperava, cheio de fé nas palavras de sir Artur Collins, que havia poucos minutos se retirara, quando ouviu soar a campainha. A campainha fôra tocada com timidez, e ao mesmo tempo com precipitação; e, para ouvidos excitados, pareceu denunciar a agitação nervosa da mão que a fizera soar.

— E' ela! pensou o Conde, cujo coração entrou a palpar com violência.

Ouvindo o som da campainha, experimentou o Sr. de Chateau-Mailly um estremecimento que lhe deu a entender ser Hermínia quem ia ao seu encontro. Com efeito, ato contínuo entrou na sala o criado.

— Quem é? perguntou o Sr. de Chateau-Mailly com voz pouco segura.

— E' uma senhora, que entrou já para a sala, e que deseja falar a V. Exa.

— Conhece-a?

— Não sei, Sr. Conde.

— O quê?!... Não sabes?

— Não sei, porque traz um véu muito denso.

— Manda-a entrar para aqui, disse o Conde.

Em seguida entrou a senhora desconhecida.

O Conde mostrou-se então fortíssimo; pareceu não adivinhar quem pudesse ser a sua visita, manifestando no rosto profundo assombro, sem perder, contudo, o tom de intensa melancolia.

Hermínia, porém, mal o criado se retirou, ergueu o véu, e o Sr. Conde de Chateau-Mailly soltou uma exclamação de assombro:

— A senhora aqui!

Hermínia estava extraordinariamente pálida; e depois de erguer o véu, permaneceu imóvel.

— Minha senhora, disse êle, pegando-lhe na mão, perdoe-me o recebê-la assim... e nesta sala, acrescentou o Conde em um tom de cortesia que pareceu naturalíssimo à pobre senhora. Mas eu estava muito longe de pensar... de supor...

— Sr. Conde, disse Hermínia, deixando-se cair em uma cadeira, vim procurá-lo como se procura uma pessoa amiga...

— Obrigado... obrigado! murmurou êle com voz levemente alterada.

Depois, e de repente, pareceu arrepender-se da alegria que patenteara, e exclamou:

— Mas, valha-me Deus! o que foi que sucedeu?

— Êle partiu... disse Hermínia.

Estas palavras saíram-lhe dos lábios, e ressoaram lúgubres, como se tivessem sido o grito supremo de um coração despedaçado.

— Partiu! disse o Conde.

— E' verdade... repetiu ela. Ontem, às oito horas, voltou para casa da tal mulher...

O Sr. de Chateau-Mailly, já então senhor de si, julgou convenientemente soltar um grito de surpresa e indignação,

apesar de saber já perfeitamente quanto ocorrera, não deixando afinal de acrescentar:

— E' impossível, minha senhora... isso não pode ser... Foi ela quem partiu.

Hermínia abanou a cabeça.

— Exigi-lhe eu que partisse, prosseguiu o Sr. de Chateau-Mailly, de sorte que hoje deve ir já a caminho da Itália.

Hermínia soltou um grito de angústia indizível e balbuciou:

— Mas... então, partiu com ela!

E trêmula, prostrada, prestes a desmaiar, teve contudo força para contar ao Sr. de Chateau-Mailly como Sara, a égua árabe fôra conduzida a casa, vinda de Étampes, onde Fernando a confiara a um moço.

Durante esta narração, o Conde, fiel ao papel traçado por sir Williams, interrompeu por muitas vezes Hermínia com exclamações de espanto e dor. Depois, erguendo-se repentinamente, e como que dominado por súbita inspiração, acrescentou:

— Eu, minha senhora, jurei ser-lhe prestável, restituir-lhe seu marido, e hei de cumprir a minha promessa. Se êle partiu, se saiu de Paris com aquela abominável criatura, corererei após êle, e obrigá-lo-ei a retroceder...

O Conde falava com calor, com entusiasmo, qual paladino tomando o infortúnio sob a sua proteção...

Os olhos de Hermínia, que acreditava cegamente nêle, estavam-lhe suspensos dos lábios.

— Diga-me, minha senhora, uma vez que veio aqui, uma vez que confiou na minha honra, na minha lealdade para transpor a porta desta casa, está resolvida a prosseguir até onde fôr necessário, não é assim?

O Conde tremia falando assim, e Hermínia fitava-o com uma expressão de assombro, que pintava muito eloquentemente a pureza da sua alma.

Não o entendia.

— V. Ex. não tem dúvida de se demorar aqui por uma ou duas horas, até que eu volte, não é assim?... E' indispensável que eu saiba a verdade quanto antes, e por isso vou já...

A pobre senhora teve no mesmo instante vaga esperança.

— Ficarei... asseverou ela em tom de submissão.

O Conde tocou a campainha.

— Abaixei o véu, minha senhora... — observou êle com muita vivacidade. Ninguém suspeitará da mulher de César.

Hermínia obedeceu. No mesmo instante entreabriu a porta o criado do Conde.

— João, avisou o Sr. de Chateau-Mailly, não estou em casa para ninguém.

O criado inclinou-se.

— Manda aparelhar o carro imediatamente.

O criado retirou-se, o Sr. Chateau-Mailly foi ao seu gabinete de vestir, e vestiu-se rapidamente.

Ficando só, ocultara Hermínia o rosto com as mãos; desatara a chorar. O Conde não estava separado dela senão por uma porta meio cerrada e por um reposteiro corrido; por isso ouviu-lhe os soluços e sentiu-se realmente comovido.

Por um momento, o Conde de Chateau-Mailly, o leal gentil-homem, perguntou a si mesmo, ouvindo chorar aquela mulher, se não seria uma coisa vergonhosa e indigna dêle a abominável comédia que estava representando. Um momento dominado pelo instinto de retidão, que lhe era peculiar, lembrou-se de ajoelhar aos pés da Sra. Rocher, de lhe confessar a sua infâmia, e de lhe pedir humildemente perdão. Mas, em primeiro lugar, pensou o Conde que o homem que decaí no conceito de uma mulher do pedestal cavalheiroso em que se colocou, e ousa convir que mentiu, está perdido irremissivelmente; torna-se para sempre merecedor do desprezo dessa mulher. Depois refletiu no seu pacto com sir Artur Collins, com o fleumático, o corado cavalheiro, único que podia obstar ao casamento do idoso Duque, seu tio, com a Sra. Malassis. E, ante êstes dois obstáculos imperiosos, desvaneceram-se os bons sentimentos que se haviam agitado no coração do Conde pelo espaço de alguns minutos. Caminharia, portanto, até ao fim; desempenharia o seu papel conscienciosamente.

Assim, pois, saiu do gabinete, mostrando, no traço desalinhado a precipitação com que se vestira. Era comediante emérito.

— Minha senhora, disse êle pegando novamente na mão de Hermínia e beijando-a respeitosamente, não corro, vôo. Estarei de volta em menos de uma hora.

E saiu.

Só quando ouviu o rodar do carro e o ruído do portão, quando o fecharam após a saída do carro, é que a Sra. Rocher, cessando enfim de chorar, relanceou os olhos em torno de si, e teve por assim dizer, consciência da situação em que se achava. Estava em casa de um homem, que não era seu pai, seu espôso, ou seu irmão, e com quem não tinha o mínimo parentesco. Aquêlê homem, a quem oito dias antes não conhecia, estava já tão intimamente ligado ao seu destino, que a fazia achar-se só em casa dêle. Então é que Hermínia estremeceu e teve o desejo de fugir.

O Conde era sem dúvida um fidalgo leal, mas, enfim, Hermínia era mulher, e, com quanto vagamente, percebia ter inspirado amor àquêlê homem. Quando assim pensou, quase chegou a esquecer-se do motivo que ali fôra, e da razão por que o Conde a deixara só; lembrou-se de fugir precipitadamente, teve mêdo: retirando-se de onde estava, tornaria porventura a ver Fernando? Foi êste o último pensamento da pobre senhora. Deixou-se, portanto, estar.

Não há mulher em que não resida certa curiosidade, que consegue suplantar as mais sérias e penosas preocupações. Quando Hermínia resolveu ficar, diligenciou iludir a própria impaciência, procurando para os olhos e para o espírito uma distração, qualquer que fôsse. Primeiro examinou o lugar em que se achava, a elegante sala de fumar, com as paredes forradas de um estôfo oriental de côres vivíssimas, na qual mão artista e inteligente parecia ter acumulado tôda espécie de obras-primas.

Eram, em primeiro lugar, quadros de mestre, pequeníssimos, com molduras de carvalho e pertencentes à escola flamenga devidos ao pincel de Hobbema de Ruydal, e de Teniérs, e depois grande profusão de bronzes de subido valor; sôbre uma banquinha colocada por debaixo de um espelho de Veneza estava um barro de Devi, na frente um busto de mármore branco. Êste busto, primeiro objeto que atraiu a atenção da Sra. Rocher, representava uma atriz muito conhecida, que amara loucamente o Conde durante um ou dois meses, máximo período que pode durar o amor de uma atriz.

Em um canto, à direita do fogão, Hermínia, que se levantara para percorrer a sala, notou um retrato, uma cabeça

loura, de dezesseis anos, de fisionomia travessa e risonha. Ao lado do retrato, estava um medalhão, miniatura deliciosa, representando igualmente outra cabeça de mulher, mas esta morena, de feições acentuadas, acusando origem espanhola, e cuja beleza era sobremodo grave, e quase fatídica. Estas três cabeças, o busto e os dois retratos, impressionaram extraordinariamente Hermínia, despertando-lhe no íntimo, e sem que ela atentasse em tal, uma das singularidades mais curiosas do coração feminino.

Hermínia fôra à casa do Conde, que lhe era indiferente, para implorar o seu apoio, e pedir que restituisse o marido; ainda mais: Hermínia amava êste último loucamente, e por modo tão exclusivo, que não era possível achar-lhe lugar no dolorido coração qualquer outro pensamento de amor. Pois, apesar disto tudo, aquelas três recordações do viver de solteiro do Conde suscitaram-lhe uma espécie de impaciência, um não sei quê, que não era ainda ciúme e contudo, se lhe assemelhava muito. Achou inconveniente que o Conde lhe recebesse a visita em uma casa tôda povoada das suas recordações amorosas, não se lembrando já, pobre mulher! que o Sr. de Chateau-Mailly não podia esperar vê-la ali, e que até mostrara a maior admiração pelo seu aparecimento.

Decorreu uma hora, e no decurso dela a Sra. Rocher, sem deixar de aplicar o ouvido ao mínimo ruído, continuou a examinar os objetos circunstantes. De repente ouviu-se o rodar de uma carruagem, e Hermínia, novamente empolgada pelos seus dolorosos pensamentos, deixou-se cair na cadeira em que estava pouco antes, temendo ver entrar o Sr. de Chateau-Mailly, dizendo:

— Partiu!

Era o Conde, com efeito.

Hermínia lançou-lhe olhos com que parecia querer ler-lhe no íntimo da alma, e não teve ânimo para articular uma única palavra.

— Seu marido, minha senhora, revelou o Conde com extrema vivacidade, está em Paris.

Hermínia soltou um grito de alegria.

— Está em Paris; e hei de restitui-lo.

— Hoje mesmo, não é assim?

— Hoje não, amanhã... Hoje não me interrogue, porque nada lhe posso dizer.

Hermínia curvou a fronte, e de novo as lágrimas lhe sulcaram as faces.

Então ajoelhou-lhe aos pés o Sr. de Chateau-Mailly, murmurando ao mesmo tempo:

— Pobre senhora!... Que amor lhe tem!

Mas o Conde proferiu isto com voz trêmula entrecortada, que parecia revelar um sofrimento interior sem igual, e que penetrou até ao íntimo do coração da pobre senhora levado a perturbação e o remorso.

— Também êle me ama... pensou Hermínia; também êle padece por minha causa!

— V. Ex. veio aqui, prosseguiu o Conde, parecendo fazer um esforço sôbre si mesmo, e dominar a comoção que o dominava; e vir aqui foi talvez aos olhos da sociedade uma grande imprudência; não obstante, tem de voltar amanhã de tarde, às quatro horas...

— Voltarei... respondeu Hermínia com submissão.

E depois de sair, disse o Conde para consigo:

— Antes de um mês, esta pobre mulher vai amar-me loucamente... Não tem que ver, aquêle chamado Artur Collins conhece profundamente o coração humano.

Após esta reflexão, acendeu o Conde, filosoficamente, um charuto.

XVI

O GOLPE FATAL

A Sra. Rocher voltou para casa prêsa de dor surda, silenciosa, que deixa os olhos vermelhos e enxutos.

Sua mãe não a interrogou. A Sra. Beaupréau compreendera haver doença da alma, que mais se irrita do que se suaviza com quaisquer consolações.

Hermínia passou o resto do dia só, encerrada no seu gabinete de toucador, entregue às mais amargas reflexões, acerca da sua felicidade destruída. Muda, imóvel, junto do seu filho, viu escoar-se a noite, esperando ainda ver regressar o

marido. Mas a noite passou, passou parte da manhã e Fernando não apareceu.

Hermínia não se atrevia a interrogar os criados, não ousava abrir-se com sua mãe, porque o Sr. de Chateau-Mailly lhe recomendara expressamente que não confiasse em quem quer que fôsse; e Hermínia acreditava cegamente no Sr. de Chateau-Mailly.

Do meio-dia em diante, contou a pobre senhora as horas que a separavam ainda daquela em que tornaria a ver o Conde. À medida que esta hora se aproximava, mais apressadamente lhe palpitava o coração, por efeito de comoção tão desconhecida e extravagante, que quase lhe tornava Fernando uma pessoa estranha.

No último momento hesitou em ir à casa do Conde, como na véspera hesitara em sair de lá. Não obstante, era indispensável que fôsse, se queria ter notícias de seu marido. A êste último pensamento resolveu ir. Saiu de casa, a pé, meteu-se no primeiro fiacre que encontrou e mandou rodar para a rua Laffitte.

Quando subia a escada do n. 41, soavam quatro horas.

Na véspera, fôra Hermínia à casa do Conde sem a mínima esperança, com a morte no coração, sem querer saber, de si, nem da sua reputação, e voltava lá animada de frouxíssima esperança, e amparada apenas pelas promessas do Conde. Contudo, o coração palpitava-lhe com mais fôrça, e parecia ouvir uma voz a dizer-lhe que estava antecipadamente perdida. Puxou afinal o cordão da campainha e foi o próprio Conde quem lhe abriu a porta.

Por um excesso de delicadeza, que Hermínia devia entender, o Conde ordenara aos criados que fossem passear; não quisera infligir a Hermínia o suplício de ter de corar na presença de lacaios.

O Conde pegou na mão de Hermínia, fê-la entrar.

— Estou só, falou êle em voz baixa; ninguém a viu entrar, ninguém a verá sair.

Daquela vez conduziu-a à sala, e convidou-a a sentar-se junto do fogão, sentando-se êle a uma distância respeitosa.

Para a mulher que ama, não há no mundo senão um só homem. Hermínia amava Fernando, logo, mal olhara para o Sr. de Chateau-Mailly; pois, naquele dia, não pôde abster-se

de um movimento de curiosidade: examinou-o com a rapidez que basta à mulher para julgar um homem física e quase moralmente, e confessou a si própria ser o Conde digno talvez do amor de uma mulher, tanto pela nobreza do seu caráter, como pela sua beleza física.

— Minha senhora, adiantou êle, posso dar-lhe os mais minuciosos pormenores do procedimento e situação de seu espôso.

— Fale, Sr. Conde, fale... murmurou ela; tenho já padecido tanto que hei de ter força para padecer ainda mais...

— V. Ex. é um nobre caráter, replicou êle, e Deus há de levar-lhe em conta o vigor da sua alma; tenha fé no futuro, minha senhora, não está tudo perdido ainda.

— Que diz, Sr. Conde? perguntou ela visivelmente comovida. Julga que êle possa ainda amar-me?

— Talvez...

O Conde pronunciou esta palavra em um tom de dúvida, que impressionou Hermínia extraordinariamente.

— Ouça-me, minha senhora, prosseguiu o Sr. de Chateau-Mailly, mas tenha ânimo... Eu tinha obtido, da abominável criatura que prende seu marido, que saísse de Paris; e, com efeito, anteontem, de manhã, chegou ela a meter-se em uma carruagem de posta. Mas, que quer! O acaso tem as mais singulares e horrendas traições. No momento em que ela atravessava o bulevar, na altura da Madalena, encontrou-se com o Sr. Rocher, que andava dando o seu passeio a cavalo. A Turquesa seguiu o seu caminho sem lhe dizer adeus, sem mesmo dar mostras de o ter visto, ordenando em seguida ao postilhão que fôsse o mais depressa possível. Mas, o Sr. Rocher viu-a, deitou a correr atrás dela até Étampes, onde conseguiu alcançá-la; e em Étampes, lançou-se aos pés como um louco, e chorando como uma criança.

Pobre senhora! murmurou o Conde.

Em seguida pegou na mão de Hermínia, e beijou-a.

— Depois voltou a Turquesa para Paris com o Sr. Rocher, que está em casa dela. O que Turquesa, porém, jurou, é que o não prenderá por muito tempo.

— O Sr. Conde falou-lhe? perguntou Hermínia, tremendo.

— Falei, esta manhã.

— E... a êle?

O Conde abanou a cabeça.

— Bem vê que seria uma imprudência. Podia perder repentinamente a influência quase despótica que o acaso, e uma série de revelações abomináveis, me deram no espirito daquela mulher.

— Ela, então, fá-lo-á retirar-se?

— Esta mesma noite.

Hermínia sentiu um acesso de alegria, que lhe transpareceu imediatamente nos olhos.

Mas não foi mais que um relâmpago; em seguida baixou os olhos, e suspirou, sulcando-lhe ao mesmo tempo as faces duas lágrimas.

— Uma vez que a ama, concluiu Hermínia, há de voltar para ela!

Era aquela, ou não surgiria nunca, para o Sr. de Chateau-Mailly, a ocasião de ajoelhar aos pés da Sra. Rocher; e êle não faltou ao seu papel...

Ajoelhou.

— Minha senhora, murmurou êle, com a voz triste, entrecortada, que na véspera tanto impressionara Hermínia, que poderei eu responder a semelhante pergunta, senão que seu marido seria o homem mais insensato se não amasse V. Exa.?

E como chorasse ela silenciosamente, prosseguiu o Conde:

Eu não sei... mas parece-me que o homem feliz, bastante protegido do céu, para ser amado por uma senhora como V. Ex., deveria passar a vida, que lhe pudesse consagrar tôdas as horas, todos os minutos.

Apesar do seu padecer, e da prostração em que se achava, não pôde a Sra. Rocher abster-se de estremecer e corar, ouvindo aquelas palavras, pronunciadas com voz perturbada e trêmula, e retirou vivamente a mão, que o Conde lhe apertava entre as suas.

O Sr. de Chateau-Mailly compreendeu que não devia adiantar-se mais naquele dia, sob pena de ver desvanecer-se a confiança que Hermínia depositava nêle. Ergueu-se, portanto, e prosseguiu com voz mais serena:

— Eu, minha senhora, tenho a convicção de que seu marido, esclarecido mais cedo ou mais tarde, acêrca da infâmia daquela mulher, envergonhar-se-á do seu procedimento, senti-

rá remorsos e irá ajoelhar-se aos pés de V. Exa. pedindo-lhe perdão.

— Se o Sr. Conde dissesse a verdade! exclamou ela, com um impulso de alegria egoísta.

O Conde suspirou, e o suspiro dêle despedaçou o coração de Hermínia, que compreendeu ter feito mal ao Conde com aquela expansão de alegria.

— Perdoe-me, balbuciou ela estendendo-lhe a mão, sou uma louca...

— Pobre senhora! repetiu êle, em um tom impossível de se explicar. Agora, prosseguiu o Conde, pensemos na senhora, e, em vez de nos estarmos a contristar, diligenciemos defendê-la das eventualidades do futuro. E' necessário cuidar de seu filho.

Estas palavras fizeram estremecer a Sra. Rocher.

— Eu sei que a senhora possui riqueza colossal, continuou o Conde, uma riqueza das que resiste a tudo, mesmo ao dente daninho de uma cortesã. Contudo, minha senhora, não tem direito de a deixar diminuir, ainda que fôsse na mínima parte... porque deve lembrar-se de seu filho.

Hermínia fitou o Conde, cuja fisionomia respirava naquele momento a mais inteira franqueza. O sedutor não estava já no seu papel, e, falando assim, deixava-se abertamente guiar pela nobreza nativa do seu caráter. Além disso, sir Williams, demasiado prudente para entregar o seu segredo, não deixara entrever ao Conde senão o fato do amante apaixonado e repellido, o baronete sir Artur Collins meditando a derrota da mulher que lhe resistira, e não o homem sequeioso de vingança, que se serve de um instrumento vil, tal como uma cortesã, para empobrecer uma família.

Nunca nenhum homem se apresentara a uma mulher sob aspecto mais cavalheiresco e lisonjeiro.

Aquêle homem, que a amava, em vez de falar ao seu próprio amor, diligenciava, pelo contrário, restituir-lhe o espôso infiel e suplicava-lhe que pensasse no futuro de seu filho.

O Sr. de Chateau-Mailly, talvez sem o suspeitar, fizera vibrar na Sra. Rocher a corda mais sensível; falara-lhe no filho. Assim a pobre Hermínia não pôde reprimir um impulso de generosa simpatia, dos que só pertencem à mulher, e estendeu a mão ao Sr. de Chateau-Mailly.

— O Sr. Conde tem um nobre coração!

— Eu assim o creio, disse êle, e vou intentar provar.

Depois, permaneceu por um momento pensativo, e proseguiu:

— Seu marido há de voltar para sua casa hoje mesmo. Talvez lá o encontre quando chegar...

— Jesus! exclamou Hermínia, se êle viesse a saber...

— Não há de saber nada. Prepare-se para ouvir explicar-lhe a sua ausência com uma série de mentiras intrincadas, finja acreditá-lo; mostre-se o mais meiga possível... apresente-se resignada... O tempo é o melhor dos médicos, e seu marido há de tornar a ser como antigamente.

— Infelizmente assim é... contudo...

O Conde deteve-se, como se quisesa pesar as palavras, e medindo-lhes o alcance.

— Contudo, o amor, que não tem por base a estima, não pode durar muito tempo... No dia em que êle reconhecer a infâmia daquela mulher...

— Mas, observou a Sra. Rocher, quem lhe mostrará, quem lhe fará tocar com o dedo essa infâmia?

— Eu.

Esta única palavra foi articulada tão friamente, que a Sra. Rocher não duvidou um instante da convicção profunda do Sr. de Chateau-Mailly.

— O de que necessitamos para chegar a êsse resultado é, a mim, tempo, e a V. Ex. coragem e resignação.

— Hei de tê-las, Sr. Conde, hei de tê-las, por amor de meu filho.

— Adeus, confie em mim... Sou deveras seu amigo...

O Conde pronunciou esta última palavra com dificuldade, como se ela lhe arranhara a garganta, e, mais uma vez, estremeceu Hermínia, sentindo-se perturbada até o mais íntimo do coração. Ela bem o via: O Sr. de Chateau-Mailly amava-a.

— Tornarei a vê-la em breve? perguntou-lhe quase em segredo, e a tremer, enquanto a ia acompanhando até à porta.

— De certo... balbuciou ela, corando... se fôr necessário...

E viu empalidecer o Conde.

— Perdoe-me (desculpou-se ela); sou egoista, não penso senão em mim!... e nêle.

— Nada tenho a perdoar-lhe, minha senhora... Se vier a necessitar de mim, se julgar que nada poderei fazer só, ou se desejar saber o que eu tiver feito, escreva-me, e verá... Não sou eu um tanto seu irmão?

E, apertando-lhe a mão, comprimiu um suspiro, e acompanhou-a até à porta da rua.

A Sra. Rocher regressou a casa mais inquieta e mais perturbada do que estava na véspera, contudo, o Conde afirmara-lhe que ia tornar a ver seu marido.

Qual a razão, pois, de uma perturbação e a que Fernando era inteiramente alheio?

E' que sir Williams era profundo observador do coração humano, era um homem que calculava o futuro matematicamente, tomando por ponto de partida a fraqueza da mulher, e os efeitos da sua desesperação. Hermínia amava seu marido; mas, não pensando então nêle, adorando-o exclusivamente, não pudera, contudo, abster-se de estabelecer um paralelo entre êle e o Sr. de Chateau-Mailly, entre o homem a quem ela dera a riqueza de um príncipe, a quem não deixara de amar um dia, um minuto sequer no decurso de quatro anos, em cuja inocência acreditara quando todos o julgavam culpado, e que a abandonara covardemente por uma cortesã, sem sombras de vergonha, por uma mulher sem pudor, à qual sacrificava antecipadamente a ventura da sua casa, o sossêgo do seu lar, e talvez o futuro do seu filho; e aquêle outro, que a amara com a necessária abnegação para se pôr completamente de parte, apesar de só pensar "nela"; aquêlê homem, que se tornara seu conselheiro, seu protetor... que não pedia nada, e que sofreria em silêncio se acaso a chegasse a ver feliz.

E, quando uma mulher reconhece em um homem superioridade moral, êsse homem está muito perto de ser amado.

Hermínia apeou-se do fiacre, à entrada da rua d'Isly, e dirigiu-se para casa a pé. O criado de Fernando, que se achava só no limiar da tal portinha-travessa, comunicou-lhe, apenas ela se aproximou:

— O senhor já chegou.

Hermínia sentiu horrível pancada no coração.

Não efeito de alegria, mas de terror.

Parecera-lhe a ela, mulher casta e pura, e ela, que não se arriscara a um passo perigoso senão pelo amor que lhe dedicava, que aquêlê homem culpado, indigno já da sua afeição e do seu amor, iria pedir-lhe contas do seu procedimento, e erguer para ela os olhos severos de um juiz.

Não succedeu, porém, assim.

Fernando estava na sala, brincando com o filho, quando Hermínia entrou. A criancinha rolava no tapête, rindo a bom rir; e Fernando contemplava-a com alegria serena que denunciava sempre o orgulho da paternidade.

Hermínia, que cambaleava a cada passo, entrara nos bicos dos pés, pálida, agitada e sem voz. A porta estava entreaberta, e o tapête era muito denso; Fernando estava de costas para a porta, e não ouviu os passos da espôsa. Hermínia detivera-se no limiar da porta.

Aquele pai, brincando com o filhinho, aquêlê pai pródigo regressando ao seio da família, não seria a personificação do arrependimento? Não seria o restabelecimento da felicidade?

Hermínia assim o acreditou por um momento, e, permanecendo imóvel, esperou que Fernando se voltasse.

Com efeito, ao cabo de poucos minutos voltou-se.

— Ah!... (perguntou êle em tom de surpresa), estavas aí?

E o seu aspecto era risonho e tranqüilo. Hermínia julgou ter sido tudo um sonho.

— Estavas aí minha querida Hermínia? repertiu.

E deu um passo para ela.

Hermínia soltou um grito de alegria, esqueceu-se pela segunda vez de todos os seus tormentos, e lançou-se-lhe nos braços.

— Santo Deus! estranhou Fernando com a maior serenidade, que tens tu?

— Torno, enfim, a ver-te! murmurou ela estremecendo de alegria.

Mas Fernando não perdeu um ápice da sua tranqüillidade.

— Com a fortuna! falou êle sorrindo; então julgavas ter eu desaparecido da superfície da terra?

Estas palavras impressionaram a Sra. Rocher, que ficou estupefata. Não pôde dizer uma única palavra; não fez mais do que olhar para seu marido.

Fernando prosseguiu:

— E' verdade que me ausentei sem te prevenir, e confesso que procedi mal...

E, fazendo uma pausa, mostrou nos lábios um sorriso.

— Mas, concluiu êle, fica certa de que não tornará a succeder tal.

A Sra. Rocher iludiu-se com o sentido destas palavras. Julgou que seu marido se arrependera, e que o seu desejo era subtrair-se a confissões demasiadamente custosas, limitando-se, portanto, a implorar a sua indulgência.

— Deveras!

— Sem dúvida, respondeu êle; porque estiveste, por força, com muito cuidado em mim.

Fernando proferiu estas palavras friamente, tão friamente, que sua mulher experimentou absoluta reação, semelhante à que faz gelar repentinamente o sorriso nos lábios e suspende os impulsos do coração, como a mola quebrando suspende o movimento de um relógio.

— Com efeito, continuou êle, duas fugidas, em dez dias, é demasiado... Bati-me como qualquer rapaz, que só pensa em si sem querer saber do que lhe fica atrás; e antes de ontem saía como um homem que tenciona vir almoçar em casa, e percorri trinta léguas.

Fernando dizia isto tudo com tal desembaraço, que a esposa o ouviu no auge do assombro.

— Ah! interrogou ela enfim, percorreste trinta léguas?

— Percorri... Foi uma imprudência.

E acrescentou sorrindo:

— Consequência de uma aposta.

A Sra. Rocher olhava para o marido, e estremezia profundamente. Era evidente que Fernando mentia.

Se êle balbuciasse, se intentasse disfarçar a verdade com o ingênuo embaraço, e o acanhamento próprio de um homem que não está habituado a mentir, e que se vê a isso obrigado pela mais imperiosa necessidade... Mas Fernando mentia firmemente, sem vergonha, como um lacaio de comédia que tem o papel estudado; mentia com o aprumo da própria Turquesa,

que parecia estar dando-lhe ao ouvido cada uma das palavras que êle proferia.

— Foi uma aposta... uma aposta estúpida, que ia custando a vida à pobre Sara.

— Ah!... tornou Hermínia, perfeitamente distraída.

— Imagina que encontrei o Visconde d'A... sabes? conhecimento da Marche e de Chantilly. O Visconde montava um cavalo inglês, que correu em Epsom e em Newmarket e eu montava Sara. Encontramo-nos na rua Royale. O Visconde pretendeu ser Sara menos veloz que o seu cavalo; eu sustentei o contrário, e o resultado da contestação foi uma aposta de vinte e cinco luíses. Estabelecemos que a corrida fôsse até Étampes, e partimos. Eu cheguei primeiro, mas por pouco não faço rebentar a pobre Sara. Depois, a corrida, assim desenfreada, quebrou-me o corpo por tal modo que estive perto de trinta horas dormindo. Tinha ficado literalmente moído. Aqui tens, pois, o segrêdo da minha fugida; que te parece?

— Mas... opôs Hermínia, com uma tranqüillidade súbita, que ela parecia haurir no âmago da sua dor.

— Repito que me arrependo (acrescentou êle), só por causa do cuidado que tiveste em mim.

— Isso não... corrigiu sêcamente Hermínia; então não tive notícias tuas pelo homem que trouxe a égua?

— Ah! lembrou Fernando perturbando-se, falaste-lhe?

— Falei.

— E que te disse êle?

— Que lhe tinhas entregue a égua em Étampes.

— Mais nada?

— Mais nada!

Hermínia fizera um esforço verdadeiramente heróico para mentir; mas o que lhe dava força era o cruel sangue frio de seu marido.

Fernando, êsse, respirou.

— Embora! Foi uma grande loucura que cometi. Devia ter-te prevenido... ou antes, olha, façamos uma coisa, que será mais simples... Combinemos entre nós que me desculparás antecipadamente as minhas loucuras de hipomaniaco; e que te não assustarás quando eu vier tarde... ou mesmo...

E hesitou por um momento.

— Ou mesmo?... perguntou Hermínia.

— Ou mesmo quando não venha... concluiu Fernando com o maior desembaraço.

— Como quizeres... respondeu a Sra. Rocher, em cujo coração naquele momento se despedaçara o que quer que fôsse, e cuja voz vibrou como o timbre sêco e regular de um relógio.

Hermínia ainda amava seu marido, mas estima é que êle já não lhe inspirava! Fernando mentira-lhe, e preparava-se para lhe continuar a mentir.

Ora, no dia em que o homem mente à mulher a quem ama, o amor dessa mulher, por mais delicado, por mais íntimo que seja, principia a desvanecer-se.

Fernando não olhava já para a espôsa, e pensava na Turquesa.

XVII

AS DUAS PECADORAS

Quando Fernando, obedecendo afinal à Turquesa, se resolveu a sair da casa da rua Moncey, chamou a loureira a sua criada de quarto:

— Depressa... um fiacre, e veste-me... Léon deve estar danado, há três dias que me não vê...

O que a Turquesa denominava, naquele momento, vestir-se, era envergar o vestido de lã, a touquinha da falsa Eugênia, suposta filha do pobre cego. Esta transformação operou-se, pois, em um momento, e logo em seguida chegou o fiacre.

A Turquesa meteu-se no fiacre, e mandou rodar para a praça da Bastilha, onde se apeou, pagou ao cocheiro. Depois, com um cestinho no braço, dirigiu-se para a rua Charonne, com o passo modesto e apressado da honesta costureira que não cuida senão de evitar os cumprimentos fúteis, ou qualquer encontro.

Chegando à porta da casa em que morava o tia Garin, parou e entrou na loja.

A viúva Fipart estava no seu pôsto, como porteira "bem educada", e que sabe quais são os seus deveres. Vendo a Turquesa, levantou-se sollicitamente da sua velha poltrona de caju estofada de veludo de Utrech, colocada perto do postigo e da

corda da porta, e correu ao encontro da jovem, arreganhando os dentes com o odioso sorriso que lhe era habitual.

— Ai, menina, fêz bem em vir cá!

— Por quê?

— Porque êle anda mesmo como doido.

— Ora, zombou a Turquesa, rindo-se. E acrescentou: Dê-me a minha chave, tia Fipart, e venha acender o fogo... Está um frio danado!

A viúva apressou-se em obedecer. Armou-se de uma chave que estava pendurada em um prego, foi a um canto buscar uns pauzinhos e saiu diante de Turquesa, com desembaraço verdadeiramente juvenil. Chegando ao terceiro andar, parou, abriu uma porta e introduziu a jovem em um quartozinho, que podia parecer miserável comparado com a casa da rua Moncey, mas era evidentemente um palácio suntuoso, em relação à horrenda água-furtada, em que achamos o tio Garin e sua filha Eugênia, recebendo a primeira visita de Léon Rolland. Era ali o novo domicílio de Eugênia.

Ora, para explicarmos esta mudança de residência, e as palavras da viúva Fipart: "Êle anda mesmo como doido", somos obrigados a retroceder um tanto.

A Turquesa, como temos visto, tinha dupla vida e duplo empenho.

Com o nome de Jeni morava no palacete da rua Moncey; e, ainda sob êste nome, tinha o encargo de se fazer amar por Fernando, e de o empobrecer.

Ao mesmo tempo, metamorfoseada em costureira, e filha do tio Garin, residia na rua de Charonne. Ali cabia-lhe a missão de transtornar o juízo de Léon Rolland, honesto espôso da formosa e casta Cerise.

Assim, para explicarmos a dupla existência e a dupla ação daquele instrumento das vinganças de sir Williams, somos obrigados a entrar em breves pormenores.

Se a memória não nos falha, foi cêrca de três dias depois de Fernando ser transportado para casa da Turquesa que esta apareceu, pela primeira vez, a Léon Rolland. Por mais cinco dias ainda, e apesar de o ferido estar todos os dias na rua Charonne, e achar-se ali à hora em que Léon Rolland ia visitar o cego. A saída de Fernando da casa da rua Moncey, quer dizer, o modo misterioso porque ela o conduzia a sua

casa, com os olhos vendados, permitiu à Turquesa consagrar a Léon quatro dias inteiros.

Sabemos já o que sucedeu, quando o marceneiro foi à rua de Charone, munido de uma nota de mil francos, com a intenção de mandar o cego a sua terra. Fôra ali, muito firme na sua resolução, achou só Eugênia, Eugênia que lhe participou a sua retirada de Paris, e o pobre apaixonado perdera de todo a razão. Em vez de consentir na partida da jovem, ajoelhou-se aos pés e confessou-lhe o seu amor.

E' dêste ponto em diante que nós vamos contar o que ocorreu entre a Turquesa e Léon Rolland.

O mestre marceneiro passara muitas horas em casa da jovem, repetindo-lhe mil vêzes os seus protestos de ternura. Eugênia não cessava de chorar, mas também confessou a Léon que o amava.

Léon voltou naquela noite para casa louco de alegria, e teve a coragem, como a devia ter Fernando com alguns dias, de representar um papel.

Não se amam, porém, duas mulheres ao mesmo tempo. Léon amava Eugênia Garin; logo, já não amava Cerise.

No dia seguinte, às oito horas da manhã, correu Léon à rua da Charonne.

Passara a noite a encarar tão friamente quanto possível a nova situação em que o seu amor o colocara, e no espaço daquela noite amadurecera um projeto.

Não foi, por isso, à água-furtada do tio Garin, que subiu primeiro.

Assim que chegou entrou no cubículo da tia Fipart, que o cumprimentou, curvando-se quase até ao chão.

— Tem no prédio algum quarto para alugar? perguntou êle.

— Tenho, sim senhor... respondeu ela, fazendo nova mensura.

— E que tal?

— E' um quarto lindíssimo no terceiro andar.

— Quanto?

— Tem três casas, fora da cozinha...

— Mas o preço?

— Trezentos francos.

— Vamos ver? interrogou Léon.

A viúva Fipart apressou-se em ir mostrar o quarto.

— Bem... alugo-o!

E, dando cem *sous* à porteira, encheu imediatamente o arrendamento em nome da menina Eugênia Garin, recomendando à viúva Fipart a maior discrição, e foi quase correndo à casa de um estofador.

Dali a três horas estava a pequena habitação mobiliada com singeleza, mas com tal ou qual comodidade, tendo Léon dispendido com aquilo tudo o rôlo de mil francos, que destinara ao tio Garin. Concluído tudo, subiu Léon à casa da jovem. Eugênia Garin, livre de Fernando, desde a véspera, à noite, estava já costurando ao pé do seu fogãozinho. Quando viu entrar Léon, corou extraordinariamente e ocultou o rosto com as mãos para dissimular a sua confusão.

Léon pegou-lhe na mão; e tremendo:

— Perdoar-me-á?

Eugênia não respondeu, mas soltou um suspiro e apertou silenciosamente a mão do operário.

— Venha comigo... suplicou êle, venha.

Eugênia fitou-o, com o mais fingindo pasmo.

— Aonde quer levar-me? perguntou ela.

— Quero mostrar-te uns quartos que há neste prédio.

Ela pareceu não entender e acompanhou-o. Léon conduziu-a ao terceiro andar, e fê-la entrar.

— Que te parece esta casinha? indagou êle.

— Parece-me que deve ser ocupada por uma pessoa mais rica do que eu... respondeu ela, mostrando nos lábios um sorriso de tristeza.

— Pois engana-se...

Eugênia fitou-o com tal ingenuidade, que teria iludido o homem mais esperto.

— Esta casa é minha, afirmou Léon.

— Sua?!

— Não disse bem... não é minha... é... não adivinha?

— Como hei de adivinhar?

— E' sua, Eugênia.

— Minha! exclamou ela.

— Perdoe-me (sussurrou Léon), ofendê-la talvez... mas que quer?... Aquela água-furtada lá em cima é tão horrenda!

Eugênia ocultou o rosto com as mãos, e desandou a chorar.

— Que humilhação! murmurou ela.

Mas o pobre homem rogava, suplicava e falava em nome do seu amor.

Eugênia deixou-se, afinal, vencer; acedeu a mudar-se para ali, a tomar posse da bonita casinha mobiliada, no dizer de Léon, viera tôda das suas oficinas.

— Logo, fingiu ela, não posso deixar de o amar?

.....

Naquela noite principiou a vida de tormentos e de desesperação para a pobre Cerise: Léon amava Turquesa; só acreditava nela, só pensava nela. Durante quatro dias, mal o viram aparecer na oficina. Saía muito cedo e voltava a desoras. Se a espôsa o interrogava, respondia-lhe com impaciência, quase brutalmente. Naqueles quatro dias não viveu Léon senão para Eugênia. Foi um sonho, cujo despertar devia ser terrível.

No quinto dia, de manhã, quando Léon chegou, eram oito horas, à rua de Charonne, e se preparava para subir a escada com a rapidez dos namorados, mostrou a viúva Fipart, no postigo, a hedionda cabeça.

— O' Sr. Rolland!

Léon voltou-se, e olhou para a velha, em cujos lábios notou um sorriso escarninho, que o fêz estremecer.

— Que quer? perguntou-lhe êle.

— Entregar-lhe a chave.

— Que chave.

— A da menina Eugênia.

— Então ela saiu?

— Saiu, sim, senhor.

— Às oito horas da manhã?

— Ora!... muito antes... Mal se via quando me entregou a chave.

— E aonde foi?

— Isso é que eu não sei.

Léon subiu, acometido de funesto pressentimento.

A casa estava arranjada como de costume; tudo demonstrava ali a recente presença de Eugênia.

Em cima da mesa de jantar, viu Léon uma carta. Lançou mão dela, leu-a e ficou fulminado.

A carta que êle deixara cair das mãos, continha o seguinte:

“Motivos que não posso revelar obrigam-me a separar de ti por um ou dois dias; mas ver-nos-emos após êles.

Amo-te.

Eugênia.”

Esta carta foi para Léon uma cacetada na cabeça. Primeiro julgou que estivesse sonhando, mas teve afinal de se convencer de que estava perfeitamente acordado. Depois foi assaltado por um pensamento de ciúme; pensamento terrível e inesperado, que lhe cobria a testa de suor frio, que lhe causou zumbido nos ouvidos, e quase fêz geral o sangue nas veias. Abandoná-lo-ia Eugênia, para seguir algum rival feliz?

O operário deixou-se cair em uma cadeira, encostou-se à mesa, apoiou a cabeça nas mãos e desatou a chorar como criança.

Dali a uma hora subiu a viúva Fipart. Léon dirigiu-lhe imediatamente uma série de perguntas sôbre a ausência de Eugênia que saíra na véspera ao anoitecer, que voltara depois já muito tarde, e saíra novamente de manhã levando uma trouxinha debaixo do braço. Léon retirou-se no auge da desesperação.

Voltou à tarde, voltou na manhã seguinte, e Eugênia não tinha aparecido.

Decorreram assim dois dias, que foram de cruel martírio para Léon, e durante os quais mais de uma vez o assaltou a idéia do suicídio.

Mas como a jovem, na sua carta que deixara prometia voltar, Léon não perdeu a esperança. A sua ausência, segundo ela dizia, devia durar um ou dois dias; por conseguinte, na tarde do terceiro dia voltou Léon à rua de Charonne.

— Não tornei a vê-la, declarou a viúva Fipart. Olhe, Sr. Rolland, se ela ainda não veio, é porque tem sido grande o obstáculo... porque lhe quer muito... Isso é uma coisa que se conhece.

Léon não quis ouvir mais, e foi-se com as lágrimas nos olhos.

Ora, havia apenas dez minutos que êle se retirara da rua de Charonne, quando Eugênia ali chegou, com o humilde traje que ocultava a Turquesa, e lhe dava a aparência de uma pobre costureira. Turquesa subiu ao terceiro andar, precedida pela viúva Fipart, que lhe acendeu o fogão e uma vela que estava em cima de uma banca.

Em seguida sentou-se a Turquesa, muito tranqüilamente, e olhou para a viúva Fipart.

— Vamos saber... falou ela com a familiaridade das mulheres da sua qualidade, para com aquelas que o não são, que succedeu? conte-me tudo minuciosamente.

— Succedeu, respondeu a digna viúva do desventurado Nicolo, que o marido da linda Cerise tem vindo aqui dez vezes por dia. E chora tôdas as vezes, como criança, por estar convencido de que a menina fugiu com algum apaixonado.

A Turquesa sorriu.

— Mais nada?

— Pois ainda queria mais?

— Quando veio êle pela última vez?

— Não há meia hora.

— Bom; então não voltará tão cedo, e por conseguinte terei tempo de escrever uma carta.

Depois acrescentou, reconsiderando:

— Olhe, o melhor é por-te à janela... Tem bons olhos?

— Vejo até às escuras, como os gatos!

— Então, trate de espreitar, e se o avistar previna-me, que é para eu ter tempo de me safar.

A Turquesa sentou-se comodamente à mesa, refletiu por um minuto e escreveu depois as seguintes linhas, com cuidado de as semear de erros de grafia, o que dá sempre certo cunho à carta de uma mulher:

“Perdoa-me o ter-te mentido.

Menti-te, meu querido Léon, dizendo-te que voltaria em breve, e que nos tornaríamos a ver.

Sai da rua de Charonne com a itenção de não voltar a ela; e se voltei hoje foi unicamente para te baixar estas linhas, que são um adeus eterno...”

— Belo!... bradou a Turquesa; aqui está uma frase de merecimento, e que vale quanto pesa. O meu respeitável protetor há de ficar encantado com ela.

E continuou:

“Não nos veremos mais, porque não devemos tornar a ver-nos. Conservemos a recordação do passado como se guarda a recordação de um sonho agradável.

Sinto despedaçar-se-me o coração ao traçar estas linhas, porque te amo mais do que talvez tu me amas; e é porque te amo que quero ser forte e não pensar senão em ti.

Se fôsses livre, o teu amor seria para mim o paraíso na terra... Mas és casado... és pai... e eu tenho meditado que, por mais puro que seja o meu amor, por mais sincero o impulso do coração que me arrasta para ti, nem por isso deixo de ser uma criatura indigna, causadora de profunda desarmonia em uma casal que vivia feliz...

E' por isso que te digo adeus. Lembra-te que tens de cumprir sérios deveres; em poucos dias ter-te-ás esquecido de mim.

Praza ao céu que eu tenha a mesma felicidade!

Mais uma vez, adeus!... Perdoa-me... e esquece-me!

Eugênia.”

A Turquesa deixou esta carta aberta em cima da mesa.

Em seguida, proferiu algumas palavras em voz baixa, tornou a descer, e foi, a pé, como tinha ido, até o bulevar, onde se meteu em um fiacre.

— Se êle não se suicida ainda hoje, pensou Turquesa, daqui a um mês empenha o anel de casamento para me comprar um ramallete. São muito desprezíveis todos os homens!

Uma hora depois de a Turquesa se ter retirado da rua de Charonne, voltou Léon ali.

— Então? perguntou êle à viúva Fipart, que estava de óculos no nariz, lendo gravemente o folhetim de um periódico.

— Veio há pouco...

Léon soltou uma exclamação de alegria, e quis precipitar-se para a escada; mas a velha deteve-o:

— Espere... deixe-me contar-lhe...

— O que? perguntou Léon, em tom de impaciência.

— Coisas que talvez lhe interessem.

— Diga então o que é... depressa...

— Temos muito tempo, retorquiui a viúva Fipart, tomom muito tempo, porque ela não está lá em cima.

— Ah!

— Saiu.

— Outra vez!

— O' senhor!... Ouça, por quem é!

Léon Rolland empalidecera e tremia ao mesmo tempo, a bom tremer.

— Segundo parece, observou gravemente a viúva Fipart, a menina Eugênia fêz boas coisas, desde que saiu...

— Que quer dizer? exclamou Léon, com voz trêmula.

— Quer dizer que me parece ter feito fortuna.

— Fêz fortuna... ela?... murmurou Léon, no auge do assombro.

— Eu estou que sim...

— Mas como é isso, explique-se...

— Ora!... E' que veio aqui e parecia mesmo uma Duquesa.

Léon sentiu faltarem-lhe as pernas.

— Você perdeu o juízo, balbuciou Léon.

— Vinha em uma carruagem lindíssima.

— Isso é sonho!

— Era um carro com linda parelha, e cocheiro todo agaloado... E o mais bonito é que, quando ela chegou, disseram dois mancebos que se tinham apeado dos cavalos em que vinha ali defronte:

— Em Paris não há rapariga de vida equívoca mais formosa do que esta.

Léon não quis ouvir mais... subiu precipitadamente ao terceiro andar, a despeito da velha que deu ainda alguns passos atrás dêle.

— Olhe, Sr. Léon, esquecia dizer que a menina Eugênia não ia só... Na carruagem ia com ela um sujeito muito asseado...

Léon já não ouvia.

A porta da pequena habitação estava aberta, o fogão ainda aceso, e a vela em cima da mesa.

O coração do operário batia descompassadamente.

Por um momento, teve esperança de que a porteira houvesse mentindo.

— Eugênia! Eugênia! bradou êle percorrendo a casa tôda.

Não estava ali ninguém.

Inopinadamente viu a carta, que permanecia aberta em cima da mesa; pegou com a mão trêmula e leu-a.

A viúva Fipart, que naquele momento subira a escada, ouviu de repente um grito, e em seguida um grande ruído; o ruído da queda de um corpo no sobrado. Acabando de ler a carta de despedida da Turquesa, caíra sem sentidos o desventurado Léon.

.....

Vamos agora à rua Moncey, para onde a Turquesa voltara apressadamente.

XVIII

A R E V E L A Ç Ã O

No momento em que Eugênia Garin, ou a Turquesa — como quiserem — saía, vestida de costureira, do seu palacete, para ir à rua de Charonne, subia a rua de Clichy, uma carruagem de aluguel, que foi em seguida parar ao portão do jardim do citado palacete.

Da carruagem apeou-se uma mulher vestida de prêto, e com o rosto coberto por denso véu, mas cujo andar denunciava ainda mocidade, puxou o cordão da campainha, sem hesitar, como se fôra aquela a sua casa.

Depois, aberto o portão atravessou rapidamente o jardim, e foi direita à entrada principal do palacete.

— Ora esta! disse para consigo o criado da Turquesa; esta senhora entra aqui como se entrasse em sua casa... não obstante, é a primeira vez que a vejo.

— A Sra. Jeni? perguntou a visitante, ao pôr o pé no primeiro degrau do vestibulo.

— E' aqui, minha senhora... respondeu o criado, em tom sacudido e quase atrevido.

A tal senhora ia vestido de prêto, com extrema simplicidade, como convém a uma mulher honesta. Era o bastante

para excitar a insolência de um criado como o que servia a Turquesa.

— Mora aqui, — tornou o criado; mas não está em casa.

A senhora ergueu o véu, e impôs, no tom de autoridade com que a libré nunca se engana, e a faz reconhecer aquêles que está costumada a respeitar:

— Então, conduza-me à sala, porque desejo esperá-la.

E, afastando o criado com um gesto imperioso, entrou no vestibulo e dirigiu-se muito tranqüilamente para a direita, onde era situada a sala de inverno, da qual abriu ela própria a porta, sem a mínima hesitação.

O lacáio estava estupefato.

Baccarat, porque era ela, sentou-se sem cerimônia ao pé do fogão, em ampla poltrona, que datava do seu tempo, porque sir Williams mandara comprar a casa mobiliada como estava, de modo que a Turquesa não levara para ali nada mais do que as suas esperanças. Depois de se sentar, entregou ao criado um cartão de visita.

— Quando sua ama voltar, diga-lhe que a estou esperando.

A luz de um candeeiro, que estava aceso em cima do fogão da sala, iluminava em cheio o rosto da pecadora arrependida, cuja beleza soberana venceu o cinismo do criado, que afinal se sentiu intimidado.

— Sua ama saíu? perguntou-lhe Baccarat.

E fitou-o com a firmeza que proíbe a mentira aos subalternos.

— Saíu, sim, minha senhora.

— Quando voltará?

— Naturalmente daqui a uma hora, para jantar.

— Bem... Pode retirar-se.

E ordenou com o gesto ao criado que saísse da sala.

O criado foi logo ter com a criada de quarto e descreveu-lhe a extravagante visita de uma mulher que ali entrara como se entra em país conquistado.

— Sei o que isso é... salientou a criada.

— O que é então? tornou o criado, cada vez mais incitado pela curiosidade.

— E' uma senhora, que a nossa ama espera a tôda hora.

O criado olhou para o cartão da Baccarat e leu — “Senhora Charmet”.

— E’ isto? perguntou êle em seguida.

— Não sei como se chama: deve ser ela.

Ao cabo de uma hora chegou a Turquesa.

— Na sala está uma senhora à sua espera, avisou a criada, mal ela entrou.

— Aqui está o cartão que ela entregou.

— E’ ela! pensou a Turquesa. Vem despir-me e enfiar-me um chambre, ordenou ela em seguida à criada.

E a Turquesa voltou-se em direção à escada do primeiro andar, onde era situado o gabinete de vestir; mas, de repente voltou.

E’ que tivera uma inspiração rápida, das que são como que relâmpago de gênio.

Voltou e entrou na sala, onde Baccarat se achava naquele momento prêsa das recordações do passado.

A pobre mulher, tornando a achar-se naquela casa onde desperdiçara os primeiros anos da sua vida louca, naquela sala, onde cada móvel era para ela como que um marco, que lhe permitia reconstruir o passado, entregava-se a profundo desvancio. Não — mudara imponente; não se teve de balde o nome de Baccarat, quer dizer, que não se foi a mulher elegante e embotada, com sorriso de anjo, o coração de bronze, pela qual se suicidava um homem, e que arrastava ao seu carro o Barão d’O..., o “leão” parisiense por excelência naquela época. Não era possível ter sido tal mulher, e esquecer-se do passado. Naquele lugar, àquela hora, e no meio de profundo silêncio, julgara Baccarat, por um momento, que renascia das próprias cinzas. Reportara-se a um passado muito longínquo, perguntando a si própria se o que era mais recente não seria tudo um sonho; se o seu arrependimento, o seu viver austero, a sua sombria e fria casa da rua Buci, não eram outras tantas conseqüências da sua alucinação; se, enfim, não continuava a ser a Baccarat, a louca pecadora, que se ocupava em fazer passar, por entre os dedos pródigos, os corações e a riqueza.

O ruído que a Turquesa causou abrindo a porta arrancou a Sra. Charmet ao seu devaneio.

Olhou então para o seu vestido preto, e viu que já estava com o chambre de veludo côr de romã com bandas azuis, e no mesmo instante restabeleceu-lhe no espírito o sentimento da realidade. A Baccarat morrera, com efeito.

Quem então existia era a Sra. Charmet, a austera irmã de caridade.

Em seguida voltou-se para ver quem entrara.

No limiar da porta estava a Turquesa, vestida de costureira, e com uma singela touquinha na cabeça.

Baccarat supô-la uma criada, e perguntou-lhe:

— Sua ama já chegou?

— Já, sim, minha senhora, respondeu a Turquesa encaminhando-se para ela e cortejando-a.

— Então dê-lhe parte de que a estou esperando-a.

— Desculpe, minha senhora, falou a Turquesa fechando a porta, e continuando a caminhar para a Baccarat, desculpe-se o achar-me com êste traje, que já fêz com que decerto me confundisse com a minha criada de quarto...

Baccarat fêz um gesto de surpresa, olhou atenta para Turquesa.

— Sou eu... Jeni.

— A senhora?

— Ou a Turquesa, como geralmente me chamam.

Baccarat envolveu-a com o olhar claro e profundo que ela possuía, e lhe permitia ajuizar rapidamente das pessoas a quem examinava.

Primeiro suspeitou alguma cilada; mas, depois de analisar com extrema rapidez a beleza maravilhosa daquele rosto, os bastos cabelos que se soltavam de sob a touquinho, e pareciam protestar contra a modéstia dela; depois de seu olhar encontrar o daqueles olhos de um azul escuro; depois, enfim, de ter adivinhado, sob aquêlê vestido, um tanto largo e escuro, o corpo esbelto e flexível da pecadora, não pôde a Baccarat continuar a ter a mínima dúvida de que era, com efeito, aquêla a Turquesa, a mulher que enfeitara Fernando Rocher, a quem ela, Baccarat, tanto amara.

— E' então a Sra. Jeni?

— Sou eu, tornou a Turquesa, com uma suavidade e um sorriso que assombraram Baccarat.

Baccarat esperava achar na Turquesa maior altivez, e tom um tanto atrevido.

A Turquesa acrescentou em seguida:

— Entregaram-me agora mesmo o seu cartão; e embora o seu nome seja inteiramente desconhecido, creia que estou de muito bom grado à sua disposição.

— Com efeito, respondeu a Baccarat, levantando-se, e mostrando, sem intenção, a elegância da elevada estatura, ao passo que a Turquesa lhe notava a beleza que ela intentava debalde ocultar; com efeito, não me viu nunca; e o meu nome que leu no meu cartão deve ser-lhe de todo desconhecido.

A Turquesa inclinou-se.

— Mas usei outrora outro nome...

— Ah! exclamou a Turquesa, fingindo-se tão naturalmente surpreendida que iludiu a perspicácia da Baccarat.

— Um nome, prosseguiu ela, que chegou mesmo a ter, infelizmente, triste celebridade.

A Turquesa fitou-a com atenção, como se fitam aquelas a quem envolve um mistério.

— Há anos, concluiu a Sra. Charmet, chamava-me Baccarat.

A Turquesa soltou uma exclamação, que era um poema inteiro, porque significou simultaneamente assombro, admiração e respeito.

Para a Turquesa, pecadora no princípio da sua carreira, devia a Baccarat ser uma espécie de ente superior, uma mulher de quem se inveja a fama, a elevada reputação, o general coberto de glória, que o moço alferes segue com os olhos e suspirando.

— Pois que! prosseguiu a Turquesa; é a senhora a célebre Baccarat?

— Fui, emendou ela baixando os olhos; hoje, chamo-me Charmet.

— Ah! minha senhora, consinta que lhe beije a mão; porque sei o que foi e o que agora vale.

E a Turquesa pegou na mão da Baccarat, levou-a aos lábios, e continuou a fitá-la com ingênua admiração, que se dirigia indeterminadamente, ou à nonária doutora, ou à mulher cujo arrependimento lhe igualara as faltas.

A primeira hipótese era a mais admissível, se nos lembrarmos de que a Turquesa era o que a Baccarat fôra, e de que o vício tem os seus fanáticos, como a virtude. Contudo, podia-se, igualmente, admitir a segunda, na presença do vestido de chita e da touca de algodão da Turquesa. Não estava ela também já arrependida?

— Ah! minha senhora, proseguiu ela calorosamente, erguendo os formosos olhos para a Baccarat e diligenciando assim exercer em uma mulher o poder mágico do olhar, ante o qual os homens se curvavam; havia muito que a conhecia de nome.

— Ah! proferiu a Baccarat, em tom de tristeza.

— Não é esta a sua habitação? Não estou eu em sua casa? proseguiu a Turquesa, cuja voz se tornara harmoniosa, qual um estribilho crioulo, qual melodia das terras abençoadas pelo sol. E não é singelíssimo que nesta casa repleta ainda da sua personalidade, no meio desta mobília, dêstes quadros, dêstes objetos de arte, recordações vivas do seu delicado bom gosto, eu tenha sabido parte da sua história?

Baccarat deixava falar a Turquesa, observando-a atentamente.

— Aqui, proseguiu a pecadora, com crescente animação, tudo me fala da senhora; mas há ainda outra circunstância e é que tive por oito dias ao meu serviço o Germano.

— O meu cocheiro?

— Sim, minha senhora.

— E êle falou-lhe de mim?

— Respondeu sempre às minhas perguntas — acentuou a Turquesa — com tal ou qual confusão; porque eu tinha avidez de saber muitos pormenores da sua vida. Santo Deus! proseguiu a Turquesa, como que interrompendo-se, e corando, sem contudo largar a mão de Baccarat, se a senhora não me prometer uma indulgência absoluta não me atreverei nunca...

— Fale, minha filha... diga-me tudo... — pediu a Baccarat em tom de extrema bondade.

— Pois bem, murmurou a Turquesa com admiração, a senhora viveu na sociedade em que eu vivo; antes de se tornar uma mulher nobre e santa, teve cavalos... carruagens... amantes...

— Diga, minha filha... diga, que não me ofende.

— A senhora era enfim uma "leoa"; e eu, que então principiava, eu, que era ainda uma criança, tinha já ouvido falar tanto da senhora, que quis saber como vivia... o que fazia... como passava o tempo... A sua casa estava então à venda; julguei que, comprando-a, herdaria a sua glória... O meu desejo era que me tomassem pela senhora... Foi por isso que conservei o Germano.

Baccarat ouvia a Turquesa, sorrindo; e a jovem pecadora representava maravilhosamente o seu papel de ingênua: ostentava com tamanha singeleza aquêlê orgulho do vício, que por vêzes a Baccarat perspicaz e precavida, estêve a ponto de se deixar iludir...

— Era tal o respeito de tradição que eu tinha pela senhora (e a Turquesa continuava a apertar a mão da Baccarat), que deixei aqui permanecer tudo, na mesma ordem que a senhora deixara... O seu quarto de dormir, de que a senhora levava a mobília, foi o aspecto que não se pôde restabelecer exatamente.

— Ah! disse a Baccarat; então, excetuando o meu quarto de dormir...

— Está tudo como na véspera da sua partida; o gabinete de vestir, a sala de verão... esta...

— E o Germano não lhe falou nada do meu retiro?

— Disse, sim, minha senhora.

A Baccarat estremeceu.

— Que foi que lhe disse?

— Disse que um dia a senhora, que empobrecia um príncipe russo a sorrir, que se ufanava de não ter coração, e por quem os homens morriam em duelo, e se suicidavam como verdadeiros fanáticos, tinha afinal amado...

— Disse-lhe isso? murmurou a Baccarat, com a voz um tanto alterada.

— Mas amado, prosseguiu a Turquesa, como se não amassem uma vez, como talvez só nós podemos amar um dia depois de termos feito do amor um vil mister... Contou depois que pelo homem que amou, pelo amor que lhe dedicava, deixou tudo, renunciou a tudo e desapareceu da sociedade...

— Disse-lhe isso?

— E não falou a verdade? perguntou ingênuamente a peccadora.

— Disse a verdade em parte.

— E' admirável! exclamou a Turquesa.

— E... também lhe falou... dêle? perguntou a Baccarat, visivelmente comovida.

A Turquesa fêz um gesto afirmativo.

— Que foi que lhe disse?

— Ai, minha senhora — murmurou a infernal criatura, que sabia assumir todos os aspectos, adotar tôdas as máscaras e representar os papéis com igual superioridade — isto é uma loucura... estar renovando as feridas do coração...

E a Turquesa, com a voz entrecortada, e os olhos arrazados de lágrimas, ajoelhou aos pés da Baccarat.

Esta, porém, por um instante comovida, reassumiu rapidamente a presença de espírito.

— Que tenho eu a perdoar-lhe minha filha? que mal me fêz? Que absurda história lhe pode ter contado o Germano?

Estas palavras deixaram a Turquesa estupefata.

Em seguida, ergueu-se com extrema vivacidade, recuou um passo, e encarou a Baccarat fingendo-se, com a maior verdade, no auge do assombro.

— Então, não é verdade? perguntou ela.

— Mas o que?

— O que o Germano me contou?

— Ora, vamos saber, insistiu a Baccarat, que lhe disse êle?

— Mas, se é verdade o que êle me disse, lembre-se de que vou atormentá-la cruelmente...

— Embora... diga!

E a voz da Baccarat tornara-se clara e breve.

— Pois bem... murmurou a Turquesa, hesitando a cada palavra; disse-me... que o homem a quem a senhora amara... era... um ladrão!

A Baccarat nem pestanejou.

— Disse-lhe isso... e a senhora acreditou?

— Disse-me, também, que o tinham vindo prender aqui, certa manhã... que a senhora perdera os sentidos...

Aqui, deteve-se a Turquesa.

— E que mais? perguntou a Baccarat.

— Que, quando voltou a si, saiu de casa meio louca, e depois ninguém a tornara mais a ver.

— Mais nada?

— Mais nada... Eu é que julgo ter adivinhado o resto.

— Vamos a ver — animou a Baccarat.

— Supus que a senhora teria empenhado todo o seu crédito para salvar o homem... a quem amava tão ardentemente.

— Pois adivinhou.

— Logo, exclamou a Turquesa com um acento de entusiasmo, era verdade?

— Em parte, como já lhe declarei; o homem a quem eu amava foi com efeito prêso... mas estava inocente.

— E salvou-o?

— Salvei.

— E a senhora... crê-se feliz?

— Não, respondeu a Baccarat, com voz concentrada, porque êle não me amava... amava outra...

— Então... abandonou-a?

— Eu que o abandonei... Mas a verdade... o Germano não lhe revelou o nome dêle?

— O que me disse é que era um moço alto, muito pálido; mas não sabia como se chamava.

— Realmente?

— Há oito dias, continuou a Turquesa, não admirava eu na senhora senão uma mulher de outrora, a sedutora Baccarat, e esforçava-me por tomá-la por modêlo, e imitá-la o melhor possível... mas hoje...

A Turquesa suspirou e baixou os olhos.

— Hoje?

— Hoje admiro, mais ainda, a mulher amante, do que ontem a que se gabava de não ter coração.

— E por quê?

— Por quê? murmurou a Turquesa, cuja voz se tornou de repente trêmula; porque também eu, como a senhora, cheguei a amar...

Entretanto a Baccarat fitava a Turquesa com o seu claro e terrível olhar que penetrava até o íntimo da alma, e cujo brilho ela soube, ainda, assim suportar.

— Ama?... deveras, pobre criança! lamentou a Baccarat.

A Turquesa suspirou, e levou a mão ao coração.

E jurar-se-ia ter ela manifestado inteiramente a alma naquele suspiro.

— Eu, minha senhora — prosseguiu ela — não sei o motivo que a trouxe à minha casa... não sei o que vai pedir-me; o que lhe suplico é que me conceda um minuto para lhe contar tudo, porque só a senhora pode compreender devidamente... e talvez...

— E talvez? repetiu a Baccarat.

— Dar-me um conselho.

— Fale, minha filha, fale...

— Há quinze dias, minha senhora, o homem que me comprou esta cada devia partir para Londres, e prometera-me vir à noite despedir-se de mim. Eram quatro horas da manhã, e ainda eu o esperava, aí, onde a senhora está, nessa poltrona... De repente bateram à porta da rua, e logo em seguida ouvi ruído e passos no jardim... Sem mais demora corri a ver o que era... Era o Visconde que vinha, com efeito, despedir-se de mim; não vinha só, acompanhavam-o dois homens, os quais traziam outro nos braços. Este último vinha desmaiado e coberto de sangue. Batera-se com o Visconde e o Visconde fizera-o transportar para minha casa...

Aqui, deteve-se a Turquesa, como se sentira extraordinariamente a sua comoção.

— Continue... pediu a Baccarat, com a maior ansiedade.

Então a Turquesa descreveu, com eloquência do coração, que ela não tinha, a convalescença de Fernando, e os oito dias que êle permanecera em sua casa; depois, o terror que experimentara reconduzir, de noite, e com os olhos vendados, com a intenção de não o tornar a ver. Teve ainda a audácia de falar da sua partida precipitada no dia imediato, do seu encontro fortuito com Fernando, da corrida que êste dera após ela; e, depois, porque cedera, e voltara. Não satisfeita com isto, entrou na vida privada de Fernando; tem êle espôsa e um filho; e, no mesmo dia, tendo saído com êle a passear, se haviam encontrado com o Visconde de Cambolh, no Bosque. Narrou após isto a cena que se seguira, e revelou por fim a

sua resolução de afastar Fernando para sempre. Quando chegou a êste ponto deteve-se, e encarou a Baccarat.

— Mas, qual era a sua intenção? perguntou a Baccarat em tom de bondade.

— Repare como estou vestida... tornou a Turquesa. Há algumas horas que corei do meu passado e me lembrei da senhora... A Turquesa morreu, minha senhora; agora só resta Jeni... que foi há pouco alugar uma casinha de duzentos francos por ano, e daqui em diante quer viver nela, do fruto do seu trabalho.

Fêz isso, realmente? duvidou a Baccarat, com tal ou qual admiração.

— Sim, minha senhora... E ainda que êle me ame... ninguém ao menos poderá dizer que lhe suguei os haveres... Não quero, dêle, senão o seu amor...

E a Turquesa calou-se e suspirou.

A Baccarat, porém, levantara-se repentinamente da poltrona, e ao mesmo tempo fizera um movimento, com o qual jogara para trás o chapéu, que lhe ficara suspenso das fitas, deixando-lhe a descoberto os magníficos cabelos louros.

Simultaneamente mostraram os olhos da pecadora o brilho que haviam tido outrora; os lábios arquearam-se-lhe com um sorriso, e a Sra. Charmet tornou-se novamente a Baccarat dos tempos passados, criatura que aguilhoara a moda ao seu carro, dominando a Turquesa com a majestade da elevada estatura, e a superioridade da sua falta de experiência.

— És muito esperta, minha pequena — asseverou ela, com voz irônica, envolvendo-a com um olhar fulminante — mas ias esquecendo que eu sou a Baccarat. Eu farei lembrar!...

XIX

AS DUAS RIVAIS

Aquela inopinada transformação teria desnorteadado qualquer outra mulher que não fôsse a loura Jeni, a jovem discípula do baronete sir Williams.

Naquele momento, estava a Baccarat esplêndida de audácia, de resolução e energia... Não lhe faltava senão um

punhal na mão, para fazer lembrar a cena do hospital dos doidos, em que ela prostrara Fani a seus pés, obrigando-a a revelar-lhe o seu segredo; Jeni, porém, era adversária digna da Baccarat.

Por um momento mediram-se ambas, em silêncio, fitando-se quais duas panteras desafiando-se para o combate.

Jeni erguera-se tranqüila, risonha, pronta para sustentar a luta.

— Minha senhora, ou enlouqueceu definitivamente, ou é vítima de um ataque cerebral.

— Ora, adeus, pequena... Estou tão louca como tu!

— O homem que eu amo, é o mesmo que a senhora amou.

— E' verdade.

Baccarat pronunciara tão friamente estas palavras, que Jeni logo compreendeu o gênero de rival com quem tinha de se haver.

Muitas vêzes a tranqüilidade é mais ameaçadora que a tempestade.

A Turquesa calou-se então, e pareceu esperar que Baccarat expressasse a sua vontade.

— Olha, frisou a Baccarat, tornando a sentar-se e tomando uma atitude deliciosa, atitude que devia fazer corar interiormente a Sra. Charmet; fiz-te a honra de te ouvir; por conseguinte, suponho que me darás o mesmo prazer?

— Queira dizer, minha senhora, respondeu Turquesa em tom de submissão.

— Eu precedi-te muito na vida que tu vives, prosseguiu a Baccarat, e, pelo que sabes do meu passado, deves calcular que não deixo nunca de cumprir a minha palavra.

A Turquesa teve a presença de espírito necessária para estremecer e manifestar uma espécie de susto repentino.

— Ouve... continuou a Baccarat; o homem de quem falaste, o homem a quem diz amar, é o mesmo a quem amo... a quem amo há quatro anos... e foi pelo amor que lhe tenho que mudei de vida.

Jeni fêz um gesto de surpresa e terror.

— Olha, quero crer que também o ames... realmente... mas é necessário que proves isto.

— Veja como estou vestida...

— Isso não é prova.

A Turquesa correu a uma espécie de secretária, abriu-a precipitadamente, e exclamou:

— Olhe... olhe... minha senhora...

E tirou da gaveta um embrulho de papéis volumoso, quebrou o lacre que o fechava e espalhou os papéis diante da Baccarat.

— Veja... em primeiro lugar o título de propriedade desta casa comprada pelo Visconde de Cambolh, meu amante; e em seguida o auto de doação assinado, por êle, em meu favor.

— E que mais?

— Aqui está em seguida uma inscrição de três por cento do valor de cento e sessenta mil francos; e outra de seis mil libras de renda sôbre a Municipalidade de Paris.

— E então? perguntou a Baccarat; que prova isso?

— Veja a quem está isto tudo sobrescrito.

Baccarat examinou o sobrescrito, e leu:

“Ao Visconde de Cambolh”.

— E restitues tudo?

— Exatamente... respondeu a Turquesa. Leia agora esta carta que acompanha os documentos.

A Baccarat abriu a carta:

“Meu querido Visconde:

Perdoe-me o tê-lo enganado e o haver consultado o meu coração e não os meus interesses. O encontro que tivemos hoje esclareceu-me sôbre o que tinha a fazer. Remeto-lhe tudo com que me presenteou e em seguida saio da sua casa, da qual pode tomar posse sem demora. Adeus.

Jeni.”

— Duvida agora? vibrou a Turquesa, fitando a Baccarat; duvidará ainda do meu amor a êle?

— Duvido — disse a Baccarat — permite-me que faça um parênteses.

Em seguida puxou a Baccarat uma carteira, e tirou dela uma carta.

Esta carta era a que, na véspera, à noite, sir Williams, novamente Visconde Andréia, lhe entregara como tendo sido achada no bôlso de um vestido velho que estava na loja de uma adela; carta que não tinha sobrescrito, e acusava a um destinatário anônimo, a uma mulher, a negociação de algumas cartas amorosas.

— Conhece esta letra? e mostrou a carta à Turquesa.

— E' minha. Mas como é que tem esta carta em meu poder?

— Isso pouco importa.

— Confesso que fui eu que a escrevi.

— Quando?

— Há de haver seis meses.

— A quem?

— A uma rapariga que morreu a semana passada.

— Como se chamava?

— Henriqueta.

— Unicamente Henriqueta?

— Henriqueta Fontaine, que se apresentava com o nome de Henriqueta de Bellefontaine, e fôra conhecida pela alcunha de Torpille.

— Conheci, falou a Baccarat, que se lembrava, com efeito, de uma laís daquele nome.

E a Turquesa acrescentou:

— Que quer! Naquela época, vivia a infeliz na miséria, como eu, e como outras muitas. Nós tínhamos estabelecido um negócio de cartas amorosas... porque enfim era indispensável fazer pela vida... negócio que nos tirara da miséria; de modo que estava meio equilibrada, quando me encontrei com o Visconde.

Falando assim, era tal a sinceridade do tom da Turquesa, que impressionou extraordinariamente a Baccarat, a qual, ainda assim, não se deu por vencida.

— Que é isto? indagou, pondo o dedo no coração feito, à pena, no fim da carta.

— Isto? espantou-se a Turquesa.

E a pecadora mostrou um sorriso de escárneo e fitou a Baccarat:

— Que pergunta a sua! Pois não conhece êste sinal da nossa gíria feminina?

— Não.

— Bem... tornou a Turquesa; mas é fácil de perceber...

— Pois não percebo.

— Lembra-se da Henriqueta?

— Lembro.

— Era uma rapariga alta, morena, de vinte e oito anos... feições muito acentuadas...

— Mas, afinal?

— *E' que eu lhe queria tanto, como se ela fôra meu amante*; êste coração significava ser inalterável o amor que eu lhe dedicava.

Esta explicação neutralizou tôdas as suposições de Baccarat.

— Ou esta rapariga é ainda muito mais forte do que eu supunha — pensou Baccarat — ou fala verdade.

Qualquer outra, que não fôsse a Baccarat, teria tentado a última e suprema experiência. Teria perguntado à Turquesa se não conhecia sir Williams. A Baccarat, porém, readquirira a sua luminosa inteligência de outrora, que lhe era acompanhada com a prudência da serpente. Pronunciar o nome de sir Williams, no caso de a Turquesa ser agente dêle, era denunciar-se a si própria, e dar parte das suas desconfianças. No caso contrário, era inútil...

— Muito bem, disse a Baccarat; desculpa-me, pequena; não falemos mais na carta...

E tornando a meter a missiva na carteira, guardou-a no bôlso do vestido.

— Agora, prosseguiu ela, falemos novamente de Fernando.

A Turquesa deu mostras de querer esperar que ela falasse.

— Se Fernando fôsse pobre, continuou a Baccarat, a restituição dêsses títulos de renda e da escritura de propriedade, bem como a carta que escreves ao Visconde provariam, claramente, que o amas e que por êle renuncias a tudo...

— E então?! palpitou a Turquesa.

— Mas Fernando é rico, riquíssimo; de modo que, no dia em que o queiras, êle te dará dez vêzes o que hoje restitues.

— Tem razão... concordou a Turquesa.

— Logo, não estou convencida.

— Não obstante, murmurou a Turquesa, é a pura verdade: amo-o.

A Turquesa abriu a segunda gaveta e tirou dela outra carta, que era dirigida a Fernando.

— Leia; aqui está ainda outra prova que talvez a convença...

A Baccarat abriu a carta:

“Meu querido: Se aceitas as condições que apresentei; ho acedes a amar-me mesmo pobre, vem ver-me amanhã, na rua Branca n.º 17.

Jeni.”

A Baccarat levantou-se novamente, e mostrou as formosas mãos nervosas, que sob as suas veias azuladas, e de pele diáfana, ocultavam músculos de aço, comentando, ao mesmo tempo:

— Eu não sei como principiaste, o que eras antes da tua estréia, se eras de boa origem, se foste educada em um colégio, ou se não eras mais do que filha de algum porteiro. Mas o que te posso afiançar é que eu aos dezoito anos era uma robusta rapariga do povo, uma rapariga de arrabalde, e não me temia qualquer homem da tua estatura...

E, falando assim, apoiou Baccarat a mão no ombro da Turquesa, que sôbre a pressão vergou como vime, e empalideceu extraordinariamente.

— Quer matar-me? exclamou ela.

— Talvez...

E a Baccarat cingiu com as nervosas mãos o fraco pescoço da sua jovem rival, prontas a convertê-las em um tórno.

— Se eu quisesse, observou ela, estrangular-te-ia antes de teres tempo de soltar um grito.

A Turquesa estava um tanto pálida; não obstante, suportava como podia o olhar ardente da Baccarat.

— Ouve... bradou a Baccarat, cuja voz breve parecia ter som metálico; dou-te um minuto para refletir... Amas Fernando, não é verdade?

— Amo... disse a Turquesa com voz firme.

— Também eu; por conseguinte, escolhe: ou renuncias a êle imediatamente, ou morres...

— Já escolhi... retorquiu a Turquesa.

— Renuncias?

— Não... amo-o. Mate-me... êle ama-me e há de vingar-me!

A Turquesa mostrara-se heróica; bem sabia que, invocando o amor que Fernando lhe tinha, desarmaria Baccarat. Com efeito, as mãos desta, prestes a apertar o pescoço da rival e a sufocá-la, soltaram-se súbitamente, escapando-se-lhe ao mesmo tempo do peito um grito meio abafado.

— Ama-a! morrerá talvez por ela!

Contudo, quis fazer ainda mais uma experiência.

— Não te matarei por amares Fernando; mas, matar-te-ei se não me obedeceres por uma hora.

— Que devo fazer?

— Manda aparelhar a carruagem.

A Turquesa tocou a campainha, e ordenou ao criado, que logo apareceu:

— O cavalo baio, no carro!

Baccarat apoderou-se dos títulos de renda e da escritura de propriedade da casa, e tornou a fechar tudo no papel que lhe servia de sobrescrito.

Depois, pegou nas duas cartas que a Turquesa escrevera ao Visconde de Cambolh e a Fernando Rocher.

— Que faz? perguntou a Turquesa.

Baccarat lançou as cartas no fogão, dizendo friamente:

— Queimo as coisas inúteis...

E acrescentou: — Acompanha-me.

Em seguida, tocou ela própria a campainha.

— Traga um chapéu e uma capa da senhora... falou ela à criada de quarto.

Dali a três minutos metiam-se na carruagem as duas peccadoras.

— Rua de Buci! bradou a Baccarat ao cocheiro; e de pressa!

O carro partiu velozmente, transpondo em um quarto de hora a distância que separa a rua Moncey da rua de Buci.

Baccarat conduziu a Turquesa para o seu gabinete, abriu a secretária e tirou dela um maço de notas de banco, de títulos de renda e de ações de caminhos de ferro, tudo no valor de cento e sessenta mil francos.

No momento em que tornava e fechar a secretária, apareceu a pequena judia, sua comensal desde a véspera, e apresentou-lhe o rosto para beijar.

— Adeus, minha filha, disse-lhe Baccarat, um tanto comovida. Ausento-me por dois dias; hás de ter juízo, sim?

— Heis de ter, sim, minha senhora, pode ir descansada.

— Chama a Margarida.

A pequena desapareceu e voltou logo em seguida com a idosa criada.

— Margarida, avisou a Sra. Charret, não volto hoje, nem talvez amanhã. Tenha muito cuidado com esta menina... Olhe que me responde por ela.

E a Baccarat quase arrastou a Turquesa para fora da casa, e fê-la meter na carruagem.

— Agora, vamos à casa do tabelião.

— À casa do tabelião!... para que?

— Para que êle redija uma escritura de venda de tua casa.

— Mas já me não pertence!

— Não, pertence ao Visconde; mas para êle deve ser inteiramente indiferente receber a casa ou o valor dela.

— Mas quem é que compra a casa?

— Eu!

— A senhora! exclamou a Turquesa.

— Eu, frisou gravemente a Baccarat, renunciei ao mundo, e ao meu primeiro modo de viver, por amor de Fernando... Enquanto acreditei que êle amava sua mulher, legítima, não me arrependi do meu sacrifício; mas hoje, que êle ama uma das minhas iguais, falta-me a fôrça da abnegação!...

— Logo... murmurou a Turquesa, quer...

— Quero tornar a ser a Baccarat... Achando-me novamente na rua de Moncey, compreendi que em nós, pobres mulheres decaídas, tinha o vício profundas e indestrutíveis raízes. Depois de descido ao abismo, debalde subimos novamente à entrada dêle, debalde tentamos sair, o abismo fascina-nos, e torna a empolgar-nos mais cedo ou mais tarde... Enquanto amares Fernando e fores amada por êle, farás o que eu fiz... Diligenciarás, talvez, ficar honesta; mas depois, exausto o amor, imitar-me-ás, tornar-te-ás novamente Turquesa, como eu me torno Baccarat.

O veículo parou na rua Nova de Santo Agostinho à porta de um tabelião.

O cartório estava fechado; mas o tabelião, a quem a Sra. Charmet conhecia particularmente, estava em casa, e por isso acedeu a minutar êle própria a escritura de venda.

A casa fôra vendida pela Baccarat por cento e sessenta mil francos, e foi novamente comprada por ela pelo mesmo preço porque a vendera.

O tabelião acompanhou as formosas vênus-vagas até ao patim da sua luxuosa escada.

— Rua Moncey! indicou a Baccarat ao cocheiro.

E, voltando ambas à casa de onde tinham saído, foram outra vez para a mesma sala em que haviam estado.

— Agora, disse a Baccarat apresentando uma pena à Turquesa, escreve duas linhas ao Visconde, que lhe reenvias os seus títulos de renda e mais cento e sessenta mil francos e as inscrições, lacrou o sobrescrito, tocou a campainha, e entregou a missiva ao criado, dando-lhe ordem de a ir entregar imediatamente.

A Turquesa nem pestanejou; viu sair a sua fortuna pela porta fora com aspecto tranqüilo e olhar sereno.

— Estou portanto em minha casa, concluiu a Baccarat. Tudo isto é meu, não é assim?

— Tudo.

— Incluindo os cavalos e a carruagem?

— Sem dúvida.

— Tu deves ser verdadeira... porque amas.

— Creio que também a senhora o será.

— De certo. Que é que tu queres?

— Que me deixe escrever a Fernando.

— Isso, não.

— Por quê?

— Porque quero que êle venha procurar-te aqui amanhã.

— E dir-lhe-á onde estou?

— Digo... palavra de honra! O que desejo é verificar se êle realmente te ama.

— Pois verifique, acentuou a Turquesa no tom da mais profunda convicção; e ficará convencida.

— Assim desejo.

Nisto entreabriu a porta da sala a criada de quarto.

— Minha senhora, está aqui o moço que a senhora mandou chamar.

Pela porta entreaberta mostrou-se então um homem com o traje tradicional dos moços de fretes, com grandes barbas pretas e uma calva que acusava já bastante idade, o qual, em um relancear, mediu a Bacarrat de alto a baixo.

— Vai lá em cima com êsse homem, ordenou a Turquesa à criada, e dá-lhe a mala que está no meu quarto para êle levar.

A criada fechou a porta e afastou-se seguida do moço.

A Turquesa voltou-se então para a Bacarrat.

— Aquêlo moço vai agora levar tudo quanto conservo do meu antigo esplendor: dois vestidos e um pouco de roupa branca.

E, estendendo a mão a Bacarrat, pegou no chapéu, dizendo ao mesmo tempo:

— Adeus...

— Adeus, despediu-se a Bacarrat; tornaremos a ver-nos, em deixando êle de te amar.

— Então não nos tornamos de certo a ver...

— Mas ouve ainda mais uma palavra... advertiu a Bacarrat. Se arruinas o meu Fernando, o "nosso" Fernando, queria eu dizer, é tão certa eu embeber-te no peito um punhal, como é tão certo achar-me agora aqui, e ter estado a ponto de te estrangular.

A Turquesa saiu da sala sob a impressão desta ameaça e foi juntar-se no jardim com o moço de fretes que ali a esperava.

— Com os diabos! comentou o moço; aquela é que é realmente de respeito... Por um triz que te não csgana.

— O que! Pois viu?

— Ora, adeus, retorquiu sir Williams (porque era êle). Havia duas horas que eu estava escondido no gabinete contíguo à sala. Depois, vesti o traje do teu cocheiro e conduzi-as à rua do Buci, a casa do tabelião.

— Você é realmente um homem de gênio! exclamou a Turquesa.

E em seguida acrescentou: — Acredita naquela nova conversão?

— Não sei, replicou sir Williams. Hei de sabê-lo amanhã... mas se é uma comédia... Diabo! Aquilo é mulher capaz de me embrulhar; principalmente se chegar a saber que sou a pedra angular de tôda esta igrejainha.

Depois, alertou a Turquesa:

— Olha, minha menina; ela ameaçou-te com a morte, se amasses Fernando; mas eu, pela minha parte, prometo frigir-te em azeite, se me atraígoas!

.....

Entretanto, ficando a Baccarat só, ajoelhou e murmurou com voz entrecortada:

— Perdoai-me, meu Deus!... mas é necessário salvá-lo... salvá-los, a todos!

A Baccarat tornou-se, novamente, a Sra. Charmet.

XX

OS AMORES DA INDIANA

Falemos agora de outros personagens da nossa narração, e mudemos de cena por um momento, assim como se faz no teatro.

Rocamble, ou antes, o Visconde de Cambolh, como lhe chamavam na boa sociedade, executara pontualmente as ordens de sir Williams.

Às sete horas da manhã, fôra ter com o porteiro da casa n.º 41 da rua de Rochechouart, e pedira-lhe que lhe ensinasse o golpe dos "cem luises".

O porteiro ficara estupefato, e fizera-lhe uma cortesia, curvando-se até ao chão.

— O senhor, pelo que vejo, é um príncipe? — indagou o célebre mestre de armas.

— Pouco mais ou menos, meu velhote...

— Ou intenta matar algum embaixador?

— Também não digo que não.

E Rocamble, tirando do bôlso uma nota de mil francos, apresentara-a ao professor de esgrima:

— Eu não gosto de perguntas. Ensine-me o golpe e não tente saber quem eu sou.

O porteiro inclinou-se; conduzindo o fidalgo sueco ao sexto andar do prédio, fizera-o entrar em uma espécie de água-furtada, arvorada em sala de armas e dera-lhe a lição.

Da rua Rochechouart, fôra Rocambole, em seguida, à casa do major Carden, depois, às duas horas, vimo-lo nós descartar-se de Fernando no Bosque de Bolonha. E' partindo d'êste momento que vamos agora perseguir-lo.

O moço Visconde deu volta pelo Bosque, tornou pela avenida de Saint-Cloud, entrou em Paris e dirigiu-se à avenida Gabriela, onde parou ao portão de um palacete designado por sir Williams. A visita era de certo esperada, porque, mesmo antes de bater e de se apear, correu um criado a abrir o portão, pegando, em seguida, na rédea, que Rocambole lhe atirou, dando-lhe ao mesmo tempo um cartão.

O criado, que tinha a tez acobreada das latitudes indianas, inclinou-se, deixou escapar um gesto, que significava: "Sei muito bem quem o senhor é", e logo outro, com que o convidava a acompanhá-lo.

A casa da avenida Gabriela era inteiramente nova; não tinha de construída mais de sete ou oito meses. Exteriormente era um edificio como todos os demais. Era situada entre pátio e jardim; e na fachada viam-se, em vários nichos, algumas estátuas.

No interior era tudo diferente. Ali desaparecia Paris, para ceder lugar aos mistérios do Oriente, voluptuoso e fiel às suas tradições religiosas.

O vestibulo era ornado de pinturas extraordinárias, representando as trinta e três encarnações de Vichnu; a estátua do deus Siva, feita de mármore preto, estava colocada em frente de grande tanque de pórfiro, no qual nadavam vários peixes vermelhos.

No primeiro andar, para onde se subia por uma escada, com os patins ornados de flôres exóticas, percorreu Rocambole comprido corredor, cujas paredes estavam cobertas de hieroglíficos hindus. Na extremidade do corredor empurrou o criado a porta, e o Visconde achou-se no limiar de um recinto extraordinário, que mereceu breve descrição. Seria o diminutivo de um pagode, o átrio de uma cortesã antiga ou o tocador da sultana que narra as maravilhas das mil e uma noites? Vários candelabros de feitios desusados, cobertos com bandeiras multicores, projetavam em tôda a estância uma claridade misteriosa. As paredes eram forradas de um tecido

oriental, de côres escuras e representando uma festa dos terríveis estranguladores das florestas indianas.

No chão, coberto com um tapête em harmonia com o fôrro das paredes, viu Rocambole amplo coxim escarlate, e acoorada sôbre êle, ao modo oriental, uma criatura não menos extraordinária do que o lugar em que se achava. Era uma mulher de tez trigueira, e como que dourada, de cabelos pretos, que lhe caíam em anéis desordenados sôbre os ombros semi-nus, de dentes deslumbrantemente alvos, e olhos verde-escuro e um tanto levantados nos cantos, sinal característico das raças da Indo-China. Esta mulher, que teria trinta anos, era dotada da formosura misteriosa, que não pertence senão à raça amarela. Tinha os pés e as mãos de extraordinária pequenez, e de forma extraordinária; e o corpo, do qual se avaliava fâcilmente a estatura, parecia dotado da ondulosa característica flexibilidade dos répteis.

O traje da mulher era o das espôsas dos nababos tributários da Inglaterra, e consistia em uma espécie de roupão, de côres vivas, que permitia entrever-lhe o pescoço, os braços, os ombros e a parte inferior das pernas, inteiramente nuas. Nos bicos dos pés balouçava ela umas chinelinhas douradas, qual proa de embarcação antiga. Finalmente, nos pulsos e nos tornozelos grossos braceletes de ouro maciço, e no pescoço um colar de pérolas do tamanho de ovos de pomba.

Vendo Rocambole, ergueu a cabeça com um movimento sobremodo indolente, e fitou-o com olhos de curiosidade.

O Visconde apresentou-lhe a carta de sir Williams.

Ela pegou-lhe, olhou para o sobrescrito, que era em inglês e no mesmo instante mostrou no olhar baço e quase extinto extraordinária animação, pondo-se em pé repentinamente, como se cedera ao impulso de uma pilha.

No rosto manifestaram-se-lhe imediatamente tôdas as paixões vulcânicas do solo indiano, todos os ardores místicos dos filhos de Buda. Dir-se-ia ser a sacerdotisa de algum culto extraordinário e terrível, desconhecido das nações do Ocidente.

.....
Que ocorreu então entre a filha das latitudes tropicais e o "leão" do bulevar parisiense? Foi sem dúvida um mistério.

Mas, dali a uma hora, parou o tálburi do Visconde de Cambolh no pátio dos Valetes de Copas; subiu rápidamente os degraus do vestibulo, entregou o seu martão a um criado; desejava falar, sem demora, ao Marquês.

— O Sr. Marquês não está em casa, respondeu o criado; mas a Sra. Marquesa está na sala.

— Anuncia-me à Sra. Marquesa, pediu Rocambole, seguindo o criado.

A crioula achava-se na vasta e suntuosa sala do palácio, só e triste.

Qual fôra a revolução que se lhe operara no íntimo? Qual o pesar, qual a dor muda que lhe despedaçara o coração?

Seria ainda o efeito de algum mistério? O fato é que seria difícil reconhecer naquela mulher pálida, de olhar amortecido, a formosa e risonha Marquesa, a sedutora crioula, que oito dias antes fizera, com tanta graça, as honras do seu baile.

Quando ela ouviu pronunciar o nome do Visconde, voltou-se para a porta da sala, trêmula, como se a tivera picado algum perigoso réptil das que infestam as matas do seu formoso país.

O Visconde entrou sorrindo, com o chapéu debaixo do braço, como qualquer homem de boa sociedade que vai fazer uma visita de cortesia. Em seguida cumprimentou respeitosa-mente a Marquesa, que lhe indicou, com um gesto, uma poltrona.

A Sra. Van-Hop era senhora de boa sociedade, primeiro que tudo; sabia, em caso de necessidade, dissimular as suas impressões, e constranger-se ao ponto de sorrir, quando sentia a morte no coração.

Rocambole era-lhe odioso. Fôra êle quem provocara Querubim, quem o ferira, quem fizera surgir a situação extrema e sobremodo tensa, que a obrigara a confessar a si própria o verdadeiro estado do seu coração. E atrevia-se um homem tal a apresentar-se em sua casa! Ia aí, protegido pelas leis da sociedade, pelos seus deveres e exigências; ia fazer o que se denomina uma visita.

Era portanto indispensável que a Marquesa o recebesse com o sorriso nos lábios, que lhe desse a mão a beijar, e conversasse com êle êle acêrca das mil insignificâncias, a que chamam ruído das salas, a respeito do último concêrto, da pri-

meira representação de uma ópera cômica, e do discurso de recepção de tal ou qual acadêmico.

Rocamble adquirira tão rapidamente a ciência, ao mesmo tempo superficial e profunda, que constitui o perfeito cavalheiro; tivera em sir Williams um mestre tão experimentado, que não sentia a mínima dificuldade em sustentar com desembaraço, conversa de uma hora com uma senhora tão distinta como era a Marquesa.

A Sra. Van-Hop, que ao cabo de poucos minutos se achou absolutamente senhora de si, mostrou-se graciosa, quase jovial, apesar de recente enxaqueca, que segundo ela dizia a fizera padecer extraordinariamente. Contudo, a sua palidez e sua tristeza, e a grande perturbação que de repente lhe causara o nome de Cambolh, não tinham escapado ao suposto Visconde.

— O desastre de Querubim, pensara êle ao entrar na sala, causou devastação; e esta mulher tem-me um ódio digno de recomendação!

Ao cabo de uma hora de conversação verdadeiramente fútil, indagou de repente a Sra. Van-Hop:

— O Sr. Visconde desejava talvez falar a meu marido?

— E' verdade, minha senhora.

— O Marquês saíu, mas não pode demorar-se.

— Se V. Ex. permite, esperá-lo-ei.

— Trata-se de algum negócio? perguntou a Marquesa, presumindo que o Visconde teria de dirigir-se mais ao banqueiro do que ao homem de sociedade.

Van-Hop era, com efeito, correspondente de muitas casas bancárias de Londres e da Alemanha; de modo que era frequente aparecerem-lhe estrangeiros de qualidade, portadores de letras sôbre êle. Ora, a Marquesa sabia muito bem que o Visconde de Cambolh era estrangeiro.

— Trata-se de um negócio muito grave, minha senhora, disse Rocamble, respondendo à pergunta da Marquesa.

Nisto ouviu-se o toque de uma sineta, e o rodar de uma carruagem que entrara no pátio.

— Aí está o meu marido, anunciou a Marquesa.

E, em seguida, acrescentou:

— O Marquês raras vêzes vem aos meus aposentos antes de jantar, está sempre no escritório... Quer que o mande conduzir lá?

Rocambole inclinou-se.

A Marquesa tocou uma campainha, e ato contínuo appareceu um criado, a quem ordenou que conduzisse o Sr. Visconde ao segundo andar.

— Que quererá êste homem? murmurou a Marquesa, apenas se achou só. Que vem êle fazer aqui? Não sei porque, mas afigura-se-me ver nêle um mensageiro de más novas.

Em seguida, tornou-se pensativa; o sorriso desapareceu-lhe dos lábios e ficou repentinamente imersa na sua profunda tristeza.

.....

Entretanto, entrava Rocambole no gabinete do Marquês. Van-Hop chegara de fora, e ia sentar-se junto do fogão, quando lhe anunciaram o Visconde.

Era a segunda vez que Rocambole ia à casa do Marquês, que quase o não conhecia.

— O Sr. Marquês, falou Rocambole, que assumira a attitude pensativa e a fisionomia grave e triste de um homem que é portador de má nova, venho pedir que me conceda um minuto de attenção.

— Com muito gôsto... respondeu o Marquês, chegando-lhe uma poltrona e mandando retirar o criado que guiara o Visconde.

— V. Exa., continuou Rocambole sentando-se, mal me conhece pessoalmente; mas atrevo-me a esperar que o nome do general Cambolh, meu pai...

— Perfeitamente... concordou o banqueiro, fazendo uma cortesia e julgando lembrar-se com efeito de um nome idêntico.

— Eu fui apresentado a V. Exa. no seu último baile, pelo Barão O'V..., prosseguiu Rocambole. Contudo, creia que só uma circunstância das mais extraordinárias e imprevistas me poderia obrigar a recordar-lhe êstes fúteis pormenores...

— Eram inúteis, acentuou o Marquês, com extrema cortesia: bastava o nome de V. Exa.

— Eu, prosseguiu Rocambole, interrompendo o Marquês, vim procurar V. Exa., encarregado da mais grave e custosa das missões.

O Marquês fêz um gesto de surpresa.

— E, para lhe explicar esta missão, é necessário que lhe conte em poucas palavras uma história, que talvez lhe pareça extraordinária.

— Estou pronto para o ouvir, Sr. Visconde.

— Há um ano achava-me eu na América, em New York. Tinha vinte e quatro anos, era ardente, buliçoso e andava em busca de uma aventura amorosa...

O Marquês mostrou nos lábios um sorriso de indulgência. Rocambole prosseguiu:

— Achava-se então em New York uma mulher, cuja misteriosa existência, beleza maravilhosa e hábitos excêntricos excitavam no mais elevado grau a curiosidade da moda americana. Esta mulher, concluiu friamente Rocambole, possuía o mesmo apelido de V. Exa.

O Marquês soltou uma exclamação de espanto e fitou o seu interlocutor.

— Chamava-se miss Dai Natha Van-Hop.

— Minha prima!

— Exatamente.

— Filha do Barão Van-Hop, meu tio, falecido na Índia?

— Tal qual...

— E está em New York? perguntou o Marquês no tom da mais viva curiosidade.

— Estava.

— Então onde está agora?

— Está em Paris.

— Logo, V. Exa. vem da sua parte?

— Assim é... respondeu Rocambole.

E acrescentou olhando para o Marquês: — V. Exa. prometeu-me ouvir a história que desejo contar-lhe...

— E aqui estou para a ouvir.

— Eu era sôbremodo curioso, e por isso operei prodígios para me aproximar de miss Van-Hop, que parecia querer ocultar-se a todos os olhos. Consegui por fim o meu intento, falei-lhe de amor, e confessei-lhe achar-me apaixonado pelos seus encantos. Ela ouviu-me sorrindo, com o sorriso triste

que brilha nos lábios das mulheres que padeceram e choraram por muito tempo.

— Não se ama senão uma vez, disse ela, e eu amei...

O Marquês, ouvindo estas palavras, estremeceu.

Rocambole continuou:

— Mostrei-me eloqüente, diligenciei ser persuasivo, falei do futuro em que brilha sempre um raio de esperança; do tempo, que cicatriza as mais profundas feridas da mocidade, que residia nela, e não podia sepultar-se em um luto eterno...

Dai Natha mostrou-se incrédula... Incrédula e inflexível; mas estendeu-me a mão:

— Quer ser meu amigo?

Eu beijei-lhe a mão, perguntando-lhe em seguida se me permitia ter esperança.

— Seria baldada a sua esperança, tornou ela, o meu coração morreu para o amor...

Aqui deteve-se Rocambole, e olhou para o Marquês.

— Desculpe-me o entrar nestes pormenores, que não têm na realidade outro fim senão o de lhe demonstrar que Dai Natha padecia por efeito de violento pesar amoroso.

Convidou-me ela para que a visitasse algumas vêzes; e eu, como deveras apaixonado pela formosa índiana, usei e abusei da permissão.

Decorreram assim seis meses.

Dai Natha não era, não queria ser, não seria nunca para mim senão uma amiga.

Houve, então, uma circunstância independente da minha vontade, e mesmo razões de interêsse muito graves, que me obrigaram a deixar New York para voltar a Paris.

Cheguei aqui o ano passado; e os prazeres ruidosos da capital do mundo distraíram-me em breve do meu amor; em poucos meses senti-me curado... Na minha idade é fácil o esquecimento!

Esta manhã, porém, recebi uma carta, com duas únicas linhas; uma carta assinada por Dai Natha, e concebida nestes têrmos:

“Venha ver-me; pouco tempo me resta de vida e conto com a sua amizade.”

E Rocambole apresentou, com efeito, ao Marquês a carta de que falara.

A carta — contendo as duas linhas que já citamos, escritas em inglês — era com efeito assinada por miss Van-Hop.

O Marquês reconheceu a assinatura, soltou uma exclamação e empalideceu:

— Valha-me Deus! murmurou êle; que notícia veio V. Exa. dar-me? Minha prima então morreu já, de certo?

— Ainda não, retorquiu Rocambole; mas queira ouvir o resto...

— Vejamos, Sr. Visconde... pediu o Marquês, cuja voz denunciava profunda aflição.

— Corri imediatamente à casa de miss Van-Hop, prosseguiu Rocambole, que eu ainda ontem não sabia achar-se em Paris. Fui achá-la em pequena casa na avenida Gabriela, que me fêz lembrar, pelo seu aspecto interior, a que ela habitava em New York. Dai Natha estava deitada, ao uso oriental, em um gabinetezinho de toucador, ornado como qualquer pagode indiano. Estava risonha e tranqüila como sempre, e parecia tão cheia de vida que julguei, em princípio, ter gracejado comigo. Apenas entrei, disse-me ela, estendendo-me a mão:

— Acha-me de boa saúde?

— De certo, exclamei; e foi maldade sua...

— Pois engana-se... Daqui a oito dias estou morta. Rocambole deteve-se ainda mais uma vez.

O Marquês estava muito pálido, e tinha a testa coberta de suor frio.

O Visconde prosseguiu:

— Ouça o resto, Sr. Marquês. Dai Natha fêz-me sentar a seu lado; e pegando-me na mão:

— Sabe porque eu não pude corresponder ao seu amor? E' que eu também amava com paixão, com o ardor das mulheres do meu país; é que eu amava havia quinze anos e tenho trinta, com os olhos voltados para a Europa, onde estava o homem a quem eu dera o meu coração para sempre.

— Mas então êsse homem, indaguei, era cego e louco?

— Não, mas amava outra.

Em seguida, sorrindo:

— Sabe por que eu voltei a Paris? E' porque êle está aqui; e eu parti com uma esperança vaga, ímpia, egoísta... Com a esperança de que êle já não amasse, e de que não fôs-

se amado... Infelizmente, enganei-me... Ama ainda muito mais do que nunca, e é igualmente amado... Não tenho portanto mais nada que fazer neste mundo...

— Tão nova e formosa, não há de morrer assim, minha senhora... bradei, pegando-lhe na mão e beijando; há de renunciar a essas idéias de suicídio...

— Já é tarde! retorquiu ela sorrindo. Esta manhã bebi uma gôta de licor contido neste frasquinho que trago ao pescoço...

O Marquês soltou um grito.

— Queira ouvir-me até ao fim — solicitou Rocambole.

Este licor, continuou miss Van-Hop, é um veneno do meu país, um veneno lento e seguro, que não faz padecer... mas se infiltra gota a gota nas veias, e mata ao cabo de oito dias... Não há senão um antídoto para este veneno, um único... mas não poderia usar dêle, porque não existe na Europa... Não se encontra senão na minha terra. Assim, concluiu Dai Natha, estou antecipadamente morta; nem todos os médicos da Europa conseguiriam salvar-me... O que eu quis foi vê-lo pela última vez...

Em seguida, acrescentou:

Queria que o Sr. fôsse à casa do homem que amei, e por quem morro, pedir-lhe que viesse apertar-me a mão... Desejava vê-lo ainda uma vez.

Aqui deteve-se Rocambole.

— E o que mais? perguntou o Marquês, pálido como um cadáver, e com a voz entrecortada por profunda comoção.

— Suponho, respondeu Rocambole tranqüilamente, que nada mais tenho a dizer; porque o homem a quem Dai Natha amou e ama ainda, o homem por quem morre... é o senhor Marquês!

O Marquês, que já se tinha levantado, ouvia Rocambole ofegante e sem voz; e, quando o Visconde de Cambolh proferiu as últimas palavras, teve de se encostar à pedra do fogão para não cair.

CAÇA AOS MILHÕES

I

A PEDRA AZUL

Houve entre o homem que narrara a história, e o que a ouvira, um momento de terrível silêncio.

O Marquês, dotado de temperamento sanguíneo e apoplético, estava como que fulminado.

Rocamble olhava para êle, e sentia-se amedrontado. Tinha medo de que o Marquês sucumbisse a uma apoplexia; e a morte do Marquês era a ruína das mais grandiosas esperanças dos Valetes de Copas, era a perda dos cinco milhões prometidos por Dai Natha a sir Williams...

Semelhante, porém, ao touro, que a vara do toureiro prostra, mas não aniquila, e que torna a erguer-se mais forte e enfurecido, fêz o Marquês um esforço violento, sacudiu o atordoamento que o dominava, e endireitou-se tranqüillo e energético, como costumam ser os homens do norte...

— Minha prima... perguntou, confessou-lhe o veneno que tomou?

— Confessou...

— Que veneno foi?

— O fruto de mancenilheira, reduzido ao estado de extrato, misturado com fôlha de upá.

— E' isso! disse o Marquês.

E acrescentou pensativo:

— Dai Natha tinha razão; não há neste mundo senão um único antídoto para aquêle veneno; um antídoto que só na Índia se encontra...

Então o Marquês, o homem pouco antes fulminado, quase atacado de paralisia, por quem Rocamble temera um instante a apoplexia, a quem fôra dizer: Há em Paris uma mulher que se envenenou por sua causa; aquêle homem sentou-se tranqüilamente na poltrona em que pouco antes estivera, e prosseguiu com a fleuma de um holandês.

— O contra-veneno de que falei é uma pedra azul excessivamente rara, que se não acha senão no corpo de um réptil a que chamam serpente negra. Esta serpente tem ca-

beça triangular como a víbora, o lombo negro, e o ventre do um amarelo muito claro. E' muito rara, e não se encontra senão nas proximidades de Laora e de Visapura. E, afinal, nem tôdas as serpentes negras possuem nas entranhas a preciosa pedra azul: em dez há uma que a contém. Uma pedra de serpente negra — acrescentou o Sr. Van-Hop — cuja tranqüillidade nem um instante se desmentia, chega a custar na Índia duas mil libras esterlinas; e bem sabe que por tal preço nem a todos é dado adquiri-la.

Então era Rocambole que olhava para o Marquês, parecendo estupefato diante daquele sangue-frio, que êle de certo não previra.

O Marquês pegou na tenaz do fogão, aconchegou o carvão:

— Quando, quer voluntariamente, quer por engano, alguém está envenenado pelo fruto, pela fôlha, ou pelo sumo da mancenilheira, não pode achar remédio senão na pedra de que falei. Pega-se na pedra e coloca-se em um copo d'água, onde ela se dissolve pausadamente, dando-lhe a sua côr; depois, faz-se beber a água assim colorida à pessoa envenenada. E' meio seguro, infalível, de paralisar a ação do veneno; mas para isso é necessário que o veneno haja tido tempo de se infiltrar em tôdas as veias e de se confundir perfeitamente com o sangue; quero dizer, é necessário esperar para o sexto ou sétimo dia.

— Há de permitir-me, Sr. Marquês, frisou Rocambole, que lhe não oculte o meu assombro.

— Por quê? perguntou fleumáticamente o Marquês.

— Por quê?!... Porque vim aqui dizer-lhe que miss Dai Natha Van-Hop se envenenou, que o Sr. Marquês foi a causa, com quanto inocente, do seu suicídio; que sabe tão bem como eu que não há senão um único remédio para aquêl mal, que êsse remédio não existe na Europa; e porque, em vez de o ver aflito e desorientado, o ouço contar-me muito tranqüillamente como se obtém e aplica um remédio impossível de obter!

O Marquês sorriu, e retorquiu:

— Bastará dizer-lhe duas palavras, para que cesse o seu assombro...

— Espero então que as diga...

— Dai Natha enganou-se, afirmando que não se achava em Paris a tal pedra.

E em seguida estendeu o Marquês a mão esquerda e mostrou-a ao seu interlocutor. A mão do Marquês tinha no dedo mínimo um grande anel, com uma pedra, que todos diziam ser uma turquesa.

— Aqui está uma pedra verde, uma pedra de serpente negra. Trouxe-a da Índia há doze anos; e então não me passou pela idéia que poderia um dia salvar a vida à minha querida Dai Natha!

Após isto, levantou-se o Marquês, e concluiu:

— Quer o Sr. Visconde ter a bondade de me conduzir à casa de minha prima?

Rocamble inclinou-se com a máxima seriedade.

O Marquês pegou na capa, no chapéu e na bengala e desceu acompanhado de Rocamble para o pátio, onde estava esperando o tálburi do elegante Visconde.

— Eu, Sr. Visconde, prosseguiu o Marquês, sempre tranqüilo e frio como um verdadeiro holandês, sou obrigado a algumas explicações, porque ao contrário poderia julgar-me odioso e ingrato, quando sou simplesmente desgraçado.

Rocamble permaneceu calado, parecendo esperar as explicações do Marquês, o qual continuou:

— Há perto de treze anos, embarcava eu em Haia, para fazer uma viagem à roda do mundo. O primeiro pôrto em que me detive foi na Havana espanhola, onde fui admitido na convivência de uma família de plantadores, com a qual vivi muitos meses. Esta família era a de Pepa Álvares, senhora que o Sr. Visconde conhece perfeitamente e que se tornou depois Marquesa Van-Hop. Eu partira de Havana para a Índia, amando Pepa Álvares, e julgando-me amado por ela, a quem prometera casamento. Cheguei depois à Índia, à casa de meu tio, pai de Dai Natha. Dai Natha possuiu-se de violenta paixão por mim e quis casar comigo. Mas eu, infelizmente, já não era senhor do coração, tinha a minha palavra empenhada e por isso voltei para Havana, onde desposi Pepa. Confesso-lhe agora que vivi doze anos com o amor de minha mulher, e com o que por ela sentia, convencido de que Dai Natha se esquecera de mim. Imagine, portanto, o meu assombro, quando há pouco o ouvi.

— O Sr. Marquês, definiu Rocamble, é, com efeito, mais infeliz que culpado; por isso, lastimo-o profundamente.

O Marquês estremeceu, porque as palavras do Visconde tinham sido proferidas no tom misterioso de uma profeta sinistra.

— Lastimo-o, prosseguiu Rocambole, por ser a causa inocente da morte da desgraçada Dai Natha.

— Mas, juro-lhe que não há de morrer, disse o Marquês.

— Morre, decerto.

— O Sr. Visconde esqueceu-se da pedra verde.

— Não esqueço; Dai Natha é que não há de querer usar dela.

— Eu saberei obrigá-la a isso.

— Para obter tal resultado, não vejo senão um meio.

— Qual é, Sr. Visconde?

— E' chegar o Sr. Marquês a amá-la.

— Não se amam duas mulheres ao mesmo tempo, e...

— E?... perguntou Rocambole.

— E eu amo a minha mulher, confessou gravemente o Marquês; amo-a como no primeiro dia da nossa união... ardente e santamente, como merece ela ser amada. Creia, contudo que hei de salvar Dai Natha... querer-lhe-ei como uma irmã acrescentou o Marquês, em um tom ingênuo e profundamente afetuoso, que revelava um nobre coração, o qual conservara o generoso calor da mocidade, a despeito da máscara de frieza que lhe cobria as feições.

Entretanto, chegou o tîlburi à avenida Gabriela, e dentro em pouco parou no portão da casa que sabemos.

A casa de miss Van-Hop tinha duas entradas, e um só vestibulo ao centro da fachada. Em cada um dos lados do edificio havia uma escada.

Duas horas antes entrara Rocambole pela do lado esquerdo, seguira por um corredor muito extenso, e entrara em uma sala, onde tudo recordava o extremo Oriente, e a religião dos antepassados maternos de Dai Natha, que nunca fôra cristã senão no nome, ao passo que acreditava piamente nos mistérios do culto de Buda.

O criado de rosto assombreado, que dera entrada ao Visconde pela escada do lado esquerdo, vendo-o com o Marquês convidou-o a entrar pela do lado direito.

Naquele lado do edificio não havia indícios da Índia, nem das suas pinturas extravagantes. Aquilo não era já a entrada

de um pagode, mas sim de um palácio, como os que se vêem nos Campos Elísios e nas ruas novas do arrabalde de Saint-Honoré; e a escada era atapetada de peles de tigre, seguras em cada degrau por uma varinha de cobre dourado, os patins ornados com estátuas, e guarnecidos com caixotes de flôres, contendo arbustos raros.

O criado conduziu as visitas para uma grande e magnífica sala, cuja mobília era uma reunião de maravilhas, e, indicando-lhe um sofá colocado a um dos lados do fogão, disse-lhes no mais puro inglês:

— Vou prevenir miss.

E saiu levando o cartão do Marquês.

Dali a poucos minutos, durante os quais Van-Hop, apesar da sua dolorosa preocupação, não pôde abster-se de admirar um soberbo Murilo, pendurado por cima de um cofre de ébano, ouviu o roçagar de um vestido de seda, e logo depois passos no tapête.

Em seguida afastou-se um reposteiro, e apareceu uma senhora, que já não parecia, e contudo ainda era Dai Natha. Quer dizer que a indiana, a neta de nababos, a supersticiosa filha do Oriente, que tinha os avós maternos nos tanques do seu vestibulo sob a forma de peixinhos vermelhos, desaparecera inteiramente. Não estava já com o seu trajo oriental, coberto de desenhos fantásticos, e guarnecidos de amuletos, nem com os braceletes de ouro e as babuchas vermelhas. Tinha então um vestido de sêda escura, afogado, e luvas; e os braços deliciosamente modelados saíam-lhe meios nus de uma onda de rendas. Os cabelos pretos como ébano, achatavam-se-lhe nas fontes, em dois largos bandós, e não tinham por enfeite senão uma camélia escarlata, artisticamente colocada por hábil cabelereiro.

A filha da Índia metamorfoseara-se em elegante *lady*, que não conservara da sua afinidade com a raça amarela senão a tez um tanto trigueira, e que podia, em rigor, fazê-la passar por italiana ou espanhola.

Assim vestida e enfeitada, podia a neta de nababos lutar em beleza, em esplendor, e em nobre simplicidade com a Marquesa Van-Hop, sua rival.

O marido desta ficou um tanto deslumbrado.

Esperava ir deparar uma mulher meio selvagem, com a fisionomia transtornada pela paixão, e a expressão sinistra de uma sacerdotisa, que voltara a vida às superstições da sua nebulosa religião, e achava-se na presença de uma mulher tôda distinção, que baixava modestamente os olhos.

Entrando na sala, saudou as visitas com o gesto e aproximando-se de Van-Hop proferiu, em inglês, única língua que falava:

— Agradeço-lhe a sua solicitude, meu primo.

E dando-lhe a mão a beijar, com o desembaraço de uma Duquesa do arrabalde de Saint-Germain, acrescentou:

— Concede-me alguns minutos de conversação em particular?

O Marquês inclinou-se.

Então a indiana pegou-lhe na mão:

— Vamos...

E conduziu-o para um gabinete de toucador, voluptuoso e coquete.

Acharam-se então separados do resto do mundo por espesso reposteiro.

— Renovo os meus agradecimentos, primo, falou a indiana, fazendo sentar o Marquês a seu lado: chamei-o, e o primo veio sem demora...

— Minha prima...

— Silêncio! bradou ela pondo lindíssimo dedo nos lábios, não me interrompa...

— Obedeço... murmurou o Marquês, principiando a desconfiar, tão risonha e jovial via a formosa indiana, que o Visconde zombara dêle, e que não havia nada menos sério do que a história do veneno.

— Meu querido primo, meu pobre Hércules (reatou ela em tom um tanto triste, o Marquês, como muitos holandeses, chamava-se Hércules); quando o senhor chegou à Índia, à casa de meu pai, há doze anos, era eu uma criança supersticiosa, ignorante, não sabendo nada da vida, nem das tempestuosas paixões do coração... O senhor era moço, e interessante; meu pai dissera-me muitas vêzes que o primo devia ser meu marido... eu amava-o...

— Minha prima...

— Então! lembrou ela, ameaçando-o com o dedo; olhe que prometeu não me interromper!

E continuou:

— Eu amava-o, meu primo, não sabendo que o seu coração já estava dado, e que tinha empenhada a sua palavra. Quando o senhor partiu, passei a esperar o seu regresso, contando os meses, os dias e as horas. Mas, afinal, passaram-se anos e o primo não voltou. Foi então que eu soube a verdade... Nesse tempo ainda eu era a selvagem filha dos velhos budistas; se naquele dia não se achasse entre nós a vasta amplidão do mar, creio que teria ido apunhalar a mulher que o primo amava!

E os olhos de Dai Natha soltaram um relâmpago ao qual, porém, sucedeu um sorriso.

— Não receie nada por ela, continuou a indiana: bem vê que sou uma mulher da sociedade civilizada. O que restava em mim de sangue indiano ferve como a lava dos vulcões, voltei-o contra mim só... só eu fui vítima dêle... Mas quis vê-lo, meu primo, quis vê-lo pela última vez, para lhe dizer que nos doze anos que hão decorrido, nem os mais terríveis acontecimentos o têm podido desterrar do meu pensamento, por uma hora sequer. Tenho-o amado durante doze anos, seguindo-o sempre com os olhos da recordação, que são os que possuem a vista mais penetrante, através dos mares, no meio da tranqüilidade do seu viver...

Dai Natha falava-lhe sem exagerações, sem cólera, a linguagem verdadeira da paixão profunda, que coisa nenhuma conseguiria extinguir.

O Marquês ouvia-a com o coração oprimido, e contemplava-a com doloroso assombro.

Dai Natha prosseguiu com a maior tranqüilidade:

— O amor, que eu tinha no coração, assemelhava-se a uma doença das que são a desesperação da ciência, e seguiu inexoravelmente sua obra de destruição. Chegou um momento em que o vaso cheio transbordou, e em que me inclinei, curvada ao pêso do fardo que me oprimia... um momento em que tive horror à vida... Esse dia, meu primo, foi ontem... Esta manhã renunciei a arrastar por mais tempo uma existência miserável, e sem repouso...

Após isto tirou do seio um frasquinho e mostrou-o ao Marquês.

Van-Hop reconheceu logo, empalidecendo, que o frasquinho, que continha um líquido avermelhado, como o Visconde dissera, estava meio despejado.

— Bebi o que aqui falta, asseverou Dai Natha, sorrindo; dentro de oito dias estarei morta.

— Não, exclamou o Marquês com súbita explosão de ternura, não há de morrer, minha querida Dai Natha, minha irmã!... Não há de morrer... olha...

E mostrou-lhe a mão:

— Vê este anel... E' a pedra azul da serpente negra... o remédio infalível...

E, pegando nas mãos de Dai Natha, prosseguiu:

— Nossos pais eram irmãos, querida Dai Natha, e estimavam-se muito... Por que nos não havemos de querer reciprocamente, como eles se queriam?

A indiana soltou então um grito de alegria deveras indefinível.

Dai Natha empalidecera. Depois, tornou-se fria e serena, e ficou imóvel, o brilho dos olhos extinguiu-se-lhe.

— Enlouqueceu! Vir falar de afeição fraterna à mulher que morre de amor pelo senhor!...

Estas palavras aterraram Van-Hop.

— Deite fora essa pedra, continuou Dai Natha, com a sua voz suave e triste; deite-a fora, porque não servirá para salvar Dai Natha, cujo intento é morrer...

O Marquês ajoelhou-se aos pés da prima:

— Pelo amor de Deus... em nome de seu pai, e do meu... em nome dos laços de sangue...

— Os laços de sangue já falaram em mim, continuou ela, porque o institui meu herdeiro universal, porque lhe lego vinte milhões...

— Não... não!... Não quero a sua riqueza... o que quero é que viva, minha querida Dai Natha.

A indiana levantou-se em seguida, e, cruzando os braços, perguntou:

— Acha-me formosa?

— Tão formosa quanto... ela?

E a voz tremeu-lhe ao proferir estas palavras.

— Ah! sim!

— Se ela não existisse, amar-me-ia?

— Apaixonadamente.

A indiana soltou um rugido surdo, semelhante ao das panteras que povoam as vastas florestas virgens da sua ardente pátria.

— E... se ela morresse?

E a voz tremeu-lhe mais ainda, fazendo esta pergunta.

O Marquês abanou a cabeça e murmurou:

— Também às vezes se amam os mortos... Ama-lá-ei ainda, depois de morta...

Dai Natha soltou dos olhos um relâmpago; e em seguida:

— Se eu lhe pedisse para me fazer um juramento, eu que estou para morrer... que morro pelo senhor... eu, que o amo há doze anos...

— Um juramento?! exclamou o Marquês.

— Sim, um juramento terrível, um juramento pelo qual eu talvez acesse a viver...

— Mas diga que juramento é... rogou o Marquês com visível alegria; qualquer que seja, proferi-lo-ei...

— Pois bem, vou confiar-lhe um segredo, que de certo lhe transtornará o coração e o espírito... Jura obedecer-me cegamente até o momento em que eu lhe apresentar prova irrecusável, autêntica, do que vou dizer-lhe?

— Juro-lhe. Dai Natha, pelas cinzas de nossos pais!

— Se a sua mulher não existisse, amar-me-ia?

— E repito-o.

— E se ela lhe fôsse... infiel?

O Marquês soltou um grito indescritível.

— Não diga blasfêmias, Dai Natha! rugiu, com os olhos repentinamente incendiados que nem os de um tigre.

— Pois creia que há de amar-me, meu querido Hércules... porque Pepa Álvares, sua mulher, deixou de ser a mais casta e virtuosa das espôsas...

O Marquês não proferiu uma única palavra; dirigiu-se para o fogão, sôbre o qual estava pequenino punhal malaio, de lâmina torcida e envenenada. Pegou no punhal, e voltou para Dai Natha, que o esperava com os braços cruzados e o sorriso nos lábios.

— Enganaste-te! avisou êle pausadamente e com melo-
nha serenidade: fizeste mal em tomar o veneno... Não é pelo
veneno que hás de morrer!

II

O J U R A M E N T O

Quem tivesse visto o Marquês nas salas, homem sereno,
frio, fleumático, não o teria reconhecido naquela ocasião. Es-
tava medonho. Lívido, com os olhos incendiados, trêmulo,
olhava para Dai Natha como o réptil a fascinar a presa.

Dai Natha permanecia risonha, e com os braços cruzados:

— Mata-me, perjuro! mata-me antes de teres adquirido
a prova que te prometi.

O Marquês lembrou-se então do seu juramento e deixou
pender o braço, que já tinha erguido sôbre a indiana.

— Bem... estertorou êle, com raiva concentrada, fala e
prova... Se é verdade o que dizes, não és tu que hás de mor-
rer... há de ser ela! Não será Pepa quem hei de amar além
da campá... mas sim a ti... a ti, a quem desposarei!

— Realmente? perguntou ela.

— Juro!... mas fala...

— Foi hoje que tomei o veneno... — declarou Dai Na-
tha, sem perder nada da sua tranqüillidade; daqui a oito dias,
hora por hora, estarei morta... só tu podes salvar-me...

— Fala... fala... exclamou o Marquês.

— Uma vez que juraste, ouve-me até o fim...

O Marquês sentiu-se verdadeiramente acabrunhado, por-
que Dai Natha falava em tom de verdade; e após um instante
deixou cair da mão o punhal.

— Se nestes sete dias — disse ela — não surpreenderes
um homem aos pés de tua mulher, em um sítio que não será
a tua casa, deixar-me-ás morrer.

— E provar-me-ás ser ela culpada? perguntou o Marquês
com voz que encerrava tempestades.

— Hei de prová-lo!... Agora, lembra-te do teu juramen-
to e de que tens de me obedecer.

— Obedecerei.

— Tu és homem, continuou Dai Natha, e um homem deve saber mergulhar no íntimo da alma as mais violentas dores; um homem deve ter força de dissimular; um homem deve poder, se assim fôr preciso, pôr, no rosto, máscara de gelo.

A proporção que Dai Natha falava, iam readquirindo a serenidade as feições contraídas do Marquês. Dentro em pouco mostrou na fisionomia a frieza que lhe era habitual.

— Volta para casa, pediu Dai Natha; volta para casa, e espera... Para eu te entregar os culpados é necessário que eles se julguem o abrigo da impunidade.

— Mas o seu nome... exclamou o Marquês, o seu nome?

— Que nome?

— O nome do homem...

— Ainda não... ainda não...

— Bem... aditou friamente o Marquês, esperarei. Até o dia indicado não estremeceará um único músculo do meu rosto, o coração não me há de palpitar mais apressadamente do que de ordinário. Continuarei a olhar para minha mulher com serenidade... apertar-lhe a mão... a sorrir-me para ela... Depois, chegou o dia, se falas a verdade, matá-la-ei... se mentes, és tu quem morres...

— Não hei de morrer... e amar-me-ás?

— Hei de amar-te!

— Serei tua mulher?

— Assim o juro, pela memória de nossos pais!

— Muito bem, Hércules Van-Hop. Agora, adeus... Até daqui a sete dias.

A indiaina apanhou o punhal, que êle deixara cair no chão, e deu-lho, dizendo:

— Aqui tens... mata-a com êste punhal, que foi forjado para ela.

Ao mesmo tempo mostrou nos lábios um sorriso cruelíssimo.

Depois, pegou novamente na mão do Marquês:

— Agora, podes retirar-te.

E, abrindo uma porta fronteira àquela por onde o Marquês entrara, impeliu-o para o corredor, onde sentiu pegar-lhe na sua mão a mão de um homem.

O Marquês sentiu-se guiado no meio da escuridão em que se achava, desceu uma pequena escada, e no fim dela viu-se

no pátio. Ali, cumprimentou o criado que lhe servia de guia e desapareceu.

O Marquês afastou-se, a pé, com o andar incerto do homem que vê inopinadamente desmoronar-se diante de si todo o edificio do seu futuro.

.....

Dai Natha voltara para a sala onde se achava o suntuoso Visconde de Cambolh.

Durante a sua estada em New York, aprendera Rocamboie suficiente inglês para poder conversar com facilidade.

A indiana sentou-se ao pé dêle:

— Já se foi.

— Convencido? perguntou Rocamboie.

— Convencido e esperando a prova.

— Há de tê-la... prometeu friamente o lugar-tenente de sir Williams.

— Tem a certeza?

— Absoluta certeza.

— Depende disso a minha vida... anunciou ela muito tranqüilamente.

— E para nós é caso que representa cinco milhões.

— Porque o senhor, prosseguiu ela, não sabe uma coisa; se a Marquesa está inocente, morro do mesmo jeito.

— Como assim?

— Em primeiro lugar, porque êle me matará.

— Bem; mas se êle não a matar... Suponho que não tomou o veneno?

— Não, mas vou tomá-lo.

— Para que é isso bom?

— Porque a pedra azul, que salva os que tomaram o suco da mancenilheira, mata os que o não tomaram.

— Ora, adeus!

— Além disso — concluiu ela — como resolvi morrer se êle me não matar... se não puder ser sua mulher...

— Se-lo-á, creia... respondeu Rocamboie, em tom de convicção.

Em seguida, tirou a indiana do seio o frasquinho, do qual deitara fora metade do conteúdo, levou-o aos lábios e bebeu o resto.

Bebeu até a última gota.

— Agora, declarou ela pousando o frasquinho em cima de uma banca, só o amor dêle e a pedra azul podem fazer com que eu viva!

— Há de viver... retorquiu-lhe Rocambole, que acreditava piamente no gênio de sir Williams.

III

OUTRA VEZ BACCARAT

Baccarat tomara posse da sua antiga casa, e a primeira coisa que fizera fôra despedir os criados da Turquesa, excluindo a criada de quarto.

— A ama é espertíssima, pensara ela; mas, por mais esperta que seja, deve ter de certo deixado transpirar algum dos seus segredos; e o segredo meio confiado aos subalternos compra-se com ouro.

Nisto enganava-se a Baccarat.

Sir Williams adotara tôdas as precauções, e a Turquesa tivera o cuidado de despedir na véspera a criada de quarto: de modo que a que ficara com a Baccarat não sabia nada dos segredos da pecadora.

O mais que sabia era que a Turquesa, na véspera, após uma cena de lágrimas e de desesperação, saíra vestida de costureira.

Baccarat passou a noite agitadaíssima.

Foi em extremo aflita que ela contou as horas, esperando o dia seguinte.

Às oito horas tocou a campainha.

— Esta manhã, avisou ela, virá aqui o Sr. Fernando Rocher, e perguntará pela senhora. Peçam-lhe que entre na sala, e espere, sem lhe dizerem que a senhora não está em casa.

A criada de quarto inclinou-se e saiu.

Baccarat contara com a visita matinal de Fernando Rocher. Era evidente que, apaixonado como êle estava, não deixaria de ir de manhã à casa da Turquesa.

Não se enganou.

Soavam nove horas, quando Fernando, que fôra a pé, se apresentou a sua porta.

Foi a criada quem abriu a porta. Baccarat não queria que os demais criados lhe pernoitassem em casa; por conseguinte, haviam saído todos na véspera à noite.

Fernando entrou para a sala.

— A senhora está se vestindo, e pede ao Sr. Rocher o favor de esperar, disse a criada.

Fernando estava sôbremodo pálido e comovido.

Voltara na véspera, para casa, com a firme resolução de quebrar tôdas as peias; e vimos, por isso, como mentiu desafortadamente à sua mulher.

Hermínia compreendera imediatamente que a sua dignidade de mãe e de espôsa lhe prescrevia o encerrar-se na mais absoluta reserva. O orgulho da virtude que não permite transações vergonhosas, tornava-lhe um dever o conservar-se dali em diante silenciosa, deixando a seu marido inteira liberdade.

Fernando saíra, sem que a senhora Rocher lhe perguntasse aonde ia, e chegara à casa da Turquesa com o coração palpitante, presa de vivíssima comoção, e resolvido a não aceitar o sacrifício que ela lhe queria fazer. Não queria que por sua causa, se reduzisse a uma condição obscura e miserável, a uma existência pobre, depois de ter vivido na opulência. Fernando formulara já o seu plano. Reenviaria ao Visconde de Cambolh os títulos de renda e o valor da casa; depois pediria à Turquesa que aceitasse aquela mesma casa, como presente dêle.

Na sala estava tudo como na véspera; não havia nada que pudesse indicar à visita matinal o ter havido naquela casa a mínima alteração.

Assim, quando ouviu o roçado de um vestido de sêda, julgou Fernando que era a Turquesa quem se dirigia para a sala.

Em seguida abriu-se a porta, e Fernando recuou surpreendido.

Não era a Turquesa quem lhe aparecia; era a senhora Charmet.

Para dizermos melhor, não era já a Sra. Charmet, a austera mulher vestida de escuro, a humilde dama de caridade, que consagrava a vida e os seus avultados haveres a aliviar os desgraçados, a arrancar do vício raparigas pobres e desvalidas; era a Baccarat, Baccarat resplandecente de mocidade e beleza, Baccarat tornada novamente a "leoa" de outrora, a

mulher elegante que Paris inteira vira em Longchamps, conduzida à Deaumont, em uma caleche tirada por duas parelhas soberbas.

Baccarat parecia ter remoçado quatro anos. Estava com lindíssimo vestido de sêda cinzenta, meio decotado, que deixava entrever-lhe os formosos ombros de alabastro. Os formosos cabelos estavam penteados com extremo esmero e bom gôsto, deixando-lhe inteiramente desassombrada a elevada frente; e ornava-lhe um dos braços nus um grosso bracelete.

— Bom dia, falou ela a Fernando, desembaraçadamente, e estendeu-lhe a mão.

E nos olhos pretos mostrava o olhar sedutor da Baccarat de outrora, e nos lábios pairava-lhe o sorriso que originara duelos.

Fernando permaneceu mudo.

— Então! recusa-me a mão?

— Sra... Charmet... balbuciou Fernando, no auge do assombro.

— Engana-se... está cruelmente enganado, respondeu a Baccarat, eu não me chamo Charmet. A Sra. Charmet morreu, e a Baccarat ressuscitou.

E em seguida ofereceu uma cadeira a Fernando.

— Foi realmente encantador vindo visitar-me. Terá sido o primeiro a saudar a minha metamorfose; bem sabe que é sempre espirituoso ser o primeiro, no que quer que seja. Principalmente no amor tem grande merecimento a antigüidade.

— Enlouqueceu! murmurou Fernando.

— Agradeço-lhe o cumprimento. Acho-o amável como qualquer moço e malcriado como todos os colegiais. E' caso para fazer corar o haver-lhe tido amizade? Ande, continue... Se é para isso que veio visitar-me às dez horas da manhã...

Fernando estava mergulhado em profundo assombro.

— Provavelmente, continuou a Baccarat, não esperava achar-me aqui?

— De certo que não... respondeu Fernando a Baccarat.

— Quer dizer que vinha visitar a Turquesa?

Fernando estremeceu.

— Talvez...

— Pois a Turquesa se foi.

— Que está dizendo?!

— Que admiração! Tornei-lhe a comprar a casa, por conseguinte, teve de sair dela.

Fernando quase deu um pulo na cadeira.

— O que?!... Tornou a comprar...

— Ora esta! replicou a Baccarat, em tom de zombaria. Onde é que tem estado? Então não sabia que era minha esta casa? Não se lembra de que foi aqui que lhe dei hospitalidade?

E dizendo isto fitou Fernando com ar ao mesmo tempo de escárneo e de benevolência.

— E tornou a comprá-la?

— E dei por ela sessenta mil francos, pagos à vista, dinheiro que a Turquesa remeteu imediatamente ao Visconde de Cambolh.

Ouvindo êste nome, sentiu Fernando um estremecimento de cólera. Contudo, não estava ainda convencido.

— Mas, vamos ver... que significa êste gracejo?

— Eu não estou gracejando.

— Logo, esta casa pertence-lhe.

— Não tem nada demais

— Mas a sua casa?

— A da rua de Buci?

— Exatamente.

Baccarat mostrou nos lábios um sorriso equívoco.

— Quem sabe? insinuou ela; talvez a tenha vendido à Turquesa.

E como Fernando a fitasse, cada vez mais estupefato, acrescentou:

— Não quero desfrutes... A Turquesa já não tem meios para comprar casas; e a Sra. de Charmet, que Deus haja, possui ainda da a rua de Buci. O que sucede, porém, é que Baccarat, sua herdeira, vai tratar de a vender.

— Eu estou sonhando!... murmurou Fernando.

— Por quê?

— Porque já não a reconheço.

Baccarat envolveu-o então com prolongado olhar, dizendo em seguida:

— Ingrato!

— Não, prosseguiu Fernando, não posso acreditar que a Sra. Charmet, a mulher de bom coração, superiormente inteligente, a virtuosa Sra. Charmet...

— Já não existite, repito.

— Pois que! exclamou êle; então a senhora, que há quatro anos vivia uma vida tão exemplar; a senhora, a quem os enfermos viam à cabeceira, havia de voltar a tão vergonhosa existência!...

Baccarat soltou uma risada, que desnorteou Fernando.

— Olhe, respondeu ela em seguida, se quiser ouvir-me por um minuto, deixo imediatamente de soltar tão altos gritos... Não direi frases inúteis: contarei apenas uma história simplicíssima.

— Diga... que eu ouço.

— Era uma vez uma pecadora, abominável pecadora, a qual, do fundo do seu infame passado, avistou um cantinho do céu azul, e nêle uma estrêla. Esta estrêla era o amor. O homem a quem ela amou era pobre empregado público, que amava uma pobre rapariga honesta e pura, com quem queria casar.

— Basta!... impôs Fernando; já sei a parte a que se refere.

— Espere... disse a Baccarat, acomodando-se o melhor possível na poltrona em que estava sentada, e acrescentando: Uma vez que sabe a história, suprimir-lhe-ei os pormenores, e chegarei rapidamente à conclusão.

— Como quiser... falou Fernando, curvando a fronte sob o olhar da Baccarat.

— A tal mulher tornou-se criminosa por amor; depois, atacada pelo remorso, empenhou-se em patentear dedicação; salvou o homem a quem amava, aplinou-lhe todos os obstáculos, e viu-o, afinal, casado e feliz... Então, como não deixara de o amar, lançou-se a pecadora aos braços de Deus e das cinzas da Baccarat surgiu a Sra. Charmet.

— E' claro, murmurou Fernando, que está gracejando... E' ainda a Sra. Charmet...

— Engano! O amor tornara a odalisca uma mulher honesta; devia tornar-se novamente pecadora, no dia em que o seu amor se despedaçasse.

Fernando mal pôde comprimir uma exclamação de asombro.

— Efetivamente, prosseguiu a Baccarat, no dia em que me afastei diante da minha rival, quer dizer, diante de uma jovem honesta e pura, de quem o senhor fizera sua espôsa, julguei ser virtude o que não passava de um acesso de desesperação, e disse adeus à minha primeira existência; mas, de repente, uma das minhas iguais, uma mulher que vale menos do que eu, uma mulher insignificante...

— minha senhora! exclamou Fernando, súbitamente irritado; está ultrajando a mulher que amo!

Estas palavras feriram a Baccarat no coração. Empalideceu, cambaleou, passou a mão pela testa e permaneceu por instantes pensosamente silenciosa. Fernando, porém, não lhe compreendeu a dor sublime, nem o lado vergonhoso do procedimento dêle.

— Minha senhora (Fernando, em tom sôbremodo frio), uma vez que está em sua casa, e Jeni aqui se não acha, não me dirá pelo menos...

A Baccarat ergueu-se então, ativa e serena.

— Quer saber para onde foi a Sra. Jeni? Deus me defenda de ocultar por um único instante. Achará a Sra. Jeni na rua Blanche n.º 17.

E, com um gesto cheio de dignidade, deu a entender a Fernando que se retirasse; Fernando cumprimentou e saiu.

Depois de Fernando se haver retirado, não pôde a Baccarat sustentar por mais tempo as lágrimas.

— Santo Deus! Queria reconduzi-lo aos braços da espôsa, falar-lhe a linguagem da razão, e não pude abafar as palpitações do meu pobre coração... O' fraqueza humana!

E a Baccarat soltou profundo suspiro.

IV

DESCOBERTA IMPORTANTE

Decorridos dois dias, percorria Baccarat a rua do arrabalde Santo Antônio, e mandava parar a carruagem ao chegar à porta de Léon Rolland.

Apeou-se em seguida, e subiu rapidamente a escada até à porta dos aposentos de Cerise.

Foi esta mesma quem lhe abriu. Cerise não era já nem a sombra de si mesma. O avermelhado das pálpebras dizia claramente o muito que ela chorava no silêncio e isolamento. Apenas abriu a porta e viu a irmã lançou-se nos braços, sem atentar na sua metamorfose mundana.

— Entra... entra... falou ela. Foi excelente a tua idéa de vir visitar-me, porque padeço muito.

Cerise achava-se então só; a mãe de Léon saíra, e este último estava de certo na oficina.

Cerise levou a irmã para um canto da modesta casinha, que Léon mobiliara só para ela, com tanta alegria e amor, e fê-la sentar a seu lado.

— Valha-me Deus, minha pobre irmã!... murmurou a Baccarat, como estás mudada!

Cerise apoiou a mão no coração e confessou ao mesmo tempo:

— A minha vida transformou-se em um inferno!...

Baccarat pegou-lhe na mão:

— Tem esperança!

Cerise desatou a chorar; não proferiu uma única palavra.

— Mas é necessário que êsse homem seja um monstro, exclamou Baccarat, para que te faça padecer por semelhante modo!

— Não, não... respondeu Cerise; porque êle também padece muito cruelmente...

— Padece, êle?!

— Cruelmente, repito.

Está louco de dor... porque a tal mulher não o ama.

E, como a Baccarat mostrasse não a entender, acrescentou:

— Ela já o abandonou!

— Ela?

Cerise fêz um gesto afirmativo.

— Tanto melhor, comentou a Baccarat; passado o primeiro atordoamento, voltará a ti.

E apertando a mão da irmã:

— Não sabes que tudo passa com o tempo, mesmo o amor?

E, falando assim, esquecia-se a Baccarat de que ainda amava, e amaria até morrer; ou, para melhor dizer, não acreditava nas palavras com que intentava apaziguar a dor de Cerise.

— Tudo passa com o tempo, criança, prosseguiu ela; tudo, incluindo o amor... quando é nascido do acaso, ou de um momento de loucura... Ela abandonou-o?

— Há três dias.

— Estás certa disso?

Cerise fêz um gesto afirmativo.

— Então não percas a esperança. Talvez esteja próximo o momento de pedir perdão de joelhos.

Aos lábios de Cerise assomou um sorriso indefinível.

— E eu perdoar-lhe-ia; antecipadamente já lhe perdoei. Até acederia de bom grado a permanecer infeliz, contando que êle o não fôsse... Mas êle padece tanto!

E Cerise tentava vencer a comoção que a dominava.

— Se soubesses! Desde ontem à noite está como que desesperado... Esta noite quis suicidar-se...

Baccarat fêz um gesto de surpresa.

— Matar-se! estranhou ela.

— Sim, matar-se. Passou a noite inteira a passos largos, e batendo amiudadas vêzes na cabeça e no peito. Eu fingia dormir, porque havia dias que êle me respondia arrebatadamente quando tentava interrogá-lo. De repente abriu a janela; mas eu, que lhe adivinhara o pensamento, soltei um grito, corri para êle, e detive-o no momento em que ia precipitar-se. Apenas o segurei, voltou-se para mim, e fitou-me dizendo:

— Para que me seguras?

— Infeliz! exclamei; esqueces teu filho?!

Não lhe falei de mim... bem sabia que me não amava...

Inteiramente suplantada pela comoção, ocultou Cerise o rosto com as mãos; e Baccarat viu-lhe correr as lágrimas por entre os rosados dedos.

— A lembrança do filho, prosseguiu ela, fê-lo estremecer e hesitar... Aproximou-se do berço, fitou a criancinha

que estava profundamente adormecida, beijou-a e desatou a chorar.

— Sou um miserável. Perdoa-me... perdoa-me tu, que és um anjo!

E beijou-me a mão. Em seguida, como êle desse um passo para a porta, quis eu ainda detê-lo.

— Aonde vais?

— Deixa-me sair, preciso tomar ar...

— Léon, tive eu ainda forças para lhe dizer, prometes-me não atentar contra a existência?

— Sim, prometo... respondeu êle.

— Juras?

— Juro...

— Juras pelo nosso filho?

— Sim, juro... mas, deixa-me... Não sou digno de estar aqui...

— E saiu; ouvi-o descer a escada soluçando. Esperei-o depois, tôda a noite, e êle não voltou. Esta manhã, desorientada, corri à oficina... Achei-o a trabalhar, mas tinha os olhos vermelhos, e estava lívido como um defunto... Deve ter suportado um mistério cruelíssimo!... Às onze horas, obedecendo ao hábito, tornou a subir, para almoçar; mas não tinha fome nem sede... O que fêz foi ir ver o filho. Teve-o por muito tempo nos braços, falando-lhe, e sorrindo-se para êle; não falou nada a mim, nem a minha mãe.

— Mas como sabes tu, minha querida irmã, atalhou a Baccarat, que essa tal mulher o deixou? Disse êle?

— Não... nunca se atreveu a falar-me em tal. Santo Deus! Se o falar-me dela lhe desse alívio, ouvi-lo-ia!

— Como foi, então, que soubeste?...

— Achei uma carta, que êle tinha amarrotado entre as mãos, e coberto de beijos, e que no meio da sua agitação deixara cair no chão, quando estava para sair.

E Cerise tirou do seio um papel dobrado em quatro, que ela colocara, como ferro candente, sôbre o coração, de certo para se habituar à dor.

Baccarat apoderou-se do papel, desdobrou, e quis lê-lo.

Era a carta escrita pela Turquesa, na véspera, à noite, na casinha da rua Charonne, e que Léon Rolland achara aberta em cima de uma banca; carta em que a Turquesa lhe par-

ticipava, em termos obscuros, que não tornaria mais a vê-lo.

Baccarat lançou a vista para a letra alongada e miúda. Era de uma verdadeira costureira. Mas, Baccarat conhecera-lhe a letra. A mão que traçara aquêles adeuses a Léon Rolland, em papel ordinário, era a mesma que escrevera a Henriqueta de Bellefontaine, em papel inglês côr de canário, dando-lhe parte da feliz negociação das suas cartas amorosas.

A Baccarat meteu em seguida a mão no bôlso, tirou dêle uma carta, e confrontou-a escrupulosamente com a que tinham dirigido a Léon Rolland, murmurando, afinal:

— Até que achei, enfim, a chave do enigma!

No cérebro da Baccarat fêz-se então como que uma grande luz, ficando, mais do que nunca, convencida da infâmia de Andréia e da parte que êle tinha em todos aquêles horrores.

Era-lhe já impossível duvidar por mais tempo. A mulher por quem êle morria de amor, e que de certo não o abandonara momentâneamente, senão para depois o haver por meio da desesperação, não seria a Turquesa? Não seria a mulher que enfeitiçara Fernando Rocher, e que na véspera jurara, pelos seus deuses, que o amava loucamente, com delírio?

Baccarat percebeu tudo. A Turquesa fôra mais esperta do que ela; a Turquesa, meio derrotada, retirara-se com o segredo, um mistério talvez horrendo, no âmago daquele drama, no fundo do qual surgira inopinadamente um raio de luz, dissipando as trevas.

Baccarat já não podia pois admitir a fábula da pobre pecadora, aquela fábula de amor que ela recitara com lágrimas e pausas sentimentais, e envolta em circunstâncias vergonhosas, como a do seu desinterêsse e da restituição da casa e dos títulos de renda e da água-furtada da rua Blanche e a do humilde vestuário de costureira.

Destruída esta fábula, restava um segredo, um mistério; quer dizer que a Turquesa era incontestavelmente instrumento de uma vingança. E havendo alguém que tivesse de se vingar, não seria sir Williams?

Isso tornara tudo, para a Baccarat, tão claro como a luz do dia. Faltavam unicamente as provas, que naturalmente não existiam; porque sir Williams era capaz de as ter apunhado tôdas até à última.

Cerise não percebera nada do assombro, do terror e depois de uma espécie de alegria inspirada, que se tinha manifestada no rosto da sua irmã.

Contemplava-a conservando-se silenciosa.

Baccarat, porém, era como certas mulheres a quem a tempestade curva mas não abate, e que se erguem depois mais vigorosas do que antes. A sua inteligência enérgica brilhava, principalmente pela espontaneidade; com um simples relancear de olhos avaliara friamente qualquer situação. Adivinhar, ou antes, pressentir, e adotar imediatamente uma resolução, foi para ela obra de segundos. Aquela carta, brilhando como um relâmpago no meio da escuridão, parecia escrita em caracteres de fogo, os quais repetiam o nome de sir Williams.

Sir Williams era a luta, uma luta encarniçada e sem tréguas entre êle e ela; luta que a sombra devia envolver, que se devia efetuar sem testemunhas; uma luta, enfim, na qual a mais simples confiança podia ser a sentença de morte daquelle dos dois adversários que se mostrasse imprudente.

E Baccarat compreendeu que nem sua irmã, nem o Sr. de Kergaz, nem Fernando, nem, finalmente, pessoa alguma devia ter conhecimento do seu segredo; que devia proceder só, silenciosamente, porque a verdadeira força, para certas almas, reside no isolamento e no silêncio. Assim, não disse nada a Cerise, não fêz notar a semelhança entre a letra das duas cartas, e não proferiu uma única vez o nome de Andréia.

Contentou-se com abraçar a irmã, beijando-a:

— Atende o que te digo, minha querida irmã, e crê em mim; porque juro dizer-te a verdade. Antes de quinze dias terá Léon recobrado o repouso, e amar-te-á como em outro tempo.

Cerise soltou uma exclamação de alegria.

— Será verdade, Santo Deus! murmurou ela estremeendo.

— Assim o juro!... Crê o que te digo, e tem esperança.

E a Baccarat retirou-se sem querer dar mais explicações, limitando-se a deixar com a irmã aquelas palavras de esperança, que lhe foram bálsamo para as feridas do coração.

O que fizera fôra levar a carta escrita pela Turquesa a Léon.

— Aonde vai a senhora? perguntou o cocheiro, abulxando o estribo do carro da formosa arrependida.

Esta pergunta, mesmo à porta de Léon Rolland, arrancou Baccarat do profundo devaneio que se apoderara dela na cascada da irmã.

— Não sei... respondeu. Vá a passo pelo bulevar até à Madalena.

Baccarat tinha necessidade de refletir.

Iria à casa da Turquesa e ali, como na véspera, tornar-se-ia de repente enérgica filha do povo, lançando as nervosas mãos ao alvo e débil pescoço da sua rival, ameaçando-a e diligenciando arrancar-lhe o seu segrêdo? Esta resolução extrema era perigosa, ou pelo menos prematura. Sir Williams podia achar-se em casa da Turquesa e acudir-lhe. Além disso, se a Baccarat queria malograr os maquiavélicos projetos de sir Williams, era urgente, era indispensável não lhe despertar a desconfiança.

A Baccarat renunciou, pois, imediatamente àquela primeira inspiração, e convenceu-se de que sir Williams era um inimigo a quem devia atacar com extrema circunspeção, a fim de o ferir com segurança.

O carro da Baccarat percorreu vagarosamente os bulevares e, quando chegou à Madalena, ainda a arrependida não asentara na resolução que deveria adotar. O que lhe parecia mais prudente era temporizar, e procurar pacientemente a ponta do fio, tão necessário para penetrar sem hesitação naquele labirinto, mais intrincável ainda que o de Creta.

— Vamos à rua de Bucí, disse ela para consigo. Tenho uma espécie de pressentimento de que êle já ali está, ou que não tarda em chegar.

E ordenou ao cocheiro que tomasse para a rua de Bucí.

O carro foi em seguida pela rua Royale, chegou à margem esquerda do Sena, pela praça da Concórdia, e ponte da mesmo nome, e ao cabo de vinte minutos parava à porta da austera casa, aonde já temos levado o leitor.

No caminho tornara a Baccarat a ser, quanto possível, a Sra. Charmet. Quer dizer, que baixara castamente o véu, e se embuçara no xale ao modo mais decente e distinto possível.

Os habitantes da tranqüila rua, que a viram apear e entrar em casa, não reconheceram talvez, com aquêle vestuário,

a dama de caridade, que andava ordinariamente vestida de preto, e supuseram-na de certo uma fidalga que ia procurar a Sra. Charmet para alguma obra de caridade.

Os dois criados que tinha ficaram muito admirados ante aquela transformação, e mudança de vestuário; mas, a Baccarat fechou-lhes a bôca com um gesto imperioso e frio.

— Veio alguém procurar-me? perguntou ela entrando na sala.

— Veio o Sr. Visconde Andréia, respondeu a idosa Margarida.

— A que horas?

— Veio duas vêzes, a primeira logo de manhã.

— E depois?

— Depois, há de haver uma hora.

E Margarida entregou a Baccarat um bilhete, em que leu o seguinte:

“Minha senhora.

Tenho importantes revelações a fazer-lhe a respeito dos Valetes de Copas. E’ necessário que lhe fale o mais depressa possível.

Seu irmão em arrependimento — *Andréia.*”

A Baccarat amarrotou a carta e lançou-a no fogão.

— Margarida, se o Sr. Visconde voltar esta noite, não estou em casa.

— E se vier amanhã?

— Dir-lhe-á fielmente o que eu fiz.

— Julião, declarou ela, tenciono vender esta casa, aonde não voltarei por êstes dias.

Os dois criados, que não conheciam senão a Sra. Charmet, quer dizer, nem um nem outro sabia ter-se ela chamado Baccarat, soltaram uma exclamação de surpresa.

— Eu já adotei várias disposições, com relação a vocês ambos. Enquanto a casa se não vender, deixar-se-ão ficar aqui; e, no dia em que ela passar a novo proprietário, poderão ir, certos de que terão um rendimento vitalício de seiscentos francos.

E Baccarat mandou retirar os criados, em um tom que não admitia perguntas, nem réplicas, ordenando-lhes que lhe mandassem a pequena judia.

Esta última appareceu sem demora, e ficou deveras surpreendida por ver a Baccarat tão elegante e formosa.

— Ai, senhora!... que lindo vestido! murmurou ella no tom da mais sincera admiração. Está ainda mais bonita do que ontem.

— Conta-me o que fizeste de ontem para cá, minha filha, disse a Baccarat, sentando a pequena nos joelhos e beijando-a com ternura.

— Ora, tenho estado muito triste, por me ver quase separada da senhora.

— Pois aqui me tens... Estás contente?

— Se estou!... Mas a senhora não vai já embora, não é verdade? perguntou a criança, com a voz tranqüilla e serena.

— Vou-me embora, minha menina.

— E eu torno a ficar aqui só?

— Não, vais comigo.

— Ai, que felicidade! exclamou a judiazinha; que felicidade ir na sua companhia!

Em seguida deixou ver uma rugazinha na testa lisa e dourada.

— Leva-me? estimo bem que assim seja.

— Por quê?

A criança deixou ler na fisionomia uma impressão de terror.

— E' que, indo daqui, não tornarei mais a ver aquêlê senhor, que parece tão mau...

— Que senhor?

— Aquêlê do outro dia...

Baccarat estremeceu, e lembrou-se dos olhos que sir Williams deitara à pequena.

— E' aquêlê senhor de sobrecasa comprida, chapéu de abas grandes e com cara de doente?

— E', sim, senhora.

— Então tornaste a vê-lo?

— Tornei, sim, minha senhora... Veio aqui hoje duas vêzes, de manhã e de tarde.

— E tens mêdo dêle?

A pequena fêz um sinal afirmativo; a Baccarat ficou pensativa.

— Tem muito má cara — continuou a criança — e faz-me tremer quando olha para mim...

— Pobre criança!

— Eu nunca vi senão outro homem que olhasse para mim daquele modo.

— Que homem era?

— Era um homem que queria, por fôrça, adormecer-me.

Estas palavras causaram extremo assombro à Sra. Char-met, que olhou para a criança com olhar interrogador.

A pequena prosseguiu:

— Então ainda vivia a mamãe. Na rua da Verrière, onde estávamos, morava em cima um senhor muito feio, de barbas muito grandes e com um ar tão mau como o tal que veio aqui. Quando me encontrava na escada olhava para mim de tal modo, que eu fugia... e entrava em casa cheia de medo. Um dia bateu êle à nossa porta; e foi a mamãe quem abriu.

— Eu, minha senhora, disse-lhe êle, sou um sábio, e quero-lhe bem... Se a senhora quiser, posso fazer que a sua menina ganhe dez francos por dia...

A mamãe ficou muito alegre... Nós eramos tão pobres!

Então o homem das barbas, apontou para mim:

— Ou eu me engano muito, ou a sua filha é sonâmbula.

A Baccarat (ouvindo isso), estremeceu.

— Depois, continuou a criança, olhou muito para mim, e eu quis fugir e gritar; mas não pude nem sequer abrir a bôca, e deixei-me cair em uma cadeira. Em seguida, pôs-me um dedo na testa e falou ao mesmo tempo:

Durma!

— E dormiste? perguntou a Baccarat súbitamente interessada por aquela narração.

— Eu não queria dormir, a minha vontade era fugir, mas não pude. Depois, não sei o que aconteceu, porque fechei os olhos e adormeci, com efeito. Quando acordei já o homem das barbas se tinha ido, e minha mãe estava cantando, como no tempo em que meu pai vivia, e em que nós tínhamos dinheiro. Apenas acordei, abraçou-me e beijou-me a mamãe, dizendo-me que eu era sonâmbula.

Eu não sabia o que isto significava.

— Quer dizer, explicou então a mamãe, que vêes e falas enquanto estás dormindo e podes assim fazer a tua fortuna.

E mostrou-me duas moedas de cem *sous*, que o homem das barbas lhe tinha dado.

— E êle voltou depois?

— Voltou, sim, minha senhora; mas nos outros dias ia com mais sujeitos. Eu queria sempre fugir, tal era o medo que êle me metia! Mas, bastava-lhe olhar para mim, para eu ficar imóvel no lugar em que estava e fechar os olhos. Parece que enquanto dormia dizia coisas extraordinárias; e o homem, de quem eu tinha medo, não se cansava de dizer que havia de fazer com que eu enriquecesse... Infelizmente morreu a mamãe dali a pouco tempo, e nós fomos expulsos da casa, porque devíamos dois semestres. De então para cá, não tornei a ver o tal sujeito...

— Santo Deus! murmurou ela de repente, lembro-me perfeitamente de que, quando morava no bairro de Breda, ia muitas vezes consultar uma sonâmbula, para saber se era amada! A sonâmbula enganava-se algumas vezes, mas outras dizia a verdade... Ah! que se assim fôsse!... Se eu pudesse ler no coração de Andréia com os olhos desta criança!...

E aos olhos de Baccarat brilhou um relâmpago.

V

O M A G N E T I S M O

— Então, indagou a Baccarat após um momento de silêncio, o tal senhor adormecia-te?

— Adormecia, sim, minha senhora.

— E tinhas medo?

— Muito medo...

— E se eu quisesse fazer o mesmo que êle fazia?...

A criança olhou para a Baccarat com extrema curiosidade e respondeu muito ingenuamente:

— A senhora não é má.

— Não, e sou muito tua amiga.

— E'!... confirmou a criança.

— Mas, enfim, se eu quisesse adormecer-te?

A pequenina fitou a sua formosa protetora com olhos da mais ingênua confiança; e confessou:

— Da senhora não teria medo.

— Pois, então, senta-te aí...

E a Baccarat foi fechar a porta da sala, e abrigou a lâmparina por detrás de um móvel, a fim de deixar a criança na penumbra.

Depois voltou para junto dela e fitou-a com fixidez:

— Dorme! quero que durmas!

Os olhos da Baccarat mostraram naquele momento a prestigiosa autoridade que tinham em outro tempo. Fitou a criança, como fitava outrora os seus adoradores, quando queria torná-los seus escravos.

— Como a senhora olha para mim! anotou a judia.

— Dorme! repetiu a Baccarat.

A criança diligenciou lutar, subtrair-se ao poder daquele olhar fascinador, mas foi vencida. Ao cabo de cinco minutos fechou os olhos, e deixou pender a cabeça para trás. Adormecera!

Os olhos da Baccarat brilhavam com sombrio fulgor, manifestando-se-lhe no rosto uma espécie de inspiração. Parecia uma sacerdotisa antiga, sôbre a tripode, consultando o futuro nas exalações do abismo entreaberto no interior do templo.

— Dormes? perguntou ela enfim.

— Durmo... respondeu a criança, sem abrir os olhos.

— Com que sono?

— Com o que a senhora me ordenou.

Estas palavras admiraram, ou antes transtornaram a Baccarat. Mal se atrevia a acreditar na facilidade misteriosa que evocara.

— Que vêes tu? continuou ela.

A criança pareceu indecisa.

— Olha para mim...

A pequena fez um movimento, depois um esforço, diligênciou levantar-se, e tornou a cair na cadeira.

Em seguida, apoiou-lhe a Baccarat a mão na testa.

— A senhora está pensando nêle.

— Em quem?

E a Baccarat fez esta pergunta com voz mal segura.

— No homem que veio aqui... naquele que olha para mim.

— Que mais?

A sonâmbula calou-se.

— Vês o tal homem?

— Vejo... vejo...

— Onde está êle?

— Não sei... não vejo bem... Ah!... espere... Vai andando por uma rua muito grande e íngreme...

E involuntariamente voltou a judia a mão para o oeste.

— Vês uma Igreja nessa rua?

— Vejo.

— E' o arrabalde Saint-Honoré, pensou a Baccarat.

Então esta, em princípio incrédula, mas afinal vencida pela evidência, inclinou-se para a pequena com uma espécie de avidez.

— Aonde vai êle?... Segue-o com a vista... aonde vai!

— Vai andando depressa... muito depressa... subindo a calçada...

— E depois?

— Olhe... uma carruagem...

— Meteu-se em uma carruagem?

— Não, encontrou-a.

E a sonâmbula pareceu concentrar tôda a sua atenção na carruagem de que falava.

— Que senhora tão linda! declarou ela.

— Qual senhora? perguntou a Baccarat, interessando-se pouco pela carruagem e pela tal senhora, e querendo absolutamente seguir Andréia.

— Não a vi nunca... respondeu a judia.

— Por que reparas nela?

— Porque vem para aqui.

— Para aqui? exclamou assombrada a Baccarat.

— Sim... sim... para aqui.

E a criança, que parecia ter perdido Andréia de vista, mostrou não atender já senão à tal senhora.

— E' muito formosa, mas está muito triste... continuou ela.

— Está triste?

— Está...

— Por que dizes isso?

A criança levou a mão ao coração:

— Padece!

— Conhece-a?

A judia abanou a cabeça.

— Não vi nunca; mas já tem vindo aqui.

— Muitas vêzes?

— Não... uma só.

— E agora vem para cá?

— Vem... vem... Atravessa a carruagem um largo muito grande, continuou a judia pausadamente, e como se com efeito estivesse seguindo a carruagem com a vista. Passou uma ponte... Caminha pela margem do rio...

Baccarat ouviu a pequena quase sem respirar.

— Que mais?... que mais?

— Cada vez se aproxima... já a vejo perfeitamente.

Em seguida, ficou a judia por um momento silenciosa, sem que a Baccarat se atrevesse a interrogá-la.

De repente, ouviu-se o rodar de uma carruagem junto do vestíbulo.

Quase ao mesmo tempo apareceu à porta da sala o criado, anunciando a Marquesa de Van-Hop.

A criança falara a verdade. A Marquesa vinha com efeito do arrabalde Saint-Honoré, e já fôra uma vez à casa da Baccarat.

Reuniram-se, pois, estas duas circunstâncias, para conceder imenso poder ao magnetismo. Baccarat sentiu-se inteiramente transtornada; contudo, teve ainda tempo de dizer ao criado:

— Fâ-la esperar aqui um minuto.

E, com força verdadeiramente varonil, pegou na cadeira em que a pequena estava dormindo, e levou-a rapidamente para a sala contígua, deixando cair após si o reposteiro.

Dali a um minuto entrou a Marquesa na sala, onde não viu ninguém.

Sentou-se, portanto, e esperou.

A Marquesa tinha no rosto profundos indícios de padecimento moral. Havia nela o que quer que era de quebrado, desfalecido, que impressionava mal se olhava para ela. Que

lhe teria sucedido? De que lhe provinha aquela prostração? Era o que Baccarat diligenciava sem dúvida saber.

Com efeito, enquanto a Marquesa, achando-se só, relanceava em tórno olhos distraídos, estava a Baccarat no gabinete contíguo, examinando-lhe o rosto maravilhosamente formoso, mas em que a dor imprimia o seu estigma indelével. Com o auxílio de um orifício aberto na parede, vira Baccarat entrar a Marquesa, vira-a sentar-se e surpredera-lhe o olhar que ela lançara à roda de si, e cuja distração dizia claramente ter o pensamento em outra parte. Impressionada pela tristeza da Marquesa, que não diligenciava dissimulá-la, por se julgar só, voltou a Baccarat para junto da judia, que continuava na cadeira em que adormecera.

Depois, pousando a mão na testa da criança, ordenou-lhe que olhasse.

— E' ela... vejo-a perfeitamente... murmurou a pequena sonâmbula em voz baixa, sem abrir os olhos.

— Ela, quem?

— A senhora que vinha de carruagem... Está ali...

E esboçou um gesto com que pareceu querer indicar a sala.

— Bem... Então que vê?

— Vejo que está muito triste.

— Sabes a razão da sua tristeza?

A criança moveu o amortecido braço, conseguiu estendê-lo, depois dobrá-lo, e, apoiando em seguida a mão no coração, respondeu:

— E' aqui a sua doença...

— Está apaixonada, pensou Baccarat.

E prosseguiu:

— Poderás ler-lhe na alma?

A pequenina não respondeu prontamente; mas de repente enrugou a testa, e manifestando no rosto grande susto:

— Estou vendo o homem...

— Que homem?

— O que veio aqui, o que olhou para mim, o...

— Andréia! murmurou Baccarat, admirado por tão extravagante coincidência.

— Vejo-o muito bem... continuou a criança, que parecia ter perdido momentaneamente de vista a Marquesa Van-Hop.

— Lá adiante... muito longe... em uma casa da tal rua íngreme... com um sujeito ainda moço...

— Que está fazendo?

— Está falando "dela".

Baccarat compreendeu o inopinado desvio da dupla vista, que se manifestava na sonâmbulazinha.

Sára não afastara a vista da Marquesa, senão porque sir Williams estava falando dela.

Este fato mergulhou a Baccarat em profundo devaneio.

Que relação poderia haver entre o infame Andréia e a Marquesa Van-Hop.

— Então o homem está falando da Marquesa? tornou a Baccarat a perguntar.

E o rosto da criança continuava a manifestar susto.

— Está...

— Mas que diz êle?

— Não sei... não percebo... mas querem matá-la.

— Que mais... que mais?... insistiu Baccarat estreme-cendo.

Mas, a lucidez da pequenina extinguiu-se.

— Já não vejo... sussurrou ela.

E deixou pender a cabeça para o ombro.

Baccarat compreendeu então que o magnetismo não era, a falar verdade, a ciência exata do futuro, mas apenas uma excitação das faculdades intelectuais, que não podem dar, de quando em quando, senão vagas indicações. Houvera, porém, uma circunstância que a impressionara profundamente; fôra aquela relação misteriosa que parecia existir, no dizer da pequena, entre a Marquesa e Andréia.

Baccarat renunciou a interrogar por mais tempo a judia. Além disso, era ainda muito frouxa a sua fé nas relações daquela dupla vista, que ela, por acaso, descobrira. De modo que, deixando Sára onde estava, entrou na sala.

A Marquesa continuava a esperá-la. Baccarat inclinou-se respeitosamente diante dela, e conservou-se em pé, ao passo que a Marquesa se tornou a sentar depois de se ter erguido um quase nada.

A Sra. Van-Hop, como o leitor de certo se lembra, fôra uma vez à casa da Baccarat, para fazer uma obra de caridade, para socorrer uma pobre órfão; e o motivo d sua segunda visita era saber notícias da sua protegida. Desde que a Marquesa sentira a alma prêsa de desconhecida perturbação, não fazia senão diligenciar atordoar-se por meio do movimento, o de mil diversas occupações. Tinha absoluta necessidade de esquecer.

Baccarat aivinhou talvez, exatamente, qual era o estado do coração da sua nobre visita.

— Eu, minha senhora, falou ela, desempenhei a missão com que V. Exa. me honrou, pela recomendação do Sr. Padre X... Eu já tinha tomado informações da pobre menina que implorara a protecção de V. Exa. e haviam sido excellentes.

— Estimo-o deveras... disse a Marquesa, prestando immediatamente extrema atenção à Sra. Charmet.

— A infeliz menina é muito honesta, prosseguiu a Baccarat, a sua posição era das mais desperadas; de sorte que não hesitei em dispor, a favor dela, da soma que V. Ex. pusera à minha disposição.

— Fêz muito bem, minha senhora, asseverou a Marquesa; mas seria suficiente o que lhe entreguei?

— Por enquanto, foi, de certo. Paguei-lhe algumas dívidas, como o aluguel atrasado da casa e comprei-lhe roupa. Além disso, consegui empregá-la como costureira em um colégio da rua de Clichy...

— Sendo assim, tornou a Sra. Van-Hop, podia a senhora ir buscá-la uma vez por outra; porque eu havia de ter muito prazer em a ver...

A Baccarat estremeceu de alegria.

Apesar da sua pouca confiança nas revelações da sonâmbula, impressionara-a muito, como já dissemos, a aproximação estabelecida por ela entre a Marquesa e sir Williams.

A Baccarat não atingia ainda o ponto importante, mas já pressentia vagamente algum drama íntimo na vida da Marquesa, algum perigo tenebroso, pelo qual se via sem dúvida ameaçada. Devia, pois, receber com solicitude o desejo que lhe testemunhava a Marquesa de ver a jovem a quem socorrera. Convenceu-se de que se, com efeito, sir Williams lançara

os olhos para a Sra. Van-Hop, e se lembrara de intentar contra ela alguma surpresa infernal, como só êle sabia concebê-las, não poderia seguramente protegê-la senão com a condição de a tornar a ver e de ter acesso em sua casa. Por conseguinte, respondeu prontamente:

— Se V. Exa. quer indicar-me o dia e a hora, irei apresentar-lhe a sua protegida.

A Marquesa refletiu no modo de distribuir o tempo; e em seguida:

— Eu na quinta-feira estou em casa para todos que me procurarem, das duas às quatro horas; mas a senhora pode ir ao meio-dia, porque me achará só.

— Assim farei, minha senhora, concordou a Baccarat.

— Ou então... acudiu com muita vivacidade a Marquesa; não me revelou que a tinha empregado em uma casa da rua de Clichy?

— Disse, sim, minha senhora...

— Logo, podíamos lá ir vê-la? tornou a Marquesa, levantando-se em seguida.

— Estou às suas ordens, minha senhora...

Baccarat foi novamente ao gabinete onde a criança continuava a dormir, e passando-lhe a mão pela testa despertou-a. Depois, quando a pequena abriu os olhos, pousou-lhe a Baccarat um dedo nos lábios, para recomendar silêncio, abriu uma porta secreta; e em voz baixa:

— Vai ter com a Margarida...

A Sra. Charmet pôs o chapéu e a ampla capa escura, que lhe dava a aparência de uma religiosa, e voltou à sala, onde ficara a Marquesa.

A Sra. Van-Hop fôra de caleche, como dissera a pequena judia durante o sono. Baccarat tomou lugar na caleche ao lado da Marquesa, e a carruagem partiu a trote, em direção à rua de Clichy, atravessando o Sena pela Ponte Nova, descendo a rua do Roulle e a da Moeda, contornando a Igreja de Santo Eustáquio, e subindo afinal a rua de Montmartre.

A Marquesa ordenou ao cocheiro que fôsse pelo bulevar até à Chaussée d'Antin. Ali devia o acaso ser favorável a Baccarat nas suas investigações a propósito da Sra. Van-Hop. Próximo da Ópera passou ao lado da caleche um moço montado em excelente cavalo, e tirou respeitosamente o cha-

péu, cumprimentando a Marquesa. A Sra. Van-Hop apenas o viu estremeceu e tornou-se muito pálida; depois soltou dos olhos, ordinariamente suaves, um olhar de cólera, como de ódio. Aquela perturbação, aquêlê olhar e aquela palidez não escaparam a Baccarat, a qual olhou rapidamente para o cavaleiro, mas de modo a gravar eternamente na memória as suas feições.

— Quem sabe?... pensou a Baccarat. E' talvez aquêlê o homem que a faz padecer?

Ao cabo de uma hora, tinha a Marquesa visto a sua protegida e voltado para casa, depois de ter feito Baccarat prometer-lhe que iria visitá-la.

Esta última usou um carro e voltou para a rua de Buci.

Exatamente no mesmo sítio onde a caleche da Marquesa encontrou o cavaleiro, cuja presença a impressionara tão penosamente, tornou a Baccarat a encontrá-lo. O cavaleiro ia a passo, fumando muito filosoficamente um charuto.

— E' indispensável que eu saiba quem é êste homem... murmurou Baccarat.

Em seguida bateu brandamente no vidro do carro, o cocheiro voltou-se, e ela ordenou-lhe que seguisse o cavaleiro, em distância.

O cocheiro voltou e obedeceu.

O cavaleiro dirigiu-se pelo bulevar até à Madalena, tomou pela rua Royale e meteu o cavalo a trote no arrabalde Saint-Honoré. Entretanto a Baccarat não o perdia de vista. Na esquina da rua de Berry parou o cavalo e ato contínuo correu um criado a segurar o corcel, porque o cavaleiro se apeou. A cem passos de distância, parou Baccarat, e chamou um moço de recados, que estava tomando sol no seu pôsto.

O moço de fretes aproximou-se, a Baccarat deu-lhe vinte francos, e perguntou-lhe:

— Sabe quem é aquêlê sujeito que além se apeou?

— E' o Sr. Visconde de Cambolh, respondeu o moço; um senhor muito rico, que, segundo parece, teve um duelo há três dias. Foi o seu criado de quarto quem falou.

A Baccarat estava, pois, no rasto de Querubim; bastaria uma palavra para a esclarecer acêrca do imenso perigo que ameaçava Van-Hop.

NOVA EXISTÊNCIA

No dia seguinte achava-se já residindo na rua Moncey a ressuscitada Baccarat. A Sra. Charmet desaparecera inteiramente, não restava dela senão a loura criatura doutro tempo. Em poucas horas, e como por encanto, organizara ela a sua casa, mandara chamar os seus antigos fornecedores e o arquiteto que construira a casa havia meia dúzia de anos.

A pequena quase não podia acreditar o que via. Nunca sonhara com tais magnificências e esplendores. A casa da Baccarat parecia-lhe um palácio de fadas.

No tempo em que a Baccarat vivia em certa sociedade tinha muitas amigas.

Logo na manhã daquele dia, apressou-se ela a escrever à Sra. Saint-Alphonse.

Mas quem era a Sra. de Saint-Alphonse? Era uma linda pecadora, morena como uma espanhola e a cujos pés teria qualquer príncipe russo deposto o coração e os haveres. A Sra. de Saint-Alphonse nascera na rua de Saint-Lazare, da união de um porteiro com uma dansarina da Ópera, e fôra batizada com o nome de Alphonsine. Aos vinte e três anos outorgara ela a si própria uma particula nobre e passara a viver luxuosamente. Servia-lhe de governanta uma idosa atriz, sua tia, que em pouco tempo lhe deu uma educação que a tornou apresentável. A linda e pequenina Sra. de Saint-Alphonse sabia, pois, apresentar-se muito graciosamente e fazer uma cortesia como as que se faziam no Teatro Francês. Dava almoços, possuía uma parelha de cavalos, deixava jogar em sua casa um jôgo infernal e tornara-se célebre pela paixão cava-lheirosa e louca que soubera inspirar a Paulo Sternay, exímio pintor daquela época. Em um acesso de desesperação, dera Paulo Sternay um tiro quase nos miolos; quer dizer que se desfigurara sem se matar. Este caso trágico elevara a Sra. de Saint-Alphonse ao cúmulo da celebridade e tornara-a definitivamente moda.

Na época em que a Baccarat, ainda não arrependida, brilhava com todo o seu esplendor, ligara-se muito intimamente com a Sra. Saint-Alphonse e soubera conquistar verdadeiro

ascendente moral sôbre ela, com quanto esta última tivesse mais três ou quatro anos de idade.

Ora, por efeito de motivos, que mais para diante explicaremos, tornando-se a Sra. Charmet novamente Baccarat, escrevera à sua amiga de outrora a seguinte carta:

“Minha querida morena:

Os mortos andam depressa, mas voltam! Quer dizer que, às vêzes, ressuscitam.

Não sei se te lembras ainda da Baccarat, tua amiga da rua Moncey, que jogava admiravelmente o jôgo do qual tinha o nome.

Pois bem, um dia, em plena glória, em pleno sucesso, desapareceu a tua Baccarat... Ninguém pôde dizer o que fôra feito dela. Casa, cavalos, guarda-roupa, jóias, tudo foi vendido... Teria ela morrido? Teria casado com algum paxá egípcio? Ter-se-ia tornado propriedade do Imperador da China?

Ter-se-ia sepultado na província com algum rapazinho muito louro e sem um “sou”?

Ou teria atravessado o estreito para ir se casar com um lorde escocês?

Foi um mistério. Mas êste mistério, minha querida amiga, ninguém poderá nunca sondá-lo.

“A verdade verdadeira” é esta:

Ontem, à noite, tornou a aparecer a Baccarat. Foi novamente residir na rua Moncey; todos a viram chegar ali tão nova, tão bela e tão doida como dantes; e hoje, às duas horas, espera-te ela para ir dar um passeio no Bosque, onde quer mostrar-se e encontrar-se com os seus antigos conhecimentos.

Baccarat (que Deus haja).”

A Sra. Charmet, que se achava só, desatou a chorar, quando acabou de escrever esta singular carta.

— Santo Deus! murmurou ela. E’ necessário amar de veras Fernando e odiar profundamente aquele monstro, sir Williams, para me resignar a tal papel. Perdoa-me meu Deus!

Dali a uma hora já a Sra. Charmet não chorava. Baccarat, risonha, mais formosa que nunca, admirava com os

olhos de entendedora bonito landô azul-celeste, tirado por uma parelha de alazões ingleses, que impacientes mordiam os freios e batiam com as patas na calçada do pátio. O veículo magnífico fôra comprado na rua Moncey, havia pouco.

— O' minha senhora, murmurou a pequena judia, verdadeiramente deslumbrada, eu também vou naquela linda caruagem?

— Hoje, não, filha... respondeu Baccarat; amanhã... Nisto soaram duas horas.

No mesmo instante parou à porta um carro, tirado por um cavalo baio, e apeou-se dêle a Sra. de Saint-Alphonse.

Baccarat correu para ela e a primeira coisa que lhe sugeriu foi:

— Manda embora o teu carro.

A morena pecadora mandou retirar o carro, e em seguida olhou admirada para a sua loura amiga.

— És tu ou a tua sombra? disse ela.

— E' escolher, falou a Baccarat; eu, ou a minha sombra, como quiseres...

E Baccarat, a quem o viver recolhido e tranqüilo tinha dado, apesar da dor, certa nutrição, endireitou-se, ostentando a elegância e flexibilidade que lhe eram próprias, e iluminando o rosto com um sorriso de encantar.

— Estou sonhando!... bradou a Saint-Alphonse. Mas, enfim, donde demônio saíste?

— Olha, vem assistir ao meu traje; contar-te-ei tudo.

A pequena judia seguiu-as.

— Olha, minha filha (insinuou a Baccarat), queres ir brincar no jardim?

— Quero, sim, minha senhora.

— Quem é esta criança? perguntou a Sra. de Saint-Alphonse.

— E' a continuação do meu mistério, respondeu a Baccarat.

E, soltando uma risada, fêz entrar a sua antiga amiga no gabinete onde se achava, já, a criada de quarto, esperando a sua nova ama.

Baccarat mandou-a retirar.

— Tu, que já foste criada de quarto, ajudar-me-ás perfeitamente a vestir.

— De certo, respondeu a Sra. de Saint-Alphonse, que não gostou do epigrama, e teve o bom-senso de sorrir.

Em seguida fechou Baccarat a porta, sôbre a qual correu pesado reposteiro, a fim de interceptar qualquer ruído exterior. Depois, vestiu-se, conversando, e aproveitando, sem escrúpulo, os serviços da sua amiga de outro tempo.

— Então tu — falou ela no tom de zombaria que outra lhe era peculiar — acreditaste que a Baccarat morrerá...

— Palavra de honra que acreditei!

— Pois fica sabendo que ressuscitei.

— De onde vens tu?

— Dos antípodas da China.

— Ora, adeus!

— Quero dizer que venho das proximidades do Panteão, o que vem a ser a mesma coisa.

— Oh!

— E' como te digo.

— Vivas no bairro Latino?

— Vivi lá quatro anos.

— E... amavas?

— Como um animal.

— Ó mulher forte! exclamou Saint-Alphonse.

— Mas... acabou-se!

— Já não amas?

— Antes a morte!

— E, por conseguinte, pensas no futuro?

— Eu, pequena, tenho de rendimentos sessenta mil francos, que me deixou o Barão d'O...

— A nata dos Barões!

— Qual, lamentou a Baccarat, suspirando; foi o último dos Barões!

— E... o outro?

— Qual outro?

— O X...? perguntou a morena pecadora.

— Morreu, minha querida.

— Suicidou-se?

— Não, casou-se.

— Pobre rapariga!

— Mas, pela dama de paus! Eis-me ressuscitada!

— Com os teus sessenta mil francos podes viver no paraíso!

— Isso sei eu.

Nisto bateram discretamente à porta.

— Entre, disse a Baccarat.

Era a criada de quarto.

— Está lá fora um sujeito, já de idade, e com um todo muito esquisito, que pede para falar à senhora.

E ao mesmo tempo entregou a criada um cartão, no qual a Baccarat leu:

André Tissot (guarda-livros)

Era o nome que o Visconde Andréia adotara na casa de comércio onde era, poucos dias antes, humilde caixeiro de mil e quinhentos francos.

— Parece-me que Deus é por mim! vibrou a Baccarat. Manda entrar êsse sujeito para o meu gabinete de toucador, pede-lhe o favor de esperar um quase nada.

O toucador de Baccarat era separado do gabinete de vestir por uma parede bastante grossa, e em que havia uma porta que fechava muito perfeitamente. Era impossível, estando fechada esta porta, e corrido o respectivo reposteiro, ouvir-se no toucador o que se fizesse ou dissesse no gabinete de vestir; mas a Baccarat lembrava-se muito bem que, correndo uma pequena corrediça que havia na parede, se podia ouvir distintamente quanto se passasse no gabinete, ainda que o ouvinte estivesse em um canto.

A corrediça fôra invenção da Baccarat. Mandara-a fazer havia cinco anos, no tempo em que ciosa do Barão d'O... se comprazia em surpreender-lhes as conversações íntimas com seus amigos, que, como êle, a esperavam no toucador. Logo, depois de ter dado ordem à criada de introduzir o Sr. André Tissot no toucador, abriu Baccarat a corrediça. Depois, esqueceu-se de a fechar e continuou a sua conversação com a amiga: tinha a certeza de que o Visconde Andréia não perderia uma palavra do que ela falasse.

— Não tem que duvidar, atirei decididamente o burel às urtigas; torno a ser Baccarat como dantes.

— Fazes muito bem.

— Se daqui a oito dias não der que falar muito estrondosamente de mim, quero perder o meu nome.

— Não o perdes, não... assegurou friamente a Saint-Alphonse.

— Que tempo que está! continuou a Baccarat rindo ruidosamente, está mesmo tempo para o Bosque de Bolonha e para nos divertirmos... Se não encontro hoje toda a minha gente é porque não estou em veia!

E em seguida, acrescentou um tanto mais confidencialmente:

— Vamos... Vais pôr-me um tanto a par de que vai por aí, não é assim?

— Sem dúvida.

— Dize o que sabes da nossa sociedade... uma mulher que volta da encruzilhada ao Odeon não pode saber nada.

— Sabes que a Bellefontaine morreu?

— De amor, naturalmente?

— Não, morreu tísica.

A Baccarat soltou estrepitosa gargalhada.

— O Artur Cambray casou-se...

— Coitado!

— E na província, de mais a mais!

— Bravo! foi homem ao mar!

— A Georgette deu afinal no alvo.

— A Georgette... do Vaudeville?

— Sim.

— Então qual foi o alvo?

— Casou com milorde.

— Milorde, ironizou gravemente a Baccarat, tivera sempre a mania das heranças...

A Sra. de Saint-Alphonse gostosamente riu.

— E que mais?

— O meu príncipe está na Rússia.

— Há muito tempo?

— Há um mês.

— E volta?

— Ora essa! Então não estou aqui?

— Tens razão... Não me lembrava de que és um poderoso ímã.

— Capaz de substituir vantajosamente a pedra que conserva suspenso o túmulo de Maomé.

— A diferença, observou a Baccarat, é que, em vez de atrair a gente para o pólo, fazes com que venham de lá.

— Bravo.

— Aí, bússola da minha alma! prosseguiu a Baccarat. O teu príncipe não tem um amigo?

— Queres que te apresente a um boiardozinho das proximidades de Odessa?

— Naturalmente, encontramos-lo no bosque?

— Mas, esqueces que estão à tua espera?...

— Ai, é verdade! acentuou a Baccarat, dando à voz certo tom de comoção.

— Quem é?

— E' um homem virtuosíssimo... Deve estar na sala. Verás a atitude que sei tomar diante dêle.

E em seguida acrescentou:

— Olha, vai até à sala e faze-lhe companhia enquanto eu não vou.

E, sem esperar a resposta de Saint-Alphonse, fechou a corredeira.

O baronete sir Williams, que não perdera uma palavra desta conversa, não ouviu depois mais nada.

— Então, vai, tornou a Baccarat, e manda-me a pequenina que ainda agora viste aqui.

— Ah, sim, a pequenina, e então?

— Cala-te!... No caminho te contarei essa história.

A Sra. de Saint-Alphonse saiu do gabinete e dali a dois minutos, ao passo que ela ia ter ao toucador com o baronete sir Williams, entrou Sára, que fôra para isso avisada, no gabinete em que estava a Baccarat.

O sorriso ímpio caíra por terra; a cortesã cedera lugar à Sra. Charmet; e a Sra. Charmet estava séria, pensativa, e ia tentar a nova experiência para chegar a conhecer a verdade.

— Senta-te ali, Sára, pediu a Baccarat, indicando-lhe uma cadeira.

E olhou para ela com fixidez, pousando-lhe ao mesmo tempo a mão na testa.

— Dorme!... falou a Baccarat em tom imperativo.

A criança diligenciou debalde lutar com o poder magnético.

Fechou os olhos e adormeceu...

— Dormes?... perguntou a Baccarat?

— Durmo... respondeu a sonâmbula.

— Podes ver através das paredes?

— Posso...

— Então, olha.

E a Baccarat estendeu a mão para a parede que a separava do gabinete de toucador onde Andréia esperava, acompanhado da Sra. de Saint-Alphonse.

— Que vês?

— Vejo uma sala pequena...

— Como é ela?

— As paredes são azuis... A mobília é estofada de sêda da mesma côr.

A criança mostrou hesitação.

— Lá está gente...

— Na tal sala?

— Sim.

— E' um homem?

— E'... respondeu a criança, a qual obedecia tão vigorosamente ao pensamento secreto da magnetizadora, que não via senão a pessoa em que ela pensava, não notando, por conseguinte, a Sra. de Saint-Alphonse.

— Olha, bem. Conhece-o?

— Conheço... conheço... "E' êle"!

— Êle quem?

— Aquêlê sujeito idoso... O que me mete mêdo quando olha para mim.

Baccarat pegou no cartão de André Tissot e meteu-o na mão da judia.

— Que é isto? perguntou ela.

A criança estremeceu.

— Isto... é dêle.

— Podes ler na alma daquele homem? Podes saber o que êle pensa?

— Não vejo muito bem: mas êle pensa coisas muito más.

— Odeia-me?

— Mortalmente!

— Há alguém a quem êle odeia mais ainda?

A sonâmbula hesitou por muito tempo, e agitou-se na cadeira.

— Há... há... afirmou ela de repente... Vejo um homem alto... trigueiro...

— E' Armando, pensou Baccarat.

E acrescentou em voz alta:

— Êle está pensando agora em mim?

— Não.

— Pensa no tal homem alto, trigueiro?

— Não.

— Em quem pensa então?

— Pensa em mim... declarou a criança, percorrendo-lhe ao mesmo tempo o corpo um tremor convulsivo.

VII

R E S S U S C I T A D A

O Visconde Andréia achava-se, desde a véspera, em grande perplexidade. Êle, o homem de gênio, que julgava os fatos e os homens com a maior justeza, achou-se então prêsã de tal hesitação.

Dir-se-ia que lhe obscurecera de repente a inteligência inesperada sombra. Deparara-se-lhe uma circunstância imprevista que o preocupava extraordinariamente havia vinte e quatro horas: a inopinada metamorfose da Baccarat. Que significava ela?

O baronete sir Williams, disfarçado na véspera em moço de recados, assistira à conversação da Turquesa e da Baccarat, depois de as ter conduzido à rua de Buci, sob a libré de cocheiro; e, por fim, depois de ter feito a mudança da humilde bagagem da primeira, acompanhara-a à rua Branca. Ali, interrogara-a acêrca dos mínimos gestos e das mais insignificantes palavras de Baccarat, tanto em casa dela, como em casa do tabelião.

A Baccarat, porém, desempenhara maravilhosamente o seu papel; tão maravilhosamente, que, apesar da sua lucidez de espírito, não pôde o baronete adivinhar a verdade.

Naquella noite recolhera-se às duas horas a casa, na rua Culture-Saint-Catherine, e subira sem ruído até à sua água-furtada, onde se fechara com o maior cuidado; depois abrira a janela que dava para o jardim. Sir Williams necessitava de ar e de solidão, como todos a quem absorve vasta meditação. Encostado ao peitoril da janela, com a cabeça descoberta e a fronte banhada pelo ar gelado de uma noite de inverno, dirigiu o baronete a si próprio as seguintes perguntas, com o sangue-frio e a penetração de espírito que o caracterizavam:

Acaso a Baccarat acreditava no seu arrependimento? Estaria a própria Baccarat realmente arrependida, ou não andaria fazendo mais do que representar uma comédia, para conduzir Fernando à razão, e arrancá-lo à Turquesa? Ou seria sincero o seu repentino reviramento para o mal e motivado pelo procedimento de Fernando Rocher?

À terceira destas perguntas respondeu imediatamente o baronete:

— E' evidente que a virtude se pratica por entusiasmo, como o vício.

Ora, Baccarat amava Fernando e perdera-o por causa de Hermínia, sucedendo depois uma coisa vulgaríssima: por amor de Fernando, que não a amava, sacrificou-se ela. O amor é uma graça de Deus para as zabaneiras; Baccarat arrependeu-se, e tornou-se virtuosa por amor...

Aos olhos de sir Williams parecia isto incontestável.

— Mas, prosseguiu êle para consigo, pode uma rameira tornar-se alguma vez verdadeiramente honesta? Há quem diga que sim; eu digo que não. Enquanto a Baccarat viu Fernando feliz e amante de sua mulher, conservou-se envolta na sua abnegação, no seu amor resignado; cobriu-se de burel e viveu de boa-fé a mesma vida de anacoreta, com que revesti prudentemente a minha vingança, e sob a qual ocultei os meus misteriosos projetos. No dia, porém, em que viu Fernando amar outra, teve, provavelmente, uma vertigem, e o abismo que se fechara tornou a abrir-se novamente... Se isto tudo é como julgo, não há razão para temer a Baccarat. Mas também pode suceder que ela ande representando um papel... Em tal caso, ou ela me dirá, ou me ocultará cuidadosamente a verdade. Dado o primeiro caso, é porque ela quer arrancar o

seu Fernando à Turquesa, e conta com o meu auxílio; dado o segundo, desconfia de mim; e então...

O baronete não completou o pensamento, e temeu deter-se na hipótese de que a Baccarat se tornasse sua antagonista.

— A rapariga é esperta, pensou êle; e, se não fôra o seu tolo amor, poder-se-ia fazer dela alguma coisa... Sendo contra mim, não posso deixar de confessar que tenho terrível adversário...

E o baronete continuou a meditar, esquecendo-se das horas que iam passando; de modo que o despertar da aurora o achou de pé, no mesmo lugar, com os olhos fitos nas grandes árvores desfolhadas do jardim.

Aquela noite de meditação fizera surgir na mente de sir Williams, clara e flamejante, idéia única: esta idéia era a sentença de morte da Baccarat.

— Se me adivinhou, deve morrer; se crê no meu arrependimento, ainda pode incomodar-me com o seu zêlo, e portanto devo livrar-me dela.

Formulado isto tudo muito rapidamente, saiu sir Williams de casa às oito horas da manhã, meteu-se em um fiacre nas proximidades do Hotel de Ville e dirigiu-se à rua de Buci.

Como sabemos, na véspera, já êle se apresentara por duas vêzes em casa da Sra. Charmet, sem conseguir encontrá-la.

Eram dois os motivos que levaram sir Williams à rua de Buci: primeiro, o desejo de penetrar os segredos de Baccarat; segundo, um sentimento, cuja explicação êle não podia ainda achar. Este sentimento, até ali confuso, datava da sua primeira visita à Sra. Charmet havia dois dias.

Sir Williams vira a pequenina judia. Aquela cabeça de anjo, em que resplandecia longínquo reflexo do Oriente; aquela beleza infantil, que fazia lembrar a gazela do deserto, tinha impressionado profundamente a brônzea alma do baronete.

Não há alma, por mais bem couraçada, que não tenha um ponto imperceptível em que seja vulnerável. A de sir Williams, que parecia inacessível a qualquer sentimento humano, experimentara contudo inopinadamente súbito estremecimento; o que quer que era, que se podia comparar à inesperada comoção que se apodera dos mais bravos no campo da batalha no momento em que troa o canhão.

Esta comoção revelara à Baccarat o segredo de sir Williams. A atração misteriosa, que a pequena desconhecida exercia sobre êle, podia deitá-lo a perder.

No momento em que sir Williams se apresentou na rua de Bucí, soavam nove horas.

A velha criada deu o recado:

— A senhora partiu ontem à noite, comunicou ela.

— Aonde foi?

— Isso não sei dizer.

— Quando volta?

— Também não sei.

E, como sir Williams insistisse e lhe metesse um luís na mão, acrescentou ela:

— O mais que posso adiantar é que a senhora me disse que ia à rua Moncey.

O baronete já adivinhara; mas precisava ouvi-lo da boca da criada, para que se atrevesse a apresentar-se na casa da rua Moncey. Aos olhos de Baccarat, não devia sir Williams deixar de ter sabido tudo por acaso. Admitido êste princípio, era evidente que não podia ir à rua Moncey antes do meio-dia.

Da rua de Bucí foi, pois, sir Williams à casa de Rocambole. Êste não estava em casa, porque se achava na rua Rochouart dando lição de esgrima.

Mas em casa de Rocambole, passava o baronete por seu tio e tinha por isso as simpatias dos criados. Apenas chegou, ordenou que lhe servissem o almoço; almoçou copiosamente, fumou alguns charutos, tomou uma chávena de café, e esperou pacientemente a hora de ir visitar a Baccarat. Depois, à uma hora, tornou a pôr na cabeça o chapéu de abas largas, e um tanto encebado, abotoou a comprida sobrecasaca, atou os laços dos grosseiros sapatos, calçou as luvas de algodão, e foi a pé, sempre absorto na sua meditação.

— E' evidente, dizia êle para consigo, que não posso permanecer por mais tempo na dúvida. Hoje devo ficar sabendo o que hei de pensar; em o sabendo, verei o modo conveniente e discreto de me desembaraçar desta endemoninhada Baccarat.

Sir Williams bateu na porta da Baccarat, com a humildade receosa de um mendigo.

Cumprimentou respeitosamente o criado que a abriu, inclinou-se diante da criada de quarto, como diante de uma Duquesa; e mostrou admirar com a ingênua cobiça dos pobres a brilhante equipagem da Baccarat ressuscitada.

Quando a criada de quarto, por ordem de sua ama, o conduziu ao gabinete de toucador, sentou-se êle na beira de uma cadeira, e conservou-se na atitude de um pobre que entrasse pela primeira vez em um palácio.

A criada retirou-se, e sir Williams, ficando só, pôs-se novamente a meditar.

Mas aquêle homem era realmente espartíssimo e desconfiava de tudo! Sabia, por experiência, que as paredes têm com freqüência ouvidos, também têm muitas vêzes olhos e por isso, apesar de estar só, permaneceu pensativo e admirado do que via. Quem lhe afirmava que a Baccarat não estivesse com um olho colado a algum orifício imperceptível, oculto nas pregas de uma cortina ou na moldura de um painel?

Foi então que a pecadora abriu o armário, por cujo fundo passavam os sons distintos e claros do gabinete de toucador. Sir Williams pôde então ouvir a conversação excêntrica das duas pecadoras; e qualquer outro, que não fôsse êle, teria imediatamente acreditado com a mais cega convicção naquele regresso ao vício. Sir Williams, porém, não se achou convencido. Aquilo tudo podia não ser mais do que uma comédia representada em sua intenção. Contudo, as palavras que êle ouviu distintamente: "Vai para a sala acompanhar a minha visita" tinham-lhe causado profunda impressão.

Sir Williams conhecia perfeitamente a topografia da casa; e, se ignorava a disposição particular do armário que havia no gabinete de vestir, sabia que a sala ficava muito distante desta última casa, para que se pudesse observar o mínimo fenômeno de acústica.

Ora, se a Baccarat o julgava realmente na sala, era evidente que falava com sinceridade.

Estas reflexões lançaram certa perplexidade no espírito do baronete.

Foi mesmo com tal ou qual impaciência que êle esperou a Sra. de Saint-Alphonse, ou antes, a pessoa a quem ouvira falar.

A Sra. de Saint-Alphonse, a quem a Baccarat não fizera a mínima confiança, dirigiu-se muito naturalmente à sala, e, não encontrando ali ninguém, interrogou a criada do quarto. Esta respondeu que conduzira a visita para o gabinete de toucador.

Saint-Alphonse encaminhou-se imediatamente para o indicado gabinete.

Sir Williams estava de luneta assestada, examinando, como apreciador, as pinturas do gabinete. Vendo entrar a Saint-Alphonse, ergueu-se um pouco, e cumprimentou-a muito obsequiosamente.

A marafa correspondeu-lhe ao cumprimento, com meia cortesia, repleta de altivez, medindo-lhe de alto abaixo o mesquinho vestuário.

Sir William concluiu imediatamente que a Baccarat não fizera a mínima confiança à sua amiga.

— A Sra. Baccarat não tarda, avisou a Saint-Alphonse; está acabando de se vestir.

Sir Williams fez outra cortesia, tão acanhado como da primeira vez.

A Sra. de Saint-Alphonse julgou que o Sr. André Tissot era um imbecil tão vulgar, que nem merecia a sua conversação e por isso foi sentar-se ao piano, onde se entreteve preludiando pelo espaço de vinte minutos.

— Não há que duvidar, concluiu sir Williams para consigo, aos olhos desta prenda não passo de uma abominável insignificante.

E, pôs-se a tamborilar no braço da poltrona, ao passo que a Saint-Alphonse exauria o seu repertório de trechos de polcas e de valsas novas.

De repente abriu-se a porta, e apareceu a Baccarat; entrou pela porta que ligava o gabinete de vestir e do toucador, e parou estupefata logo à entrada, fazendo ao mesmo tempo um gesto de surpresa.

Esta contra-cena foi tão bem representada, que logrou o próprio sir Williams.

— Então está aqui, meu caro?! exclamou a Baccarat, em tom perfeitamente leviano. Desculpe-me o tê-lo feito esperar...

Sir Williams ficou pasmado ante tal aprumo.

Baccarat inclinou-se para êle, mostrou hesitar um momento, e em seguida, com extrema seriedade.

— O Sr. Visconde, que foi grande culpado, e se tornou depois um santo, tem de certo indulgência para mim, não é verdade?

O Visconde estremeceu.

— Eu amava Fernando, continuou Baccarat em voz baixa; o meu amor tinha-me convertido e impelira-me para o bem; mas no dia em que soube amar êle uma das minhas semelhantes, tornou a escorregar-me o pé... E fiz-me novamente Baccarat, como dantes.

E estendeu a mão.

— Adeus! despediu-se ela; daqui em diante achar-nos-emos separados por um abismo! O Visconde não torna mais a ver-me... mas há de certo lastimar-me, não é assim?

Em seguida deu um passo, fêz um gesto e deu a entender que não queria entrar em explicações.

Depois, voltou-se para a Sra. Saint-Alphonse, dizendo-lhe já em outro tom:

— Então, vens ao Bosque?

Andréia, deveras estupefata, pegou no chapéu e dirigiu-se para a porta, suspirando:

— Deus se compadeça da sua alma!

E foi-se, quase convencido da nova metamorfose da Baccarat.

O Visconde Andréia saiu, e Baccarat foi logo meter-se no carro, acompanhada de Saint-Alphonse.

O landô desceu rapidamente a rua de Clichy; e entretanto dirigia-se sir Williams à rua Branca, para ir à casa da Turquesa.

Estava-se próximo dos primeiros dias de fevereiro; o céu não tinha nuvens, e a atmosfera conservava-se tão suave como no fim de março. A praça da Concórdia, o Bosque e os Campos Elísios estavam atulhados de carruagens e de cavaleiros. O que então se chamava mocidade dourada achava-se ali reunida; a Paris elegante andava tôda por aquêles sítios.

Eram pouco mais ou menos três horas, quando o landô passou a trote pela avenida dos Campos Elísios.

A parelha, a carruagem e a beleza das duas mulheres, contentando ao sol as suas maravilhosas roupas, atraíram, em breve a atenção geral.

Na meia laranja encontrou-se o landô com dois jovens a cavalo.

Um era russo, o Conde Artoff, o mesmo de quem a Sra. de Saint-Alphonse falara à Baccarat; o outro era o moço Barão de Manerve, amigo do pobre Barão d'O... tão infelizmente morto em duelo, três anos antes.

— Danado seja eu, exclamou o Barão de Manerve, se aquela lindíssima lourinha não é a Baccarat.

O Conde Artoff fêz estacar repentinamente o cavalo, que se empinou muito graciosamente.

— Quem é a Baccarat? perguntou o fidalgo russo, que trocara ligeiro cumprimento com a Sra. de Saint-Alphonse.

O Barão de Manerve fitou o seu companheiro, com ar de quem entrasse em uma casa do arrabalde Saint-Germain.

— Ora essa! donde vem o senhor?!

— Agora venho de casa, respondeu muito ingênuamente o Conde Artoff, e há seis semanas cheguei de S. Petesburgo.

— Tem razão... apoiou o Barão, rindo. Que idade tem, em verdade, o meu amigo?

— Vinte anos.

— Mas, enfim, que é a Baccarat?

— Olhe, propôs o Barão, retrocedamos, e sigamos o landô a trote, em distância. Primeiro, contar-lhe-ei a história daquela mulher; depois, se quiser, apresentá-lo-ei a ela.

Os dois cavaleiros voltaram e foram, com efeito, seguindo o landô, que continuava o seu caminho.

— Ouviu alguma vez falar, indagou o Barão de Manerve ao seu companheiro, no pobre Barão d'O..., morto em duelo, há três anos?

— Ouvi...

— Era meu amigo íntimo.

— Bem sei...

— Pois fôra o Barão quem encarreirara a Baccarat.

— Ah!

— Achara-a na rua do Arrabalde Santo Antônio, em um quarto andar, e, em dois ou três anos, graças à maravilhosa beleza, e à rara inteligência de que era dotada, fêz dela a mu-

lher mais da moda. Durante quatro anos teve a Baccarat os mais formosos cavalos, as mais suntuosas carruagens, e as roupas mais excêntricas e ricas. Era uma rapariga extraordinariamente espirituosa; os noticiaristas freqüentavam-lhe a casa para lhe apanharem bons ditos com que enriqueciam as fôlhas teatrais. As suas ceias eram um campo de batalha aberto às discussões de todos os gêneros. Chegou a haver uma senhora da boa sociedade que, na ausência da Baccarat, lhe corrompeu os criados, para lhe poder visitar a ocultas o quarto de vestir; um pianista de bastante nomeada endoideceu de amor, só porque a viu uma vez; e o célebre pintor H... estourou os miolos com um tiro depois de lhe ter escrito uma carta.

— Mas então era uma mulher sem coração?

O Barão encolheu os ombros e retorquiu:

— O Sr. é muito moço.

— Não digo que não, replicou o Conde Artoff, mordendo os lábios.

— Já leu Balzac?

— Todo.

— Lembra-se de Foedora?

— Da "Peau de chagrin"?

— Sim.

— Se me lembro!

— Pois a Baccarat, pelo lado da sensibilidade, era talhada pelo mesmo molde.

— Diabo!

— O único homem, a quem ela amou por oito dias, foi o Barão d'O...

— E tolerou-o por quatro anos?

— Quer dizer que o Barão, que a amava, se agarrava a ela, cego por discernimento, indulgente por princípio, e contentando-se, por egoísmo, com a afetuosa estima que ela evidentemente lhe tributava.

— E que mais? perguntou o moço russo, que principiava a tomar interêsse na narrativa.

— Um dia desapareceu a Baccarat.

— De Paris?

— Não, do mundo.

— Isso é gracejo!

— Não grancejo nunca a propósito de um amigo já falecido, respondeu gravemente o Sr. de Manerve.

E prosseguiu em tom menos lúgubre:

— Uma noite foi aquele pobre d'O... a minha casa... Um ano antes da sua morte.

— Venho pedir-te um conselho, falou êle em tom extremamente sério.

— Dize... retorqui, impressionado pela sua palidez, pelo aspecto desorientado e desusado tom de voz.

— Ora, adeus! há quatro anos que ela cessou de te amar.

— Bem sei... Expliquei-me mal.

— Mas então?

— Quero dizer que me deu adeus.

— Hem? bradei deveras estupefato.

— Não te posso dizer nada, continuou o Barão, suspirando, porque nem mesmo sei o que lhe sucedeu; mas, segundo parece, surgiu-lhe no coração um amor violentíssimo.

— Estás sonhando... A Baccarat não tem coração.

— Talvez achasse algum... observou êle, sorrindo tristemente... Olha, lê.

E entregou-me um bilhete, concebido pouco mais ou menos nestes termos:

“Meu querido d'O...

O senhor tem sido o meu benfeitor, e não quero que me julgue ingrata... uma paixão terrível, imensa, triturou-me o coração a ponto de me ver obrigada a escolher entre a morte e o arrependimento. Arrependo-me, e entro esta tarde para o recolhimento das irmãs de caridade.”

Seguia-se a isto uma frase de despedida e uma série de consolações banais.

— E então? perguntou o moço russo.

— O Barão estava no auge da desesperação, ia pedir-me um conselho: queria matar-se.

— Meu querido amigo, adverti, contra a desesperação proveniente do amor há três remédios: o suicídio, o tempo e as viagens. Vai dar uma passeio pela Itália; vai em seguida até à Grécia e à Turquia, volta pela Alemanha; se, quando regressares, não te achares curado, mata-te.

O Barão seguiu o meu conselho; viajou por um ano, voltou tão enfêrmo como no momento da partida, suscitou uma pendência, achou-a e fêz com que o matassem.

— E a Baccarat?

— A Baccarat ficou sua herdeira. Mas que fôra feito dela, que destino dera aos enormes haveres do Barão? Mistério...

— Nunca mais tornaram a vê-la?

— Nunca.

— E julga que a mulher a quem seguimos, e que mal vi, por me distrair a cumprimentar a Saint-Alphonse...

— Juraria que é ela.

Conversando dêste modo, e sem perderem de vista o landô, tinham os dois cavaleiros transposto a barreira, seguindo a avenida de Neully, entrando depois no bosque pela porta Maillot.

— Vamos um pouco mais depressa falou o Barão; traçemos de as alcançar, a fim de as vermos bem.

Pouco depois a Saint-Alphonse, ouvindo o trotar dos cavalos atrás do carro, voltou-se um tanto; e em seguida à Baccarat:

— Olha, ali vem o russo de quem te falei.

A Baccarat voltou-se também.

Entretanto aproximaram-se os dois moços a galope.

— Com os demônios! exclamou o Sr. de Manerve, é com efeito a Baccarat.

— Em carne e osso! respondeu ela; mas a minha ressurreição é um mistério... Silêncio!

E, dizendo isto, levou um dedo aos lábios.

— Bem, acedeu o Barão, depois me contará como foi isso.

E indicando o seu amigo acrescentou:

— Permita-me, minha querida Baccarat, que lhe apresente o meu amigo Conde Artoff, fidalgo moscovita, que ignora o número das suas aldeias, e passaria a vida a contar os seus servos sem que atingisse a soma total, ainda que chegasse a ser centenário.

A Baccarat respondeu ao cumprimento do boiardo com as maneiras de uma Duquesa.

— Com esta minha apresentação, continuou o Barão rindo, ponho em contacto duas impossibilidades...

— Realmente? atalhou a Baccarat.

— De certo... Uma senhora que volta do outro mundo...

— E' verdade.

— E um homem impossível de empobrecer...

— O Sr. Conde é uma exceção, retorquiu friamente a Baccarat.

— Uma exceção que confirma a regra... acrescentou o Barão.

— Eu, meus senhores, avisou a Baccarat, torno a abrir as minhas salas na quarta-feira. Permitam-me que principie os meus convites por V. Exas.

Os dois moços inclinaram-se; a Baccarat deu-lhes adeus com a mão, fêz um sinal ao cocheiro e o landô tornou a partir.

— Esta noite, disse a Baccarat à Saint-Alphonse, todos em Paris terão noticias da minha ressurreição.

Com efeito, ao cabo de uma hora, tinha o landô dado a volta pelo bosque, e a Baccarat correspondeu a vinte cumprimentos da roda masculina. As cinco horas regressava o landô à rua Moncey.

— E' ponto incontestável, anunciou a Baccarat à sua amiga, ir o russinho visitar-te esta noite... Já sabes o que tens a fazer...

— A tua confiança honra-me, hei de saber ser digna.

— Adeus... continuou a Baccarat apeando-se com extrema agilidade. O meu cocheiro vai levar-te a casa. Desculpa-me não te convidar para jantar: não tenho ainda cozinheira, e vou por isso mandar ao restaurante. Em compensação, pesso amanhã jantar contigo; e à noite dar-me-às lugar no teu camarote da Ópera... Adeus... adeus...

Baccarat entrou em casa, fechou-se no gabinete de tocador, ajoelhou, e desatou a chorar. A pobre comediante não estava já em cena, e a Sra. Charmet chorava o odioso papel da impura Baccarat.

VIII

A P O S T A

O Barão de Manerve e o seu amigo voltaram do Bosque às cinco e meia, jantaram juntos, e pelas nove horas foram ambos para o Clube.

O Conde Artoff estava um tanto ébrio.

— Meu querido Barão, falava êle, jogando fora o charruto na escada do clube, participo-lhe que acho a Baccarat uma mulher adorável.

— A quem o dizes! Se quiseses dar-lhe a roer tal ou qual milhão...

— E então?

— E' que ela tem os dentes agudos, rijos como diamante... E' capaz de te dar cabo de uma dúzia de aldeias.

— E será capaz de me amar?

— Não... Tu és demasiado rico e ela não tem coração.

— Não obstante... amo-a.

— Mais ainda uma razão. As mulheres assim não amam senão uma vez. O que te posso afirmar é que se te mostrará agradável, encantadora, e que fará honra...

E, falando assim, entrou o Barão em um gabinete de fumar, contíguo à sala principal do Clube. Nesta sala estava uma dúzia de moços, dos mais da moda, em tórno de mesa de jôgo. Entre êles achavam-se dois personagens do nosso conhecimento. Oscar de Verny, e o Visconde de Cambolh; quer dizer, Querubim e Rocambole, cuja presença entre homens ricos, e pela maior parte titulares, os mais perfeitamente honestos, provava até à evidência a leviandade parisiense, que permite, às vêzes, a dois bandidos o introduzirem-se na melhor sociedade, graças a um nome usurpado, às maneiras elegantes e a um todo de riqueza.

Apesar das somas consideráveis que se achavam sôbre o pano verde, estava um jôgo um tanto frio naquela noite. Todos jogavam como que por desfastio; conversavam com animação. A notícia do dia, o caso magno que a todos preocupava, o que dava curso aos mais excêntricos comentários, era a ressurreição da Baccarat.

Nem o próprio Rocambole, lhes quis dar crédito.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, contou um dos jogadores, que a mulher que nós vimos hoje, no Bosque, era a Baccarat.

— Pois eu a vi, afirmou outro. Vi-a, reconheci-a e cumprimentei-a, mas...

— Mas o que?

— Nem eu, acrescentou ainda outro.

— Pois, meus senhores, atalhou muito sèriamente o Visconde de Cambolh, eu posso certificar que a Baccarat não morreu.

— Ora, aí está!

— Mas que não era ela quem os senhores viram no Bosque...

— Era ela.

— Tenho a certeza do contrário.

— O Visconde conhecia-a?

— Não a vi nunca.

— Logo, em que funda a sua convicção?

— E' êsse o meu segredo.

— Eu, acentuou o barão de Manerve entrando, posso afirmar que a convicção do Visconde não tem a mínima seriedade.

— Ora, essa exclamou Rocambole.

— Eu vi a Baccarat.

— Viu-a?

— Vi.

— Também nós.

— Falei-lhe.

— O' diabo! Isso agora é mais sério!

— Não sei porque, pensou Rocambole, mas aqui anda obra de sir Williams. Calemo-nos e escutemos.

E em seguida, em certo tom de indiferença:

— Se o senhor lhe falou, é caso diferente, e retiro a afirmativa.

— E convidou-nos para o seu primeiro baile de inverno, acrescentou o Barão. Quarta-feira dança-se em casa dela.

— E' singular! murmuraram ao mesmo tempo diferentes vozes.

— Não duvido, mas é também real, verdadeiro e incontestável.

— Mas de onde surgiu ela?

— Não se sabe.

— Está rica?

— Não, mas não tarda que o esteja.

— O que?! perguntaram alguns dos circunstantes.

— Aqui está êste meu amigo, participou o Barão designando com o gesto o Conde moscovita, que se encarrega do seu futuro.

— Não está ainda nada decidido a tal respeito, avisou o Conde, com modéstia que não justificava os seus vinte anos.

— Estimo que assim seja, disse uma voz.

— Estima, por que?

E todos se voltaram para o novo interlocutor.

Era Oscar de Verny, ou antes, Querubim.

— Oh! exclamou rindo o Barão. Dar-se-á o caso que o Sr. de Verny tenha pretensões?

— Se V. Exa. permite, silvou Querubim muito friamente, expor-lhe-ei, não antes de explicar a minha genealogia.

— Mas qual é o seu intento?

— Esperem, e verão.

Em seguida assumiu Querubim a atitude de um narrador, com grande assombro de Rocambole, que não esperava semelhante coisa.

— Venha lá a genealogia! urraram diferentes vozes.

— A minha côr, os meus olhos e os meus cabelos dizem muito claramente que não sou de origem francesa, apesar do meu apelido.

— O senhor é italiano?

— Não, sou crioulo.

— E depois?

— Mas crioulo da América do Sul; crioulo de raça espanhola.

— E... descende?

— De D. Juan.

Querubim proferiu êste nome famoso com perfeita tranquillidade.

Contudo não faltou quem risse.

— Está gracejando... interferiram alguns.
— Talvez.
— Mas por que razão apresenta a genealogia?
— Por uma razão muito simples; para indicar que sou sedutor de profissão.

— Bravo!

— Há três mulheres, por quem eu desejava ser amado.

— Qual é a primeira?

— Cléopatra, rainha do Egito.

Os jogadores desataram todos a rir loucamente.

— E a segunda?

— A bela Impéria.

— E a terceira?

— A Baccarat.

E Querubim permanecia sôbre modo sério no meio de todos aquêles rostos risonhos.

— Sabem por quê? prosseguiu êle.

— Vamos lá saber.

— Por serem mulheres sem coração. Com as duas primeiras seria impossível a experiência, por nos separar delas o pó dos séculos...

— A razão é suficiente, é...

— Mas, visto que a terceira ressuscitou, não deixarei de intentar a aventura.

— E espera ser bem sucedido?

— Inquestionavelmente.

— Pois parece-me, lembrou o Barão de Manerve, tornando-se tão sério como Querubim, parece-me que perde o tempo. Baccarat não ama senão o outro... O senhor pode sorrir com orgulho, pode olhar admirado para o seu rosto fascinador, pode rememorar, qual D. Juan de botas de polimento, o número das suas vitórias; apesar disso tudo não conseguirá nada; porque onde não há nada até o próprio rei perde os seus direitos.

— Não perderei os meus, creia, retorquiu Querubim sem perder o aprumo.

— Permita-me que lhe diga duas palavras! falou então o moço russo, ofendido pela futilidade e aprumo de Querubim, e sentindo despertar em si o caráter feroso e irascível da sua raça.

— Muitas, Sr. Conde.
— Não, só duas.
— Queira dizer...
— O senhor pretende fascinar Baccarat?
— Tenho êsse intento, respondeu Querubim em tom de convicção.

— Naturalmente é rico?
— Não sou, tenho de rendimentos apenas uns trinta mil francos.

— Pois eu tenho uns vinte milhões, ou talvez mais.
— E então?
— Quer fazer uma aposta?
— Sem dúvida.
— Sendo assim, dou-lhe quinze dias... E' suficiente?
— Posso afiançar que é o dôbro do tempo necessário.
— Embora... dou-lhe quinze dias. Se daqui a quinze dias fôr amado pela Baccarat, dar-lhe-ei, aqui, a esta mesma hora, e na presença dêstes senhores, quinhentos mil francos.
— Aceito.

— E se êle perder a aposta? perguntaram diferentes vozes.

— Se o Sr. de Verney perder a aposta, frisou o russo, com o terrível sangue-frio que as raças do norte ostentam em certas ocasiões; se o Sr. de Verney perder a aposta, se daqui a quinze dias não fôr amado por Baccarat, como êle não é rico, e como eu o sou demasiadamente para que lhe exija quinhentos mil francos, estouro-lhe os miolos...

Não houve um só dos circunstantes que não estremecesse.

O moço moscovita tinha vinte anos, era quase imberbe, e mal representava a idade que tinha; mas havia tamanha tranqüilidade na sua voz, adivinhava-se tão bem temperada resolução na alma daquele ainda quase uma criança, que os jogadores logo perceberam que não poderia haver nada tão sério como a proposta que êle fizera.

— Então, que lhe parece a minha proposta? falou êle, afinal, a Querubim.

— A sua proposta, retorquiu Querubim, é dura e exige reflexão.

— Pode refletir...

— Dura e impossível de aceitar, observou o Barão de Manerve.

— Por quê?

— Por que?! tornou o Barão; porque estamos na França, meu querido Conde, quer dizer, em um país onde ninguém tem o direito de vender nem a própria vida, quanto mais apoderar-se da alheia. O Sr. de Verny pode aceitar que o meu amigo lhe esmague os miolos; as leis francesas é que não consentirão.

— Já tinha previsto êsse caso, acentuou friamente o Conde.

— Já o tinha previsto?

— De certo... Iludirei a lei.

— Como?

— De modo muito simples.

— Ah!

— Nós aqui, meus senhores, continuou o Conde, somos todos homens de bem, e por conseguinte incapazes de violar a palavra dada.

— Sem dúvida! gritaram várias vozes.

— Logo, se o Sr. de Verny aceita a minha proposta, eis o que tenciono fazer, na suposição de se confessar vencido.

Estas palavras deram causa a geral movimento de curiosidade.

— Ora, o Sr. de Verny, prosseguiu o Conde, é um homem pundonoroso, incapaz de me faltar com a sua vida, se eu tiver adquirido lealmente direito sobre ela.

— De certo, declarou Querubim.

— Por consequência, se êle perder, suscitará uma pendência comigo, após a qual nos bateremos a dez passos de distância, à pistola carregada, que será a minha. E saiba, Sr. de Verny, saiba que atiro perfeitamente à pistola, e por isso tenho a certeza de lhe alojar uma bala entre os olhos, e de o matar repentinamente, sem que o desfigure.

Estas últimas palavras foram ouvidas com um silêncio mortal.

— Essa aposta é inequívvel! afirmaram afinal muitos dos jogadores.

— Então, frisou o Conde, far-me-á o Sr. de Verny o favor de renunciar aos seus projetos.

— Não renuncio, de certo.

— Ou bater-se amanhã de manhã, caso em que é ainda provável que eu o mate. E notem, meus senhores, que, sendo assim, terá o Sr. de Verny renunciado à probabilidade de ganhar quinhentos mil francos e morrerá com a fama de fanfarrão.

Estas palavras feriram em cheio o orgulho de Querubim.

— Sr. Conde, afirmou êle, aceito a sua proposta.

— No mesmo instante, ouviu-se em tôda a assembléia um murmúrio de aprovação.

— E' uma loucura! bradaram em seguida alguns circunstantes.

— Pense bem, Sr. de Verny, aconselhou mais uma vez o Conde.

— Já pensei.

— Logo, aceita?

— Aceito.

— Sr. Conde, interveio então Rocambole, o Sr. Oscar de Verny esqueceu-se indubitavelmente de certo compromisso, em que está sèriamente empenhado. Espero, portanto, que V. Exa. tenha a extrema bondade de não tomar a sério a sua aceitação, enquanto eu lhe não disser algumas palavras em particular.

Esta inopinada intervenção de Rocambole aumentou o asombro entre os jogadores.

— Pois seja assim... acedeu o Conde.

O elegante Visconde de Cambolh deu em seguida o braço a Querubim, que ficara estupefato, e levou-o para a sala de fumar, dizendo:

— Pego desculpa, meus senhores, mas volto já...

E impelindo Querubim para o vão de uma janela, próximo da qual não se achava ninguém, disse-lhe com extrema veemência:

— Meu querido amigo, o senhor é um tolo.

— Acha?

— Não me parece que haja imbecilidade em jogar a vida contra quinhentos mil francos, tendo quase certeza...

— Imbecil é que eu deveria ter dito.

— E' sempre tolice arriscar o que nos não pertence.

— Então, a minha vida não me pertence?

— Não, senhor, bradou Rocambole muito friamente.

— A quem é então que pertence?

— “A nós”.

E sublinhou as palavras.

— Que importa isso?

— Importa pouco; mas, se o “chefe” não permitir, não cumprirá o senhor a aposta.

— E se êle recusar... e eu seguir o meu caminho?

— Não será o Conde que terá de o matar...

— Quem será?

— Não sei; o que lhe posso afirmar é que será morto amanhã, a esta mesma hora. Como, por quem, e com que arma, não sei, repito... Agora, medite.

— Obedecerei, murmurou Querubim; esperarei as ordens do “chefe”.

— Bem, voltemos para a sala.

E Rocambole conduziu novamente Querubim para junto dos jogadores.

— Sr. Conde, comunicou êle ao fidalgo moscovita, o Sr. de Verny atendeu as excelentes razões que lhe apresentei...

— Ah! disse o russo, com um sorriso de desdem, recusa?

— Não recusa.

— Então, aceita?

— Também não.

— Logo, pede para refletir?

— Únicamente até amanhã a esta mesma hora.

— Não me oponho, salientou o Conde, mas com uma condição.

— Queira dizer...

— E' que poderei esta mesma noite, se me convier, principiar a fazer a côrte a Baccarat.

— Creio que poderá.

— Então, concluiu o Conde, até amanhã.

E, dando o braço a Manerve, fêz um cumprimento em globo e saiu.

Dali a pouco também Rocamble e Querubim saíram do Clube e seguiram a pé pelos bulevares.

— Amanhã, avisou o suposto Visconde, apertando a mão a Querubim, vá dar uma volta pelo Bosque.

— A que horas?

— Ao meio-dia.

— Já terá, então, resposta para me dar?

— De certo; e tanto mais, que é provável ter também novas instruções para lhe comunicar com relação à Marquesa.

— A respeito daquela é que eu não aceitaria aposta semelhante. Tenho a convicção de que a Marquesa me ama; entanto, receio muito que não chegue nunca a confessar. Aquella mulher é um anjo!

— E' por isso mesmo que o senhor foi leviano, metendo-se em novo cometimento.

E, separando-se de Querubim, dirigiu-se a pé para a sua sobreloja do arrabalde de Saint-Honoré, onde sir Williams o esperava, com os pés chegados ao fogão e de charuto na bôca.

— Com os diabos, meu tio! exclamou Rocamble mal entrou; é uma fortuna encontrá-lo aqui!

— Preciso de mim?

— Tenho grandes notícias para lhe dar.

— Dize lá, meu sobrinho.

— Em primeiro lugar, parece que a Baccarat atirou com o burel às urtigas, mas por uma vez.

— Já sei; e que mais?

— Já sabe?

— Sei tudo; e que mais?

— Depois, que o nosso amiguinho Querubim aceitou agora uma aposta singularíssima.

— Que aposta vem a ser?

Rocamble descreveu a cena de que fôra testemunha no Clube, e nós já narramos. Sir Williams ouviu-o sem o interromper, e permaneceu depois por muito tempo calado, como a meditar.

— Com efeito, desabafou êle, não vejo o mínimo inconveniente em que Querubim aceite a aposta.

— Nenhum?

— Não; e digo porque. Quando chegaste, estava eu pensando no modo de me livrar da Baccarat, que me incomoda; e talvez que êsse meio me convenha...

Sir Williams julgou inútil explicar-se mais claramente. Em seguida, ditou uma carta a Querubim, que Rocamble escreveu:

“Tem permissão para aceitar a aposta; mas não falte amanhã ao Bosque à hora que lhe indiquei. Há nisto urgência.

Seu

Cambolh.”

— Tem paciência, minha Baccarazinha... falou sir Williams para consigo; necessito desferrar-me de ti, e saber o que devo fazer.

IX

M I S T É R I O

Pelas dez horas da noite do mesmo dia, estava só a Baccarat na rua Moncey, porque a pequena judia dormia sossegadamente em um divã, no toucador da pecadora.

Então nem a Sra. de Saint-Alphonse, nem o Conde russo, nem o Sr. de Manerve, nem nenhum dos loucos rapazes que poucas horas antes tinham dado palmas ao reaparecimento da Baccarat, a teriam reconhecido. Baccarat não era a mesma; não era já a altiva rapariga, de olhar soberbo, de risada estridente e de escárnio, que parecia fazer do engano uma profissão; já não era a messalina tôda audácia, zombaria e cinismo.

Era a Sra. Charmet, a pobre mulher curvada ao pêso do remorso e do arrependimento, a humilde penitente, que conservava os olhos continuamente voltados para o céu; a irmã de caridade, que passara intermináveis noites de inverno à cabeceira dos enfermos. E, contudo, achava-se ainda com a brilhante roupa com que andara de dia; não se lembrava de velar os ombros, de ocultar como dantes os formosos cabelos, de esconder a elegância do talhe nas amplas pregas de um vestido meio monástico; mas nos olhos marejados de lágrimas, na atitude de prostração, lia-se claramente profundíssima dor.

— Santo Deus! murmurou ela, erguendo fervorosamente as mãos; perdoai-me, e dai-me fôrça para representar êste horrendo papel até o fim sem desfalecer! E' indispensável que o salve a "êle"!

Nisto ouviu a Baccarat a sineta anunciando uma visita. Com efeito, dali a nada, transpôs o limiar do gabinete um *groom* microscópico, com uma carta na mão. Era o *groom* da Sra. Saint-Alphonse, a qual escrevia à Baccarat o seguinte:

"Querida amiga:

Depressa... pega em armas!... O russozinho chegou agora aqui; está loucamente apaixonado por tí, e no seu amor há suficiente dose de vaidade. Fêz não sei que aposta no seu clube, e por isso previno-te de que vai pôr apertado cêrco ainda hoje mesmo e introduzir-se em tua casa, sem que o ame-dronte o escândalo.

Afirmei seres tu uma mulher excessivamente romanesca, e cheguei a sustentar que serias capaz das maiores loucuras

pelo homem que arrostasse com o Código Penal, com o único fim de te agradar.

Assim, pois, minha querida, prepara-te para tudo.

Saint-Alphonse."

Esta carta, que a Baccarat aproximou da luz, e deixou arder pausadamente, restituiu-lhe a energia.

— Vamos! pensou ela: eis o toque de campainha de contra-regra; ergue o pano, entremos em cena.

— Está entregue, disse ela ao *groom*, atirando-lhe, ao mesmo tempo, cem "sous".

O *groom* fêz uma cortesia e retirou-se.

Ato contínuo tocou Baccarat a campainha para chamar a criada de quarto, e apenas apareceu ordenou-lhe que a des-pisse.

Bastaram cinco minutos para que a Baccarat substituisse por uma roupa noturna, a brilhante diurna. Envolveu os cabelos em um grande laço de sêda azul, vestiu um roupão, calçou uma chinelinhas de cetim, com tacões vermelhos e desceu para o pavimento baixo da casa.

Havia ali, dando para o jardim, um gabinete a que o Barão d'O... era muito afeiçoado. Era bonita casinha, tôda forrada de um estôfo oriental, cheia de livros e periódicos, e singelamente mobiliada de divãs e cadeiras cobertas de estôfo semelhante ao das cortinas e das paredes.

Baccarat mandou retirar a criada e ficou só, graciosamente recostada em um divã próximo do fogão, com um livro na mão. Lembrou-se ela de que, se o moço russo se lhe introduzisse em casa, seria sem dúvida com o auxílio de uma escada aplicada à parede exterior, que lhe permitisse o acesso ao jardim. Ora, o que a Baccarat queria antes de tudo evitar era o ruído, o escândalo. Fôra por isso que descera para o pavimento baixo, e se colocara naquele gabinete, cuja janela iluminada atrairia primeiro que tudo a atenção do tresloucado moço.

O que a Baccarat previra sucedeu. Havia apenas um quarto de hora que se achava no gabinete, quando ouviu ligei-

ro ruído no jardim; parecia ocasionado pela queda de um corpo. Depois ouviu passos na areia, e logo em seguida pararam debaixo da janela. Então a Baccarat até ali imóvel voltou a cabeça, julgou ver um vulto no jardim, e fez um gesto de susto, admiravelmente representado.

Em seguida ouviu bater levemente em um vidro da janela.

Baccarat pôs de parte o livro, levantou-se, foi direita à janela, e abriu-a.

Fôra, com efeito, o jovem russo que batera.

Baccarat julgou então a propósito não soltar a mínima exclamação de surpresa; fitou muito tranqüilamente o moço a quem tão grande e inesperado sangue-frio desorientou um tanto ou quanto, e disse-lhe:

— Entre, Sr. Conde, entre. Uma vez que ousou escalar o muro do meu jardim, não vejo razão para não executar até o fim o seu programa, entrando em minha casa pela janela...

E a Baccarat recuou dois passos para que êle pudesse saltar para dentro de casa.

O Conde entretanto corava e balbuciava, com a ingenuidade própria dos vinte anos. Contudo, como não havia irritação nem zombaria na voz daquela mulher, resolveu-se a pular para dentro do gabinete.

Baccarat fechou então a janela, correu-lhe as cortinas e em seguida indicou uma cadeira à sua visita noturna.

Após isto, assumiu a atitude em que estava anteriormente no divã.

— Sr. Conde, não sei qual é o fim da sua visita, nem a razão por que se expôs há pouco aos rigores do Código Penal.

— Minha senhora...

— Não se desculpe, e ouça-me. O Sr. Conde viu-me hoje pela primeira vez; mas, naturalmente, descreveram-lhe a minha celebridade de outrora, a minha insensibilidade proverbial; estou até convencida de que aquele pobre Manerve deve lhe ter contado, a respeito do meu eclipse de quatro anos, alguma história romanesca...

— Mas, minha senhora...

— Não diga nada, Sr. Conde, e ouça-me.

O Conde fêz um gesto de obediência e calou-se.

— V. Ex., prosseguiu a Baccarat, tem vinte anos, não é verdade?

— Sim, minha senhora.

— A idade dos cometimentos cavalheirescos e dos sonhos arrojados.

— Não digo que não...

E o príncipe russo acompanhou estas palavras com um sorriso de altivez.

— Eu conto quase vinte e sete anos, e tenho vivido o que quer dizer que sou velha, muito velha, e que li já, do princípio ao fim, o doloroso livro da vida, do qual V. Exa. mal tem passado pela vista as primeiras páginas. Este triste privilégio dá-me, pois, o direito de lhe falar com tal autoridade, há de convir...

O Conde inclinou-se.

— Ora eu, ontem, continuou a Baccarat, ignorava até o seu nome; hoje sei, ou para melhor dizer, adivinhei a sua vida inteira, incluindo os seus mais secretos pensamentos.

O Conde mostrou nos lábios um sorriso de incredulidade.

— Ouça-me, tornou ela, e julgará. V. Exa. tem vinte anos, pertence a uma nação cavalheirosa, amante de aventuras, conquistadora, em uma palavra, a uma nação que não duvida de nada. Pôsto isto, apontaram-me com o dedo ao Sr. Conde e disseram-lhe: "Aquela mulher não crê em nada; não tem afeição a ninguém, e nas suas mãos fundem-se tesouros verdadeiramente régios." E o Sr. Conde respondeu: "Pois tenho vinte anos, sou fabulosamente rico, e quero ser amado por aquela mulher". E' isto verdade, ou não é?

O Conde inclinou-se, confirmando:

— E' verdade.

— Pois juro-lhe, Sr. Conde, que se enganou.

— Oh!

— Não posso amá-lo, e não quero empobrecê-lo.

E a Baccarat pronunciou estas palavras com frieza e no tom de uma resolução inabalável.

— Olhe para mim, Sr. Conde; já não sorrio, já não tenho o olhar atrevido de uma cortesã... olhe...

O Conde fitou-a e ficou profundamente impressionado pela dignidade triste que lhe viu na fisionomia.

— Perdoe-me... balbuciou êle; mas eu a amo...

A Baccarat lançou-lhe um sorriso quase maternal, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Criança!... Tem apenas vinte anos... Na sua idade ainda há no âmago do coração nobres cordas que vibram ao mais simples contacto de uma palavra generosa. Olhe para mim, Sr. Conde: sou uma pobre mulher deveras prostrada, que representa atualmente um papel superior às suas fôrças; uma mulher que vale hoje mais que a sua fatal celebridade, e que lhe pede lealmente, e com a maior singeleza, a V. Exa. que é um fidalgo, em cujos olhos brilha nobre franqueza; a V. Exa., que é ainda uma criança, que se compadega de uma mulher envelhecida pelo sôpro destruidor das paixões.

E a voz da Baccarat denunciava muito funda comoção.

O Conde viu-lhe lágrimas nos olhos; e o moço, que não estava ainda muito longe do tempo em que pousava a loura cabeça no regaço de sua mãe, compreendeu que a Baccarat não era, ou deixara de ser, a mulher sem coração, a abominável criatura de que lhe tinham falado; e adivinhou uma dor imensa no íntimo daquela alma, talvez miséria sem nome, oculta naquele luxo deslumbrante que rodeava a pecadora.

— Tem razão em me chamar criança, disse êle. Sou, com efeito, uma criança, cuja audácia lhe deve ter feito muito mal; mas o meu arrependimento...

— Sr. Conde, pediu a Baccarat, interrompendo-o com um gesto cheio de dignidade, quer fazer-me um juramento?

— Queira dizer, minha senhora.

— Quer jurar-me, pela sua honra de cavalheiro, pela da nobre nação a que pertence, que quanto aqui se disser esta noite entre nós ficará tão solenemente sepultado no fundo do seu coração, como um segrêdo no fundo de uma sepultura?

— Assim o juro, minha senhora... Palavra de fidalgo russo.

Baccarat fitou-o por um momento, como se duvidasse ainda daquela palavra tão solenemente dada.

— A mocidade, Sr. Conde, tornou ela enfim, vale mais que a idade madura; a mocidade tem instintos generosos, conserva friamente a religião do juramento; quero dizer que vou confiar em V. Exa., a quem ainda esta manhã não conhecia, de preferência a um homem de idade madura, que representasse a meus olhos uma afeição de dez anos.

— Agradeço-lhe sinceramente, minha senhora, respondeu o Conde deveras comovido, e creia que não há de ver fludida a sua confiança.

— Ouça-me, portanto, continuou a Baccarat. Na minha vida há um mistério e um segredo. O mistério é impenetrável... e o segredo não posso comunicar a quem quer que seja... incluindo mesmo V. Exa., acrescentou ela sorrindo. Contudo, não sei o que me afirma possuir V. Exa. um nobre e leal caráter e deve chegar a ser meu amigo verdadeiro.

— Afirmo-lhe que já o sou, minha senhora... adiantou o Conde, com muita vivacidade.

— Veremos, tornou a Baccarat; porque vou talvez pedir-lhe um grande sacrificio...

E após uma pequena pausa:

— Não se trata da sua riqueza... Creio que lhe falaram... é até certo terem-lhe dito ser a Baccarat uma das criaturas das que não prezam senão o ouro; que não estremece senão ao ruído que êle produz, e tem em vez de coração uma pedra de toque...

— Assim foi, com efeito, balbuciou o Conde um tanto embaraçado.

— Quanto ao passado, afirmaram-lhe a verdade... revelou ela visivelmente humilhada. Fui na verdade a criatura que lhe desvendaram. Decorreram, porém, quatro anos, e nesse tempo amei, padeci e arrependi-me... A mulher, que hoje aqui vê não pode amar nem empobrecer ninguém; e, se ela pudesse ainda amar, querería viver unicamente do trabalho de suas mãos para purificar o seu amor... Bem vê que não o empobrecerei.

— Deixemo-nos de tais pormenores, minha senhora, exclamou o Conde arrastado por generoso impulso, dos que só possui a mocidade; e diga-me como e em que posso ser-lhe útil. A minha vida pertence-lhe, creia...

— Deus me livre de lhe tocar... ressaltou ela. E' muito menos o que peço.

Então a Baccarat recostou-se, e assumiu a mais sedutora atitude.

— Quando hoje lhe chamaram a atenção para mim, disse V. Exa. naturalmente para consigo: "Eis uma mulher da moda, que pode ser minha amante. E' provável que me custe muito dinheiro; mas sou bastante rico..."

O Conde quis protestar, mas a Baccarat impôs-lhe silêncio com um gesto, prosseguindo:

— Pois tanto o Sr. Conde como os seus amigos se enganaram. Eu não posso amá-lo, e muito menos consentir que me ame. Resigne-se, porém, meu filho, concluiu a Baccarat, em um tom quase maternal; não posso fazer nada em seu favor.

Ei como o Conde empalidecesse e manifestasse na fisionomia profunda comoção:

— Olhe, talvez o Sr. Conde se torne mais razoável, em sabendo o que espero de V. Exa. Diga-me, quer ser deveras meu amigo?

— Pais ainda duvida?

— Obedecer-me-á se assim fôr preciso?

— Obedecer-lhe-ei.

— Pois bem... aos olhos da sociedade, dos seus amigos, aos olhos do mundo inteiro, amá-lo-ei, e o Sr. Conde será o dono desta casa...

O Conde fêz um gesto de surpresa.

A Baccarat sorriu e continuou:

— Pobre de mim! Eis onde está o meu segredo, o segredo impenetrável, que não posso confiar a ninguém. Afirmando que não posso, não quero, nem devo amá-lo; não devo ser senão uma mulher honesta, uma mulher que já não tem amor senão para Deus, que passará as noites a chorar e a orar, e de dia ostentará as mais garridas roupas, sorrindo para todos

os sorrisos. Porque, não me pergunte; mas fique certo que, se alguma vez confiar o meu segredo a alguém, não o confiarei senão a V. Exa.

O Conde achava-se no auge da estupefação.

— O Sr. Conde deu-me a sua palavra de que tudo isto ficará sepultado entre nós; por conseguinte, vou dar-lhe a escolher: ser aos olhos do mundo sua amante, uma criatura que haverá de V. Exa. luxo, posição, presente e futuro; uma criatura a cuja porta estacionará tôdas as noites a sua caruagem; de cuja casa o verão sair tôdas as manhãs...

O Conde julgava estar sonhando; pareciam-lhe inexplicáveis as palavras da Baccarat.

— Parece-lhe sem dúvida extraordinário, continuou ela, haver uma mulher que pretenda esbanjar públicamente a sua reputação, e permanecer contudo virtuosa, quando há tantas outras que, pelo contrário, ocultam o seu procedimento particular sob as aparências do dever... Então, que quer? E' ainda, e como sempre, o meu segredo.

O Conde pegou então na mão de Baccarat:

— Aceito, e obedecer-lhe-ei cegamente, porque no seu olhar, na sua voz comovida, adivinhei uma dor imensa. Tem razão em confiar em mim, minha senhora; não há de ver iludida a sua confiança. Eu não passo ainda de uma criança, como me tem dito, mas serei homem sempre que assim fôr necessário e digno da sua amizade. E depois, quem sabe? murmurou êle em voz baixa e corando, quem sabe se um dia...

Baccarat abanou a cabeça, com expressão de arraigada tristeza.

— Pobre criança! Se tenho conservado a aparência da mocidade, se sou ainda formosa, se ostento ainda as mentirosas exterioridades da vida alheia cheia de seiva e crente no futuro, o meu coração conta cem anos... Estou velha, embotada, quase morta; e os mortos não podem amar. Seja meu amigo, mas não exija mais nada de mim.

A Baccarat proferiu estas últimas palavras com uma dignidade triste e majestosa, com que ninguém poderia enganar-se. Aquela mulher, vergada ao desprezo público, afigurou-se ao Conde como uma nobre vítima resignada, como um anjo para todos desconhecido. E o Conde dobrou o joelho diante

dela, pegou-lhe silenciosamente na mão, e beijou-a com profundo respeito.

Então a Baccarat inclinou-se para aquela novel fronte, e pousou nela os lábios.

— Obrigada! murmurou ela. E' um verdadeiro fidalgo; e, se eu alguma vez tenho sentido um impulso de orgulho, é neste momento, porque vejo que me adivinha.

O Conde erguera-se.

— Agora, olhe-me como seu escravo, como um homem que se fará matar a um gesto seu, e lhe obedecerá, ordene-lhe o que lhe ordenar.

— Espere-me um instante.

E, deixando-o só, subiu ao primeiro andar, demorou-se alguns segundos no gabinete de toucador e voltou trazendo na mão um papel.

A Baccarat apresentou o papel ao Conde Artoff:

— Aqui tem um bônus de cem mil francos sôbre o meu banqueiro.

— Para que? perguntou o Conde, deveras surpreendido.

— Para ocorrer às despesas... respondeu ela com a maior simplicidade.

— Não percebo...

— Pois é fácil de perceber.

O Conde olhou para ela muito sério.

— Bem sabe que combinamos, observou ela, empobrecer-se um tanto, ostensivamente, por minha causa...

— Mas isso é um gracejo!

— Não é... Guarde êstes cem mil francos.

— E depois?

— Depois, mandar-me-á, por exemplo, uma parrelha de cavalos, que o senhor comprará, na presença dos seus amigos. Amanhã, consultá-lo-á sôbre um bracelete, um colar, qualquer jóia caríssima, com a qual aparecerei no mesmo dia... Se os cem mil francos durarem dois meses, terão durado muito.

— Mas, retorquiou o Conde, estupefato, esquece-se de que sou seu amigo?

— Pelo contrário...

— Que tenho um rendimento enorme?

— Bem sei.

— E que não posso aceitar êsse dinheiro? Pois não seria um prazer para mim...

— Olhe, contraveio a Baccarat, impondo-lhe silêncio com o gesto, o que vejo é que já se não lembra da amizade que mo ofereceu... Olhe para mim, meu querido filho... Julga-me ainda Baccarat?

— Não, de certo...

— Então, se eu sou outra mulher, uma mulher desprezível para todos, e só aprecia a sua estima, como quer que lhe accite um alfinête sequer?

— E' verdade... reconheceu o Conde, com sinceridade, repleta de franqueza. Perdoe-me...

E guardou os cem mil francos.

— E' encantador, qualificou a Baccarat; e, aos olhos do mundo, hei de ser tão boa, tão sua afeiçoada, que se há de julgar felicíssimo, e ouvirá dizer em côro que transformou o juízo da Baccarat.

Estas palavras recordaram ao moço russo a aposta que fizera poucas horas antes.

— Valha-me Deus! Tenho de lhe confessar um êrro e de lhe pedir perdão para êle.

— Está já antecipadamente perdoado.

— Há pouco, mostrei-me fátuo no meu clube... Jurei que a senhora me pertenceria dentro em pouco.

— Bem sabe, frisou ela com um sorriso de resignação, que não o desmentirei...

— Mas não foi só isso, foi pior ainda.

E o Conde contou então a Baccarat, muito sucintamente, mas sem omitir um só pormenor, a cena que ocorrera no clube entre êle e Oscar de Verny, quer dizer, entre êle e Querubim.

— Santo Deus! exclamou o Conde, notando-lhe inesperada perturbação, conhece aquêle homem?

— Nunca o vi.

— Então por que empalideceu?

— Agora, vibrou a Baccarat, meio sufocada, principio a acreditar que foi a Providência quem aqui o conduziu.

O assombro do jovem chegara ao auge.

— Aceite a aposta, prosseguiu a Baccarat, aceite a aposta.

— Mas já a aceitei, exclamou o Conde Artoff, e hei de ganhá-la, porque agora, minha senhora, tenho a certeza de que aquêlê homem não conseguirá seduzi-la.

A Baccarat mostrou nos lábios um sorriso soberbo.

— E, segundo parece (perguntou ela), gabou-se de que o conseguiria?

— Eu, como já declarei, aceitei a aposta... se êle perde, tenho de o matar...

O Conde proferiu estas palavras com tal ou qual comoção.

— Bem, retorquiu a Baccarat pausadamente e com voz grave e solene, como a de um juiz pronunciando uma sentença de morte, quem lhe afirma que êsse homem não tenha merecido a sorte que o espera?

O Conde estremeceu, a seu pesar.

No tom, e no gesto da Baccarat, havia o que quer que era misteriosamente terrível, que lhe dava a aparência de uma profetisa, tão inexorável como o destino.

— Agora, prosseguiu a Baccarat em tom sereno e quase leviano; lembre-se de que esta rua é deserta e que pode retirar-se como veio. Adeus, até amanhã!

Em seguida, estendeu-lhe fraternalmente a mão, deixou-o beijá-la na testa e reconduziu-o até à porta do jardim, que ela própria abriu.

— Venha almoçar amanhã comigo, mas venha na sua carruagem, que o esperará à minha porta. Adeus!

— Extraordinária mulher! murmurou o Conde Artoff ao retirar-se. Entrei em sua casa como um estouvado, em busca de uma aventura, e saio dela amigo dedicado e pronto a morrer a um gesto seu. Ama-la-ei?

Apenas o Conde saiu, tornou a Baccarat a subir ao gabinete de toucador, onde a pequena judia continuava a dormir profundamente.

— Minha querida filha, falou ela, acordando-a, queres deitar-te, estás fatigada?

— Não, minha senhora, respondeu Sára abrindo os formosos olhos e fitando-os com extrema suavidade na sua benfeitora; não estou fatigada, nem tenho sono... Farei tudo quanto a senhora quiser...

A Baccarat pareceu refletir.

— Santo Deus! pensou ela, esta terrível faculdade, em que mal me atrevo a acreditar, é envolta em tão densas trevas; há nela tantas contradições e reticências nas respostas desta criança, que não chegarei nunca por êste único meio a descobrir a verdade inteira. A pequena já me disse que sir Williams me odeia, bem como à Marquesa, a Fernando, a Léon, e principalmente a seu irmão Armando; mas não acha a ponta do fio que poderia guiar-me através do dédalo de embustes em que anda envolvido aquêle homem... Disse-me também haver um homem, que tentaria causar a perdição da Sra. Van-Hop, e consegui saber que êsse homem se chama Querubim... Mas é quanto sei. E sir Williams tem na sua mão todos os fios da vasta intriga; caminha como dia claro em tão grande labirinto de trevas; vítimas passadas ou futuras, crêem tôdas nêle... só eu velo...

O' meu Deus! dai-me fôrça para lhe neutralizar os detestáveis desígnics! E' contudo indispensável, murmurou ela em seguida, que eu ache a cabal explicação dêste terrível enigma, que saiba que relação pode haver entre a Marquesa Van-Hop, que é um anjo, e êste tal Querubim, que é um miserável!

Saint-Alphonse já me disse o que êle era, porque o conhece há muito. O Sr. de Cambolh bateu-se com êle e a Marquesa estêve a ponto de desmaiar vendo o Sr. de Cambolh. Que terrível mistério que isto tudo encerra!

E Baccarat pôs as mãos na cabeça da criança adormecida.

— Quero que fales! ordenou ela, com voz inspirada.

X

QUERUBIM E A SRA. MALASSIS

Oscar de Verny, quer dizer Querubim, recolhera-se à sua habitação da rua de Pepinière, depois de se separar de Ro-cambole no bulevar.

Dirigira-se para casa a passos lentos e vagarosos, fumando um charuto, e imerso em profunda meditação. A falar a verdade, bastava o que ocorrera no clube entre êle e o fidalgo russo para explicar a absorção que assim o dominava.

— E' evidente, murmurava êle, caminhando pela rua de Saint Lazaro, que me meti em jôgo arriscadíssimo, e que, se a Baccarat me não ama, sou morto pelo diabo do russo; mas também é evidente que se me deixarem ganhar a aposta, e, se a ganhar, recebo quinhentos mil francos, em uma ocasião em que não tenho senão dívidas.

Mas esta perspectiva risonha foi de repente sombreada por outro pensamento, fantasma ameaçador que pareceu erguer-se diante dêle:

— E se o "chefe" não quiser?

Querubim arrojou para longe de si o charuto, com um gesto de cólera, e sufocou com dificuldade uma praga.

— Palavra de honra! continuou para consigo. Entrei bem leve na tal associação dos Valetes de Copas! Verdade é que eu estava sem o mínimo recurso; mas, enfim, isso não é razão... Uma vez que os sirvo fielmente, não devem entorpecer os meus interêsses particulares...

Monologando por êste modo, chegou Querubim a sua casa, mandou deitar o criado, e em vez de o imitar, abriu a janela da sua pequena sala, que dava para o jardim, e da qual se via, por entre as árvores, o pavilhão ocupado pela Sra. Malassis. O pavilhão estava imerso em escuridão; não se lhe via brilhar em tôda a fachada a mínima luz. Ou estava deserto, ou todos os seus habitantes se haviam deitado.

Querubim, porém, deixou-se estar à janela, apesar do frio da noite, cantarolando por entre os dentes o trecho de uma ópera. Tivera mesmo o cuidado misterioso de colocar um candeeiro em cima de uma banquinha, muito próxima da janela. Era sem dúvida um sinal, porque quase no mesmo instante atravessou as trevas que envolviam o jardim um raio de luz, abrindo-se ao mesmo tempo uma janela do pavilhão.

Querubim desceu então a escada, pé ante, atravessou o pátio e o jardim, mudo e silencioso que nem um fantasma, parou por um momento junto de uma árvore, e depois continuou o seu caminho para a porta do pavilhão.

Quem assim visse Querubim, diria ir êle a uma entrevista amorosa; não era, porém, assim: ia falar de negócios.

A porta do pavilhão entreabriu-se sem ruído, e Querubim entrou. O vestibulo estava inteiramente às escuras; mas

do meio da escuridão surgiu certa mão, que pegou na do manco, e o foi guiando brandamente. Esta mão era macia e pequena, qual mão de mulher.

Ao mesmo tempo murmurou uma voz ao ouvido de Querubim.

— Vamos... subamos a escada.

Querubim deixou-se guiar, subiu a escada até o primeiro andar, e em seguida sentiu-se levado por um corredor, em cujo extremo o seu misterioso guia empurrou uma porta. Esta porta, abrindo-se, deixou entrever, graças ao clarão trêmulo do lume do fogão, que estava quase extinto, o quarto de dormir da Sra. Malassis. Fôra a própria viúva quem abrira a porta do pavilhão. Naturalmente, possuía empenho em que a sua entrevista com Querubim permanecesse envolta em profundo mistério, porque fechou cuidadosamente a porta, indicou à sua noturna visita uma poltrona, e julgou inútil acender uma vela, ao menos, contentando-se com os reflexos do fogão.

— Cometeu uma grande imprudência, meu querido Sr. de Verny — assim falou ela apenas se assentou.

— Que imprudência?

— Saiu demasiado cedo.

— Por quê?

— Porque aos olhos da Marquesa, devia estar perigosamente ferido. A simpatia que o senhor lhe inspira aumentaria tanto mais quanto mais perigosa fôsse a sua situação.

— E acaso sabe ela ter eu saído?

— Sabe.

— Como foi que o soube?

— Soube-o ao vir aqui.

— Ah! ela veio cá!

— Veio, de tarde.

— Falemos claramente, minha senhora, propôs Querubim. A que horas veio a Marquesa?

— Às cinco horas.

— Como conseguiu ela saber que eu tinha saído?

— De modo muito simples. Quando ela estava sentada, além naquela poltrona, mandei a minha criada perguntar ao porteiro notícias suas.

— E então?

— E o porteiro respondeu que o senhor saira hoje com o seu adversário, o Visconde de Cambolh, o qual ia todos os dias visitá-lo, desde que fôra o duelo; que o senhor estava muito melhor, e lhe parecera satisfeito quando descera a escada.

— Diabo! E a Marquesa ouviu isso tudo?

— Até à última sílaba.

— Foi o demônio, foi!

A Marquesa estava sobremodo pálida quando a criada voltou, parecia temer má notícia; mas, apenas soube a verdade, corou súbitamente, e ao mesmo tempo vi pairar-lhe nos lábios um sorriso de ironia. Não faz idéia, meu querido vizinho, do terreno que se perde no coração de uma mulher, quando se goza perfeita saúde, e se mostra aspecto jovial.

Querubim mordeu os lábios.

— Mas, enfim, suponho que não estará ainda tudo perdido?

— Não sei... não sei... A Marquesa é uma rocha, meu querido vizinho, tem uma couraça de virtude quase invulnerável; e, se há oito dias não sucumbiu, é pouco provável...

— A Marquesa volta a visitá-la?

— Daqui a sete ou oito dias.

— Pois que! Não virá antes?

— Mas antes vinha todos os dias.

— E' na verdade, graças à minha suposta indisposição, isto na aparência, mas na realidade porque o julgava perigosamente ferido. Hoje, sentiu-se tão descansada a seu respeito, que até me achou a mim mesma bem melhor.

— Minha querida amiga, falou ela, como já a vejo inteiramente restabelecida, há de permitir-me que não volte senão daqui a há alguns dias. Tenho grande número de visitas atrasadas. Levam-me de certo a semana tôda.

— Como deve supor, logo percebi que o intento da Marquesa era esquecer-se do senhor custasse o que custasse, e por isso não voltaria... Que quer agora que lhe faça?

— Não sei... Amanhã direi.

— Escreva-me antes pelo Correio. Desde que o senhor mora ali defronte, vivo sôbre brasas...

— Por quê?

— Por que, por exemplo, já hoje vi o Duque, que é ciumento, e tenho uma espécie de pressentimento de que não tarda por aí outra vez. Se êle aqui o encontrasse, estava perdida.

— Bem, declarou Querubim, vou-me... Escrever-lhe-ei amanhã.

A viúva reconduziu Oscar de Verny com as mesmas precauções minuciosas, e tornou fechar, com o maior cuidado, a porta do pavilhão.

Querubim voltou para casa e meteu-se na cama, bastante preocupado. Julgava-se muito mais adiantado no coração e no espírito da Sra. Van-Hop. Ora, era evidente, que mesmo segundo o dizer da Sra. Malassis, que a Marquesa o amasse, êle pela sua parte se lhe despoetizara no espírito, fazendo tamanho ruído por uma arranhadura. Com efeito, Querubim, gravemente ferido, Querubim moribundo, e feliz por morrer, tal era a desesperança do amor que abrigava no íntimo do coração, devia interessar muito mais à Sra. Van-Hop, do que o Sr. de Verny recebendo ligeira estocada e saindo de casa ao cabo de oito dias, com o sorriso nos lábios e as feições tôdas a expressar satisfação. Compreendia que fizera uma imprudência; mas, consolava-se disso lembrando-se de que tinha por cúmplice o Sr. de Cambolh. O sedutor Visconde é que o fôra procurar para tomar, persuadido naturalmente que a Marquesa o não saberia. Inquestionavelmente, se Rocamble tivesse consultado sir Williams, não teria procedido assim; mas o baronete não fôra consultado, e além disso tivera de se ocupar de coisas mais importantes do que Querubim.

A Baccarat fazia-o perder a tramontana.

Oscar de Verny, sèriamente desgostoso pela sua derrota moral no espírito da Marquesa, e pela sua singular aposta com o Conde Artoff, dormiu mal. De madrugada ainda, acordou-o o criado de quarto, para lhe entregar uma carta escrita na véspera pelo Visconde de Cambolh e ditada por sir Williams.

Esta carta, como sabemos, ordenava ao valete de copas que levasse por diante a aposta, e não faltasse, à hora convencionada, no Bosque de Bolonha. Na véspera, teria Querubim recebido com entusiasmo a autorização que Rocamble não pudera dar-lhe sem consultar o "chefe"; mas quando recebeu a carta, entusiasmou-o isso muito menos por diferentes razões. Em primeiro lugar, acordara naquele instante; e como se sabe, as idéias de um homem em jejum são mais claras do que depois de ter almoçado bem; além disso, não podia ocultar a si próprio que o moço russo seria inexorável, e o mataria como a um cão, se ganhasse a aposta, quer dizer, se êle Querubim não conseguisse fazer-se amar pela Baccarat. Ora, o que lhe sucedera em relação à Marquesa não era na verdade muito próprio para o animar. Contudo, a lembrança das suas numerosas conquistas em breve lhe fortificou o espírito.

— Em sendo meio-dia, disse elê ao *groom*, leva-me o "Élbano".

Élbano era lindíssimo cavalo limusense, muito fioso e em que o Querubim andava, desde que entrara para a associação dos Valetes de Copas, associação cujos rendimentos lhe permitiam viver muito cômodamente, tendo um *groom* e um criado de quarto, enquanto não chegava o dividendo certo do negócio Van-Hop.

XI

Q U E R U B I M

Querubim entrou no Café de Paris, que era então, como se sabe, o restaurante da moda entre os jovens ricos e ociosos,

que davam a designação de "leões". Querubim entrou do cubeca erguida e andar insolente, como de homem que conhece o seu valor.

No vão de uma janela estavam almoçando dois moços que, na véspera, se achavam no clube, no momento em que o Conde Artoff propusera a sua extraordinária aposta, os quais lhe disseram adeus com a mão. Querubim foi direito a êles.

— Então, falou um, a noite é boa conselheira, não é assim?

— Sem dúvida.

— Refletiu...

— Ora essa! exclamou Querubim, em tom altivo.

— Refiro-me à aposta.

— Bem...

— Mas o senhor ontem havia bebido de mais.

— Eu!

— De certo, porque, senão fôra o Sr. de Cambolh, tinha aceitado a aposta.

— Os demônios dos suecos têm, às vêzes, um sangue-frio admirável, observou o conviva do interlocutor de Querubim.

— Está enganado, advertiu Querubim; o que Cambolh fez foi recordar-me uma entrevista que eu devia ter esta manhã.

— O quê?

— Digo, repetiu friamente Querubim (que sabia, quando era preciso, mentir com extremo aprumo), digo que o senhor de Cambolh me recordou ontem não pertencer a mim mesmo, e por consequência não podia senão hoje aceitar as propostas do Conde.

— Mas o senhor bateu-se esta manhã?

— Talvez...

— Com quem?

— Peço perdão... não afirmei nada... Disse talvez... Ora, eu não confesso o próprio fato, posso muito menos dizer-lhe...

- Diz muito bem... Desculpe-me a indiscrição.
Querubim inclinou-se.
- Mas então essa aposta...
- Ora, adeus!
- Há de sustentar-se.
- Há de permitir-me, acentuou Querubim mostrando um sorriso soberbo, que não tenho por hábito brincar com coisas sérias...
- Pois que! aceita com efeito a aposta?
- Certamente.
- E fará com que a Baccarat o ame?
- Sem a mínima duvida, ou serei morto pelo Conde. A diferença é que em vez de pedir quinze dias...
- Pedirá um mês?
- Nada... uma semana...
- Bravo! exclamaram os dois moços em tom de admiração.
- Querubim afastou-se dêles, foi sentar-se a uma das mesas e pediu almoço.
- Ao cabo de meia dúzia de minutos entrou o Barão de Marnerve, e sem ver Querubim, aproximou-se dos dois jovens com quem êle tivera o precedente diálogo.
- Os senhores estiveram ontem no Clube?
- Estivemos.
- Assistiram à aposta?
- Assistimos.
- Pois então aconselhem o Sr. de Verny a que não aceite. Querubim, a quem o Barão voltava então as costas, ouviu o que êle disse e estremeceu.
- Por quê? perguntaram os dois.
- Porque o Conde Artoff já se firmou.
- Onde?
- Em casa da Baccarat.
- Oh!... Pois já!...
- Querem a prova?

E o Barão tirou da carteira um bilhete dobrado em quatro e cujo fecho de lacre azul parecia quebrado recentemente.

— Artoff devia almoçar hoje comigo... Vejam o que êle me escreve às dez horas.

E o Barão leu em voz alta:

“Da nossa casa da rua Moncey.

O homem propõe e a mulher dispõe. Esta sentença tem unicamente por fim provar-lhe não querer a Baccarat que eu vá hoje almoçar com o meu amigo. A louquinha, segundo ela diz, está mal dos nervos e precisa tomar ar.

Vamos dar cabo de um frango frio e de uma costeleta; em seguida sairemos de carruagem.

Perdoe, portanto, a um homem feliz.

Conde Artoff.”

O Barão, depois de ter lido a cartinha, passou-a às mãos dos seus dois interlocutores.

— Vejam, assinalou êle, o Conde escreveu em papel côr de palha, marcado com um B.

— E’ a inicial da Baccarat!

— Exatamente.

— Mas a carta tem um posescrito.

— Com outra letra.

— São duas linhas da própria Baccarat.

E o barão leu:

“Agradeço-lhe deveras o seu presente, meu querido Marnie. O russinho é encantador, e eu sinto-me capaz de o amar, mesmo porque estou perto dos trinta, idade em que às vezes as mulheres se acham com coração.

Baccarat.”

— Oh! diabo! murmurou um dos moços, estas linhas é que são deveras significativas.

— Acham?

— E de Verny fará muito mal em aceitar a aposta.

— E de certo não aceita, opinou o Barão.

— Aceita, aceita...

— Ora, adeus!

— Pergunte-lhe.

E o jovem indicou Oscar de Verny, que estava almoçando muito tranqüilamente, ouvindo ao mesmo tempo a precedente conversação.

O Barão voltou-se sem demora.

— Oh!... Estava aí, Sr. de Verny?

— E' verdade, Barão.

— E... ouviu?

— Ouvi.

— Então?

— Acho ser o Conde um homem felicíssimo.

O Barão sorriu.

— Não admira, advertiu desdenhosamente Querubim, o Conde é riquíssimo...

— E muito interessante...

— Ora adeus! E' louro... murmurou Querubim em tom irônico.

— O que lhe digo é que fêz muito bem em não aceitar a aposta.

— Está enganado... Aceito-a.

— Deveras?

— Com mais vontade que nunca.

— O senhor enlouqueceu?

— E' possível, mas aceito a aposta.

Em seguida atirou Querubim um luís ao criado, e levantou-se.

À porta estava já o seu *groom* com o cavalo.

— Diga-me uma coisa, indagou Querubim, cumprimentando os três membros do Clube: sabe onde poderei encontrar o Conde?

— Em casa da Baccarat.

— Pois irei até lá... Será uma apresentação com tal ou qual originalidade. Adeus, meus senhores!...

E Querubim saiu, montou ágilmente a cavalo, e seguiu a trote para o Bosque, onde tinha de encontrar-se com o Visconde de Cambolh.

— E' um homem morto! concluiu o Barão vendo-o afastar-se.

— Ora, adeus!

— Repito, meus senhores, tornou o Sr. de Manerve, Oscar de Verny é um homem morto... Não consegue que Baccarat o ame.

— E, supondo-o assim, julga o Conde capaz de o matar?

— Julgo.

O Barão articulou esta palavra em tom de convicção e acrescentou:

— Em primeiro lugar, o Conde é um moço que tem em pouca conta a vida humana; além disso, Oscar ofendeu-o no seu orgulho... Repito, é um homem morto.

— Bem... zombou um dos jovens, enchendo o copo, "Requiescat in pace"!

— Amem! sorriu o Barão.

Antes de nos adiantarmos mais, é talvez necessário dizermos, em poucas palavras, quem era o maravilhoso personagem da nossa história, dotado de tão grande poder de sedução, a quem chamavam Querubim. A origem era tão extraordinária como a sua beleza.

Trinta anos antes, saiu de Dublin para a Índia uma rica e formosa irlandeza, por nome Blackfield. Na resolução de Blackfield, que era viúva havia um ano, havia talvez um motivo oculto, além do espírito vagabundo que se apodera sempre de uma inglesa, em certo momento da vida. Naturalmente, lembrou-se de que tinha em Calcutá interessante primo,

que era marinheiro de um navio de Sua Majestade Britânica, o qual contava vinte e seis anos, manifestava violento amor a ela, na sua última viagem a Dublin e enlouqueceria de prazer vendo-a chegar livre, e tendo na mão uma carteira contendo um milhão em notas e em letras sôbre a Companhia das Índias.

Infelizmente, a intrépida irlandesa fizera os seus cálculos de ventura de modo um tanto exclusivo; não contara com as probabilidades adversas de longa viagem. Na altura do Cabo da Boa Esperança foi o navio atacado por terrível tempestade; de modo que não pôde montar o cabo senão depois de inteiramente desarmado, e de ter alijado parte da carga.

Quando voltou o bom tempo, apareceu uma vela no horizonte. Era um pirata columbiano, que surgira após a tempestade, como verdadeira ave de rapina dos mares. O pobre navio desarvorado diligenciou debalde fugir. O pirata era veleiro; por conseguinte, abordou o navio, apoderou-se dêle, deitou a tripulação ao mar, e ia o capitão para fazer o mesmo a Blackfield, quando lhe atentou na beleza; e, como era solteiro, escolheu-a para sua mulher.

O capitão columbiano era moço, belo, de pequena estatura, mas admiravelmente airoso e elegante; e a romanesca Blackfield, sem deixar de se arrepender amargamente de ter saído da sua pacífica cidade de Dublin, onde teria de certo achado um espôso da sua escolha, muito antes de ter terminado o tempo de luto, Blackfield, diziamos nós, confessou a si mesma que pedia ter tido muito pior sorte...

Com efeito, o columbiano era belo, apesar de ter o rosto crestado, os lábios um tanto grossos, e os cabelos de um prêto esverdeado, sinal característico da raça indiana. Em uma palavra, era um "pele-vermelha", agradável à vista, e que acabou de seduzir Blackfield, dirigindo-lhe meia dúzia de cumprimentos, um tanto à européia.

Após isso decorreram para Blackfield dez anos, entre o mar e o céu, e no camarote daquele espôso forçado, que se apaixonara muito seriamente da sua deslumbrante beleza.

Daquela união de acaso nascera um filho, um rapazinho quase tão trigueiro como o pai, com os olhos pretos, lindísimos, e cujos cabelos de ébano se ondulavam em anéis caprichosos e bastos sobre os ombros meio nus.

Um dia, achando-se o pirata suficientemente rico, resolveu ir viver honestamente na sua pátria, e a fazer jus às honras, às quais tem direito todo bom colono rico e possuidor de mulher branca.

Infelizmente, estava escrito que Blackfield não gozasse nunca da tranqüillidade com que deixara de sonhar desde que saíra de Dublin. Já não faltava ao pirata senão andar mais duas milhas para se ver para sempre livre das represálias das nações que não perdoam aos salteadores do mar, quando uma fragata de ingleses o avistou, deu caça e o tomou por abordagem.

A tripulação do pirata foi toda lançada fora; não concederam a vida senão a Blackfield e a seu filho, a quem reconduziram para a Europa.

A pobre mulher houvera-se dado a amar o seu temível espôso. Morto o pirata, entregou-se a sensível Blackfield a uma desesperação sem limites, de modo que morreu no mesmo dia em que a fragata entrou no Tâmisia.

O filho do columbiano e de Blackfield tinha então dez anos, mas era já atrevido rapazinho, que prometia vir a ser excelente marinheiro. Assim, pois, ficou a bordo da fragata, deu nela volta à roda do mundo, e nesta viagem demorou-se dois anos em um dos portos da Colúmbia.

Ali, ouvindo falar o espanhol corrompido, que fôra a sua língua materna, o pequeno Querubim desertou, e foi para bordo do corsário da sua terra.

Dos dez aos vinte anos, foi Querubim um lobo do mar.

Aos vinte anos — coisa raríssima — sentiu-se fatigado pelo mar. Começou então a sonhar com a Europa, com Paris. Como combatera valentemente durante a sua vida de corsário, e tivera a sua parte nas prêsas, embarcou para a França, levando consigo uns tantos milhares de francos. Querubim queria ver o mundo.

No navio que o transportou para a Europa ia um velho francês a quem as saudades da pátria tinham perseguido durante cinqüenta anos de destêrro, e que, no têrmo de sua carreira, quisera tornar a ver a terra que lhe fôra berço. O Sr. de Verny, que assim se chamava o velho, partira, sendo filho segundo, antes da revolução, com pequena mala debaixo do braço, a fim de ir procurar fortuna no Brasil. A fortuna fôra-lhe propícia, de modo que voltava para a França, onde esperava descobrir algum parente remoto que fôsse seu herdeiro, porque quase tôda a sua família perecera no cadafalso revolucionário.

Querubim já então possuía o encanto do olhar e o sorriso fascinador, que influía tanto no homem como na mulher. O resultado foi agradar ao Sr. de Verney, que se lhe afeiçoou extraordinariamente durante os três meses que durou a viagem.

Chegados ambos a Paris foram alojar-se no mesmo hotel.

Querubim ajudou o Sr. de Verney nas suas investigações.

Ao cabo de meia dúzia de meses, adquirira o velho a convicção de que se lhe extinguiu inteiramente a família, e que era êle o último do seu nome. Adotou, portanto, Querubim, fêz-se seu mestre e tornou-se moço, por amor dêle.

Dali a três anos, achou-se êste só no mundo, pela morte de seu pai adotivo, e possuidor de um rendimento de trinta a quarenta mil francos.

De então em diante, tornou-se o filho da Colúmbia parisiense. Em poucos anos devorou a riqueza do velho fidalgo,

tornou-se jogador, espadachim e adquiriu verdadeira reputação de "encantador", de homem a quem, em certa sociedade, se não resistia...

E' sabido o que sir Williams e Rocambole esperavam dêle.

Desculpem-nos êstes pormenores, que nos parecem indispensáveis para estabelecer a autenticidade do fato aparentemente extraordinário, de Querubim ter aceito a aposta com o moço Conde Artoff.

Como iamós dizendo anteriormente, Querubim montou a cavalo, ao sair do café de Paris, e dirigiu-se ao Bosque de Bولonha.

Rocambole achava-se já no ponto ajustado. O suposto Visconde sueco era sempre de uma exatidão militar, quando se tratava dos negócios da associação, de que era segundo chefe.

Ambos a cavalo, encontraram-se defronte do Madri, apertaram a mão um ao outro, puseram-se a par, foram andando a passo, e conversando em voz baixa.

— Então, perguntou Rocambole, que lhe disse a Sra. Malassis? viu-a ontem à noite?

— Vi. A Marquesa foi à casa dela, e soube que eu tinha saído.

— Oh! diabo!

— Diz a Sra. Malassis que a minha saída prematura foi muito prejudicial.

— Como assim?

— Porque me tirou, a seus olhos, a fisionomia interessante e romanesca.

— Tem talvez razão.

— Aqui entre nós, admoestou Querubim, procedemos um tanto levianamente, meu querido Visconde.

— Em que?

— No caminho que o senhor me fêz tomar, para vencer a resistência da Marquesa que me não permite exercer nenhuma das minhas faculdades.

— Não percebo... anotou gravemente Rocambole.

— Ouça... Se me chamam "Querubim encantador" é porque tenho eu na voz, no olhar, no meu todo, enfim, o que quer que é fascinante e magnético. Ora, foi exatamente êste conjunto de qualidades que primeiro impressionou a Marquesa...

— E' verdade...

— E impressionou-a fortemente... mais fortemente talvez do que a comédia do duelo. Admitindo, porém, o poder dêste último meio, é necessário convir que esperamos dêle muito mais. A Marquesa correrá à casa da Malassis logo na manhã seguinte, e, sabendo estar eu ferido, desmaiara. Depois, voltara a si, e fizera tal ou qual confiança.

— E' certo, murmurou Rocambole; acreditei, um momento, que antes de dois dias iria ela pessoalmente à sua casa saber notícias suas.

— Pois enganou-se, como eu, prosseguiu Querubim. A Marquesa foi, com efeito, todos os dias à casa da Malassis, mas não pronunciou o meu nome; teve o sangue frio necessário para esperar que a viúva lhe falasse em mim.

— Não obstante, frisou inopinadamente Rocambole, necessitamos apressar o despacho.

— E' êsse o meu desejo.

— Já não podemos dispor senão de sete dias.

Querubim estremeceu.

— Além dêste prazo, não se fez nada.

— Pois bem... Proporcione-me uma conferência com a Marquesa.

— Há de tê-la.

— Quando?

— Hoje, à noite, em casa da Malassis.

Falando assim, obedecia Rocambole, como que por insipiração, a sir Williams, o qual se convencera de que era in-

dispensável pôr em contacto a Marquesa e Querubim; mas para os meios de execução não se fiaria senão na própria imaginação.

— Devo escrever à Sra. Malassis? perguntou Querubim.

— E' inútil.

— Então, que faremos?

— Isso é comigo. O que lhe recomendo é que esteja hoje em casa, em sendo oito horas.

— A propósito, frisou Querubim, o senhor escreveu esta manhã.

— Escrevi.

— E disse-me, na sua carta, que o chefe me autorizava a aceitar a aposta.

— Pois venho agora do Café de Paris, onde almocei, próximo de Manerve e de outros amigos nossos.

— E então?

— Então, falei que aceitaria.

— Isso, pensou Rocambole, é com sir Williams, que julgue poderem-se fazer muitas coisas bem feitas ao mesmo tempo. A minha opinião é que é uma loucura.

E respondeu em voz alta:

— Principio a acreditar que fará bem em aceitar a aposta.

No momento em que o presidente do Clube dos Valetes de Copas se expressava por este modo, appareceu, na extremidade oposta da aléia, por onde iam os dois cavaleiros, lindissima caleche, precedida de um picador, tirada por duas parelhas pretas à Daumont.

— Com a fortuna! asseverou Rocambole a Querubim, parece-me que não tem de andar muito para informar o Conde Artoff que lhe aceita a aposta.

— Realmente?

— Pelo menos aquella libré e aquêles cavalos são d'ele; o que pode ser é que a caleche não traga ninguém.

Não era, porém, assim. Na caleche vinham um homem e uma mulher; olhavam um para o outro com visível afeto.

Eram a Baccarat e o moço Conde Artoff.

— Isto agora é que veio do céu, exclamou Querubim. Vou eu próprio apresentar-me à Sra. Baccarat.

E Querubim atravessou o cavalo na avenida, fazendo sinal ao cocheiro da caleche para que parasse.

XII

A C I L A D A

Agora voltemos à casa da Marquesa Van-Hop.

Deixamos o Marquês saindo de casa de sua prima, a indiana Dai Natha, após a fulminante revelação que ela lhe fizera.

Van-Hop estava desorientado e durante uma hora andou girando nos Campos Elíseos, como um homem atacado de loucura.

Era noite, o ar estava frio e caía uma chuva fina e miúda, que enxarcava até à medula dos ossos. Os Campos Elíseos estavam desertos.

O Marquês deixou-se cair em um banco, ao pé de uma árvore, oculto o rosto com as mãos e desatou a chorar como uma mulher, como uma criança a quem faltasse a mãe, e se visse desamparada no meio da rua.

Aquêle homem possuidor de milhões, que pouco antes se julgava feliz, e cuja estatura colossal parecia resumir o tipo da força, sentira-se de repente o mais isolado e desventurado dos homens. Preenchera-lhe a vida um único amor, e com êsse amor desmoronava-se tudo em tórno dêle.

Decorreram muitas horas.

O Marquês não atentou no tempo que passava, nem na umidade e escuridão da noite, nem na chuva gelada, que lhe açoitava o rosto banhado de lágrimas.

A noite teria de certo decorrido inteira, se uma claridade que brilhou de repente por entre as árvores, o ruído de pas-

MOS a pouca distância, não o tivesse arrancado ao seu torpor mortal. Aquela claridade provinha da lanterna de um trapeiro que andava na sua faina noturna, cantando ao mesmo tempo uma canção popular.

A voz do moderno filósofo era alegre, um tanto avinhada e fez estremecer o desventurado Marquês Van-Hop.

— E' feliz aquêlé mendigo! pensou êle.

O trapeiro, guiado pelo acaso, dirigiu-se para o Marquês: Este é como eu; não tem mêdo da chuva...

O Marquês examinou o trapeiro. Era um homem de trinta e oito a quarenta anos, corpulento e gordo e cuja fisionomia aberta e risonha indicava a maior indiferença por tudo. Por uma das extravagâncias do acaso, aquêlé homem coberto de farrapos e exercendo a sua humilde profissão apresentava tal ou qual semelhança com o Marquês, com o fidalgo milionário; êste último sentiu-se por tal modo impressionado pela semelhança, que, em vez de se levantar e afastar-se repentinamente, se deixou ficar onde estava.

— Meu fidalgo, disse o trapeiro aproximando-se, queira perdoar o meu atrevimento, o senhor está incomodado para assim não fazer caso da chuva?

Se assim é estou aqui para o servir, para o conduzir a sua casa, ou para lhe ir buscar uma carruagem.

— Obrigado, retrucou o Marquês; não sinto indisposição nenhuma, estou tomando ar.

— Hum!... murmurou o trapeiro; palavra de Pedro Martim, natural de Petit-Mentrouge... o patrão está assim com um todo de quem tem grande desgôsto...

O Marquês estremeceu profundamente ouvindo estas palavras.

— E' que sei o que isso é... prosseguiu o trapeiro; não há ainda oito dias que também assim andei.

O Marquês olhou atentamente para o trapeiro.

— Tudo por me terem dito umas tolices a respeito de minha mulher...

Van-Hop deu um salto do banco, e sentiu um estremecimento da cabeça até aos pés.

Seria realmente uma voz humana a que êle ouvia? Havia acaso um homem, que se achara em situação igual à sua e lhe contava os seus pesares ou estava sendo ludíbrio de uma alucinação?

— Pois é verdade, patrão; tinham-me contado umas "lérias" a respeito de minha mulher; e eu, que sou bruto, dei-lhes crédito...

O Marquês aplicara de novo e com avidez o ouvido ao que dizia o trapeiro.

— Porque eu, prosseguiu o Diógenes, sentando-se ao lado do Marquês com a familiaridade da sua espécie, há doze anos que tenho uma mulher, que é mesmo uma pérola... Por isso, como há de um homem lembrar-se que ao cabo de doze anos entre uma mulher a fazer tolices!... E' preciso ser muito bruto para acreditar em tal!

O Marquês estremeceu novamente. Parecia-lhe que aquê-
le homem lhe estava contando a sua própria história.

— Eu fui bruto a bom ser... insistiu o condescendente narrador; e a prova é que dei ouvidos à Paulina...

— Quem é a Paulina? perguntou o Marquês.

Van-Hope estava em tal estado de prostração moral, que acabara por se esquecer da distância que o separava do seu humilde interlocutor.

— A Paulina, respondeu o trapeiro, é uma mulher pouco mais ou menos, que mora na rua Coquenare, e a quem eu, segundo parece, dei no gôto, porque passo muitas vèzes por lá.

— E então?

— Um dia afirmou-me a tal Paulina que minha mulher tinha certos segredos e contou-me coisas tais que lhe dei crédito.

— E... não era verdade? perguntou o Marquês com voz trêmula.

— Ora! invenções da inveja... replicou o trapeiro.

Estas palavras foram de extraordinário alívio para Van-Hop, que logo em seguida conseguiu respirar mais livremente.

— Era tudo patranha... observou o trapeiro; mas nem por isso deixei de chorar como um desesperado... como recruta... Fiquei mesmo no estado em que você está, patrão; e afinal a minha pobre mulher era a inocência em pessoa.

— E teve a prova disso?

— Já se sabe!

O Marquês não quis ouvir mais. Levantou-se, atirou a bolsa ao trapeiro, que ficou estupefato, e afastou-se precipitadamente.

Aquêle homem fizera-lhe surgir uma centelha de esperança nas trevas do seu coração.

O Marquês voltou para a casa a pé, e com a cabeça descoberta. Levava o chapéu na mão, para conservar a cabeça exposta aos vapores úmidos do nevoeiro. Quantas horas estivera êle sentado naquele banco dos Campos Elísios, inteiramente desertos, debaixo de uma árvore desfolhada pelos ventos de dezembro?

Não o soube senão quando chegou a casa.

— Que horas são? perguntou êle ao suíço, apenas transpôs a porta.

— E' meia-noite... respondeu o porteiro.

O Marquês saíra de casa às cinco horas, em companhia de Rocambole. Em casa de Dai Natha demorara-se uma hora;

por conseguinte, estivera cinco ou seis nos Campos Elísios, imerso na sua dor.

Na sociedade em que o Marquês vivia, gozam maridos e mulheres de grande independência entre si. Se o dono da casa não está à hora do jantar, é porque foi provavelmente jantar no clube e a senhora vai para a mesa.

Esta inexactidão era até muito freqüente em casa de Van-Hop.

A Marquesa fôra para a mesa às seis horas e meia, jantara só, passara depois duas horas sentada ao pé do fogão, convencida de que o marido se acharia empenhado em alguma partida de xadrez; e recolhera-se às dez horas ao seu quarto.

O Marquês entrou em casa como quem não sabe qual a resolução que há de adotar. Fechou-se em seguida no seu gabinete, e ali, com a cabeça apoiada nas mãos, entregou-se a profundo meditar.

As revelações misteriosas de Dai Natha matavam-no; e de cada vez que se lembrava das palavras acusadoras da indiana sentia bramir intimamente o furor concentrado, que se expande tanto mais temeroso, quanto mais tempo esteve em incubação.

Sentia-se então tentado a entrar no quarto de sua mulher e a cravar-lhe um punhal no coração enquanto dormia.

Ao mesmo tempo, parecia-lhe ouvir uma voz ao ouvido, uma voz que era a do pobre trapeiro, que também sentira ciúmes a seu modo, e por fim reconhecera terem-lhe caluniado a mulher. E o Marquês confessava a si próprio que Dai Natha o amava como se ama nos trópicos; e monologava:

— Mentiu!

Dai Natha, porém, falara com convicção. Jurara apresentar provas; oferecera ao Marquês o mais precioso dos penhores, a sua vida, que só elle lhe poderia conservar.

Na presença de tais asserções, seria permitida dúvida?

O Marquês lembrou-se igualmente do juramento que fizera à indiana; jurara-lhe esperar a hora solene e conservar a fisionomia impassível.

Ao cabo de uma hora de encarniçada luta consigo mesmo, permaneceu o Marquês vitorioso. A tranqüilidade reapareceu-lhe no rosto, nos olhos encolerizados extinguiram-se-lhe as chamas, e nos lábios pairou-lhe de novo o habitual sorriso.

— Esperarei, falou êle para consigo. Se Pepa fôr culpada, matá-la-ei; se Dai Natha mentiu, morre às minhas mãos.

.....

Entretanto a Marquesa dormia. Havia oito dias que Querubim se batera com o Sr. de Cambolh; e, para podermos expor a história daqueles oito dias, necessitamos voltar ao momento solene e dramático em que a Marquesa, voltando a si do seu desmaio, em casa da Sra. Malassis, conhecera ter revelado o segredo do seu coração, e desatara a chorar copiosamente.

— Quer que eu seja como que sua irmã? perguntou-lhe a Sra. Malassis.

Entre os povos do norte, há uma crença muito-comovente, que é a seguinte:

“Cada alma de mulher tem outra alma, sua irmã gêmea, que permanece no céu quando ela desce à terra e se aloja em um corpo humano. A alma que fica no céu torna-se o anjo, e roga incessantemente a Deus pela sua irmã terrestre.

No dia, porém, em que esta última se casa, a alma que se conserva no céu desce também à terra e torna-se o anjo de guarda da pobre mulher, que tem de caminhar de então em diante por um caminho crivado de obstáculos, de perigos e precipícios.

Invisível, não cessará nunca de lhe guiar os passos incertos; a sua mão poderosa obstará sempre a que a espôsa resvale na beira do precipício.

No momento em que a pobre alma se achar desorientada, e prestes a succumbir, a alma de sua irmã murmurar-lhe-á uma palavra de animação e esperança ao ouvido."

Esta poética ficção pareceu assumir aparência de realidade para com a Sra. Van-Hop, naquele momento supremo.

Sem dúvida, a alma irmã da sua alma, que velava por ela desde o dia do seu himeneu, redobrou de certo de vigilância naquele momento, porque, apesar de muito perturbada e transtornada, teve a Sra. Van-Hop consciência exata da sua situação.

Adivinhou que, se o seu coração fôra fraco, devia conservar forte a razão, de modo que lhe não faltou a energia moral que socorre as mulheres nas fases difíceis. Compreendeu que a poderia perder uma confissão; por isso, resolveu imediatamente não confessar nada.

E, incontestavelmente, na mulher que amava a seu pesar, e à qual diziam achar-se perdido, moribundo, talvez morto, o homem para quem a arrastava o coração, a mentira tornava-se sublime.

A Sra. Van-Hop teve a coragem de mentir, de se contradizer, de dar à fisionomia ainda transtornada uma expressão de assombro, que causou profunda admiração à Sra. Malassis.

— Por quê razão havia de tornar-se minha irmã? perguntou-lhe a Marquesa, em um tom de tão maravilhosa ingenuidade, que fêz estremecer a viúva.

— Mas a sua perturbação, balbuciou a Sra. Malassis, a sua comoção, o seu desmaio, ao saber que aquêlê pobre moço... Ele estêve no seu baile... a Marquesa conhece-o. Julguei que teria mais fé na minha amizade. Valha-me Deus! Nós, as mulheres, temos coração e nem sempre depende de nós...

A Marquesa deteve a Sra. Malassis com um gesto:

— Minha querida amiga, permita-me algumas palavras de explicação; porque vejo que labora em gravíssimo erro...

E disse isto com sublime tranqüilidade, quase com indiferença, tão imperiosa que lhe falava no íntimo a voz do dever. A viúva olhou para ela assombrada.

— Em a minha amiga sabendo o que me succedeu ontem, falou a Marquesa, logo compreende a razão porque desmaiei. E' horrível!

E a Marquesa prosseguiu:

— Estive ontem na Ópera. No camarote contíguo ao meu achavam-se dois moços. Um deles era o Sr. Oscar de Verny, que o major Carden me apresentou no meu último baile. O outro era-me desconhecido. Um cavalheiro, que me fôra igualmente apresentado, o Visconde de Cambolh, aproveitou um entreato para entrar no camarote do Sr. de Verny, e provocá-lo. Ouvi o que disseram, ouvi a provocação, e o Sr. de Verny, retorquiu: "Moro na rua Pepinière n.º 40". O major Carden, que se achava no meu camarote, recebeu pouco depois um bilhete do Sr. de Verny, no qual lhe pedia servisse de padrinho. Voltei para casa verdadeiramente transtornada por aquela cena, não sonhei em tôda a noite senão com cutiladas e com gritos de agonia; em seguida, venho aqui, e a minha amiga dá-me a notícia de que se efetuou o tal duelo, e que um dos campeões, que é seu vizinho, se acha gravemente ferido. Suponha-se no meu lugar (proseguiu a Marquesa, em um tom quase leviano), e diga-me se não ficaria transtornada como eu, se não haveria também tido sonhos agitadíssimos, desmaiando, afinal, como eu desmaiei.

El teve após isto a coragem de sorrir.

— E como eu, aditou ainda a Marquesa, não teria a minha amiga concluído que sentia o coração, o repouso, e a tranqüilidade feridos na pessoa daquele moço, a quem afinal co-

nhêço, porque me foi apresentado uma noite, no meio de quinhentas pessoas...

A Sra. Malassis mordeu os lábios. A súbita tranqüillidade da Marquesa destruiu-lhe todos os cálculos.

A Sra. Van-Hop acabou de dizer estas palavras e levantou-se, inteiramente restabelecida da indisposição por que passara. Em seguida, manifestou o desejo de tomar ar, e deixou a Sra. Malassis sobremodo lograda. Mas voltou nos dias seguintes e nos imediatos, ora sob um, ora sob outro pretexto.

Cada vez que a pobre senhora chegava à rua da Pepinière, entrava a tremer como varas verdes. Esperava sempre ver uma porta coberta de prêto. E de tôdas as vêzes tinha a Sra. Malassis o cuidado de lhe dar indiretamente notícias de Querubim. Então a Marquesa baixava os olhos, calava-se e diligenciava assumir uma attitude indifferente, e dissimular a sua perturbação.

Uma tarde, porém, das quatro para as cinco horas, esperava a Marquesa terrível decepção. Havia um instante que se sentara ao lado da viúva, na sala desta última, quando appareceu a criada de quarto.

— Minha senhora, communicou à Sra. Malassis, apresentando-lhe um bilhete de visita, entregaram-se êste cartão para V. Exa.

— Ah! perguntou a Sra. Malassis; provavelmente é do pobre ferido.

A Marquesa sentiu palpar o coração mais apressadamente.

— Como está êle? perguntou a viúva.

— Está muito melhor, minha senhora...

— Muito melhor, dizes. Viste-o?

— Vi, sim, minha senhora.

— Quando?

— Agora mesmo.

— Onde?

— Encontrei-o à porta, revelou ingênuamente a criada. Ia sair, fumando, e de braço dado com um sujeito... Falou-me o porteiro que era o sujeito com quem o vizinho se batera. Foi então que me entregou o cartão, concluiu a criada, dizendo-me que agradecesse a V. Exa. a sua bondade de mandar saber do seu estado.

A Sra. Malassis teve de morder novamente os lábios.

Quanto à Marqueas, sentira despedaçar-se o que quer que fôra no coração. Querubim estivera evidentemente representando um papel, com o fim de se tornar interessante. Quem é perigosamente ferido por uma estocada não sai de casa, com ar jovial, ao cabo de oito dias, para passear...

Dali a duas ou três horas voltava a Sra. Van-Hop para sua casa, muito desiludida acêrca do Sr. de Verny.

No dia seguinte, debalde a esperou a Sra. Malassis, bem como no imediato.

Aquêles dois dias, em que a Marquesa não ouvira pronunciar o nome de Querubim, deram-lhe fôrça, e foram um grande passo para a sua cura moral. A Marquesa julgou-se salva; mas não contou com o gênio infernal de sir Williams; e sir Williams não largava fâcilmente a prêsa.

No terceiro dia, quer dizer, no dia imediato àquele em que vimos o Marquês Van-Hop voltar para casa um tanto confortado pelas palavras do trapeiro, a Marquesa, depois de ter passado muitas horas conversando com o marido, o qual ficou convencido de que fôra na véspera ludíbrio de horrível pesadelo, tão afetuosa achara sua espôsa, recebeu esta carta, assinada — “Ventura” e concebida assim:

“Senhora Marquesa:

Perdoe-me V. Exa. a liberdade que tomei de lhe escrever; mas eu e Fani não sabemos o que há de ser de nós. A nossa querida ama, Sra. Malassis, há uma hora que está em perigo de vida e não cessa de falar no nome de V. Exa.

Tenho a honra de ser humilíssimo e muito obediente servo de V. Exa.

Ventura, mordomo da Sra. Malassis.”

FIM DO 2º VOLUME

* Este livro foi composto e impresso
na GRÁFICA RÉCORD LTDA.
Rio de Janeiro — Distrito Federal